

# TANA FRENCH

o passado  
é um lugar



Da mesma autora de *Nô bosque da memória*

Tana French

O PASSADO É UM LUGAR

Tradução de Waldéa Barcellos

**ROCCO ITALIA**

*Para Alex*

AGRADECIMENTO:

Trechos de “The Rare Ould Times” e de “The Ferryman” estão reproduzidos com autorização de Pete St. John.

## SUMÁRIO

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Agradecimentos

Nota da autora

Créditos

A Autora

## PRÓLOGO

Em toda a nossa vida, somente alguns momentos importam. Na maior parte dos casos, só se consegue dar uma boa olhada neles em retrospectiva, muito depois de eles terem passado velozes por nós: o instante em que decidi falar com aquela garota, baixar a velocidade naquela curva fechada, parar e procurar aquela camisinha. Eu tive sorte, acho que se poderia dizer que sim. Cheguei a ver um dos meus momentos frente a frente, e a reconhecer seu significado. Cheguei a sentir o repuxo da correnteza da minha vida turbilhando em torno de mim, numa noite de inverno, enquanto esperava no escuro no alto de Faithful Place.

Eu estava com 19 anos, adulto o suficiente para enfrentar o mundo e jovem o suficiente para ser um idiota de dezenas de maneiras; e naquela noite, assim que meus dois irmãos estavam roncando, escapuli do nosso quarto com minha mochila nas costas e as botas Doc penduradas na mão. Uma tábua do assoalho rangeu e, no quarto das meninas, uma de minhas irmãs murmurou dormindo, mas naquela noite eu me sentia mágico, surfando naquela onda perfeita, irrefreável. Meus pais nem mesmo se viraram no sofá-cama, enquanto eu passava pela sala de estar, perto o bastante para tocar neles. A lareira tinha se apagado quase totalmente, a não ser por um clarão vermelho que chiava. Na mochila estava tudo de importante que eu possuía: jeans, camisetas, um rádio de segunda mão, cem libras e minha certidão de nascimento. Era só disso que se precisava para fazer a travessia para a Inglaterra naquela época. Rosie estava com as passagens da balsa.

Esprei por ela no fim da rua, nas sombras fora do círculo enevoado de luz amarela do poste. O ar estava frio como vidro, com um aroma de queimado do lúpulo que vinha da fábrica da Guinness. Eu estava com três pares de meias por dentro das botas e com as mãos no fundo dos bolsos da minha parca do exército alemão, e escutei uma última vez minha rua viva e descendo pelas longas correntes da noite. Uma mulher rindo, *Ah, agora, quem disse que você podia*, uma janela se fechando com violência. O escarafunchar de um rato passando sobre tijolos, um homem tossindo, o ruído de uma moto logo depois da esquina, os resmungos graves e ferozes do maluco do Johnny Malone no porão do nº 14, ninando a si mesmo com a própria voz. Em algum lugar, barulhos de um casal, gemidos abafados, batidas ritmadas, e pensei no cheiro do pescoço de Rosie e abri um sorriso para o céu. Ouvi os sinos da cidade batendo à meia-noite, a igreja de Cristo, a St. Patrick, a St. Michan, enormes notas redondas tombando do céu como uma celebração, anunciando a chegada secreta de nosso próprio Ano-Novo.

Quando eles assinalaram uma hora, senti medo. Um rastro de leves baques e farfalhadas ao longo dos quintais dos fundos, e me empertiguei, a postos, mas não

foi ela que chegou pulando por cima do último muro. Provavelmente alguém voltando sorrateiro para casa, tarde e com culpa, entrando por uma janela. No nº 7, o filhinho mais novo de Sallie Hearne chorou, um lamento fraco, derrotado, até ela conseguir despertar a muito custo e cantar para ele. *I know where I'm going... Painted rooms are bonny...*

Quando bateram duas horas, a possibilidade de um engano me atingiu como um chute no estômago e me levou direto ao último muro para entrar no quintal do nº 16, condenado desde antes de eu nascer, colonizado por nós, garotos, que não fazíamos caso dos avisos assustadores, coalhado de latas de cerveja, guimbas e virgindades perdidas. Subi pela escada podre de quatro em quatro degraus, sem me importar com quem ouvisse. Tive certeza, já até podia vê-la, furiosa, os cachos cor de cobre, os punhos nos quadris: *Onde é que você estava, porra?*

Tábuas lascadas no assoalho, buracos no reboco, entulho, correntes de ar geladas e escuras, e ninguém. No quarto da frente do andar de cima, encontrei o bilhete, só uma folha arrancada de um caderno de criança. No chão nu, esvoaçando no retângulo de luz fraca que entrava pela janela, ele parecia ter estado ali havia uns cem anos. Foi quando senti a correnteza mudar, dar meia-volta e se tornar mortífera, forte demais para eu enfrentar e não mais a meu favor.

Não levei o bilhete comigo. Quando saí do nº 16, eu já o sabia de cor e tinha o resto da minha vida para tentar acreditar nele. Deixei-o onde estava e voltei para o fim da rua. Esperei ali nas sombras, olhando as nuvens de vapor que minha respiração lançava para a luz da rua, enquanto os sinos tocaram três, quatro e cinco. A noite foi se descorando num cinza triste, ralo, e, dobrando a esquina, uma carroça de leite passou ruidosa pelo calçamento de pedras na direção da leiteria. Eu ainda estava esperando por Rosie Daly no alto do beco de Faithful Place.

Meu pai me disse um dia que a coisa mais importante que todo homem deveria saber é por quais razões ele daria a vida. *Se você não sabe isso*, disse ele, *o que você vale? Nada. Você não chega a ser um homem.* Eu estava com 13 anos, e ele já tinha consumido três quartos de uma garrafa de Gordon's, mas, ora, ele falava sério. Até onde consigo me lembrar, ele estava disposto a morrer a) pela Irlanda, b) por sua mãe, que já tinha morrido há dez anos, e c) para pegar aquela vaca da Maggie Thatcher.

Mesmo assim, a qualquer momento da minha vida, desde aquele dia, eu poderia ter dito de cara exatamente por quais motivos eu morreria. De início era fácil: minha família, minha namorada, minha casa. Depois, por um tempo, ficou mais complicado. Hoje em dia, eles se mantêm firmes, e eu gosto disso. Parece uma coisa da qual um homem pode se orgulhar. Eu daria minha vida, não necessariamente nesta ordem, por minha cidade, meu trabalho e minha filha.

A filha é bem-comportada, por enquanto, a cidade é Dublin e o trabalho é na Divisão de Inteligência. Logo, pode parecer óbvio qual das opções tem a maior probabilidade de acabar me matando, mas já faz tempo que o trabalho não me traz nada mais assustador que uma baita prisão de ventre burocrática. O tamanho deste país significa que a vida útil de um agente de campo é curta. Duas operações, talvez quatro, e o risco de ser identificado fica alto demais. Gastei minhas sete vidas já faz muito tempo. Permaneço nos bastidores, por enquanto, e organizo minhas próprias operações.

Este é o verdadeiro risco da Divisão de Inteligência, no campo e fora dele: você cria ilusões por tempo suficiente e começa a acreditar que está no controle da situação. É fácil resvalar para a certeza de que nesse caso você é o hipnotizador, o mestre das miragens, o espertinho que sabe o que é real e como todos os truques são feitos. A verdade é que você não passa de mais um alvo boquiaberto na plateia. Por mais competente que você seja, este mundo sempre vai ser melhor nesse jogo. Ele é mais esperto que você, mais rápido e muito mais cruel. Tudo o que você pode fazer é tentar estar à altura, conhecer seus pontos fracos e nunca parar de esperar pelo golpe de surpresa.

A segunda vez em que minha vida estava se aproximando do golpe de surpresa era uma tarde de sexta-feira no início de dezembro. Eu tinha passado o dia fazendo trabalho de manutenção em algumas de minhas miragens em andamento – um dos meus garotos, que não ia ganhar nenhum presente do tio Frank no seu sapatinho de Natal, tinha se metido numa situação na qual, por motivos complicados, ele precisava de uma velhinha que pudesse apresentar como sua vovó a diversos traficantes pés de chinelo – e agora estava me dirigindo à casa de minha ex-mulher para apanhar minha filha para passar o fim

de semana comigo. Olivia e Holly moram numa casa geminada, deslumbrantemente elegante, numa primorosa rua sem saída em Dalkey. O pai de Olivia nos deu a casa como presente de casamento. Quando nos mudamos para lá, a casa tinha um nome em vez de um número. Livrei-me dele depressa, mas, mesmo assim, eu devia ter sacado de cara que o casamento nunca ia funcionar. Se meus pais tivessem sabido que eu estava me casando, minha mãe teria se endividado na cooperativa de crédito, comprado para nós um lindo conjunto de sala de estar com estampa floral e se sentido indignada se nós tirássemos o plástico das almofadas.

Olivia se manteve bem no meio do vão da porta, para evitar que eu tivesse a ideia de entrar.

– Holly está quase pronta – disse ela.

Olivia, e isso eu digo do fundo do coração, com a proporção correta de presunção e arrependimento, é um mulherão: alta, com o rosto alongado e elegante, muito cabelo macio, de um louro cinza, e o tipo de curvas discretas que a gente não nota de início e depois não consegue parar de notar. Naquela noite, ela estava alinhada, com um vestido preto caríssimo e meias finas, e usava o colar de diamante da avó, que só aparece em ocasiões especiais, e o próprio papa teria arrancado o solidéu para secar o suor da testa. Como eu sou menos classudo que o papa, dei um assovio.

– Encontro importante?

– Vamos jantar.

– O “vamos” envolve o Dermo de novo?

Olivia é esperta demais para deixar que eu a manobre tão fácil.

– Ele se chama Dermot, e sim, envolve.

Fiz cara de impressionado.

– São quatro fins de semana seguidos, certo? Diga aí, hoje é a grande noite?

– Holly! Seu pai está aqui! – gritou Olivia, lá para cima. Enquanto ela estava virada, passei direto por ela, entrando na sala. Ela estava usando Chanel nº 5, como sempre usava desde que nos conhecemos.

– Papai! Estou indo... estou indo, só preciso... – veio a voz de Holly de lá de cima, seguida por uma longa falação, enquanto ela explicava o que ia por sua cabecinha complicada, sem se importar se alguém estivesse ouvindo.

– Não tem pressa, querida! – berrei, a caminho da cozinha. Olivia me acompanhou.

– Dermot estará aqui a qualquer instante – disse-me ela. Não ficou claro para mim se era uma ameaça ou um pedido.

Abri a porta da geladeira e dei uma olhada ali dentro.

– Não gosto do jeito desse cara. Ele não tem queixo. Nunca confio num homem sem queixo.

– Bem, felizmente, seu gosto no que diz respeito a homens não faz diferença

no caso.

– É que, se vocês forem ter um relacionamento sério, ele vai passar algum tempo com Holly. Como é mesmo o sobrenome dele?

Uma vez, na época em que estávamos rumando para a separação, Olivia bateu a porta da geladeira na minha cabeça. Dava para eu ver que ela estava pensando em fazer aquilo outra vez. Fiquei parado, meio inclinado, para lhe dar a oportunidade, mas ela manteve o controle.

– Por que você quer saber?

– Preciso passar o nome pelo computador. – Tirei uma caixa de suco de laranja e a sacudi. – Que droga é essa? Quando você parou de comprar a marca boa?

A boca de Olivia – um sutil batom cor da pele – estava começando a se retesar.

– Você *não* vai passar o nome de Dermot por computador nenhum, Frank.

– Não tenho escolha – respondi, animado. – Preciso ter certeza de que ele não mexe com criança, sabe?

– Pelo amor de Deus, Frank! Ele não é um...

– Pode ser que não – admiti. – *Talvez* não. Mas como você pode ter certeza, Liv? Não é melhor prevenir do que remediar? – Destampeí o suco e tomei um gole.

– Holly! – chamou Olivia, com a voz mais alta. – Anda logo!

– Não estou achando meu *cavalo*! – Um punhado de barulhos ociosos, lá de cima.

– Eles preferem mães sozinhas com filhinhos adoráveis – disse eu a Olivia. – E é espantosa a quantidade deles que não tem queixo. Você nunca percebeu isso?

– Não, Frank nunca. E não quero que use seu trabalho para intimidar...

– Dê uma boa olhada da próxima vez que aparecer um pedófilo na televisão. Van branca e sem queixo, eu lhe garanto. Qual é o carro do Dermo?

– *Holly!*

Tomei mais um bom gole de suco, limpei o bico com minha manga e guardei a caixa de novo na geladeira.

– Isso tem gosto de mijo de gato. Se eu aumentar a pensão, você compra suco decente?

– Se você a triplicasse – disse Olivia, com frieza e doçura, olhando rápido para o relógio de pulso –, não que você tenha como, pode ser que dê para cobrir uma caixa por semana. – A gatinha mostra as garras se você ficar puxando seu rabo muito tempo.

A essa altura, Holly nos salvou de nós mesmos, saindo em disparada do quarto aos gritos de “Papai-papai-papai!” a plenos pulmões. Cheguei ao pé da escada a tempo para ela dar um salto voando como um pequeno fogo de artifício giratório, cabelos dourados fininhos e coisas cintilantes, cor-de-rosa, enroscando

as pernas na minha cintura e me golpeando nas costas com a mochila e um pônei felpudo chamado Clara, que já não estava com sua melhor aparência.

– Olá, macaco-aranha – disse eu, beijando o alto da sua cabeça. Ela era leve como uma fada. – Como foi a semana?

– Muito movimentada, e eu não sou um macaco-aranha – disse, séria, com o nariz encostado no meu. – O que é um macaco-aranha?

Holly tem 9 anos e é a perfeita imagem dos ossos delicados e pele frágil da família de sua mãe – nós, os Mackey somos vigorosos, de pele e cabelos grossos, feitos para o trabalho braçal no clima de Dublin –, exceto os olhos. A primeira vez que a vi, ela olhou para mim com meus próprios olhos, olhos enormes, arregalados, de um azul vivo, que me atingiram como o disparo de uma pistola de choque, e eles ainda provocam um sobressalto no meu coração todas as vezes. Olivia pode arrancar meu sobrenome como uma etiqueta de endereço desatualizada, pode encher a geladeira com o suco que eu detesto e convidar Dermo, o pedófilo, para preencher meu lado da cama, mas não pode fazer nada a respeito daqueles olhos.

– É um macaco mágico, das fadas, que mora num bosque encantado – respondi. Holly olhou para mim com uma expressão que era uma mistura perfeita de “Uau” e “Tenta de novo”. – Por que anda tão ocupada?

Ela deslizou do meu colo e parou no chão, com um baque.

– Chloe, Sarah e eu vamos fazer uma banda. Fiz um desenho para você, na escola, porque a gente inventou uma dança, e eu queria umas botas brancas. E Sarah fez uma música e... – E, por um segundo ali, Olivia e eu quase sorrimos um para o outro, por cima da cabeça de Holly, antes que Olivia se contivesse e verificasse de novo o relógio.

Na entrada de carros, cruzamos com meu amigo Dermo. Como anotei o número da sua placa na primeira vez em que ele e Olivia saíram para jantar, sei muito bem que é um cara impecavelmente respeitador das leis, que jamais estacionou seu Audi em lugar proibido e não consegue deixar de dar a impressão de que leva a vida à beira de um arrote gigantesco.

– Boa-noite – disse ele, com um gesto de cabeça eletrocutado. Acho que Dermo talvez tenha medo de mim. – Oi, Holly.

– Como você o chama? – perguntei a ela, depois de prendê-la no assento para crianças, enquanto Olivia, perfeita como Grace Kelly, dava um beijo na bochecha de Dermo à porta de entrada.

Holly ajeitou a crina de Clara e deu de ombros.

– Mamãe diz para eu dizer tio Dermot.

– E você diz?

– Não. Em voz alta, eu não chamo ele de nada. Na minha cabeça, ele é Cara de Pastel. – Ela olhou para o espelho retrovisor para ver minha reação. O queixo já estava pronto para mostrar teimosia. Comecei a rir.

– Maravilha – disse eu. – Essa é a minha garota. – E dei um cavalo de pau, para assustar Olivia e o Cara de Pastel.

Como Olivia criou juízo e me expulsou de casa, moro na região portuária, num gigantesco prédio de apartamentos construído nos anos 1990, aparentemente por David Lynch. Os carpetes são tão fofos que nunca ouvi um passo; mas, mesmo às quatro da manhã, dá para sentir o zumbido de 500 cabeças funcionando para todos os lados: pessoas sonhando, tendo esperanças, preocupando-se, planejando, pensando. Fui criado numa casa de cômodos, de modo que seria de esperar que me adaptasse bem ao estilo de vida de gaiolas, mas isso aqui é diferente. Não conheço essas pessoas. Nem mesmo chego a ver essas pessoas. Não faço ideia de como ou quando elas entram e saem daqui. Ao que eu saiba, elas nunca saem, simplesmente ficam por trás de barricadas em seus apartamentos, pensando. Mesmo enquanto durmo, um ouvido meu fica sintonizado nessa vibração, pronto para saltar da cama e defender meu território se for preciso.

A decoração no meu cantinho particular em Twin Peaks é no estilo divorciado chique; e com isso quero dizer que, depois de quatro anos, ainda parece que o caminho da mudança não chegou. A exceção é o quarto de Holly, que está lotado com todos os objetos fofos em cor pastel conhecidos pelo ser humano. No dia em que fomos comprar mobília juntos, eu tinha por fim conseguido arrancar de Olivia um fim de semana por mês e queria comprar para Holly tudo nos três pisos do shopping center. Uma parte de mim acreditava que eu nunca mais voltaria a vê-la.

– O que vamos fazer amanhã? – quis saber ela enquanto seguíamos pelo corredor de piso macio. Estava arrastando Clara pelo carpete, segurando-a por uma perna. A última vez que prestei atenção, ela teria gritado feito louca com a ideia de que aquele cavalo tocasse no chão. Basta piscar os olhos, e você perdeu alguma coisa.

– Lembra daquela pipa que eu comprei? É só terminar o dever de casa hoje de noite que amanhã, se não chover, vou levá-la ao Phoenix Park para lhe mostrar como se solta pipa.

– Sarah pode ir junto?

– Vamos ligar para a mãe dela depois do jantar. – Os pais das colegas de Holly me adoram. Nada parece mais responsável do que deixar um detetive levar sua filha ao parque.

– Jantar! Podemos comer pizza?

– É claro – respondi. Olivia leva uma vida orgânica, com alto teor de fibras, isenta de aditivos. Se eu não compensar um pouco, a menina vai ser duas vezes mais saudável que todos os colegas e se sentir excluída. – Por que não? – Abri então a porta e tive minha primeira pista de que Holly e eu não íamos comer pizza naquela noite.

A luz das mensagens no meu telefone estava piscando feito louca. Cinco chamadas perdidas. Do trabalho, eles me ligam para o celular. Agentes em campo e informantes secretos me ligam para meu outro celular. O pessoal sabe que vai me ver no bar quando eu aparecer por lá, e Olivia me manda mensagens de texto quando precisa. Com isso, restava minha família, o que significava Jackie, minha irmã caçula, já que nas duas últimas décadas ela era a única com quem eu ainda falava. Cinco chamadas queriam dizer que provavelmente um dos nossos pais estava morrendo.

– Pegue aqui – disse a Holly, oferecendo meu laptop. – Leve para seu quarto e perturbe suas colegas no Messenger. Volto para você daqui a uns minutos.

Holly, que sabe muito bem que só terá permissão para entrar na web sozinha quando completar 21 anos, lançou-me um olhar de ceticismo.

– Se quer fumar um cigarro, papai – disse ela, com maturidade –, é só sair para a sacada. Sei que você fuma.

Eu a guiei para o quarto, com minha mão nas suas costas.

– É mesmo? E o que a levou a achar isso? – Em qualquer outra ocasião, eu teria ficado seriamente curioso. Nunca fumei na frente de Holly, e Olivia não teria contado para ela. Nós fizemos sua cabeça, nós dois. A ideia de que ela contivesse coisas que não pusemos lá ainda me perturba.

– Eu simplesmente sei – disse Holly, largando Clara e a mochila na cama, com um ar de superioridade. Essa menina ainda vai se tornar detetive. – E você não devia. A irmã Mary Therese diz que o cigarro deixa preto tudo por dentro da gente.

– A irmã Mary Therese acertou na mosca. Mulher esperta. – Liguei o laptop e finquei a linha da conexão. – Tudo pronto. Preciso dar um telefonema. Não me vá comprar nenhum diamante pela internet.

– Você vai ligar para sua namorada?

Ela parecia tão pequena e sabida demais, parada ali no seu casaco branco acolchoado, que ia até a metade das pernas magricelas, os olhos arregalados procurando não demonstrar medo.

– Não, querida. Não. Eu não tenho namorada.

– Jura?

– Juro. E não pretendo arrumar uma tão cedo. Daqui a alguns anos, talvez você possa escolher uma para mim. O que acha?

– Quero que mamãe seja sua namorada.

– É, eu sei. – Pus minha mão na sua cabeça por um segundo. O cabelo parecia pétalas de flores. E então fechei a porta do quarto atrás de mim e voltei para a sala de estar para descobrir quem tinha morrido.

Era Jackie mesmo, na secretária eletrônica, e ela parecia um trem expresso. Mau sinal: Jackie freia para dar boas notícias (“Você nunca vai adivinhar o que aconteceu. Vamos, dê um palpite.”), pisa fundo quando as notícias são ruins. Essa

ali era tipo Fórmula 1.

“Ai, meu Deus, Francis, por que você nunca atende essa droga de telefone? Preciso falar com você. Não estou ligando só para me divertir; eu costumo fazer isso? Agora, antes que você se assuste, não é nada com mamãe, Deus me livre, ela está ótima, um pouco abalada, é claro, mas não estamos todos? Ela teve lá umas palpitações, no início, mas sentou um pouco e Carmel lhe deu uma dose de conhaque e ela agora está ótima, não está, mamãe? Graças a Deus, Carmel estava aqui, ela faz uma visita quase todas as sextas, depois das compras. E ligo pedindo que eu e Kevin viéssemos para cá. Shay disse para não ligar para você, que não fazia sentido, mas eu disse para ele cuidar da própria vida, é o mínimo, por isso, se você estiver em casa, por favor, pegue esse telefone e fale comigo. Francis! Juro por Deus...” Um bipe avisou o fim da duração da mensagem.

Carmel, Kevin e Shay, Deus do céu. Parecia que a família inteira tinha aterrissado na casa dos meus pais. Meu pai. Tinha de ser.

– Papai! – berrou Holly, do seu quarto. – Quantos cigarros você fuma por dia?

A voz da secretária eletrônica me disse para apertar botões. Segui as ordens.

– Quem disse que eu fumo?

– Eu preciso *saber!* Vinte?

– Pode ser. – Para começar.

Jackie de novo: “Droga de secretária. Eu não tinha terminado! Olha só, eu devia ter dito logo de cara. Também não é papai. Ele está como sempre. Ninguém morreu, nem se machucou, nem nada. De qualquer modo, estamos todos ótimos. Kevin está um pouco abalado, mas acho que é porque ele se preocupa com você, com como você vai receber a notícia, sabe? Ele é muito afeiçãoado a você, ainda é. Agora, pode ser que não seja nada, Francis, não quero que você perca a cabeça, está bem? Pode ser tudo uma brincadeira, alguém querendo perturbar, foi o que pensamos a princípio, se bem que seja uma brincadeira de merda, se você quer saber, desculpe meu jeito de falar...”

– Papai! Quanto exercício você faz?

Que droga!

– Em segredo, sou bailarino.

– Não, estou falando sério! Quanto?

– Não o suficiente.

“... e é claro que nenhum de nós tem a menor ideia do que fazer com isso; então dá para você me ligar assim que ouvir essa mensagem? Por favor, Francis. Vou ficar com o celular na mão, agora.”

Estalido, bipe, garota da secretária. Em retrospecto, àquela altura eu já deveria ter descoberto ou pelo menos deveria ter tido uma ideia geral.

– Papai? Quanto você come de frutas e legumes?

– Caminhões.

– Não come mesmo!

– Um pouco.

As três mensagens seguintes eram mais ou menos a mesma coisa, a intervalos de meia hora. Na última, Jackie tinha chegado ao ponto em que somente cachorrinhos conseguiam ouvi-la.

– Papai?

– Um segundo, meu benzinho.

Levei meu celular para a sacada, acima do rio escuro, do laranja embaçado das luzes, do ronco incessante dos engarrafamentos, e liguei para Jackie. Ela atendeu ao primeiro toque.

– Francis? Graças a Deus, você está me deixando maluca. Onde é que você estava? – Jackie tinha desacelerado e estava agora a uns 120 por hora.

– Estava apanhando Holly. Qual é o problema, Jackie?

Ruído de fundo. Mesmo depois de todo aquele tempo, reconheci de cara a aspereza da voz de Shay. Uma nota da voz da minha mãe me fez engasgar.

– Ai, meu Deus, Francis... Quer se sentar um pouco para mim, agora? Ou pegue um copo de bebida, alguma coisa desse tipo?

– Jackie, se você não me disser o que está acontecendo, juro que vou até aí e a estrangulo.

– Calma aí, segura as pontas... – Uma porta se fechou. – Pronto – disse Jackie, de repente num ambiente silencioso. – Ok. Você se lembra de que eu lhe contei, faz um tempo, que um cara estava comprando as três casas do alto do beco? Para transformar em apartamentos?

– Lembro.

– Ele não vai mais construir os apartamentos no final das contas, agora que todo mundo está preocupado com o preço dos imóveis. Ele vai deixar para lá as casas um pouco, para ver o que acontece. E então ele fez os pedreiros arrancarem as lareiras, as sancas e tudo o mais, para vender. Tem gente que paga direitinho por esses troços, você sabia? Uns malucos. E hoje eles começaram na casa bem da esquina. Você se lembra, a que estava em ruínas?

– O nº 16.

– Essa mesma. Eles estavam arrancando as lareiras, e não é que atrás de uma delas encontraram uma mala?

Pausa dramática. Drogas? Armas? Grana? Jimmy Hoffa?

– Porra, Jackie. *O que era?*

– É de Rosie Daly, Francis. É a mala dela.

Todas as camadas de barulho do trânsito desapareceram, foram desligadas de uma só vez. Aquele clarão laranja de um lado a outro do céu tornou-se feroz e voraz como um incêndio na floresta, ofuscante, fora de controle.

– Não – disse eu –, não é. Não sei de onde você tirou essa ideia, mas não passa de um monte de merda.

– Ah, pois é, Francis...

Preocupação e compaixão escorreram da sua voz. Se ela estivesse ali, acho que eu a teria nocauteado.

– Ah, pois é, Francis, uma ova. Você e nossa mãe entraram nessa loucura histórica por causa de alguma palhaçada, e agora querem que eu entre nessa...

– Presta atenção. Sei que você está...

– A menos que tudo isso seja alguma armação para me fazer ir até aí. É isso, Jackie? Você está pretendendo alguma grande reconciliação em família? Porque ouça o que lhe digo, isso aqui não é a porra de filme de sessão da tarde e esse tipo de brincadeira não vai dar certo.

– Seu palerma, é o que você é – disse Jackie, irritada. – Trate de se controlar. O que você acha que eu sou? Naquela mala tem uma blusa, uma roxa estampada. Carmel reconheceu...

Eu tinha visto a blusa em Rosie centenas de vezes, sabia na ponta dos dedos como eram os botões.

– É, de todas as garotas da cidade nos anos 1980. Por uma fofoca, Carmel reconheceria Elvis andando pela Grafton Street. Achei que você tivesse mais juízo, mas parece...

– ... e tem uma certidão de nascimento enrolada dentro dela. Rose Bernadette Daly.

O que mais ou menos encerrou aquele rumo da conversa. Procurei meu cigarro, encostei os cotovelos no parapeito e dei a maior tragada da minha vida.

– Desculpe – disse Jackie, mais tranquila. – Por brigar com você. Francis?

– Sim...

– Tudo bem com você?

– Tudo. Preste atenção, Jackie. Os Daly já sabem?

– Eles não estão em casa. Nora mudou-se para Blanchardstown, acho que foi, alguns anos atrás. O sr. e a sra. Daly vão até lá nas noites de sexta, para ver o bebê. Mamãe acha que tem o telefone em algum canto, mas...

– Vocês já chamaram a polícia?

– Só você, é claro.

– Quem mais sabe dessa história?

– Só os pedreiros. Dois rapazes poloneses. Quando terminaram o serviço do dia, atravessaram a rua para o nº 15 e perguntaram se havia alguém a quem podiam devolver a mala, mas agora o nº 15 só tem estudantes, e eles mandaram os poloneses aqui para a casa de nossos pais.

– E nossa mãe não contou para a rua inteira? Tem certeza?

– O beco não está igual ao que você se lembra. Metade daqui é de estudantes e yuppies, hoje em dia; nós nem mesmo sabemos como se chamam. Os Cullen ainda estão aqui, e os Nolan e alguns dos Hearne, mas mamãe não quis dizer nada para eles antes de falar com os Daly. Não seria certo.

– Ótimo. Onde a mala está agora?

– Na sala de estar. Os pedreiros não deviam ter tirado do lugar? Eles precisavam continuar com o trabalho...

– Beleza. Não toque mais nela a menos que seja necessário. Vou chegar aí o mais rápido possível.

Um segundo de silêncio. E então:

– Francis, não quero começar a pensar em nada terrível, Deus nos livre, mas isso não significa que Rosie...

– Ainda não sabemos nada – disse eu. – Só fique aí calma, não fale com ninguém e me espere chegar.

Desliguei e dei uma rápida olhada para o apartamento às minhas costas. A porta de Holly ainda estava fechada. Terminei o cigarro com mais uma tragada longuíssima, joguei a guimba por cima do parapeito, acendi outro cigarro e liguei para Olivia.

Ela nem mesmo disse alô.

– Não, Frank Dessa vez, não. Nem pensar.

– Não tenho escolha, Liv.

– Você implorou por todos os fins de semana, Frank *Implorou*. Se não os queria...

– Mas eu quero. Trata-se de uma emergência.

– Sempre é. A divisão pode sobreviver dois dias sem você. Não importa o que queira pensar, você não é indispensável.

Para qualquer um que estivesse a mais de um palmo de distância, sua voz teria parecido leve e amistosa, mas ela estava furiosa. O retinir de talheres, risadas contidas, alguma coisa que pareceu “Deus me livre”, uma fonte.

– Não é trabalho desta vez – retruquei. – É a família.

– É claro que é. Será que isso não tem nada a ver com o fato de que estou no meu quarto encontro com Dermot?

– Liv, eu adoraria detonar seu quarto encontro com Dermot, mas nunca abriria mão de ficar com Holly. Você sabe que eu não faria isso.

Um silêncio breve, desconfiado.

– Que tipo de emergência com a família?

– Ainda não sei. Jackie me ligou, histérica, da casa dos meus pais. Não consegui descobrir os detalhes. Preciso chegar lá rápido.

Outro silêncio. E então Olivia falou com um suspiro longo e cansado.

– Tudo bem. Estamos no Coterie. Pode trazer Holly.

O Coterie tem um chef que está sempre aparecendo na televisão e que os suplementos de fim de semana vivem bajulando. O lugar está pedindo para ser alvo de bombas incendiárias.

– Obrigado, Olivia. De verdade. Se eu puder, venho apanhá-la mais tarde ainda hoje, ou amanhã de manhã. Eu ligo.

– Faça isso – disse Olivia. – Se puder, é claro – e desligou. Joguei fora meu cigarro e entrei para acabar de irritar as mulheres da minha vida.

Holly estava sentada na cama com as pernas em xis, o computador no colo e uma expressão preocupada.

– Querida, estamos com um problema.

Ela apontou para o laptop.

– Olha, papai.

A tela dizia, em grandes letras roxas cercadas por uma quantidade incrível de gráficos piscantes: você morrerá aos 52 anos de idade. A menina estava realmente abalada. Sentei-me na cama atrás dela e a puxei com o computador para meu colo.

– O que é isso?

– Sarah descobriu esse questionário online, e eu o completei para você, e foi esse o resultado. Você está com 41.

Ai, meu Deus, agora não.

– Meu amorzinho, isso é internet. Qualquer um pode pôr qualquer coisa aí, o que não faz com que seja verdade.

– Mas é o que *diz!* Eles calcularam *tudo!*

Olivia ia adorar se eu devolvesse Holly chorando.

– Vou lhe mostrar uma coisa. – Estendi o braço em torno dela, livre-me da minha sentença de morte, abri um documento no Word e digitei: VOCÊ É UM ALIENÍGENA. VOCÊ ESTÁ LENDO ISTO NO PLANETA BONGO. – Agora. Isso é verdade?

Holly conseguiu dar um risinho fungado.

– Claro que não.

Passei tudo para roxo e apliquei uma letra enfeitada.

– E agora? – Ela fez que não.

– E se eu mandasse o computador lhe fazer um monte de perguntas antes de dizer isso? Então, seria verdade?

Por um segundo, achei que tinha transmitido a ideia, mas então aqueles ombros estreitos se enrijeceram.

– Você falou de um problema.

– É. Vamos precisar mudar nossos planos só um pouquinho.

– Vou ter de voltar para casa – disse Holly para o laptop. – Não é?

– É, querida. Estou muito, muito chateado. Vou te buscar logo que puder.

– É o trabalho de novo?

Esse *de novo* foi pior do que qualquer coisa que Olivia pudesse lançar contra mim.

– Não – respondi, ficando de lado para poder ver o rosto de Holly. – Não tem nada a ver com trabalho. O trabalho que vá plantar batatas, certo? – Com isso consegui um leve sorriso. – Sabe sua tia Jackie? Ela está com um problema sério,

e precisa que eu vá agora mesmo ajudá-la a resolver.

– Não posso ir com você?

Tanto Jackie como Olivia já tinham tentado algumas vezes insinuar que Holly deveria conhecer a família do pai. Deixando de lado malas sinistras, nem morto eu permitiria que Holly mergulhasse um dedo no caldeirão borbulhante de loucura que é a família Mackey nos seus melhores momentos.

– Não desta vez. Quando eu tiver resolvido tudo, vamos levar a tia Jackie para tomar sorvete em algum lugar, está bem? Para a gente se animar.

– Tá bem – disse Holly, com um suspirinho cansado, exatamente como Olivia. – Ia ser legal. – E ela se desvencilhou do meu colo e começou a guardar suas coisas de volta na mochila.

No carro, Holly não parou de conversar com Clara, numa voz abafada, baixa demais para eu ouvir. A cada sinal vermelho, eu olhava para ela pelo espelho retrovisor e jurava a mim mesmo que faria o possível para compensar: pegaria o número do telefone dos Daly, largaria a mala na soleira da sua porta e, na hora de dormir, já estaria com Holly no meu apartamento. Eu já sabia que não ia ser desse jeito. Aquela rua e aquela mala tinham estado à minha espera havia muito tempo. Agora que suas garras estavam cravadas, o que elas tinham reservado para mim ia demorar muito mais que uma noite.

O bilhete tinha o mínimo de melodrama adolescente. Ela sempre foi boa nisso, foi sim. *Sei que isso vai ser um choque e sinto muito, mas, por favor, não quero deixar a impressão de ter enganado ninguém de propósito. Nunca quis fazer isso. Só que pensei muito, e essa é a única forma para eu chegar a ter uma chance razoável de ter o tipo de vida que eu quero. Eu só queria poder fazer isso sem ferir/irritar/decepcionar ninguém. Seria maravilhoso se eu pudesse seguir para minha nova vida na Inglaterra com seus votos de felicidade! Mas, se isso não for possível, eu compreendo. Juro que volto um dia. Até então, com muito, muito, muito amor, Rosie.*

Entre o momento em que ela deixou esse bilhete no assoalho da casa nº 16, na sala onde nos beijamos pela primeira vez, e o momento em que ela ia levantar a mala por cima de um muro para fugir de uma vez, alguma coisa tinha acontecido.

Você não vai encontrar o Faithful Place a menos que saiba onde procurar. O bairro de Liberties foi crescendo sozinho ao longo dos séculos, sem nenhuma ajuda de planejadores urbanos, e o Faithful Place é um beco apertado escondido ali no meio como uma esquina errada num labirinto. Ele fica a dez minutos a pé do Trinity College e do comércio elegante da Grafton Street, mas no meu tempo nós não íamos para o Trinity e o pessoal do Trinity não vinha para o nosso lado. A região não era exatamente perigosa – operários fabris, pedreiros, padeiros, beneficiários permanentes do auxílio-desemprego e um ou outro sacana sortudo que trabalhava na Guinness, tinha plano de saúde e estudava à noite –, ela só ficava à parte. O Liberties ganhou esse nome, séculos atrás, porque ali as pessoas eram donas do próprio nariz e faziam sua própria lei. A lei na minha rua era a seguinte: por mais duro que você esteja, se for ao pub vai pagar uma rodada; se seu colega se meter numa briga, você não sai de perto, para poder arrastá-lo dali assim que vir sangue, para que ninguém fique mal; heroína, você deixa para os caras lá dos apartamentos; mesmo que você seja um roqueiro punk anarquista este mês, aos domingos você vai à missa; e, não importa qual seja a circunstância, você nunca, jamais, dedura ninguém.

Estacionei meu carro a alguns minutos de distância e fui andando. Não havia motivo para deixar que minha família soubesse que carro eu tinha, nem que havia um assento para crianças no banco traseiro. O ar da noite no Liberties ainda causava a mesma sensação, quente e irrequieto, embalagens vazias e bilhetes de ônibus rodopiando com as correntes de ar, um burburinho alvoroçado derramando-se dos pubs. As drogadas nas esquinas tinham começado a usar bijuteria com seus agasalhos, para uma demonstração realmente sutil de que estavam na moda. Duas delas olharam para mim com interesse e começaram a vir na minha direção, mas eu lhes dei um grande sorriso de tubarão, e elas mudaram de ideia.

O Faithful Place são duas fileiras de oito casas velhas de tijolo vermelho, com uma escada na frente que dá na porta principal no hall. Nos anos de 1980, cada uma abrigava três ou quatro famílias, talvez mais. Uma família era qualquer coisa, desde o maluco do Johnny Malone, que tinha estado na Primeira Guerra Mundial e lhe mostraria sua tatuagem de Ypres, até Sallie Hearne, que não era exatamente uma prostituta, mas precisava sustentar todos aqueles filhos de algum modo. Se você recebesse auxílio-desemprego, ficava com o apartamento do porão e com uma deficiência de vitamina D. Se alguém tivesse emprego, podia ficar com pelo menos parte do térreo. Se sua família estivesse ali há algumas gerações, você tinha precedência e ficava com os aposentos do andar superior, onde ninguém caminhava acima da sua cabeça.

Supostamente, os lugares devem parecer menores quando se volta a eles, mas minha rua parecia simplesmente esquizoide. Em duas das casas tinha havido pequenas reformas elegantes, que envolveram a aplicação de vidraças duplas e de uma alegre pátina em tom pastel; na maioria delas, não. O nº 16 parecia estar pelas tabelas – o telhado esfrangalhado, uma pilha de tijolos e um carrinho de mão quebrado junto à escada da entrada; e, em algum momento, nos últimos vinte anos, alguém ateava fogo à porta da frente. No nº 8, uma janela do térreo estava iluminada, dourada, aconchegante e perigosa que só ela.

Carmel, Shay e eu nascemos logo depois do casamento de meus pais, um por ano, exatamente como seria de se esperar na terra em que a camisinha era ilegal. Kevin veio quase cinco anos depois, quando meus pais conseguiram recuperar o fôlego; e Jackie, cinco anos depois dele, presumivelmente num dos raros momentos em que eles não detestavam ver a cara um do outro. Nós tínhamos o térreo do nº 8, quatro cômodos: quarto das meninas, quarto dos meninos, cozinha, sala de estar – o banheiro ficava num barraco nos fundos do quintal, e você se lavava numa banheira de lata na cozinha. Hoje em dia nossos pais têm todo esse espaço para si.

A intervalos de algumas semanas, vejo Jackie, e ela me põe a par dos acontecimentos, dependendo da sua definição do termo. Ela acha que eu preciso saber de todos os detalhes da vida de todos, enquanto eu acho que só preciso saber se alguém morrer. Por isso, levamos algum tempo para descobrir um meio-termo satisfatório. Quando entrei a pé no beco, eu sabia que Carmel tinha quatro filhos e um traseiro do tamanho de um ônibus. Shay morava no andar acima de nossos pais e trabalhava na mesma loja de motocicletas pela qual tinha parado de estudar. Kevin era vendedor de televisores de tela plana e tinha uma namorada nova a cada mês. Nosso pai tinha feito alguma coisa que tinha prejudicado suas costas e nossa mãe ainda era nossa mãe. Para fechar o quadro, Jackie é cabeleireira e mora com um cara chamado Gavin, com quem ela diz que um dia talvez se case. Se ela tivesse seguido minhas ordens, o que eu duvido, os outros não saberiam praticamente nada a meu respeito.

A porta do hall estava destrancada, assim como a do apartamento. Ninguém mais deixa portas abertas em Dublin. Jackie, cheia de consideração, tinha organizado as coisas de um modo que me permitisse entrar como me conviesse. Chegavam vozes da sala de estar: frases curtas, longos silêncios.

– E aí – disse eu, do vão da porta.

Barulhinhos de xícaras descendo, cabeças virando. Os olhos pretos, animados, da minha mãe e cinco pares de olhos azuis vivos, exatamente como os meus, todos fixos em mim.

– Esconde a heroína – disse Shay. Estava encostado na janela com as mãos nos bolsos. Tinha me visto descendo a rua. – Chegaram os homens.

O senhorio tinha finalmente colocado um carpete, um troço florido em verde

e rosa. A sala ainda tinha cheiro de torradas, umidade e lustra-móveis, com um leve toque de sujeira que eu não conseguia identificar. Na mesa havia uma bandeja cheia de guardanapinhos de renda e bolachas. Meu pai e Kevin estavam nas poltronas; minha mãe, no sofá, com Carmel e Jackie, uma de cada lado, como uma líder guerreira exibindo suas duas principais prisioneiras.

Minha mãe é a clássica mamãe de Dublin: nada mais que um metro e meio, de cabelo penteado com ondulador, corpo de botijão, não-se-meta-comigo, tudo abastecido de um suprimento interminável de desaprovação. As boas-vindas ao filho pródigo foram mais ou menos assim:

– Francis – disse minha mãe. Ela se ajeitou no sofá, cruzou os braços onde sua cintura deveria ter estado e me examinou da cabeça aos pés. – Você nem mesmo podia ter se dado ao trabalho de vestir uma camisa decente?

– E aí, mãe.

– Mãe não, mamãe. Olhe o seu estado. Os vizinhos vão achar que criei um morador de rua.

Em algum ponto no caminho, eu tinha trocado minha parca do exército por uma jaqueta de couro marrom, mas, fora isso, ainda tenho praticamente a mesma noção de moda que tinha quando saí de casa. Se estivesse de terno, ela teria me criticado por ser presunçoso. Com minha mãe não dá para esperar sair ganhando.

– Pareceu que Jackie disse que era urgente – disse eu. – E aí, pai.

Meu pai estava com a aparência melhor do que eu esperava. Antigamente, eu era o que tinha saído a ele: o mesmo cabelo castanho grosso, as mesmas feições mal talhadas; mas a semelhança tinha se dissolvido muito, com o tempo, o que era bom. Ele estava começando a se tornar um velhote de cabeça branca, com as calças acima do tornozelo, mas ainda tinha músculos suficientes para fazer qualquer um pensar duas vezes antes de enfrentá-lo. Parecia totalmente sóbrio, mas com ele nunca se podia saber, até ser tarde demais.

– Muita gentileza sua nos honrar com sua presença – disse ele. A voz, mais grave e mais rouca. Excesso de Camels. – Você ainda tem a maior cara de pau.

– É o que vivem me dizendo. E aí, Carmel. Oi, Kev. Oi, Shay.

Shay não se deu ao trabalho de responder.

– Oi, Francis – disse Kevin. Ele olhava para mim espantado como se eu fosse um fantasma. Tinha se tornado um cara grande, louro, encorpado e de boa aparência. Maior do que eu. – Meu Deus!

– Olha como fala – cortou minha mãe, irritada.

– Você está muito bem – disse-me Carmel, como era previsível.

Se o Senhor Ressuscitado tivesse aparecido diante de Carmel um dia de manhã, ela lhe teria dito que ele estava muito bem. Realmente o traseiro dela era de alto impacto, e ela adotara um sotaque anasalado e afetado que não me surpreendia nem um pouco. As coisas por ali estavam mais do que nunca

parecidas com o passado.

– Muito obrigado – respondi. – Você também.

– Vem cá – disse-me Jackie. Ela tem o cabelo oxigenado em tons intrincados e se veste como alguém saído de uma lanchonete do Tom Waits; naquele dia usava calça capri branca e um top vermelho de bolinhas com babados em lugares inesperados. – Senta ali e toma um chá. Vou buscar mais uma xícara. – Ela se levantou e se dirigiu para a cozinha, dando-me ao passar um beliscão e uma piscadinha animadora.

– Não precisa – disse eu, fazendo com que parasse. A ideia de me sentar ao lado de minha mãe arrepiou os pelos na minha nuca. – Vamos dar uma olhada nessa famosa mala.

– Para que a pressa? – perguntou minha mãe. – Senta lá.

– Primeiro o dever, depois o prazer. Onde está a mala?

Shay apontou para o chão aos seus pés.

– É toda sua – disse ele. Jackie voltou a se sentar com um baque. Passei com cuidado em volta da mesinha de centro, do sofá e das poltronas, com todos aqueles olhos em mim.

A mala estava junto da janela. Era azul-clara com os cantos arredondados, grandes manchas pretas de mofo e estava ligeiramente aberta. Alguém tinha forçado as frágeis fechaduras de latão. O que me chocou foi como era pequena. Olivia costumava levar praticamente tudo o que possuíamos, até mesmo a chaleira elétrica, para uma viagem de fim de semana. Rosie estava rumando para toda uma nova vida com uma mala que podia carregar sozinha.

– Quem mexeu aqui? – perguntei.

Shay riu, um som duro vindo do fundo da garganta.

– Meu Deus, gente, é o Columbo. Vai tirar nossas impressões digitais?

Shay é moreno, magro, vigoroso e inquieto, e eu tinha me esquecido de como era chegar muito perto dele. É como estar parado ao lado de uma torre de alta tensão, não há como não ficar nervoso. Agora, ele tinha sulcos fundos e ferozes que iam do nariz à boca, e entre as sobrancelhas.

– Só se vocês me pedirem com jeitinho – respondi. – Todos vocês tocaram na mala?

– Eu me recusei a chegar perto – disse Carmel de imediato, estremeecendo um pouco. – Muito suja. – Capsei o olhar de Kevin. Por um segundo, pareceu que eu nunca tinha ido embora.

– Eu e seu pai tentamos abri-la – disse minha mãe. – Só que estava trancada, por isso chamei Shay aqui embaixo e fiz ele usar uma chave de fenda. Não tínhamos escolha, sem dúvida. Do lado de fora não tinha nada que dissesse a quem ela pertencia. – Ela me lançou um olhar belicoso.

– Muito bem – disse eu.

– Quando vimos o que havia aí dentro... ouça o que lhe digo, foi o maior

choque da minha vida. O coração parecia que ia sair pela boca. Achei que ia ter um ataque. E disse a Carmel, graças a Deus que você está aqui com o carro, caso vocês precisem me levar ao hospital. – A expressão no olhar de minha mãe dizia que isso teria sido culpa minha, mesmo que ela ainda não tivesse descoberto por quê.

– Trevor – disse Carmel – não se incomoda de dar o lanche às crianças, não quando se trata de uma emergência. Ele é fantástico por esse lado.

– Eu e Kevin demos uma olhada dentro assim que chegamos – disse Jackie. – Tocamos numa coisa ou outra. Não me lembro em quê...

– Trouxe o pó para impressões digitais? – indagou Shay. Ele estava relaxado, encostado na moldura da janela, me observando, com os olhos semicerrados.

– Talvez outro dia, se você se comportar. – Procurei minhas luvas cirúrgicas no bolso da jaqueta e as calcei. Meu pai começou a rir, um som rouco e desagradável, que degringolou para um acesso de tosse incontrolável que sacudiu a poltrona inteira.

A chave de fenda de Shay estava no chão, ao lado da mala. Ajoelhei-me e a usei para levantar a tampa. Dois dos rapazes do Departamento de Polícia Técnica me deviam favores. E umas duas das adoráveis senhoritas se interessavam por mim. Qualquer um deles faria alguns testes para mim na moita, mas eles agradeceriam se eu não mexesse nas provas mais do que o necessário.

A mala estava cheia de um emaranhado pesado de pano, manchado de preto, meio esfarrapado, pelo bolor e pelo tempo. Um cheiro forte e indefinido, como o de terra molhada, subia dela. Aquele cheiro leve que eu tinha sentido, assim que cheguei.

Fui levantando as coisas devagar, uma a uma, e as empilhando na tampa, onde elas não ficariam contaminadas. Uma calça jeans largona, com remendos quadriculados costurados por cima dos rasgos nos joelhos. Um pulôver de lã verde. Uma calça jeans tão justa que tinha zíperes nos tornozelos, e meu Deus, eu a conhecia, o balanço dos quadris de Rosie naquela calça me atingiu direto no estômago. Continuei e não pisquei. Uma camisa de homem de flanela, sem colarinho, listras azuis finas sobre o que tinha sido bege. Seis calcinhas brancas de algodão. Uma blusa de um estampado roxo e azul, caindo aos pedaços; e, quando a apanhei, a certidão de nascimento caiu.

– Olha aí – disse Jackie. Ela estava debruçada por cima do braço do sofá, olhando ansiosa para mim. – Viu? Até então, nós achávamos que talvez não fosse nada. Não sei. Bagunça de crianças, ou alguém que tivesse roubado alguma coisa e quisesse esconder, ou até alguma pobre coitada que estivesse apanhando do seu homem e tivesse guardado as coisas, tudo pronto para quando ganhasse coragem para ir embora, sabe? Como costumam dizer nas revistas para a gente fazer. – Ela estava começando a ficar acelerada de novo.

Rose Bernadette Daly, nascida em 30 de julho de 1966. O papel estava prestes a se desintegrar.

– É – disse eu –, se isso for bagunça de criança, foram umas crianças muito meticulosas.

Uma camiseta do U2, provavelmente no valor de centenas de libras, se não estivesse toda esburacada. Uma camiseta listrada de branco e azul. Um colete preto de homem. Naquela época estava na moda o estilo Annie Hall. Um pulôver de lã roxa. Um rosário de plástico azul-claro. Dois sutiãs brancos de algodão. Um walkman sem marca pelo qual passei meses juntando dinheiro. Ganhei as duas últimas libras uma semana antes do seu aniversário de 18 anos, ajudando Beaker Murray a vender vídeos piratas no Iveagh Market. Um desodorante Sure em aerossol. Uma dúzia de fitas cassete caseiras, e ainda dava para eu ler sua letra redonda em algumas etiquetas: REM, *Murmur*; U2, *Boy*; Thin Lizzy, os Boomtown Rats, os Stranglers, Nick Cave and the Bad Seeds. Rosie poderia deixar tudo o mais para trás, mas sua coleção de fitas iria com ela.

No fundo da mala havia um envelope pardo. Os pedaços de papel dentro dele tinham sido amassados num bloco sólido, por 22 anos de umidade. Quando puxei com delicadeza pela beira, ele se desfez como um rolo de papel higiênico molhado. Mais um favor para o Departamento. Algumas palavras datilografadas borradas ainda apareciam através da janela plástica na frente do envelope.

... LAOGHAIRE-HOLYHEAD... PARTIDA... :30AM... Onde quer que tivesse ido, Rosie tinha chegado lá sem nossas passagens da balsa.

Todos tinham os olhos fixos em mim. Kevin parecia genuinamente abalado.

– Bem – disse eu. – Parece que essa é a mala de Rosie Daly, sim. – Comecei a transferir as peças da tampa de volta para a mala, deixando os papéis por último, para não serem esmagados.

– Vamos chamar a polícia? – perguntou Carmel. Meu pai pigarreou, de modo espetacular, como se fosse escarrar. Minha mãe lhe lançou um olhar feroz.

– E dizer o quê? – perguntei.

Estava claro que ninguém tinha pensado nisso.

– Alguém enfiou uma mala por trás de uma lareira há mais de vinte anos – prossegui. – Dificilmente é o crime do século. Os Daly podem chamar a polícia, se quiserem, mas já vou lhes avisando, eu não esperaria que a polícia trouxesse todo o seu aparato para o Caso da Chaminé Entupida.

– Mas Rosie, sem dúvida – disse Jackie. Ela estava repuxando uma mecha de cabelo e me olhando, com seus dentes de coelho e os olhos azuis arregalados e preocupados. – Ela está desaparecida. E esse troço aí é uma pista, ou prova, ou seja lá como vocês chamam. Não deveríamos...?

– Foi comunicado seu desaparecimento? – Olhares para lá e para cá. Ninguém sabia. Eu tinha minhas sérias dúvidas. No Liberties, os policiais são como as águas-vivas no Pacman: fazem parte do jogo, você aprende a evitá-los

e decididamente não sai à procura deles. – Se não foi comunicado – disse eu, fechando a mala com a ponta dos dedos – é um pouco tarde agora.

– Mas... – disse Jackie. – Peraí. Não está parecendo... como se ela nunca tivesse viajado para a Inglaterra? Não está parecendo que talvez alguém possa ter...?

– O que Jackie está tentando dizer – disse-me Shay – é que parece que alguém apagou Rosie, enfiou o corpo num saco de lixo, arrastou-o até as pociças, jogou-o lá dentro e enfiou a mala na lareira para sumir com ela.

– Seamus Mackey! Deus nos livre e guarde! – disse minha mãe. Carmel fez o sinal da cruz.

Essa possibilidade já tinha me ocorrido.

– Pode ser, é claro. Ou ela pode ter sido abduzida por alienígenas e largada no Kentucky por engano. Por mim, prefiro a explicação mais simples, que é a de que ela enfiou a mala na chaminé por si mesma, não teve oportunidade de tirá-la de volta, e foi embora para a Inglaterra sem uma muda de roupa. Mas, se vocês precisam de um pouquinho mais de drama na sua vida, fiquem à vontade.

– Sei – disse Shay. Há um monte de coisa errada com Shay, mas a burrice não é uma delas. – E é por isso que você precisa dessa merda – as luvas, que eu estava guardando de volta na jaqueta –, porque você acha que não houve nenhum crime aqui.

– Reflexo condicionado – respondi, abrindo um sorriso para ele. – Um tira é um tira, 24 horas por dia, nos sete dias da semana. Sabe o que estou dizendo? – Shay emitiu um ruído de nojo.

– Theresa Daly vai ficar louca. Louca – disse minha mãe, com uma bela mistura de reverência, inveja e sanguinolência.

Por uma enorme variedade de motivos, eu precisava ter acesso aos Daly antes de qualquer outra pessoa.

– Vou ter uma conversa com ela e com o sr. Daly. Ver o que eles querem fazer. A que horas eles chegam, nos sábados?

– Depende – disse Shay, dando de ombros. – Às vezes, só depois do almoço; às vezes de manhã bem cedo. Na hora em que Nora puder trazê-los.

Era uma complicação. Pude ver pela expressão da minha mãe que ela já estava planejando cair sobre eles no instante em que pusessem a chave na porta. Pensei em dormir no meu carro e impedir sua passagem, mas não havia lugar para estacionar de onde eu pudesse vigiar. Shay estava me observando e se divertindo.

E então minha mãe estufou o peito para falar.

– Você pode passar a noite aqui, Francis, se quiser. Ainda dá para abrir o sofá. – Não supus que essa fosse uma explosão de acolhida carinhosa por conta do reencontro. Minha mãe gosta de saber que você lhe deve alguma coisa. O que nunca é uma boa ideia, mas não me ocorreu nada melhor. E acrescentou: – A

menos que você esteja fino demais para isso. – Para a eventualidade de eu achar que ela estava se tornando boazinha.

– Não estou, não – disse eu, dando um largo sorriso para Shay. – Seria ótimo. Obrigado, mãe.

– Mãe não, mamãe. Imagino que vá querer café da manhã e tudo o mais.

– Posso ficar também? – perguntou Kevin, inesperadamente.

Minha mãe lhe lançou um olhar desconfiado. Ele parecia tão surpreso quanto eu.

– Não posso impedir – disse ela, por fim. – Não me vá destruir meus lençóis bons. – Com isso, ela se ergueu com esforço do sofá e começou a recolher as xícaras de chá.

Shay riu, nada simpático.

– Paz na montanha dos Walton – disse ele, cutucando a mala com o bico da bota. – Bem a tempo para o Natal.

\* \* \*

Minha mãe não permite que se fume dentro de casa. Shay, Jackie e eu levamos nosso vício lá para fora; Kevin e Carmel vieram atrás de nós. Sentamos na escada da frente, como costumávamos fazer quando éramos crianças, chupando picolé depois do chá e esperando que alguma coisa interessante acontecesse. Levei um tempo para perceber que eu ainda estava esperando pela movimentação – garotos com uma bola, um casal aos berros, uma mulher atravessando a rua apressada para trocar fofoca por saquinhos de chá, qualquer coisa –, e que nada disso viria. No nº 11 um casal de estudantes cabeludos estava cozinhando e ouvindo Keane, nem assim tão alto; e no nº 7 Sallie Hearne estava passando roupa, e alguém assistia à televisão. Parecia que essa era toda a agitação do beco hoje em dia.

Tínhamos ido naturalmente parar nos nossos antigos lugares: Shay e Carmel em cantos opostos do degrau de cima, Kevin e eu abaixo deles, Jackie no degrau de baixo, entre nós. Tínhamos deixado marcas pessoais dos traseiros naqueles degraus.

– Minha nossa, como está calor – disse Carmel. – Não parece dezembro de jeito nenhum. Não pode ser. Está tudo errado.

– É o aquecimento global – disse Kevin. – Alguém vai nos dar um cigarro? – Jackie lhe passou um maço.

– Não vá começar a fumar. Hábito nojento.

– Só em ocasiões especiais.

Acendi meu isqueiro, e ele se inclinou para meu lado. A chama lançou a sombra dos seus cílios pelas bochechas, de modo que por um segundo ele deu a impressão de ser um menino dormindo, rosado e inocente. Kevin me adorava,

naquele tempo; andava atrás de mim aonde eu fosse. Fiz sangrar o nariz de Zippy Hearne porque ele tirou de Kevin suas jujubas. Agora ele cheirava a loção pós-barba.

– Sallie – disse eu, apontando para ela com o queixo. – Quantos filhos ela acabou tendo?

Jackie estendeu a mão por cima do ombro para Kevin lhe devolver os cigarros.

– Quatorze. Só de pensar minha bunda arde. – Reprimi um risinho, vi que Kevin me olhava e abria um sorriso para mim.

– Eu tenho quatro – disse Carmel para mim, daí a um instante. – Darren, Louise, Donna e Ashley.

– Jackie me contou. Ponto para você. São parecidos com quem?

– Louise, comigo, que Deus a ampare. Darren é como o pai.

– Donna é igualzinha a Jackie – disse Kevin. – Dentuça e tudo o mais. – Jackie deu-lhe um tapa.

– Cala essa boca!

– Eles devem estar crescidos agora – disse eu.

– Ah, estão, sim. Darren vai fazer o exame final do ensino médio este ano. Ele quer fazer engenharia na UCD, nada menos.

Ninguém perguntou por Holly. Talvez eu tivesse subestimado Jackie; talvez ela soubesse manter a boca fechada.

– Aqui – disse Carmel, revirando a bolsa. Ela encontrou o celular, mexeu um pouco nele e o estendeu para mim. – Quer ver como eles são?

Fui passando pelas fotos. Quatro crianças sardentas, sem graça. Trevor, o mesmo de sempre, com exceção da calvície. Uma casa geminada, de argamassa salpicada, dos anos 1970, em algum subúrbio deprimente do qual eu não conseguia me lembrar. Carmel era exatamente o que sempre tinha sonhado ser. Pouquíssimas pessoas conseguem chegar a dizer isso. Ponto para ela, mesmo que seu sonho me desse vontade de morrer degolado.

– Parece que são filhos incríveis – disse eu, devolvendo o telefone. – Parabéns, Melly.

Quase imperceptível, acima de mim, uma respiração presa.

– Melly. Meu Deus... Não ouço isso há anos.

Àquela luz, eles pareciam ser eles mesmos outra vez. Ela apagava as rugas e as mechas grisalhas, abrandava o peso do queixo de Kevin e limpava a maquiagem de Jackie, até nós sermos só nós cinco, jovens, irrequietos, com olhos de gato no escuro, fiando cada um seu sonho. Se Sallie Hearne olhasse pela janela, ela nos veria: os garotos dos Mackey, sentados na escada da frente. Por um segundo de insanidade, fiquei feliz por estar ali.

– Ai – disse Carmel, mudando de posição. Carmel nunca se deu bem com o silêncio. – Meu traseiro está me matando. Você tem certeza de que foi isso o que

aconteceu? Essa história de Rosie pretender voltar para pegar a mala?

Um chiado baixo que poderia ter sido uma risada, quando Shay soprou fumaça por entre os dentes.

– É cascata, porra. Ele sabe tanto quanto eu.

Carmel deu-lhe um tapa no joelho.

– Olha essa boca! – Shay não se mexeu. – O que você está querendo dizer? Por que seria cascata? – Shay deu de ombros.

– Não tenho certeza de nada – disse eu. – Mas acho, sim, que há uma boa chance de ela estar lá na Inglaterra, vivendo feliz para sempre.

– Sem passagem e sem identidade? – perguntou Shay.

– Rosie tinha guardado dinheiro. Se não conseguisse apanhar a passagem, poderia ter comprado outra. E não se precisava de identidade para ir à Inglaterra naquela época. – O que era a pura verdade. Estávamos levando a certidão de nascimento porque sabíamos que podíamos precisar nos inscrever para o auxílio-desemprego enquanto estivéssemos procurando trabalho, e porque íamos nos casar.

– De qualquer maneira, foi certo eu ligar para você? – perguntou Jackie, em voz baixa. – Ou eu deveria simplesmente...

Tensão no ar.

– ... não ter se intrometido? – disse Shay.

– Não – disse eu. – Você acertou o tempo todo, querida. Sua intuição é perfeita, sabia?

Jackie esticou as pernas e olhou para os sapatos de salto alto. Eu só podia ver sua nuca.

– Pode ser – disse ela.

Ficamos ali sentados, fumando um pouco. O cheiro de malte e de lúpulo queimado havia sumido. Nos anos 1990 a Guinness tinha instalado algum equipamento ecologicamente correto, de modo que agora o Liberties cheirava a emanações de óleo diesel, o que aparentemente era um avanço. Mariposas voavam em círculos em torno do poste de iluminação no fim da rua. Alguém tinha tirado de lá a corda que ficava amarrada no alto para as crianças brincarem de balançar.

Havia uma coisa que eu queria saber.

– O pai parece que está bem – disse eu.

Silêncio. Kevin deu de ombros.

– As costas não estão lá essas coisas – disse Carmel. – Jackie falou...?

– Ela me disse que ele tem problemas. Ele parece estar melhor do que eu esperava encontrar.

Carmel suspirou.

– Ele tem seus dias bons e seus dias ruins, é claro. Hoje é um dia bom. Está ótimo. Nos dias ruins...

Shay deu uma tragada. Ainda segurava o cigarro entre o polegar e o indicador, como um gângster de filmes antigos. E falou sem estardalhaço.

– Nos dias ruins, eu tenho de carregá-lo até o banheiro.

– E eles sabem qual é o problema? – perguntei.

– Não. Pode ser alguma coisa que ele fez no trabalho, pode ser... Não conseguem descobrir. Seja como for, está piorando.

– Ele largou a bebida?

– E isso é da sua conta? – perguntou Shay.

– O pai largou a bebida?

– Ah, ele está bem – disse Carmel, se mexendo.

Shay deu uma risada, como um latido forte.

– Ele está tratando a mãe direito?

– Não é da sua conta mesmo, porra! – disse Shay.

Os outros três prenderam a respiração e esperaram para ver se nós íamos nos engalfinhar. Quando eu tinha 12 anos, Shay quebrou minha cabeça bem ali naquela escada. Ainda tenho a cicatriz. Não muito tempo depois, fiquei maior do que ele. Ele também tem cicatrizes.

Sem pressa, eu me virei para encará-lo.

– Estou perguntando com educação – disse eu.

– Uma pergunta que você não se deu ao trabalho de fazer em vinte anos.

– Ele me perguntou – disse Jackie, baixinho. – Montes de vezes.

– E daí? Você não mora mais aqui. Você não tem como saber mais do que ele.

– É por isso que estou lhe perguntando agora – disse eu. – O pai anda tratando a mãe direito ultimamente?

Ficamos nos encarando, na penumbra, até cansar. Eu me preparei para jogar meu cigarro fora depressa.

– Se eu disser que não – perguntou então Shay –, você vai largar seu belo cafofo de solteirão e se mudar para cá para cuidar dela?

– Com você no andar de cima? Ah, Shay. Você sente tanta falta assim de mim?

Uma janela abriu-se acima de nós, e minha mãe gritou.

– Francis! Kevin! Vocês vão ou não vão entrar?

– Um minuto! – berramos todos juntos. Jackie riu, um som espremido, agudo, nervoso.

– Ouçam nossa voz...

Minha mãe baixou a janela com violência. Um segundo depois, Shay se recostou e cuspiu através das grades. No instante em que ele tirou os olhos de cima de mim, todos relaxaram.

– Preciso ir – disse Carmel. – Ashley gosta de ter a mamãe por perto quando vai dormir. Ela não aceita Trevor; dá um trabalho terrível para ele. Ela acha

engraçado.

– Como você vai pra casa? – perguntou Kevin.

– Estou com o Kia estacionado logo ali na esquina. O Kia é meu – explicou ela, para mim. – Trevor fica com o Range Rover.

Trevor sempre foi um babaquinha deprimente. Era bom saber que tinha saído de acordo com o esperado.

– Legal – disse eu.

– Me dá uma carona? – pediu Jackie. – Vim direto do trabalho, e hoje era o dia de Gav ficar com o carro.

Carmel abaixou o queixo e estalou a língua, com desaprovação.

– E ele não vai vir aqui apanhar você?

– De jeito nenhum. A esta hora, o carro já está em casa e ele está no bar com os amigos.

Carmel se segurou na grade para se levantar e puxou a saia para baixo, ajeitando-se.

– Então eu deixo você em casa. Mas diga àquele Gavin que, se ele vai deixar você trabalhar, o mínimo era ele comprar um carro só para você poder chegar lá. Do que vocês estão rindo?

– O feminismo está vivo e em boa forma – disse eu.

– Esse negócio nunca me serviu pra nada. Gosto de um sutiã bom e resistente. Você, mocinha, pode parar de rir e vir andando antes que eu a deixe aqui com essa cambada.

– Estou indo, perai... – Jackie enfiou os cigarros de volta na bolsa, passou a alça pelo ombro. – Dou uma passada aqui amanhã. Você vai estar aqui, Francis?

– Nunca se sabe. Se não estiver, nos falamos.

Ela estendeu a mão e segurou a minha, dando um aperto forte.

– Fico feliz por ter ligado, seja como for – disse ela num tom baixo, desafiador, como que só entre nós. – E estou feliz por você ter vindo. Você é incrível, incrível mesmo. Trate de se cuidar. Certo?

– Você também é uma boa menina. Nos vemos, Jackie.

Carmel falou, ainda ali.

– Francis, nós vamos...? Tipo, você vai fazer outras visitas? Agora que...

– Vamos resolver esse assunto – disse eu, sorrindo para ela. – Depois a gente vê em que pé se está, ok?

Carmel desceu a escada com cuidado, e nós três ficamos olhando enquanto elas seguiam pelo beco, com as batidas dos saltos finos de Jackie ecoando nas casas, Carmel indo pesada ao seu lado, tentando acompanhar o ritmo. Jackie é muito mais alta que Carmel, mesmo antes de somar o cabelo e os saltos. Por outro lado, Carmel a supera algumas vezes na circunferência. O contraste fazia com que as duas parecessem uma dupla de patetas num desenho animado, saindo para sofrer alguns acidentes dolorosos e cômicos até por fim apanharem o

vilão e salvarem a pátria.

– São mulheres firmes – disse eu, em voz baixa.

– É – disse Kevin. – Elas são.

– Se quiser fazer um favor a essas duas, não volte para outras visitas – disse Shay.

Calculei ser provável que ele estivesse com a razão, mas não lhe dei atenção. Minha mãe veio mais uma vez fazer cena à janela.

– Francis! Kevin! Preciso trancar a porta. Ou vocês entram ou podem dormir onde estão.

– Entrem – disse Shay –, antes que ela acorde a rua inteira. – Kevin se levantou, espreguiçando-se e estalando o pescoço.

– Vai entrar também?

– Não – respondeu Shay. – Vou fumar mais um. – Quando fechei a porta do hall, ele ainda estava sentado na escada, de costas para nós, acendendo o isqueiro e olhando para a chama.

Minha mãe tinha jogado um edredom, dois travesseiros e uma pilha de lençóis no sofá, e tinha ido dormir, para deixar bem claro o que achava de nossa demora lá fora. Ela e meu pai tinham se transferido para nosso antigo quarto. O das meninas fora transformado em banheiro nos anos 1980, a julgar pelo atraente conjunto verde-abacate. Enquanto Kevin se respingava de água lá dentro, saí para o patamar – minha mãe tem um ouvido aguçadíssimo – e liguei para Olivia.

Já passava muito das 11.

– Ela está dormindo – disse Olivia. – E muito decepcionada.

– Eu sei. Só queria agradecer de novo, e pedir desculpas de novo. Eu simplesmente acabei com seu encontro?

– Acabou. O que você imaginava que aconteceria? O Coterie traria mais uma cadeira, e Holly conversaria conosco sobre a lista de indicados para o prêmio Booker enquanto comíamos salmão *en croute*?

– Tenho umas coisas para fazer por aqui amanhã, mas vou tentar apanhar Holly antes do jantar. Talvez você e Dermot possam se reprogramar.

Ela deu um suspiro.

– O que está acontecendo por aí? Estão todos bem?

– Ainda não tenho certeza – disse eu. – Ainda estou tentando descobrir. Amanhã devo ter uma ideia mais clara.

Silêncio. Pensei que Liv estivesse puta comigo por eu não me abrir, mas aí ela falou.

– E você, Frank? Você está bem?

A voz estava mais mansa. No mundo inteiro, a última coisa que eu precisava naquela noite era de Olivia ser simpática comigo. Isso me atingiu até a medula, como se fosse água, reconfortante e traiçoeira.

– Nunca estive melhor. Preciso ir. De manhã, dê um beijo em Holly por mim. Ligo para vocês amanhã.

Kevin e eu arrumamos o sofá-cama, cada um com a cabeça para um lado, para podermos nos sentir como dois caras de volta de alguma festa fenomenal, em vez de dois filhinhos dividindo um colchão. Ficamos ali deitados, nos leves desenhos da luz que entrava pelas cortinas de renda, escutando a respiração um do outro. No canto, a imagem do Sagrado Coração de minha mãe brilhava com um vermelho lúgubre. Imaginei a cara de Olivia se algum dia ela visse aquela imagem.

– Bom ver você – disse Kevin, baixinho, daí a pouco. – Você sabe, né?

Seu rosto estava na sombra. Tudo o que eu podia ver eram suas mãos no edredom, um polegar esfregando distraído uma junta.

– Bom ver você também – disse eu. – Você está ótimo. Não dá para acreditar que está maior do que eu.

Uma risada abafada.

– Mesmo assim, eu não ia querer encarar você numa briga.

Eu ri também.

– Você está certo. Hoje em dia sou especialista em combate corpo a corpo.

– Verdade?

– Não. Sou especialista em papelada e em me livrar de encrencas.

Kevin rolou para ficar de lado, para poder me ver, e apoiou a cabeça num braço.

– Posso fazer uma pergunta? Por que a polícia?

Policiais como eu são o motivo pelo qual nunca se é destacado para o lugar de onde se veio. Se você quiser ser rigoroso, todo mundo com quem eu cresci era provavelmente um pequeno marginal, de um modo ou de outro, não por maldade, mas porque era assim que as pessoas sobreviviam. Metade do beco recebia auxílio-desemprego, e todos eles faziam biscates, especialmente quando se aproximava o início das aulas e os filhos precisavam de livros e uniformes. Num inverno, quando Kevin e Jackie tiveram bronquite, Carmel trouxe para casa carne do Dunne's, onde ela trabalhava, para reforçar a alimentação dos pequenos. Ninguém nunca perguntou como Carmel pagou essa despesa. Quando eu estava com 7 anos, já sabia mexer no medidor de gás para minha mãe poder fazer o jantar. O orientador de carreira não teria me classificado como material promissor para ser policial.

– Pareceu empolgante – disse eu. – Só isso. Receber salário pela oportunidade de uma atividade emocionante. Tem alguma coisa para não gostar?

– E é? É empolgante?

– Às vezes.

Kevin ficou me olhando, esperando.

– O pai teve um ataque – disse ele, por fim. – Quando Jackie nos contou.

Meu pai começou como estucador; mas, quando nós chegamos, ele já bebia em tempo integral, com uma dedicação paralela a coisas que tinham caído da traseira de caminhões. Acho que ele teria preferido que eu me tornasse garoto de programa.

– É, bem – disse eu. – É só mais um ponto positivo. Agora, quero que você me diga uma coisa. O que aconteceu no dia depois que fui embora?

Kevin rolou para ficar deitado de costas e cruzou os braços atrás da cabeça.

– Você nunca perguntou a Jackie?

– Jackie tinha 9 anos. Ela não sabe ao certo do que se lembra e do que imaginou. Diz que um médico de jaleco branco levou a sra. Daly, coisas desse tipo.

– Não teve médico – disse Kevin. – Não que eu visse, pelo menos.

Ele estava com os olhos fixos no teto. A luz da rua que entrava pela janela fazia seus olhos cintilarem como águas escuras.

– Eu me lembro de Rosie – disse ele. – Eu sei que eu era só um menino, mas... tenho uma lembrança muito forte, sabe? Aquele cabelo, aquela risada, seu jeito de andar... Ela era linda, era sim.

– Ela era isso mesmo. – Dublin naquela época era toda parda, cinzenta e bege, e Rosie tinha uma dúzia de cores vivas: uma explosão de cachos da cor de cobre que desciam até a cintura, olhos como lascas de vidro verde seguradas contra a luz, a boca vermelha, a pele branca e sardas douradas. Metade do bairro de Liberties estava a fim de Rosie Daly, e o que a tornava ainda mais desejável era que ela não ligava a mínima. Nada disso fazia com que ela se acreditasse especial. Tinha curvas vertiginosas, e as encarava com a mesma despreocupação com que usava seus jeans remendados.

Vou contar como era Rosie, naquela época em que as freiras convenciam meninas, nem de longe tão bonitas, de que seus corpos eram um misto de fossa séptica e cofre de banco; e os garotos eram uns ladrõezinhos imundos. Numa noite de verão, quando estávamos com uns 12 anos, antes de percebermos que éramos apaixonados um pelo outro, nós dois estávamos brincando de médico. O máximo que eu tinha conseguido ver de uma mulher nua até então era algum decote generoso em preto e branco no jornal. E então Rosie tirou a roupa num canto, como se ela simplesmente estivesse atrapalhando, e saiu rodopiando na penumbra da casa nº 16, com a palma das mãos para cima, luminosa, risonha, quase perto o suficiente para eu a tocar. Essa lembrança ainda me deixa sem fôlego. Eu era jovem demais até mesmo para saber o que queria fazer com ela. Eu simplesmente não sabia nada. No mundo inteiro, nem a Mona Lisa caminhando pelo Grand Canyon, com o Santo Graal numa das mãos e um bilhete premiado de loteria na outra, jamais seria tão linda.

Kevin falou baixinho, para o teto.

– Nós nem mesmo achamos que tinha acontecido alguma coisa, de início.

Shay e eu percebemos que você não estava lá quando acordamos, é claro, mas só achamos que você tinha ido a algum lugar. E então, quando estávamos tomando o café, a sra. Daly entrou rugindo, procurando por você. Quando dissemos que você não estava, ela praticamente teve uma droga de um ataque cardíaco. As coisas de Rosie tinham sumido, e a sra. Daly berrava, dizendo que você tinha fugido com ela ou a tinha sequestrado, não sei o que mais ela falou. O pai começou a responder aos berros, e a mãe tentava fazer os dois calarem a boca antes que os vizinhos ouvissem...

– Duvido que tenha conseguido – disse eu. A forma de loucura da sra. Daly é diferente da de minha mãe, mas é no mínimo tão estridente quanto a dela.

– É, eu sei. E nós estávamos ouvindo outra pessoa aos berros do outro lado da rua, e eu e Jackie fomos dar uma olhada. O sr. Daly estava jogando o resto das coisas de Rosie pela janela, e a rua inteira estava saindo para ver o que estava acontecendo... Tenho de lhe dizer a verdade, achei tudo aquilo um circo. – Ele abriu um sorriso. Não pude deixar de sorrir também.

– Eu teria pago um bom dinheiro para ver isso.

– É mesmo. E quase virou uma briga de mulheres. A sra. Daly chamou você de malandro, e a mãe chamou Rosie de piranha, tal mãe, tal filha. A sra. Daly subiu pelas paredes.

– Veja bem, meu dinheiro eu apostaria na mãe. A vantagem do peso.

– Não a deixe ouvir você dizer isso.

– Ela podia simplesmente se sentar em cima da sra. Daly até ela se render. Estávamos rindo, baixinho no escuro, como duas crianças.

– Mas a sra. Daly estava armada – disse Kevin. – Aquelas unhas...

– Caralho. Ela ainda usa aquelas unhas?

– Mais compridas. Ela é... como é que se diz?

– Um ancinho?

– Não! Como os trecos dos ninjas. Uma estrela ninja em forma de gente.

– E então quem venceu?

– A mãe, mais ou menos. Ela empurrou a sra. Daly para o patamar lá fora e bateu a porta. A sra. Daly berrava e chutava a porta e tudo o mais, mas no fim desistiu. Ela preferiu ir brigar com o sr. Daly por causa das coisas de Rosie. As pessoas estavam praticamente vendendo ingressos. Melhor que *Dallas*.

No nosso antigo quarto, meu pai teve um acesso de tosse que fez a cama chocalhar contra a parede. Nós ficamos paralisados, escutando. Ele recuperou a respiração em longos chiados.

– Seja como for – disse Kevin, mais baixo. – Esse foi como o fim da história. Foi uma fofoca das grandes por, tipo, duas semanas e depois todos se esqueceram, mais ou menos. A mãe e a sra. Daly não se falaram por alguns anos. O pai e o sr. Daly nunca tinham se falado mesmo. Quer dizer que não houve nenhuma grande mudança por esse lado. A mãe ficava furiosa todo Natal,

quando você não mandava um cartão, mas...

Mas era a década de 1980, e a emigração era uma das três carreiras principais, junto com a firma do papai e o auxílio-desemprego. Minha mãe tinha de calcular que pelo menos um dos filhos ia acabar com uma passagem de balsa só de ida.

– Ela não achou que eu estivesse morto numa vala?

Kevin bufou.

– Não. Ela disse que quem quer que se machucasse, não seria o nosso Francis. Não ligamos para a polícia, não comunicamos seu desaparecimento nem nada, mas isso não foi... Não que não estivéssemos nos importando. Nós só imaginamos... – O colchão se mexeu quando ele deu de ombros.

– Que Rosie e eu tínhamos fugido juntos.

– É. Quer dizer, todo mundo sabia que vocês dois eram loucos um pelo outro. E todo mundo sabia o que o sr. Daly pensava sobre isso. Então, por que não? Entende o que eu quero dizer?

– É – disse eu. – Por que não?

– Além disso, tinha o bilhete. Acho que foi ele que foi a gota d'água para a sra. Daly: alguém estava à toa na casa nº 16 e encontrou o tal bilhete. Parece que era de Rosie. Não sei se Jackie lhe contou...

– Eu li o bilhete – disse eu.

Kevin voltou a cabeça para mim.

– É mesmo? Você viu o bilhete?

– Vi.

Ele esperou. Eu não me estendi.

– Quando foi...? Quer dizer, foi antes de ela deixar o bilhete lá? Ela lhe mostrou?

– Depois. Tarde naquela noite.

– E então? Ela deixou o bilhete para você? Não para a família?

– Foi o que pensei. Era pra gente se encontrar naquela noite, ela não apareceu. Imaginei que o bilhete tinha de ser para mim.

Quando cheguei à conclusão de que ela estava falando sério, que não ia aparecer porque já tinha ido embora, apanhei minha mochila e saí andando. Segunda-feira, começando a amanhecer. A cidade estava enregelante e deserta; só eu, um gari e alguns operários cansados do turno da noite de volta para casa na penumbra gelada. O relógio do Trinity avisou que a primeira balsa estava partindo de Dun Laoghaire.

Fui acabar numa casa abandonada, perto da Baggot Street, onde um grupo de roqueiros fedorentos morava com um vira-lata de olhos opacos chamado Keith Moon e uma quantidade impressionante de haxixe. Eu mais ou menos conhecia o pessoal pelos shows. Cada um deles achou que o outro tinha me convidado para ficar por ali um pouco. Um deles tinha uma irmã não fedorenta que morava num

apartamento em Ranelagh e, se gostasse de você, deixava que usasse seu endereço para pedir o auxílio-desemprego. E acabou se revelando que ela gostava muito de mim. Quando pus o endereço dela no formulário para a escola de formação de policiais, praticamente já era verdade. Foi um alívio quando fui aceito e precisei ir para Templemore para estudar. Ela havia começado a dar pistas de que queria se casar.

A safada da Rosie, está entendendo? Acreditei nela, em cada palavra. Rosie não era de fazer manobras; ela simplesmente abria a boca e falava, direto, mesmo que ferisse o outro. Esse era um dos motivos pelos quais eu a amava. Depois de viver com uma família como a nossa, encontrar alguém que não fazia intrigas era o que podia haver de mais intrigante. Por isso, quando ela disse *Juro que volto um dia*, eu acreditei, por 22 anos. O tempo todo em que dormi com a irmã do roqueiro fedorento, o tempo todo em que saí com garotas bonitas, exuberantes, provisórias, que mereciam alguma coisa melhor, o tempo todo em que estive casado com Olivia, fingindo me sentir bem em Dalkey, eu estava esperando que Rosie Daly entrasse pela porta.

– E agora? – perguntou Kevin. – Depois de hoje. O que você acha agora?

– Não me pergunte. A esta altura, eu sinceramente não tenho a menor ideia do que estava passando pela cabeça de Rosie.

– Shay acha que ela morreu, sabe? – disse ele, baixinho. – E Jackie também.

– É – disse eu. – Parece que acham.

Ouvi Kevin respirar fundo, como se estivesse se preparando para dizer alguma coisa. Depois de um instante, ele soltou o ar.

– Que foi? – perguntei.

Ele sacudiu a cabeça.

– Que foi, Kev?

– Nada.

Fiquei esperando.

– Só que... Ah, eu não sei. – Ele se mexeu na cama, irrequieto. – Foi duro para Shay, você ir embora.

– Isso porque nós éramos tão amigos?

– Eu sei que vocês brigavam o tempo todo. Mas no fundo... quer dizer, vocês ainda são irmãos, sabe?

Não só estava óbvio que isso era cascata – minha primeira lembrança nesta vida é de acordar com Shay tentando enfiar um lápis no meu tímpano – mas também estava óbvio que era uma cascata que Kevin estava inventando para me distrair de não importava o que fosse que ele tinha pretendido dizer. Quase forcei a barra. Ainda me pergunto o que teria acontecido, se tivesse feito isso. Antes que eu chegasse a esse ponto, a porta do hall se fechou com um estalido, um som leve, proposital. Shay, entrando.

Kevin e eu ficamos em silêncio, escutando. Passos discretos, parando por um

segundo no patamar ali fora, para então subir pela escada. Estalido de outra porta. O assoalho rangendo acima de nós.

– Kev – disse eu.

Kevin fingiu que estava dormindo. Depois de um tempo, sua boca se relaxou e ele começou a fazer uns barulhinhos de sopro.

Demorou muito até Shay parar de se movimentar, sem ruído, pelo apartamento. Quando a casa ficou em silêncio, deixei passar 15 minutos e me sentei com cuidado – Jesus, iluminado ali no canto, me lançou um olhar que dizia que ele conhecia meu tipo – e fui dar uma olhada pela janela. Tinha começado a chover. Todas as luzes no beco estavam apagadas, menos uma, que, acima da minha cabeça, lançava faixas amarelas molhadas pelas pedras do calçamento.

Minha relação com o sono é do tipo camelo. Faço reservas quando tenho oportunidade, mas posso passar muito tempo sem dormir se precisar fazer outra coisa. Passei aquela noite olhando para o volume escuro da mala abaixo da janela, escutando os roncos do meu pai e organizando minha cabeça, me preparando para o dia seguinte.

As possibilidades estavam emaranhadas como espaguete, mas duas sobressaíam. Uma era a explicação que eu tinha dado à minha família, uma pequena variante da mesma velha história. Rosie decidiu fugir sozinha e, por isso, escondeu a mala cedo, para escapar rapidamente com menos chance de ser apanhada pela família ou por mim. Quando voltou para apanhar a mala e deixar o bilhete, ela precisou passar pelos quintais dos fundos, porque eu estava vigiando a rua. Levantar a mala por cima dos muros teria feito barulho demais, e ela a deixou onde a tinha escondido e foi embora – os baques e farfalhadas que eu ouvira passando pelos quintais – para sua nova vida luminosa.

Quase funcionava. Explicava tudo, menos uma coisa: as passagens da balsa. Mesmo que Rosie tivesse planejado não pegar a balsa de amanhã cedo e ficar escondida por um dia ou dois, caso eu aparecesse no cais em perfeito estilo Stanley Kowalski, ela teria tentado fazer alguma coisa com sua passagem: trocar, vender. Elas haviam custado mais que a metade do salário de uma semana para cada um. Era impossível acreditar que ela as tivesse deixado para apodrecer por trás de uma lareira, a menos que não tivesse tido escolha.

A outra grande possibilidade era a que Shay e Jackie, em seus níveis diferentes de simpatia, tinham levantado. Alguém interceptara Rosie, fosse a caminho da Hipótese 1, fosse a caminho de se encontrar comigo.

Eu vivia num acordo com a Hipótese 1. Mais da metade da minha vida, ela se enfiara num cantinho da minha cabeça, como uma bala alojada fundo demais para ser extraída. Na maior parte do tempo, eu não sentia as pontas afiadas, desde que não tocasse nela. A Hipótese 2 fazia explodir minha cabeça.

Era uma noite de sábado, pouco mais que um dia antes da Hora Marcada. Foi essa a última vez que vi Rosie Daly. Eu estava saindo para trabalhar. Eu tinha um colega chamado Wiggy, que era vigia noturno num estacionamento; e ele tinha um colega chamado Steve, que era leão de chácara numa boate. Quando Steve queria uma noite de folga, Wiggy ficava no seu lugar; e eu, no de Wiggy. Todos recebiam em dinheiro, e todos ficavam satisfeitos.

Rosie estava encostada nas grades da casa nº 4 com Imelda Tierney e Mandy Cullen, numa bolha de risinhos com cheiros de flores, cabelos compridos e gloss cintilante nos lábios, esperando que Julie Nolan descesse. Era uma noite fria, com o nevoeiro embaçando o ar. Rosie estava com as mangas puxadas para cobrir as

mãos e soprava nelas. Imelda dava pulinhos para se manter aquecida. Três crianças pequenas se balançavam no poste no alto da rua, “Tainted Love” saía aos berros pela janela de Julie e o ar tinha aquela eletricidade de sábado à noite, uma efervescência almiscarada como sidra, provocante.

– Olha só o Francis Mackey – disse Mandy, para o ar, cutucando as outras duas nas costelas. – Que cabelo. Ele se acha maravilhoso, não?

– E aí, meninas – disse eu, sorrindo para elas.

Mandy era baixinha e morena, com uma franja fofa e muito brim desbotado. Ela não me deu atenção.

– Se ele fosse sorvete, ia morrer de tanto se lamber – disse ela às outras.

– Eu preferia que alguém fizesse isso por mim – disse eu, mexendo com as sobancelhas. As três deram grinchos.

– Vem cá, Frankie – chamou Imelda, balançando a permanente. – Mandy quer saber...

Mandy deu um berro estridente e voou para tampar a boca de Imelda com a mão. Imelda escapou, se abaixando.

– Mandy me disse para te perguntar...

– Cala a boca!

Rosie estava rindo. Imelda agarrou as mãos de Mandy e as manteve longe.

– Ela disse para perguntar se seu irmão gosta de ir ao cinema para não assistir ao filme.

Ela e Rosie se desmancharam em risos. Mandy cobriu o rosto com as mãos.

– Imelda, sua vaca! Estou morrendo de vergonha!

– E deveria mesmo – disse eu. – Ele ainda não saiu das fraldas. Mal está começando a fazer a barba, sabia?

Rosie estava dobrada ao meio.

– Ele não. Não o Kevin!

– Ela quis dizer Shay! – disse Imelda, sem fôlego. – Shay gostaria de ir ao...

– Estava rindo demais para conseguir terminar. Mandy deu um guincho e se escondeu de novo atrás das mãos.

– Duvido – disse eu, fazendo que não, com ar pesaroso. Os homens da família Mackey nunca tiveram problemas no que diz respeito a mulheres, mas ninguém chegava aos pés de Shay. Quando cheguei a ter idade suficiente para entrar em ação, eu já tinha como líquido e certo, só de observá-lo, que, quando se queria uma garota, ela vinha correndo. Rosie uma vez disse que bastava Shay olhar para uma garota que o sutiã dela se abria. – Acho que nosso Shay talvez esteja mais a fim de garotos, sabem o que quero dizer?

Todas as três berraram de novo. Puxa, como gosto de bandos de garotas prontas para sair, coloridas como o arco-íris e perfeitas como presentes bem embrulhados. Tudo o que se quer fazer é apertá-las para ver se uma delas é para você. A certeza de saber que a melhor era só minha fazia com que eu me

sentisse um Steve McQueen, como se, caso eu tivesse uma moto, pudesse colocar Rosie na garupa e saltar por cima dos telhados.

– Vou contar a Shay que você disse isso! – disse Mandy.

O olhar de Rosie encontrou o meu, um pequeno relance secreto. Quando Mandy dissesse qualquer coisa a Shay, nós dois estaríamos do outro lado do mar, fora do seu alcance.

– Fique à vontade – disse eu. – Só não diga nada para minha mãe. Vamos precisar contar a ela aos poucos, com jeitinho.

– Mandy vai convertê-lo, não vai?

– Eu juro, Imelda...

A porta do nº 3 se abriu e o sr. Daly saiu. Puxou a calça para cima, cruzou os braços e se encostou no batente da porta.

– Boa-noite, sr. Daly. – Ele fez que não ouviu.

Mandy e Imelda se empertigaram e olharam de lado para Rosie.

– Estamos esperando Julie – disse Rosie.

– Maravilha – disse o sr. Daly. – Vou esperar junto com vocês. – Ele tirou do bolso da camisa um cigarro esmagado e começou cuidadosamente a alisá-lo para voltar à forma. Mandy tirou uma lanugem solta do seu pulôver e a examinou. Imelda endireitou a saia.

Naquela noite, até mesmo o sr. Daly me deixava feliz, e não só por eu imaginar a cara dele quando acordasse na manhã de segunda-feira.

– O senhor está muito alinhado hoje, sr. Daly. Vai também dar uma passada pelas discotecas?

Um músculo tremelicou no seu queixo, mas ele continuava vigiando as garotas.

– Hitler de merda – disse Rosie, baixinho, enfiando as mãos nos bolsos da jaqueta jeans.

– Vamos ver por que Julie está demorando? – sugeriu Imelda.

– É melhor mesmo – disse Rosie, dando de ombros.

– Bye-bye, Frankie – disse Mandy, dando-me um sorriso atrevido, com covinhas. – Dá um alô para o Shay por mim.

Quando Rosie se virou para ir, uma pálpebra caiu e sua boca se crispou, por uma fração de segundo: uma piscada e um beijo. E então ela subiu correndo a escada da entrada do nº 4 e desapareceu – entrando no hall escuro e saindo da minha vida.

Passei centenas de noites deitado acordado num saco de dormir, cercado de roqueiros fedorentos e Keith Moon, destrinchando em fiapos aqueles cinco últimos minutos, em busca de uma pista. Achei que estava perdendo a razão. Devia ter havido alguma coisa ali, sem dúvida, mas eu teria sido capaz de jurar por todos os santos do calendário que eu não tinha deixado de perceber nada. E de repente parecia que talvez eu não tivesse sido tão bobo afinal de contas; talvez

não tivesse sido o babaca mais fácil de enganar do mundo; talvez eu simplesmente estivesse certo. Existe esse tipo de distinção quase imperceptível.

Naquele bilhete não havia nada, nem uma palavra, que dissesse que ele se dirigia a mim. Isso eu tinha deduzido como líquido e certo. Afinal de contas, era a mim que ela estava deixando. Mas nosso plano original envolvia deixar um monte de outras pessoas naquela noite. O bilhete poderia ter sido para sua família, para as garotas, para o beco inteiro.

No nosso antigo quarto, meu pai fez um barulho como o de um búfalo sendo estrangulado. Kevin resmungou alguma coisa dormindo e virou na cama, com um braço no ar, atingindo meus tornozelos. A chuva agora era pesada e uniforme, constante.

Como já disse, eu me esforço ao máximo para me manter um passo à frente do golpe inesperado. Durante o que restava do fim de semana, pelo menos, eu precisaria trabalhar com a hipótese de que Rosie não saiu do Faithful Place com vida.

De manhã, assim que eu tivesse convencido os Daly de que eles queriam deixar a mala em minhas mãos competentes e de que não queriam chamar a polícia, eu precisaria conversar com Imelda, Mandy e Julie.

Minha mãe se levantou por volta das sete. Ouvi o rangido das molas da cama, em meio à chuva, quando ela ficou em pé. A caminho da cozinha, ela parou na porta da sala de estar por um bom minuto, olhando para mim e Kevin, pensando só Deus sabe o quê. Mantive os olhos fechados. Por fim, ela fungou, um barulhinho irônico, e seguiu adiante.

O café da manhã tinha de tudo: ovos, bacon frito, salsichas, morcela, pão frito, tomates fritos. Estava claro que a refeição era algum tipo de declaração, mas eu não conseguia resolver se era *Está vendo, nós estamos nos virando muito bem sem você*; ou *Eu ainda estou me matando de trabalhar por você, apesar de você não fazer por merecer*; ou possivelmente *Estaremos quites quando isso aqui lhe der um ataque cardíaco*. Ninguém mencionou a mala. Parecia que estávamos encenando o café da manhã da família feliz, o que por mim tudo bem. Kevin devorou tudo o que estava ao seu alcance e olhava sorrateiro para mim, do outro lado da mesa, como uma criança avaliando um desconhecido. Meu pai comia em silêncio, com exceção de um ou outro resmungo quando queria mais. Mantive um olho na janela, enquanto pensava em como trabalhar minha mãe.

Perguntas diretas seriam o caminho para acusações: *De repente você quer saber dos Nolan, mas não se importou em saber o que aconteceu com qualquer um de nós por 22 anos*, enxágue e repita o processo. O jeito de entrar no banco de dados da minha mãe passa pela desaprovação. Na noite anterior, eu tinha percebido que a casa nº 5 estava pintada de um tom particularmente enternecedor de rosa-bebê, que deve ter causado um acesso de raiva ou dois.

– Legal a reforma no nº 5 – disse eu, para lhe dar a chance de me contradizer.

Kevin me lançou um olhar espantado de “ficou maluco?”.

– Parece que um Teletubby vomitou na casa – disse ele, com a boca cheia de pão frito.

Os lábios da minha mãe sumiram.

– Yuppies – disse ela, como se fosse uma doença. – Trabalham com TI, os dois, seja lá o que isso for. Você não vai acreditar. Eles têm uma estrangeira que ajuda com o serviço da casa em troca de casa e comida. Você já ouviu coisa parecida? É uma moça da Rússia ou de um daqueles países de lá, é, sim. Eu ia levar o resto da vida para pronunciar o nome dela. O filhinho tem só um ano, Deus o abençoe, e ele nunca vê mamãe nem papai, de um fim de semana ao outro. Não sei para que eles quiseram ter um filho, afinal.

Fiz uns ruídos chocados nos momentos certos.

– Onde foram parar os Halley, e a sra. Mulligan?

– Os Halley foram embora para Tallaght, quando o senhorio vendeu a casa. Criei vocês cinco aqui neste apartamento e nunca precisei de ninguém para me ajudar. Aposto minha vida que aquela mulher teve esse filho com anestesia epidural. – Minha mãe quebrou mais um ovo na frigideira.

Meu pai levantou os olhos do prato com salsichas.

– Em que ano você acha que estamos? – perguntou-me ele. – Já faz 15 anos que a sra. Mulligan morreu. A mulher estava com nada menos que 89 anos.

Isso distraiu minha mãe dos yuppies epidurais. Minha mãe adora falecimentos.

– Vem cá, adivinha quem mais morreu. – Kevin revirou os olhos.

– Quem? – perguntei, condescendente.

– O sr. Nolan. Nunca adoeceu um dia na vida inteira e então caiu mortinho no meio da missa, voltando da Comunhão. Infarto fulminante. O que acha disso?

Valeu, sr. Nolan: ali estava minha deixa.

– Que terrível – disse eu. – Que descanse na paz de Deus. Antigamente eu andava com Julie Nolan. Que fim levou ela?

– Sligo – disse minha mãe, com uma satisfação sinistra, como se fosse a Sibéria. Ela raspou o resto da fritura, a parte da mártir, para o seu prato e veio se juntar a nós à mesa. Estava começando a arrastar os pés por conta do problema na bacia.

– Quando a fábrica se mudou. Voltou aqui para o enterro. Está com a cara igual ao traseiro de um elefante de tanto bronzamento artificial. Aonde você vai à missa agora, Francis?

Meu pai bufou.

– Aqui e ali – respondi. – E Mandy Cullen, ainda está por aí? A moreninha que gostava de Shay?

– Todas gostavam de Shay – disse Kevin, com um sorriso. – Quando eu estava crescendo, toda a minha experiência foi com garotas que não conseguiam pôr as mãos em Shay.

– Uns mulherengos, vocês todos – disse meu pai. Acho que quis dizer no bom sentido.

– E olhem só como ele está agora – disse minha mãe. – Mandy se casou com um cara simpático da New Street, e agora é Mandy Brophy; eles têm dois filhos e um carro. Podia ter sido nosso Shay, se ele tivesse se dado ao trabalho. E você, garoto – ela apontou o garfo para Kevin –, vai acabar igual a ele se não se cuidar.

Kevin concentrou a atenção no prato.

– Estou ótimo.

– Mais cedo ou mais tarde vai ter que tomar juízo. Você não pode ser feliz para sempre. Com quantos anos você está agora?

Ser poupado desse ataque em particular foi um pouco perturbador. Não que eu me sentisse negligenciado, mas estava começando a me perguntar se Jackie tinha aberto a boca ou não.

– Mandy ainda mora por perto? Eu devia lhe fazer uma visita enquanto estou por aqui.

– Ainda no nº 9 – respondeu minha mãe de pronto. – O sr. e a sra. Cullen ficaram com o andar de baixo; Mandy e a família, os outros dois. Para ela poder cuidar da mamãe e do papai. É uma mulher e tanto, a Mandy. Leva a mamãe à consulta na clínica todas as quartas, para os ossos; e a da sexta é para...

De início tudo o que ouvi foi uma pequena interrupção no ritmo uniforme da chuva, em algum lugar mais para o alto do beco. Parei de escutar minha mãe. Passos se aproximando, espalhando água, mais de uma pessoa, vozes. Larguei na mesa meu garfo e faca e fui até a janela, depressa (“Francis Mackey, em nome de Deus o que você está fazendo?”), e depois de todo esse tempo Nora Daly ainda andava exatamente como a irmã.

– Preciso de um saco de lixo – disse eu.

– Você não comeu o que eu preparei para você – disse minha mãe, com voz áspera, apontando a faca para meu prato. – Sente-se e termine de comer.

– Vou comer depois. Onde ficam os sacos de lixo?

Minha mãe estava com todas as papadas abaixadas, pronta para a briga.

– Não sei de que modo você vive hoje em dia, mas debaixo do meu teto não vai desperdiçar comida. Coma isso e depois me pergunte de novo.

– Mãe, não tenho tempo. Aqueles são os Daly. – Abri a gaveta onde os sacos de lixo ficavam. Estava cheia de coisinhas rendadas, dobradas, só Deus sabe o quê.

– Feche essa gaveta! Agindo como se morasse aqui...

Kevin, garoto esperto, estava com a cabeça totalmente baixa.

– O que o faz pensar que os Daly querem ver seus cornos? – Meu pai quis

saber. – É provável que eles achem que tudo isso é culpa sua.

–... invadindo tudo como um xerife...

– Pode ser – concordei, abrindo mais gavetas –, mas mesmo assim vou lhes mostrar a mala, e não quero que caia chuva nela. *Porra...* onde é... – Tudo o que eu conseguia encontrar era lustra-móveis em quantidades industriais.

– *Olha essa língua!* Se achando bom demais para meu café da manhã caprichado...

– Peraí um instante para eu calçar meus sapatos – disse meu pai –, e eu vou junto. Ia adorar ver a cara de Matt Daly.

E Olivia queria que eu apresentasse Holly a isso.

– Não, obrigado – disse eu.

– O que você come no café da manhã em casa? Caviar?

– Frank – disse Kevin, não aguentando mais. – Debaixo da pia.

Abri o armário; e, graças ao bom Deus, lá estava o Santo Graal: um rolo de sacos de lixo. Arranquei um e parti para a sala de estar. No caminho, falei com Kevin.

– Quer vir junto só para fazer companhia? – Meu pai tinha razão. Não era provável que os Daly gostassem de mim, mas, a menos que as coisas tivessem mudado, ninguém detestava Kevin.

Kevin afastou a cadeira da mesa.

– Obrigadão – disse ele.

Na sala de estar, ensaquei a mala com a maior delicadeza possível.

– Meu Deus – disse eu. A mãe continuava (“Kevin Vincent Mackey! Trate de voltar para cá *agora* e...”). – O hospício está pior do que eu me lembrava.

Kevin deu de ombros e vestiu a jaqueta.

– Eles vão sossegar quando a gente sair.

– Eu por acaso disse que vocês podiam sair da mesa? Francis! Kevin! Vocês estão me ouvindo?

– Fecha essa matraca, *porra* – disse meu pai a minha mãe. – Estou tentando comer.

Ele não estava levantando a voz, pelo menos ainda não, mas o som fez com que meu queixo se retessasse; e eu vi os olhos de Kevin se fecharem por um instante.

– Vamos sair daqui – disse eu. – Quero pegar Nora antes que ela vá embora.

Levei a mala lá para baixo equilibrada nos antebraços, de leve, com cuidado para não danificar as provas. Kevin segurou as portas para mim. A rua estava vazia. Os Daly tinham entrado no nº 3 e desaparecido. O vento forte descia pela rua e me atingiu no peito, como uma mão enorme me desafiando a prosseguir.

Até onde consigo me lembrar, meus pais e os Daly se odiavam profundamente, por uma enorme variedade de razões que estourariam um vaso sanguíneo de

qualquer pessoa de fora que tentasse compreendê-las. Na época em que Rosie e eu começamos a sair, fiz algumas perguntas, para tentar descobrir por que a ideia do namoro deixava o sr. Daly tão furioso, mas tenho bastante certeza de que só arranhei a superfície dos motivos. Em parte, estava relacionado ao fato de que os homens da família Daly trabalhavam na Guinness, o que os situava numa camada superior aos demais: emprego sólido, bons benefícios, a oportunidade de ascensão social. O pai de Rosie estudava à noite, falava em ser promovido para sair da linha de produção. Eu sabia por Jackie que nessa ocasião ele tinha algum cargo de supervisão e que eles haviam comprado o nº 3 de seu senhorio. Meus pais não gostavam de gente com ares de superioridade; já os Daly não gostavam de alcoólatras desempregados e inúteis. Segundo minha mãe, havia também um elemento de inveja, que envolvia o fato de ela ter parido a nós cinco sem o menor esforço, enquanto Theresa Daly só tinha conseguido as duas garotas e nenhum filho para seu marido; mas, se você se detivesse demais nesse assunto, ela começava a falar dos abortos naturais da sra. Daly.

Minha mãe e a sra. Daly se falavam, na maioria das vezes; as mulheres preferem se odiar mas manter as inimigas por perto – dá menos trabalho. Nunca vi meu pai e o sr. Daly trocarem mais que uma palavra. O mais próximo que chegavam de uma conversa – e eu não sabia muito bem de que forma tinha a ver com questões de emprego ou inveja na área da obstetria – era uma ou duas vezes por ano, quando meu pai vinha para casa um pouco mais de pileque do que de costume, passava trôpego por nossa casa e ia direto ao nº 3. Ele ficava tentando se firmar em pé na rua, chutando as grades e gritando para Matt Daly sair e brigar com ele feito homem, até que minha mãe e Shay ou, se minha mãe estivesse fazendo faxina em algum escritório na noite em questão, Carmel, Shay e eu íamos lá e o convencíamos a voltar para casa. Dava para sentir a rua inteira ouvindo, cochichando e se divertindo, mas os Daly não abriam uma janela sequer, não acendiam nem uma luz. A parte mais complicada era conseguir que meu pai fizesse a curva na escada.

– Quando a gente entrar – disse eu a Kevin, depois de termos carregado a mala na chuva e enquanto ele batia à porta da casa nº 3 –, você fala.

– Eu? Por que eu? – perguntou alarmado.

– Faz o que estou pedindo. Diz a eles apenas como isso aqui apareceu. Eu continuo a partir daí.

Ele não pareceu muito contente, mas nosso Kev estava sempre querendo agradar as pessoas, e antes que pudesse arranjar um jeitinho de me dizer que eu fizesse meu próprio trabalho sujo, a porta abriu e ali estava a sra. Daly olhando para nós.

– Oi, Kevin – disse. – Como você... – e então ela me reconheceu. Arregalou os olhos e fez um ruído que pareceu um soluço.

– Sra. Daly – disse eu calmamente –, lamento incomodá-la. Poderíamos

entrar um minutinho?

Ela estava com a mão no peito. Kevin tinha razão a respeito das unhas.

– Eu não...

Todo policial sabe como entrar num lugar quando a pessoa que está bloqueando a passagem se mostra meio indecisa.

– Se eu puder pelo menos tirar isso da chuva – disse eu, dando um jeito de fazer a mala passar pela sra. Daly. – Acho importante que a senhora e o sr. Daly deem uma olhada nisso aqui.

Kevin foi na minha esteira, nitidamente constrangido. A sra. Daly chamou “Matt!” com uma voz estridente na direção da escada, sem tirar os olhos de nós dois.

– Mãe? – Nora apareceu na porta da sala de estar, uma mulher feita e com um vestido que não deixava margens a dúvidas quanto a isso. – Quem... Cristo! Francis?

– Em carne e osso. Fala, Nora!

– Santo Deus – disse Nora, e então seus olhos se dirigiram para um ponto acima do meu ombro, na escada.

Eu me lembrava do sr. Daly como um Schwarzenegger de cardigã, mas ele era de altura mediana, um sujeito magro e empertigado de cabelo curtinho e com um queixo de gente turrona, que foi se retesando ainda mais, enquanto ele me examinava, pelo tempo que achou necessário.

– Não temos nada a lhe dizer – disse ele então para mim.

Olhei de soslaio para Kevin.

– Sr. Daly – disse Kevin rápido –, nós precisamos mesmo mostrar uma coisa ao senhor.

– Você pode nos mostrar o que quiser. Seu irmão sai da minha casa agora.

– Eu sei, eu sei. Ele não teria vindo. Só que não tivemos escolha. Juro por Deus. É importante. E grave. Será que não poderíamos...? Por favor?

Ele estava perfeito, mudando o peso do corpo de um pé para outro o tempo todo, afastando uma mecha do cabelo que insistia em cair sobre os olhos, todo constrangido, desajeitado e solícito. Botá-lo porta a fora teria sido o mesmo que enxotar um cão pastor grande e fofinho. Não admirava que o garoto trabalhasse com vendas.

– Nós não íamos querer incomodar os senhores – acrescentou Kevin, com humildade, para reforçar –, é que não sabemos o que fazer. Só cinco minutos?

Depois de alguns segundos, o sr. Daly concordou, com um aceno de cabeça tenso e relutante. Eu daria uma grana alta por um boneco Kevin inflável que eu pudesse carregar no meu porta-malas e usar em casos de emergência.

Eles nos levaram até a sala de estar, que era mais despojada e mais clara do que a da minha mãe: carpete bege liso, paredes pintadas de creme, no lugar de papel de parede, com uma foto de João Paulo II e um velho cartaz do sindicato,

numa moldura na parede. Nem sinal de toalhinhas de renda ou patinhos de gesso. Mesmo quando éramos crianças e entrávamos e saíamos correndo das casas uns dos outros, eu nunca tinha estado naquela sala. Durante muito tempo desejei ser convidado, daquele jeito febril e perverso que se deseja alguma coisa quando lhe foi dito que você não é bom o suficiente. Não era assim que eu tinha imaginado que seria. Na minha versão, eu estava abraçado a Rosie, e ela usava uma aliança e um casaco caro; estava evidentemente esperando neném e tinha no rosto um enorme sorriso.

Nora nos convidou a sentar ao redor da mesinha de centro; vi que ela pensou em chá e biscoitos, e depois mudou de ideia. Coloquei a mala sobre a mesa, exagerei nos gestos ao calçar as luvas – era provável que o sr. Daly fosse a única pessoa da paróquia que preferia ter um policial a um Mackey na sua sala de estar – e tirei a mala de dentro do saco de lixo.

– Algum de vocês já viu isso? – perguntei.

Silêncio. Depois de alguns segundos, a sra. Daly emitiu um som que ficou a meio caminho entre um arquejo e um gemido e estendeu a mão para pegar a mala. A tempo consegui impedir que ela fizesse isso.

– Sou forçado a lhe pedir que não toque nela.

– Onde... – começou o sr. Daly a dizer de forma agressiva, e então puxou ar por entre os dentes. – Onde você conseguiu isso?

– Vocês a reconhecem? – perguntei.

– É minha – disse a sra. Daly, com a mão fechada tapando a boca. – Foi a mala que levei em nossa lua de mel.

– *Onde você conseguiu isso?* – perguntou o sr. Daly, mais alto. Seu rosto estava ficando com um tom de vermelho nada saudável.

Ergui uma sobrancelha para Kevin. Ele contou a história direitinho, mencionando tudo: pedreiros, certidão de nascimento, telefonemas. Eu ia retirando vários itens para ilustrar, como uma comissária de bordo fazendo demonstração de como usar o equipamento salva-vidas. E observando os Daly.

Quando fui embora de casa, Nora devia ter 13 ou 14 anos, uma garota rechonchuda de cabelos encaracolados, desenvolvendo-se precocemente e não parecendo nem um pouco feliz com isso. O tempo tinha sido generoso para com ela, no final das contas. Nora tinha a mesma silhueta de virar a cabeça de Rosie, começando a se arredondar um pouco, mas ainda sensacional, o tipo de corpo que não se vê mais, agora que todas as garotas passam fome para caber em roupas tamanho PP e não sair de uma irritabilidade permanente. Era uns quatro ou cinco centímetros mais baixa que Rosie, e seu cabelo castanho-escuro e olhos cinzentos causavam uma impressão bem menos forte que os de Rosie, mas a semelhança estava lá; não quando você a olhava de frente, mas quando via seu vulto, de repente, de um canto do olho. Era uma coisa intangível, em algum lugar entre o ângulo dos ombros e a curva do pescoço, e no seu jeito de escutar:

absolutamente parada, uma das mãos apoiando em concha o cotovelo do braço oposto, olhos fixos em Kevin. Pouquíssimas pessoas conseguem simplesmente sentar e escutar. Rosie era mestra nisso.

A sra. Daly também tinha mudado, mas não para melhor. Lembro-me dela sempre pronta para um bate-boca, fumando nos degraus da entrada, encostando um quadril nas grades e dizendo frases de duplo sentido para que nós, os garotos, corássemos e fugíssemos para longe de sua gargalhada gutural. A partida de Rosie, ou simplesmente 22 anos de vida e de sr. Daly, tirou-lhe toda aquela fibra: suas costas ficaram arqueadas, seu rosto desabara em torno dos olhos e seu aspecto geral era de quem precisava muito de um milk-shake de Xanax. O que mais me chamou a atenção, uma coisa que eu não tinha reparado na sra. Daly na época em que éramos adolescentes e ela era “velha”, foi o seguinte: por baixo da sombra azul, do cabelo explosivo e da ligeira loucura, ela era a imagem de Rosie. Logo que me dei conta da semelhança, não consegui mais deixar de percebê-la, ali no canto do olho, como um holograma que surge de repente e daí desaparece. A chance de que Rosie pudesse ter se transformado em sua mãe, com o passar dos anos, provocou um calafrio totalmente novo em meu corpo inteiro.

Por outro lado, quanto mais eu observava o sr. Daly, mais ele se parecia com o espírito independente que realmente era. Uns dois botões tinham sido pregados de novo em seu colete, que era um atentado contra a moda, os pelos das orelhas estavam cuidadosamente aparados e ele estava recém-barbeado. Devia ter levado para a casa de Nora um barbeador, na noite anterior, e feito a barba antes de ela tê-los trazido para casa. A sra. Daly não parava quieta, se lamuriava e mordida um lado da mão, enquanto me observava tirar as coisas da mala. Nora respirou fundo algumas vezes, jogou a cabeça para trás, piscava muito. A expressão do sr. Daly não mudava. Ele foi ficando cada vez mais pálido, e um músculo da bochecha se contraiu quando retirei a certidão de nascimento. Mas isso foi tudo.

Kevin terminou o que tinha a dizer, dando uma olhada para mim para saber se havia feito tudo certo. Dobrei a blusa estampada de Rosie e guardei-a de novo dentro da mala, fechando a tampa em seguida. Por um instante fez-se um silêncio absoluto.

- Mas como é que isso estaria no nº 16? – disse então a sra. Daly, sem fôlego.
- Rosie levou a mala com ela para a *Inglaterra*.
- A certeza em sua voz fez meu coração pular.
- Como a senhora sabe disso? – perguntei.
- A mala sumiu depois que Rosie foi embora – respondeu, com o olhar fixo.
- Como a senhora tem certeza de que ela foi para a *Inglaterra*?
- Ela deixou um bilhete para a gente, é claro. Para se despedir. Os rapazes Shaughnessy e um dos meninos da Sallie Hearne trouxeram o bilhete aqui, no dia

seguinte; eles o encontraram no nº 16. Estava escrito que ela estava indo para a Inglaterra. No início pensamos que vocês dois... – O sr. Daly se mexeu, uma pequena contração aborrecida e tensa. A sra. Daly começou a piscar os olhos e parou de falar. Fingi que não percebi.

– Acho que todo mundo pensou isso, sim – disse eu, sem me abalar. – Quando vocês descobriram que nós não estávamos juntos?

Vendo que ninguém falava, Nora respondeu.

– Faz muito tempo. Uns 15 anos, talvez, foi antes de eu me casar. Encontrei Jackie por acaso, na loja, um dia e ela disse que acabava de entrar em contato de novo com você, e que você estava aqui, em Dublin. Ela disse que Rosie tinha ido embora sem você. – Seus olhos foram de mim para a mala e de novo para mim, cada vez mais arregalados. – Você acha... onde você acha que ela está?

– Por enquanto não acho nada – disse com minha voz oficial mais agradável, como se estivéssemos falando de qualquer outra moça desaparecida. – Não enquanto não descobrirmos um pouco mais a respeito. Vocês tiveram alguma notícia dela desde que foi embora? Um telefonema, uma carta, um recado de alguém que tenha se encontrado com ela, por acaso, em algum lugar?

– É isso, nós não tínhamos telefone naquela época, como é que ela poderia ter telefonado pra gente? – disse a sra. Daly, numa explosão impressionante. – Quando o telefone chegou, anotei o número num pedaço de papel e levei para sua mãe e para Jackie e Carmel e disse a elas, eu disse: “Me procurem, se Francis procurar vocês, deem a ele esse número e peçam que ele diga a Rosie que nos telefone, mesmo que seja apenas por um minuto no dia de Natal ou...” Mas, claro, quando me disseram que ela não estava com você, eu soube que ela não ia telefonar. Afinal de contas ela não recebeu mesmo o número, não é? Ela ainda podia escrever, mas não Rosie, ela sempre fazia as coisas quando bem entendia. Só que vou fazer 65 anos em fevereiro, e ela vai me mandar um cartão, ela não se esquecerá...

A sra. Daly falava cada vez mais alto e cada vez mais rápido, a voz um pouco esganiçada. O sr. Daly estendeu a mão e apertou a dela por um momento, e ela mordeu os lábios. Kevin parecia que estava querendo afundar entre as almofadas do sofá e sumir.

– Não – disse Nora, baixinho. – Nem uma palavra. No começo nós só pensamos... – Deu uma olhada rápida na direção do pai. Ela havia pensado que Rosie estava certa de ter sido banida por ter fugido comigo. – Mesmo quando soubemos que você não estava com ela. Sempre achamos que ela estivesse na Inglaterra. – A sra. Daly inclinou a cabeça para trás e limpou uma lágrima.

Então era essa a situação: nada de saída fácil, nada de tchauzinho para minha família, apagar da minha mente a noite de ontem e voltar ao mais próximo que conheço da normalidade; e nenhuma chance de fazer Nora beber demais para eu arrancar dela o telefone de Rosie.

– Temos de ligar para a polícia – disse o sr. Daly em tom carregado, sem olhar para nenhum de nós.

Mal consegui disfarçar um olhar hesitante.

– Vocês poderiam, claro. Foi a primeira coisa que minha família pensou, também. Mas achei que vocês é que deveriam decidir se queriam ir por esse caminho.

– Por que não iríamos querer? – perguntou o sr. Daly com um olhar desconfiado.

Dei um suspiro e passei a mão pelo cabelo.

– Olha – disse. – Eu adoraria dizer a vocês que os policiais vão dar a esse caso a atenção que ele merece, mas não posso. O ideal seria que tudo isso aqui passasse por exames para colher impressões digitais e tipo sanguíneo, só para começar. – A sra. Daly deu um guincho horrível, com as mãos tampando a boca. – Mas, para isso, seria necessário que o caso recebesse um número, que um detetive fosse encarregado dele, e que esse detetive apresentasse um pedido para que os exames fossem realizados. Mas já vou logo dizendo, isso não vai acontecer. Ninguém vai desperdiçar recursos valiosos com algo que talvez nem seja um crime, para começo de conversa. As unidades de Pessoas Desaparecidas, de Casos Não Solucionados e a Unidade Geral vão empurrar o caso para lá e para cá, durante alguns meses, até que se cansem, desistam e o arquivem num porão num lugar qualquer. Vocês devem estar preparados para isso.

– Mas e você? – perguntou Nora. – Você não poderia fazer esse pedido?

Balancei a cabeça, pesaroso.

– Não. Não em termos oficiais. Por mais que a gente procure forçar, minha divisão decididamente não trabalha com esse tipo de caso. Uma vez que ele entre no sistema, não há nada que eu possa fazer.

– Mas – começou Nora, que agora estava sentada mais ereta, alerta, me observando. – E se não estiver no sistema? Tipo, se fosse só você. Você poderia... não existe uma forma de...?

– Dar alguns telefonemas, na moita? – Ergui as sobrancelhas, pensei um pouco nisso. – Bem, acho que dá, sim. Mas todos vocês precisam estar seguros de que é isso que desejam.

– Eu estou – disse Nora, de imediato. Rápida nas decisões, da mesma forma que Rosie. – Se você fizesse isso por nós, Francis. Se você pudesse. Por favor.

A sra. Daly fez que sim, pegou um lenço de papel de dentro da manga e assoou o nariz.

– Ela não poderia estar na Inglaterra, afinal de contas? Não poderia?

Ela estava me implorando. O tom da voz doía; Kevin se encolheu.

– Poderia, sim – disse eu, com delicadeza. – Se vocês quiserem deixar isso por minha conta, suponho que poderia tentar verificar essa hipótese, também.

– Ai, meu Deus – disse a sra. Daly num sussurro. – Ai, meu Deus...

– Sr. Daly? – perguntei.

Houve um longo silêncio. O sr. Daly estava sentado com as mãos cruzadas entre os joelhos, olhando fixamente para a mala, como se não tivesse me ouvido.

– Não gosto de você – disse-me, por fim. – Nem de você nem da sua família. Não adianta fingir.

– É – respondi. – Deu para perceber nesse tempo todo. Mas não estou aqui como um dos Mackey. Estou aqui como um policial que talvez possa ajudá-lo a encontrar sua filha.

– Na moita, por baixo do pano, pela porta dos fundos... As pessoas não mudam.

– Aparentemente não – disse eu, dando-lhe um sorriso ameno. – Mas as circunstâncias, sim. Desta vez estamos do mesmo lado.

– Estamos?

– Seria melhor o senhor pensar que sim – disse eu –, porque sou a melhor opção que vocês têm. É pegar ou largar.

Ele levantou os olhos e me fitou, um olhar demorado e perscrutador. Permaneci muito ereto e apresentei a expressão respeitável que costumo usar nas reuniões de pais. Por fim ele concordou, com um gesto repentino, sem um traço de gentileza.

– Faça isso. Faça o que puder. Por favor.

– Certo – respondi e peguei meu bloco de anotações. – Preciso que vocês me falem sobre a partida de Rosie. Comecem pelo dia anterior. Com a maior quantidade possível de detalhes. Por favor.

Eles sabiam tudo de cor, como acontece com toda família que perdeu um filho. Uma vez consegui que uma mãe me mostrasse que copo seu filho tinha usado para beber água na manhã do dia em que teve uma overdose. Era uma fria manhã de domingo, no período do Advento, com um céu branco cinzento, e a respiração pairando no ar como se fosse neblina. Como Rosie tinha chegado da rua cedo na noite anterior, ela foi à missa das nove da manhã com o resto da família, não ficou dormindo até mais tarde para ir à missa do meio-dia, como fazia quando voltava para casa tarde, na noite do sábado. De volta da missa, fizeram as tradicionais frituras para o café da manhã, porque naquela época comer antes da Comunhão rendia uma série de ave-marias na confissão seguinte. Rosie tinha passado roupa enquanto a mãe lavava a louça, e as duas tinham conversado sobre quando comprariam o presunto para a ceia de Natal; faltou-me ar por um segundo, quando imaginei Rosie falando calmamente sobre uma refeição da qual não tinha a menor intenção de participar e sonhando com um Natal que seria apenas nosso. Pouco antes do meio-dia, as meninas foram até a New Street para pegar a vovó Daly para o ajantarado de domingo, e depois disso todos ficaram vendo televisão por algum tempo. Outra coisa que situava os

Daly alguns furos acima de nós, caipiras: eles realmente possuíam sua própria TV. Esnobismo às avessas é sempre engraçado; eu estava redescobrimo nuances sutis que quase tinha esquecido que existiam.

O resto do dia foi mais uma sucessão de nada. As meninas acompanharam a avó até a casa dela, Nora foi se encontrar com alguns colegas, e Rosie foi para o quarto para ler, talvez para fazer a mala, escrever aquele bilhete ou para ficar sentada na beira da cama respirando fundo por um bom tempo. Chá, mais tarefas domésticas, mais televisão, ajudar Nora com o dever de matemática. Em momento algum daquele dia, não houve nem um único sinal de que Rosie estivesse escondendo alguma coisa.

– Um anjo – disse o sr. Daly, taciturno. – A semana inteira ela se comportou como um anjo. Eu deveria ter percebido.

Nora tinha ido para a cama por volta das 10:30, o restante da família, pouco depois das 11. Rosie e o pai tinham de levantar cedo para trabalhar no dia seguinte. As duas irmãs dividiam um quarto nos fundos; e seus pais dormiam no outro. Nada de sofás-camas para os Daly, não, muito obrigado. Nora se lembrou de ter ouvido o farfalhar de roupas, quando Rosie se trocou, vestindo um pijama, e do “Boa-noite” sussurrado da irmã quando se deitou. E então nada. Ela não ouviu Rosie sair da cama de novo, não ouviu quando ela se vestiu, não ouviu quando escapuliu do quarto ou do apartamento.

– Eu dormia feito uma pedra naquela época – disse Nora se defendendo, como se, todo aquele tempo, tivesse sido alvo de muitas críticas por conta do que houve. – Eu era adolescente, sabe como são os adolescentes... – De manhã, quando a sra. Daly foi acordar as meninas, Rosie já não estava lá.

A princípio eles não se preocuparam, não mais que minha família estava se preocupando do outro lado da rua. Tive a impressão de que o sr. Daly tinha ficado um pouco irritado com a falta de consideração da juventude; mas isso foi tudo. Estávamos na Dublin dos anos 1980, não havia perigo; eles pensaram que Rosie tivesse saído cedo para fazer alguma coisa, quem sabe encontrar as amigas por alguma razão misteriosa lá da cabeça delas. E então, quando Rosie ainda não tinha chegado para o café da manhã, os meninos dos Shaughnessy e Barry Hearne apareceram com o bilhete.

Não ficou claro o que os três estavam fazendo no nº 16 tão cedo na manhã de uma segunda-feira gelada, mas eu apostaria em haxixe ou pornografia – algumas revistas preciosas contrabandeadas pelo primo de alguém que tinha estado na Inglaterra no ano anterior circulavam entre os garotos. Não importava qual tivesse sido o motivo, foi nessa hora que o mundo veio abaixo. A narrativa dos Daly foi um pouco menos pitoresca que a de Kevin – ele me lançou olhares de soslaio, uma ou duas vezes, enquanto eles nos davam sua versão; mas no geral a história era a mesma.

Indiquei a mala com um aceno da cabeça.

– Onde ela ficava guardada?

– No quarto das meninas – respondeu a sra. Daly, com o queixo apoiado na mão. – Rosie guardava na mala as roupas que não estava usando e brinquedos velhos, essas coisas. Nós não tínhamos armários embutidos na época, é claro, ninguém tinha...

– E antes? Algum de vocês se lembra de qual foi a última vez que viu a mala? Ninguém se lembrava.

– Pode ter sido meses antes – disse Nora. – A mala ficava debaixo da cama dela; eu só a via quando Rosie a tirava lá debaixo para pegar alguma coisa.

– E o que havia dentro da mala? Vocês conseguem se lembrar de quando viram Rosie usando alguma coisa dali? Ouvindo as fitas, usando uma daquelas roupas?

Silêncio. E então Nora de repente se empertigou e falou, com a voz num tom mais alto.

– O walkman. Eu o vi na quinta-feira, três dias antes de ela ir embora. Eu costumava tirar o walkman da gaveta do criado-mudo dela, quando chegava da escola, e ficava ouvindo suas fitas até a hora em que ela chegava do trabalho. Se ela me pegasse, ia me dar um puxão de orelhas mas valia a pena, ela só tinha música boa...

– O que a faz ter certeza de que viu o walkman na quinta-feira?

– Era quando eu o pegava emprestado. Quintas e sextas. Nesses dias Rosie costumava ir e voltar do trabalho com Imelda Tierney. Lembra da Imelda? Ela era costureira junto com a Rosie, lá na fábrica. E aí a Rosie não levava o walkman. Nos outros dias da semana, como Imelda trabalhava em outro turno, Rosie o levava para escutar música no caminho.

– Então você poderia ter visto o walkman na quinta ou na sexta.

Nora fez que não.

– Às sextas nós íamos ao cinema depois da escola, a maior galera. E eu fui naquela sexta. Eu me lembro porque... – Ela corou, parou de falar e olhou para o pai com o canto dos olhos.

– Ela se lembra – disse o pai em tom categórico – porque, depois que Rosie fugiu, levou um bom tempo para eu deixar Nora vagabundeando por aí de novo. Já tínhamos perdido uma por ter dado liberdade demais. Eu não ia me arriscar a perder a outra.

– É justo – disse eu, concordando como se aquilo fosse a coisa mais sensata. – E ninguém mais se lembra de ter visto nenhum daqueles itens da mala depois da tarde daquela quinta-feira?

Meneios de cabeça dizendo que não. Se, na tarde de quinta-feira, Rosie ainda não tinha arrumado suas coisas para fugir, ela estava correndo o risco de não conseguir uma oportunidade para ela própria esconder aquela mala, principalmente considerando as tendências de doberman do pai. As possibilidades

começavam a apontar, muito de leve, para a hipótese de outra pessoa ter escondido a mala.

– Vocês notaram alguma pessoa em torno dela, alguém que a importunasse? Alguém que os tivesse deixado preocupados? – perguntei.

O olhar do sr. Daly respondeu: *Além de você?*, mas ele conseguiu se conter.

– Se tivesse percebido que alguém a estava incomodando – disse ele sem se abalar –, eu o teria posto para correr.

– Algum desentendimento, problemas com alguém?

– Não que ela tenha nos contado. É provável que você soubesse desse tipo de coisa mais do que nós. Todos nós sabemos que, naquela idade, as garotas quase não contam nada para os pais.

– Uma última pergunta. – Procurei na jaqueta, tirei um maço de envelopes do tamanho exato de um instantâneo e separei três. – Algum de vocês reconhece essa mulher?

Os Daly examinaram bem a foto, mas nenhum lampejo aconteceu, talvez porque Fifi Digitais seja uma professora de álgebra do ensino médio em Nebraska, cuja foto peguei na internet. Aonde quer que eu vá, Fifi vai comigo. A foto dela tem bordas bem largas e brancas, de forma que não é preciso ter muito cuidado para segurá-la com a ponta dos dedos. E como Fifi é o ser humano mais banal do planeta, é preciso que a pessoa examine com atenção, provavelmente segurando a foto com o indicador e o polegar de ambas as mãos, para ter certeza de que não a conhece. Devo à minha garota Fifi muitas impressões digitais colhidas sutilmente. Hoje ela iria me ajudar a descobrir se os Daly deixaram suas impressões naquela mala.

O que fez minha antena apontar para esse lado foi a possibilidade remota e enlouquecedora de que Rosie afinal estivesse indo se encontrar comigo. Se ela estivesse seguindo direitinho nosso plano, se não tivesse tido necessidade de me enganar, teria seguido o mesmo caminho que eu: sair pela porta do apartamento, descer a escada da entrada, direto para o beco. Só que, de onde eu estava, eu via perfeitamente cada centímetro da rua durante a noite inteira, e aquela porta nunca se abriu.

Voltando no tempo, os Daly ocupavam o andar do meio da casa nº 3. No andar de cima moravam as irmãs Harrison, três velhinhas solteironas e muito elétricas que nos davam guloseimas, se fizéssemos as compras na mercearia para elas. No porão, morava Veronica Crotty, melancólica, franzina e sempre doente, que dizia que o marido era caixeiro-viajante, com o filho melancólico, franzino e sempre doente. Ou seja, se alguém tivesse interceptado Rosie quando ela estava a caminho do nosso local de encontro, aquele alguém estava sentado do outro lado da mesinha de centro, de frente para mim e Kevin.

Todos os três Daly pareciam genuinamente chocados e perturbados, mas isso pode indicar tanta coisa diferente. Nora tinha sido uma criança grandalhona

numa idade difícil, a sra. Daly situava-se em algum ponto do espectro da insanidade e o sr. Daly tinha um gênio terrível, uma encrenca terrível comigo e músculos. Rosie não era nenhum peso pluma, e seu pai podia não ser nenhum Schwarzenegger, mas ele era o único naquela casa com força suficiente para dar sumiço no corpo dela.

– Quem é esta, afinal? – perguntou a sra. Daly, examinando a foto com ansiedade em todos os seus detalhes. – Nunca a vi por aqui. Você acha que ela poderia ter machucado a nossa Rosie? Ela parece pequena demais para isso, não parece? Rosie era uma moça forte, ela não iria...

– Eu diria que ela não tem nada a ver com o que aconteceu – respondi, com honestidade, recolhendo os envelopes com as fotos e enfiando-os no bolso, na ordem certa. – Estou apenas explorando cada possibilidade.

– Mas você acredita que aconteceu alguma coisa com ela – disse Nora.

– É muito cedo para supor isso – respondi. – Vou fazer algumas investigações e mantê-los informados. Acho que tenho material suficiente para começar. Obrigado por me atenderem. – Kevin deu um pulo da cadeira como se estivesse sentado numa mola.

Tirei as luvas para cumprimentá-los. Não pedi telefone de ninguém. Não fazia sentido forçar a barra depois da hospitalidade deles, assim como não perguntei se eles ainda tinham o bilhete. A ideia de vê-lo de novo me fez trincar os dentes.

O sr. Daly nos acompanhou até a saída. Quando estávamos à porta, ele se virou de repente para mim.

– Como ela nunca nos escreveu, achamos que fosse você que não deixava.

Isso poderia ter sido uma forma de pedido de desculpa, ou apenas uma última alfinetada.

– Rosie jamais permitiu que alguém a impedisse de fazer o que queria – respondi. – Entro em contato com o senhor assim que tiver alguma informação. – Quando ele fechou a porta, ouvi uma das mulheres começar a chorar.

A chuva tinha perdido a força e agora era apenas uma neblina úmida, mas as nuvens estavam ficando cada vez mais carregadas; teríamos mais chuva pela frente. Minha mãe, grudada na janela da frente, emitia raios de curiosidade que só faltavam queimar minhas sobranceiras. Quando me viu olhando na sua direção, sacou um paninho de limpeza e começou a esfregar furiosamente o vidro.

– Você se saiu muito bem – disse eu a Kevin. – Muito obrigado.

– Me senti muito estranho – disse-me ele, com um rápido olhar de esguelha.

Seu próprio irmão mais velho, o mesmo que surrupiava salgadinhos da loja para ele, agora um policial de verdade.

– Não deu para notar – disse-lhe com ar de aprovação. – Me pareceu um profissional. Tem jeito pra coisa, sabia?

Ele deu de ombros.

– E agora?

– Vou colocar isso no carro, antes que Matt Daly mude de ideia – disse, equilibrando a mala num braço e dando um tchauzinho e um enorme sorriso para minha mãe. – Depois vou dar uma palavrinha com uma pessoa que eu conhecia. Nesse meio-tempo você cerca a mãe e o pai para mim.

– Ah, céus, essa não – disse Kevin com os olhos arregalados de terror. – Ela ainda vai estar furiosa com a história do café da manhã.

– Vamos lá, Kev. Veste a camisa do time e faz um gol pra gente.

– Time, uma ova. Pra começo de conversa, foi você que deixou a mãe furiosa. E agora quer que eu volte lá e aguente a rebordosa?

Ele estava com os cabelos em pé de tanta indignação.

– Acertou na mosca! – disse eu. – Não quero que ela fique perturbando os Daly, e não quero que fique falando demais por aí, pelo menos não agora. Tudo que preciso é de mais ou menos uma hora antes que a mãe comece a atrapalhar. Faz isso por mim?

– E o que devo fazer se ela ameaçar sair de casa? Voo pra cima dela e a agarro pelas pernas?

– Qual o número do seu celular? – Procurei o meu nos bolsos, aquele que os colegas da polícia e meus informantes usam, e mandei uma mensagem de texto para Kev, dizendo OI. – Pronto. Se a mãe escapar, basta responder a essa mensagem que eu venho e a agarro pelas pernas eu mesmo. Parece justo?

– Puta que pariu – resmungou Kevin, olhando na direção da janela.

– Gostei de ver – disse eu, dando um tapinha nas costas dele. – Você é um guerreiro. Vejo você em uma hora, e de noite vou lhe pagar umas cervejinhas, que tal?

– Vou precisar mais do que umas – disse Kev, taciturno. Endireitou os ombros e foi enfrentar o pelotão de fuzilamento.

Enfurnei a mala no porta-malas do carro, pronta para ir direto para uma simpática senhora da Polícia Técnica, cujo endereço eu por acaso sabia. Um punhado de pré-adolescentes de cabelo desgrenhado e sem sobrancelhas estava recostado num muro, avaliando os carros e imaginando como arrombá-los. Era só o que faltava eu voltar e descobrir que a mala sumiu. Apoiei o traseiro no porta-malas, etiquetei os envelopes de Fifi Digitais, fumei um cigarro e encarei o futuro do país até ficar bem claro que eu sabia o que eles estavam pretendendo e que era melhor eles se mandarem dali, para vandalizar alguém que não fosse atrás deles depois.

O apartamento dos Daly era o espelho do nosso; não havia lugar nenhum em que se pudesse ocultar um corpo, pelo menos não por muito tempo. Se Rosie tivesse morrido naquele apartamento, os Daly teriam duas opções. Partindo do princípio de que o sr. Daly honrasse seus colhões, hipótese que não descartei, ele podia ter embrulhado o corpo de algum modo e saído pela porta da frente carregando-o: para jogar no rio, em algum terreno baldio ou nas pocilgas, de acordo com a simpática sugestão de Shay. Ocorre que, sendo o bairro de Liberties o que é, seriam grandes as chances de que alguém tivesse visto, se lembrado e falado sobre o fato. O sr. Daly não me parecia nem um pouco um sujeito que gostasse de jogar com a sorte.

A opção de alguém que não joga com a sorte seria o quintal dos fundos. É provável que hoje metade dos quintais seja decorada com arbustos, deques e peças de ferro batido, mas naquela época eles eram malcuidados e bagunçados – grama escassa, terra batida, tábuas e móveis quebrados e uma ou outra bicicleta destruída. Ninguém ia ao quintal, exceto para usar a latrina ou, no verão, para pendurar a roupa no varal; tudo acontecia na parte da frente, na rua. Tinha feito muito frio, mas não o suficiente para congelar o solo. Uma hora numa noite para começar a cavar uma cova, talvez mais uma hora na noite seguinte para terminar de cavar, mais uma hora na terceira noite para tapar. Ninguém veria, os quintais não tinham iluminação. Nas noites escuras era preciso uma lanterna para conseguir chegar à latrina. Ninguém escutaria nada – as irmãs Harrison eram surdas feito uma porta, as janelas dos fundos do porão de Veronica Crotty eram tapadas com tábuas para conservar o calor, as janelas de todos os outros estariam bem fechadas para proteger do frio de dezembro. Cobrir a sepultura, durante o dia e quando tudo estivesse pronto, com uma chapa corrugada, uma mesa velha ou com qualquer coisa que estivesse por ali. Ninguém olharia duas vezes.

Eu não conseguiria entrar naquele quintal sem um mandado; e não conseguiria um se não tivesse algo que pudesse se assemelhar a um motivo. Joguei fora o cigarro e me dirigi de volta ao beco, para falar com Mandy

Brophy.

Mandy foi a primeira pessoa que ficou realmente, sem a menor sombra de dúvida, contente de me ver. O grito que ela deu quase arrancou o telhado; e eu sabia que isso faria minha mãe sair correndo de novo para a janela.

– Francis Mackey! Jesus, Maria e José! – Ela pulou em cima de mim e me deu um abraço tão apertado que deixou marcas. – Você quase me matou do coração! Nunca imaginei que veria você de novo por essas bandas. O que está fazendo aqui?

Ela agora tinha o corpo de quem já era mamãe, com cabelo de mamãe, para combinar, mas as covinhas ainda eram as mesmas.

– Uma coisa e outra – disse, retribuindo seu sorriso. – Me pareceu uma boa ocasião de ver como está todo mundo.

– E já não é sem tempo, é tudo o que tenho a dizer. Venha, vamos entrando. Ei, vocês – duas meninas de cabelo preto e olhos redondos estavam esparramadas no chão da sala de estar –, vão lá pra cima brincar no seu quarto. Quero um pouco de paz para conversar com esse cara aqui. Vamos! – Ela enxotou as meninas, empurrando-as com as mãos.

– São a sua cara – disse eu, apontando para as meninas com o queixo.

– São duas pestinhas, isso sim. Elas acabam comigo, não é brincadeira, não. Minha mãe diz que esse é o meu castigo por todas as vezes que a deixei de cabelo em pé quando eu era criança. – Mandy recolheu de cima do sofá bonecas vestidas pela metade, papéis de balas e lápis de colorir quebrados. – Mas senta aqui perto de mim. Ouvi dizer que você está na polícia. Muito respeitável, é o que você virou.

Ela segurava uma braçada de brinquedos e sorria para mim, mas aqueles olhos negros estavam penetrantes e atentos. Ela estava me testando.

– Isso é o que você pensa – disse, baixando a cabeça e lhe oferecendo meu sorriso de menino incorrigível mais caprichado. – Eu cresci, só isso. Como você.

Ela deu de ombros.

– Eu continuo a mesma de sempre. Olha em volta.

– Eu também. A gente consegue sair do beco...

– Mas o beco não consegue sair da gente. – Sua expressão ficou cautelosa por um segundo; e então ela fez que sim, um gesto curto e rápido, e apontou para o sofá com um pé de boneca. – Agora senta aí. Toma uma xícara de chá comigo? Consegui. Não existe senha mais poderosa do que o passado da gente.

– Não, obrigado. Acabei de tomar o café da manhã.

Mandy jogou os brinquedos dentro de uma caixa de plástico cor-de-rosa e a fechou.

– Tem certeza? Então será que posso ir dobrando a roupa lavada enquanto a gente conversa? Antes que as duas senhoritas voltem e virem o lugar de cabeça

para baixo. – Ela se deixou cair ao meu lado no sofá e puxou para perto um cesto de roupa lavada. – Você soube que eu me casei com Ger Brophy? Ele agora é chef. Ele sempre adorou a comida que fazia, sempre.

– Um Gordon Ramsay, hein? – disse-lhe e dei um sorriso maroto. – Me diz uma coisa, ele traz a espátula para casa, caso você não seja boazinha?

Mandy deu um gritinho e um tapa no meu pulso.

– Seu safado. Você não mudou nada, hein? Ele não é nenhum Gordon Ramsay. Trabalha num dos hotéis novos que tem lá perto do aeroporto. Diz que os hóspedes são principalmente famílias que perderam seus voos e homens de negócios que querem levar a amante a um lugar onde não corram riscos; ninguém dá a mínima para a comida. Certa manhã, juro para você, ele estava achando tudo tão sem graça que misturou bananas nas frituras matinais, só para ver o que as pessoas fariam. Ninguém disse uma palavra.

– Devem ter pensado que era *nouvelle cuisine*. Bom trabalho do Ger!

– Não sei o que acharam que fosse, mas todo mundo comeu. Ovo, salsicha e banana.

– Ger é um cara legal. Vocês dois tiveram sorte.

Ela sacudiu um pequeno pulôver com um movimento brusco.

– É verdade, ele é legal. E é bem divertido. Estava escrito nas estrelas, de qualquer forma. Quando dissemos à minha mãe que estávamos noivos, ela disse que sabia que isso ia acontecer antes de sairmos dos cueiros. O mesmo com... – Ela olhou de relance para o alto. – É o mesmo que acontece com a maioria dos casamentos por aqui.

Se tivesse sido naquela época, àquela altura Mandy já teria sabido de tudo sobre a mala, inclusive com especulações mórbidas e detalhadas. A decadência da rede de mexericos, somada ao excelente trabalho do meu rapaz Kevin com minha mãe, significava que ela não estava tensa e não estava cheia de dedos – apenas mostrava algum tato para não ferir meus sentimentos. Relaxei no sofá e curti o momento enquanto podia. Adoro casas desarrumadas, casas onde uma mulher e crianças deixaram sua marca em cada centímetro: marcas pegajosas de dedos nas paredes, quinquilharias e ninhos de enfeites de cabelo em cores pastel em cima do console da lareira, aquele cheiro de perfume floral e de roupa passada.

Jogamos conversa fora por um tempo. Falamos dos pais dela, de meus pais, de vários vizinhos que se casaram, tiveram filhos, se mudaram para os subúrbios elegantes ou que desenvolveram algum curioso problema de saúde. Imelda ainda morava por lá, a dois minutos a pé, na Hallows Lane, mas alguma coisa no jeito de Mandy falar revelou que as duas não se viam tanto como antes, e eu não perguntei. Preferi fazê-la rir. Faça uma mulher rir e você já tem meio caminho andado para fazê-la falar. Mandy ainda tinha o mesmo risinho sonoro e borbulhante que saía dela como uma explosão e fazia você rir também.

Levou uns dez minutos para que Mandy me fizesse uma pergunta, como quem não quer nada.

– Diz aí, você algum dia teve notícias da Rosie?

– Não – respondi, também com a mesma descontração. – E você?

– Nada. Pensei... – De novo o olhar. – Pensei que você soubesse, só isso.

– E você sabia? – perguntei.

Seus olhos se fixaram no par de meias que estava enrolando, mas as pálpebras tremeram um pouco.

– O que você está querendo dizer?

– Você e Rosie eram amigas. Pensei que ela tivesse contado.

– Que vocês dois iam fugir, é isso? Ou que ela...?

– Uma coisa ou outra.

Ela deu de ombros.

– Nossa... Mandy – disse eu, colocando um pouco de humor na entonação. – Já faz mais de 20 anos. Posso te garantir que não vou ficar uma fera porque duas garotas contam coisas uma para a outra. Eu só queria saber.

– Eu não fazia a menor ideia de que ela estava pensando em fugir. Juro por Deus, nem uma única pista. Preciso lhe dizer, Francis, quando eu soube que vocês não estavam juntos, simplesmente não entendi nada. Eu tinha como certo que vocês estariam casados, com meia dúzia de filhos para frear um pouco essa sua voracidade.

– Então você sabia mesmo que estávamos planejando fugir juntos.

– Vocês foram embora na mesma noite, né? Todo mundo imaginou.

Sorri para ela, fazendo que não.

– “Fugir”, você disse. Sabia que nós ainda estávamos saindo. Rosie e eu mantivemos isso em segredo, por quase dois anos; bem, pelo menos era o que eu pensava.

Depois de um tempinho Mandy me olhou com uma expressão irônica e jogou as meias dentro do cesto.

– Espertinho! Não é que ela ficasse contando sua vida para todo mundo, nem nada. Ela nunca disse uma palavra até... Você e a Rosie não saíram para beber alguma coisa, mais ou menos uma semana antes de irem embora? Foi em algum lugar da cidade, acho que foi, não?

Foi no O’Neill’s, na Pearse Street, e todos os universitários viraram a cabeça para acompanhá-la, enquanto ela voltava para nossa mesa com uma caneca de cerveja em cada mão. Ela era a única moça que eu conhecia que tomava cerveja em caneca, e sempre pagava sua rodada.

– Sim – respondi. – Nós saímos.

– Foi aí que a coisa pegou. Veja, ela disse ao pai que ia sair comigo e com Imelda, mas não nos contou para que pudéssemos dar cobertura, entende? É como eu disse, ela mantinha o namoro de vocês muito em segredo; nós não

fazíamos ideia. Mas naquela noite nós duas chegamos cedo em casa, e o sr. Daly estava tomando conta da janela e nos viu chegar, sem Rosie. E ela só voltou para casa bem tarde. – Mandy me sorriu fazendo covinhas. – Vocês dois deviam ter montes de coisa para conversar, né?

– É – disse eu. Beijinho de boa-noite num amasso no muro do Trinity, minhas mãos nos quadris dela, puxando-a contra mim.

– Seja como for, o sr. Daly ficou acordado esperando por ela. Rosie me procurou no dia seguinte, sábado; foi quando ela me disse que o pai *perdeu as estribeiras*.

– Posso apostar que sim – disse eu. Lá estávamos de volta ao perverso sr. Daly de novo.

– Eu e Imelda perguntamos aonde ela tinha ido, mas Rosie se recusou a dizer. Tudo o que ela disse foi que o pai estava possesso. Daí nós adivinhamos que ela devia estar se encontrando com você.

– Sempre me perguntei o que Matt Daly tinha contra mim.

Mandy piscou os olhos.

– Céus, eu não faço a menor ideia. Ele e seu pai não se entendem; eu diria que é por causa disso. Mas isso tem importância mesmo? Você não mora mais aqui, nunca o vê...

– Rosie me descartou, Mandy. Me descartou feio, sem mais nem menos, e eu nunca soube por quê. Se houver uma explicação, em algum lugar por aí, eu gostaria muito de saber. Gostaria de saber se havia alguma coisa, qualquer coisa, que eu pudesse ter feito para que tudo tivesse sido diferente.

Banquei o forte sofrido, o que soltou a língua de Mandy, solidária comigo.

– Ora, Francis... Rosie nunca deu a menor bola para o que o pai pensava de você. Você sabe disso.

– Pode ser que não. Mas se ela estivesse preocupada com alguma coisa, ou se estivesse apavorada com medo de alguém... Exatamente até que ponto o pai costumava ficar possesso com ela?

Mandy estava perplexa ou cautelosa, eu não saberia dizer qual dos dois.

– O que você quer dizer, como assim?

– O sr. Daly tinha um gênio forte – respondi. – Na primeira vez que ele soube que Rosie estava saindo comigo, o beco inteiro ouviu o barraco que ele armou. Sempre fiquei imaginando se ele parava por aí ou se... bem. Se ele batia nela.

– Pelo amor de Deus, Francis! – disse Mandy, que tinha levado a mão à boca. – Ela disse alguma coisa?

– A mim não; mas ela não teria me contado. A não ser que quisesse que eu desse um murro nele. Mas pensei que talvez tivesse conversado com você e Imelda sobre isso.

– Não. Por Deus, não. Ela nunca nos contou nada desse gênero. Acho que teria contado, mas... bom, nunca se sabe, nunca se sabe. – Mandy ficou

pensativa, alisando uma túnica azul de uniforme escolar que estava no seu colo. – Eu diria que ele jamais encostou um dedo nela – disse, por fim. – E não estou falando apenas porque é o que você quer ouvir, não. Parte do problema do sr. Daly foi que ele nunca aceitou que Rosie tivesse crescido, entende o que quero dizer? Naquele sábado em que ela me procurou, depois que ele a flagrou chegando tarde da rua, nós três tínhamos combinado de ir ao Apartments de noite, e Rosie não foi porque, não estou brincando, o pai tirou as chaves dela. Como se ela fosse uma criança, e não uma mulher feita que toda semana entregava o salário que recebia para ajudar a família. Ele disse que ia trancar a porta às 11 em ponto, e, se ela não chegasse até aquela hora, que dormisse na rua. E, você mesmo sabe, antes das 11 o Apartments estava apenas começando a ficar animado. Percebe o que estou querendo dizer? Quando ficava aborrecido com ela, ele não batia; mandava ela ficar sentada num canto, da mesma forma que eu faria com minhas meninas, se elas passassem dos limites.

E, de uma hora para outra, os holofotes não estavam mais todos no sr. Daly; obter um mandado de segurança para vasculhar o quintal da casa dele não era mais prioridade número um; e me aconchegar no cantinho de felicidade doméstica da casa de Mandy já não tinha a mesma graça. Se Rosie não tinha saído pela porta da frente da casa, não foi porque estivesse fugindo de mim, ou porque o pai a tivesse apanhado em flagrante e tido um ataque de fúria envolvendo algum objeto rombudo. Talvez tivesse sido apenas porque ela não teve escolha. As portas da frente ficavam trancadas durante a noite; as portas dos fundos eram fechadas por dentro com ferrolhos, para que se pudesse ir à latrina sem precisar de chaves ou sem correr o risco de ficar trancado do lado de fora. Sem suas chaves, não importava se Rosie estava correndo de mim ou para meus braços. De qualquer modo, ela precisou sair pela porta dos fundos, pular muros e seguir pelos quintais. As probabilidades estavam se ampliando e se afastando da casa nº 3.

E as chances de descobrir impressões digitais de algum suspeito na mala estavam indo por água abaixo. Se Rosie sabia que teria de enfrentar muros de quintais, teria escondido a mala antes, para pegá-la quando estivesse saindo da cidade. Se alguém tivesse posto as mãos em Rosie no meio do caminho, talvez nunca tivesse chegado a saber da existência da mala.

Mandy me observava, um pouco preocupada, tentando descobrir se eu tinha percebido o que ela quis dizer.

– Faz sentido – disse eu. – Se bem que eu não consiga ver Rosie aceitando ficar de castigo com facilidade. Será que ela estava planejando tentar alguma coisa? Roubar as chaves de volta, talvez?

– Nada! Foi isso que nos deu a dica de que estava acontecendo alguma coisa, entende? Eu e Imelda dissemos a ela: “Foda-se o seu pai, venha com a gente. E, se ele deixar você na rua, você pode dormir aqui.” Mas ela disse que não; ela

queria deixar o pai mansinho. Perguntamos: “Por que você se importa tanto?” Como você disse, aquilo não fazia o estilo dela. E Rosie respondeu: “Isso não vai durar muito tempo.” Essa resposta chamou nossa atenção na mesma hora. Nós duas largamos tudo o que estávamos fazendo e pulamos em cima dela, para saber o que estava acontecendo, mas não houve jeito de ela nos contar. Agia de forma a dar a entender que o pai não demoraria muito a lhe devolver as chaves, mas tanto eu quanto Imelda sabíamos que não era só isso. Não sabíamos o quê, exatamente; só que estava rolando alguma coisa muito séria.

– E vocês não tentaram arrancar nada mais dela? O que ela estava planejando, quando, e se tinha alguma coisa a ver comigo?

– Deus do céu! Mas é claro que tentamos. Marcamos em cima dela o tempo todo, eu a cutucava no braço e tudo o mais, e Imelda batia nela com o travesseiro, tentando fazer com que falasse, mas ela simplesmente nos ignorou até que desistimos e fomos acabar de nos aprontar. Ela parecia... meu Deus. – Mandy riu, um engasgo suave, espantado, quase um sussurro. As mãos ligeiras que cuidavam da roupa lavada foram diminuindo o ritmo, até que pararam. – Nós estávamos exatamente ali, na sala de jantar, que antes era meu quarto. Eu era a única que tinha um quarto só para mim; a gente sempre se reunia ali. Imelda e eu estávamos arrumando nosso cabelo, eriçando até dizer chega, você não imagina nosso estado, e a sombra azul-turquesa, lembra? Nós achávamos que éramos as Bangles, Cyndi Lauper e Bananarama, tudo junto numa só.

– Vocês eram lindas – disse eu, e estava sendo sincero. – Todas as três. Vocês eram as mais bonitas de todas.

– Não adianta vir com elogios – disse-me, dando uma franzidinha de nariz, mas seus olhos ainda estavam noutro lugar. – Estávamos debochando de Rosie, perguntando se ela ia virar freira, dizendo que ela ficaria um amor naquele hábito e será que não era porque ela tinha um fraco pelo padre McGrath?... Rosie estava deitada na minha cama, olhando pro teto e roendo a unha, sabe como fazia? Só uma unha.

A unha do indicador direito, ela costumava roer essa unha quando estava pensando muito sobre uma coisa. Naqueles últimos meses, enquanto fazíamos nossos planos, ela às vezes roía essa unha até sangrar.

– Lembro – respondi.

– Fiquei observando pelo espelho da minha penteadeira. Era *Rosie*, eu a conhecia desde que éramos criancinhas. E de repente ela parecia ser outra pessoa. Como se fosse mais velha que nós; como se parte dela já tivesse ido embora, estivesse em outro lugar. Achei que a gente deveria dar alguma coisa a ela, um cartão de despedida, ou uma medalha de são Cristóvão, quem sabe? Alguma coisa que a protegesse na viagem.

– Você mencionou isso a alguém?

– Nem pensar – respondeu Mandy rapidamente, com um toque de irritação

na voz – Nunca que eu ia dedurar minha amiga. Você sabe disso muito bem.

Ela agora estava mais empertigada, começando a se contrariar.

– Eu sei, menina – disse-lhe, dando um sorriso. – Estou só confirmando, força do hábito. Não me leve a mal.

– Tudo bem, conversei com Imelda. Nós duas imaginamos que você e Rosie fossem fugir juntos. Achamos romântico de matar. Coisa de adolescente, sabe como é?... Mas eu nunca disse uma palavra para mais ninguém, nem mesmo depois. Nós estávamos torcendo por vocês, Francis. Queríamos que vocês dois fossem felizes.

Por uma fração de segundo me pareceu que, se eu me virasse, veria as três na sala ao lado: três moças irrequietas, naquele ponto em que tudo estava apenas começando para elas, soltando fagulhas de sombra turquesa, eletricidade e possibilidades.

– Obrigado, querida – disse-lhe. – Foi muito legal da sua parte.

– Não consigo atinar por que ela mudou de ideia. Se soubesse o motivo, eu lhe diria. Vocês dois faziam um par perfeito; eu não tinha a menor dúvida...

A voz de Mandy foi sumindo.

– Eu sei disso – disse-lhe. – Eu também tinha certeza.

– Meu Deus, Francis... – disse ela, baixinho, com as mãos ainda paradas, segurando a mesma túnica de uniforme, e havia uma longa corrente invencível de tristeza permeando sua voz. – Meu Deus... isso foi há tanto tempo, não foi?

A rua estava silenciosa. Ouviam-se apenas o murmúrio melodioso de uma das garotinhas explicando alguma coisa à outra, no andar de cima, e o sopro do vento levando uma chuvinha fina de encontro às janelas.

– Foi – respondi. – Não sei como já passou tanto tempo.

Não contei nada a ela. Que minha mãe fizesse essa parte; ela ia adorar cada segundo. Despedimo-nos à porta, com um abraço, e eu dei um beijo na bochecha de Mandy, prometendo aparecer de novo em breve. Ela cheirava a coisas doces e seguras que há muitos anos não existiam para mim, sabonete de glicerina, pudim de leite e perfume barato.

Kevin estava com o corpo todo apoiado na nossa grade, como costumava fazer quando éramos crianças e ele ficava para trás, por ser pequeno demais; só que agora ele tinha um celular na mão e escrevia uma mensagem de texto com uma rapidez impressionante.

– Namorada? – perguntei, apontando com o queixo para o telefone.

– Mais ou menos, acho – respondeu-me, dando de ombros. – Na verdade, não. Ainda não estou a fim de assumir compromisso.

– O que significa que você está saindo com várias ao mesmo tempo. Kev, seu filho da mãe.

Ele abriu um sorriso enorme.

– E daí? Todas elas sabem disso. E também não querem nada sério; a gente só está se divertindo. Nada de errado nisso.

– Absolutamente nada – concordei –, só que eu pensei que você estivesse toureando a mãe pra mim, e não tocando mensagens “Fingers of Love” pra se divertir hoje. O que aconteceu com nosso trato?

– Mas é o que estou fazendo, daqui. Ela estava acabando com minha cabeça. Se ela tivesse tentado atravessar a rua para a casa dos Daly, eu a teria agarrado aqui.

– Eu não quero que ela ligue para todo o mundo.

– Ela não vai telefonar para ninguém, não enquanto não tiver feito uma visita à sra. Daly, para descobrir todos os detalhes escandalosos. Ela estava lavando louça e soltando os cachorros. Tentei ajudá-la, e ela teve um ataque daqueles porque coloquei um garfo no escorredor com os dentes virados para cima, e alguém ia cair nele e perder um olho, e então saí fora. Onde é que você estava? Na casa de Mandy Brophy?

– Digamos – disse eu – que você quisesse ir do nº 3 ao alto do beco, mas não pudesse sair pela porta da frente. O que faria?

– Porta dos fundos – respondeu Kevin de imediato, voltando a digitar a mensagem de texto. – Pulando os muros dos quintais. Fiz isso um milhão de vezes.

– Eu também. – Descrevi o caminho, com um dedo, ao longo da fila de casas, do nº 3 ao nº 15, lá em cima. – Seis quintais. – Sete, contando com o dos Daly. Rosie poderia ainda estar esperando por mim em qualquer um deles.

– Calma aí. – Kevin levantou os olhos do celular. – Você quer dizer agora ou em algum momento no passado?

– Que diferença faz?

– Aquele peste do cachorro dos Halley, isso faz toda a diferença. Rambo, lembra dele? Aquele desgraçado que quase arrancou o traseiro das minhas

calças uma vez?

– Caramba! Tinha me esquecido daquele putto. Dei um bico nele uma vez. – Rambo era, é claro, um tipo de vira-lata descendente de terrier que pesava menos de três quilos quando estava encharcado. O nome fez com que ficasse com complexo de Napoleão, perfeito até em questões de território.

– Agora que na casa nº 5 moram aqueles idiotas com suas paredes da cor dos Teletubbies, eu iria pelo caminho que você disse. Kevin descreveu o mesmo caminho que eu. – Mas naquela época, com Rambo esperando para me atacar de novo, nem pensar. Eu iria por aquele caminho. – Ele se virou e eu acompanhei a trajetória do seu dedo: passaria pelo nº 1, ao longo do muro alto da parte baixa do beco, subiria pelos quintais do lado par e pularia o muro do nº 16 até aquele poste.

– E por que não simplesmente voltar pulando o muro lá embaixo e subir direto pela rua? Por que se arriscar nos quintais do nosso lado?

Kevin abriu um largo sorriso.

– Não acredito que você não conheça essa merda. Você nunca jogou pedrinhas na janela de Rosie?

– Não com o sr. Daly no quarto ao lado. Prezo muito meus testículos.

– Eu saí com Linda Dwyer por um tempo, quando tínhamos uns 16 anos. Lembra dos Dwyer, da casa nº 1? A gente costumava se encontrar de noite, no quintal dos fundos da casa dela, porque ali ela podia me impedir de enfiar as mãos por baixo da sua blusa. Aquele muro – e apontou para o início da rua –, do outro lado, é liso. Nenhum lugar para apoiar os pés. A gente só consegue pular pelos cantos dele, porque usa o outro muro para dar impulso. Isso leva direto aos quintais dos fundos.

– Você é uma fonte de conhecimento – disse eu. – Conseguiu alguma vez passar do sutiã da Linda Dwyer?

Kevin revirou os olhos e começou a explicar a complexa relação de Linda com a Legião de Maria, mas meu pensamento já estava em outro lugar. Era difícil eu imaginar um psicopata que matava aleatoriamente ou um esturpador rondando os quintais dos fundos num domingo à noite, esperando desconsolado que aparecesse uma vítima. Se alguém agarrou Rosie, era alguém que a conhecia, alguém que sabia que ela passaria por ali e que tinha pelo menos os rudimentos de um plano.

Do outro lado do muro dos fundos ficava Copper Lane: muito parecida com Faithful Place, só que maior e mais movimentada. Se eu quisesse marcar algum tipo de encontro clandestino ou armar uma emboscada ou o que fosse ao longo da rota que Kevin delineou, em especial um encontro clandestino que pudesse envolver luta ou um corpo a ser enterrado, teria usado a casa nº 16.

Aqueles barulhos que ouvi, enquanto esperava junto ao poste de luz, dando pulinhos para não congelar. Um homem soltando grunhidos, gritinhos abafados

de uma garota, baques surdos. Um adolescente apaixonado é um par de testículos ambulante com óculos cor-de-rosa: eu pressupunha que o amor estava em todos os lugares. Acho que pensava que Rosie e eu estávamos tão loucos um pelo outro que isso se espalhava no ar, como uma droga faiscante, naquela noite em que tudo se encaixou e passou em redemoinho por todo o Liberties, deixando frenéticos todos os seres vivos: operários exauridos se procurando durante o sono; adolescentes em esquinas começando a se beijar de repente, como se suas vidas dependessem daqueles beijos; casais de velhos tirando a dentadura e arrancando os pijamas de flanela um do outro. Eu tinha certeza de que aquilo que estava ouvindo era um casal transando. Posso ter me enganado.

Foi necessário um esforço espantoso para eu supor, só por um segundo, que afinal de contas ela havia saído para se encontrar comigo. Se foi isso, o bilhete dizia que muito provavelmente ela fez o caminho traçado por Kevin até a casa nº 16. E a mala dizia que ela nunca tinha saído de lá.

– Vem comigo – disse eu, interrompendo Kev, que continuava com a explicação (“... não teria me dado ao trabalho, só que ela possuía o maior par de peitos do...”). – Vamos brincar onde mamãe dizia que não devíamos.

O nº 16 estava num estado ainda mais lamentável do que eu tinha imaginado. Enormes sulcos marcavam todo o caminho da escada da frente, por onde os pedreiros tinham arrastado as lareiras para fora, e alguém roubara as grades de ferro batido dos dois lados, ou pode ser que o incorporador as tivesse vendido também. A gigantesca placa anunciando os serviços da “Construtora P.J. Lavery” havia caído no buraco junto das janelas do porão; ninguém se deu ao trabalho de recuperá-la.

– O que estamos fazendo? – perguntou Kevin.

– Não temos certeza ainda – respondi, o que era verdade. Tudo o que eu sabia era que estávamos seguindo Rosie, tateando o caminho a cada passo e vendo aonde ela nos levaria. – A gente vai descobrir aos poucos, tá legal?

Kevin empurrou a porta com o cotovelo e se inclinou um pouco para a frente, hesitante, para dar uma olhada ali dentro.

– Isso se não pararmos num hospital antes.

O corredor de entrada era um emaranhado de sombras entrecruzadas, em cerca de meia dúzia de camadas formadas pela luz mortiça que se infiltrava em cada ângulo: dos cômodos vazios com suas portas arrancadas pela metade, atravessando os vidros imundos da janela do patamar, descendo pelo poço da escada, junto com a brisa gelada. Peguei minha lanterna. Posso não estar trabalhando, oficialmente, mas continuo gostando de estar preparado para o inesperado. Escolhi a jaqueta de couro porque é tão confortável que quase nunca preciso tirá-la, e porque tem um monte de bolsos onde posso carregar as coisas essenciais: Fifi Digitais, três saquinhos de plástico para colher provas, bloco de

anotações e caneta, canivete suíço, algemas, luvas e uma lanterna Maglite fininha e superpotente. Meu Colt Detective Special fica num coldre que mandei fazer e que mantém a arma encaixada nas costas sob o cós do meu jeans e fora de visão.

– Não estou brincando – disse Kevin, apertando os olhos para ver o alto da escada escura. – Não estou gostando disso. Se alguém der um espirro, a casa inteira desaba em cima da gente.

– Tenho um rastreador GPS implantado no meu pescoço. A polícia virá nos resgatar dos escombros.

– Sério?

– Não. Deixa de ser medroso, Kev. Não vai acontecer nada com a gente. – E acendi a lanterna e entrei no nº 16. Senti as partículas de poeira de décadas suspensas no ar, senti que se deslocavam e se agitavam, subindo em pequenos redemoinhos gelados em torno de nós.

A escada rangeu e se curvou sob nosso peso, mas aguentou. Comecei pela sala de estar do andar superior, onde tinha encontrado o bilhete de Rosie e onde, segundo minha mãe e meu pai, os poloneses tinham encontrado a mala. Havia um enorme buraco cheio de pontas, no lugar de onde arrancaram a lareira; na parede em volta, um monte de pichações meio apagadas explicando quem amava quem, quem era gay e quem devia tomar naquele lugar. Em algum ponto naquela lareira, na mansão de alguém em Ballsbridge, estavam minhas iniciais e as de Rosie.

O chão estava entulhado das coisas de sempre, latas, guimbas e papéis de bala, mas a maior parte dele tinha uma grossa camada de poeira – a garotada hoje tinha lugares melhores para matar o tempo, e dinheiro para ir lá – e, para completar a decoração, camisinhas usadas tinham sido acrescentadas ao pacote. Na minha época elas eram ilegais. Se você tivesse sorte de se ver numa situação em que precisasse de uma, acabava se arriscando e passava as semanas seguintes suando frio. Todos os quatro cantos, perto do teto, estavam cheios de teias de aranha, e se escutava um vento frio assoviando pelas frestas ao redor das janelas de guilhotina. Qualquer dia desses, essas janelas seriam retiradas, vendidas para algum comerciante bundão cuja esposa queria um adorável toque de autenticidade. O lugar me fazia falar baixinho.

– Perdi minha virgindade nesta sala – disse eu, sentindo o olhar de Kevin em mim, querendo perguntar alguma coisa, mas se segurando.

– Posso pensar em um monte de lugares mais confortáveis para uma trepada – disse ele.

– Nós tínhamos um cobertor. E conforto não é tudo. Não trocaria esse chiqueiro pela cobertura do Shelburne.

Depois de um instante, Kevin estremeceu.

– Minha nossa, este lugar é deprimente.

– Pense nele como uma atmosfera. Uma viagem ao passado.

– À merda com isso. Eu fico o mais longe possível das viagens ao passado. Você ouviu os Daly? Como eram *horríveis* os domingos nos anos 1980! Missa, aquela bosta de almoço de domingo... quanto você quer apostar que era bacon cozido, batatas coradas e repolho?

– Não se esqueça do pudim. – Direcionei a luz da lanterna por toda a madeira do assoalho: alguns buracos sem grande importância, algumas extremidades lascadas, nenhum remendo; e ali dentro qualquer tipo de remendo teria sobressaído como um dedão inchado. – Pudim instantâneo, sempre. Tinha gosto de giz sabor morango, mas, se você não comesse, ficava se sentindo culpado por bebês negros morrerem de inanição.

– Nossa, era isso mesmo. E depois nada para fazer o dia todo, a não ser ficar de boqueira, sentindo frio na esquina, a menos que a gente pudesse ir ao cinema, ou então quisesse aguentar nossa mãe e nosso pai. Nada na TV a não ser o sermão de um padre qualquer avisando que os métodos para evitar filhos levavam à cegueira, e mesmo assim só depois de horas tentando fazer com que aquelas drogas de antenas funcionassem... Quando acabavam os domingos, eu juro que estava tão entediado que não via a hora de ir para a escola.

Nada no lugar onde ficava a lareira, nem na chaminé; apenas um ninho de pássaros lá em cima, na saída, e marcas brancas de títica de anos a fio, escorrendo pelos lados. Na chaminé mal cabia a mala. Sem chance de alguém ter colocado uma mulher ali, mesmo que temporariamente.

– Estou lhe dizendo, cara – disse eu –, você devia ter vindo aqui. Era aqui que as coisas aconteciam. Sexo, drogas e rock and roll.

– Quando eu tinha idade suficiente para poder aproveitar, ninguém mais vinha aqui. Era um ninho de ratos.

– Sempre foi. Isso contribuía com um certo clima. Vem comigo. – Tomei à frente, passando para o cômodo seguinte, Kevin vinha logo atrás.

– Contribuía com *germes* – respondeu ele. – Você já não estava aqui, mas alguém colocou veneno ou não sei o quê, acho que foi o Johnny Maluco. Você sabe, ele era totalmente paranoico com ratos, porque esteve nas trincheiras ou algo do gênero. Seja lá como for, um monte de ratos se enfiou pelas paredes e morreu. Deus do céu, não estou brincando, *o cheiro*. Pior que nas pocilgas. Teríamos morrido de febre tifoide.

– Para mim o cheiro está normal. – Repeti a rotina da lanterna. Estava começando a me perguntar se eu não tinha entrado no jogo mais idiota possível de procurar algo que não existe. Uma noite com minha família e a insanidade já estava me afetando por inteiro.

– Tá, tudo bem, é claro que o cheiro passou depois de algum tempo. Mas aí nós todos já tínhamos mudado nosso ponto de encontro para aquele terreno vazio de cima na esquina da Copper Lane, sabe qual é? Era uma boa merda também;

no inverno a gente ficava congelado até o saco, e era cheio de urtigas e arame farpado. Mas, como a garotada da Copper Lane e da Smith's Road também ficava de boqueira por lá, a gente tinha mais chance de conseguir uma bebida, uns amassos ou o que a gente quisesse. Daí, nunca mais voltamos pra cá.

– Vocês saíram perdendo.

– Hã-hã. – Kevin deu uma olhada no cômodo, duvidando disso. Ele tinha as mãos nos bolsos, apertando a jaqueta em volta do corpo, de forma que não tocasse em nada. – Vou sobreviver. É por essas e outras que não suporto quando as pessoas entram numa de saudade dos anos 1980. Os adolescentes morriam de tédio, brincavam com arame farpado ou transavam no meio de malditos buracos cheios de *ratos*... Perdemos o quê?

Olhei para ele ali de pé, com suas roupas Ralph Lauren, relógio estiloso e corte de cabelo de mauricinho, todo cheio de superioridade indignada e parecendo estar totalmente deslocado. Lembrei-me de quando ele era um garoto magricela, de cabelo lambido e com roupas remendadas que já tinham sido minhas, entrando e saindo desta casa numa corrida desabalada, sem sequer perceber que o lugar não era lá essas coisas.

– Era bem mais do que isso – disse-lhe.

– Por exemplo? Qual é o grande lance em se perder a virgindade numa espelunca?

– Não estou dizendo que traria de volta os anos 1980 se pudesse, mas também não descarto tudo indiscriminadamente. E não posso falar por você, mas eu nunca ficava entediado. Nunca. Talvez fosse bom pensar sobre isso.

Kevin deu de ombros e murmurou alguma coisa que parecia “Sei lá do que você está falando”.

– Continue pensando. Vai acabar descobrindo. – Segui para os cômodos dos fundos sem me dar ao trabalho de esperar por ele. Se enfiasse o pé numa tábua podre no escuro, seria problema dele. Depois de um tempinho ele me seguiu, emburrado.

Nada de interessante nos fundos, nada de interessante nos cômodos do térreo, exceto uma enorme quantidade de garrafas vazias de vodca, que alguém aparentemente preferiu não levar para fora junto com o lixo. No alto da escada que levava ao porão, Kevin empacou.

– Nem pensar. Aí eu não desço. Estou falando sério, Frank

– Toda vez que você diz não ao seu irmão mais velho, Deus mata um gatinho. Deixa disso.

– Uma vez o Shay nos trancou aí embaixo – disse Kevin. – Você e eu. Eu era pequenininho. Lembra disso?

– Não. É por isso que este lugar te deixa deprimido?

– Eu não fico deprimido. Só não vejo por que estamos procurando ser enterrados vivos a troco de absolutamente nada.

– Então me espera do lado de fora.

Passado um tempinho, ele meneou a cabeça. Seguiu-me pelo mesmo motivo que eu queria tê-lo comigo para começo de conversa: velhos hábitos nunca mudam.

Eu tinha estado naquele porão umas três vezes no máximo. Segundo a lenda do lugar, um certo Higgins “Esfaqueador” tinha degolado seu irmão surdo-mudo e o enterrado lá embaixo. Se você invadissem o território do Mudinho Higgins, ele viria atrás de você, abanando as mãos apodrecidas e emitindo gemidos terríveis, representando seu papel. Era provável que os irmãos Higgins tivessem sido inventados por pais preocupados, e nenhum de nós acreditava nessa história, mas ainda assim evitávamos o porão. Shay e seus colegas algumas vezes vinham para cá para mostrar como eram valentões, e pode ser que algum casal desesperado para transar e com todos os cômodos ocupados tivesse ido parar ali. Mas era no andar de cima que as coisas aconteciam: os pacotes de dez maços de Marlboro e a sidra barata vendida em garrafa de dois litros, os fininhos de maconha e as rodadas de *strip poker* que só iam até a metade. Certa vez, quando Zippy Hearne e eu tínhamos uns 9 anos, desafiávamos um ao outro a tocar na parede dos fundos do porão; e tenho uma vaga lembrança de ter trazido ali embaixo Michelle Nugent poucos anos depois, na esperança de que ela ficasse tão apavorada que pulasse em cima de mim e, talvez, me desse uns amassos. Não tive essa sorte; já naquela idade eu buscava garotas que não se assustavam à toa.

A outra vez foi quando Shay me trancou com Kevin, lá embaixo. Ele nos deixou lá provavelmente por uma hora, mas pareceram dias. Kevin tinha 2 ou 3 anos e ficou tão apavorado que nem gritar conseguia. Em vez disso, molhou as calças. Eu lhe disse que tudo ia dar certo, tentei arrombar a porta a pontapés, tentei arrancar as tábuas das janelas com os dedos e jurei a mim mesmo que um dia eu acabaria com a raça do Shay.

Esquadrinhei o lugar devagar com a lanterna. Aquele porão estava muito parecido com o que eu me lembrava, só que agora eu conseguia entender perfeitamente por que nossos pais tinham suas restrições a que ficássemos ali de boqueira. As janelas continuavam tapadas com tábuas, mal colocadas, que deixavam passar uma luz fraquinha por entre as frestas; o teto estava cedendo de um jeito que não me agradava, e tinham caído grandes pedaços de reboco, de tal forma que as vigas estavam aparentes, curvadas e lascadas. As paredes dividindo o interior do porão tinham se vergado e desmoronado até que o lugar se transformou basicamente em apenas um único e enorme cômodo, e em alguns pontos o assoalho estava afundando nos alicerces – talvez pela acomodação do terreno por falta de sustentação naquele lado. Muito tempo atrás, antes de desistir totalmente do lugar, alguém fez um esforço, não muito grande, de cobrir alguns dos buracos maiores tapando-os com placas de concreto e esperando que desse resultado. O cheiro ali era como eu me lembrava, mijo, mofo e sujeira, só que

ainda mais forte.

– Puxa vida – resmungou Kevin, aflito, hesitante ao pé da escada. – Puxa vida... – Sua voz ecoou nos cantos distantes, reverberando nas paredes em ângulos estranhos e fazendo com que parecesse alguém murmurando longe dali, na escuridão. Ele teve um tremor involuntário e ficou calado.

Duas das placas de concreto eram do tamanho de uma pessoa, e quem quer que as tivesse posto ali jogou cimento nas bordas de qualquer jeito, pela satisfação de um serviço bem-feito. A terceira foi colocada com menos cuidado ainda: apenas um pedaço meio enviesado, talvez de 1,20m por 0,90m, e que se foda o cimento.

– Tudo bem – disse Kevin, a voz numa escala mais alta, atrás de mim. – Já vimos tudo. A casa ainda está aqui e continua um chiqueiro. Podemos ir agora?

Desloquei-me, com cuidado, para o meio do porão e pressionei um canto da placa de cimento com a ponta da bota. Sujeira de anos mantinha a placa no lugar; mas, quando soltei meu peso em cima dela, senti que houve um ligeiro deslocamento. Ela estava se mexendo. Se eu tivesse algum tipo de alavanca, se houvesse uma barra de ferro ou um pedaço de metal num daqueles montes de entulho nos cantos, eu poderia levantar o bloco.

– Kev, me diga uma coisa. Aqueles ratos que morreram nas paredes, foi no inverno em que fui embora?

Os olhos de Kevin foram se arregalando devagar. As faixas cinzentas de luz doentia faziam com que ele parecesse transparente, como uma projeção tremeluzindo numa tela.

– Ah, meu Deus, Frank Ah, não.

– Estou fazendo uma pergunta. Logo depois que eu me mandei, ratos nas paredes, sim ou não?

– Frank..

– Sim ou não.

– Eram só *ratos*, Frank Eles estavam por toda parte aqui dentro. Nós os *vimos* um montão de vezes.

Para que, quando o tempo esquentasse, não sobrasse nada que viesse a causar um fedor horrível e fizesse com que as pessoas começassem a reclamar com o senhorio ou com a imobiliária.

– E sentiram o cheiro. De coisa podre.

– É – concordou Kevin, por fim, depois de um tempo.

– Vamos embora. – Agarrei seu braço com força demais, mas não conseguia largá-lo, e o empurrei escada acima, rápido, sentindo que as tábuas cediam e se lascavam sob nossos pés. Quando saímos para a escada da frente e sentimos uma aragem úmida e fria e uma garoa, eu já estava com meu celular na outra mão e discava o número do Departamento de Polícia Técnica.

O perito criminal que me atendeu estava de mau humor, seja porque estivesse no plantão de final de semana, seja porque seria arrastado para fora de seu cubículo quentinho e acolhedor. Eu lhe disse que tinha informação sobre um corpo que havia sido enterrado sob uma laje de concreto no porão do nº 16 do Faithful Place – sem entrar em detalhes, como datas –, que eu precisava de uma equipe do departamento e alguns policiais fardados; e que eu poderia ou não estar no local quando eles chegassem. O perito emitiu uns ruídos evasivos sobre mandados de busca, até eu lhe informar que qualquer possível suspeito já teria sido um invasor do local e, portanto, não poderia esperar qualquer privacidade. E – quando ele continuou reclamando – informei-lhe que, de qualquer jeito, a casa já estava abandonada havia no mínimo trinta anos e, assim, era considerada lugar público *de facto*, conforme a lei, sem necessidade de mandado. Eu não sabia ao certo como isso se sustentaria num tribunal, mas era um problema para depois, e fez o perito calar a boca. Arqueei-o na base de dados do meu cérebro com o nome de Babaca Inútil, para futura referência.

Kevin e eu esperamos pelo perito criminal e seu pessoal na escada da entrada do cafofo dos estudantes, no nº 11, perto o suficiente para que eu não perdesse nada, longe o suficiente para que, com alguma sorte, ninguém associasse minha presença ao que estava para acontecer. Se as coisas tomassem o rumo que eu pensei que tomariam, eu precisava que o beco me visse como um filho do lugar que estava de visita, não como um policial.

Acendi um cigarro e ofereci o maço a Kevin, que recusou.

– O que estamos fazendo? – perguntou.

– Ficando fora do caminho.

– Você não precisa estar lá?

– Os peritos são meninos crescidinhos – disse eu. – E meninas crescidinhas.

Eles podem fazer seu trabalho sem que eu os segure pelas mãos.

Ele ainda parecia em dúvida.

– Nós não deveríamos... ver se há realmente alguma coisa lá, antes de chamar a polícia?

Por incrível que pareça, essa ideia já tinha me ocorrido. Foi necessário cada milímetro de força de vontade para eu não ter levantado a placa de concreto, com as unhas se fosse preciso. Consegui não perder a calma com ele.

– Provas – respondi. – Os peritos possuem equipamentos para coletar provas de maneira adequada, e nós, não. A última coisa de que eles precisam é a gente estragar tudo. Isso se houver alguma coisa lá dentro.

Kevin mudou o peso do corpo para examinar o traseiro das calças; a escada estava molhada, e ele ainda usava sua roupa boa de trabalho do dia anterior.

– Você parecia ter bastante certeza ao telefone.

– Eu os queria aqui. Hoje. Não em algum dia da semana que vem, quando lhes desse vontade de passar a tarde fora.

Pelo canto do olho percebi o olhar de soslaio que Kev me dava, perplexo e um pouco desconfiado. Depois, ele ficou quieto, sacudindo o pó e as teias de aranha de suas calças, cabisbaixo, o que era bem conveniente para mim. É necessário ter paciência na minha profissão, e as pessoas geralmente dizem que tenho esse dom; mas, depois do que me pareceu uma semana, eu já estava considerando a hipótese de ir até o departamento e arrancar da frente do World of Warcraft o perito, agarrando-o pelos testículos atrofiados.

Shay surgiu no alto da escada de nossa casa e veio em nossa direção, como quem não quer nada, palitando os dentes.

– Alguma novidade? – perguntou.

Kevin começou a dizer alguma coisa, mas cortei logo.

– Não muita.

– Vi você entrando na casa dos Cullen.

– É provável.

Shay olhou a rua de cima a baixo. Vi que a porta da casa nº 16, que ainda estava oscilando meio aberta, chamou sua atenção.

– Esperando alguma coisa? – perguntou.

– Senta aí – disse eu, sorrindo de orelha a orelha para ele e dando um tapinha no degrau a meu lado. – Talvez você descubra.

Shay bufou, mas depois subiu a escada e se sentou no alto, com os pés na minha cara.

– Nossa mãe está procurando por você – disse ele a Kevin. Kevin gemeu; Shay deu uma risada e levantou a gola para se proteger do frio.

Foi quando ouvi o barulho de pneus nas pedras do calçamento na esquina lá em cima. Acendi outro cigarro e me joguei para trás na escada, procurando dar a impressão de alguém desconhecido e de reputação ligeiramente duvidosa. Shay fez a gentileza de me ajudar, só por estar ali. Como se viu depois, não foi necessário: dois policiais uniformizados num carro de patrulha e três rapazes da polícia técnica saltando de sua van, e eu não conhecia nenhum deles.

– Cristo – sussurrou Kevin, inquieto. – É muita gente. É sempre...?

– Isso é o mínimo. Talvez eles chamem reforços depois, dependendo do que rolar lá dentro. – Shay deu um assvioio longo e debochado.

Já fazia um bom tempo que eu não observava uma cena de crime do lado de cá da faixa de isolamento, como um agente sob disfarce ou um cidadão comum. Tinha até me esquecido de como funcionava a máquina quando em ação. Os rapazes do departamento, embrulhados em suas roupas brancas da cabeça aos pés, carregando pesadas caixas de truques sinistros e ajustando as máscaras enquanto subiam os degraus e desapareciam dentro do nº 16, fizeram com que eu sentisse um arrepio na nuca. Shay cantava baixinho, para si mesmo:

– *Three big knocks came knocking at the door, weela weela waile; two policemen and a Special Branch man, down by the River Saille...*

Quando os policiais estavam desenrolando a fita zebraada ao longo da grade e ainda não tinham terminado de isolar o local, as pessoas já sentiam o cheiro de sangue no ar e vieram buscar uma provinha. Velhas de bobes e lenços nos cabelos surgiram nas portas de casa e caminharam pesadamente rua acima, para trocar comentários e especulações suculentas (“Foi uma jovem que depois de ter dado à luz deixou o bebê lá.” “Deus me perdoe, isso é terrível! Olha só, Fiona Molloy andou engordando muito, você acha que talvez...?”). Homens decidiram de repente que precisavam fumar na escada da entrada de casa e verificar como estava o tempo. Adolescentes com cara de mães precoces e jovens cheios de espinhas encostados no último muro fingiam que não estavam nem aí para o que acontecia. Um punhado de garotinhos de cabeça raspada ia e voltava zunindo em seus skates, boquiabertos, sem tirar os olhos do nº 16, até que um deles atropelou Sallie Hearne e ela lhe deu um tapa nas pernas. Os Daly estavam na sua escada; o sr. Daly mantinha um braço no ombro da sra. Daly para que ela não saísse dali. A cena toda me fez ficar irritadiço. Não me sinto bem quando não consigo saber quantas pessoas estão ao meu redor.

O Liberties sempre teve um espírito predador quando se trata de fofoca. Em Dalkey, se a equipe que estivesse trabalhando na cena do crime tivesse a ousadia de aparecer na rua sem ter pensado numa autorização, ninguém teria se deixado flagrar demonstrando algo tão vulgar como a curiosidade. Talvez uma alma temerária sentisse uma necessidade repentina de cuidar das flores no jardim da frente e contasse o que ouviu para as amigas no chá da tarde, mas em geral as pessoas saberiam da história quando abrissem o jornal na manhã seguinte. No Faithful Place, por outro lado, as pessoas sugavam a informação na fonte. A velha sra. Nolan segurava um dos policiais firmemente pela manga e parecia exigir uma explicação com todos os detalhes. Ele dava a impressão de não ter recebido o treinamento mais básico que o preparasse para uma situação como aquela.

– Francis – disse Kevin. – Pode ser que não haja nada lá.

– Pode ser.

– Sério. Eu posso ter imaginado. Será que é tarde demais para...

– Imaginado o quê? – perguntou Shay.

– Nada – respondi.

– Kev.

– Nada. É isso que estou *dizendo*. Talvez eu tenha imaginado...

– O que eles estão procurando?

– Meus colhões – respondi.

– Vamos esperar que tenham trazido um microscópio.

– Mas que diabo! – disse Kevin, agoniado, esfregando uma sobancelha e olhando fixo para os policiais fardados. – Eu não estou gostando disso, cara. Eu só queria...

– Perigo à vista – disse Shay de repente. – A mamãe.

Nós três deslizamos escada abaixo, depressa e em perfeita sincronia, mantendo a cabeça bem abaixo do nível das outras cabeças naquela multidão. Avistei minha mãe numa brecha entre as pessoas: de pé na escada da entrada de nossa casa, os braços cruzados logo abaixo do peito, esquadrinhando a rua com olhar penetrante, como se soubesse muito bem que eu era o culpado daquela confusão e que me faria pagar por isso. Meu pai estava atrás dela, fumando um cigarro e observando o que estava acontecendo, sem qualquer expressão no rosto.

Barulhos no interior da casa. Um dos peritos criminais saiu, apontando o polegar para trás e dizendo alguma gracinha que fez os policiais reprimirem uma risada. Ele destrancou a van, remexeu em algumas coisas e voltou a subir correndo a escada da casa com um pé de cabra na mão.

– É só ele usar aquilo lá dentro e o barraco desaba todo em cima dele.

Kevin mudava de posição sem parar, como se o degrau da escada machucasse seu traseiro.

– O que acontece se não encontrarem nada?

– Aí, nosso Francis entra para a lista negra – respondeu Shay. – Por ter feito todo mundo perder tempo. Não seria uma pena?

– Valeu por se preocupar. Eu supero.

– Ah, é claro. Você sempre supera. O que eles estão procurando?

– Por que não pergunta a eles?

Um estudante cabeludo com uma camiseta do Limp Bizkit veio saindo do nº 11 esfregando a cabeça e parecendo estar numa ressaca terrível.

– O que está acontecendo?

– Volta para dentro – disse-lhe eu.

– Essa escada é minha.

Mostrei-lhe minha identidade.

– Essa não – disse ele e se arrastou para dentro da casa, esmagado pela injustiça de tudo aquilo.

– Isso mesmo – disse Shay –, use o distintivo para intimidar o rapaz – Mas falou por puro reflexo. Seus olhos, meio fechados contra a luz que diminuía, estavam no nº 16.

Um estrondo forte e grave como um tiro de canhão ecoou pela rua, reverberando nas casas e se espalhando pelo Liberties. Era aquela placa de concreto caindo. Nora encolheu-se e deu um gritinho de susto; Sallie Hearne apertou a gola do cardigã em torno do pescoço e se benzeu.

Foi quando senti o tremor no ar, a descarga elétrica vinda das profundezas do nº 16 e se propagando em ondulações. As vozes dos peritos, elevando-se e então diminuindo até sumir; os policiais se voltando para ver o que estava acontecendo; as pessoas se inclinando para a frente, as nuvens cada vez mais carregadas sobre

os telhados das casas.

Atrás de mim Kevin disse alguma coisa que incluiu meu nome. Percebi que tínhamos nos levantado e que ele segurava meu braço.

– Me solta – disse-lhe.

– Frank...

Dentro da casa alguém gritou uma ordem, um grito áspero e rápido. Deixei de me preocupar se alguém sabia que eu era policial.

– Fiquem aí – disse eu.

O policial que tomava conta das grades era atarracado, com uma cara afetada como a da tia de alguém.

– Vá circulando, filho – disse ele. Ele tinha um sotaque carregado de caipira do brejo. – Não tem nada aqui para ver.

Mostrei-lhe minha identidade, que ele leu mexendo os lábios. Pés na escada dentro da casa, um lampejo de um rosto na janela do patamar. Em algum lugar o sr. Daly gritou alguma coisa, mas sua voz parecia estar muito longe e em rotação lenta, como se estivesse vindo por um longo cano de metal.

– Essa aí – disse-me o policial, enquanto me devolvia a identidade – é para operações secretas. Não fui informado de nenhum agente infiltrado no local.

– Está sendo informado agora.

– Você vai ter de falar com o oficial responsável pela investigação. Pode ser o meu sargento, ou pode ser um dos rapazes da Homicídios, dependendo do que...

– Saia da minha frente – disse eu.

Ele franziu os lábios.

– Não há necessidade de falar comigo nesse tom. Pode esperar ali, onde você estava, até que esteja autorizado a entrar pelo...

– Saia do meu caminho ou lhe quebro os dentes.

Seus olhos pareceram saltar das órbitas, mas eu não estava brincando e ele se afastou do caminho. Ele ainda estava me dizendo o que ia pôr na queixa contra mim, quando galguei a escada, três degraus de cada vez, e passei direto por seu companheiro assustado no vão da porta.

Podem rir. Lá no fundo, nem por um segundo pensei que eles fossem encontrar alguma coisa. Eu, o sr. Cínico Escolado pelas Ruas, que passo aos novatos minha pequena lição esperta sobre como o mundo é sempre dois graus mais perverso do que se imagina, jamais acreditei que ele faria isso comigo. Não acreditei quando abri aquela mala, não acreditei quando senti a laje de concreto balançar naquele porão sombrio, não acreditei quando senti a descarga elétrica magnetizando o ar da noitinha. Bem lá no fundo, mais fundo do que tudo o que eu sabia antes ou desde então, eu ainda acreditava em Rosie. Acreditei nela enquanto descia ao porão pela escada caindo aos pedaços e acreditei quando vi o círculo de rostos com máscaras se voltando para mim na luz branca das

lanternas, a laje de concreto arrancada e enviesada num ângulo improvável no chão, entre cabos e pés de cabra, quando senti o cheiro forte vindo da terra prenunciando alguma coisa terrivelmente errada. Acreditei nela o tempo todo, até o momento em que empurrei os peritos para conseguir passar e vi o que eles estavam vendo ali agachados: o buraco cavado de forma irregular, o emaranhado negro de cabelos, os trapos que talvez tivessem sido jeans e os ossos lisos marrons com marcas de mordidas miúdas. Vi a delicada curva do esqueleto de uma mão e soube que no momento em que encontrassem as unhas, em algum lugar nas camadas de sujeira, insetos mortos e lama apodrecida, a unha do indicador direito estaria roída até o sabugo.

Eu cerrava de tal forma os dentes que tinha certeza de que eles iam quebrar. Não me importava; eu queria sentir esse estalo. A coisa naquele buraco estava enroscada como uma criança adormecida, o rosto aconchegado nos braços. Talvez aquilo tenha salvado minha razão. Ouvi a voz de Rosie dizendo *Francis*, nítida e assombrada junto do meu ouvido, nossa primeira vez.

Alguém resmungou algo sobre contaminação e uma mão empurrou uma máscara no meu rosto. Dei um passo para trás e passei meu pulso pela boca, com força. As rachaduras no teto estavam dançando, pulando como uma tela de TV ruim. Acho que me ouvi dizendo, muito baixo: “Ai, merda.”

– Você está bem? – perguntou um dos peritos.

Ele estava de pé, perto demais de mim, e parecia que tinha feito a pergunta algumas vezes.

– Estou – respondi.

– A primeira vez sempre impressiona, não é? – disse alguém da equipe dele com superioridade. – Já vimos coisa pior.

– Foi você quem telefonou? – perguntou o perito.

– Sim. Detetive Frank Mackey.

– Homicídios?

Levei um segundo para compreender o que ele estava dizendo. Minha mente foi desacelerando até parar.

– Não – respondi.

O perito me deu um olhar estranho. Ele era uma coisinha cretina com a metade da minha idade e metade do meu tamanho, provavelmente aquele mesmo babaca inútil de antes.

– Nós ligamos para a Homicídios – disse ele. – E para o médico-legista.

– Fez muito bem – disse seu parceiro, animado. – Ela não veio parar aqui sozinha.

Ele estava segurando um saco para colocar as provas do crime. Se algum deles tocasse em Rosie na minha frente, eu sabia que ia acabar com a raça dele.

– Que bom – disse eu. – Tenho certeza de que eles vão chegar a qualquer instante. Vou lá dar uma mão aos policiais.

Enquanto subia a escada, ouvi o babaca dizer alguma coisa sobre os moradores locais estarem ficando inquietos e umas risadinhas soltas vindas de sua equipe. Parecia um bando de adolescentes, e por uma fração de segundo eu poderia jurar que eram Shay e seus amigos ali embaixo, fumando baseado e rindo de piadas sujas, e que a porta do corredor abria para a vida em que eu tinha nascido, que nada daquilo estava acontecendo.

Do lado de fora, o círculo de pessoas tinha engrossado e se fechado mais, pescoços esticados, a apenas alguns passos do meu amigo cão de guarda. Seu colega desceu a escada para ficar ao seu lado na grade. As nuvens estavam mais baixas sobre os telhados e a luminosidade tinha mudado e agora era de um branco violáceo machucado e perigoso.

Um movimento atrás da multidão. O sr. Daly vinha afastando as pessoas com os braços, para abrir caminho, mal vendo quem quer que fosse, os olhos fixos em mim.

– Mackey... – Ele tentava gritar, mas a voz estava embargada e saía rouca e oca. – O que tem lá dentro?

– Eu sou o responsável por esse local – disse o monstro do brejo com jeito arrogante. – Afaste-se.

A única coisa que eu desejava neste mundo era que um deles, qualquer um, viesse para cima de mim.

– Você não conseguiria ser responsável nem pelo seu próprio nariz – disse eu ao policial a alguns centímetros de sua cara balofa; e, quando ele desviou seus olhos dos meus, eu o empurrei da minha frente e fui ao encontro do sr. Daly.

No segundo em que atravessei a porta, o sr. Daly me agarrou pela gola e me puxou com força, ficando com a cara quase encostada na minha. Senti um arrepio de algo semelhante a felicidade. Ele era mais macho do que o policial, ou não queria recuar diante de um Mackey, e qualquer uma das duas opções era boa para mim.

– O que tem lá dentro? O que você descobriu?

Uma velha deu um grito agudo, extasiada, e os arruaceiros começaram a vaiar.

– Você quer tirar as mãos de cima de mim, cara? – disse eu bem alto para que muitas pessoas pudessem me ouvir avisando-o.

– Não me venha você, seu filho da mãe, não me venha você dizer... É minha Rosie que está lá? É isso?

– *Minha* Rosie, cara. Minha namorada. Minha. Vou falar mais uma vez: tire as mãos de cima de mim.

– Foi culpa sua, seu vermezinho imundo. Se ela está lá é por sua causa. – Sua testa fazia pressão contra a minha, e a força que ele usava era tamanha que minha camisa estava cortando meu pescoço. Os arruaceiros começaram uma

cantilena.

– Po-rra-da! Po-rra-da! Po-rra-da!

Consegui agarrá-lo pelo pulso e estava para quebrá-lo, quando senti seu cheiro, seu hálito; um cheiro animalesco, forte, quente, que eu conhecia de cor. O homem estava aterrorizado, quase fora de si. Naquele segundo eu vi Holly.

Todo o sangue me fugiu dos músculos. Parecia que algo tinha se quebrado no fundo do meu peito.

– Sr. Daly – disse eu, com a maior delicadeza possível –, assim que souberem de alguma coisa, eles irão lhe dizer. Até lá, o senhor precisa ir para casa.

Os policiais tentavam afastá-lo de mim, berrando em caipirês. Nenhum de nós dois deu a mínima. Havia círculos brancos enlouquecidos em torno dos olhos do sr. Daly.

– *É a minha Rosie?*

Posicionei meu polegar no nervo do pulso dele e apertei com toda a força. Ele arquejou e soltou minha gola, mas, um segundo antes de um policial arrancá-lo dali, ele empurrou o maxilar contra o meu e sussurrou no meu ouvido, pertinho como se fosse um amante:

– Culpa sua.

A sra. Daly surgiu de repente, emitindo gemidos incompreensíveis e se jogou em cima dele e do policial. O sr. Daly relaxou e juntos eles o levaram dali, perdendo-se na multidão tagarela.

Por algum motivo o monstro do brejo estava grudado à parte de trás da minha jaqueta. Afastei-o com uma cotovelada bem dada. Então, encostei-me na grade, endireitei minha camisa e massageei o pescoço. Eu estava ofegante.

– Isso não vai ficar assim, rapaz – informou o monstro do brejo com ar ameaçador. A cor dele era uma nuance de púrpura nada saudável. – Vou lhe dizer agora. Farei uma queixa.

– Frank Mackey. Com E e Y no final – disse-lhe eu. – Diga para eles colocarem na pilha.

O policial bufou como uma solteirona indignada e afastou-se de modo brusco, para descontar na multidão de abelhudos, gritando e gesticulando feito louco para que eles recuassem. Vi Mandy, de relance, com uma menininha apoiada no quadril e segurando a mão da outra, três pares de olhos assustados. Os Daly subiram a escada do nº 3 aos tropeços, amparando um ao outro, e desapareceram dentro da casa. Nora estava encostada na parede, ao lado da porta, apertando a boca com a mão.

Voltei para o nº 11, que parecia um lugar como outro qualquer. Shay acendia outro cigarro. Kevin parecia mal.

– Eles encontraram alguma coisa, não foi? – perguntou ele.

O médico-legista e o carro do necrotério estariam chegando a qualquer minuto.

– Foi – respondi. – Encontraram.

– É...? – Um longo silêncio. – O que encontraram?

Peguei meu maço de cigarros. Shay, no que pode ter sido um gesto de solidariedade, me ofereceu o isqueiro.

– Você está bem? – perguntou Kevin depois de algum tempo.

– Estou ótimo – respondi.

Nenhum de nós disse nada por um bom tempo. Kevin pegou um cigarro meu; a multidão foi se acalmando aos poucos e começou a contar várias histórias sobre violência policial e a discutir se o sr. Daly poderia processar alguém. Algumas das conversas aconteciam aos sussurros, e percebi que algumas pessoas me olhavam de forma estranha, por cima dos ombros. Encarei a todos sem piscar os olhos, até que era gente demais e não dava para eu continuar.

– Cuidado – disse Shay baixinho, olhando para o céu carregado de nuvens. – O velho Mackey está de volta.

Cooper, o médico-legista, um sujeitinho irritante com complexo de Deus, chegou primeiro. Estacionou seu enorme Mercedes preto, olhou sério acima das cabeças da multidão, esperando que as águas se abrissem para ele passar, e entrou empertigado na casa, calçando as luvas e deixando para trás os murmúrios que aumentavam cada vez mais. Alguns desocupados se aproximaram para ficar em volta do carro, mas o monstro do brejo gritou-lhes algo ininteligível e eles foram se afastando, sem se alterar. O beco estava com gente demais e concentrado demais, em alvoroço, como um tumulto que só estivesse esperando o momento certo para começar.

Os caras do necrotério chegaram em seguida. Eles saíram de sua van branca encardida e foram direto para a casa, carregando a maca azul, que balançavam displicentemente, e de uma hora para a outra a multidão mudou. A ficha coletiva caiu: aquilo não se tratava apenas de uma distração melhor do que qualquer reality show meia-boca que estivesse passando na TV; estava acontecendo de verdade, e mais cedo ou mais tarde alguém sairia naquela maca. Os pés pararam de se mexer e um sibilo baixinho percorreu a rua como uma brisa tênue, diminuindo até silenciar. Foi então que surgiram os rapazes da Homicídios, como sempre com sua impecável noção de tempo.

Uma das muitas diferenças entre a Divisão de Homicídios e a de Inteligência é nossa atitude com relação à sutileza. Os agentes infiltrados são ainda melhores nisso do que se pensa, e, quando estamos a fim de dar uns risinhos, adoramos observar como o pessoal da Homicídios gosta de entrar em cena. Aqueles dois dobraram a esquina numa BMW prateada sem identificação, que não precisava de nenhuma identificação, frearam de chofre, pararam o carro num ângulo dramático, bateram as portas em sincronia, coisa que devem ter ensaiado bastante, e se dirigiram arrogantes para o nº 16, parecendo estar ouvindo o fundo musical de *Havai 5-O* a todo o volume.

Um deles era um rapaz louro com cara de fuinha, que ainda estava aperfeiçoando seu modo de andar e se esforçando muito para acompanhar o outro. O companheiro, da minha idade, vinha balançando uma lustrosa pasta de couro, e dava a impressão de que seu jeito de andar arrogante fazia parte de seu terno classudo. A cavalaria tinha chegado, e ela se chamava Campeão Kennedy.

O Campeão e eu frequentamos juntos a academia de polícia. Ele foi o colega mais próximo que tive no treinamento, o que não quer dizer, necessariamente, que gostássemos um do outro. A maior parte dos caras veio de lugares dos quais eu nunca tinha ouvido nem queria ouvir falar. O principal objetivo deles, em matéria de carreira, era usar uniforme que não incluísse botas de borracha e uma chance de conhecer garotas que não fossem suas primas. O Campeão e eu

éramos dublinenses e nós dois tínhamos planos a longo prazo que não envolviam uniforme de espécie alguma. Nós nos identificamos já no primeiro dia e passamos os três anos seguintes tentando derrotar um ao outro em tudo, dos exames de saúde ao jogo de sinuca.

O nome verdadeiro do Campeão é Mick O apelido é por minha conta, e pessoalmente acredito que até peguei leve. Ele gostava de vencer, nosso Mick; eu mesmo também gosto, mas sei ser sutil. Kennedy tinha o pequeno hábito insuportável, quando chegava ao primeiro lugar em qualquer coisa, de dar um soco no ar e murmurar “Gol!”, quase inaudível, mas não totalmente. Relevei isso por algumas semanas, e então comecei a pegar no pé dele: “Fizeram a cama pra você, Mikey, isso é fazer gol? É um bom gol, é? Uma tijolada, Campeão? Você mandou a bola pro fundo da rede? Venceu de virada nos acréscimos?” Eu me relacionava melhor com os caipiras do que ele, e não demorou nada para todo mundo começar a chamá-lo de Campeão, nem sempre no bom sentido. Ele não ficou satisfeito, mas disfarçava bem. Como disse, eu poderia ter sido mais cruel, e ele sabia disso. Eu tinha pensado em “Michelle”.

Não nos esforçamos muito para continuar em contato depois que saímos para o grande mundo cruel, mas, quando nos encontrávamos por acaso, saíamos para beber, principalmente para que pudéssemos nos manter atualizados sobre quem estava vencendo. Ele formou-se detetive cinco meses antes de mim; eu o superei conseguindo sair da reserva de pessoal para uma nomeação um ano e meio antes dele. Ele se casou primeiro, mas também se divorciou primeiro. No fim das contas, estávamos meio que empatados. O rapazola louro não me causou surpresa. Embora a maioria dos detetives da Homicídios tenha um parceiro, é natural que o Campeão preferisse um ajudante servil.

O Campeão deve ter pouco mais de 1,80m, uns 2 ou 3 centímetros mais alto que eu, mas se porta como se fosse um cara baixinho: peito estufado, ombros para trás e o pescoço muito esticado. Seu cabelo é escuro, sua compleição, magra, e ele tem um senhor conjunto de músculos na mandíbula e uma facilidade de atrair aquele tipo de mulher que quer ser símbolo de status quando crescer e não tem as pernas que chamem a atenção de um jogador de rúgbi. Eu sei, e ninguém me disse isso, que os pais dele têm *serviettes* no lugar de guardanapos, e preferem ficar sem comida a ficar sem cortinas de renda. O sotaque do Campeão é estudado para parecer de classe média alta, mas alguma coisa no jeito com que ele usa o terno entrega sua origem.

Na escada do nº 16, ele se virou e deu uma segunda olhada no entorno do beco, avaliando a dimensão daquilo com que estava lidando. Ele me viu, tudo bem, mas seus olhos passaram por mim como se nunca tivessem me visto antes. Uma das muitas delícias da Inteligência é que as outras divisões não conseguem nunca saber realmente quando estamos a serviço ou quando estamos, por exemplo, de verdade saindo com os amigos, e aí eles nos deixam em paz, por via

das dúvidas. Se eles dessem uma mancada e expusessem o disfarce, a espinafração que receberiam no trabalho não seria nada comparada com a gozação que os esperava no bar, pelo resto da vida.

– Esperem aqui – disse eu, quando o Campeão e seu coleguinha desapareceram no vão escuro daquela porta.

– Eu pareço sua mulherzinha? – perguntou Shay.

– Só a boca. Volto num instante.

– Deixa pra lá – disse Kevin a Shay, sem levantar os olhos. – Ele está trabalhando.

– Ele está falando igual à porra dos tiras.

– Dã – disse Kevin, perdendo a paciência finalmente. No que dizia respeito a irmãos, seu dia tinha sido longo. – Bem observado. Não me torre a paciência. – Ele se lançou da escada e abriu caminho por entre os Hearne, subindo pela rua e desaparecendo. Shay deu de ombros. Eu deixei para lá e fui apanhar a mala.

Não se via Kevin em lugar nenhum, meu carro continuava intacto e, quando voltei, Shay tinha se mandado também, para onde quer que fosse. Minha mãe estava na ponta dos pés, do lado de fora da nossa porta, acenando para mim e gritando alguma coisa que parecia urgente, mas isso é típico dela. Fingi que não a vi.

O Campeão estava na escada do nº 16, tendo o que parecia uma conversa profundamente improdutiva com meu guarda caipira predileto. Enfiei a mala debaixo do braço e passei tranquilamente entre eles.

– Oi, Campeão – disse eu, dando um tapinha nas costas dele. – Bom ver você.

– Frank! – Ele me parou num cumprimento masculino, com ambas as mãos.

– Ora, ora, ora. Já faz um bom tempo. Soube que chegou aqui antes de mim, verdade?

– Foi mau – disse eu, dando um sorriso enorme para o policial fardado. – Só queria dar uma olhada rápida. Talvez eu tenha alguma informação privilegiada aqui.

– Pelo amor de Deus, não me dê esperanças. Isto aqui está mais para um arqueólogo. Se você souber de qualquer coisa que nos leve na direção certa, vou ficar eternamente grato.

– É disso que eu gosto – disse eu, afastando-o do monstro do brejo, que estava se esforçando para escutar, boquiaberto. – É possível que eu tenha uma identificação para você. Segundo minha fonte, pode ser uma garota chamada Rose Daly, que morava no nº 3 e está desaparecida há um bom tempo.

O Campeão deu um assovio, erguendo as sobrancelhas.

– Maravilha. Tem uma descrição?

– Tinha 19 anos, 1,73m, curvilínea, talvez uns 63 quilos, cabelos longos ruivos ondulados, olhos verdes. Não sei dizer com certeza o que estava usando na última vez em que foi vista, mas é provável que estivesse com uma jaqueta de brim e

botas Doc cor de vinho de 14 furos. – Rosie vivia com aquelas botas. – Essa descrição corresponde ao que você descobriu?

– Não excluí o que descobrimos – disse Campeão, cauteloso.

– Deixa disso, Campeão. Tenta de novo.

O Campeão deu um suspiro, passou a mão no cabelo e depois o arrumou de novo.

– Segundo Cooper, é uma mulher jovem e está lá entre cinco e cinquenta anos. É tudo o que ele diz enquanto ela não estiver na mesa do necrotério para os exames. Os peritos encontraram um monte de coisas que não dá para identificar, um botão de jeans e um punhado de aros de metal que talvez sejam os ilhoses dessas botas. O cabelo talvez tenha sido ruivo, mas é difícil dizer.

Aquele emaranhado encharcado Deus sabe com o quê.

– Alguma ideia do que a matou? – perguntei.

– Quem dera. Você conhece o miserável do Cooper? Ele é um filho da puta quando não gosta de você, e por algum motivo ele nunca foi com a minha cara. Ele não vai confirmar nada, a não ser, e não precisa ser um Sherlock Holmes para isso, que ela está morta. A meu ver há um forte indício de que alguém bateu com um tijolo na cabeça dela várias vezes. O crânio está afundado. Mas o que eu entendo disso? Sou apenas um detetive. Cooper estava desfiando uma cantilena sobre lesões *post mortem* e fraturas por pressão... – De repente o Campeão parou de olhar ao redor da rua e fixou o olhar em mim. – Por que todo esse interesse? Ela não é nenhuma informante que caiu nessa roubada por sua causa, é?

Eu sempre me surpreendo com o fato de o Campeão não ser esmurrado com mais frequência.

– Meus informantes não levam golpes com tijolo na cabeça, Campeão. Nunca. Eles vivem uma vida longa, feliz, gratificante e morrem de velhice.

– Ei, calma aí – disse o Campeão, levantando as mãos. – Desculpe por eu existir. Se ela não é de sua equipe, então por que você está interessado em saber o que lhe aconteceu? E não quero parecer mal-agnosticado, mas como foi que você veio parar aqui?

Dei-lhe tudo o que ele de qualquer jeito conseguiria saber em algum outro lugar: amor da juventude, encontro à meia-noite, herói rejeitado fugindo para o mundo frio e cruel, mala, rastros de deduções brilhantes. Quando terminei, ele estava com os olhos arregalados em cima de mim, com um misto de assombro e algo que se parecia com piedade, coisa que não me agradou nem um pouco.

– Puta merda – disse ele, o que na verdade resumia muito bem as coisas.

– Pega leve, Campeão. Já se passaram 22 anos. Essa paixão já se apagou há muito tempo. Só estou aqui porque minha irmã predileta parecia que ia ter um infarto, e isso poderia arruinar meu fim de semana.

– Mesmo assim. Antes você do que eu, cara.

– Eu ligo para você se precisar de um ombro amigo.

– Modo de falar – disse ele, dando de ombros. – Não sei como as coisas funcionam para você, mas eu não ia gostar nada de explicar isso ao meu superior.

– Meu superior é um cara muito compreensivo. Seja legal comigo, Campeão. Tenho presentes de Natal para você.

Entreguei-lhe a mala e os envelopes da Fifi Digitais, pois ele faria o que precisava ser feito mais rápido do que eu e com menos empecilhos. De qualquer jeito, o sr. Daly já não me parecia tanto uma prioridade pessoal. O Campeão examinou as coisas como se estivessem cheias de piolhos.

– O que você planejava fazer com isso? – indagou. – Se posso perguntar.

– Passá-los para alguns amigos em funções subalternas. Só queria saber com o que estamos lidando.

O Campeão ergueu uma sobrancelha, mas não fez nenhum comentário. Examinou os envelopes, lendo as etiquetas: Matthew Daly, Theresa Daly, Nora Daly.

– Você acha que foi alguém da família?

– Os entes mais próximos e queridos. É um bom lugar para começar como qualquer outro – respondi, dando de ombros.

O Campeão olhou para o céu. Tinha escurecido como se fosse noite, e as primeiras gotas gordas de chuva vinham caindo com vontade. A multidão começou a se dispersar, as pessoas voltaram para o que deveriam estar fazendo, e só o núcleo implacável de desocupados e velhas de lenço na cabeça continuou por ali.

– Tenho de terminar algumas coisas aqui – disse ele –, e vou querer ter uma conversa preliminar com a família dessa garota. E então vamos tomar uma cervejinha, você e eu, está bem? Botar as novidades em dia. O garoto pode ficar de olho na cena do crime por enquanto; vai ser bom para ele ganhar prática.

Os sons que vinham por trás dele, lá do fundo da casa, mudaram: um longo rangido estridente, um grunhido, botas batendo surdas em tábuas ocas. Vultos brancos se movimentavam, misturando-se com as grossas camadas de sombras e o clarão dos infernos, que vinha do porão. Os rapazes do necrotério estavam trazendo sua carga.

As velhas arquejaram e se benzeram, absorvendo cada segundo. Os rapazes do necrotério passaram por mim e pelo Campeão de cabeça baixa, para se protegerem da chuva que estava aumentando, um deles já reclamando do tráfego. Eles passaram tão perto de mim que eu poderia ter estendido a mão e tocado o corpo ensacado. Era apenas um monte sem forma sobre a maca, tão murcho que o saco poderia estar vazio, tão leve que eles o carregavam como se não houvesse nada ali.

O Campeão observou quando eles colocaram a maca na traseira da van.

– Volto já – disse ele. – Fique por aqui.

Fomos ao Blackbird, que ficava a algumas quadras, longe o suficiente e frequentado exclusivamente por homens, de modo que a notícia ainda não havia chegado ali. O Blackbird foi o primeiro bar em que consegui ser servido, quando tinha 15 anos e estava vindo do meu primeiro dia de trabalho avulso carregando tijolos num canteiro de obras. Para Joe, o barman, se você fizesse trabalho de adulto merecia uma caneca de cerveja de adulto depois. Joe tinha sido substituído por um cara com uma peruquinha muito semelhante, e a névoa de fumaça de cigarro tinha se transformado numa aura de bebida azeda e suor tão forte que dava para vê-la arfando; mas, fora isso, não houve grandes mudanças. Nas paredes, as mesmas fotografias rachadas, em preto e branco, de equipes esportivas não identificadas, os mesmos espelhos cheios de sujeira de mosca por trás do balcão, os mesmos assentos de couro sintético, com o estofado escapando, um punhado de velhotes em banquetas individuais e um aglomerado de caras de botas de trabalho, a metade de poloneses e alguns deles decididamente menores de idade.

Finquei o Campeão, que não consegue disfarçar em que trabalha, numa discreta mesa de canto e fui ao balcão sozinho. Quando voltei com as canecas, ele estava com seu bloco em cima da mesa, fazendo anotações com uma elegante caneta de grife – parece que o pessoal da Homicídios não se dispõe a usar esferográficas baratas.

– Quer dizer – disse ele, fechando o bloco com uma das mãos e aceitando a caneca com a outra – que esta é sua terra natal. Quem diria?

Dei-lhe um largo sorriso, temperado com só um toque de aviso.

– Você calculava que eu fui criado num mansão em Foxrock, não é?

O Campeão riu.

– Difícilmente. Você sempre deixou claro que era, bem, o sal da terra. Mas mantinha os detalhes em segredo total. Imaginei que você tivesse nascido num conjunto habitacional terrível. Nunca pensei num lugar... como vou dizer?... com tanta cor local.

– É um jeito de descrevê-lo.

– Segundo Matthew e Theresa Daly, você não foi visto por aqui, desde a noite em que você e Rose fugiram de casa.

– Cada um aguenta a cor local até certo limite – disse eu, dando de ombros.

O Campeão desenhou uma carinha de sorriso na espuma da sua cerveja.

– E aí? Está sendo boa a volta ao lar? Mesmo que não seja do jeito que você imaginou?

– Se houver um lado cor-de-rosa nisso tudo, o que eu duvido, não é a volta ao lar.

Ele me deu um olhar mortificado, como se eu tivesse peidado na igreja.

– O que você precisa fazer é encarar isso tudo como algo positivo.

Olhei surpreso para ele.

– Estou falando sério. Pegue o que é negativo e vire do outro lado, transformando-o num positivo. – Ele segurou uma bolacha e a virou do outro lado, para demonstrar o conceito.

Em circunstâncias normais, eu teria transmitido para ele exatamente o que eu pensava desse seu dispositivo maluco, mas eu queria alguma coisa dele e por isso me controlei.

– Esclareça, por favor – disse eu.

O Campeão acabou com a carinha de sorriso num gole único e prolongado e agitou um dedo na minha direção.

– A percepção – disse ele, quando resolveu tomar ar – é tudo. Se você acreditar que uma situação pode lhe ser vantajosa, ela será. Está me acompanhando?

– Na realidade, não – disse eu. O Campeão fica cheio de significado com a adrenalina, do mesmo jeito que alguns caras ficam sentimentais quando bebem gim. Desejei ter pedido uma bebida forte para acompanhar.

– Trata-se apenas de *crença*. O sucesso deste país inteiro foi baseado na crença. Os imóveis em Dublin realmente valem três mil libras por metro quadrado? Claro que não. Mas é por esse preço que o imóvel se vende, porque as pessoas *acreditam* que é esse o preço. Você e eu, Frank, estávamos à frente da curva sob esse aspecto. Na década de 1980, este país inteiro estava afundando. Não havia esperança de nada. Mas nós acreditávamos em nós mesmos, você e eu. Foi assim que chegamos aonde estamos hoje.

– Eu cheguei aonde estou sendo bom no que faço. E espero em Deus que você também, cara, porque eu gostaria de ver esse caso resolvido.

O Campeão me lançou um olhar que era meio caminho andado para uma queda de braço.

– Sou bom pra caralho no que faço – disse-me ele. Bom, muito bom mesmo. Você sabe qual é taxa geral de solução de casos da Divisão de Homicídios? 72%. E sabe qual é minha taxa de solução pessoal? – Ele deixou um intervalo para eu fazer que não. – 86%, filhinho. É de ler e chorar: 86%. Você teve sorte quando me indicaram hoje.

– Vai ver que tive, sim. – Dei-lhe um sorriso relutantemente impressionado e fiz que sim, deixando-o sair vitorioso.

– É claro que teve. – Tendo defendido sua posição, o Campeão recostou-se relaxado no assento, encolheu-se e deu um olhar furioso para uma mola quebrada.

– Pode ser – disse eu, segurando minha caneca à luz e olhando pensativo para ela. – Talvez tenha sido o dia de sorte para nós dois.

– Como assim? – perguntou ele, desconfiado. Ele me conhece bem o suficiente para sentir desconfiança por princípio.

– Pense nisso – disse eu. – Quando você começa o trabalho num caso, qual é

a primeira coisa que mais quer?

– Uma confissão completa corroborada por testemunhas e pelos peritos em medicina legal.

– Não, não, não. Acompanhe meu pensamento, Campeão. Você está pensando no específico. Preciso que pense no universal. Em uma única palavra, qual é sua maior vantagem, como detetive? Qual é sua coisa preferida em todo o mundo lá fora?

– A burrice. Dê-me cinco minutos com um burro...

– *É a informação.* De qualquer tipo, de qualquer qualidade, em qualquer quantidade. Toda informação é boa. A informação é munição, Campeão. A informação é combustível. Sem a burrice, sempre podemos encontrar um jeito. Sem informações, estamos perdidos.

O Campeão refletiu um pouco.

– E daí? – perguntou, cauteloso.

Abriu os braços e lhe deu um largo sorriso.

– A resposta a suas preces, cara.

– Kylie de fio dental?

– Preces em termos profissionais. Todas as informações que você poderia querer, todas as informações que nunca obterá sozinho porque aqui ninguém jamais vai lhe contar nada, tudo num pacote perfeito no observador mais bem treinado que você poderia querer: eu.

– Me faz um favor, Frank, e vem para meu nível por um instante. Seja específico. O que você está querendo?

– Não se trata de mim – disse eu, fazendo que não. – Trata-se de uma situação que não tem como dar errado. A melhor forma de transformar isso em algo positivo é trabalharmos juntos.

– Você quer participar do caso?

– Esquece o que eu quero. Pensa no que é bom para você e para mim, sem mencionar o caso. Nós dois queremos uma solução aqui, não é mesmo? Não é essa a prioridade de todos?

O Campeão fingiu pensar por um minuto. E então fez que não, devagar, entristecido.

– Que grilo. Sinto muito, colega. Não dá.

Existe alguém que ainda diga “grilo”? Dei-lhe um largo sorriso, como um desafio.

– Você está preocupado? Você ainda seria o detetive principal, Campeão. Ainda vai ser seu nome no resultado. Não computamos índices de casos resolvidos lá na Inteligência.

– Bem, sorte sua – disse o Campeão, sem se alterar e sem morder a isca. Ao longo dos anos, ele tinha melhorado no controle do ego. – Você sabe que eu adoraria tê-lo na equipe, Frank, mas meu chefe nunca iria autorizar.

Na realidade, o chefe da Divisão de Homicídios não é meu maior fã, mas eu duvidava que o Campeão soubesse. Levantei uma sobranceira e fingi que achei graça.

– Seu chefe não confia em você para escolher sua própria equipe?

– Não se eu não conseguir embasar minhas escolhas. Dê-me alguma coisa sólida para eu mostrar a ele, Frank. Divida comigo uma parte dessas preciosas informações. Rose Daly tinha inimigos?

Nós dois sabíamos que eu não estava numa posição em que poderia ressaltar que já tinha compartilhado bastante informação com ele.

– Não que eu saiba. Esse é um motivo pelo qual nunca me ocorreu que ela pudesse estar morta.

– Como assim? Ela era idiota? – Ele parecia não estar acreditando.

Respondi num tom agradável que permitia que ele tentasse descobrir se eu estava brincando.

– Ela era muito mais esperta do que você jamais vai ser.

– Chata?

– Longe disso.

– Um bagulho?

– A gostosa da vizinhança. Que tipo de gosto você acha que eu tenho?

– Então posso lhe garantir que essa garota tinha inimigos. Uma chata ou um canhão talvez conseguissem não irritar ninguém; mas, se uma garota é inteligente, tem boa aparência e personalidade, ela vai deixar alguém furioso, em algum momento. – Ele me olhou com uma expressão curiosa, por cima da cabeça. – As lentes cor-de-rosa não são seu estilo, Frank. Você deve ter sido realmente louco por ela, não é?

Terreno perigoso.

– Primeiro amor – disse eu, dando de ombros. – Há muito tempo. É provável que eu a idealizasse, tudo bem. Mas ela era uma menina legal de verdade. Não sei de ninguém que tivesse qualquer problema com ela.

– Nenhum ex-namorado cheio de rancor? Nenhuma briga de garotas?

– Rosie e eu estávamos saindo há muito tempo, Campeão. Desde que tínhamos 16 anos. Acho que ela teve uns dois namorados antes de mim, mas estamos falando de namoro de criança: mãos dadas no cinema, escrever o nome um do outro na carteira na escola, desmanchar depois de três semanas porque o envolvimento está ficando forte demais.

– Nomes?

Ele estava com sua reluzente caneta de detetive pronta. Alguns pobres coitados iam receber visitas desagradáveis.

– Martin Hearne, vulgo Zippy na época, mas pode ser que agora ele não atenda por esse nome. Morava no nº 7 e se intitulou namorado de Rosie por um período muito curto, quando estávamos com uns 15 anos. Antes disso, houve um

garoto chamado Colm, que frequentou a escola com a gente, até seus pais voltarem para o interior, para a brejolândia. E, quando tínhamos uns 8 anos, ela deu um beijo em Larry Sweeney da Smith's Road, num desafio. Duvido seriamente que qualquer um deles ainda estivesse apaixonado por ela.

– Nenhuma amiguinha ciumenta?

– Com ciúme do quê? Rosie não era do tipo “mulher fatal”. Ela não flertava com os caras das outras. E eu posso ser irresistível, mas, mesmo que alguém tivesse sabido que nós estávamos saindo juntos, o que ninguém sabia, duvido que alguma garota tivesse despachado Rosie, só para pôr as mãos neste meu corpinho sexy.

O Campeão bufou.

– Nisso concordo com você. Mas, Frank, pelo amor de Deus, tente me ajudar. Você não me passou nada que eu não pudesse ter descoberto com qualquer velhota fofqueira num raio de um quilômetro. Se for para eu conseguir que meu chefe o aprove, preciso de alguma coisa especial. Uns motivos, ou segredos picantes da vítima, ou... Ah, isso mesmo! – Ele estalou os dedos e apontou para mim. – Conte-me o que aconteceu na noite inteira em que você deveria se encontrar com ela. Relato de quem estava lá. E aí vamos ver o que podemos fazer.

Em outras palavras, onde você estava na noite do dia 15, filhinho. Não estava claro para mim se ele realmente acreditava que eu era tapado o suficiente para deixar de perceber isso.

– Tudo bem – disse eu. – Noite de domingo para segunda, do dia 15 para o dia 16 de dezembro de 1985. Mais ou menos às 11:30, sai de casa, no nº 8 do Faithful Place, e segui para o alto da rua, onde tinha combinado de me encontrar com Rose Daly por volta da meia-noite, dependendo da hora em que nossas famílias fossem dormir e de termos oportunidade de sair de casa sem sermos vistos. Fiquei ali até algum momento entre cinco e seis da manhã. Não poderia garantir a hora exata. Deixei o lugar apenas uma vez, por talvez cerca de cinco minutos pouco depois das duas da manhã, quando entrei no nº 16 para ver se tinha havido alguma confusão a respeito do lugar do encontro e se Rose estava esperando por mim lá.

– Algum motivo para o nº 16 ter sido um ponto de encontro alternativo? – O Campeão estava fazendo anotações, em algum tipo de taquigrafia lá dele.

– Nós tínhamos pensado nisso, antes de decidir que o fim da rua era preferível. Ele era o ponto de reunião da rua. Os adolescentes se encontravam ali o tempo todo. Se você quisesse beber, fumar, dar uns amassos ou fazer qualquer coisa que seus pais não aprovassem, e não tivesse idade para ir a qualquer outro lugar, o nº 16 era a solução.

O Campeão fez que sim.

– Quer dizer que foi lá que você procurou por Rose. Em que cômodos você

entrou?

– Verifiquei todos os cômodos no primeiro andar. Eu não queria fazer nenhum barulho, por isso não podia chamar por ela. Não havia ninguém lá. Não vi a mala, não vi nem ouvi nada de extraordinário. Então passei para o andar de cima, onde encontrei um bilhete assinado por Rose Daly no chão do cômodo da frente à direita. O bilhete dava a entender que ela havia decidido ir para a Inglaterra sozinha. Deixei-o lá.

– Eu o vi. Ele não está endereçado a ninguém. Por que você iria supor que era para você?

A ideia dele salivando por conta do bilhete e o deixando cair com delicadeza num saco plástico de provas fez com que eu de novo tivesse vontade de nocauteá-lo, e isso foi antes que chegássemos à insinuação, nem tão sutil assim, de que Rosie estaria tendo lá suas dúvidas. Eu me perguntei exatamente o que os Daly tinham decidido lhe contar a meu respeito.

– Pareceu ser uma suposição lógica – disse eu. – Era comigo que ela deveria vir se encontrar. Se deixou um bilhete, parecia provável que fosse para mim.

– Ela não tinha dado nenhuma pista de que estaria hesitando?

– Nem uma única – disse eu, com um largo sorriso. – E agora, Campeão, não temos como saber se estava, temos?

– Pode ser que não – respondeu ele. Ele rabiscou alguma coisa no bloco e semicerrou os olhos. – Você não desceu ao porão?

– Não. Ninguém nunca descia. Era escuro, sem segurança, havia ratos, umidade e um mau cheiro infernal. Nós o deixávamos em paz. Eu não tinha motivo para imaginar que Rosie estaria lá.

O Campeão bateu com a caneta nos dentes e examinou suas anotações. Consumi um terço de minha caneca e, sem me deter, pensei na hipótese de Rosie de fato estar naquele porão, enquanto eu me ocupava em me sentir abandonado no andar superior, a poucos metros de distância.

– E então – disse ele –, apesar de ter achado que o bilhete de Rose era uma carta de rompimento, você voltou para o fim da rua e ficou lá esperando. Por quê?

Sua voz era mansa, despreocupada, mas eu captei a onda de poder no seu olhar. O pequeno abutre estava adorando aquilo tudo.

– A esperança é a última que morre – disse eu, dando de ombros. – E as mulheres mudam de ideia. Imaginei que lhe daria uma chance de voltar atrás.

O Campeão deu uma pequena risada masculina, com desdém.

– Ah, as mulheres, hein? Então você lhe deu três ou quatro horas e foi embora enquanto era tempo. Para onde você foi?

Passei-lhe um resumo da casa de cômodos, com os roqueiros fedorentos e a irmã generosa, esquecendo-me dos sobrenomes, só para a eventualidade de ele decidir atormentar qualquer um deles. Ele fazia anotações. Quando terminei, fez

uma pergunta.

– Por que você simplesmente não voltou para casa?

– Por impulso e orgulho. De qualquer forma, eu queria sair de casa. O que Rosie decidiu não mudaria essa vontade. Ir para a Inglaterra sozinho já não me parecia tão interessante, mas também não me agradava a ideia de voltar sorrrateiro para casa como um palerma com o rabo entre as pernas. Eu estava todo preparado para partir, e saí andando.

– Hummm – disse o Campeão. – Vamos voltar àquelas seis horas mais ou menos... ora, isso é que é amor, especialmente em dezembro. As seis horas que você passou esperando no alto da rua. Você se lembra de alguém passar por ali, entrando ou saindo de qualquer uma das casas, qualquer coisa desse tipo?

– Na minha lembrança há uma ou outra coisa. Em algum momento, por volta da meia-noite, não posso lhe dizer a hora exata, ouvi o que achei ser um casal fazendo sexo ali perto. Mas, pensando bem, os ruídos poderiam ter sido de uma de duas coisas: uma trepada ou uma luta. E mais tarde, talvez entre 1:15 e 1:30, alguém passou pelos quintais dos fundos no lado par da rua. Não sei se vai lhe adiantar de alguma coisa depois de tanto tempo; mas, não importa o valor, foi o que aconteceu.

– Qualquer coisa poderia ser útil – disse o Campeão, em tom neutro, escrevendo. – Você sabe como funciona. E foi só isso de contato humano? A noite inteira numa vizinhança como essa? Convenhamos, não se trata exatamente de um bairro abastado.

Ele estava começando a me tirar do sério, o que presumivelmente era o que pretendia. Por isso, mantive os ombros relaxados e bebi minha cerveja sem pressa.

– Era uma noite de domingo. Na hora em que cheguei lá fora, tudo estava fechado e praticamente todo mundo estava na cama, ou eu teria deixado para mais tarde. Não havia atividade alguma no beco; algumas pessoas ainda estavam acordadas e falando, mas ninguém caminhou pela rua ou mesmo saiu de qualquer uma das casas. Ouvi pessoas passando pela esquina, mais para os lados da New Street, e umas duas vezes alguém chegou tão perto que eu saí da luz para que não me vissem, mas não reconheci ninguém.

O Campeão girava a caneta, meditando, vendo a luz se mover pela superfície.

– Para que não o vissem – repetiu ele. – Isso porque ninguém sabia que vocês dois eram um casal. Não foi isso o que você disse?

– Foi.

– Toda essa atmosfera de capa e espada. Alguma razão especial para isso?

– O pai de Rosie não gostava de mim. Ele subiu pelas paredes, quando descobriu que nós estávamos saindo. Era por isso que vínhamos mantendo nosso relacionamento escondido desde aquela ocasião. Se nós lhe tivéssemos dito que

eu queria levar sua garotinha para Londres, teria havido uma guerra daquelas. Calculei que seria mais fácil conseguir o perdão que a permissão.

– Algumas coisas são sempre iguais – comentou o Campeão, com um pouco de acidez – Por que ele não gostava de você?

– Porque ele não tem bom gosto – disse eu, com um sorriso. – Como alguém poderia não amar esse meu rosto?

– Fala sério – disse ele, sem retribuir o sorriso.

– Você vai precisar perguntar para ele. O cara não me deu nenhuma dica de sua linha de pensamento.

– É o que vou fazer. Mais alguma pessoa sabia do que vocês dois estavam planejando?

– Eu não contei para ninguém. Ao que eu saiba, Rosie também não contou. – Mandy estava totalmente do meu lado. O Campeão podia falar com ela em pessoa, e que tivesse boa sorte. A essa conversa eu teria gostado de assistir.

Ele repassou suas anotações, sem se apressar, tomando a cerveja aos golinhos.

– Certo – disse ele, por fim, fechando com um clique a caneta elegante. – Acho que por enquanto é isso.

– Veja o que seu chefe acha – disse eu. Não havia a chance mais remota de o Campeão levar o assunto a seu chefe; mas, se eu recuasse com muita facilidade, ele começaria a se perguntar que tipo de Plano B eu podia ter na manga. – Acho que isso aí já o enternecerá bastante para aceitar um pouco de colaboração de minha parte.

Os olhos dele encontraram os meus; e por uma fração de segundo a mais ele não piscou. Ele estava pensando naquilo que percebi no instante em que soube da história da mala. O suspeito óbvio era o cara que estava no local, com motivo e oportunidade, e sem uma sombra de álibi, o cara que estava esperando para se encontrar com Rosie Daly, o cara que ela com toda a probabilidade ia descartar naquela noite; o cara que alegava, juro por Deus, seu detetive, que ela nunca apareceu.

Nenhum de nós seria o primeiro a colocar isso na mesa.

– Vou fazer o possível – disse o Campeão. Ele enfiou o bloco no bolso do terno. Não estava olhando para mim. – Obrigado por tudo, Frank. Talvez eu precise repassar isso aqui com você de novo, em alguma etapa.

– Sem problema – disse eu. – Você sabe onde me encontrar.

Ele terminou a cerveja num longo gole.

– E lembre-se do que eu lhe disse. Pense positivo. Vire do outro lado.

– Campeão – disse eu. – Aquela coisa que seus colegas acabaram de carregar foi um dia minha namorada. Eu achava que ela estava na Inglaterra, vivendo bem, feliz como um passarinho. Perdoe-me se estou tendo dificuldade para ver o lado positivo da história.

– Ok – disse ele, com um suspiro. – Tudo bem. Quer que eu lhe mostre um jeito?

– Não consigo pensar em nada que eu queira mais que isso.

– Você tem uma boa reputação no serviço, Frank, uma reputação fantástica, com exceção de um pequeno detalhe: diz-se por aí que você tem uma tendência a voar solo. A (como vou dizer isso?) dar um pouco menos de prioridade ao regulamento do que deveria dar. Essa mala é exatamente o tipo de coisa de que estou falando. E os superiores gostam de pessoas que trabalham em equipe muito mais do que de campeões isolados. Os rebeldes só são bonitinhos quando se trata de Mel Gibson. Se você se comportar direito durante uma investigação como esta, na qual obviamente você está passando por muita tensão, se você demonstrar para todo mundo que pode ficar no banco de reservas pelo bem da equipe, sua reputação poderia dar um salto incrível. Pense a longo prazo. Está me entendendo?

Dei-lhe um largo sorriso para não esmurrá-lo.

– Essa foi uma salada mista com muitos chavões, Campeão. Você vai ter de me dar um tempo para digerir isso tudo.

Ele me encarou por um instante. Quando não conseguiu ler nada no meu rosto, deu de ombros.

– Não importa. Para bom entendedor... – Levantou-se então e ajeitou as lapelas do paletó. – Eu me mantenho em contato – disse ele, fazendo com que parecesse só um pouquinho com um aviso. Pegou sua pasta metida a bacana e saiu a passos largos.

Eu não tinha a menor intenção de sair dali tão cedo. Já sabia que ia tirar o resto do fim de semana de folga. Uma razão era o Campeão. Ele e seus colegas da Homicídios iam passar os próximos dois ou três dias correndo de um lado para outro, como uma matilha de Jack Russell, sob o efeito de anfetamina, farejando os cantos, metendo o focinho em regiões delicadas das pessoas e simplesmente irritando todo mundo. Eu precisava deixar claro para o beco que eu não tinha nada a ver com eles.

A segunda razão era o Campeão de novo, só que de um ângulo diferente. Ele aparentava estar um tiquinho desconfiado no que me dizia respeito; e eu largar do pé dele por 24 horas seria muito eficaz para fazer com que ele largasse do meu. Quando você olha para alguém que conheceu quando era jovem, você sempre vê a pessoa que conheceu no passado, e o Campeão ainda estava vendo um adolescente de pavio curto que fazia as coisas correndo ou não fazia. Não lhe ocorreria que, enquanto ele estava melhorando no controle do seu ego, eu talvez pudesse estar me aperfeiçoando na minha paciência. Se você quiser caçar como um cachorrinho ofegante, que dispara no rastro no instante em que o soltam da guia, vá trabalhar na Homicídios. Se você quiser trabalhar na Inteligência, e eu sempre quis, vai aprender a caçar do jeito que os grandes felinos caçam: você

arma a emboscada, estica-se bem junto do chão e se aproxima às escondidas, um centímetro atrás do outro, pelo tempo que for necessário.

Presumi que a terceira razão estivesse soltando fumaça pelas ventas em Dalkey, num ataque de raiva por minha causa. Em algum momento bem próximo, eu precisaria lidar com ela e, Deus me livre, com Olivia também, mas um homem tem seus limites. Não costumo beber demais; mas, depois do dia que eu tive, senti que tinha todo o direito de passar a noite tentando descobrir até que ponto eu conseguiria continuar bebendo sem me esborrachar. Atraí o olhar do barman.

– Vou querer mais uma.

O bar tinha esvaziado, provavelmente em reação à presença de Campeão. O barman enxugava copos e me examinava de lá do outro lado do balcão, sem se apressar. Depois de um tempo, ele fez um gesto de cabeça na direção da porta.

– Amigo seu?

– Não é essa a palavra que eu usaria.

– Mas nunca o vi por aqui.

– É provável que não.

– Você é algum parente dos Mackey do Faithful Place?

Os olhos.

– É uma longa história – respondi.

– Ah – disse o barman, como se entendesse tudo o que havia para saber a meu respeito. – Todos nós temos uma dessas. – E levou um copo para baixo da torneira com um gesto elegante.

A última vez em que Rosie Daly e eu nos tocamos foi numa sexta-feira, nove dias antes da Hora Marcada. A cidade estava animada, fria e lotada naquela noite, com todas as luzes de Natal acesas, os compradores se apressando e os vendedores ambulantes vendendo papel de presente, cinco por uma libra. Eu não era um grande fã do Natal em geral. Todo ano, a loucura da minha mãe atingia seu impressionante apogeu na ceia de Natal. O mesmo acontecia com a embriaguez do meu pai, alguma coisa sempre acabava se quebrando e pelo menos uma pessoa sempre acabava chorando – mas naquele ano tudo parecia irreal e vidrado, bem no limite entre o encantador e o sinistro: as garotas de cabelos lustrosos de escolas particulares cantando “Joy to the World”, para fins de caridade, estavam só um pouco limpas demais, com a expressão vazia demais; as crianças que grudavam o nariz nas vitrines da Switzer com o olhar fixo nas cenas de contos de fadas pareciam só um pouco hipnotizadas demais por toda aquela cor e ritmo. Eu mantinha uma das mãos no bolso de minha parca militar, enquanto passava pelo meio da multidão. Justo naquele dia, a última coisa que eu queria era ser roubado.

Rosie e eu sempre nos encontrávamos no O’Neill’s na Pearse Street – era um

pub de alunos do Trinity, o que significava que a proporção de bundões era um pouco alta, mas lá nós não chamávamos a atenção e não havia a menor chance de dar de cara com algum conhecido. Os Daly achavam que Rosie tinha saído com as garotas; minha família não dava a mínima para onde eu estava. O O'Neill's é grande, estava ficando bem cheio, com ondas de calor, fumaça e riso, mas logo descobri Rosie pelo clarão do cabelo cor de cobre. Estava encostada no bar, dizendo alguma coisa para fazer o barman abrir um sorriso. Quando acabou de pagar as cervejas, eu já tinha conseguido uma mesa para nós num cantinho afastado.

– Engraçadinho – disse ela, pondo as canecas na mesa e jogando a cabeça para trás para indicar um grupo de estudantes debochados junto do balcão. – Tentou olhar meus peitos quando me debrucei.

– Qual deles?

Eu já estava me levantando, mas Rosie me lançou um olhar e empurrou uma caneca na minha direção.

– Pode ficar sentado e beba isso aí. Eu cuido dele sozinha. – Sentou-se no banco ao meu lado, tão perto que nossas coxas se tocavam. – Aquele cara lá. Olha só.

Camisa de rúgbi, sem gola, dando as costas ao balcão com as duas mãos cheias de canecas de cerveja, em equilíbrio precário. Rosie acenou para ele para atrair sua atenção. Então, piscou os olhos, inclinou-se para a frente e passou a ponta da língua, em pequenos círculos, na espuma de sua caneca. Os olhos do Rapaz do Rúgbi se arregalaram, seu queixo caiu, e seus tornozelos se enroscaram numa banqueta, fazendo com que algumas de suas canecas fossem derramadas nas costas de alguém.

– Pronto – disse Rosie, fazendo-lhe um gesto obsceno e se esquecendo dele. – Você está com elas?

Enfie a mão no casaco, jogado sobre o braço do assento, onde eu pudesse ficar de olho nele, e encontrei o envelope.

– Aí estão – disse eu. – Só para nós. – E abri as duas passagens, pondo-as sobre a mesa de madeira maltratada. *DUN LAOGHAIRE-HOLYHEAD, PARTIDA 6:30, SEGUNDA-FEIRA 16 de DEZEMBRO. FAVOR APRESENTAR-SE NO MÍNIMO 30 MINUTOS ANTES DA PARTIDA.*

Ver as passagens fez subir o nível da minha adrenalina de novo. Rosie ficou sem ar, num risinho assombrado.

– Achei que a balsa que sai de manhã seria melhor. Eu podia ter comprado a travessia noturna, mas seria mais difícil tirar nossas coisas de casa e ir embora antes da hora de dormir. Desse jeito, podemos ir até o porto na noite de domingo, a qualquer hora que nos deem uma chance, e então esperamos lá para embarcar. Certo?

– Meu Deus – disse Rosie, daí a um instante, ainda sem fôlego. – Meu Deus.

Eu me sinto como se a gente devesse... – Ela curvou o braço em torno das passagens, escondendo-as das pessoas nas mesas próximas. – Sabe?

Trancei meus dedos nos dela.

– Não temos nenhum problema aqui. Nunca vimos ninguém conhecido aqui, já vimos?

– Mas ainda é Dublin. Só vou me sentir segura quando a balsa tiver partido de Dun Laoghaire. Quer fazer o favor de guardar essas passagens?

– Você não quer ficar com elas? Minha mãe remexe nas nossas coisas.

– O que não me surpreende – disse Rosie, com um sorriso. – Também não me surpreenderia se meu pai fizesse o mesmo com as minhas, mas sei que ele não tocaria na gaveta de calcinhas. Deixa comigo. – Ela pegou as passagens como se fosse de renda delicada, colocou-as com cuidado no envelope e o enfiou no bolso superior da jaqueta jeans. Seus dedos ficaram ali um instante, sobre o peito. – Puxa. Nove dias, e depois...

– E depois – disse eu, erguendo a caneca – um brinde a você, a mim e a nossa nova vida.

Fizemos tim-tim e bebemos um gole. E eu lhe dei um beijo. A cerveja era excelente, o calor do ambiente estava começando a descongelar meus pés depois da caminhada através do centro da cidade. Havia fitas douradas sobre as molduras dos quadros nas paredes; e o grupo de estudantes à mesa vizinha caiu numa risada de bêbados. Eu deveria me sentir o sujeito mais feliz do bar inteiro, mas a noite ainda me dava uma sensação de precariedade, como um sonho colorido e cintilante que pudesse se transformar em pesadelo num piscar de olhos. Soltei Rosie porque tive medo de beijá-la com tanta força que a machucasse.

– Vamos ter de nos encontrar tarde – disse ela, enganchando um joelho no meu. – À meia-noite ou ainda mais tarde. Meu pai só vai pra cama às 11, e eu ainda preciso lhe dar um tempo pra cair no sono.

– Meu pessoal já está apagado antes das 10:30, num domingo. Às vezes, Shay fica acordado até mais tarde, mas, desde que eu não dê de cara com ele quando ele estiver entrando em casa, nenhum problema. Mesmo que isso aconteça, ele não vai nos impedir. Vai ficar feliz de me ver pelas costas. – Uma sobranceira de Rosie tremeu e ela tomou mais um gole de cerveja. – Vou sair antes da meia-noite. Se você demorar um pouco, não se preocupe.

– Não deveria ser muito depois disso – disse ela, concordando. – Mas já teremos perdido o último ônibus. Você se dispõe a andar até Dun Laoghaire?

– Não carregando todas as nossas coisas. Quando chegarmos à balsa, nossos pés vão estar nos matando. Terá de ser de táxi.

Ela me lançou um olhar impressionado que era só em parte simulado.

– Maravilha!

Abri um sorriso e enrolei um dos seus cachos num dedo.

– Semana que vem tenho uns dois biscates. Vou ter dinheiro para pagar. Para minha namorada, só o melhor. Eu chamaria uma limusine se pudesse, mas essa vai ter de esperar. Quem sabe para seu aniversário, hein?

Ela respondeu com um sorriso, mas foi um sorriso distante. Não estava com disposição para brincadeiras.

– Nos encontramos no nº 16?

Fiz que não.

– Os Shaughnessy estão ficando por ali muito tempo, ultimamente. Não gosto da ideia de dar de cara com eles. – Os irmãos Shaughnessy eram inofensivos, mas também eram barulhentos, toscos e passavam a maior parte do tempo chapados. Seria preciso muito tempo para enfiar na cabeça deles por que razão deveriam calar a boca e fingir que não tinham nos visto. – E no alto da rua?

– Vão nos ver.

– Não depois da meia-noite num domingo. Quem estaria lá fora a não ser nós dois e os idiotas dos Shaughnessy?

– Bastaria que uma única pessoa nos visse. Seja como for, e se estiver chovendo?

Rosie não era assim, com esse tipo de irritabilidade. A maior parte do tempo, ela não sabia o que era ficar nervosa.

– Não precisamos decidir agora. Vamos ver como fica o tempo durante a semana e então decidimos.

Rosie não concordou.

– Não deveríamos nos encontrar de novo. Só na hora de ir embora. Não quero que meu pai fique desconfiado.

– Se até agora ele não desconfiou...

– Eu sei. Sei. É só que, por Deus, Francis, essas passagens... – Ela voltou a pôr a mão no bolso. – Estamos tão perto de realizar isso. Não quero relaxar, nem por um segundo, para que alguma coisa não dê errado.

– Como o quê?

– Não sei. Alguém nos impedir.

– Ninguém vai nos impedir.

– É – disse Rosie, roendo com força uma unha; e por um segundo seus olhos se perderam dos meus. – Eu sei. Vai dar tudo certo.

– Qual é o problema?

– Nenhum problema. Vamos nos encontrar no alto da rua, como você disse, a menos que esteja caindo um temporal. Nesse caso, vamos pro nº 16. Os garotos não vão estar lá, se o tempo estiver horrível. Certo?

– Certo. Rosie, olha pra mim. Você está sentindo alguma culpa por isso tudo?

Um canto da sua boca se torceu com ironia.

– Culpa? Nem morta. Não estamos fazendo isso só pra nos divertir. Se meu pai não tivesse reagido como um imbecil com essa nossa história, nós nunca

teríamos tido essa ideia. Por que está me perguntando? Você está se sentindo culpado?

– De jeito nenhum. Kevin e Jackie são os únicos que vão sentir falta de mim. Vou mandar para eles alguma coisa legal com meu primeiro salário. Eles vão adorar. Você vai sentir falta da família? É isso? Ou das amigas?

Ela pensou um pouco.

– Das amigas, sim. E da minha família, um pouco. Mas a verdade é que faz séculos que eu sei que um dia me mudaria daqui. Antes mesmo de sair da escola, Imelda e eu já estávamos falando em ir pra Londres, até que... – Um rápido sorriso de lado na minha direção. – Até que você e eu tivemos um plano melhor. Não importava o que acontecesse, eu diria que, mais cedo ou mais tarde, eu teria me mandado. Você não?

Ela sabia que era melhor não perguntar se eu ia sentir falta da minha família.

– É – disse eu, sem ter certeza se era a verdade ou não, mas era o que nós dois precisávamos ouvir. – De um modo ou de outro, eu teria saído daqui. Mas desse modo eu gosto muito mais.

De novo aquele lampejo de sorriso, que ainda não era um sorriso inteiro.

– O mesmo digo eu.

– Então, qual é o problema? – perguntei. – Desde que você se sentou, parece que esse banco está pinicando seu traseiro.

Isso atraiu toda a atenção de Rosie.

– Olhe quem está falando. Hoje você não para de me fazer rir. É como sair com a porra do Gugu, dos Muppets...

– Eu estou quase fervendo, porque *você* está quase fervendo. Achei que você fosse ficar no sétimo céu com as passagens, mas em vez disso...

– Não me venha com essa. Você já chegou aqui desse jeito. Estava morrendo por uma chance de esmurrar aquele panaca...

– E você também. Está querendo dar pra trás? É isso o que está acontecendo?

– Se você estiver tentando desmanchar comigo, Francis Mackey, seja homem e tome a iniciativa. Não tente jogar o trabalho sujo pra cima de mim.

Nós nos olhamos com raiva, por um segundo, a um passo de uma briga declarada. E então Rosie suspirou forte, relaxou, encostando-se no banco, e puxou o cabelo para trás.

– Vou lhe dizer o que é, Francis. Nós dois estamos nervosos porque estamos dando um passo maior do que as pernas.

– Fale por si mesma.

– Estou falando. Aqui estamos nós dois, querendo ir embora pra Londres e entrar pro mundo da música, nada menos que isso. Nada de fábricas para nós, não, muito obrigado, não é nosso estilo. Vamos trabalhar pra bandas de rock. O que sua mãe diria, se soubesse?

– Ela ia querer saber quem eu penso que sou. Depois me daria um tapa na

orelha, me chamaria de babaca e me diria pra pôr os pés no chão. Tudo isso pra todo mundo ouvir.

– E é por isso – disse Rosie, levantando a caneca na minha direção –, é *por isso* que nós estamos quase fervendo, Francis. Praticamente todas as pessoas que conhecemos a vida inteira diriam a mesma coisa: diriam que estamos dando um passo maior do que as pernas. Se cairmos nessa, vamos só terminar brigando um com o outro e fazendo da vida um inferno. Precisamos ficar espertos, depressa. Entendeu?

Em segredo, eu ainda me orgulho de como Rosie e eu nos amávamos. Nós não tínhamos mais ninguém com quem pudéssemos aprender – nenhum dos nossos pais era um belo exemplo de sucesso em relacionamentos – e por isso nós aprendemos um com o outro. Quando alguém que você ama precisa disso, você consegue controlar seu gênio de pavio curto, dominar as coisas amorfas que o apavoram e o deixam atônito, agir como um adulto em vez de um homem das cavernas adolescente, que realmente é. Você pode fazer milhões de coisas que nem imaginava.

– Vem cá. – Subi, com minhas mãos, pelos braços de Rosie e envolvi suas bochechas. Ela se inclinou para a frente e encostou a testa na minha, de modo que o resto do mundo desapareceu por trás de sua cabeleira colorida e emaranhada. – Você tem toda a razão. Desculpe. Fui um cretino.

– Nós até podemos estragar tudo isso, mas não há motivo para não darmos o melhor de nós.

– Você é uma mulher inteligente, sabia?

Rosie me olhava, de perto o suficiente para eu poder ver os salpicos dourados no verde dos seus olhos, as rugas minúsculas nos cantos, onde seu sorriso estava começando.

– Para o meu homem, só o melhor – disse ela.

Dessa vez, eu a beijei direito. Senti as passagens imprensadas entre as batidas loucas do meu coração e do dela. E tive a impressão de que elas chispavam e estouravam, prontas para explodir a qualquer instante, numa chuva de centelhas douradas que atingiria o teto. Foi nesse momento que tudo se encaixou e a noite parou de ter um cheiro de perigo. Foi nesse momento que aquela correnteza começou a subir dentro de mim, como um tremor na medula de meus ossos. Daquela segundo em diante, tudo o que eu podia fazer era seguir com as águas e acreditar que elas nos levariam direito, arrastariam nossos pés pelas correntes traiçoeiras e por cima das quedas terríveis até a segurança do caminho marcado por pedras.

– Você não é o único que andou se ocupando – disse Rosie, pouco depois, quando nos desgrudamos. Fui à livraria Eason's e verifiquei todos os anúncios nos jornais ingleses.

– Algum emprego?

– Alguns. Na maior parte dos casos, trabalho que não sabemos fazer. Dirigir empilhadeiras e trabalhar como professores substitutos, mas vi alguns para garçonetes e atendimento em bares, para os quais podemos dizer que temos experiência. Eles nunca vão verificar. Não tinha ninguém procurando por gente para fazer iluminação ou para ser pessoal de apoio para bandas em excursões, mas isso nós já sabíamos. Teremos de procurar depois que chegarmos lá. E tem *montes* de apartamentos, Francis. Centenas.

– E nós temos como pagar o aluguel?

– Temos, sim. Nem mesmo faz diferença se não conseguirmos arrumar emprego de cara. O que temos de reserva seria suficiente para o depósito, e podemos ter um lugarzinho qualquer pagando só com o auxílio-desemprego. Teria de ser bem fraquinho por enquanto, só um albergue, e talvez tenhamos de dividir o banheiro com os outros, mas pelo menos não jogariamos dinheiro fora num albergue, não mais que o necessário.

– Eu me disponho a dividir banheiro, cozinha e tudo o mais, sem problema. Só quero sair do albergue o mais rápido possível. É uma idiotice ficar numa droga de dormitório separado, quando...

Rosie sorriu de volta para mim, e o brilho nos seus olhos quase fez meu coração parar.

– Quando poderíamos ter um lugar só nosso.

– É – disse eu. – Um lugar só nosso.

Era isso o que eu queria: uma cama onde Rosie e eu pudéssemos dormir a noite inteira nos braços um do outro, acordar de manhã enroscados juntos. Eu teria dado qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, só por isso. Tudo o mais que o mundo tinha a oferecer era só perfumaria. Ouço as coisas que as pessoas querem do amor hoje em dia, e elas me deixam maluco. Vou ao bar com os rapazes da divisão e escuto enquanto eles explicam, com minuciosa precisão, exatamente que formas uma mulher deveria ter, que áreas ela deveria depilar, que atos ela deveria executar em que encontros e o que ela sempre ou nunca deveria fazer, dizer ou querer. Escuto às escondidas as mulheres falando em cafês, enquanto recitam listas dos empregos que é permitido que um homem tenha, que carros, que marcas, que flores, restaurantes e pedras preciosas recebem o selo de aprovação, e sinto vontade de gritar: *Gente, vocês perderam o pouco juízo que tinham?* Eu nunca nem uma vez comprei flores para Rosie – seria muito difícil para ela explicar em casa. E eu nem uma vez me perguntei se seus tornozelos eram exatamente do jeito que deveriam ser. Eu a queria, toda minha, e acredito que ela também me queria. Até o dia em que Holly nasceu, nada na minha vida tinha sido tão simples.

– Alguns apartamentos não vão aceitar irlandeses – disse Rosie.

– Que se fodam. – Aquela maré estava crescendo, ficando mais forte. Eu sabia que o primeiro apartamento em que entrássemos seria o perfeito; que essa

atração magnética nos levaria direto ao nosso lar. – Nós diremos que somos da Mongólia. Como vai seu sotaque mongol?

– Quem precisa de sotaque? – disse ela, com um largo sorriso. – É só a gente falar irlandês e dizer que é mongol. Acha que eles vão saber a diferença?

– *Póg mo thóin* – “puxa meu saco”, disse eu, com uma reverência exagerada: mais ou menos 90% do meu irlandês. – Antigo cumprimento mongol.

– Sério. Só estou falando porque sei como você é nessa história de paciência. Se não conseguirmos um apartamento no primeiro dia, não vai ser um problemão, certo? Temos todo o tempo do mundo.

– Eu sei. Uns não vão nos querer porque vão pensar que somos bêbados ou terroristas. E uns... – Tirei suas mãos da caneca e passei meus polegares pelos seus dedos: fortes, calejados de costurar, anéis prateados baratos de bancas de rua, com o formato de arabescos celtas e cabeças de gatos. – Alguns deles não vão nos querer porque estaremos vivendo em pecado.

– Esses que se fodam também – disse Rosie, dando de ombros.

– Se você quisesse, podíamos fingir. Comprávamos umas alianças imitando ouro e nos chamaríamos de sr. e sra. Só até...

Ela fez que não, de imediato e com força.

– Não. Nem pensar.

– Seria só por um tempinho, até juntarmos o dinheiro para casar de verdade. Facilitaria muito a nossa vida.

– Nem pensar. Isso eu não vou fingir. Ou você é casado ou não é. Não se trata do que as pessoas pensem.

– Rosie – disse eu, apertando mais suas mãos. – Você sabe que vamos nos casar, não sabe? Sabe que quero me casar com você. Não existe nada que eu queira neste mundo mais que isso.

Isso consegui começar a formar um sorriso.

– E é bom mesmo. Quando você e eu começamos a sair, eu era uma boa moça, como as freiras ensinaram, e agora aqui estou eu prontinha para me tornar sua amante...

– Estou falando sério. Presta atenção. Tem um monte de gente que, se soubesse, ia dizer que você ficou maluca. O pessoal ia dizer que os Mackey são gatinha, que eu vou tomar de você o que eu quiser e depois te largar na pior, com um bebê no colo, e a vida jogada fora numa latrina no fundo do quintal.

– Nem pensar. Lá é a Inglaterra. Eles têm banheiros.

– Só quero que saiba que você não vai se arrepender disso. Não se estiver ao meu alcance. Juro por Deus.

– Eu sei disso, Francis – disse Rosie, com delicadeza.

– Eu não sou meu pai.

– Se eu achasse que você era, não estaria aqui. Agora vá lá pegar um pacote de chips pra nós. Estou morrendo de fome.

Ficamos no O'Neill's, naquela noite, até todos os estudantes terem ido para casa e o barman começar a passar aspirador nos nossos pés. Fazíamos cada caneca render o máximo possível. Conversamos à vontade sobre coisas do dia a dia. Fizemos rir um ao outro. Antes de voltar a pé para casa, separados, para a eventualidade de alguém nos avistar, eu mantendo Rosie sob vigilância a uma distância segura, nós nos demos um longo beijo de boa-noite, encostados no muro dos fundos do Trinity. E então ficamos imóveis, um abraçado no outro, grudados do rosto aos pés. Fazia tanto frio que o ar emitia um som agudo, límpido, em algum ponto quilômetros acima de nós, como o ruído de cristal se partindo. Sua respiração estava rouca e saía aquecida da garganta. Seu cabelo cheirava a drops de limão, e eu conseguia sentir o tremor veloz do seu coração contra as minhas costelas. Soltei-a então e fiquei olhando enquanto ela se afastava, uma última vez.

É claro que procurei por ela. Na primeira vez em que me deixaram sozinho com um computador da polícia, pesquisei seu nome e sua data de nascimento: ela nunca tinha sido presa na República da Irlanda. Isso dificilmente seria uma grande revelação – eu não tinha calculado que ela fosse se transformar numa chefe de gangue como Ma Baker – mas passei o resto daquele dia numa exultação forte, nervosa, só por ter dado aquele primeiro passo tão curto, atrás de sua pista. À medida que meus contatos foram melhorando, o mesmo aconteceu com minhas pesquisas. Ela não tinha sido presa na Irlanda do Norte, não tinha sido presa na Inglaterra, na Escócia, no País de Gales nem nos EUA. Não tinha sido inscrita no auxílio-desemprego em parte alguma, não tinha solicitado passaporte, não tinha morrido, não tinha se casado. Repeti todas as buscas mais ou menos de dois em dois anos, sempre empregando contatos que me deviam favores. Eles nunca perguntaram nada.

Nos últimos tempos – com a chegada de Holly eu me tornara em geral menos agressivo – eu esperava que Rosie aparecesse no radar em algum lugar, levando uma dessas vidas retas e satisfeitas que nunca entram no sistema, lembrando-se de mim de vez em quando, com uma pequena fígada, como aquele que poderia ter sido. Às vezes, eu a imaginei me encontrando: o telefone tocando no meio da noite, a batida à porta de meu escritório. Eu nos imaginei lado a lado num banco em algum parque cheio de verde, olhando num silêncio meio agridoce, enquanto Holly balançava num trepa-trepa, com dois garotinhos ruivos. Imaginei uma longa noite num bar pouco iluminado, as cabeças se curvando cada vez mais perto por baixo de toda a conversa e risadaria à medida que ia ficando tarde, nossos dedos se aproximando sobre a madeira escalavrada da mesa. Imaginei cada centímetro de como ela estaria agora. Os pés de galinha de sorrisos que eu não tinha visto, a maciez do ventre pelos filhos que não eram meus, toda a sua vida que eu tinha perdido estava registrada em seu corpo em braile para minhas mãos lerem. Imaginei-a dando-me respostas nas quais eu nunca tinha pensado, aquelas que fariam com que tudo fizesse sentido, que

mandariam cada pedacinho irregular se encaixar com perfeição em seu lugar. Imaginei, acreditem ou não, uma segunda oportunidade.

Em outras noites, mesmo depois de todo esse tempo, eu ainda queria o que tinha querido aos 20 anos: ver seu nome aparecer como fiel frequentadora da Divisão de Violência Doméstica; em algum arquivo de prostitutas registradas como soropositivas; como um caso de overdose num necrotério numa região implacável de Londres. Eu tinha lido as descrições de centenas de Fulanas de Tal ao longo dos anos.

Todos os meus sinalizadores tinham sido disparados numa única explosão ofuscante e estonteante: minhas segundas oportunidades, minha vingança, minha confortável e espessa linha Maginot contra a família. O fato de Rosie Daly ter descartado este triste panaca tinha sido um marco para mim, enorme e sólido como uma montanha. Agora ele bruxuleava como uma miragem, e a paisagem não parava de se mexer ao redor, virando-se pelo avesso e de trás para a frente. Já nenhuma parte dela me parecia conhecida.

Pedi mais uma caneca, acompanhada de uma dose dupla de Jameson, que, até onde me fosse dado ver, era minha única chance de sobreviver àquela noite. Não me ocorreu nada mais que pudesse limpar do meu pensamento aquela imagem, o pesadelo de lodosos ossos marrons aninhados em sua toca, filetes de terra solta caindo sobre tudo com um som como o de pequeninos pés em fuga.

Com um tipo de tato que eu não esperava, eles me deram umas duas horas sozinho, antes de virem me procurar. Kevin foi o primeiro a aparecer, enfiando a cabeça pela porta, como uma criança brincando de esconder, mandando uma mensagem de texto rápida e discreta, enquanto o barman servia sua cerveja, pairando inquieto ao lado de minha mesa, até eu terminar com sua ansiedade, fazendo um gesto para que se sentasse. Não falamos. As garotas demoraram três minutos para se juntar a nós, sacudindo a chuva dos casacos, dando risinhos e lançando olhares de soslaio pelo pub.

– Nossa – disse Jackie, no que ela achou ser um sussurro, tirando a echarpe do pescoço. – Eu me lembro de quando morríamos de vontade de entrar aqui, só porque não era permitida a entrada de mulheres. Sorte nossa naquela época, não é mesmo?

Carmel olhou desconfiada para o banco e lhe deu uma limpeza rápida com um lenço de papel, antes de se sentar.

– Graças a Deus mamãe acabou não vindo. Este lugar ia lhe dar um infarto.

– Por Cristo – disse Kevin, com um movimento brusco da cabeça. – A mãe pretendia vir?

– Ela está preocupada com o Francis.

– É mais provável que esteja louca para extrair informações dele. Ela não vai vir atrás de vocês, vai?

– Ela não seria incapaz disso – disse Jackie. – Agente Secreta Mãe.

– Ela não vem. Eu lhe disse que você tinha ido embora para casa – disse-me Carmel, com as pontas dos dedos encobrindo a boca, entre culpada e travessa. – Deus me perdoe.

– Você é um gênio – disse Kevin, sincero, relaxando no seu lugar.

– Ele tem razão. Ela acabaria pondo a pique nossa cabeça. – Jackie esticou o pescoço, tentando atrair a atenção do barman. – Será que consigo que me sirvam aqui hoje em dia?

– Eu vou lá – disse Kevin. – O que vocês vão querer?

– Pega um gim-tônica para nós.

Carmel aproximou seu banco da mesa.

– Você acha que eles teriam sidra de pera?

– Puxa, Carmel.

– Não consigo beber nada forte. Você sabe que não consigo.

– Não vou lá pedir uma droga de sidra de pera. Vão me sacanear.

– Não vão fazer nada – disse eu. – Seja como for, faz de conta que estamos em 1980. É provável que tenham um engradado inteiro de sidra de pera atrás do balcão.

– E um taco de beisebol esperando o primeiro cara que pedir uma bebida dessas.

– Eu vou.

– Olha o Shay chegando. – Jackie como que se levantou e agitou a mão para atrair sua atenção. – Ele pode ir, é claro. Já está em pé.

– Quem o convidou? – perguntou Kevin.

– Fui eu – respondeu Carmel. – E vocês dois podem agir como os adultos que são e, pelo menos uma vez, demonstrar cortesia um para com o outro. Esta noite é do Francis, não de vocês.

– Isso merece um brinde – disse eu. Estava me sentindo agradavelmente alto, apenas entrando no estágio em que tudo parece colorido e inofensivo, e nada, nem mesmo a visão de Shay, conseguiria me irritar. Normalmente o primeiro sinal dessa névoa agradável me faz passar para café preto rapidinho. Nessa noite, porém, eu pretendia aproveitar cada minuto.

Shay veio tranquilo até nosso canto, passando a mão pelo cabelo para se livrar da água da chuva.

– Eu nunca teria imaginado que este lugar estivesse à altura do seu padrão – disse-me ele. – Você trouxe o policial seu colega aqui?

– Foi comovente. Todos o acolheram como um irmão.

– Eu teria pago para ver. O que estão bebendo?

– Você paga?

– Por que não?

– Ótimo – disse eu. – Guinness para mim e para Kevin, Jackie vai de gim-tônica, e Carmel quer sidra de pera.

– Nós só queremos ver você ir até lá pedir isso – disse Jackie.

– Não é problema para mim. Olhem e aprendam. – Shay dirigiu-se ao balcão, conseguiu a atenção do barman com uma facilidade que dizia que aquele era o seu território, e agitou a garrafa de sidra de pera para nós, em triunfo.

– Exibido que só ele – disse Jackie.

Shay voltou equilibrando todos os copos de uma vez, com uma precisão que vem de muita prática.

– E então – disse ele, pondo-os todos na mesa. – Diga aí, Francis: toda essa agitação é por causa daquela sua garota? – E, quando todos ficaram paralisados, continuou: – Ei, caiam na real. Vocês todos estão loucos para perguntar a mesma coisa. Era ela, Francis?

– Deixe o Francis em paz – disse Carmel, com sua melhor voz de mamãe. – Eu disse a Kevin e estou dizendo a você também. Vocês precisam se comportar esta noite.

Shay riu e trouxe um banco para a mesa. Durante as duas últimas horas, enquanto meu cérebro ainda não estava encharcado, eu tinha tido bastante tempo para pensar na quantidade exata de informação que eu queria compartilhar com

o beco, ou com minha família, o que significava praticamente a mesma coisa.

– Tudo bem, Melly – disse eu. – Ainda não há nada de definitivo, mas, sim, está parecendo que provavelmente era Rosie.

Jackie inspirou ar de repente, e depois silêncio. Shay emitiu um assovio longo e baixo.

– Descanse em paz – disse Carmel, baixinho. Ela e Jackie fizeram o sinal da cruz.

– Foi isso o que aquele seu cara contou para os Daly – disse Jackie. – O camarada com quem você estava falando. Mas é claro que ninguém sabia se devia acreditar nele ou não... Policiais, sabe como é... Eles dizem qualquer coisa pra gente; não você, mas o resto deles. Ele poderia ter só querido que a gente acreditasse que era ela.

– Como eles sabem? – perguntou Kevin, parecendo ligeiramente enjoado.

– Ainda não sabem. Vão fazer exames.

– Tipo de DNA?

– Eu não saberia dizer, Kev. Não é minha área.

– Sua área – disse Shay, girando o copo entre os dedos. – Estive me perguntando qual seria a sua área, exatamente.

– Uma coisa e outra. – Por motivos óbvios, o pessoal da Inteligência costuma dizer aos leigos que trabalhamos em Direitos de Propriedade Intelectual, ou qualquer outra coisa que pareça suficientemente enfadonha para cortar a conversa pela raiz. Jackie acha que eu implemento soluções para a utilização de pessoal estratégico.

– Eles vão poder dizer... hum... o que aconteceu com ela? – perguntou Kevin.

Abri a boca, fechei-a de novo, dei de ombros e tomei um bom gole da minha cerveja.

– Kennedy não falou com os Daly a respeito disso?

– Nem uma palavra – disse Carmel, franzindo os lábios. – Eles *lhe imploraram* que dissesse o que aconteceu com ela, imploraram, sim. E ele não quis dizer nada. Foi embora e os deixou lá só imaginando.

Jackie estava toda empertigada, de indignação. Até seu cabelo parecia ter ficado mais alto.

– A própria filha deles, e ele lhes disse que não era da conta deles se ela foi assassinada ou não! Não me importo se ele é seu colega, Francis, isso aí foi sujeira, sujeira, sim.

O Campeão estava causando uma primeira impressão ainda melhor do que eu tinha esperado.

– Kennedy não é meu colega. Ele é só um sacana com quem tenho de trabalhar de vez em quando.

– Aposto que vocês são bons colegas o suficiente para ele *lhe* contar o que

aconteceu com Rosie.

Dei uma olhada pelo bar. As conversas tinham subido um grau, não no volume, mas no ritmo e na concentração. Afinal a notícia tinha chegado ali. Ninguém estava olhando para nós, em parte por cortesia para com Shay e em parte porque aquele era o tipo de bar em que a maioria das pessoas teve seus problemas próprios e compreendia o valor da privacidade. Inclinei-me para a frente, apoiado nos cotovelos e mantive a voz baixa.

– Ok Isso pode significar a minha demissão, mas os Daly merecem saber qualquer coisa que nós saibamos. Preciso que vocês me prometam que não chegará aos ouvidos de Kennedy.

Shay estava usando um olhar de ceticismo de mil watts, mas os outros três estavam ali bem junto de mim, fazendo que sim, demonstrando orgulho: nosso Francis, afinal de contas, depois de todos esses anos, ainda é antes de mais nada um garoto do Liberties e só depois disso é um policial; sem dúvida não é uma maravilha que nós sejamos assim tão unidos? Era isso o que as garotas transmitiriam para o resto da vizinhança, como o molho para acompanhar meus pequenos nacos de informação saborosa: Francis está do nosso lado.

– Suspeita-se de que alguém a matou – disse eu. Carmel abafou um grito e fez o sinal da cruz mais uma vez.

– Deus nos livre e guarde – disse Jackie.

– Como? – perguntou Kevin, ainda muito pálido.

– Nada se sabe ainda.

– Mas eles vão descobrir, não vão?

– É provável que sim. Depois de todo esse tempo, pode ser difícil, mas o pessoal da perícia sabe o que está fazendo.

– Como no *CSI*? – Os olhos de Carmel estavam arregalados.

– É – disse eu, o que teria dado um aneurisma no perito inútil. Todo o Departamento de Polícia Técnica odeia o *CSI* a ponto de perder o controle e a coerência, mas isso deixaria os velhos felizes. – É, igualzinho.

– Só que sem a magia – disse Shay, secamente, para sua cerveja.

– Você ficaria surpreso. Aqueles caras conseguem descobrir praticamente qualquer coisa que tenham resolvido descobrir: velhos respingos de sangue, minúsculas amostras de DNA, cem tipos diferentes de lesões, o que você quiserem. E, enquanto estiverem tentando saber o que aconteceu com ela, Kennedy e sua equipe estarão tentando descobrir quem foi o responsável. Vão conversar com todo mundo que morava aqui naquela época. Vão querer saber quem era mais próximo dela, com quem ela discutia, quem gostava dela, quem não gostava e por quê, o que ela fez em cada minuto dos últimos dias da sua vida, se alguém percebeu alguma coisa estranha na noite em que ela desapareceu, se alguém percebeu qualquer outra pessoa agindo de modo esquisito, naquela época ou pouco depois... Eles serão muito meticolosos e vão levar todo o tempo

necessário. Qualquer coisa, qualquer coisinha de nada, pode ser crucial.

– Minha nossa – disse Carmel, com um suspiro. – É igualzinho à televisão, não é? Que loucura.

Nos bares, cozinhas e salas de estar em toda a nossa volta, as pessoas já estavam falando: voltando em pensamento, escavando antigas lembranças, fazendo comparações e contrastes, juntando as informações para apresentar um milhão de teorias. Na minha vizinhança, a fofoca é um esporte de competição que foi elevado a um padrão olímpico, e eu nunca descarto a fofoca. Eu a reverencio do fundo do coração. Como eu disse ao Campeão, informação é munição. E tudo indicava que ia haver muita munição carregada sendo jogada de um lado para outro, junto com todo o material imprestável. Eu queria que toda a fofoca positiva se concentrasse em trazer à tona o que realmente valesse a pena, e eu queria me certificar de que tudo chegasse aos meus ouvidos, de uma forma ou de outra. Se o Campeão tinha desdenhado dos Daly, ele ia enfrentar muita dificuldade para extrair qualquer tipo de informação de qualquer pessoa num raio de um quilômetro. E eu queria saber que, se alguém lá fora tinha motivo para se preocupar, ele ia ter muito com que se preocupar.

– Se eu souber de qualquer outra coisa que os Daly deveriam saber, não vou deixar que eles fiquem de fora do circuito.

Jackie estendeu a mão e tocou no meu pulso.

– Sinto muito mesmo, Francis. Eu tinha esperança de que fosse alguma outra coisa, algum tipo de confusão, não sei, qualquer coisa...

– A coitadinha – disse Carmel, baixinho. – Quantos anos tinha? 18?

– Pouco mais de 19.

– Ai, meu Deus. Só um pouco mais velha que meu Darren. E deixada sozinha naquela casa medonha todos esses anos. Os pais enlouquecidos se perguntando onde ela estava, e o tempo todo...

– Nunca pensei que eu diria isso – comentou Jackie –, mas graças a Deus por essa tal de P.J. Lavery.

– Tomara – disse Kevin, acabando sua cerveja. – Quem está pronto para outra rodada?

– Boa ideia – disse Jackie. – O que você quer dizer com “tomara”?

– Tomara que tudo acabe dando certo, é só o que estou dizendo – disse Kevin.

– Meu bom Deus, Kevin, como é que tudo vai acabar dando certo? A pobre coitada morreu! Desculpe, Francis!

– Ele está querendo dizer que seria bom se a polícia não descobrisse nada que faça todos nós desejarmos que os rapazes da Lavery tivessem jogado a tal mala numa caçamba e deixado quieto o que estava quieto – disse Shay.

– Como o quê, por exemplo, Kev? – perguntou Jackie.

Kevin afastou o banco com força e falou, com uma súbita explosão de autoridade.

– Estou de saco cheio dessa conversa, e é provável que Frank também esteja. Vou até o balcão. Se vocês ainda estiverem falando nessa merda quando eu voltar, deixo as bebidas e vou para casa.

– Ora vejam só – disse Shay, com um canto da boca subindo. – O camundongo rugiu. Parabéns, Kev. Você está com toda a razão. Vamos conversar sobre *Survivor*. Agora vá apanhar nossa cerveja.

Tomamos mais uma rodada, e mais outra. Rajadas de chuva forte batiam nas janelas, mas o barman tinha regulado o aquecimento para o máximo, e tudo o que sentíamos do tempo era a corrente gelada quando a porta se abria. Carmel reuniu coragem para ir ao balcão e pedir meia dúzia de sanduiches quentes, e eu me dei conta de que a última coisa que tinha comido fora a fritura do café da manhã de nossa mãe, e que estava morrendo de fome, aquele tipo de fome feroz em que você poderia arpoar alguma criatura e comê-la ainda quente. Shay e eu nos revezamos contando piadas que fizeram o gim-tônica de Jackie sair pelo nariz; e fizeram Carmel dar guinchos e bater nos nossos pulsos, quando ela entendia o fecho. Kevin fez uma imitação precisa e cruel de nossa mãe na ceia de Natal, que nos lançou em convulsões de riso forte, irremediável e doloroso.

– Para com isso – disse Jackie, ofegante, em desespero, agitando a mão para ele. – Juro por Deus, minha bexiga não aguenta mais. Se você não parar, vou me molhar.

– Ela vai mesmo – disse eu, tentando recuperar o fôlego. – E vai ser você que vai ter de limpar.

– Não sei do que vocês estão rindo – disse-me Shay. – Neste Natal, você vai estar bem ali, sofrendo com todos nós.

– Nem pensar. Eu vou estar a salvo, em casa, tomando meu uísque e rindo cada vez que me lembrar de vocês, pobres babacas.

– É só esperar, cara. Agora que nossa mãe já está com as garras fincadas em você, acha que ela vai soltar com o Natal já chegando? Ela vai perder a chance de deixar todos nós desesperados ao mesmo tempo? Pode esperar.

– Quer apostar?

Shay estendeu uma das mãos.

– Cinquenta libras, que você vai estar sentado diante de mim à mesa da ceia de Natal.

– Fechado – disse eu. Demos um aperto de mãos para selar a aposta. A mão dele era seca, forte e calejada, e o aperto fez passar uma faísca de estática entre nós. Nenhum dos dois estremeceu.

– Sabe de uma coisa, Francis, nós dissemos que não íamos lhe fazer essa pergunta, mas não consigo me segurar. Jackie, quer fazer o favor de parar com isso! Não fica me beliscando!

Jackie tinha conseguido retomar o controle da bexiga e estava lançando sobre Carmel um olhar de condenação maligna.

– Se ele não quiser tocar no assunto – disse Carmel, cheia de dignidade –, ele mesmo pode me dizer, pode sim. Francis, por que você não voltou, antes disso?

– Eu estava morrendo de medo de que a mãe pegasse a colher de pau e me matasse de pancada. Você me culpa?

Shay bufou com desdém.

– Ah, fala sério, Francis, por quê? – insistiu Carmel.

Ela e Kevin e até mesmo Jackie, que tinha me feito essa pergunta um monte de vezes e nunca recebeu uma resposta, estavam olhando para mim, meio bêbados, perplexos e até um pouco magoados. Shay estava tirando um cisco de alguma coisa da sua cerveja.

– Deixem-me lhes fazer uma pergunta. Existe alguma coisa pela qual vocês morreriam?

– Deus do céu – disse Kevin. – Você hoje está muito engraçadinho.

– Ah, deixa o Francis em paz – disse Jackie. – Olha o dia que ele passou.

– Uma vez nosso pai disse que morreria pela Irlanda? Vocês fariam isso?

Kevin revirou os olhos.

– O pai está preso nos anos 1970. Ninguém mais pensa desse jeito.

– Experimente só por um instante. Só para zoar. Você faria isso?

– Como assim? – Ele olhou para mim, confuso.

– Imagine se a Inglaterra nos invadissem outra vez.

– Eles não iam se dar ao trabalho.

– Se, Kev. Dá para você me acompanhar?

– Não sei. Nunca pensei nisso.

– É isso – disse Shay, sem muita agressividade, apontando a caneca para Kevin –, é exatamente isso. Isso é o que destruiu este país.

– Eu? O que eu faria?

– Você e todos os iguais a você. Toda essa cambada da sua geração. Com que vocês se importam, só com Rolex e Hugo Boss? Em que outras coisas vocês sequer pensam? Francis está com a razão, pelo menos uma vez na vida. Seria bom você conseguir descobrir alguma coisa pela qual você morreria, cara.

– Puta que pariu – disse Kevin. – Você daria a vida por quê? Uma Guinness? Uma boa trepada?

– Pela família – disse Shay, dando de ombros.

– Do que você está falando? – perguntou Jackie. – Você odeia até a sombra de nossa mãe e nosso pai.

Todos nós cinco caímos na risada. Carmel precisou inclinar a cabeça para trás e secar lágrimas dos olhos com os nós dos dedos.

– Odeio, sim – admitiu Shay. – Mas essa não é a questão.

– E você morreria pela Irlanda, hein? – perguntou-me Kevin. Ele ainda parecia um pouco zangado.

– No cu, pardal – disse eu, o que fez todo mundo cair na gargalhada outra vez.

– Fui designado para trabalhar em Mayo por um tempo. Vocês alguma vez foram a Mayo, foram? São só caipiras, carneiros e paisagem. Eu não dou minha vida por aquilo.

– Então por quê?

– Como diz meu amigo Shay – disse eu a Kev, indicando Shay com meu copo –, não é essa a questão. A questão é que eu *sei*.

– Eu daria a vida pelos meus filhos – disse Carmel. – Deus me livre.

– Eu diria que morreria por Gav. Mas só se ele realmente precisasse. Essa conversa não é de uma morbidez terrível, Francis? Você não prefere falar de outro assunto?

– Naquela época, eu teria dado a vida por Rosie Daly. É isso o que estou tentando dizer para vocês.

Fez-se um silêncio. E então Shay ergueu seu copo.

– Um brinde a todas as coisas pelas quais nós daríamos a vida – disse ele. – Tim-tim.

Tocamos nossos copos, tomamos grandes goles e nos recostamos relaxados em nossos lugares. Eu sabia que isso podia estar acontecendo porque eu estava nove décimos chumbado, mas a verdade era que eu estava feliz por eles terem vindo, até mesmo Shay. Mais que feliz, eu estava grato. Eles podiam ser uma turma de cabeça espetacularmente desequilibrada, e ninguém poderia saber os sentimentos que eles nutriam por mim, mas aqueles quatro tinham largado não importa o que fosse que poderiam fazer nessa noite, deixaram sua vida em suspenso, sem avisar com antecedência, e entraram ali para me ajudar a atravessar aquela noite. Nós nos encaixávamos como peças de quebra-cabeça, e isso provocava uma sensação de um calor dourado a me envolver; como se eu tivesse tropeçado e, por algum acidente perfeito, tivesse caído no lugar exato. Eu estava sóbrio somente o suficiente para não tentar pôr essa sensação em palavras.

Carmel inclinou-se na minha direção para falar, quase tímida.

– Quando Donna era bebê, ela teve um problema nos rins. Acharam que ela ia precisar de um transplante. Eu disse de imediato, nenhum problema, eles podiam tirar meus dois. Nem pensei direito. No final, é claro que ela ficou boa, e eles só teriam precisado de um rim, de qualquer modo, mas nunca me esqueci disso. Sabe o que estou querendo dizer?

– Sei – respondi, sorrindo para ela. – Sei, sim.

– Ah, Donna é um amor, é mesmo. É uma gracinha. Sempre rindo. Agora você vai ter que conhecê-la, Francis.

– Eu vejo você em Darren, sabia? – disse Carmel. – Sempre vi, desde que ele era bem pequeno.

– Que Deus o proteja – dissemos Jackie e eu juntos.

– Ora, no bom sentido. Tipo, entrar para a faculdade. Ele não tirou isso de

mim nem de Trevor. Nós teríamos ficado satisfeitos se ele fosse trabalhar como bombeiro hidráulico, como o pai. Não, isso veio só da cabeça dele, nunca nos disse nada. Só pegou todos os programas de cursos, decidi qual queria fazer e trabalhou feito louco para conseguir fazer as matérias certas no exame de encerramento do ensino médio. Perseguiu o que queria com obstinação, sozinho. Como você mesmo. Eu sempre tive vontade de ser assim.

Por um segundo, achei que percebi uma onda de tristeza passar pelo seu rosto.

– Eu me lembro de você se sair muito bem quando queria alguma coisa – disse eu. – Por exemplo, o Trevor.

A tristeza desapareceu, e ela me deu um risinho malicioso que a fez parecer uma menina outra vez.

– Eu consegui, não foi? Aquela festa, a primeira vez que eu o vi. Dei uma olhada e disse para Louise Lacey: “Aquele ali é meu.” Ele estava usando aquelas calças boca de sino que eram uma coqueluche...

Jackie começou a rir.

– Não comece a debochar, logo você – disse Carmel. – Seu Gavin está sempre com aqueles velhos jeans esfarrapados. Gosto de alguém que faça um pouco de esforço. Trevor tinha um bumbum lindo com aquela calça, tinha sim. E o perfume que usava era simplesmente maravilhoso. Vocês dois estão rindo de quê?

– Sua desavergonhada – disse eu.

Carmel tomou um golinho comportado de sua sidra de pera.

– Isso eu não era. Naquela época as coisas eram diferentes. Se você fosse louca por um cara, era preferível morrer a deixar que ele soubesse. Era preciso que a iniciativa partisse dele.

– Meu Deus, a droga do *Orgulho e preconceito* – disse Jackie. – Eu chamei Gavin para sair, chamei mesmo.

– Ouça o que lhe digo, aquilo funcionava. Melhor do que todo esse lixo de hoje, as garotas indo às boates sem calcinha. Eu conquistei meu cara, não foi? Fiquei noiva no aniversário de 21 anos. Você ainda estava por aqui, Francis?

– Estava – disse eu. – Fui embora três semanas depois. – Eu me lembrava da festa de noivado. As duas famílias espremidas na nossa sala de estar, as mães se encarando como um par de pit bulls com excesso de peso, Shay fazendo papel de irmão mais velho e lançando olhares mortíferos para o Trevor. Trevor era só pomo de adão e olhos esbugalhados, aterrorizados. Carmel estava radiante, triunfal e apertada numa coisa preguiçada, cor-de-rosa, que fazia com que ela parecesse um peixe virado do avesso. Naquela época, eu era ainda mais arrogante. Fiquei sentado no peitoril da janela junto com o porquinho do irmão de Trevor, fingindo que ele não existia e me dando parabéns calorosos por estar fugindo daquele inferno, enquanto era tempo, e por nunca vir a ter uma festa de

noivado que incluísse sanduiches de ovo. Cuidado com o que você deseja. Agora, olhando para aqueles quatro em torno da mesa do bar, senti que naquela noite eu não tinha me dado conta de alguma coisa. Como, por exemplo, que, pelo menos a longo prazo, talvez valesse a pena ter tido uma festa de noivado.

– Eu usei meu vestido cor-de-rosa – disse Carmel, satisfeita. – Todos disseram que eu estava maravilhosa.

– E estava mesmo – disse eu, piscando um olho para ela. – Se você não fosse minha irmã, eu mesmo teria me interessado.

Ela e Jackie deram gritos estridentes.

– Eca! Para com isso! – Mas eu não estava mais prestando atenção. Lá na ponta da mesa, Shay e Kevin vinham batendo um papo só deles, e o tom defensivo na voz de Kevin tinha subido o suficiente para fazer com que eu tentasse sintonizar a conversa.

– É um *emprego*. O que pode estar errado nele?

– Um emprego em que você se mata para puxar o saco de algum yuppie, sim, senhor, não, senhor, todas as ordens cumpridas, senhor. E tudo isso pelo bem de alguma grande empresa que o abandonará à própria sorte, assim que as coisas ficarem difíceis. Você gera milhares de libras de lucro para eles por semana, e o que leva disso?

– Eu recebo meu *salário*. Neste próximo verão, vou à Austrália, mergulhar em torno da Grande Barreira de Corais, comer hambúrgueres de cerveja e beber adoidado em churrascos em Bondi Beach, com umas australianas lindas, por causa desse emprego. O que tem de desagradável nisso?

Shay deu uma risada curta, áspera.

– Melhor guardar seu dinheiro.

– De onde ele veio, vem muito mais – disse Kevin, dando de ombros.

– Não vem nada. É nisso que eles querem que você acredite.

– Quem? Do que você está falando?

– Os tempos estão mudando, cara. Por que você acha que P.J. Lavery ...

– Esse filho da puta – dissemos todos nós, em uníssono, com exceção de Carmel, que agora que tinha filhos dizia “filho da mãe”.

– Por que acha que ele está desmanchando aquelas casas?

– Quem se importa? – Kev estava ficando irritado.

– *Você* deveria se importar, e muito. Ele é esperto, o Lavery. Ele sabe para que lado o vento está soprando. Comprou aquelas três casas, no ano passado, por uma grana preta, mandou imprimir todos aqueles folhetos bonitos sobre apartamentos de luxo e agora, de repente, ele está deixando toda essa ideia de lado e desmanchando as casas para vender peças de demolição?

– E daí? Vai ver que ele está se divorciando, tendo um problema de impostos, sei lá. Como é que isso é problema meu?

Shay fixou o olhar em Kevin por mais um instante, inclinando-se para a

frente, com os cotovelos na mesa. Depois riu de novo e fez que não.

– Você não entendeu, não é? – disse ele, estendendo a mão para pegar a cerveja. – Você não faz a menor ideia. Engole cada pedacinho de cascata que lhe passam. Acha que vai ser para sempre um mar de rosas e dias ensolarados. Mal posso esperar para ver sua cara.

– Você bebeu demais – disse Jackie.

Kevin e Shay nunca tinham gostado muito um do outro, mas ali havia camadas inteiras que eu não estava entendendo. Era como ouvir rádio com interferência. Eu conseguia captar apenas o suficiente para entender o tom da conversa, mas não o bastante para saber o que estava acontecendo. Eu não saberia dizer se a interferência derivava de 22 anos de ausência ou de oito canecas de cerveja. Mantive a boca fechada e os olhos bem abertos.

Shay bateu com a caneca na mesa, com decisão.

– Vou lhe dizer por que motivo Lavery não está investindo na construção de apartamentos elegantes. Quando eles estiverem prontos, ninguém terá o dinheiro para comprá-los dele. Este país está pronto para quebrar. Ele está no alto do penhasco, prestes a cair a cem por hora.

– E daí que não vai ter nenhum apartamento – disse Kev, dando de ombros. – Grande coisa. Eles só iam dar a nossa mãe mais motivos para se queixar dos yuppies.

– Os yuppies são seu feijão com arroz, cara. Quando eles forem extintos, você também será. Quem vai comprar aparelhos de televisão de parede inteira quando todos estiverem só no auxílio-desemprego? Qual é a qualidade de vida de um garoto de aluguel se os clientes ficarem sem dinheiro?

Jackie deu um tapa no braço de Shay.

– Ai, para com isso. É nojento, é, sim.

Carmel levantou a mão para esconder o rosto e pronunciou *Bêbado* para mim, sem emitir som, com um jeito extravagante de quem pede desculpas, mas ela mesma tinha bebido três sidras de pera e usou a mão errada. Shay não fez caso de nenhuma das duas.

– Este país se apoia em nada, a não ser em cascata e boas relações públicas. Basta um chute e ele cairá por terra. E o chute está chegando.

– Não sei por que você está tão satisfeito com isso – disse Kevin, emburrado. Ele também tinha bebido além da conta; mas, o álcool, em vez de torná-lo agressivo, tinha voltado sua atenção para dentro de si mesmo. Estava jogado sobre a mesa, olhando com tristeza para sua cerveja. – Se houver uma quebra, você vai cair junto com todos nós.

Shay fez que não, com um largo sorriso.

– Ah, não, não, não. Sinto muito, cara. Nem pensar. Eu tenho um plano.

– Você sempre tem. E aonde algum deles conseguiu levá-lo?

Jackie deu um suspiro ruidoso.

– Como o tempo está agradável – disse ela, para mim.

– Desta vez, é diferente – disse Shay a Kevin.

– Claro que é.

– Fique de olho, cara. É só ficar de olho.

– Parece incrível – disse Carmel, com firmeza, como uma anfitriã, conseguindo retomar o controle de um jantar. Ela puxou seu banco para junto da mesa e estava sentada muito empertigada, com um dedinho elegantemente afastado do copo. – Não quer nos falar sobre isso?

Depois de um instante, os olhos de Shay passaram para ela, e ele se recostou, começando a rir.

– Ah, Melly – disse ele. – Você sempre foi a única que conseguiu me dar um pouco de educação. Vocês sabiam que, quando eu era adolescente, nossa Carmel me bateu na parte de trás das pernas até eu sair correndo, porque eu chamei Tracy Long de piranha?

– Você mereceu – disse Carmel, toda correta. – Aquilo não era maneira de falar de uma garota.

– Mereci. O resto desta cambada não te valoriza, Melly, mas eu, sim. Fica comigo, mana. Nós vamos nos dar bem.

– Onde? – perguntou Kevin. – Na fila do auxílio-desemprego?

Shay voltou a concentrar a atenção em Kevin, com esforço.

– Ouça o que não lhe contaram – disse ele. – Nos tempos de crescimento, todas as boas oportunidades vão para os tubarões. O trabalhador consegue sobreviver, mas são só os ricos que conseguem ficar mais ricos.

– Não dá para o trabalhador apreciar sua cerveja e ter um bom bate-papo com os irmãos e as irmãs? – perguntou Jackie.

– Quando tudo começar a desmoronar, é aí que alguém com cérebro e com um plano pode aproveitar a oportunidade. E cérebro e plano eu tenho.

*Vou sair com uma gata hoje*, Shay costumava dizer, curvando-se para alisar o cabelo diante do espelho; mas ele nunca dizia com quem era; ou *Ganhei uma graninha a mais, Melly, vai comprar sorvete para você e Jackie*, mas nunca se sabia de onde o dinheiro tinha vindo.

– É o que você não para de nos dizer – disse eu. – Vai abrir as cartas, ou só vai continuar a nos provocar a noite inteira?

Shay olhou espantado para mim. Dei-lhe um sorriso largo, inocente.

– Francis – disse ele. – Nosso homem que sabe das coisas. Nosso homem no sistema. Por que se importa com o que um renegado como eu faz da própria vida?

– Amor fraterno.

– É mais provável você estar achando que vai ser um lixo e que vai ter aquela sensação gostosa de que me derrotou mais uma vez. Vê se está de bom tamanho. Estou comprando a loja de motos.

Só dizer isso trouxe cor a seus málares. Kevin bufou. As sobranceiras altas de Jackie subiram ainda mais.

– Parabéns – disse ela. – Nosso Shay, o empresário, hein?

– Boa – disse eu. – Quando você for o Donald Trump do mundo das motos, venho procurá-lo para comprar minhas BMX.

– Conaghy vai se aposentar no ano que vem, e o filho dele não quer saber do negócio. Ele vende carros de luxo. Motos não enchem os olhos dele. Por isso, Conaghy me deu prioridade.

Kevin tinha voltado o suficiente do seu mau humor para tirar os olhos da cerveja.

– Onde vai arranjar a grana?

O faiscar nos olhos de Shay fez com que eu visse o que as garotas enxergavam nele.

– Já estou com metade. Estou juntando para isso há muito tempo. O banco vai me dar o que falta. Eles estão segurando os empréstimos... sabem que vem encrenca por aí, do mesmo jeito que Lavery sabe. Mas eu cheguei a tempo. A esta altura no ano que vem, crianças, serei um homem com meus próprios rendimentos.

– Muito bem – disse Carmel, mas alguma coisa na sua voz chamou minha atenção. Um tom reticente. – Ah, isso é maravilhoso. Muito bem.

Shay tomou um bom gole da cerveja e tentou demonstrar indiferença, mas havia um sorriso que se esforçava por aparecer nos cantos da boca.

– Como eu disse ao Kev, não faz sentido passar a vida trabalhando para encher os bolsos dos outros. O único jeito de se chegar a algum lugar é sendo seu próprio patrão. Só estou investindo de forma prática.

– E daí? – perguntou Kevin. – Se você estiver mesmo com a razão, e o país estiver indo para as cucuias, ou seja lá o que for, você ainda vai junto com ele.

– É aí que você se engana, cara. Quando os fódões desta semana descobrirem que estão na merda, é nessa hora que vou ter minha chance. Lá nos anos 1980, quando ninguém que a gente conhecia tinha dinheiro para um carro, como a gente ia para lá e para cá? De moto. Assim que essa bolha estourar, o papai não vai mais conseguir comprar a BMW para seus queridinhos dirigirem menos que um quilômetro para ir à escola. É aí que eles vão aparecer na minha loja. Mal posso esperar para ver a cara dos babacas.

– Não importa – disse Kevin. – É lindo, é, sim. De verdade. – Ele voltou a fixar os olhos na cerveja.

– Isso vai querer dizer morar em cima da loja? – disse Carmel. Os olhos de Shay encontraram os dela e alguma coisa complicada passou entre eles.

– Vai, sim.

– E trabalhar em tempo integral. Você não vai mais ter horários flexíveis.

– Melly – disse Shay, com muito mais delicadeza. – Vai dar tudo certo.

Conaghy só vai se aposentar daqui a alguns meses. Até lá...

Carmel respirou um pouco e baixou a cabeça, como se estivesse se preparando para alguma coisa.

– Certo – disse ela, quase que só para si mesma, e levou o copo à boca.

– Estou lhe dizendo. Não se preocupe.

– Não, não. Está tudo ótimo. Deus sabe que você merece sua chance. Do jeito que você tem andado ultimamente, é claro, eu sabia que você tinha uma carta na manga. Só não... Estou feliz por você. Parabéns.

– Carmel – disse Shay. – Olha pra mim. Eu ia fazer uma coisa dessas com você?

– Ei – disse Jackie. – O que está acontecendo?

Shay pôs um dedo no copo de Carmel e o abaixou para poder ver seu rosto. Eu nunca o tinha visto agir com ternura antes, e achei que era ainda menos tranquilizador do que Carmel achava.

– Presta atenção. Todos os médicos dão só mais alguns meses. No máximo, seis. Quando eu comprar a loja, ele vai estar num asilo ou numa cadeira de rodas. De qualquer modo, fraco demais para fazer qualquer estrago.

– Deus me perdoe – disse Carmel, baixinho. – Contar com...

– O que está acontecendo? – Eles se voltaram para mim, dois pares de olhos azuis idênticos, inexpressivos. Foi a primeira vez que os vi parecidos um com o outro. – Vocês estão dizendo que o pai ainda bate na mãe?

Um estremecimento veloz percorreu a mesa, como um choque elétrico, um pequeno sibilar de inspiração de ar.

– Cuide de seus assuntos – disse Shay –, que nós cuidamos dos nossos.

– Quem te elegeru porta-voz?

– Nós preferíamos que alguém estivesse por perto, só isso – disse Carmel. – Para o caso de o pai levar um tombo.

– Jackie me disse que isso tinha parado. Faz anos – disse eu.

– Como eu disse. Jackie não tem noção. Nenhum de vocês nunca teve – disse Shay. – Então tratem de largar do meu pé.

– Sabe de uma coisa? Estou ficando só um pouco saturado de você agir como se fosse o único que apanhou de nosso pai.

Ninguém respirava. Shay deu uma risada, um som grave e feio.

– Você acha que apanhou dele?

– Tenho cicatrizes para provar. Você e eu morávamos na mesma casa, cara, lembra? A única diferença é que eu agora cresci e posso passar uma conversa inteira sem choramingar por isso.

– Você não apanhou coisa nenhuma, cara. Quase nada. E nós não moramos na mesma casa, nem por um único dia. Você morou paparicado no luxo, você, Jackie e Kevin, em comparação com o que eu e Carmel passamos.

– Nunca venha me dizer que foi fácil para mim – disse eu.

Carmel chispava olhares cortantes para Shay, mas ele não percebeu. Seus olhos estavam fixos em mim.

– Totalmente mimados, vocês três. Você acha que teve uma infância ruim? Nós dois cuidamos para que vocês nunca soubessem o que era ruim de verdade.

– Se quiser pedir ao barman uma fita métrica – disse eu –, podemos medir o tamanho das cicatrizes, o tamanho do pau ou de sei lá o quê que te incomoda tanto. Se não, nossa noite vai ser muito mais agradável se você mantiver o complexo de mártir do seu lado da mesa e não tentar me dizer como foi a minha vida.

– Maneiro. Você sempre se achou mais inteligente que todos nós, não é?

– Só mais que você, querido. Estou me atendo às provas.

– O que o torna mais inteligente? Só porque eu e Carmel largamos a escola no instante em que fizemos 16 anos? Você acha que foi porque a gente era burro demais para estudar? – Shay estava inclinado para a frente, com as mãos grudadas na borda da mesa, e manchas de rubor vinham surgindo nos seus malaras. – Foi para a gente poder botar o salário na mesa, quando o do pai não chegava. Para vocês poderem comer. Para vocês três poderem comprar os livros, os uniformes e conseguir terminar o ensino médio.

– Minha nossa – resmungou Kevin, para sua cerveja. – E lá vai ele.

– Sem mim, você não seria um policial hoje. Você não seria nada. Você achou que era só da boca para fora quando eu disse que morreria pela família? Foi quase isso o que fiz. Perdi minha instrução. Desisti de todas as oportunidades que tive.

Levantei uma sobrancelha.

– Porque de outro modo você teria sido um professor universitário? Não me faça rir. Você não perdeu nada.

– *Eu nunca vou saber* o que perdi. Você algum dia desistiu de alguma coisa? O que esta família chegou a tirar de você? Diga uma coisa. Uma.

– *A droga dessa família me fez perder Rosie Daly.* – Silêncio absoluto, congelado. Os outros estavam todos olhando fixo para mim. Jackie, com o copo no ar e a boca entreaberta, apanhada no meio de um gole. Devagar, percebi que eu estava em pé, oscilando um pouco, e que minha voz tinha estado bem perto de um rugido. – Deixar a escola não é nada. Uns tabefes não são nada. Eu teria aceitado tudo isso, implorado por isso, para não perder Rosie. E ela se foi.

– Você acha que ela o deixou por *nossa causa*? – perguntou Carmel, com uma voz neutra, atordoada.

Eu sabia que havia algo de errado com o que eu tinha dito, alguma coisa que tinha mudado, mas eu não conseguia identificar o quê. Assim que me levantei, a bebida me atingiu direto na parte de trás dos joelhos.

– O que você acha que aconteceu, Carmel? Um dia nós estávamos loucos um pelo outro, o verdadeiro amor, para todo o sempre, amém. Íamos nos casar.

Estávamos com as passagens compradas. Juro por Deus, teríamos feito qualquer coisa, Melly, qualquer coisa neste mundo para ficarmos juntos. No dia seguinte, *na merda do dia seguinte*, ela fugiu sem mim.

Os frequentadores do lugar estavam começando a olhar de relance, a interromper suas conversas, mas eu não conseguia baixar minha voz. Sempre tive a cabeça mais fresca em qualquer briga, e o nível mais baixo de álcool no sangue em qualquer bar. Mas essa noite tudo estava diferente, e era tarde demais para tentar recuperá-la.

– Qual foi a única coisa que mudou naquele meio-tempo? Nosso pai encheu a cara e tentou invadir o buraco dos Daly às duas da manhã, e então vocês todos, na maior classe, tiveram um arranca-rabo aos berros no meio da rua. Você se lembra daquela noite, Melly. O beco inteiro se lembra daquela noite. Por que Rosie *não desistira*, depois daquilo? Quem quer entrar para uma família daquelas? Quem vai querer esse tipo de sangue nos seus filhos?

– Foi por isso que você nunca voltou para casa? Porque achava isso o tempo todo? – disse Carmel, com a voz muito baixa e calma, sem nenhuma expressão.

– Se nosso pai tivesse sido uma pessoa razoável – disse eu. – Se não tivesse sido um bêbado, ou mesmo se tivesse se dado ao trabalho de ser discreto... Se nossa mãe não tivesse sido nossa mãe. Se Shay não se metesse em encrencas todos os dias da semana... Se nós tivéssemos sido diferentes...

– Mas se Rosie não foi para lugar nenhum... – disse Kevin, confuso.

Eu não conseguia sintonizar com o que ele estava dizendo. De repente, o dia inteiro tinha me atingido, e eu estava tão exausto que tinha a impressão de que minhas pernas estavam se derretendo e se infiltrando no carpete surrado.

– Rosie me largou porque minha família não passava de um bando de animais. E eu não a culpo.

– Ah, isso não está certo, Francis – disse Jackie, e eu ouvi a mágoa na sua voz. – Não é justo.

– Rosie Daly não tinha nenhum problema comigo, cara – disse Shay. – Pode acreditar.

Ele já tinha recuperado o controle. Estava recostado na cadeira, e o tom vermelho havia se apagado dos seus malares. Foi seu jeito de falar: a centelha arrogante nos olhos, o risinho preguiçoso, curvando os cantos da sua boca.

– Do que você está falando?

– Era uma menina bonita, a Rosie. Muito simpática, muito sociável, é essa a palavra que estou buscando?

Eu já não me sentia cansado.

– Se você vai falar de uma garota que não está presente para se defender, pelo menos fale direto, como homem. Se não tem coragem para isso, cale essa boca.

– Ei! Vocês aí! Tratem de se acalmar *agora*, ou vão todos para a rua. – O

barman bateu com uma caneca no balcão, com ruído.

– Só estou elogiando seu bom gosto. Uns peitos maravilhosos, uma bunda maravilhosa, uma atitude maravilhosa. Ela era bem facilzinha, né? De zero a cem em um segundo.

Uma voz aguda em algum ponto lá no fundo do meu cérebro me avisava para sair dali, mas ela chegava a mim, meio indefinida e vaga, através de todas aquelas camadas de álcool.

– Rosie nunca teria tocado em você, nem de longe.

– Pense bem, cara. Ela fez muito mais que tocar. Você nunca sentiu meu cheiro nela, depois de lhe tirar a roupa?

Eu o tinha içado da cadeira pela frente da camisa e estava com o punho preparado para o soco, quando os outros entraram em ação, com aquela eficácia tensa, instantânea, que só filhos de alcoólatras têm. Carmel entrou entre nós dois, Kevin agarrou meu braço, e Jackie tirou as bebidas do caminho. Shay arrancou minha outra mão da sua camisa, e nós dois caímos trôpegos para trás. Carmel segurou Shay pelos ombros, fez com que se sentasse direito, de novo, e o manteve ali, bloqueando sua visão para ele não me ver e falando alguma besteira tranquilizadora bem no seu nariz. Kevin e Jackie me pegaram pelas axilas e já tinham me feito girar e estar a meio caminho da porta quando consegui recuperar o equilíbrio e me dei conta do que estava acontecendo.

– Me solta. Me solta – disse eu, mas eles não paravam. Tentei me livrar deles, mas Jackie tinha se certificado de estar tão grudada em mim, que eu não pudesse me livrar dela sem machucá-la, e eu ainda estava longe demais de estar tão bêbado que fizesse isso. Shay gritou alguma coisa rancorosa por cima do ombro de Carmel, que aumentou seus sussurros para que ele se calasse. E então Kevin e Jackie tinham conseguido me manobrar, com perícia, em torno das mesas, banquetas e dos frequentadores de sempre, com cara inexpressiva, e lá estávamos nós do lado de fora, com a corrente de ar gelado, na esquina da rua e a porta batendo com violência depois que passamos.

– Que porra é essa? – disse eu.

– Ora, Francis – respondeu Jackie, calma, como se estivesse falando com uma criança. – É claro que você sabe que vocês dois não podem brigar lá dentro.

– Aquele filho da mãe estava pedindo para levar um soco na cara, Jackie. *Implorando*. Você ouviu. Me diz que ele não merece tudo o que eu conseguir acertar nele.

– É claro que merece, mas você não pode destruir o bar. Vamos andar um pouco?

– Então por que vocês estão *me* arrastando de lá? Foi Shay que...

Eles me deram os braços e começaram a andar.

– Você vai se sentir melhor com o ar puro – disse Jackie, em tom tranquilizador.

– Não. Não. Eu estava tomando uma cervejinha sozinho, numa boa, sem incomodar ninguém, até aquele cretino entrar e começar a criar confusão. Você ouviu o que ele disse.

– Ele encheu a cara e estava sendo um perfeito idiota. Qual é o problema, você ficou surpreso?

– Então por queargas-d'água sou eu que sou posto na rua? – Eu sabia que estava parecendo uma criança se queixando, *Foi ele que começou*, mas não consegui me controlar.

– É o bar do Shay. É aonde ele vai quase todas as noites – disse Kevin.

– Ele não é o dono da vizinhança inteira. Tenho tanto direito quanto ele... – Tentei me livrar deles e voltar para o bar, mas o esforço quase me desequilibrou. O ar frio não estava me deixando sóbrio; pelo contrário, ele batia de todos os ângulos, me desnordeando, me dando um zumbido nos ouvidos.

– É claro que tem – disse Jackie, mantendo-me voltado com firmeza para a outra direção. – Mas, se você ficar por lá, ele só vai ficar te irritando. Não faz sentido, ficar à toa ali, sem dúvida não faz sentido. Vamos a outro lugar, está bem?

Foi nesse instante que alguma fria agulhada de bom senso conseguiu perfurar a bruma das Guinness. Parei de chofre e sacudi a cabeça até o zumbido baixar um pouco de volume.

– Não – disse eu. – Não, Jackie, acho que não vamos a lugar nenhum.

Jackie girou a cabeça para olhar ansiosa bem na minha cara.

– Você está bem? Não vai passar mal agora, vai?

– Não, não vou passar mal de jeito nenhum. Mas vai demorar muito, muito tempo, para eu concordar em ir a algum lugar só porque você me disse para ir.

– Ah, Francis, não seja...

– Você se lembra, Jackie, de onde toda essa história começou? Lembra? Você me ligou e me convenceu de que eu queria vir a essa droga de lugar sinistro. Juro por Deus que uma porta de carro deve ter batido na minha cabeça em algum momento da minha vida, ou eu lhe teria dito onde enfiar essa sua ideia genial. Porque veja só o resultado, Jackie. Olhe bem. Está satisfeita consigo mesma? Está sentindo aquele calorzinho gostoso de um trabalho bem-feito? Está feliz agora?

Eu estava oscilando. Kevin tentou pôr um ombro por baixo do meu, mas eu me livre dos dois, deixei meu peso cair contra o muro e cobri o rosto com as mãos. Um milhão de ciscos de luz pulsavam por trás das minhas pálpebras.

– Eu sabia – disse eu. – Eu sabia muito bem.

Por um tempo, ninguém disse nada. Dava para eu sentir Kevin e Jackie olhando um para o outro, tentando fazer planos por sinais de sobrancelhas.

– Olhem – disse Jackie, por fim –, não posso falar por vocês dois, mas eu estou congelando. Se eu entrar lá para apanhar meu casaco, me esperam aqui?

– Pega o meu também – disse Kevin.

– Está bem. Não me vá sair por aí, hein, Francis?

Ela me deu um beliscãozinho hesitante no cotovelo. Não dei atenção. Daí a um instante, eu a ouvi suspirar; e então o toque-toque dos saltos dos seus sapatos voltando por onde tínhamos vindo.

– Que dia mais infame, mais filho da puta – disse eu.

Kevin encostou no muro ao meu lado. Eu podia ouvir sua respiração, arfando um pouco contra o ar gelado.

– Mas a culpa não é bem de Jackie – disse ele.

– E eu deveria me importar com isso, Kev. Realmente deveria. Mas você vai ter de me perdoar se, neste exato instante, não estou ligando a mínima.

O beco cheirava a gordura e mijo. Em algum lugar, a uma rua ou duas dali, dois caras começaram a gritar um com o outro, sem palavras, só um barulho rouco e sem sentido. Kevin mudou de posição contra o muro.

– Não sei se faz diferença – disse ele –, mas gostei de você ter voltado. Foi bom a gente estar junto. Quer dizer, é claro que não toda essa história da Rosie e... você sabe. Mas gostei mesmo de a gente ter se visto de novo.

– Como eu disse, eu deveria me importar, mas as coisas nem sempre acabam como deveriam.

– Porque o que quero dizer é que a família importa sim para mim. Sempre importou – disse Kevin. – Eu não disse que *não morreria* por eles, sabe, do jeito que Shay estava se queixando. Eu só não gosto que ele fique tentando me dizer o que pensar.

– E quem gostaria? – disse eu, tirando as mãos do rosto e afastando minha cabeça não mais que 5 centímetros do muro, para ver se o mundo já tinha se estabilizado um pouco. Nada estava tão torto assim.

– Antes era mais simples – disse Kevin. – Quando a gente era criança.

– Decididamente não me lembro de ter sido simples.

– Bem, quer dizer, meu Deus, não era *simples*, mas... pelo menos nós sabíamos o que *devíamos* fazer, mesmo se fazer o que devíamos fosse um saco. Pelo menos, nós *sabíamos*. Acho que sinto falta disso. Sabe o que estou querendo dizer?

– Kevin, meu caro, devo lhe dizer que realmente, sinceramente, não sei o que está querendo dizer.

Kevin virou a cabeça, sem desgrudá-la do muro, para olhar para mim. O ar gelado e a bebida tinham deixado suas bochechas rosadas e com um ar sonhador. Tremendo um pouco, com seu corte de cabelo moderno todo despenteado, ele parecia uma criança num cartão de Natal antigo.

– É – disse ele, suspirando. – Tudo bem. É provável que não saiba. Não tem importância.

Fui me desgrudando com cuidado do muro, mantendo uma das mãos nele só

por segurança, mas meus joelhos aguentaram bem.

– Jackie não deveria estar andando por aí sozinha. Vá atrás dela.

Ele piscou os olhos para mim.

– Você vai... quer dizer, você vai esperar aqui pela gente? Volto num segundo.

– Não.

– Ah. – Ele parecia indeciso. – E amanhã?

– Que tem amanhã?

– Você vai estar por aqui?

– Duvido.

– E... você sabe? Tipo, um dia?

Ele parecia tão jovem e tão perdido que fiquei arrasado.

– Vá procurar a Jackie.

Firmei meu equilíbrio e saí andando. Depois de alguns segundos, ouvi os passos de Kevin ali atrás, começando a seguir, devagar, no sentido contrário.

Dormi algumas horas, no meu carro – eu estava bêbado demais para qualquer taxista querer me aceitar, mas não bêbado o suficiente para pensar que seria uma boa ideia bater à porta da minha mãe. Acordei com um gosto na boca como se alguma coisa tivesse morrido e apodrecido ali dentro, e me deparei com o tipo de manhã pesada e fria em que a umidade penetra direto até os ossos. Levei uns vinte minutos para desatar o nó no meu pescoço.

As ruas estavam brilhando, molhadas e vazias; os sinos tocavam para a primeira missa e ninguém prestava muita atenção. Encontrei uma cafeteria deprimente, cheia de imigrantes do Leste Europeu deprimidos e tomei um café da manhã nutritivo: muffins empapados, um punhado de analgésicos e um balde de café. Quando me dei conta de que estava provavelmente dentro do teor alcoólico tolerável, fui para casa dirigindo, joguei na máquina de lavar as roupas que estava usando desde a manhã de sexta-feira e entrei num chuveiro bem quente enquanto analisava meu próximo movimento.

No que me dizia respeito, esse caso estava encerrado, com letras do tamanho da estátua de O’Connell. O Campeão podia ficar com ele todo para si, e muito obrigado. Ele podia ser um camaradinho irritante na melhor das hipóteses, mas, pelo menos dessa vez, sua obsessão pela vitória estava a meu favor. Mais cedo ou mais tarde ele conseguiria fazer justiça por Rosie, se houvesse justiça a ser feita. Ele até mesmo me manteria informado de quaisquer desdobramentos importantes, não necessariamente por razões altruísticas, mas eu não dava a mínima. Em menos de um dia e meio, eu tinha tido contato suficiente com minha família para os próximos 22 anos. Naquela manhã no chuveiro, eu teria entregue minha alma ao diabo numa aposta de que nada neste mundo poderia me arrastar de volta ao Faithful Place.

Eu só tinha de arrematar umas coisas antes de poder devolver essa confusão de volta ao círculo do inferno de onde viera. Para mim, “fechar o ciclo” é um monte de bosta fumegante da classe média inventada para pagar os automóveis Jaguar dos psicanalistas, mas mesmo assim eu precisava saber com certeza se aquilo no porão era de fato Rosie; precisava saber como ela havia morrido; e precisava saber se o Campeão e seus rapazes tinham captado qualquer pista sobre aonde ela estava indo naquela noite, antes que alguém a impedisse. Eu havia passado toda a minha vida adulta crescendo em torno de uma cicatriz com o formato da ausência de Rosie Daly. A ideia do desaparecimento daquele bolo de tecido cicatricial tinha me deixado tão tonto e desequilibrado que acabei fazendo coisas imbecis, como encher a cara com meus irmãos, conceito que apenas dois dias antes teria me feito fugir em disparada. Achei que seria uma boa ideia voltar a assumir o controle, antes que eu fizesse alguma coisa idiota o

suficiente para resultar numa amputação.

Peguei roupa limpa, saí para a sacada, acendi um cigarro e liguei para o Campeão.

– Frank – disse ele, com um nível de cortesia meticulosamente calibrado para que eu soubesse que não era um prazer receber uma ligação minha. – Em que posso ajudá-lo?

Pus na minha voz um leve sorriso encabulado.

– Sei que você é um cara ocupado, Campeão, mas estava esperando que talvez me fizesse um favor.

– Eu adoraria, filhinho, mas estou um pouco...

Filhinho?

– Vou direto ao assunto – disse eu. – Meu colega de equipe, o Yeates... você conhece?

– Nos conhecemos.

– Cara legal, não é? Nós saímos para beber ontem, eu contei para ele a história, e agora ele não larga do meu pé, dizendo que minha namorada me deu o fora. Para encurtar, e deixando de lado como estou magoado por meu próprio colega duvidar do meu magnetismo sexual, apostei cem libras com ele que Rosie no final das contas não me deu o fora. Se você tiver qualquer coisa que decida essa parada para mim, a gente reparte o lucro. – Yeates dá a impressão de que usa gatinhos para fazer o lanche, e não é do tipo amigão. O Campeão não ia verificar.

– Toda informação relativa à investigação é sigilosa – disse ele, com rigidez.

– Eu não estava pensando em vendê-la para o *Daily Star*. A última vez que olhei, Yeates era um policial, igualzinho a você e a mim, só que maior e mais feio.

– Um policial que não faz parte da minha equipe. Igualzinho a você.

– Ora, Campeão. Pelo menos me diga se aquilo no porão era Rosie. Se for o despejo de algum corpo da era vitoriana, pago a grana a Yeates e sigo em frente.

– Frank, Frank, Frank – disse ele, exagerando no tom de compaixão. – Sei que não é fácil para você, cara, ok? Mas você se lembra da conversa que tivemos?

– Com toda a clareza. Resumindo, você queria que eu largasse do seu pé. Por isso estou lhe fazendo essa oferta única, Campeão. Responda minha perguntinha e a próxima vez que vou procurá-lo vai ser para tomar umas boas cervejas para comemorar a solução desse caso.

Ele deixou a proposta no ar, por um segundo.

– Frank – disse ele, quando achou que eu tinha captado toda a profundidade de sua desaprovação –, isso aqui não é o Iveagh Market. Não estou prestes a aceitar ofertas suas, nem resolver *apostas* da sua equipe. Isso aqui é um caso de *homicídio*, e minha equipe e eu precisamos trabalhar sem interferência. Eu teria imaginado que isso fosse suficiente para você largar do meu pé. Francamente,

você me decepcionou um pouco.

De repente, vi uma imagem mental de uma noite, naquela época em que estávamos em Templemore, quando o Campeão encheu a cara e me desafiou para ver quem conseguiria urinar mais alto num muro, no caminho de casa. Eu me perguntei quando ele tinha se transformado num babaca de meia-idade, todo empolado; ou talvez sempre tivesse sido isso no fundo, e o aumento de testosterona da adolescência tivesse simplesmente mascarado sua natureza por um tempo.

– Você tem razão – disse eu, todo penitente. – É só que não dá para aguentar ter aquele bobalhão do Yeates pensando que me passou a perna, sabe o que estou querendo dizer?

– Humm. Sabe de uma coisa, Frank? O impulso de vencer tem seu valor, mas só enquanto ele não transforma a gente num perdedor.

Eu tinha bastante certeza de que isso não tinha absolutamente nenhum significado, mas o tom da voz dele indicava que ele estava compartilhando comigo uma lição profunda.

– É um pouco demais para minha cabecinha, colega – disse eu. – Mas sem dúvida vou tentar refletir sobre isso. Nos vemos por aí. – E desliguei.

Fumei mais um cigarro enquanto observava a brigada das compras aos domingos se acotovelando para lá e para cá, no cais. Adoro a imigração: o leque de garotas bonitas hoje em dia inclui alguns continentes a mais do que há vinte anos. E, enquanto as mulheres irlandesas estão ocupadas transformando-se em assustadores pirulitos laranja, as belas de todo o resto do mundo estão tratando de apresentar uma compensação. Havia uma ou duas que me deram vontade de me casar com elas ali mesmo e dar a Holly meia dúzia de irmãos, que minha mãe chamaria de mestiços.

A polícia técnica não ia me adiantar nada: o cara não ia nem querer ouvir meu nome depois que eu estraguei sua simpática tarde de pornografia na web. Mas Cooper, por outro lado, gosta de mim, trabalha nos fins de semana e, a menos que estivesse com um enorme atraso no serviço, já teria feito a autópsia a essa altura. Havia uma boa chance de que aqueles ossos lhe tivessem dito pelo menos parte do que eu precisava saber.

Uma hora a mais não ia deixar Holly e Olivia mais injuriadas do que já estavam. Joguei fora meu cigarro e tratei de me mexer.

Cooper detesta a maioria das pessoas, e em sua maioria as pessoas acham que ele as detesta à toa. O que elas não descobriram é o seguinte: ele não gosta de gente chata, e seu limite para considerar alguém chato é baixo. Basta uma vez, e era óbvio que o Campeão tinha conseguido isso em algum ponto, e ele não vai mais querer saber de você. É só mantê-lo interessado, e você terá toda a atenção dele. Já me chamaram de muita coisa, mas nunca me chamaram de chato.

O necrotério municipal fica a uma curta caminhada do meu apartamento, pelo cais, dando a volta pelos fundos da rodoviária, num belo prédio de tijolos aparentes de mais de cem anos de idade. Não costumo ir lá com frequência, mas geralmente a ideia desse lugar me deixa feliz, da mesma forma que fico feliz com a base da Divisão de Homicídios ser no castelo de Dublin. Tudo o que nós fazemos atravessa o coração da cidade, como o rio: merecemos as boas partes da sua história e da sua arquitetura. Naquele dia, porém, nem tanto assim. Em algum lugar ali dentro, com Cooper pesando, medindo e examinando cada pedacinho que restava dela, estava uma garota que poderia ser Rosie.

Cooper veio à recepção quando perguntei por ele, mas, como a maioria das pessoas naquele fim de semana, não deu pulos de alegria ao me ver.

– O detetive Kennedy – disse ele, pronunciando o nome com delicadeza, como se o gosto fosse ruim – me informou especificamente que você não fazia parte da sua equipe de investigadores e não tinha necessidade nenhuma de receber qualquer informação sobre o caso.

E isso depois de eu ter pago uma cerveja para ele. Que sacana mais ingrato.

– O detetive Kennedy precisa levar-se um pouco menos a sério – respondi. – Não preciso estar na *equipezinha* dele para me interessar pelo caso. É um caso interessante. E... bem, eu preferiria que isso ficasse entre nós; mas, se a vítima for quem eu acho que é, eu cresci com ela.

Isso fez cintilar o olho redondo de Cooper, exatamente como eu sabia que faria.

– É mesmo?

Baixei os olhos e fingi relutar, só para aguçar sua curiosidade.

– Para ser franco – disse eu, examinando a unha do meu polegar –, durante um tempo, na adolescência, nós namoramos.

Isso o fisgou. As sobrancelhas subiram até a raiz dos cabelos e o brilho no olhar ficou mais forte. Se ele não tivesse encontrado para si o trabalho perfeito, de modo tão óbvio, eu teria me preocupado com o que esse cara aprontava nas horas de folga.

– Por isso, dá para entender por que eu realmente gostaria de saber o que houve com ela... quer dizer, isso se você não estiver ocupado demais para falar comigo. O que os olhos de Kennedy não virem, seu coração não vai sentir.

Os cantos da boca de Cooper se retraíram, o que é o máximo que ele consegue fazer a título de sorriso.

– Vamos entrando – disse ele.

Longos corredores, escadarias elegantes, antigas aquarelas razoáveis nas paredes – alguém tinha pendurado guirlandas de pinheiro de imitação entre elas, para aquele equilíbrio discreto entre o sombrio e o festivo. Até mesmo o necrotério em si, uma sala comprida, com sancas no teto e janelas altas, seria bonito se não fossem os pequenos detalhes: o ar denso e gelado, o cheiro, o piso

de ladrilhos nus, as fileiras de gavetas de aço ao longo de uma parede. Um aviso entre as gavetas dizia, em letras bem-feitas, gravadas: PÉS PRIMEIRO. ETIQUETA DE IDENTIFICAÇÃO NA CABEÇA.

Cooper franziu os lábios, pensativo, olhando para as gavetas e passou um dedo ao longo delas, com um olho semicerrado.

– Nossa nova “não identificada” – disse ele. – Ah, sim... – Ele avançou e puxou uma gaveta com um longo floreio.

Há um botão que a gente aprende a acionar bem cedo quando se trabalha na Inteligência. Com o tempo, fica mais fácil: um clique, em algum canto da mente, e toda a cena passa a se desenrolar a uma distância, numa telinha, ao vivo e em cores, enquanto você fica olhando e planejando sua estratégia, e dá às personagens uma cutucada de vez em quando, alerta, absorto e em segurança como um general. Quem não descobre o botão depressa acaba em outras divisões ou debaixo da terra. Acionei o tal botão e olhei.

Os ossos estavam organizados perfeitamente na mesa de metal; quase artisticamente, como o melhor quebra-cabeça do mundo. De algum modo, Cooper e sua equipe tinham conseguido limpá-los, mas eles ainda estavam amarronzados e pareciam engordurados, com exceção das duas fileiras de dentes, de um branco Colgate. Aquilo parecia infinitamente pequeno e frágil demais para ser Rosie. Por uma fração de segundo, uma parte de mim chegou a ter esperança.

Em algum lugar na rua, um grupo de meninas estava rindo, dando gritos agudos e irresistíveis, distantes por causa da vidraça grossa. A sala estava clara demais; Cooper estava só um tantinho perto demais de mim, me observando com um pouquinho de atenção demais.

– Os restos são os de uma adulta jovem de cor branca, com a altura entre 1,67m e 1,77m, de constituição entre média e forte. O desenvolvimento dos sisos e a fusão incompleta das epífises situam sua idade entre 18 e 22 anos.

Ele parou por aí. Esperou até me forçar a perguntar.

– Você pode me garantir que é Rose Daly?

– Não existem radiografias dos dentes, mas os registros mostram que Rose Daly tinha uma obturação, num molar inferior direito. A morta também tinha uma obturação, no mesmo dente.

Ele segurou o maxilar entre o polegar e o indicador, afastou-o para baixo e indicou o interior da boca.

– Outras pessoas também têm – disse eu.

– Coincidências improváveis acontecem, sim, como nós sabemos – disse ele, dando de ombros. – Ainda bem que não dependemos exclusivamente da obturação para fazer a identificação. – Ele folheou uma pilha bem organizada de pastas numa mesa comprida e tirou duas transparências, que dispôs numa mesa de luz, uma por cima da outra. – Pronto – disse ele, acendendo a lâmpada.

E lá estava Rosie, iluminada e rindo, em contraste com tijolos aparentes e céu cinzento, com o queixo para o alto e o cabelo sendo levantado pelo vento. Por um segundo, ela era tudo que eu conseguia ver. E então vi os minúsculos X brancos salpicados no seu rosto, e enxerguei o crânio de olhos vazios por trás dele.

– Como você pode ver pelos pontos que marquei – disse Cooper –, as características anatômicas do crânio encontrado (o tamanho, os ângulos e o espaçamento das órbitas, do nariz, dos dentes, do queixo, e assim por diante) correspondem exatamente às feições de Rose Daly. Apesar de não constituir identificação conclusiva, sem dúvida representa um grau razoável de certeza, especialmente em associação com a obstrução e as circunstâncias. Informei ao detetive Kennedy que ele pode notificar a família quando quiser. Eu não teria a menor dificuldade em declarar sob juramento que acredito que essa seja Rose Daly.

– Como foi que ela morreu? – perguntei.

– O que está vendo, detetive Mackey – disse ele, abrindo um braço na direção dos ossos –, é o que tenho. Em restos reduzidos ao esqueleto, raramente é possível determinar a causa da morte com certeza. Está claro que ela foi agredida, mas não tenho como eliminar totalmente, por exemplo, a possibilidade de ela ter tido um ataque cardíaco fulminante durante a agressão.

– O detetive Kennedy fez menção a fraturas no crânio – disse eu.

Cooper me lançou um olhar de desdém no mais alto grau.

– A menos que eu esteja gravemente enganado, o detetive Kennedy não tem qualificação como legista. – Consegui abrir um sorriso para ele.

– Ele também não tem qualificação em chatice, mas cumpre a função muito bem.

O canto da boca de Cooper tremelicou.

– Para ser franco – disse ele –, o detetive Kennedy, embora por acaso, está correto quanto ao fato de o crânio ter sido fraturado.

Ele estendeu um dedo e rolou o crânio de Rosie para o lado.

– Ali – disse ele. A luva branca e fina fazia sua mão parecer úmida e morta, como que perdendo camadas. A parte de trás da cabeça de Rosie parecia um para-brisa que tivesse sido estilhaçado, mais de uma vez, com um taco de golfe. Estava tomado por uma louca teia de aranha de rachaduras, que se irradiavam em todas as direções, entrecruzando-se e ricocheteando umas nas outras. A maior parte do seu cabelo tinha soltado, e tinha estado jogado ao seu lado num monte emaranhado, mas alguns fios finos ainda saíam em espirais do osso destruído.

– Se você olhar bem – disse Cooper, passando a ponta do dedo com delicadeza nas rachaduras –, vai observar que as bordas das fraturas estão farpadas, não lisas. Isso indica que, na ocasião das lesões, o osso estava flexível e irrigado, não seco e quebradiço. Em outras palavras, as fraturas não ocorreram

depois da morte. Elas foram infligidas na hora da morte ou em torno daquele momento. Foram causadas por vários golpes vigorosos (eu diria no mínimo três) contra uma superfície plana, de 10 centímetros de largura ou mais, sem arestas nem cantos pontiagudos.

Dominei o impulso de engolir em seco. Ele perceberia se eu o fizesse.

– Bem – disse eu –, eu também não sou legista, mas me parece que isso poderia matar uma pessoa.

– Ah – disse Cooper, com um sorrisinho. – Poderia, mas nesse caso não podemos afirmar com certeza que isso ocorreu. Olhe aqui.

Ele buscou tateando em torno do pescoço de Rosie e retirou duas frágeis lascas de osso.

– Este – disse ele, juntando-os com perfeição no formato de uma ferradura – é o hioide. Ele fica no alto da garganta, imediatamente abaixo do maxilar, apoiando a língua e protegendo a traqueia. Como você vê, uma das ramificações está totalmente partida. A fratura do hioide está associada, de modo tão exclusivo a ponto de quase ser um diagnóstico, ou a acidentes de automóvel ou a estrangulamento com as mãos.

– Quer dizer, a menos que ela tenha sido atingida por um carro invisível que de algum modo conseguiu entrar num porão, alguém a sufocou até a morte.

– Este – informou-me Cooper, gesticulando para mim com o hioide de Rosie – é sob muitos aspectos o lado mais fascinante do caso. Como já salientamos, parece que nossa vítima teria uns 19 anos. Nos adolescentes é raro encontrar o hioide quebrado, por conta da flexibilidade do osso; e no entanto esta fratura, como as outras, é nitidamente próxima da hora da morte. A única explicação possível é que ela foi estrangulada com uma força extrema, por um agressor dotado de uma capacidade física considerável.

– Um homem – disse eu.

– Um homem é o candidato mais provável, mas não se pode descartar uma mulher forte num estado de emoção intensa. Uma teoria parece ser mais condizente com todo o leque de lesões: o agressor segurou-a pelo pescoço e bateu com a cabeça dela repetidamente numa parede. As duas forças contrárias, a do impacto com a parede e a do movimento do agressor, se combinaram resultando na fratura do hioide e na compressão da traqueia.

– E ela morreu sufocada.

– Asfixiada – disse Cooper, dando-me uma olhada. – É o que acho. O detetive Kennedy está de fato correto ao dizer que as lesões na cabeça teriam resultado na morte de qualquer modo, em razão da hemorragia intracraniana e lesões ao cérebro, mas o processo poderia ter sido imediato ou demorado até algumas horas. Antes que isso ocorresse, é bem provável que ela já estivesse morta de hipóxia, causada fosse pelo estrangulamento manual em si, pela inibição do nervo vago decorrente do estrangulamento, fosse pela obstrução da traqueia

resultante da fratura do hioide.

Eu continuava pressionando o botão mental, com força. Por um segundo, vi o contorno do pescoço de Rosie quando ela ria.

Cooper continuou a falar, só para se certificar de que estava fodendo com a minha cabeça do modo mais meticuloso humanamente possível.

– O esqueleto não apresenta nenhuma outra lesão próxima à hora da morte, mas o nível de decomposição torna impossível determinar se houve ou não lesões a outros tecidos. Se, por exemplo, a vítima sofreu agressão sexual.

– Acho que o detetive Kennedy insinuou que ela estava vestida. Se é que faz alguma diferença.

Ele crispou os lábios.

– Restou muito pouco tecido da roupa. A equipe da polícia técnica de fato descobriu uma série de artefatos relacionados a roupas sobre o esqueleto ou perto dele: um zíper, botões metálicos, colchetes condizentes com os usados em sutiãs e assim por diante... o que indica que ela teria sido enterrada completamente ou quase completamente vestida. Isso não nos diz, porém, se essa roupa estava no lugar na hora em que foi enterrada. Tanto o curso natural da decomposição quanto a considerável atividade de roedores mudaram esses itens de lugar o suficiente para impossibilitar a qualquer um dizer se eles foram enterrados *vestidos nela* ou apenas *com ela*.

– O zíper estava aberto ou fechado? – perguntei.

– Fechado. Da mesma forma que os colchetes do sutiã. Não que isso prove alguma coisa. Ela poderia ter se vestido de novo, depois de uma agressão, mas suponho que seja indicativo até certo ponto.

– As unhas – disse eu. – Estavam quebradas? – Rosie teria lutado, teria lutado para valer.

Cooper deu um suspiro. Eu estava começando a chateá-lo, com todas essas perguntas previsíveis que o Campeão já tinha feito. Eu precisava me tornar interessante ou cair fora.

– As unhas – disse ele, com um leve gesto desdenhoso de cabeça na direção de umas aparas pardas ao lado dos ossos da mão de Rosie – se decompõem. Nesse caso, como o cabelo, elas foram parcialmente preservadas pela alcalinidade do ambiente, mas numa forma gravemente deteriorada. E, como não sou mágico, sou incapaz de adivinhar sua condição antes da deterioração.

– Só mais uma coisinha ou duas, se você tiver tempo, e vou parar de atrapalhar. Você sabe se a polícia técnica encontrou alguma outra coisa com ela, além dos itens de vestuário? Chaves, quem sabe?

– É provável – disse Cooper com austeridade – que a polícia técnica tenha mais conhecimento disso do que eu.

Sua mão estava na gaveta, pronta para fechá-la. Se Rosie estivesse com as chaves, fosse porque seu pai as tivesse devolvido, fosse porque ela as tivesse

surrupiado, ela teria a opção de sair pela porta da frente naquela noite, e não tinha feito isso. Eu só podia pensar num motivo. O de que ela estava tentando me evitar.

– Eles teriam, sim. É claro que não se trata de sua função, doutor, mas metade do pessoal de lá está só um ponto acima de macacos treinados. Eu não poderia ter confiança de que eles soubessem de que caso eu estava falando, muito menos que me dessem a informação correta. Você pode entender por que eu não ia querer arriscar minha sorte com eles nesse caso.

Cooper levantou as sobrancelhas um mínimo, como se soubesse o que eu estava fazendo e não se importasse.

– O relatório preliminar deles enumera dois anéis de prata e três brincos de prata, todos identificados provisoriamente pelos Daly como condizentes com bijuterias de propriedade de sua filha, e uma pequena chave, compatível com uma fechadura de baixa qualidade, produzida em série, que parece servir nas fechaduras de uma mala encontrada anteriormente no local. O relatório não inclui nenhuma outra chave, acessório ou outros pertences.

E lá estava eu, de volta ao mesmo lugar onde me encontrei quando pus os olhos pela primeira vez naquela mala: sem noção, atirado numa escuridão com gravidade zero sem uma única coisa sólida à qual pudesse me agarrar. Ocorreu-me, pela primeira vez, que eu poderia nunca saber a verdade; que isso de fato poderia acontecer.

– Era só isso? – indagou Cooper.

Tudo estava muito silencioso no necrotério, só o ar-condicionado zumbindo sozinho em algum canto. Não me entrego a arrependimentos da mesma forma que não me entrego a bebedeiras, mas esse fim de semana era diferente. Olhei para os ossos marrons, espalhados nus, sob as lâmpadas fluorescentes de Cooper e desejei, do fundo do coração, ter batido em retirada, sem mexer naquela casa de marimbondos. Não por mim, mas por ela. Rosie agora era de Cooper, do Campeão, do beco, de todos, que podiam segurá-la, manuseá-la e usá-la com seus próprios objetivos. O beco já teria dado início ao processo prazeroso e ocioso de digeri-la, transformando-a simplesmente em mais uma peça do folclore local, ávido por sangue, meio história de fantasmas, meio peça edificante; meio mito urbano, meio a vida como ela é. Ele devoraria toda a memória dela, da mesma forma que seu chão tinha devorado o corpo. Rosie estava melhor naquele porão. Pelo menos, as únicas pessoas que remexiam em lembranças dela eram as que a amavam.

– É – disse eu. – Era só isso.

Cooper fechou a gaveta, um longo silvo de aço sobre aço, e os ossos sumiram, bem fechados naqueles escaninhos, entre todos os outros mortos, assinalados com um ponto de interrogação. A última coisa que vi antes de sair do necrotério foi o rosto de Rosie, ainda brilhando na mesa de luz, luminoso e

transparente, aqueles olhos animados e aquele sorriso imbatível, numa camada finíssima sobre os ossos em decomposição.

Cooper me acompanhou até a saída. Fiz minha melhor demonstração de gratidão e puxa-saquismo. Prometi-lhe uma garrafa de seu vinho preferido para o Natal. Ele me deu um aceno de despedida à porta e voltou lá para dentro para fazer as coisas perturbadoras que faz quando está sozinho no necrotério. Eu então dei a volta na esquina e soquei a parede. As juntas dos meus dedos viraram carne moída, mas a dor foi intensa o suficiente para que, por alguns segundos, enquanto eu me dobrava ao meio segurando minha mão, ela cauterizasse minha mente, tornando-a branca e vazia.

Peguei meu carro, que tinha um cheiro atraente de bêbado suado que não trocou de roupa para dormir, e segui rumo a Dalkey. Quando toquei a campainha na casa de Olivia, ouvi vozes abafadas, uma cadeira arrastada, com força, no chão, passos pesados subindo a escada. Holly de mau humor pesa quase cem quilos. E depois um estouro violento, uma explosão de nível nuclear.

Olivia veio à porta, com a cara fechada.

– Espero sinceramente que você tenha uma boa explicação. Ela está irritada, zangada e decepcionada; e eu acho que ela tem todo o direito de se sentir assim. Eu também não estou exatamente feliz com a destruição do meu fim de semana, só para o caso de fazer alguma diferença para você.

Existem dias em que até mesmo eu tenho juízo suficiente para não invadir a cozinha de Olivia e atacar sua geladeira. Fiquei onde estava, deixando o que restava da chuva pingar dos beirais da casa no meu cabelo.

– Desculpe – disse eu. – Desculpe mesmo, Liv. Nada disso foi minha escolha, pode acreditar em mim. Foi uma emergência.

– Ah, é mesmo? Me diga: quem morreu? – disse ela com um mínimo tremor cínico nas sobrancelhas.

– Alguém que eu conheci, muito tempo atrás. Antes de sair de casa.

Por essa ela não esperava, mas Olivia só levou um segundo para se recuperar.

– Em outras palavras, alguém com quem você não se importou de entrar em contato por vinte e poucos anos; e então de repente ele era mais importante que sua filha. Será que devo me dar ao trabalho de marcar de novo com o Dermot, ou existe alguma chance de que alguma coisa, em algum lugar, possa acontecer a alguém que você conheceu no passado?

– Não é como você está dizendo. Essa garota e eu éramos amigos. Ela foi assassinada na noite em que sai de casa. O corpo foi encontrado neste fim de semana.

Isso atraiu toda a atenção de Olivia.

– Essa garota – disse ela, depois de um olhar longo e concentrado. – Quando você diz “amigos”, está querendo dizer namorados, não é? Um primeiro amor.

– É. Mais ou menos isso.

Liv absorveu a informação. Sua expressão não mudou, mas eu a vi recolher-se, para algum lugar por trás dos olhos, para analisar o fato.

– Sinto muito. Acho que você deveria explicar a história a Holly, pelo menos o essencial. Ela está no quarto.

– Vá embora! – berrou Holly, quando bati à porta de seu quarto. O quarto de Holly é o único lugar naquela casa onde se pode ver que eu existo: ali, em meio

ao cor-de-rosa e aos babadinhos, estão brinquedos de pelúcia que comprei para ela, desenhos toscos que fiz para ela, cartões-postais engraçados que lhe envie sem nenhum motivo especial. Ela estava deitada de bruços na cama, cobrindo a cabeça com um travesseiro.

– Oi, querida – disse eu. Ela se debateu furiosa e puxou o travesseiro para cobrir ainda mais as orelhas, mas só isso. – Estou lhe devendo um pedido de desculpas.

– Três pedidos – disse uma voz abafada, depois de um tempinho.

– Como assim?

– Você me levou de volta para mamãe e disse que me apanhava mais tarde, mas não apanhou. E disse que viria me apanhar ontem, mas não veio.

Direto na jugular.

– Você está certa, é claro. E, se sair aqui fora, eu lhe peço desculpas três vezes, mas não vou me desculpar para um travesseiro.

Pude perceber que ela estava decidindo se devia continuar a me castigar, mas Holly não é de ficar emburrada. Cinco minutos é mais ou menos seu limite.

– Eu lhe devo também uma explicação – acrescentei, só para reforçar.

A curiosidade resolveu tudo. Depois de um segundo, o travesseiro foi se afastando alguns centímetros e um rostinho desconfiado surgiu.

– Peço desculpas uma vez. Duas vezes. Três vezes, do fundo do coração, de joelhos.

Holly deu um suspiro e se sentou na cama, afastando do rosto um pouco de cabelo. Ela ainda não estava olhando para mim.

– O que aconteceu?

– Você se lembra de eu dizer que sua tia Jackie estava com um problema?

– Lembro.

– Alguém morreu, querida. Uma pessoa que nós conhecíamos, faz muito tempo.

– Quem?

– Uma garota chamada Rosie.

– Por que ela morreu?

– Nós não sabemos. Ela morreu muito antes de você nascer, mas nós só descobrimos na noite de sexta-feira. Todo mundo ficou muito perturbado. Está vendo por que eu precisava ir me encontrar com a tia Jackie?

– Acho que sim. – Um leve dar de ombros, só de um lado.

– E isso quer dizer que podemos aproveitar o que nos resta do fim de semana?

– Eu estava pensando em ir à casa da Sarah – disse Holly.

– Meu benzinho – disse eu. – Estou lhe pedindo um favor. Ia ser muito importante para mim se a gente pudesse recomeçar este fim de semana. Voltar ao ponto em que paramos, na sexta à noite, e tentar encaixar o máximo de coisas boas até a hora em que eu tiver de trazer você de volta hoje à noite. Fingir que

nesse meio-tempo não aconteceu nada. – Vi que seus cílios tremeram quando ela olhou de esguelha para mim, mas ela não disse nada. – Sei que estou pedindo muito e sei que talvez eu não mereça, mas de vez em quando as pessoas precisam pegar leve umas com as outras. É o único jeito de conseguir superar cada dia. Você poderia fazer isso por mim?

Ela refletiu bem.

– Você vai precisar ir embora se acontecer mais alguma coisa?

– Não, amorzinho. Já temos outros dois detetives cuidando de tudo isso agora. Não importa o que aconteça, são eles que serão chamados para lidar com qualquer coisa. Não é mais meu problema. Ok?

Depois de um instante, Holly roçou a cabeça depressa pelo meu braço, como um gato.

– Papai, sinto muito pela morte da sua amiga.

Passei a mão pelo seu cabelo.

– Obrigado, querida. Não vou mentir para você. Foi uma droga de fim de semana. Mas parece que está começando a melhorar.

Lá embaixo, a campainha tocou.

– Estão esperando alguém? – perguntei.

Holly deu de ombros, e eu reorganizei meu rosto pronto para dar um susto em Dermo, mas era uma voz de mulher. Jackie.

– Oi, Olivia, como vai, não está um gelo lá fora? – Uma interrupção apressada, em voz baixa, de Liv. Um silêncio, e então a porta da cozinha se fechando sem ruído. Depois, uma confusão de murmúrios enquanto uma passava as notícias para a outra.

– Tia Jackie! Ela pode ir com a gente?

– Claro – disse eu. Fui levantar Holly da cama, mas ela passou por baixo do meu cotovelo e se lançou para o guarda-roupa, onde começou a procurar através de camadas de roupas felpudas em tons pastel, em busca do cardigã exato que tinha em mente.

Jackie e Holly se dão bem que é uma maravilha. De modo inesperado e um pouco perturbador, Jackie e Liv também. Nenhum homem quer que as mulheres da sua vida sejam muito amigas, para elas não comecem a trocar figurinhas. Levei muito tempo depois que conheci Liv para apresentar as duas. Não sei ao certo de qual eu tinha vergonha, ou medo, mas chegou a me ocorrer que eu me sentiria muito mais seguro se Jackie se contrariasse com minhas novas ligações com a classe média e voltasse a sair da minha vida de imediato. Jackie é uma das minhas pessoas preferidas, mas eu sempre tive um dom para detectar o calcanhar de Aquiles de cada um, e isso inclui o meu próprio.

Por oito anos depois que saí de casa, fiz questão de me manter bem afastado da zona de precipitação radioativa. Pensava na minha família talvez uma vez por ano, quando alguma velha na rua era parecida o suficiente com minha mãe para

me fazer correr para me proteger. E de algum modo sobrevivi até que muito bem. Numa cidade do tamanho desta, isso era bom demais para durar. Devo meu reencontro com Jackie a um exibicionista pouco dotado que escolheu a garota errada para compartilhar um momento com ela. Quando o sujeito saltou de um beco, sacou seu pinto e começou a lhe dar um trato, Jackie arrasou com seus dois egos ao cair na gargalhada e depois dar-lhe um chute nos ovos. Ela estava com 17 anos e tinha acabado de sair de casa. Eu estava tentando subir na carreira policial, da Divisão de Violência Sexual para a de Inteligência; e, como tinha havido alguns estupros na área, meu supervisor quis que alguém registrasse o depoimento de Jackie.

Não precisava ser eu. Na realidade, não deveria ter sido. O procedimento é cada um se manter fora de casos que envolvam a família; e eu soube assim que vi “Jacinta Mackey” no boletim de ocorrência. Metade de Dublin ou tem um nome ou o outro, mas duvido que alguém além dos meus pais tivesse a audácia de combiná-los e chamar uma filha de Jackie Mackey. Eu poderia ter dito isso ao supervisor, deixe outra pessoa registrar a descrição dela do complexo de inferioridade do exibicionista, e passado o resto da minha vida sem jamais ter de pensar na minha família, no Faithful Place ou no Caso Misterioso da Mala Misteriosa. Mas fiquei curioso. Jackie tinha 9 anos quando saí de casa; nada daquilo tinha sido culpa dela; e naquela época ela era uma criança legal. Eu queria ver como ela estava agora. Na ocasião, meu pensamento principal foi basicamente, ei, que mal pode decorrer disso? Meu erro foi achar que essa era uma pergunta retórica.

– Vamos – disse eu a Holly, encontrando o outro sapato do par e jogando-o para ela. – Vamos levar a tia Jackie para dar um passeio; e depois podemos comer aquela pizza que lhe prometi na noite de sexta.

\* \* \*

Uma das muitas alegrias do divórcio é a de eu não precisar mais dar caminhadas revigorantes aos domingos em Dalkey, trocando gentis cumprimentos de cabeça com casais desbotados que acham que meu sotaque faz baixar o valor dos imóveis ali. Holly gosta dos balanços do Herbert Park – pelo que consegui depreender do intenso monólogo em voz baixa assim que ela acerta o impulso, os balanços são como cavalos e têm alguma coisa a ver com Robin Hood – e por isso nós a levamos lá. O dia tinha ficado frio e luminoso, um frio no limite do agradável, e muitos pais divorciados tiveram a mesma ideia. Alguns tinham levado a namorada troféu junto para o passeio. E eu, com Jackie e seu casaco de oncinha, me encaixava perfeitamente.

Holly foi direto para os balanços, e Jackie e eu encontramos um banco onde pudéssemos ficar de olho nela. Ver Holly no balanço é uma das melhores

terapias que conheço. A menina é forte, mesmo sendo tão pequena. Ela consegue balançar horas a fio, sem se cansar. E eu posso ficar olhando, feliz, sendo hipnotizado pelo ritmo do movimento. Quando senti meus ombros começarem a relaxar, foi que me dei conta de como eles estavam retesados. Respirei fundo e me perguntei como ia controlar minha pressão sanguínea quando Holly crescesse e não quisesse mais saber de parquinhos.

– Minha nossa, parece que ela cresceu um palmo desde a última vez que a vi. Não é mesmo? Rapidinho ela vai estar mais alta que eu.

– Qualquer dia desses, vou trancá-la no quarto até ela completar 18 anos. Só estou esperando pela primeira vez que ela mencionar o nome de um menino sem fazer ruídos de ânsias de vômito. – Estiquei minhas pernas para a frente, juntei as mãos atrás da cabeça, volvei o rosto para o sol fraco e pensei em passar a tarde inteira exatamente nessa posição. Meus ombros relaxaram mais um pouco.

– Trate de se preparar. Elas comecem terrivelmente cedo hoje em dia.

– Não a Holly. Eu lhe disse que os meninos só param de usar fralda depois dos 20 anos.

– Isso só quer dizer que ela vai preferir os caras mais velhos – disse Jackie, com uma risada.

– Caras com idade suficiente para saber que o papai tem uma arma.

– Diga-me uma coisa, Francis. Está tudo bem com você?

– Vai estar quando a ressaca passar. Você tem uma aspirina?

– Não tenho nada – disse ela, remexendo na bolsa. – Um pouco de dor de cabeça vai lhe fazer bem. Da próxima vez você vai prestar atenção ao que bebe. Seja como for, não era isso o que eu queria saber. O que eu quis dizer é... Você está bem, depois do dia de ontem? E da noite de ontem?

– Sou um homem desocupado no parque com duas lindas damas. Como eu poderia não estar feliz?

– Você estava com a razão. Shay estava enchendo o saco. Ele nunca devia ter dito aquilo sobre Rosie.

– Agora não vai fazer muito mal a ela.

– Eu diria que ele nunca chegou perto dela, tenho certeza. Não daquele jeito. Ele só queria provocar você.

– Deixe de conversa, Sherlock. Não se pode impedir um cara de fazer o que ele gosta.

– Ele não costuma ser assim. Não estou dizendo que hoje em dia ele seja um santo, mas ele baixou muito a bola desde que você saiu de casa. É só que... ele não sabe direito como encarar essa sua volta, sabe o que estou querendo dizer?

– Não se preocupe, querida. Estou falando sério. Faça um favor para mim: deixe pra lá, aproveite o sol e veja como minha filha é maravilhosa. Ok?

– Ótimo – disse Jackie, rindo. – Vamos fazer isso.

Holly cumpriu sua parte, sendo tão linda quanto eu poderia pedir: fiapos de

cabelo tinham se soltado do rabo de cavalo, e o sol os estava incendiando, e ela cantava só para si mesma, num murmúrio contente. A curva perfeita da sua espinha e o dobrar e esticar sem esforço das suas pernas foram aos poucos penetrando nos meus músculos, soltando-os delicadamente como um baseado de primeira.

– Ela já fez todo o dever de casa – disse eu, dali a pouco tempo. – Quer ir ao cinema, depois que a gente comer?

– Vou dar uma passadinha lá em casa, sem dúvida.

Todos os outros quatro ainda se expunham ao pesadelo semanal: domingo à noite com mamãe e papai, rosbife e sorvete napolitano. E tudo é muito alegre até alguém perder o controle.

– Então, chegue tarde. Rebele-se.

– Eu disse que me encontraria com Gav no centro, antes, para uma cerveja antes de ele sair com os rapazes. Se eu não passar um pouco de tempo com ele, ele vai pensar que arrumei algum rapazinho para mim. Só passei lá para ver se você estava bem.

– Diga para ele vir junto.

– Para ver desenho animado?

– Adequado para o nível dele.

– Ora, cale a boca – disse Jackie, tranquila. – Você não valoriza o Gavin.

– Decididamente não do jeito que você valoriza. Mas a verdade é que eu duvido que ele fosse querer que eu sentisse por ele o que você sente.

– Você me dá nojo, sabia? Eu estava querendo perguntar, o que houve com sua mão?

– Fui tentar salvar uma virgencinha de uns motoqueiros nazistas satânicos.

– Ah, não, fala sério. Você não caiu, caiu? Depois que foi embora? Você estava um pouco, bem, não estou dizendo que você estava bêbado de cair, mas...

Foi nessa hora que meu celular tocou, aquele usado pelos meus rapazes e minhas garotas do trabalho.

– Fique de olho em Holly – disse eu, tirando-o do fundo do bolso. Nenhum nome e eu não reconheci o número. – Preciso atender essa ligação. Alô?

Eu estava me levantando do banco, quando Kevin falou, meio constrangido.

– Hum, Frank?

– Desculpe, Kev. Não é uma boa hora. – Desliguei, guardei o telefone e voltei a me sentar.

– Era o Kevin? – perguntou Jackie.

– Era.

– Você não está a fim de falar com ele, né?

– Não estou, não.

Ela me deu um olhar expressivo, de solidariedade.

– Vai melhorar, Francis. Agora vai.

Não lhe dei resposta.

– Ouça o que vou dizer – disse Jackie, de repente sentindo-se inspirada. – Venha comigo até a casa dos nossos pais, depois de devolver a Holly. A essa altura, Shay já estará sóbrio e vai querer lhe pedir desculpas. E Carmel vai trazer as crianças...

– Acho que não – disse eu.

– Ora, Francis. Por que não?

– Papaiapapaiapapai! – Holly sempre teve uma excelente noção de oportunidade. Ela se jogou do balanço e veio galopando até onde nós estávamos, com os joelhos subindo na frente, como um cavalo. Suas bochechas estavam rosadas e ela estava sem fôlego. – Acabei de me lembrar, só para eu não me esquecer de novo. Posso ganhar botas brancas? Umas que têm pele na borda do cano e dois zíperes, são tão macias e vêm até aqui?

– Você tem sapatos. A última vez que contei, você tinha 3.012 pares de sapatos.

– Não, nada disso. Para uma hora especial.

– Depende. Por que você quer as botas? – Se Holly quer alguma coisa que não envolva necessidade nem uma comemoração importante, eu a faço explicar os motivos. Quero que aprenda a diferença entre *precisar*, *querer* e *adorar*. Gosto do fato de que, apesar disso, na maior parte do tempo ela pede a mim em vez de pedir a Liv.

– Celia Bailey tem essas botas.

– Quem é mesmo essa Celia? Ela faz aula de dança com você? – Holly olhou para mim como se eu fosse um pateta.

– Celia *Bailey*. Ela é *famosa*.

– Bom para ela. Por que é famosa?

– Ela é uma celebridade. – Seu olhar ficou mais apagado.

– Sem dúvida que é. É uma atriz?

– Não.

– Cantora?

– Não! – Eu estava nitidamente ficando mais burro a cada segundo. Jackie observava o desdobramento da situação com um sorrisinho nos cantos da boca.

– Astronauta? Atleta olímpica? Heroína da Resistência Francesa?

– Papai, *para* com isso! Ela aparece na *televisão*!

– Na televisão também aparecem astronautas, cantores e pessoas que imitam os sons de animais com suas axilas. O que essa moça *faz*?

Holly estava com as mãos nos quadris e se preparando para um acesso de raiva total.

– Celia Bailey é modelo – disse-me Jackie, decidindo acabar com nossa infelicidade. – Você a conhece, conhece, sim. Lourinha, saiu com aquele camarada que tem boates faz uns dois anos; e depois, quando ele a traiu, ela

encontrou seus e-mails para a “outra” e os vendeu para o *Star*. Agora ficou famosa.

– Ah, *essa*. – Jackie tinha razão, eu realmente a conhecia: uma cabeça oca da cidade cujos maiores feitos na vida foram transar com um moleque endinheirado e aparecer com regularidade na TV fora do horário nobre para explicar, com uma sinceridade de cortar o coração e as pupilas dos olhos do tamanho de cabeças de alfinetes, como ela venceu sua luta contra a cocaína. É isso o que passa por superstar na Irlanda de hoje. – Holly, meu amorzinho, ela não é uma celebridade. Ela é uma faixa de espaço vazio num vestido pequeno demais. O que ela já fez um dia que valesse a pena?

Holly deu de ombros.

– Em que atividade ela é boa?

Holly deu de ombros, injuriada.

– Então para que é que ela *serve*? Por que você ia querer chegar a ser parecida com ela?

– Ela é bonita. – Olhos revirados.

– Deus do Céu – disse eu, realmente atônito. – Nenhum pedaço daquela garota é da mesma cor com que ela nasceu, para não falar nas formas. Ela nem parece ser humana.

Holly praticamente estava com fumaça saindo pelas orelhas de tanta perplexidade e frustração.

– Ela é modelo! Tia Jackie disse.

– Nem isso ela é. A garota apareceu numa droga de cartaz para algum iogurte líquido. Existe uma diferença.

– Ela é uma *estrela*!

– Não é, não. Katharine Hepburn era uma estrela. Bruce Springsteen é um astro. Essa tal de Celia é um enorme zero. Só porque ela não parou de dizer às pessoas que era uma estrela até encontrar um punhado de provincianos imbecis que acreditaram nela, isso não faz com que seja verdade. E não quer dizer que você tenha de fazer parte dos imbecis.

Holly estava com o rosto todo vermelho, e seu queixo estava projetado, pronto para uma briga, mas ela controlou seu gênio.

– Não me importo. Só quero as *botas* brancas. Vai dar para eu ter?

Eu sabia que estava ficando muito mais contrariado do que a situação justificava, mas não conseguia me conter.

– Não. Você comece a admirar alguém que seja famoso por realmente *fazer* alguma coisa... imagine isso... e eu juro que lhe compro todos os itens do guarda-roupa inteiro dessa pessoa. Mas nem morto eu vou gastar tempo e dinheiro transformando você num clone de um desmiolada que acha que o máximo da realização é vender fotos do seu casamento para uma revista.

– Odeio você – berrou Holly. – Você é estúpido, não entende nada e eu *odeio*

ocê! – Ela deu um chute fortíssimo no banco junto da minha perna e saiu em disparada de volta para os balanços, furiosa demais para perceber que o pé estava doendo. Alguma criança estava ocupando seu balanço. Ela se deixou cair no chão, de pernas cruzadas, bufando.

– Minha nossa, Francis – disse Jackie, um instante depois. – Não quero lhe dizer como deve criar sua filha. Deus sabe que não tenho a menor ideia, mas havia necessidade disso tudo?

– É óbvio que havia. A menos que você imagine que destruo as tardes da minha filha por curtidão.

– Ela só queria um par de botas. Que diferença faz o lugar onde ela as viu? Essa tal de Celia Bailey é uma idiotinha, que Deus a proteja, mas é inofensiva.

– Não é, não. Celia Bailey é a personificação de tudo o que anda errado neste mundo. Ela é tão inofensiva quanto um sanduíche de cianureto.

– Ah, corta essa. Qual é o problema? Daqui a um mês, Holly já terá se esquecido de tudo a respeito dela e vai estar apaixonada por alguma banda de garotas...

– Isso aqui não é insignificante, Jackie. Quero que Holly tenha consciência de que existe uma diferença entre a verdade e a cascata sem sentido que vivem apregoando. Ela está totalmente cercada, de todos os ângulos, de gente que lhe diz que a realidade é 100% subjetiva. Se você realmente *acreditar* que é uma estrela, você merece um contrato de gravação, mesmo que não cante merda nenhuma; e, se você realmente *acreditar* em armas de destruição em massa, na verdade não faz diferença se elas existem ou não; e que a fama é o objetivo máximo, porque *você* não existe se uma quantidade suficiente de pessoas não estiver prestando atenção em você. Quero que minha filha aprenda que nem tudo neste mundo é determinado pela frequência com que chega a seus ouvidos, pela intensidade com que ela deseja que aquilo seja verdadeiro, nem pela quantidade de pessoas que está olhando. Em algum lugar lá dentro, para que uma coisa seja real, é preciso que haja alguma porcaria de *realidade*. Só Deus sabe que ela não vai aprender isso com mais ninguém. Então sou eu que tenho de lhe ensinar, sozinho. Se de vez em quando ela ficar um pouco intratável nesse processo, que assim seja.

Jackie ergueu as sobrancelhas e encolheu os lábios.

– Tenho certeza de que você está com a razão – disse ela. – Vou só me calar, ok?

Nós dois ficamos em silêncio, por um tempo. Holly tinha conseguido outro balanço e estava fazendo o maior esforço para dar voltas nele para que as correntes ficassem enredadas.

– Shay estava certo a respeito de um ponto – disse eu. – Qualquer país que idolatre Celia Bailey está pronto pra ir pras cucuias.

Jackie estalou a língua.

– Não fique chamando a desgraça.

– Eu não estou. Se quer saber, um colapso financeiro talvez não fosse prejudicial.

– Ora, Francis!

– Estou tentando educar uma filha, Jackie. Só isso já basta para apavorar qualquer ser humano mentalmente são. Acrescente-se o fato de que estou tentando criá-la num ambiente em que lhe dizem o tempo todo que ela não deve pensar em mais nada que não seja na moda, na fama e no acúmulo de gordura no corpo, não preste atenção ao homem por trás da cortina e saia para comprar alguma coisa bonitinha... Fico *escandalizado*, o tempo todo. Quando ela era bem pequena, eu mal conseguia controlar esse lado; mas, a cada dia que ela vai crescendo, eu fico mais apavorado. Pode me chamar de maluco, mas até que me agrada a ideia de ela crescer num país onde as pessoas de vez em quando não tenham escolha a não ser a de se concentrar em alguma coisa mais crucial do que Paris Hilton e automóveis destinados a superar a insegurança do dono.

– Sabe com quem você está parecendo? Com Shay – disse Jackie, um sorrisinho maroto num canto da boca.

– Pelo amor de Deus, não. Se eu achasse que isso era verdade, daria um tiro nos miolos.

Ela me lançou um olhar de sofrimento prolongado.

– Já sei qual é o seu problema, Francis. A cerveja de ontem de noite não lhe caiu bem, e seu intestino está esfrangalhado. Isso sempre deixa os caras de mau humor. Acertei?

Meu telefone tocou de novo: Kevin.

– Puta que pariu – disse eu, com mais raiva do que pretendia. Dar meu número para ele tinha parecido fazer sentido na hora, mas dê a minha família uma abertura mínima e eles se mudam para sua casa e começam a mexer na decoração. Eu nem mesmo podia desligar o aparelho, não com gente em campo que poderia precisar de mim a qualquer instante. – Se o Kev é sempre tão ruim assim para entender uma insinuação, não surpreende que ele não tenha namorada.

Jackie deu um tapinha tranquilizador no meu braço.

– Não se incomode. É só deixar que toque. Hoje de noite pergunto a ele se era importante.

– Não, obrigado.

– Imagino que ele só queira saber quando vocês dois vão se encontrar de novo.

– Não sei como transmitir isso direto para você, Jackie. Não dou a mínima para o que o Kevin quer. Mesmo assim, se acabar se revelando que você tem razão e que ele só quer saber quando vamos nos encontrar, você pode passar para ele um recado meu, com amor e beijos: nunca. Ok?

– Ah, Francis, para com isso. Você sabe que não está querendo dizer isso.

– Quero, sim. Acredite em mim, Jackie. Quero, sim.

– Ele é seu irmão.

– E, até onde me seja dado saber, ele é um cara muito legal de quem, tenho certeza, todo o seu largo círculo de amigos e conhecidos gosta de verdade. Mas eu não pertencço a esse círculo. Minha única ligação com Kevin foi um acidente da natureza que nos atirou dentro da mesma casa por alguns anos. Agora que não moramos mais lá, ele não tem nada a ver comigo, não mais que aquele cara ali naquele banco. O mesmo vale para Carmel, o mesmo vale para Shay e decididamente o mesmo vale para nossa mãe e nosso pai. Nós não nos conhecemos, nós não temos absolutamente nada em comum, e não vejo a menor razão nesta verde terra de Deus pela qual eu iria querer me reunir com eles para tomar chá e comer biscoitinhos.

– Ouça só o que está dizendo. Você sabe muito bem que não é assim tão simples.

O telefone tocou novamente.

– É simples, sim – disse eu.

Ela remexeu com o bico do sapato umas folhas deixadas no chão e esperou que o telefone estridente acabasse por se calar.

– Ontem você disse que nos culpava por Rosie ter lhe dado o fora.

Respirei fundo e aliviei meu tom de voz.

– Vai ser difícil eu culpar você, querida. Você mal tinha saído das fraldas.

– É por isso que estar comigo não o incomoda?

– Achei que você nem se lembrava daquela noite – disse eu.

– Ontem perguntei a Carmel sobre aquela noite, depois... Eu me lembro de partes, só. Todas as situações se confundem. Você sabe como é.

– Não aquela situação – disse eu. – Aquela continua de uma clareza cristalina.

Já eram quase três da manhã quando meu colega Wiggy terminou seu serviço noturno na boate e apareceu no estacionamento, para me passar meus poucos xelins e assumir o resto de seu turno. Fui andando para casa, passando pela escória estridente e cambaleante da noite de sábado, assobiando baixinho comigo mesmo, sonhando com o futuro e tendo pena de todos os homens que não eram eu. Quando virei a esquina para entrar no Faithful Place, estava andando nas nuvens.

De imediato, eu soube que alguma coisa tinha acontecido. Metade das janelas da rua, entre elas a nossa, estava com a luz acesa. Se você ficasse imóvel no alto da rua e escutasse, ouviria o zumbido incessante das vozes por trás delas, tensas e estouvadas com a empolgação.

A porta do nosso apartamento estava riscada com arranhões e amassados recentes. Na sala de estar, uma cadeira da cozinha estava encostada na parede, de ponta-cabeça, com as pernas lascadas e viradas para fora. Carmel estava

ajoelhada no chão, com o casaco por cima de uma camisola florida desbotada, recolhendo louça quebrada com uma pá e uma escova. Suas mãos tremiam tanto que ela não parava de deixar cair cacos. Nossa mãe estava paralisada num canto do sofá, arquejando e batendo com uma toalhinha de rosto molhada no lábio partido; Jackie estava enroscada no outro canto, com o polegar na boca e toda enrolada no seu cobertor. Kevin estava na poltrona, roendo as unhas, com o olhar fixo em nada. Shay estava encostado na parede, trocando o apoio de um pé para o outro, com as mãos no fundo dos bolsos. Seus olhos tinham círculos brancos de descontrole em torno, como os de um bicho encurralado; e suas narinas se abriam quando ele respirava. Logo ele estaria com um belo olho roxo. Da cozinha dava para ouvir o som de meu pai vomitando na pia, com gritos fortes e ásperos.

– O que aconteceu? – perguntei.

Todos deram um salto. Cinco pares de olhos se voltaram para mim, enormes e sem piscar, sem nenhuma expressão. Carmel tinha estado chorando.

– Você sabe escolher a hora certa – disse Shay. Mais ninguém disse uma palavra que fosse. Depois de um tempo, peguei a pá e a escova das mãos de Carmel, levei-a com delicadeza para o sofá entre nossa mãe e Jackie, e comecei a recolher os cacos. Muito tempo depois disso, os barulhos de lá da cozinha se transformaram em roncões. Shay entrou, sem fazer barulho, e voltou trazendo as facas afiadas. Nenhum de nós foi dormir naquela noite.

Alguém tinha passado a meu pai um biscate naquela semana: quatro dias rebocando parede, sem necessidade de notificar o auxílio-desemprego. Ele levou esse dinheiro a mais para o bar e mandou vir todo o gim que conseguiu aguentar. O gim faz com que meu pai tenha pena de si mesmo; ter pena de si mesmo faz com que meu pai se torne cruel. Ele tinha voltado para o beco cambaleando e fez sua pequena cena diante da casa dos Daly, vociferando para Matt Daly sair para brigar, só que dessa vez ele tinha avançado mais um passo. Tinha começado a se atirar contra a porta. Quando viu que isso não estava resultando em nada, a não ser em jogá-lo de volta como uma trouxa na escada da entrada, ele arrancou um sapato e começou a jogá-lo na janela dos Daly. Foi aí que nossa mãe e Shay chegaram lá e começaram a tentar arrastá-lo para dentro de casa.

Geralmente nosso pai aceitava relativamente bem a notícia de que a farrá estava terminada, mas nessa noite ele ainda tinha muito combustível no tanque. Todo o resto da rua, entre eles Kevin e Jackie, assistiu das janelas, enquanto ele chamava nossa mãe de babaca velha e ressecada, Shay de veadinho inútil e Carmel, quando ela saiu para ajudar, de puta imunda. Nossa mãe chamou-o de imprestável, de animal e pediu em prece que ele morresse aos berros de dor e apodrecesse no inferno. Nosso pai disse a todos eles três para tirar as mãos de cima dele ou, quando eles fossem dormir, ele os degolaria. Nesse meio-tempo, ele fez o melhor que pôde para espancá-los de todas as formas.

Nada disso era novidade. A diferença era que, antes, ele sempre tinha mantido a função dentro de casa. Perder esse limite dava a impressão de perder o freio a mais de 120 por hora. Carmel tinha dito, em voz baixa, num tom categórico: “Ele está piorando.” Ninguém olhou para ela.

Kevin e Jackie de lá da janela tinham berrado para nosso pai parar. Shay tinha berrado de volta com eles para eles entrarem. Nossa mãe tinha berrado com eles dizendo que era tudo culpa deles, por levar nosso pai a beber. Nosso pai tinha berrado para eles esperarem até ele chegar lá em cima. Finalmente, alguém (e as irmãs Harrison eram as únicas na rua que tinham telefone) chamou a polícia. Isso era totalmente proibido entre nós, no mesmo nível que dar heroína a criancinhas ou xingar diante do padre. Minha família tinha conseguido forçar as irmãs Harrison a desrespeitar aquele tabu.

Nossa mãe e Carmel tinham implorado aos guardas que não levassem nosso pai – que vergonha – e eles tiveram a sensibilidade de atender ao pedido. Para muitos dos policiais, naquela época, a violência doméstica equivalia a vandalizar seu próprio imóvel: uma ideia idiota, mas provavelmente não um crime. Eles arrastaram nosso pai para dentro de casa, jogaram-no no chão da cozinha e foram embora.

– Foi uma noite terrível, foi sim – disse Jackie.

– Calculei que aquilo foi a gota d’água para Rosie. A vida inteira, seu pai vinha avisando que os Mackey eram um bando de selvagens nojentos. Ela não fez caso dele, apaixonou-se por mim e disse a si mesma que eu era diferente. E então, logo quando ela está a algumas horas de pôr toda a sua vida nas minhas mãos e todas as dúvidas minúsculas na sua cabeça devem estar mil vezes maiores que seu tamanho normal, lá vêm os Mackey demonstrar a perspectiva de seu pai em cores vivas: encenando um espetáculo daqueles para a vizinhança inteira, uivando, vociferando, mordendo e dizendo bobagens como uma tropa de babuínos drogados com estimulantes. Ela não podia deixar de se perguntar como eu era entre quatro paredes. Ela foi forçada a se perguntar se, no fundo, eu era como eles. Ela teve de se perguntar exatamente quanto tempo levaria para aquilo vir à tona.

– E então você foi embora. Mesmo sem ela.

– Achei que tinha pago o suficiente para poder seguir meu caminho.

– Fiquei pensando nisso. Por que motivo você simplesmente não voltou para casa?

– Se eu tivesse dinheiro, teria embarcado direto num voo para a Austrália. Quanto mais longe, melhor.

– Você ainda os culpa? – perguntou Jackie. – Ou aquilo ali foi só papo de bêbado, ontem de noite?

– Culpo, sim. Todos eles. É provável que eu esteja sendo injusto, mas a vida às vezes pode ser uma grande megera.

Um bipe do meu celular: mensagem de texto. *Oi frank, eh kev, naum kero perturbar vc pq sei q vc eh l cara ocupado mas qd puder me liga ok? Preciso falar c/vc.* Eu a apaguei.

– Mas e se ela não estava lhe dando o fora, afinal de contas? – disse Jackie. – Se isso nunca aconteceu?

Eu não tinha resposta para isso – uma boa parte da minha cabeça nem mesmo entendia a pergunta. E parecia que tinham se passado décadas demais para eu ir procurar uma resposta. Não fiz caso de Jackie até ela dar de ombros e começar a retocar o batom. Fiquei olhando para Holly girar em grandes círculos loucos, à medida que as correntes do balanço se desenroscavam, e com muito cuidado pensei em exatamente nada a não ser se ela precisava pôr o cachecol, quanto tempo ia demorar até ela se acalmar o suficiente para sentir fome e que tipo de pizza eu ia querer.

Comemos nossa pizza, Jackie seguiu para demonstrar algum carinho a Gavin, e Holly me implorou que a levasse ao rinko natalino de patinação no gelo em Ballsbridge. Holly patina como uma fada, e eu patino como um gorila com problemas neurológicos, o que naturalmente é uma vantagem para ela pois ela cai na gargalhada quando eu me estabaco contra uma parede. Quando a deixei de volta na casa de Olivia, nós dois já estávamos felizes, exaustos e um pouco tontos com todos aqueles cânticos metálicos de Natal, e estávamos com um humor muito melhor. Ver-nos diante da porta, suados, desarrumados e sorridentes, chegou a extrair um sorriso relutante de Liv. Fui para o centro da cidade e tomei umas duas cervejas com os rapazes; voltei para casa – Twin Peaks nunca tinha tido melhor aparência – e ataquei alguns ninhos de zumbis no Xbox. Fui dormir adorando tanto a ideia de um bom dia de trabalho normal que pensei que simplesmente poderia começar a manhã seguinte dando uns amassos na porta do meu escritório.

Foi bom eu apreciar o mundo normal enquanto podia. Bem no fundo, enquanto sacudia meu punho para o céu e jurava que nunca mais o calçamento daquele buraco dos infernos veria minha sombra, eu devia ter sabido que o beco ia considerar isso um desafio. Ele não tinha me dado permissão para sair do recinto e viria atrás de mim.

Estava chegando a hora do almoço na segunda-feira, e eu tinha acabado de apresentar sua vovó novinha em folha a meu garoto com o problema com o traficante, quando tocou o telefone do meu escritório.

– Mackey – disse eu.

– Ligação pessoal para você – disse Brian, suporte administrativo da nossa divisão. – Você quer atender? Eu não o teria incomodado, só que parece... bem. Urgente. Para dizer o *mínimo*.

Kevin de novo; tinha de ser. Ainda um filhinho da mãe carente, depois de todo esse tempo: um dia andando comigo, e ele já se achava meu melhor companheiro, meu colega inseparável ou só Deus sabe o quê. Quanto mais cedo eu cortasse isso na raiz, melhor.

– Droga – disse eu, esfregando o ponto entre minhas sobrancelhas, que de repente tinha começado a latejar. – Me passa o cara.

– É ela – disse Brian – e não está muito feliz. Achei que devia te avisar.

Era Jackie, e ela estava na maior choradeira.

– Francis, graças a Deus, por favor, você precisa vir. Não estou *entendendo*, não sei o que houve, *por favor*...

Sua voz se dissolveu num uivo, um som alto e agudo fora do alcance de qualquer coisa semelhante a constrangimento ou controle. Um frio retesou minha

nuca.

– Jackie! – disse eu, áspero. – Fala. O que está acontecendo?

Eu mal pude entender a resposta: alguma coisa a ver com os Hearne, a polícia e um quintal.

– Jackie, sei que você está perturbada, mas preciso que se controle para mim, só por um instante. Respira fundo e me diz o que houve.

Ela arquejava.

– Kevin. Francis... Francis... Meu Deus... é o Kevin.

Aquele aperto gelado de novo, dessa vez mais forte.

– Ele está ferido?

– Ele... Francis, ai, meu Deus... Ele morreu. Ele...

– Onde você está?

– Na casa de nossa mãe. Do lado de fora.

– É aí que o Kevin está?

– É. Não, não aqui, nos fundos, no quintal, ele, ele...

Sua voz voltou a se desintegrar. Ela soluçava e arfava ao mesmo tempo.

– Jackie, presta atenção. Você precisa se sentar, beber alguma coisa e tratar de que alguém esteja por aí cuidando de você. Já estou indo.

Eu já estava com minha jaqueta meio vestida. Na Inteligência, ninguém pergunta onde você esteve hoje de manhã. Desliguei e saí correndo.

E lá estava eu novamente de volta ao Faithful Place, exatamente como se nunca tivesse me afastado. Na primeira vez, ele tinha me permitido 22 anos antes de dar um puxão na guia. Na segunda vez, tinha me dado 36 horas.

A vizinhança estava na rua de novo, como na tarde de sábado, mas desta vez era diferente. As crianças estavam na escola, e os adultos no trabalho; de modo que ali estavam velhos, mães que não trabalhavam fora e desempregados profissionais, todos bem embrulhados para se proteger do frio cortante, e ninguém estava passeando para aproveitar o belo dia ao ar livre. Todas as escadas de entrada e todas as janelas estavam lotadas de rostos vazios, atentos, mas a rua estava deserta a não ser pela presença do meu velho amigo, o monstro do brejo, andando pra lá e pra cá como se estivesse de guarda no Vaticano. A polícia dessa vez tinha se antecipado, afastado todo mundo antes que aquele burburinho perigoso começasse a se formar. Em algum lugar um bebê estava aos berros; mas, fora isso, o silêncio era mortal, nada além do zumbido distante do trânsito, das batidas secas dos sapatos do monstro do brejo e do gotejar lento da chuva da manhã escoando pelas calhas.

Nada de van da polícia técnica dessa vez, nem de Cooper, mas entre a viatura da polícia e a van do necrotério estava o bonito BMW prateado do Campeão. A fita de isolamento da cena do crime estava de novo em torno do nº 16, e um grandalhão à paisana – um dos rapazes do Campeão, pelo terno que estava

usando – vigiava o local. Não importa o que tivesse atingido Kevin, não tinha sido um ataque do coração.

O monstro do brejo não tomou conhecimento de mim, o que foi uma boa decisão. Na escada do nº 8 estavam Jackie, minha mãe e meu pai. Minha mãe e Jackie estavam uma amparando a outra. Davam a impressão de que, se uma se mexesse um centímetro, as duas desmoronariam. Meu pai estava feroz, atacando um cigarro com violência.

Lentamente, à medida que me aproximei, seus olhos se focalizaram em mim, mas sem sinal de reconhecimento. Parecia que nunca tinham me visto antes.

– Jackie. O que aconteceu?

– Você voltou – disse meu pai. – Foi isso o que aconteceu.

Jackie agarrou a frente da minha jaqueta, com violência, e grudou o rosto com força no meu braço. Dominei o impulso de afastá-la de mim com um empurrão.

– Jackie, querida – disse eu, com delicadeza –, preciso que você se controle um pouco mais para mim. Que fale comigo.

– Ai, Francis – disse ela, começando a tremer, com uma voz baixinha, assustada. – Ai, Francis. Como...?

– Eu sei, querida. Onde ele está?

– Ele está lá fora nos fundos do nº 16 – disse nossa mãe, sombria. – No quintal. Lá fora na chuva, a manhã inteira. – Ela estava se apoiando com todo o peso na grade, e sua voz parecia rouca e espremida, como se tivesse passado horas soluçando, mas seus olhos estavam secos e atentos.

– Nós temos alguma ideia do que houve?

Ninguém disse nada. A boca de nossa mãe se mexia.

– Ok – disse eu. – Mas pelo menos temos certeza absoluta de que é o Kevin?

– Temos, sim, seu imbecil – retrucou nossa mãe. Ela parecia estar a apenas segundos de me dar um tapa na cara. – Acha que eu não sei reconhecer o próprio filho que carreguei na barriga? Ficou de miolo mole?

– Certo – disse eu, pensando em empurrá-la escada abaixo. – Tem razão. Carmel já vem?

– Carmel está vindo – disse Jackie. – E Shay também. Ele só precisa... precisa... precisa... – As palavras lhe faltaram.

– Ele está esperando que o patrão venha cuidar da loja – disse nosso pai. Ele deixou a guimba cair por cima da grade e ficou olhando, enquanto ela se apagava junto da janela do porão.

– Ótimo – disse eu. De modo algum eu ia deixar Jackie sozinha com aqueles dois, mas ela e Carmel podiam cuidar uma da outra. – Não há motivo para vocês ficarem esperando aqui fora no frio. Entrem. Tomem alguma coisa quente, e eu vou ver o que consigo descobrir.

Ninguém se mexeu. Soltei os dedos de Jackie da minha jaqueta, com a maior delicadeza possível, e deixei os três ali. Dezenas de pares de olhos me acompanharam sem piscar, enquanto eu subia a rua até o nº 16.

O grandalhão junto à fita de isolamento deu uma olhada na minha identificação.

– O detetive Kennedy está lá atrás. Descendo direto pela escada e saindo pela porta. – Ele tinha sido avisado de que eu viria.

A porta dos fundos estava aberta, presa com um calço, deixando entrar no porão e pela escada acima uma nesga de luz cinzenta e espectral. Os quatro homens no quintal pareciam um detalhe de um quadro ou um sonho provocado por morfina. Os caras truncados do necrotério em seus imaculados uniformes brancos, encostados pacientemente na maca em meio ao mato alto, às garrafas quebradas e às urtigas grossas como cabos. O Campeão, bem delineado e hiper-realista, com a cabeça lisa inclinada e seu sobretudo preto panejando contra os tijolos desgastados do muro, agachando-se para estender a mão enluvada. E Kevin. Estava caído de costas, com a cabeça voltada para a casa e as pernas abertas em ângulos tortos. Um braço estava atravessado sobre o peito. O outro, dobrado por baixo dele, como se alguém o estivesse segurando numa chave de braço. A cabeça estava jogada para trás de modo estranho e voltada para o outro lado; e na terra ao redor dela eu pude ver grandes manchas irregulares de alguma coisa preta. Os dedos brancos do Campeão estavam sondando cuidadosamente os bolsos do jeans de Kevin. O vento zunia, um som alto e louco, por cima do muro.

O Campeão me ouviu ou pressentiu minha presença primeiro. Ele olhou de relance, afastou sua mão de Kevin e se endireitou.

– Frank – disse ele, vindo na minha direção. – Sinto muito por sua perda. – Ele estava tirando a luva, pronto para um aperto de mãos.

– Quero dar uma olhada nele – disse eu.

O Campeão concordou em silêncio e recuou, abrindo caminho para mim. Ajoelhei-me na terra e no mato, ao lado do corpo de Kevin.

A morte tinha encovado seu rosto, abaixo dos maldades e em torno da boca. Ele parecia quarenta anos mais velho do que jamais chegaria a ser. O lado do seu rosto voltado para cima estava branco como gelo; o lado inferior, onde o sangue tinha se concentrado, estava manchado de roxo. Um fio de sangue coagulado saía do seu nariz; e, como sua boca estava aberta, pude ver que seus dentes incisivos estavam quebrados. O cabelo estava escorrido e escuro com a chuva. Uma pálpebra estava semicerrada sobre um olho nublado, como uma estúpida piscada maliciosa.

Foi como se tivessem me empurrado para baixo de uma cachoeira enorme e violenta, como se a força dela estivesse me tirando o fôlego.

– Cooper. Precisamos de Cooper.

– Ele já esteve aqui.

– E?

Um instante de silêncio. Vi os caras do necrotério se entreolharem.

– Segundo ele – disse o Campeão –, seu irmão morreu de fratura do crânio ou do pescoço.

– Como?

– Frank – disse ele, com delicadeza –, os rapazes precisam levá-lo agora. Vamos entrar para conversar lá dentro. Eles vão cuidar direito dele.

Ele estendeu a mão na direção do meu cotovelo, mas sabia que era mais prudente não tocar em mim. Dei uma última olhada no rosto de Kevin, aquela piscada vazia e o filete preto de sangue, a pequena curva da sua sobrancelha que era a primeira coisa que eu via todo dia de manhã, ao meu lado no travesseiro, quando tinha 6 anos de idade.

– Está bem – disse eu, então. Quando me virei para sair dali, ouvi o ruído forte dos rapazes abrindo o zíper do saco para transporte do corpo.

Não me lembro de voltar para dentro da casa, nem de o Campeão me conduzir para o andar superior, para não atrapalhar o pessoal do necrotério. Palhaçada juvenil, como dar socos em muros, não faria diferença nesse caso. Eu estava tão furioso que por um momento pensei que tinha ficado cego. Quando meus olhos se desanuviaram, nós estávamos no andar de cima, num dos quartos dos fundos, que Kevin e eu tínhamos inspecionado no sábado. O quarto estava mais claro e mais frio do que eu me lembrava: alguém tinha levantado a parte de baixo da janela imunda de guilhotina, deixando entrar um jorro de luz gelada.

– Tudo bem com você? – perguntou o Campeão.

Como um homem que se afoga precisa de ar, eu precisava ouvi-lo falar comigo de policial para policial: estruturando essa confusão aterradora com as palavras exatas, categóricas, de um relatório preliminar.

– O que temos? – disse eu, e minha voz saiu estranha, metálica e distante.

Apesar de todas as inúmeras coisas problemáticas nele, o Campeão é dos nossos. Vi que ele captou. Fez que sim e se encostou na parede, preparando-se para falar.

– Seu irmão foi visto pela última vez por volta das 11:20 ontem à noite. Ele, sua irmã Jacinta, seu irmão Seamus, sua irmã Carmel e família tinham jantado na casa de seus pais, como de costume. Interrompa-me se eu estiver lhe dizendo alguma coisa que você já saiba.

– Pode continuar – disse eu, fazendo que não.

– Carmel e o marido levaram os filhos para casa por volta das oito. Os outros ficaram ali, mais um pouco, vendo televisão e conversando. Todos menos sua mãe beberam algumas latas ao longo da noite. O consenso é de que os homens estavam um pouco altos, mas decididamente nenhum bebeu até cair; e Jacinta só tomou as duas habituais. Kevin, Seamus e Jacinta saíram juntos da casa de seus

país, pouco depois das 11. Seamus subiu para seu apartamento, e Kevin acompanhou Jacinta pela Smith's Road até a esquina com a New Street, onde seu carro estava estacionado. Ela ofereceu carona a Kevin, mas ele disse que queria andar para passar o efeito da cerveja. Ela supôs que ele planejava voltar por onde tinham vindo, ao longo da Smith's Road, passar direto pela entrada do beco, fazer um atalho pelo Liberties e seguir ao longo do canal até seu apartamento em Portobello, mas é óbvio que ela não tem como comprovar isso. Ele ficou olhando enquanto ela entrava no carro, despediram-se com um aceno, e ela foi embora. A última imagem que ela teve foi dele dando meia-volta para seguir pela Smith's Road. Essa está confirmada como a última vez que alguém o viu com vida.

Às sete, ele tinha desistido e parado de me ligar. Eu o tinha ignorado com tanta constância que o pateta achou que não valia a pena fazer mais uma tentativa, antes de lidar com sabe-se lá o quê, contando só consigo mesmo.

– Só que ele não voltou para casa – disse eu.

– Parece que não. Os pedreiros estão na casa vizinha hoje, por isso ninguém entrou aqui antes do final da manhã, quando dois garotos, Jason e Logan Hearne entraram para ver como estava o porão, deram uma olhada pela janela do patamar e viram mais do que queriam. Eles têm 12 e 13 anos, e por que motivo não estavam na escola...

– Por mim – disse eu, interrompendo – estou feliz por eles não terem ido à escola. Com as casas nºs 12 e 14 vazias, ninguém teria visto Kevin de alguma janela dos fundos. Ele poderia ter ficado ali semanas. Já vi corpos depois de um tempo desses.

O Campeão deu-me um olhar rápido, de esguelha, desculpando-se. Ele tinha se empolgado.

– É – disse ele. – Há isso também. Seja como for, eles saíram de lá em disparada e chamaram a mãe, que ligou para nós e aparentemente para metade da vizinhança. A sra. Hearne também reconheceu o morto como seu irmão e avisou sua mãe, que fez a identificação definitiva. Sinto muito por ela ter tido de ver aquilo.

– Minha mãe é durona. – Atrás de mim, em algum lugar no andar inferior, houve um baque, um resmungo e um som de alguma coisa arranhando, à medida que o pessoal do necrotério passava com sua maca pelos corredores estreitos. Não me voltei.

– Cooper calcula a hora da morte em algum momento perto da meia-noite, com uma margem de erro de aproximadamente duas horas. Somem-se a isso as declarações da sua família e o fato de seu irmão ser encontrado usando as mesmas roupas que eles descreveram que estava usando ontem à noite, e eu creio que podemos deduzir que, depois de acompanhar Jacinta até o carro, ele voltou direto para o beco.

– E então o quê? Por que cargas-d'água ele acabou aparecendo com o

pescoço fraturado?

– Não importa qual seja a razão – disse o Campeão, depois de respirar fundo –, seu irmão entrou nesta casa e subiu até este quarto. Depois, de algum modo, ele saiu pela janela. Se for algum consolo, Cooper diz ser provável que a morte tenha sido quase instantânea.

Estrelas estavam explodindo diante dos meus olhos, como se eu tivesse levado um golpe na cabeça. Passei a mão por meu cabelo.

– Não. Isso não faz sentido. Vai ver que ele caiu do alto do muro do quintal, de um dos muros... – Por um segundo de confusão, eu via Kev com 16 anos e muito ágil, saltando muros para atravessar quintais escuros e poder chegar aos peitinhos de Linda Dwyer. – Pular daqui não faz sentido.

– Os muros dos dois lados têm, o quê, 1,80m... 2,20m se tanto – disse ele, com um gesto negativo. – Segundo Cooper, as lesões indicam que ele caiu de cerca de 6 metros de altura. E a trajetória foi direta para baixo. Ele saiu por esta janela.

– Não. Kevin não gostava deste lugar. No sábado, eu praticamente precisei arrastá-lo pela gola do casaco. Ele ficou o tempo todo se queixando de ratos, nervosismo e de que o teto ia desabar. E isso foi em plena luz do dia, com nós dois juntos. O que ele ia querer fazer aqui sozinho, no meio da noite?

– Nós gostaríamos de saber a mesma coisa. Eu me perguntei se ele sentiu vontade de mijar antes de seguir para casa e entrou aqui para ter um pouco de privacidade, mas nesse caso por que subir até este quarto? Ele poderia ter resolvido o assunto na janela do térreo, com muito mais facilidade, se quisesse molhar o jardim. Não posso falar por você, mas eu, quando bebo além da conta, não subo escadas sem algum motivo.

Foi aí que percebi que as manchas no peitoril da janela não eram de sujeira. Eram de pó para colher impressões digitais, e foi então que me ocorreu por que razão ver o Campeão ali tinha me dado aquela sensação desagradável.

– O que você está fazendo aqui?

As pálpebras do Campeão tremelicaram.

– A princípio pensamos que se tratasse de um acidente – disse ele, escolhendo as palavras. – Seu irmão sobe aqui, por um motivo qualquer, e então alguma coisa faz com que ele estique a cabeça para fora da janela... vai ver que ele ouve um barulho no quintal dos fundos, vai ver que a bebida não lhe cai bem e ele acha que vai passar mal. Ele se debruça, perde o equilíbrio, não consegue impedir a queda a tempo...

Alguma coisa gelada atingiu o fundo da minha garganta. Cerrei os dentes para me conter.

– Mas fiz algumas experiências, só para ver por mim mesmo. Hamill, que está lá embaixo, o cara na fita de isolamento, tem mais ou menos a mesma altura e constituição de seu irmão. Passamos a maior parte da manhã fazendo-o

pendurar-se daquela janela. Não funciona, Frank

– Do que você está falando?

– Em Hamill, aquela guilhotina chega mais ou menos aqui. – O Campeão levou o lado da mão até as costelas. – Para sua cabeça passar por baixo dela, ele precisa dobrar os joelhos, o que traz seu traseiro para baixo e mantém seu centro de gravidade bem dentro do quarto. Nós tentamos de umas dez formas diferentes: com o mesmo resultado. Seria quase impossível para alguém do tamanho de Kevin cair dessa janela por acidente.

Minha boca estava gelada por dentro.

– Alguém o empurrou – disse eu. O Campeão afastou o paletó para enfiar as mãos nos bolsos da calça.

– Não há sinal de luta, Frank – disse ele, cheio de cuidado.

– O que você está dizendo?

– Se ele tivesse sido empurrado para fora daquela janela, eu esperaria ver pegadas no chão, a vidraça da guilhotina deveria estar quebrada por onde ele tivesse passado, unhas quebradas de tentar agarrar seu agressor ou as laterais da janela, talvez cortes e hematomas por conta da luta. Não encontramos nada disso.

– Você está querendo me dizer que Kevin se matou.

Isso fez com que o Campeão desviasse o olhar.

– Estou tentando lhe dizer que não foi um acidente, e que não há nada que demonstre que ele foi empurrado. Segundo Cooper, cada uma das lesões condiz com uma queda. Ele era um cara grande e, pelo que concluí, até podia estar bêbado ontem de noite, mas não estava trocando as pernas. Não teria caído sem brigar.

Dei uma respirada.

– Certo – disse eu. – É justo. Você tem razão. Mas venha aqui um segundo. Há uma coisa que eu talvez devesse lhe mostrar. – Conduzi-o na direção da janela. Ele me olhou desconfiado.

– O que você descobriu?

– Dê uma boa olhada no quintal deste ângulo. Onde ele toca na base da casa, especificamente. Você vai ver o que estou querendo dizer.

Ele se debruçou no peitoril e esticou o pescoço por baixo da guilhotina.

– Onde?

Empurrei-o com mais força do que pretendia. Por uma fração de segundo, achei que não conseguiria puxá-lo de volta para dentro. No fundo, uma pequena lasca de mim estava se deliciando.

– Meu Deus! – Ele saltou de volta da janela e me encarou, com os olhos arregalados. – Você enlouqueceu de vez?

– Nenhuma pegada, Campeão. Nenhuma guilhotina quebrada, nem unhas quebradas, nada de cortes, nem hematomas. Você é um cara grande. Você está

mais do que sóbrio, e teria morrido sem chiar. Bye-bye, obrigado pela atenção, Campeão não está mais entre nós.

– Que *inferno*... – Ele puxou o paletó para alisá-lo e espanou a poeira, com força. – Não teve graça nenhuma, Frank. Você quase me matou de pavor.

– Que bom. Kevin não era do tipo suicida, Campeão. Você vai ter de confiar em mim quanto a esse ponto. De modo algum ele tiraria a própria vida.

– Ótimo. Então me diga o seguinte: quem estava a fim de apagá-lo?

– Ninguém que eu saiba, mas isso não quer dizer nada. Ele poderia estar com toda a máfia siciliana no seu enalço, ao que me fosse dado saber.

O Campeão permaneceu calado e deixou que eu entendesse a mensagem.

– Quer dizer que não éramos amigos do peito. Eu não precisava viver grudado nele para saber que era um cara saudável, sem doença mental, sem problemas na vida amorosa, sem problemas financeiros, feliz como um passarinho. E então uma noite, sem motivo algum, ele resolve entrar numa casa em ruínas e mergulhar de cabeça pela janela?

– Acontece.

– Mostre-me um indício que prove que aconteceu aqui. Um.

O Campeão ajeitou o cabelo de volta no lugar e deu um suspiro.

– Ok – disse ele. – Mas estou mostrando isso para você como colega, Frank. Não como membro da família da vítima. Não me diga uma palavra sobre isso fora deste quarto. Aceita essa condição?

– Aceito com prazer – disse eu. Eu já sabia que ia ser terrível.

O Campeão debruçou-se sobre sua pasta de afeminado, remexeu ali dentro e tirou um saquinho de plástico transparente para provas.

– Não abra – disse ele.

Era uma pequena folha de papel pautado, amarelada e com linhas profundas, nos lugares onde tinha passado muito tempo dobrada. Parecia estar em branco até eu virar do outro lado e ver a tinta de esferográfica desbotada. E então, antes que meu cérebro atinasse com o que estava acontecendo, a letra saiu rugindo de todos os cantos sombrios e me atingiu como um trem desgovernado.

*Queridos Mamãe, Papai e Nora,*

*Quando vocês estiverem lendo isso, estarei a caminho da Inglaterra com Francis. Vamos nos casar; conseguir bons empregos, não em fábricas, e ter uma vida maravilhosa juntos. A única coisa que eu queria era não ter precisado mentir para vocês. Todos os dias, eu tinha vontade de olhar nos seus olhos e dizer que vou me casar com ele, mas, Papai, eu não sabia o que mais poderia fazer. Eu sabia que você ficaria furioso, mas Frank NÃO é um imprestável, e ele NÃO vai me ferir. Ele me faz feliz. Este é o dia mais feliz da minha vida.*

– Os especialistas da equipe de Documentos vão precisar fazer alguns testes –

disse o Campeão –, mas eu diria que nós dois já vimos a outra metade disso aqui.

Lá fora, o céu estava de um branco cinzento, tornando-se gelado. Uma chicotada de frio entrou pela janela, e um pequeno remoinho de ciscos de pó levantou-se das tábuas do assoalho, cintilou por um segundo à luz fraca e então caiu, desaparecendo. Em algum lugar, ouvi o chiado e o matraquear de emboço se desintegrando, escorrendo. O Campeão estava me observando com o que, pelo bem dele mesmo, esperei que não fosse compaixão.

– Onde você pegou isso? – perguntei.

– Estava no bolso interno da jaqueta do seu irmão.

O que arredondou com perfeição o conjunto de um-dois-três golpes daquela manhã.

– Isso não é prova de onde ele obteve o papel – disse eu, quando consegui respirar de novo. – Nem mesmo diz que foi ele quem o pôs ali.

– Não – concordou o Campeão, com excesso de complacência. – Não prova.

Fez-se um silêncio. Com tato, ele esperou um tempo para estender a mão para pegar o envelope plástico.

– Você está achando que isso indica que Kevin matou Rosie.

– Não estou achando nada. Nesse estágio, estou só colhendo provas.

Ele estendeu a mão para pegar o envelope. Eu o tirei do seu alcance.

– Trate de continuar colhendo provas. Está me ouvindo?

– Vou precisar disso de volta.

– Inocente até que se prove culpado, Kennedy. Isso aqui está muito, muito longe de uma prova. Lembre-se disso.

– Humm – disse o Campeão em tom neutro. – A outra coisa que preciso é que você não me atrapalhe, Frank. Estou falando muito sério.

– Que coincidência. Eu também.

– Antes já era ruim o suficiente. Mas agora... Acho difícil que o envolvimento emocional possa ser maior. Entendo que você esteja perturbado, mas qualquer interferência sua poderia comprometer toda a minha investigação, e isso eu não vou permitir.

– Kevin não matou ninguém. Não a si mesmo, não a Rosie, nem a mais ninguém. Você trate de recolher as provas.

Seu olhar vacilou, desviando-se do meu. Depois de um instante, dei-lhe seu precioso Ziploc e saí.

– Ei, Frank – disse o Campeão, quando eu passava pela porta. – Pelo menos, agora sabemos com certeza que ela não estava planejando dar-lhe o fora.

Não me voltei. Eu ainda podia sentir o calor da letra de Rosie, passando direto através da etiqueta certinha do Campeão, para se enrolar na minha mão e me queimar até os ossos. *Este é o dia mais feliz da minha vida.*

Ela pretendia vir comigo; e quase tinha conseguido. Tinha havido 10 metros entre nós e nosso admirável mundo novo, de mãos dadas. A impressão era de

que eu estava em queda livre, como se tivesse sido empurrado de um avião, com o chão subindo veloz na minha direção e sem corda de paraquedas para puxar.

Abri a porta da frente um pouco e a fechei com estrondo, para o Campeão ouvir. Então desci pela escada dos fundos, saí para o quintal e pulei o muro. Eu não tinha tempo para lidar com minha família. As notícias se espalham depressa no serviço, especialmente quando a fofoca é tão suculenta. Desliguei meus celulares e parti depressa para minha divisão para dizer a meu supervisor que eu iria tirar um tempo de folga antes que ele me dissesse a mesma coisa.

George é um cara grandalhão, quase se aposentando, com um rosto caído e exausto, como o de um basset hound miniatura. Nós o adoramos. Os suspeitos cometem o erro de pensar que ele também pode adorá-los.

– Ah – disse ele, levantando-se com esforço da cadeira, quando me viu à porta. – Frank – Ele estendeu a mão por cima da mesa de trabalho. – Meus pêsames.

– Nós não éramos íntimos – disse eu, dando-lhe um forte aperto de mãos –, mas é um choque de qualquer jeito.

– Dizem que a impressão é que talvez ele mesmo...

– É – concordei, observando o lampejo penetrante de avaliação no seu olhar quando ele voltou a se afundar na cadeira. – É o que estão dizendo. É de arrasar com a cabeça, de todos os modos. Chefe, tenho um monte de férias vencidas. Se estiver de acordo, eu gostaria de me valer delas imediatamente.

George passou a mão pelo início de calvície e a examinou entristecido, fingindo estar refletindo sobre meu pedido.

– Não vai atrapalhar suas investigações?

– Nenhum problema – disse eu. O que ele já sabia: ler de cabeça para baixo é uma das técnicas mais úteis nesta vida, e o arquivo que estava diante dele era meu. – Nada está num estágio decisivo. Eles só precisam de acompanhamento. Uma hora ou duas para eu pôr em dia minha papelada, e estarei pronto para passar os casos adiante.

– Certo – disse George, com um suspiro. – Por que não? Passe a função para Yeates. Ele está precisando dar uma aliviada na operação de cocaína da zona sul. Ele tem tempo.

Yeates é bom. Não temos incompetentes na Inteligência.

– Vou deixá-lo informado de tudo – disse eu. – Obrigado, chefe.

– Tire algumas semanas. Desanuvie a cabeça. Vai fazer o quê? Passar um tempo com a família?

Em outras palavras, está planejando ficar por aqui, fazendo perguntas inconvenientes?

– Estive pensando em sair da cidade. Talvez ir a Wexford. Dizem que o litoral é muito bonito nesta época do ano.

George massageou as rugas da testa como se doessem.

– Alguém da Homicídios me ligou cedo hoje de manhã, para falar mal de você. Kennedy, Kenny, coisa que o valha. Diz que você anda se intrometendo na investigação dele.

Que dedo-duro mais imundo.

– Ele está com TPM – disse eu. – Vou lhe levar umas belas flores e ele ficará satisfeito.

– Leve o que quiser para ele. Mas não lhe dê nenhum pretexto para me ligar de novo. Não gosto de palermas me irritando antes de eu tomar minha xícara de chá. Arrasa com meu intestino.

– Vou estar em Wexford, chefe, lembrou? Não terei a oportunidade de estragar os babadinhos da Senhorita Homicídios, mesmo que quisesse. Só vou organizar umas coisas – mostrei meu escritório com o polegar – e me mando, sem pegar no pé de ninguém.

George me examinou, por baixo das pálpebras pesadas. Daí a um tempo, ele acenou com a mão grande e cansada.

– Arrume tudo. Não precisa se apressar.

– Valeu, chefe – disse eu. É por isso que gostamos de George. Uma das coisas que constituem um supervisor excelente é saber quando ele não quer saber. – Nos vemos daqui a algumas semanas.

Eu já estava saindo pela porta, quando ele chamou.

– Frank

– Chefe?

– Há algum lugar ao qual a divisão possa fazer um donativo em nome do seu irmão? Obra de caridade? Clube esportivo?

E de repente tudo me atingiu de novo, como um golpe de caratê direto no pescoço. Por um segundo, não saiu nada da minha boca. Eu nem mesmo sabia se Kev frequentava algum clube esportivo, embora eu duvidasse disso. Pensei que deveria ser criada uma instituição de caridade voltada especialmente para esse tipo de situação, um fundo para mandar jovens praticar mergulho na Grande Barreira de Corais e saltar de parapente no Grand Canyon, só para a eventualidade de essa ser sua última chance.

– Pode dar para o pessoal das Vítimas de Homicídio – disse eu. – E obrigado, chefe. Muito obrigado. Transmita meus agradecimentos aos rapazes.

No fundo do coração, todo cara da Inteligência acredita que, em geral, a Homicídios não passa de um monte de veadinhos. Há exceções, mas a verdade é que os caras da Homicídios são nossos boxeadores profissionais: eles lutam para valer; mas, quando se olha de perto, eles estão com luvas e protetor bucal, além de contar com um juiz que toca o gongo, quando todo mundo precisa de um tempo para respirar e limpar o sangue. O pessoal da Inteligência luta sem

proteção nas mãos: nós brigamos como briga de rua e brigamos até alguém desistir. Se o Campeão quer entrar na casa de um suspeito, ele preenche um quilômetro quadrado de papelada, espera pelos carimbos de autorização e reúne uma equipe adequada para ninguém se ferir na entrada. Já eu recorro a meus olhos azuis de bebê, desfilo uma boa história e vou entrando; e, se o suspeito resolver que quer me dar uma surra, só vou poder contar comigo mesmo.

Essa diferença estava prestes a funcionar a meu favor. O Campeão estava acostumado a lutar de acordo com as regras. Ele também partia do pressuposto de que eu lutava do mesmo jeito, com um ou outro descumprimento insignificante, típico de garoto rebelde. Levaria um tempo para lhe ocorrer que minhas regras praticamente não tinham nada em comum com as dele.

Abri um monte de pastas na minha mesa, para a eventualidade de alguém aparecer por acaso e precisar me ver ocupado trabalhando para a passagem da função. Liguei então para meu colega no setor de Arquivo e pedi que me mandasse por e-mail as fichas de todo o pessoal novato recrutado para trabalhar no caso Rose Daly. Ele se queixou um pouco acerca de sigilo, mas uns dois anos antes sua filha tinha se livrado de acusações de posse de drogas, quando alguém foi negligente o bastante para arquivar errado três papélicos de cocaína e o depoimento dela, por isso eu calculava que ele me devia no mínimo dois grandes ou quatro pequenos favores. Por trás das queixas, ele encarava o assunto do mesmo modo. Sua voz dava a impressão de que sua úlcera crescia a cada minuto, mas os arquivos chegaram quase antes de desligarmos o telefone.

O Campeão tinha para si cinco caras recrutados, mais do que eu teria esperado para um caso tão antigo. Aparentemente ele e seus oitenta e sei lá o que por cento realmente ganhavam pontos com o pessoal da Homicídios. O quarto cara era o que eu queria. Stephen Moran, 26 anos, endereço residencial no bairro operário de North Wall, bons resultados no exame final do ensino médio, direto da escola para a Academia de Polícia de Templemore, série de avaliações brilhantes, somente há três meses sem uniforme. A foto mostrava um rapaz magricela de cabelo ruivo desarrumado e olhos cinzentos, atentos. Um dublinense, da classe operária, esperto, determinado, ambicioso por promoções e – graças a Deus pelos novatos – inocente e ansioso demais para questionar qualquer coisa que um detetive de divisão por acaso lhe dissesse. O jovem Stephen e eu íamos nos dar muito bem.

Enfiei no bolso a folha com os detalhes de Stephen, deletei o e-mail e passei umas duas horas preparando meus casos para o Yeates; a última coisa que eu queria era ele me ligar na hora errada, pedindo algum tipo de esclarecimento. Passei a função para ele rapidinho. Yeates tinha juízo o suficiente para não me dar os pêsames além de um tapinha no ombro e uma promessa de que cuidaria de tudo. Depois, arrumei minhas coisas, fechei a porta da sala e me dirigi ao castelo de Dublin, onde funciona a Divisão de Homicídios, para me apoderar de

Stephen Moran.

Se fosse outra pessoa que estivesse no comando da investigação, talvez tivesse sido mais difícil encontrar Stephen. Ele poderia ter parado de trabalhar às seis, sete ou oito da noite; e, se estivesse em campo, podia não ter se dado ao trabalho de voltar à sede da divisão e entregar a papelada antes de ir para casa. Mas eu conheço o Campeão. Horas extras dão palpitações cardíacas nos superiores; e papelada lhes dá orgasmos. Portanto, os rapazes e moças do Campeão batiam o ponto da saída exatamente às cinco, e todos eles já teriam preenchido seus formulários antes dessa hora. Procurei um banco nos jardins do castelo que tivesse uma boa visão da porta e um bom biombo de arbustos antiCampeão, acendi um cigarro e esperei. Nem estava chovendo. Esse era meu dia de sorte.

Uma coisa em especial estava em primeiro plano na minha mente: Kevin não estava com uma lanterna. Se tivesse, o Campeão teria feito menção a ela, para dar sustentação à sua teoriuzinha de suicídio. E Kevin nunca fazia merda nenhuma que fosse perigosa, a menos que tivesse um motivo muito bom; ele deixava essa história de fazer algo só por fazer para mim e para Shay. Não havia quantidade suficiente de latas de Guinness em Dublin inteira que o fizessem pensar que talvez fosse legal dar uma passeio pelo nº 16 sozinho, numa escuridão total, só por curtição. Ou, quando passava, ele viu ou ouviu alguma coisa que o fez pensar que não tinha escolha a não ser entrar e investigar – alguma coisa urgente demais para permitir que fosse procurar ajuda, mas discreta o suficiente para ninguém mais na rua ter percebido nada. Ou talvez alguém o tivesse chamado para entrar ali, alguém que, como que por mágica, sabia que ele passaria pelo alto do beco, bem naquela hora. Ou ainda ele podia ter mentido para Jackie. O tempo todo ele pretendia ir àquela casa, para se encontrar com alguém que já estaria preparado.

Estava escuro e eu tinha formado uma bela pilhinha de guimbas junto dos meus pés quando, como esperado, às cinco em ponto, o Campeão e seu auxiliar mais próximo saíram pela porta e se dirigiram ao estacionamento. O Campeão estava com a cabeça erguida e caminhava com animação, balançando sua pasta e contando alguma história que fazia o auxiliar cumprir o dever de rir. Quase antes de eles sumirem, já vinha saindo meu garoto, Stephen, tentando dar conta de um celular, uma mochila, um capacete de ciclista e um cachecol comprido. Ele era mais alto do que eu esperava, e sua voz era mais grave, com uma aspereza que fazia com que parecesse mais jovem do que era. Usando um sobretudo cinza de muito boa qualidade e muito, muito novo. Tinha acabado com suas economias só para não destoar dos rapazes da Homicídios.

O legal era que eu tinha liberdade nesse caso. Stephen poderia ter lá suas dúvidas sobre bater papo com o irmão de uma vítima, mas eu estava disposto a apostar que na realidade ninguém o tinha avisado a meu respeito. Cooper era uma coisa, mas o Campeão nem em um milhão de anos admitiria a um novato

que estava se sentindo ameaçado pelo velho Mackey. A excessiva noção de hierarquia dele estava, de fato, prestes a me ser útil sob todos os aspectos. No seu mundo pessoal, os policiais uniformizados são uns macacos desprezíveis, novatos não passam de andróides tarefeiros. Somente detetives de uma divisão especializada e superiores merecem algum respeito. Essa atitude é sempre uma péssima ideia, não só por causa de tudo o que poderia ser desperdiçado, mas em razão da quantidade de pontos fracos que a pessoa cria para si mesma. Como eu já disse, sempre tive um olho muito bom para discernir um ponto fraco.

Stephen desligou o celular e o enfiou num bolso. Eu joguei fora meu cigarro e saí dos jardins bem no seu caminho.

– Stephen.

– Sim?

– Frank Mackey – disse eu, estendendo a mão. – Inteligência.

Vi seus olhos se arregalarem só um pouco, com o que poderia ter sido assombro, medo ou alguma coisa intermediária. Ao longo dos anos, plantei e nutri uma série de lendas interessantes a meu respeito, algumas delas verdadeiras, outras não, todas úteis. De modo que essa reação é frequente. Stephen pelo menos fez um esforço razoável para disfarçá-la, o que teve minha aprovação.

– Stephen Moran, Unidade Geral – disse ele, apertando minha mão com só um pouco de excesso de firmeza e mantendo o olhar em contato só um pouco demais. O garoto estava se esforçando para me impressionar. – É um prazer conhecê-lo, senhor.

– Chame-me de Frank. Nós não usamos “senhor” na Inteligência. Estou há algum tempo de olho em você, Stephen. Ouvimos muita coisa positiva.

Ele conseguiu conter tanto o rubor como a curiosidade.

– É sempre bom saber. – Eu estava começando a gostar do garoto.

– Vamos andar um pouco – disse eu, voltando para os jardins. Devia haver outros novatos e outros caras da Homicídios saindo daquele prédio. – Diga-me uma coisa, Stephen. Você se tornou detetive há três meses, certo?

Ele andava como um adolescente, aquele passo longo e elástico de quando se tem energia demais para caber no corpo.

– Isso mesmo.

– Muito bem. Corrija-me se eu estiver enganado, mas eu não o vejo como o tipo que quer passar o resto da carreira na Unidade Geral, indo atrás do detetive de uma divisão que estala os dedos a cada semana. Você tem potencial demais para isso. Com o tempo, vai querer comandar suas próprias investigações. Acertei?

– É esse o plano.

– Que divisão você tem em mente?

Dessa vez, um rubor mínimo conseguiu aparecer.

– Homicídios ou Inteligência.

– Você tem bom gosto – disse eu, abrindo um sorriso. – Quer dizer que trabalhar num caso de homicídio deve ser um sonho que se realiza, não é? Está gostando?

– Estou aprendendo muito – disse Stephen, cauteloso.

Dei uma sonora risada.

– Não está mesmo. O que está acontecendo é que o Kennedy o está tratando como seu próprio chimpanzé treinado. Que função ele lhe deu? Fazer café? Apanhar a roupa na lavanderia? Costurar suas meias?

– Eu bato à máquina os depósitos das testemunhas – disse Stephen, com um canto da boca com um tremor relutante.

– Maravilha. Quantas palavras você consegue por minuto?

– Não me importo. Quer dizer, sou o mais novo da equipe, sabe? Todos os outros têm alguns anos de estrada. E alguém tem de fazer o...

Ele estava lutando bravamente para acertar o tom.

– Stephen – disse eu. – Respire. Isso aqui não é uma prova. É um desperdício você fazer trabalho de secretária. Você sabe disso, eu sei disso e, se o Campeão tivesse se dado ao trabalho de tirar dez minutos para ler seu histórico, ele também saberia. – Indiquei um banco, abaixo de um poste de iluminação para eu poder ver o rosto dele e fora da vista de qualquer uma das saídas principais. – Sente-se.

Stephen deixou a mochila e o capacete no chão e se sentou. Apesar de todos os elogios, seus olhos estavam desconfiados, o que era bom.

– Nós dois somos pessoas ocupadas – disse eu, juntando-me a ele no banco. – Por isso vou direto ao assunto. Eu me interessaria em saber como você avança nessa investigação. Da sua perspectiva, não da do detetive Kennedy, já que nós dois sabemos a utilidade que a perspectiva dele teria. Não precisa ser diplomático. Estamos falando em sigilo total, só entre nós dois.

Pude perceber que sua mente estava acelerada, mas ele mantinha a expressão razoavelmente impassível, e eu não consegui captar para que lado ela o estava levando.

– Saber do meu avanço. O que você quer dizer com isso, exatamente?

– Nós nos encontramos de vez em quando. Pode ser que eu lhe pague uma boa cerveja ou duas. Você me diz o que andou fazendo nos últimos dias, o que pensa sobre o assunto, como lidaria com o caso de modo diferente se você fosse o chefe. Eu vejo o que acho do seu jeito de trabalhar. Que lhe parece?

Stephen apanhou uma folha morta caída no banco e começou a dobrá-la com cuidado, ao longo das nervuras.

– Posso ser franco? Como se estivéssemos de folga. De homem para homem. Abri minhas mãos.

– Mas nós estamos de folga, Stephen, meu caro. Você não tinha percebido?

– Quer dizer...

– Eu sei o que você quer dizer. Fica frio, cara. Pode dizer o que vier à cabeça. Sem repercussões.

Seus olhos deixaram a folha para olhar para mim, neutros, cinzentos e inteligentes.

– Dizem que você tem um interesse pessoal nesse caso. Um interesse duplo agora.

– Isso não é bem um segredo de Estado. E então?

– O que me parece – disse Stephen – é que você quer que eu seja seu espião na investigação e lhe faça relatórios.

– Se é assim que você quer encarar – disse eu, animado.

– Não me agrada essa ideia.

– Interessante. – Apanhei meus cigarros. – Fuma?

– Não, obrigado.

Não tão imaturo quanto parecia no papel. Por mais que o garoto quisesse me agradar, ele não era pau-mandado de ninguém. Normalmente, eu teria aprovado essa atitude, mas, exatamente naquele instante, eu não estava disposto a ficar pisando em ovos diante desse seu lado teimoso. Acendi o cigarro e soprei anéis de fumaça na luz amarelo sujo do poste.

– Stephen – disse eu. – Você precisa pensar bem. Suponho que esteja preocupado com três aspectos disso tudo: o nível de dedicação envolvido, a ética e as consequências em potencial, não necessariamente nesta ordem. Estou certo?

– Mais ou menos, sim.

– Vamos começar pela dedicação. Não vou lhe pedir relatórios diários em profundidade sobre tudo o que acontecer na divisão. Vou lhe fazer perguntas muito específicas que você poderá responder com um mínimo de tempo e esforço. Estamos falando de duas ou três reuniões por semana, nenhuma das quais precisará durar mais de 15 minutos, se você tiver algo melhor a fazer, além de talvez mais meia hora de pesquisa antes de cada reunião. Isso lhe parece algo com que você poderia lidar, em termos exclusivamente hipotéticos?

Depois de um instante, Stephen fez que sim.

– Não se trata de eu ter coisa melhor a fazer...

– Ótimo. Em seguida, as possíveis consequências. Sim, o detetive Kennedy com toda a probabilidade teria o maior de todos os ataques, se descobrisse que você e eu estivemos conversando. Mas não há motivo para ele descobrir. Deveria estar óbvio para você que eu sou muito, muito bom em me manter calado. E você?

– Não sou dedo-duro.

– Não pensei que fosse. Em outras palavras, o risco de que o detetive Kennedy o apanhe e o mande para o castigo no canto da sala é mínimo. E, Stephen, tenha em mente que essa não é a única consequência possível neste caso. Muitas outras coisas poderiam resultar dele.

Esperei até ele fazer a pergunta.

– Como o quê, por exemplo?

– Quando disse que você tinha potencial, eu não estava só puxando seu saco. Lembre-se, este caso não vai durar para sempre. E, assim que ele terminar, você volta para a reserva. Está louco para que isso aconteça?

– É a única forma de se conseguir entrar para uma divisão especializada – disse ele, dando de ombros. – É necessário.

– Fazer acompanhamento de casos de carros roubados e janelas quebradas, e esperar que alguém como Kennedy o chame com um assovio, para você poder ir buscar sanduíches para ele por algumas semanas. Sem dúvida, é necessário, mas algumas pessoas fazem isso por um ano, e outras, por vinte. Se pudesse escolher, quando você gostaria de sair de lá para sempre?

– Quanto mais cedo, melhor. É óbvio.

– Foi o que pensei. Eu lhe garanto que de fato vou observar exatamente como você trabalha, como disse que faria. E cada vez que abre uma vaga na minha divisão, eu me lembro de pessoas que fizeram um bom trabalho para mim. Não posso garantir o mesmo quanto a meu amigo Campeão. Diga-me uma coisa, aqui entre nós: ele ao menos sabe seu primeiro nome?

Stephen não respondeu.

– Bem – disse eu –, acho que isso cobre as consequências em potencial, não é? O que nos deixa com a ética da situação. Estou lhe pedindo para fazer alguma coisa que possa comprometer seu trabalho no caso do homicídio?

– Até agora não.

– E não planejo fazer. Se a qualquer momento você sentir que nossa associação está prejudicando sua capacidade de dar plena atenção a sua tarefa oficial, é só me dizer, e não entrarei mais em contato com você. Dou-lhe minha palavra. – Sempre, sempre dê-lhes uma saída livre que eles nunca terão a chance de usar. – Acha justo?

– Acho – disse ele, sem parecer muito tranquilizado.

– Estou lhe pedindo que desobedeça às ordens de alguém?

– Isso é discutir o sexo dos anjos. Ok, o detetive Kennedy não me deu ordens de não falar com você, mas isso foi só porque nem mesmo lhe ocorreu que isso poderia acontecer.

– E daí? Deveria ter-lhe ocorrido. Se não ocorreu, é problema dele, não seu nem meu. Você não lhe deve nada.

Stephen passou a mão pelo cabelo.

– Só que devo – disse ele. – Foi ele que me trouxe para o caso. Neste momento, ele é meu chefe. A regra é eu receber ordens dele. De ninguém mais.

Meu queixo caiu.

– A regra? Que diabos...? Pensei que você tivesse intenção de entrar para a Inteligência. Você só falou para me excitar? Porque eu não gosto de garotos

tentando me excitar, Stephen. Não gosto mesmo.

Ele se empertigou de imediato.

– Não! É claro que eu... O que você está... Eu quero, sim, ir para a Inteligência!

– E você acha que nós podemos nos dar ao luxo de ficar sentados o dia inteiro, lendo o *regulamento*? Você acha que eu sobrevivi a três anos infiltrado numa gangue de *drogas* seguindo as *regras*? Diga-me que você está fazendo piada, menino. Por favor. Diga-me que eu não joguei meu tempo fora cada vez que peguei sua pasta.

– Nunca lhe pedi para ler minha pasta. Ao que eu saiba, de qualquer modo, você nunca a viu até esta semana. Até querer ter alguém de dentro do caso.

Ponto para o garoto.

– Stephen. Estou lhe oferecendo uma oportunidade pela qual todo recruta da reserva da força, todo cara com quem você se formou, todo cara que você vai ver no trabalho amanhã de manhã venderia a própria avó. Você vai descartá-la porque eu não posso provar que prestei suficiente *atenção* em você?

Ele ficou todo vermelho, mesmo por cima das sardas, mas continuou firme.

– *Não*. Só estou tentando agir *certo*.

Meu bom Deus, ele era imaturo.

– Se você ainda não aprendeu isso, cara, é melhor anotar e decorar: o certo nem sempre é o mesmo que está bonitinho no regulamento. Para todos os efeitos, isso aqui é um serviço de infiltração que estou lhe oferecendo. Um pouco de ambiguidade moral faz parte da função. Se você não puder lidar com isso, agora seria uma hora perfeita para definir esse ponto.

– Mas é diferente. É infiltração contra nosso próprio pessoal.

– Amigo, você se espantaria com a frequência com que isso acontece. Se espantaria mesmo. Como eu disse, se não der para você lidar com isso, não só você precisa saber, mas eu também. Nós dois talvez precisássemos repensar um pouco suas metas na carreira.

Os cantos da boca de Stephen se retesaram.

– Se eu não fizer isso – disse ele –, posso me esquecer de uma vaga na Inteligência.

– Não por retaliação, garoto. Não se iluda. Um cara podia trepar com minhas duas irmãs ao mesmo tempo, colocar o vídeo no YouTube e eu trabalharia feliz com ele, desde que ele cumprisse sua função. Mas se você deixar claro para mim que em termos fundamentais não é adequado para operações secretas, nesse caso, não, não vou recomendá-lo. Pode me chamar de maluco.

– Você me dá umas horas para pensar?

– Não – disse eu, jogando fora meu cigarro. – Se você não puder assumir rápido, não preciso que assuma. Tenho lugares para ir e pessoas para ver; e tenho certeza de que você também tem. Resumindo, é o seguinte, Stephen. Durante as

próximas semanas, você pode ser o datilógrafo do Kennedy, ou pode ser meu detetive. Qual dos dois lhe parece mais condizente com o que você almejava quando entrou para a polícia?

Stephen mordeu o lábio inferior e enrolou a ponta do cachecol na mão.

– Se fizéssemos isso. Se. Que tipo de coisa você ia querer saber? Só por exemplo.

– Só por exemplo, quando chegarem os resultados da datiloscopia, eu adoraria saber as digitais de quem, se havia alguma, estavam naquela mala, no conteúdo da mala, nas duas metades do bilhete e na janela de onde Kevin caiu. Também me interessaria ter uma descrição completa das suas lesões, de preferência com os diagramas e o relatório da autópsia. Isso talvez fosse o suficiente para me manter ocupado um tempo. Quem sabe, talvez até se revelasse que só isso já me bastaria. E creio que esses resultados devam chegar nos dois próximos dias, não?

Daí a um instante, Stephen deu um longo suspiro, uma faixa branca no ar gelado, e levantou a cabeça.

– Não se ofenda – disse ele –, mas antes de eu espalhar informação confidencial sobre um homicídio a um perfeito desconhecido, gostaria de ver uma identificação.

Caí na risada.

– Stephen – disse eu, procurando minha identificação –, você é dos meus. Nós vamos fazer bem um ao outro, você e eu.

– É – disse Stephen, um pouco seco. – É minha esperança. – Fiquei olhando sua cabeça ruiva desarrumada inclinar-se sobre a identificação, e apenas por um segundo, por baixo da forte palpitação da vitória, *Engole essa, Campeão querido, o garoto agora é meu*, senti um pequeno impulso de afeto pelo rapaz. Era bom ter alguém do meu lado.

Esse foi mais ou menos o máximo que pude adiar minha volta para casa. Tentei me fortificar para a empreitada no Burdock's – a ideia do Burdock's era a única coisa que tinha provocado em mim a tentação de voltar ao Liberties – mas mesmo o melhor bacalhau defumado com batatas fritas tem seus limites. Como a maioria do pessoal da Inteligência, o medo não é meu elemento. Já entrei em reuniões com homens que tinham toda a intenção de me picar em pedaços de tamanho conveniente e me organizar artisticamente debaixo do trecho de concreto mais próximo, sem nunca nem começar a transpirar. Isso aqui, porém, estava me deixando com o coração na mão. Disse a mim mesmo o que tinha dito ao jovem Stephen. Considere isso como uma operação secreta: Frankie, o Detetive Intrépido, na missão mais arrojada de sua vida, entrando na goela da perdição.

O apartamento era um lugar diferente. A casa estava destrancada; e, assim que entrei no hall, a onda desceu rolando a escada e me atingiu: calor, vozes e o aroma de uísque quente e cravo, tudo se derramando pela nossa porta aberta. O aquecimento estava no máximo e a sala de estar, lotada, com pessoas chorando, se abraçando, se aglomerando para curtir todo aquele horror, trazendo meia dúzia de cervejas, bebês ou travessas de sanduíches prontos, cobertos com filme plástico. Até mesmo os Daly estavam lá. O sr. Daly, tenso como ele só, e a sra. Daly parecendo ter ingerido algum estimulante de alto calibre, mas a morte vence tudo. De modo instantâneo e automático, vi meu pai, mas ele, Shay e alguns outros tinham delimitado uma zona masculina na cozinha, com cigarros, latas de cerveja e conversa monossilábica, e até o momento ele parecia estar bem. Numa mesa, abaixo do Sagrado Coração, entre flores, santinhos e velas elétricas, estavam algumas fotos de Kevin: Kevin bebê, como uma gorda salsicha vermelha; num elegante terno branco de *Miami Vice*, na sua crisma; numa praia com uma turma de rapazes torrados de sol, aos gritos, mostrando coquetéis fantásticos.

– Ah, você chegou – disse minha mãe, áspera, abrindo caminho com os cotovelos. Estava usando um surpreendente traje lilás, que era nitidamente sua melhor roupa. E tinha chorado bastante desde aquela tarde. – Demorou tanto quanto quis, não foi?

– Voltei o mais rápido possível. Está aguentando firme?

Ela pegou a parte macia do meu braço naquele beliscão de lagosta do qual eu me lembrava tão bem.

– Venha cá, você. Aquele camarada do seu trabalho, o que tem um senhor queixo, anda dizendo que Kevin caiu de uma janela. – Parecia que ela decidiu considerar isso um insulto pessoal. Com nossa mãe, nunca se sabe o que vai se

encaixar nessa categoria.

– É isso o que está parecendo, sim.

– Nunca ouvi tamanha bobagem. Seu amigo não sabe o que está dizendo. Trate de ligar para ele e dizer que nosso Kevin não tinha epilepsia e nunca em toda a vida caiu de uma janela.

Ele lá estava o Campeão pensando em fazer um favor a um colega, amenizando um suicídio para transformá-lo num acidente.

– Pode ter certeza de que transmito isso a ele.

– Não admito que as pessoas pensem que criei um debilidade que não conseguia pôr um pé na frente do outro. Ligue e diga isso para ele. Cadê seu celular?

– Mãe, o expediente está encerrado. Se eu o perturbar agora, só vou irritar o cara. Eu ligo de manhã, está bem?

– Você não vai ligar. Está dizendo isso só para eu me calar. Conheço você, Francis Mackey. Você sempre foi um mentiroso e sempre achou que era mais esperto que todo mundo. Bem, vou lhe dizer uma coisa agora. Eu sou sua mãe, e você não é mais esperto do que eu. Trate de ligar para o camarada agora, enquanto eu posso ver.

Tentei soltar meu braço, mas isso só fez com que ela aplicasse mais força.

– Você está com medo do cara, é isso? Me dá esse telefone e eu falo direto com ele, se você não se garante. Vamos, me dá o telefone.

– Vai dizer o quê para ele? – O que foi um erro. O nível de loucura estava subindo rápido o suficiente, sem nenhum incentivo de minha parte. – Só por curiosidade. Se Kevin não caiu da janela, que diabos você acha que aconteceu com ele?

– Não me venha com blasfêmias – retrucou minha mãe. – É claro que ele foi atropelado. Algum cara estava voltando bêbado para casa de alguma festa de Natal e bateu no nosso Kevin, e depois... você está me escutando?... em vez de enfrentar a situação como um homem, ele pôs nosso querido naquele quintal e torceu para ninguém encontrá-lo.

Sessenta segundos com ela e minha cabeça já estava girando. Não ajudava o fato de que, quando se analisava o essencial da situação, eu mais ou menos concordava com ela.

– Mãe. Isso não aconteceu. Nenhuma das lesões condiz com um atropelamento.

– Então trate de se mexer para descobrir o que aconteceu com ele! É sua função, sua e daquele seu amiguinho, não minha. Como eu saberia o que aconteceu? Eu pareço detetive?

Avistei Jackie saindo da cozinha com uma bandeja de sanduíches, atraí seu olhar e lhe enviei o sinal de pedido de socorro urgentíssimo entre irmãos. Ela empurrou a bandeja para as mãos do adolescente mais próximo e veio veloz na

nossa direção. Minha mãe ainda não tinha parado (“*Não condiz*, ouça o que ele está dizendo, quem você pensa que é...”), mas Jackie pegou meu braço e nos disse numa voz rápida e abafada:

– Vem cá, eu disse à tia Concepta que levaria Francis até ela no instante em que ele chegasse. Ela vai ficar *louca* se demorarmos mais. É melhor ir agora.

O que foi uma boa jogada. Tia Concepta é na realidade tia de nossa mãe, e a única pessoa por aí que consegue derrotá-la num vale-tudo psicológico. Minha mãe fungou e soltou meu braço, com um olhar feroz de aviso de que nosso assunto não estava encerrado. E Jackie e eu respiramos fundo e mergulhamos no meio da multidão.

Foi, de longe, a noite mais absurda da minha vida. Jackie foi me manobrando pelo apartamento, me apresentando a meu sobrinho e minhas sobrinhas, a ex-namoradas de Kevin – ganhei uma explosão de lágrimas e um abraço de seios fartos de Linda Dwyer –, às novas famílias de meus velhos amigos, aos quatro estudantes chineses embasbacados, que moravam no apartamento do porão e estavam encostados numa parede segurando com cortesia latas intactas de Guinness e tentando considerar aquilo uma experiência de aprendizado cultural. Algum cara chamado Waxer apertou minha mão por cinco minutos, sem parar, enquanto se lembrava com carinho da vez em que ele e Kevin foram apanhados roubando revistas em quadrinhos. Gavin da Jackie me deu um soco desajeitado no braço e resmungou alguma coisa sincera. Os filhos de Carmel me deram um olhar quádruplo de olhos azuis, espantados, até que a penúltima, Donna, a que todos diziam ser muito engraçada, desmoronou em fortes soluços.

Eles eram a parte fácil. Praticamente todos os rostos de lá do passado estavam naquela sala: garotos com quem eu tinha brigado e ido à escola; mulheres que tinham me batido nas pernas quando eu pisava com pés sujos no assoalho limpo; homens que tinham me dado dinheiro para ir correndo à loja para comprar seus dois cigarros; pessoas que olhavam para mim e viam o jovem Francis Mackey, correndo pelas ruas sem disciplina e sendo suspenso da escola por ser respondão, pode ter certeza de que esse vai acabar igualzinho ao pai. Nenhum deles era parecido consigo mesmo. Todos davam a impressão de ser a tentativa de algum artista da maquiagem de ganhar um Oscar, com papadas, pneus na barriga e testas cada vez mais altas, sobrepostas de modo obsceno sobre o rosto verdadeiro que eu conhecia. Jackie me indicava para eles e murmurava os nomes no meu ouvido. Deixei-a pensar que eu não me lembrava.

Zippy Hearne me deu um tapa nas costas e me disse que eu lhe devia cinco libras: ele afinal tinha conseguido transar com Maura Kelly, apesar de ter precisado casar com ela para isso. A mãe de Linda Dwyer fez questão de que eu comesse alguns dos seus sanduíches especiais de ovos. De vez em quando, eu captava um olhar estranho, do outro lado da sala, mas em geral o beco tinha decidido me receber de volta de braços abertos. Parecia que eu tinha feito as

jogadas certas ao longo do fim de semana, e uma boa fatia de perda de um ente querido sempre ajuda, especialmente com um glacê com sabor de escândalo. Uma das irmãs Harrison – encolhida até ficar do tamanho de Holly, mas ainda viva, como por milagre – agarrou minha manga e ficou na ponta dos pés para gritar, com toda a potência de seus pulmões frágeis, que eu tinha me tornado um adulto muito bonito.

Quando consegui me desvencilhar de todos e encontrar um canto que não chamasse a atenção e uma boa lata gelada, tive a sensação de ter percorrido algum corredor polonês surreal, cuidadosamente planejado para me desnortear, sem a menor chance de recuperação. Encostei-me na parede, pressionei a lata no meu pescoço e tentei não olhar para ninguém.

O humor na sala tinha se elevado, como acontece nos velórios. As pessoas estavam exaustas de tanta dor e precisavam recuperar o fôlego antes de poder voltar para aquela emoção. O volume estava mais alto, mais gente estava se empilhando no apartamento, e estourou uma gargalhada numa turma de rapazes perto de mim.

– E, bem na hora que o ônibus estava saindo, Kev se debruça na janela do alto, segurando o cone de trânsito como um microfone, e berra para os policiais: “AJOELHEM-SE DIANTE DE ZOD!”

Alguém tinha afastado a mesinha de centro para abrir espaço na frente da lareira, e outra pessoa estava tentando convencer Sallie Hearne a começar a cantar. Ela se recusou um pouco, cumprindo a tradição, mas, como era de se esperar, depois que alguém lhe deu um gole de uísque para molhar a garganta, tudo começou. “There were three lovely lassies from Kimmage” e metade da sala se uniu no coro: “From Kimmage...” Todas as festas da minha infância começavam a cantoria do mesmo jeito, até a hora em que eu, Rosie, Mandy e Ger nos escondíamos debaixo das mesas para não sermos levados para a cama grupal de crianças no quarto dos fundos da casa de quem quer que fosse. Hoje em dia, Ger estava tão careca que eu podia usar sua cabeça como espelho, para checar minha barba.

Olhei em torno da sala e pensei, *Alguém daqui*. Ele nunca teria perdido isso. Sua ausência teria chamado atenção demais, e meu cara era muito, muito bom em manter o controle e desaparecer no grupo. Alguém nesta sala, tomando da nossa bebida, compartilhando as lembranças açucaradas e cantando junto com Sallie.

Os colegas de Kev ainda se arrebatando de rir; uns dois deles quase sem conseguir respirar.

– Só que faltavam uns dez minutos para a gente começar a se molhar de tanto rir, certo? E *então* nos lembramos que estávamos correndo tanto que simplesmente embarcamos no primeiro ônibus que vimos. Ou seja, não fazíamos nenhuma ideia de para onde estávamos indo...

– E sempre que tinha alguma escaramuça, é claro que eu era o durão...

Até nossa mãe, imprensada no sofá, entre a proteção de sua tia Concepta e sua amiga assustadora, Assumpta, acompanhava a cantoria. De olhos injetados, enxugando o nariz com o lenço, mas erguendo o copo e projetando todos os seus queixos como uma lutadora. Havia um bando de crianças correndo para lá e para cá à altura dos joelhos, com suas melhores roupas, segurando biscoitos de chocolate e de olho atento para qualquer um que pudesse resolver que já era tarde demais para elas estarem acordadas. A qualquer instante agora, elas iam se esconder debaixo da mesa.

– E a gente saltou do ônibus e viu que estava em algum lugar em Rathmines, e a festa era em *Crumlin*. Nenhuma chance de conseguirmos chegar a tempo. E o Kevin: “Caras, é noite de sexta-feira. Só estudantes por aqui. Alguém *deve* estar dando uma festa em algum canto...”

A sala estava mais quente. Tinha um cheiro penetrante, selvagem e familiar: uísque quente, fumaça, perfume para ocasiões especiais e suor. Sallie levantou a saia e fez um pequeno passo de dança diante da lareira, entre as estrofes. Ela ainda dominava os movimentos. “When he’s had a few jars, he goes frantic...”

E os rapazes chegaram ao fim da história.

– ... E, no fim da noite, Kev já foi embora com a melhor garota do lugar! – Eles se dobraram ao meio, na maior gargalhada, brindando com as latas em homenagem à antiga conquista de Kevin.

Todo agente infiltrado sabe que a coisa mais burra que ele pode fazer é acreditar que tem um lugar próprio, mas essa festa fora embutida em mim muito antes dessa lição. Juntei-me à cantoria e, quando Sallie olhou de relance para meu lado, pisquei um olho em sinal de aprovação e ergui um pouco minha lata.

Ela piscou os olhos e os desviou dos meus enquanto continuava a cantar, um pouco mais rápido: “But he’s tall and he’s dark and romantic, and I love him in spite of it all...”

Ao que eu soubesse, eu sempre me dei bem com todos os Hearne. Antes que eu conseguisse dar sentido a esse pensamento, Carmel se materializou junto do meu ombro.

– Sabe de uma coisa? – disse ela. – Adorei esta festa. Adorei, sim. Quando eu morrer, quero uma despedida igual a esta.

Estava segurando um copo de cooler de vinho ou alguma coisa igualmente horrenda, e seu rosto tinha aquela mistura de expressão sonhadora e decidida que acompanha a quantidade exata de álcool.

– Todas essas pessoas – disse ela, fazendo um gesto com o copo –, todas elas gostavam do nosso Kev. E vou lhe dizer uma coisa: não as culpo. Ele era adorável, nosso Kevin. Era adorável mesmo.

– Ele sempre foi uma criança cativante – disse eu.

– E continuou a ser quando cresceu, Francis. Queria que você tivesse tido a

chance de conhecê-lo direito. Minha turminha era louca por ele.

Ela me lançou um olhar de relance, e por um segundo achei que ia dizer alguma outra coisa, mas se conteve.

– Isso não me surpreende – disse eu.

– Darren fugiu de casa uma vez... só essa vez, quando estava com 14 anos, e é claro que eu nem me preocupei. Eu soube de cara que ele tinha ido procurar o Kevin. Ele está arrasado, o Darren. Diz que o Kevin era o único de nós todos que não era maluco, e que agora não faz sentido pertencer a esta família.

Darren estava como que perdido pelos cantos da sala, repuxando as mangas de seu grande pulôver preto, com a expressão melancólica de um emo. Ele estava tão consternado que tinha até mesmo se esquecido de se sentir embaraçado por estar ali.

– Ele tem 18 anos e está com a cabeça no bagaço. Neste instante, ele não está no seu funcionamento normal. Não se deixe atingir por ele.

– Ah, eu sei, ele está só perturbado, mas... – Carmel deu um suspiro. – Sabe de uma coisa? Sob certos aspectos, acho que ele tem razão.

– E daí? A maluquice é uma tradição de família, querida. Ele vai valorizá-la quando amadurecer.

Eu estava tentando fazê-la sorrir, mas ela estava esfregando o nariz e lançando para Darren um olhar preocupado.

– Você acha que sou má pessoa, Francis?

Dei uma sonora risada.

– Você? Meu Deus, Melly, não. Faz muito tempo desde minha última inspeção, mas, a menos que você esteja administrando um puteiro naquela sua linda casinha, eu diria que você é legal. Ao longo da vida, conheci algumas pessoas más e, pode acreditar em mim, você não se encaixaria.

– Vai parecer terrível – disse Carmel. Ela olhou desconfiada para o copo em sua mão, como se não tivesse certeza de como ele foi parar ali. – Sei que não deveria dizer isso agora. Sei que não deveria. Mas você é meu irmão, não é? E não é para isso que temos irmãos e irmãs?

– É claro que é. O que você fez? Vou precisar prendê-la?

– Ah, não enche. Eu não fiz nada. É só o que estive pensando. Não vá rir de mim, está bem?

– Nem em sonho. Juro por Deus.

Carmel me lançou um olhar cheio de desconfiança para ver se eu não estava de zombaria, mas depois suspirou e tomou um gole cuidadoso da bebida que cheirava a pêssegos falsos.

– Eu sentia inveja dele – disse ela. – De Kevin. Sempre.

Por essa eu não esperava. Aguardei.

– Tenho inveja da Jackie também. E tinha inveja até mesmo de você.

– Tive a impressão de que você estava bem feliz ultimamente. Estou

enganado?

– Não, ai, meu Deus, não. Estou feliz, sim. Tenho uma vida maravilhosa.

– Então, vai ter inveja de quê?

– Não é isso. É... Você se lembra de Lenny Walker, Francis? Eu saía com ele, quando era bem nova, antes de Trevor?

– Vagamente. Um que tinha o rosto cheio de crateras?

– Ah, para com isso, o pobre coitado tinha acne. Depois passou. De qualquer modo, a pele não me incomodava. Eu estava simplesmente feliz por ter meu primeiro namorado. Estava morrendo de vontade de trazê-lo para casa e exibi-lo para vocês todos, mas é claro que você sabe muito bem...

– Sei, sim. – Nenhum de nós levava ninguém a nossa casa, nem mesmo naquelas ocasiões especiais em que nosso pai supostamente estaria trabalhando. Sabíamos que era melhor não ter nada como líquido e certo.

Carmel deu uma rápida olhada ao redor, para se certificar de que ninguém estava escutando.

– Mas o que aconteceu foi que uma noite eu e o Lenny estávamos agarrados, aos beijos, na Smith's Road, e não é que nosso pai passa por ali, voltando do bar, e nos pega em flagrante? Ele ficou uma *fera*. Deu um tabefe no Lenny e mandou ele cair fora. E então me pegou pelo braço e começou a me estapear no rosto. E me xingava também... os palavrões que dizia eu não ia querer repetir... Ele me arrastou desse jeito até a gente chegar em casa. E então me disse que, mais uma piranhagem daquelas, e ele ia me pôr num bordel. Deus me livre, Francis, nós nunca fizemos mais do que dar uns beijos, eu e o Lenny. Eu nem teria sabido o que fazer.

Depois de todo esse tempo, a lembrança ainda deixava seu rosto com manchas fortes, vermelhas.

– De qualquer maneira, esse foi o fim para nós. Depois, quando nos víamos por aí, o Lenny nem mesmo olhava para mim. Envergonhado demais. Não o culpei, é claro.

A atitude de nosso pai para com as minhas namoradas e as de Shay tinha sido de mais aprovação, se não mais incentivadora. Na época em que Rosie e eu estávamos saindo abertamente, antes de Matt Daly descobrir e desabar em cima dela como uma tonelada de tijolos: *A garota dos Daly, é? Parabéns, filho. É uma belezinha*. Um tapa nas costas com força demais e um riso brutal diante da tensão no meu queixo. *Aqueles peitos, meu Deus. Diga aí, você já deu uma experimentada neles?*

– Que merda, Melly. Merda federal.

Carmel respirou fundo, abanou a mão diante do rosto e o vermelhão começou a clarear.

– Meu Deus, olhe só para meu estado. As pessoas vão pensar que estou tendo calores... Não é que eu estivesse loucamente apaixonada pelo Lenny. Era

provável que eu tivesse terminado com ele pouco tempo depois, de qualquer maneira. Ele beijava muito mal. É que, depois disso, nunca mais fui a mesma. Você não vai se lembrar, mas eu era uma moleca atrevida antes disso. Eu era uma respondona terrível com a mãe e o pai, era, sim. Mas dali em diante passei a ter medo da minha própria sombra. É claro que eu e Trevor ficamos falando em noivar um ano inteiro, antes de noivar mesmo. Ele já tinha guardado dinheiro para a aliança e tudo o mais, mas eu não queria, porque eu sabia que haveria uma festa de noivado. As duas famílias na única sala. Eu ficava simplesmente apavorada.

– Não a culpo – disse eu. Por um instante, desejei ter sido mais simpático com o porquinho do irmão de Trevor.

– E o mesmo vale para Shay. Não que ele tivesse ficado assim com medo, e não que nosso pai tivesse se intrometido nos assuntos dele com as garotas, mas... – Seus olhos foram para onde Shay estava, encostado na entrada da cozinha com uma lata na mão e a cabeça inclinada para bem junto da de Linda Dwyer. – Você se lembra daquela vez em que ele ficou inconsciente? Você devia ter uns 13 anos.

– Faço o maior esforço para não me lembrar. – Aquela tinha sido engraçada. Nosso pai tinha mirado um soco em nossa mãe, por algum motivo que agora não me ocorre, e Shay o tinha agarrado pelo pulso. Nosso pai nunca aceitou bem desafios à sua autoridade. Ele comunicou esse conceito pegando Shay pelo pescoço e batendo com a cabeça dele na parede com violência. Shay desmaiou, pelo que provavelmente foi um minuto mas pareceu ter sido uma hora, e passou o resto da noite vesgo. Nossa mãe não quis deixar que o levássemos ao hospital. Não ficou claro se ela estava preocupada com os médicos, com os vizinhos ou com os dois grupos, mas só a ideia lhe deu uma crise de nervos daquelas. Passei a noite vigiando o sono de Shay, garantindo a Kevin que ele não ia morrer e me perguntando o que eu ia fazer se ele de fato morresse.

– Depois daquilo – disse Carmel – ele nunca mais foi o mesmo. Tornou-se uma pessoa dura.

– Ele nunca foi exatamente fofo como um marshmallow.

– Eu sei que vocês nunca se toparam, mas juro por Deus que Shay era legal. Ele e eu às vezes tínhamos boas conversas, e ele era ótimo na escola... Foi depois disso que ele começou a se fechar.

Sallie chegou a seu final: “In the meantime, we’ll live with me ma!” e houve uma explosão de vivas e aplausos. Carmel e eu batemos palmas automaticamente. Shay levantou a cabeça e olhou em torno da sala. Por um segundo, ele pareceu um paciente saído de uma enfermaria de cancerosos: pálido e esgotado, com olheiras fundas. Depois voltou a sorrir para a história que Linda Dwyer estava lhe contando.

– O que isso tem a ver com o Kevin?

Carmel suspirou fundo e tomou mais um golinho discreto dos pêssegos falsos. O encurvamento dos ombros indicava que ela estava entrando no estágio melancólico.

– Porque é por isso que eu tinha inveja dele. De Kevin e de Jackie... As coisas foram difíceis para eles. Sei que foram. Mas nada desse tipo nunca aconteceu com eles. Nada que fizesse com que eles deixassem de ser quem eram. Eu e Shay sim.

– E eu.

Ela refletiu um pouco.

– É – admitiu ela. – E você. Mas nós também tentamos cuidar de você. Tentamos, sim, Francis. Eu sempre achei que você também não teve problemas. De qualquer modo, você teve peito para ir embora. E depois Jackie sempre nos dizia que você estava ótimo... Achei que isso queria dizer que você se mandou antes que sua cabeça fosse destruída.

– Cheguei bem perto. Mas sem prêmio de consolação.

– Só fui saber disso naquela noite no pub, quando você falou. Nós fizemos o que pudemos por você, Francis.

Dei um sorriso para ela. Sua testa era um emaranhado de pequenos sulcos ansiosos, de uma vida inteira se preocupando em saber se todos ao seu alcance estavam bem.

– Sei que você fez, querida. Ninguém poderia ter feito mais.

– E dá para você entender por que eu sentia inveja de Kevin? Ele e Jackie ainda conseguiam ser felizes. Como eu conseguia, quando era bem pequena. Não que eu desejasse que algo de ruim acontecesse com ele, Deus me livre. Eu só olhava para ele e queria ser daquele jeito também.

– Acho que isso não faz de você uma pessoa ruim, Melly – disse eu, com delicadeza. – Você não descontou isso em Kevin. Nunca na sua vida você fez alguma coisa para feri-lo. Sempre se esforçou ao máximo para garantir que ele estivesse bem. Você foi uma boa irmã para ele.

– Mesmo assim é pecado – disse Carmel. Ela contemplava entristecida a sala e oscilava, só um pouco, nos saltos altos. – A inveja. Basta você pensar que já é pecado. É claro que você sabe disso. “Abençoa-me, Padre, porque pequei, por pensamentos e palavras, atos e omissões...” Como vou conseguir dizer isso em confissão, agora que ele morreu? Eu teria vergonha da minha vida.

Enlacei-a com um braço e lhe dei um apertinho no ombro. Ela me pareceu macia e reconfortante.

– Preste atenção, querida. Eu lhe garanto com total segurança que você não vai pro inferno por causa de um tico de inveja entre irmãos. No mínimo, seria o contrário. Você receberia pontos positivos a mais com Deus por ter se esforçado tanto para superar isso, ok?

– Tenho certeza de que você está com a razão – disse Carmel, num tom

automático... anos tentando não contrariar Trevor... mas ela não me pareceu convencida. Por um segundo, tive a sensação de que, de algum modo indefinido, eu a tinha decepcionado. E então de repente ela se empertigou e se esqueceu da minha existência.

– Misericórdia! Aquilo é uma lata na mão de Louise? Louise! Venha cá!

Louise arregalou os olhos e desapareceu no meio da multidão com a velocidade de um raio. Carmel foi atrás.

Voltei a me encostar no meu canto e fiquei parado. A sala estava novamente em movimento. O Grande Tommy Murphy estava começando a cantar “The Rare Old Times”, numa voz que costumava ter o sabor de fumaça de turfa e mel. A idade tinha produzido uma aspereza nos contornos suaves, mas ele ainda conseguia fazer parar uma conversa no meio de uma frase. Mulheres levantavam o copo e balançavam com os ombros encostados umas nas outras, crianças pequenas se grudavam às pernas dos pais e enfiavam o dedo na boca para escutar. Até mesmo os colegas de Kevin baixaram a troca de histórias a um tom de sussurro. O Grande Tommy estava com os olhos fechados e a cabeça inclinada para trás, o rosto voltado para o teto. “Raised on songs and stories, heroes of renown, the passing tales and glories that once was Dublin town...” Nora, escutando debruçada no peitoril da janela, quase fez parar meu coração: era parecida demais com uma sombra de Rosie, mais apagada, de olhos entristecidos e parada, simplesmente distante demais para eu alcançar.

Desviei depressa meus olhos dela e foi nesse instante que avistei a sra. Cullen, mãe de Mandy, ali junto do santuário de Jesus-e-Kevin, imersa numa conversa com Veronica Crotty, que ainda parecia ter uma tosse que durava o ano inteiro. A sra. Cullen e eu nos dávamos bem quando eu era adolescente. Ela gostava de rir e eu sempre conseguia fazê-la rir. Dessa vez, porém, quando encontrei seu olhar e sorri, ela deu um pulo como se tivesse levado uma mordida, agarrou o cotovelo de Veronica e começou a sussurrar a toda a velocidade no seu ouvido, lançando olhares furtivos na minha direção. A família Cullen nunca soube ser sutil. Foi mais ou menos por volta dessa hora que comecei a me perguntar por que motivo Jackie não tinha me levado para cumprimentá-los assim que cheguei.

Fui procurar por Des Nolan, irmão de Julie, que tinha sido meu colega e que de algum modo não fora incluído nas apresentações de Jackie. A expressão no rosto de Des quando me viu teria sido impagável, se eu estivesse com disposição para rir. Ele deu um resmungo incoerente, apontou para um lata que não me parecia vazia e disparou na direção da cozinha.

Encontrei Jackie encurralada num canto, sem conseguir se livrar da conversa de nosso tio Bertie. Fiz uma cara de agonia, pronto para entrar em colapso, soltei-a de suas garras suarentas, manobrei-a para que entrássemos no quarto e fechei a porta atrás de nós. Agora, o quarto era da cor de pêssego, e cada superfície disponível estava coberta com pequenos bibelôs de porcelana, o que denunciava

certa falta de previsão por parte de nossa mãe. Ele cheirava a xarope para tosse e alguma outra coisa medicinal e mais forte.

Jackie deixou-se cair na cama.

– Meu Deus – disse ela, abanando-se e soprando ar. – Milhões de obrigadas. Minha nossa, sei que é errado falar pelas costas, mas será que ele não toma banho desde o dia em que nasceu?

– Jackie, o que está acontecendo?

– Do que você está falando?

– Metade das pessoas aqui não quer me dirigir a palavra. Nem mesmo me olham nos olhos, mas têm muito a dizer quando acham que eu não estou olhando. Qual é o problema?

Jackie conseguiu parecer inocente e evasiva ao mesmo tempo, como uma criança envolvida até o pescoço em negações e chocolates.

– Você viveu fora, é claro. Eles não o veem há vinte anos. Estão só um pouco contrafeitos.

– Sem essa. É porque agora sou policial?

– Ah, não. Pode ser que um pouquinho, mas... você não quer deixar isso pra lá, Francis? Você não acha que talvez esteja sendo só paranoia sua?

– Preciso saber o que está havendo, Jackie. Falo sério. Não tente me passar pra trás nisso.

– Meu Deus, relaxa, ok? Não sou nenhuma droga de suspeito. – Ela sacudiu a lata de sidra. – Você sabe se ainda tem alguma dessas?

Estendi-lhe minha Guinness, que eu mal tinha tocado.

– Agora – disse eu.

Jackie suspirou, girando a lata entre as mãos.

– Você conhece o beco, é claro. Qualquer chance de um escândalo...

– E eles se abatem sobre ele, como abutres. Como foi que me tornei o Lanche Feliz de hoje?

Ela deu de ombros, meio sem jeito.

– Rosie foi morta na noite em que você foi embora. Kevin morreu duas noites depois de você voltar. E você insistiu com os Daly para não chamar a polícia. Algumas pessoas... – E foi parando de falar por aí.

– Diga-me que você está brincando, Jackie. Diga-me que o beco não está achando que eu matei Rosie e Kevin.

– Não o beco inteiro. Só algumas pessoas. Francis, presta atenção. Acho que elas nem mesmo acreditam nisso por si mesmas. Só estão dizendo isso porque a história fica melhor... fosse por você ter ido embora, fosse por você ter se tornado um policial e tudo o mais. Não lhes dê atenção. Só estão procurando dramatizar mais a coisa, é isso.

Percebi que eu ainda estava com a lata vazia de Jackie na mão e que a tinha esmagado totalmente. Isso eu esperava do Campeão, do resto dos garanhões

alinhados da Homicídios, talvez mesmo de alguns caras da Inteligência. Não tinha esperado essa opinião de minha própria rua.

Jackie olhava ansiosa para mim.

– Sabe o que estou querendo dizer? E além do mais todas as outras pessoas que poderiam ter ferido Rosie são daqui. As pessoas não querem pensar...

– *Eu sou daqui.*

Fez-se um silêncio. Jackie estendeu a mão, hesitante, e tentou tocar no meu braço. Afastei-a com um safanão. O quarto estava pouco iluminado e parecia ameaçador, com sombras demais nos cantos. Lá fora, na sala de estar, pessoas esparsas tentavam cantar junto com o Grande Tommy: “The years have made me bitter, the gargle dims my brain, and Dublin keeps on changing; nothing seems the same...”

– As pessoas me fizeram esse tipo de acusação, na sua cara, e você as deixou entrar nesta casa?

– Não se faça de mais bronco do que é – retrucou Jackie. – Ninguém me disse uma palavra. Você acha que eles teriam coragem? Eu ia acabar com eles. São só insinuações. A sra. Nolan disse a Carmel que você sempre aparece quando acontece alguma coisa. Sallie Hearne disse a nossa mãe que você sempre foi genioso, e que ela se lembra daquela vez em que você deu um soco no nariz de Zippy...

– Porque ele estava atormentando o Kevin. Foi por isso que dei um soco em Zippy, puta merda. Quando a gente tinha uns 10 anos de idade.

– Eu sei disso. Deixa pra lá, Francis. Não lhes dê essa satisfação. Não passam de idiotas. Seria de se pensar que eles já têm na vida drama suficiente, mas essa gente sempre arruma espaço para mais um pouco. O beco, é claro.

– É, o beco – disse eu. Lá fora a cantoria estava aumentando, ficando mais forte à medida que mais pessoas se juntavam ao coro; e alguém sugeriu uma melodia: “Ring-a-ring-a-rosy as the light declines, I remember Dublin city in the rare ould’ times...”

Encostei-me na parede e passei as mãos pelo rosto. Jackie me olhava de esguelha e bebeu minha Guinness.

– Vamos voltar para a sala? – acabou ela perguntando, hesitante.

– Você chegou a perguntar a Kevin sobre o que ele queria falar comigo?

– Ah, Francis – disse ela, desanimada –, sinto muito. Eu teria perguntado, só que você disse...

– Eu sei o que eu disse.

– Então ele acabou não conseguindo falar com você?

– Não. Não consegui.

Mais um curto silêncio.

– Sinto muito mesmo, Francis – disse Jackie outra vez.

– Não foi culpa sua.

- As pessoas devem estar procurando por nós.
- Eu sei. Me dá mais um minuto e nós saímos daqui.

Jackie estendeu a lata para mim.

– Não quero essa droga. Preciso de uma bebida séria. – Abaixo do peitoril da janela havia uma tábua solta no assoalho onde Shay e eu escondíamos de Kevin nossos cigarros; e, como esperado, nosso pai a tinha encontrado também. Tirei dali uma garrafinha de vodca, ainda pela metade, tomei um gole e a ofereci a Jackie.

– Minha nossa – disse ela, realmente espantada. E por que não, né? – Ela pegou a garrafinha, tomou um gole comedido e secou o batom.

– É isso aí – disse eu. Tomei mais um bom gole e enfiei a garrafa de volta no esconderijo. – Agora vamos encerrar a multidão de linchadores.

Foi nesse instante que os sons lá de fora mudaram. A cantoria calou-se rapidamente. Daí a um segundo, o zumbido da conversa sumiu. Um homem falou com aspereza, a voz grave e raivosa; uma cadeira bateu ruidosa contra uma parede, e então minha mãe disparou no que parecia ser alguma coisa entre as lamúrias de um espírito e a sirene de um alarme de automóvel.

Meu pai e Matt Daly estavam em posição de luta, de frente um para o outro, no meio da sala de estar. O traje lilás de minha mãe estava salpicado com alguma coisa molhada, na blusa inteira, e ela ainda não tinha parado (“Eu sabia, seu imprestável, eu sabia. Uma única noite, foi só isso o que lhe pedi...”). Todos os outros tinham recuado para não atrapalhar o espetáculo. Capsei o olhar de Shay do outro lado da sala, com um encaixe instantâneo, como ímãs, e nós dois começamos a abrir caminho entre os abutres.

– Sente-se – disse Matt Daly.

– Pai – disse eu, tocando no seu ombro. Ele nem sabia que eu estava ali.

– Não me dê ordens na minha própria casa – disse ele a Matt Daly.

– Pai – disse Shay, do seu outro lado.

– Sente-se – repetiu Matt Daly, com a voz grave e fria. – Você está querendo causar uma cena.

Meu pai investiu. As técnicas realmente úteis nunca desaparecem. Eu estava em cima dele com a mesma velocidade que Shay, minhas mãos ainda sabiam o jeito certo de segurar, e minhas costas estavam retesadas e prontas, quando ele parou de lutar e relaxou os joelhos. Eu estava vermelho até a raiz dos cabelos, com uma vergonha total, causticante.

– Tirem ele daqui – disse minha mãe, com violência. Um grupo de mulheres estava ao seu redor, estalando a língua e alguém tentava limpar sua blusa com um lenço de papel, mas ela estava furiosa demais para perceber. – Anda, sai, volta para a sarjeta que é o teu lugar. Eu nunca deveria ter te tirado de lá... filho da mãe, no velório do teu próprio filho, que falta de respeito...

– Megera! – vociferou meu pai por cima do ombro, enquanto o

carregávamos com segurança porta afora. – Filha da mãe de merda!

– Pelos fundos – disse Shay, depressa. – Os Daly saem pela frente.

– Matt Daly que se foda – disse-nos nosso pai, enquanto descíamos a escada – e Tessie Daly que se foda. E vocês dois que se fodam. De vocês três, Kevin era o único que valia o ar que respirava.

Shay deu uma risada áspera, picotada. Seu grau de exaustão parecia perigoso.

– Nisso é provável que você tenha razão.

– O melhor de todos – disse meu pai. – Meu menino de olhos azuis. – E começou a chorar.

– Você não queria saber como ele estava? – perguntou-me Shay. Seus olhos, encontrando os meus por cima da nuca de nosso pai, pareciam chamas de um bico de Bunsen. – Cá está sua chance de descobrir. Aproveite. – Com destreza, ele abriu a porta com um único pé, largou nosso pai no patamar e voltou a subir a escada.

Meu pai ficou onde foi largado, soluçando voluptuosamente, emitindo um ou outro comentário sobre a crueldade da vida e adorando aquilo tudo. Encostei-me na parede e acendi um cigarro. O sombrio clarão laranja, vindo de nenhum lugar especial, conferia ao quintal um ar hostil no estilo Tim Burton. A casinha onde ficava a latrina ainda estava ali, com algumas tábuas faltando e inclinada num ângulo impossível. Atrás de mim a porta do hall bateu com violência: os Daly indo para casa.

Depois de um tempo, sua capacidade de atenção se esgotou, ou seu traseiro ficou gelado. Ele baixou o tom do escândalo, limpou o nariz na manga e procurou uma posição mais confortável no patamar, encolhendo-se.

– Dá aí um cigarro.

– Por favor também se usa.

– Sou seu pai e eu disse para me dar um cigarro.

– Tanto faz – disse eu, estendendo-lhe um. – Sempre dou, quando é por uma boa causa. Você contrair câncer de pulmão decididamente se encaixa.

– Você sempre foi um moleque arrogante – disse meu pai, aceitando o cigarro. – Eu deveria ter dado um chute na sua mãe, para ela cair da escada, quando disse que estava esperando.

– E é provável que tenha chutado mesmo.

– Não me venha com essa. Nunca encostei um dedo em vocês, a menos que merecessem.

Ele tremia demais para conseguir acender o cigarro. Sentei ao seu lado na escada, peguei o isqueiro e acendi para ele. Seu cheiro era de nicotina rançosa, Guinness rançosa, com uma pequena nota picante de gim. Todos os nervos na minha coluna ainda estavam paralisados de medo dele. O fluxo da conversa que saía pela janela acima de nós estava começando a ser retomado, de modo

constrangido, entrecortado.

– Qual é o problema com suas costas?

– Não é da sua conta – respondeu ele, depois de soltar uma longa baforada.

– Só estou puxando conversa.

– Você nunca foi disso. Não sou um bronco. Não me trate como se fosse.

– Nunca achei que você fosse – disse eu, falando sério. Se tivesse passado mais tempo estudando e menos tempo adquirindo o hábito da bebida, meu pai poderia ter tido uma chance de competir. Quando eu tinha 12 anos mais ou menos, estudamos a Segunda Guerra Mundial na escola. O professor era um homossexual enrustido, mal-humorado, que achava que crianças de bairros pobres eram burras demais para entender algo tão complexo. Por isso, ele nem se dava ao trabalho de tentar. Meu pai, que por acaso estava sóbrio naquela semana, foi quem se sentou comigo e traçou diagramas a lápis, na toalha de mesa da cozinha, pegou os soldados de chumbo de Kevin para representar os exércitos e me contou a história inteira, com tanta clareza e animação que ainda me lembro de cada detalhe, como se tivesse visto o filme. Uma das tragédias de meu pai sempre foi o fato de ele ser inteligente o bastante para compreender como havia destruído sua vida de modo tão avassalador. Ele teria sido muito mais feliz se fosse burro como uma porta.

– Por que você ia se importar com minhas costas?

– Curiosidade. E, se alguém for me pedir para participar do pagamento de um asilo, seria bom saber com antecedência.

– Eu não lhe pedi nada. E não vou para asilo nenhum. Antes disso, dou um tiro na cabeça.

– Boa decisão. Não vá deixar para quando for tarde demais.

– Eu não lhe daria essa satisfação.

Ele deu mais uma longa tragada no cigarro e ficou olhando as fitas de fumaça saírem da boca em espirais.

– Que história foi aquela lá em cima? – perguntei.

– Uma coisa e outra. Assunto de homem.

– Que quer dizer o quê? Matt Daly roubou alguma coisa?

– Ele não devia ter entrado na minha casa. Muito menos nesta noite.

O vento passava afunilado pelos quintais, batia nas paredes da latrina. Por uma fração de segundo, vi Kevin, bem na noite anterior, jogado todo roxo, branco e amassado, a quatro quintais dali. Em vez de sentir raiva, aquilo só fez com que eu sentisse que pesava 130 quilos; como se eu fosse forçado a ficar ali a noite inteira, porque eram nulas minhas chances de conseguir me levantar daquele degrau sozinho.

Depois de um tempo, meu pai falou.

– Você se lembra daquela tempestade? Você devia ter, sei lá, 5 ou 6 anos. Eu levei você e seu irmão lá para fora. Sua mãe teve um ataque.

– Eu me lembro, sim – disse eu. Tinha sido aquele tipo de noite de verão sufocante, em que ninguém consegue respirar e as brigas irrompem do nada. Quando o primeiro trovão estourou, meu pai deu uma enorme gargalhada, um rugido de alívio. Ele me apanhou num braço e Shay no outro e desceu correndo a escada, com minha mãe berrando furiosa atrás de nós. Ele nos segurou no alto, para ver os raios tremeluzindo acima das chaminés, e disse para não termos medo do trovão, porque ele era só o raio que esquentava o ar com a velocidade de uma explosão. E disse para não termos medo de nossa mãe, que estava debruçada para fora da janela, com a voz cada vez mais esganiçada. Quando uma pancada de chuva por fim nos atingiu, ele jogou a cabeça para trás, com o rosto voltado para o céu de um cinza violáceo, e nos girou um monte de vezes, na rua vazia, Shay e eu rindo aos berros como criaturas selvagens, enormes gotas de chuva batendo no nosso rosto, a eletricidade fazendo estalar nosso cabelo, os trovões abalando o chão e ribombando através dos ossos de nosso pai até os nossos próprios.

– Foi uma boa tempestade – disse meu pai. – Uma boa noite.

– Ainda me lembro do cheiro. Do gosto.

– Foi. – Ele deu uma tragada minúscula no cigarro e jogou a guimba numa poça. – Vou lhe dizer o que eu quis fazer naquela noite. Eu teria adorado pegar vocês dois e me mandar. Me embrenhar nas montanhas, morar lá. Roubar uma barraca e uma arma em algum lugar, viver daquilo que conseguíssemos caçar. Sem mulheres a nos importunar, sem ninguém dizendo que não estávamos à altura, sem ninguém oprimindo o trabalhador. Vocês eram dois bons garotos, você e o Kevin. Meninos bons e fortes, prontos para qualquer coisa. Eu diria que teríamos nos saído muito bem.

– Naquela noite, era eu e Shay.

– Você e Kevin.

– Não. Eu ainda era tão pequeno que você conseguia me levantar. Isso quer dizer que Kevin teria sido um bebê. Se é que já tivesse nascido.

Meu pai pensou nisso um pouco.

– E você que se dane, de qualquer modo – disse ele. – Você sabe o que foi isso? Essa era uma das minhas melhores lembranças do meu filho morto. Por que você tinha de ser um pentelho e arrancá-la de mim?

– O motivo pelo qual você não tem nenhuma lembrança de verdade de Kevin é que, quando ele nasceu, seu cérebro já era basicamente um purê de batatas. Se quiser me explicar exatamente como isso foi culpa minha, sou todo ouvidos.

Ele respirou fundo, preparando-se para me atirar sua melhor frase de impacto, mas isso só provocou um acesso de tosse que quase o derrubou de cima do patamar dos fundos. De repente senti nojo de nós dois. Eu tinha passado os dez últimos minutos me preparando para lhe dar um soco na cara. Levei todo esse tempo para ver que eu não estava brigando com alguém do meu tamanho.

Ocorreu-me que só me restavam uns três minutos no raio de alcance daquela casa, antes de eu perder o juízo.

– Aqui – disse eu, estendendo-lhe mais um cigarro. Meu pai ainda não conseguia falar, mas ele o aceitou com a mão trêmula. – Aproveite – disse eu, deixando-o com o cigarro.

Lá em cima, o Grande Tommy tinha retomado a cantoria. A noite tinha chegado ao estágio em que as pessoas passavam da Guinness para os destilados, e nós estávamos combatendo os britânicos. “No pipe did hum nor battle drum did sound its loud tattoo, but the Angelus bell o’er the Liffey’s swell rang out through the foggy dew...”

Shay tinha desaparecido, da mesma forma que Linda Dwyer. Carmel estava encostada na lateral do sofá, cantarolando junto, com um braço em torno de Donna, já meio adormecida, e a outra mão no ombro de nossa mãe.

– Nosso pai está lá fora nos fundos – disse eu, baixinho, no seu ouvido. – Mais cedo ou mais tarde, alguém deveria ver como ele está. Preciso me mandar. – Carmel girou a cabeça, espantada, mas eu levei um dedo à boca e fiz um gesto na direção de nossa mãe. – Psiu. Logo vamos nos ver. Eu prometo.

Saí antes que qualquer outra pessoa pudesse descobrir alguma coisa a me dizer. A rua estava escura, com apenas uma luz acesa nos Daly e uma no apartamento dos estudantes cabeludos. Todos os outros estavam dormindo ou estavam na nossa casa. A voz do Grande Tommy saía pela janela iluminada da nossa sala, fraca e atemporal através da vidraça. “As back through the glen I rode again, my heart with grief was sore, for I parted then with valiant men whom I never shall see more...” A música me acompanhou ao longo de toda a subida do Faithful Place. Mesmo quando virei a esquina para seguir pela Smith’s Road, achei que ainda o ouvia, por baixo do burburinho dos carros que passavam, cantando do fundo do seu coração.

Peguei meu carro e fui a Dalkey. Era tarde o suficiente para a rua estar escura e num silêncio de arrepiar, todo mundo bem aconchegado em seus lençóis de alta contagem de fios. Estacionei à sombra de uma árvore discreta e fiquei ali sentado um tempo, olhando para a janela do quarto de Holly e pensando em noites em que tinha voltado tarde do trabalho para aquela casa, estacionado na entrada de carros como era meu direito e girado minha chave na fechadura, sem fazer barulho. Olivia costumava me deixar alguma coisa no balcão do café da manhã: sanduíches criativos e pequenos bilhetes, bem como qualquer coisa que Holly tivesse desenhado naquele dia. Eu comeria os sanduíches, sentado diante do balcão, olhando para os desenhos à luz que entrava pela janela da cozinha e escutando os sons da casa por baixo da espessa camada de silêncio. O zumbido da geladeira, o vento nos beirais, a suave respiração das minhas garotas. Depois eu escrevia para Holly um bilhete para ajudá-la com a leitura (“OLÁ, HOLLY, ESSE TIGRE ESTÁ MUITO, MUITO BOM! QUER ME DESENHAR UM URSO HOJE? COM MUITO AMOR, PAPAÍ”) e eu lhe daria um beijo de boa-noite quando estivesse indo dormir. Holly dorme espalhada de costas, ocupando a maior área possível. Naquela época, pelo menos, Liv dormia enroscada, deixando meu lugar pronto. Quando eu entrava na cama, ela murmurava alguma coisa e se encostava em mim, procurando minha mão para pôr meu braço sobre ela.

Comecei telefonando para o celular de Olivia, para não acordar Holly. Quando ela o deixou tocar até cair no correio de voz três vezes seguidas, resolvi ligar para o fixo.

Olivia atendeu ao primeiro toque.

– *O que foi, Frank?*

– Meu irmão morreu.

Silêncio.

– Meu irmão Kevin foi encontrado morto hoje de manhã.

Daí a um instante, seu abajur da cabeceira se acendeu.

– Meu Deus, Frank Sinto muito. O que aconteceu...? Como foi...?

– Estou aqui do lado de fora – disse eu. – Dá para você abrir a porta para mim?

Mais silêncio.

– Eu não sabia a que outro lugar poderia ir, Liv.

Uma respiração, não bem um suspiro.

– Espere um instante. – Ela desligou. Sua sombra passou por trás das cortinas do quarto, braços entrando em mangas, mãos passando pelo cabelo.

Ela veio à porta num roupão branco surrado, com uma camisola de malha

azul aparecendo por baixo, o que supostamente significava que pelo menos eu não a tinha arrancado de uma cama ardente com Dermo. Ela levou um dedo à boca e conseguiu me levar para a cozinha, sem tocar em mim.

– O que houve?

– No fim da nossa rua, há uma casa em ruínas. A mesma casa em que Rosie foi achada. – Olivia estava apanhando um banco e cruzando as mãos sobre o balcão, pronta para escutar, mas eu não consegui me sentar. Não parei de andar apressado de um lado a outro da cozinha. Eu não tinha como parar. – Encontraram o Kevin lá hoje de manhã, no quintal dos fundos. Ele caiu de uma janela do andar de cima. E quebrou o pescoço.

Vi que Olivia engoliu em seco. Fazia quatro anos desde a última vez que eu tinha visto seu cabelo solto – ela só o solta para dormir – e aquilo foi mais um chute veloz e doloroso sobre minha concepção da realidade.

– Com 37 anos de idade, Liv. Ele tinha meia dúzia de garotas com quem saía, porque ainda não estava pronto para compromisso. Queria ver a Grande Barreira de Corais.

– Meu Deus, Frank Foi... como...?

– Ele caiu, ele pulou, alguém o empurrou, pode escolher. Para começo de conversa, não faço ideia do motivo para ele estar naquela casa, muito menos de como ele caiu dela. Não sei o que fazer, Liv. Não sei o que fazer.

– Você precisa fazer alguma coisa? Não vai haver uma investigação?

– Ah, sim – disse eu, rindo. – Sempre há. A equipe da Homicídios já pegou o caso. Não que haja qualquer sinal de que se trate de um homicídio, mas por causa da ligação com Rosie: mesmo local, a hora estimada. O caso agora é do Campeão Kennedy.

O rosto de Olivia fechou-se mais um pouco. Ela conhece o Campeão e não gosta especialmente dele, ou então não gosta especialmente de mim quando estou por perto dele.

– Você gostou? – indagou ela, educadamente.

– Não. Não sei. De início, pensei, é, ótimo, podia ser muito pior. Sei que o Campeão é um pontapé nas canelas, Liv, mas ele não desiste, e nós precisávamos disso nesse caso. Toda essa história da Rosie estava mais fria do que o polo Norte. De dez caras da Homicídios, nove teriam jogado o caso para o arquivo morto tão rápido que você nem enxergaria; só para poderem passar para algum caso que tivessem uma mínima esperança de resolver. O Campeão não estava pretendendo fazer isso. Eu achava que isso era positivo.

– Mas como...?

– Ora... O cara é um verdadeiro pit bull, Liv. Nem de longe ele tem a inteligência que pensa ter; e, uma vez que agarre alguma coisa, ele não a solta, mesmo que ela seja totalmente equivocada. E agora...

Eu tinha parado de me movimentar. Encostei-me na pia e passei as mãos

pelo rosto. Respirei fundo, de boca aberta, através dos dedos. As lâmpadas ecologicamente corretas estavam se acendendo, conferindo à cozinha arestas brancas, zumbidos e um ar de perigo.

– Vão dizer que Kevin matou Rosie, Liv. Vi a expressão do Campeão. Ele não disse, mas é isso o que está pensando. Vão dizer que Kev matou Rosie e depois se matou quando achou que estávamos chegando perto de descobrir.

A ponta dos dedos de Olivia estava tocando na boca.

– Meu Deus. Por quê? Eles... O que os leva a pensar... *Por quê?*

– Rosie deixou um bilhete... a metade de um bilhete. A outra metade apareceu no corpo de Kevin. Qualquer pessoa que o empurrou daquela janela poderia tê-lo posto ali, mas não é assim que o Campeão raciocina. Ele acha que tem uma explicação óbvia e uma bela solução dupla, caso encerrado, nenhuma necessidade de interrogatórios, mandados, julgamento nem nada desses procedimentos interessantes. Para que complicar a vida? – Afastei-me da pia e voltei a andar de um lado para o outro. – Ele é da Homicídios. A Homicídios é um monte de cretinos de merda. Eles só conseguem enxergar o que estiver arrumado em linha reta, diante do seu nariz. Peça que olhem só 2 centímetros para fora dessa linha, só uma vez na vida, e eles ficam perdidos. Se passassem meio dia na Inteligência, todos eles morreriam.

Olivia alisou uma longa mecha de cabelo louro cinza e ficou olhando enquanto ela voltava à forma natural.

– Suponho que, uma boa parte do tempo, a explicação direta seja a certa.

– É. Certo. Maravilha. Tenho certeza de que é. Mas dessa vez, Liv, dessa vez ela está errada. Dessa vez, a explicação direta é uma droga de uma farsa.

Por um segundo, Olivia não disse nada, e eu me perguntei se ela teria percebido *quem* deveria ter sido considerado a explicação mais simples, até o instante em que Kev deu seu mergulho mortal.

– Faz muito tempo desde a última vez que você viu Kevin – disse ela, então, com muito cuidado. – Você pode ter certeza absoluta...?

– Sim, sim, sim. Tenho certeza. Passei os últimos dias com ele. Ele era o mesmo cara que conheci quando éramos crianças. O cabelo melhor, com mais alguns centímetros de altura, mais corpo, mas era o mesmo cara. Não dá pra gente se enganar com isso. Sei de tudo que era importante a respeito dele, e ele não era um assassino, nem um suicida.

– Você tentou dizer isso ao Campeão?

– É claro que tentei. Foi o mesmo que falar com as paredes. Não era o que queria ouvir, e ele não ouviu.

– E falar com o superior dele? Ele escutaria?

– Não. Deus do céu, não. Essa é a pior coisa que eu poderia fazer. O Campeão já me disse para não invadir seu território e vai ficar de olho em mim para ter certeza de que fico de fora. Se eu passar por cima dele e tentar me

intrometer, especialmente de uma forma que poderia prejudicar seu precioso índice de solução de casos, ele só fincará sua posição com mais firmeza. E então o que eu faço, Liv? O que eu faço?

Olivia me observava, olhos cinzentos, pensativos, cheios de cantos ocultos.

– Talvez o melhor que você possa fazer seja deixar pra lá, Frank – disse ela, com delicadeza. – Só por um tempo. Não importa o que digam, não vai atingir o Kevin agora. Quando a poeira assentar...

– Não. Nem pensar. Não vou ficar parado assistindo enquanto eles o transformam no bode expiatório, só porque ele está morto. Ele pode não ser capaz de lutar, mas eu posso muito bem fazer isso por ele.

– Papai? – disse uma vozinha.

Nós dois demos um pulo de quase 2 metros de altura. Holly estava ali no portal, com uma camisola grande demais da Hannah Montana, uma das mãos na maçaneta da porta e os dedos dos pés encolhidos no piso frio.

– Volte para a cama, meu amor – disse Olivia, depressa. – Mamãe e papai estão só conversando.

– Você disse que alguém morreu. Quem morreu?

Ai, meu Deus.

– Está tudo bem, querida – disse eu. – É só uma pessoa que eu conheço.

Olivia foi para junto dela.

– Estamos no meio da noite. Vá dormir. De manhã conversamos sobre isso. – Ela tentou virar Holly de volta para a escada, mas Holly se agarrou à maçaneta da porta e firmou os pés no chão.

– Não! Papai, quem *morreu*?

– Para a cama. Agora. Amanhã podemos...

– Não! Eu quero *saber*!

Mais cedo ou mais tarde eu teria de explicar. Graças a Deus ela já sabia o que era a morte: peixinhos ornamentais, um hamster, o avô de Sarah. Eu não teria tido condições de dar essa explicação, ainda por cima de tudo.

– Sua tia Jackie e eu temos um irmão – disse eu, preferindo mencionar dessa vez apenas um parente perdido. – Tínhamos. Ele morreu hoje de manhã.

– Seu irmão? – disse Holly, com o olhar espantado e um pequeno tremor na voz. – Tipo, meu tio?

– Sim, queridinha. Seu tio.

– Qual deles?

– Nenhum dos que você conhece. Esses são irmãos da sua mãe. Esse era seu tio Kevin. Você nunca o conheceu, mas acho que vocês dois teriam gostado um do outro.

Por um segundo, aqueles olhos de butano ficaram enormes. Depois, o rosto de Holly se encolheu, a cabeça foi jogada para trás e ela deu um grito incontrolável de pura agonia.

– *Nããããõ!* Não, mamãe, não, mamãe, não...

O grito foi se dissolvendo em fortes soluços dilacerantes, e ela escondeu o rosto no corpo de Olivia. Olivia se ajoelhou no chão e envolveu Holly num abraço, murmurando sons tranquilizadores, sem palavras.

– Por que ela está chorando? – perguntei.

Eu estava realmente pasmo. Depois dos últimos dias, minha cabeça tinha se desacelerado a um passo de tartaruga. Foi só quando vi o rápido olhar de relance de Olivia, furtivo e culpado, que percebi que alguma coisa estava acontecendo.

– Liv – disse eu. – Por que ela está chorando?

– Agora não. Psiu, querida, psiu... está tudo bem...

– *Nãããõ!* Não está tudo bem! – A criança tinha razão.

– Agora, sim. Por queargas-d'água ela está *chorando*?

Holly ergueu do ombro da mãe o rosto vermelho e molhado.

– O tio *Kevin!* – gritou ela. – Ele me mostrou o Super Mario Bros e ia me levar com a tia Jackie para ver a apresentação de Natal!

Ela tentou continuar a falar, mas sua voz foi inundada por mais um tsunami de lágrimas. Sentei-me com força num banco do balcão. Olivia mantinha seus olhos desviados dos meus e embalava Holly para lá e para cá, afagando sua cabeça. Eu também gostaria de ter tido o mesmo tratamento, de preferência de alguém com seios fartos e uma enorme cabeleira para me envolver.

Holly acabou se esgotando e passou para o estágio de tremores e arquejos. Liv a conduziu delicadamente para a cama, no andar de cima. Seus olhos já estavam se fechando. Enquanto elas estavam lá em cima, procurei uma boa garrafa de Chianti no rack para vinhos – Olivia não tem estoque de cerveja, agora que não moro mais lá – e a abri. Sentei-me então na banquetta, de olhos fechados, recostando a cabeça na parede da cozinha, escutando os barulhinhos tranquilizadores de Olivia lá em cima e tentando descobrir se alguma vez na vida eu tinha sentido tanta raiva.

– Então – disse eu, em tom simpático, quando Olivia voltou. Tinha aproveitado a oportunidade para vestir sua armadura de mamãe gostosa: jeans impecáveis e um casaco de caxemira caramelo, bem como uma expressão de virtude. – Acho que mereço uma explicação, não acha?

Ela olhou de relance para meu copo, com as sobrancelhas subindo delicadamente.

– E um gole, aparentemente.

– Ah, não, não. Alguns goles. Estou só começando.

– Suponho que você não esteja pensando que poderá dormir aqui, se ficar bêbado demais para dirigir.

– Liv, normalmente eu adoraria brigar com você em todas as frentes que você escolhesse para desviar minha atenção, mas hoje acho que devo lhe dar um aviso. Vou me manter focado na questão. Como pode ter acontecido de Holly

conhecer Kevin?

Olivia começou a puxar o cabelo para trás, enrolando um elástico nele, com gestos hábeis e firmes. Estava evidente que ela decidira agir com frieza, calma e moderação.

– Decidi que Jackie poderia apresentá-los.

– Ah, acredite em mim, vou ter uma conversinha com Jackie. Até posso entender como você poderia ser ingênua o suficiente para achar essa ideia interessante, mas Jackie não tem desculpa. Foi só o Kevin, ou toda a maldita família Addams? Diga-me que foi só o Kevin, Liv. Por favor.

Olivia cruzou os braços e se encostou na parede da cozinha. Sua postura de combate. Eu a tinha visto tantas vezes.

– Os avós, os tios, a tia e os primos.

Shay. Minha mãe. Meu pai. Nunca bati numa mulher. Só percebi que estava pensando nisso quando senti minha mão apertando com força a borda acolchoada da banquetta.

– Jackie levou-a lá para o lanche, numa noite ou outra, depois da escola. Ela conheceu sua família, Frank Não é o fim do mundo.

– Minha família não é de se *conhecer*, mas de abrir hostilidades, levando um lança-chamas e usando uma armadura de corpo inteiro. Exatamente quantas “uma noite ou outra” Holly passou *conhecendo minha família*?

– Não anotei. – Um pequeno dar de ombros. – Doze, 15? Talvez 20.

– Por quanto tempo?

Essa causou um tremor de culpa nos cílios.

– Mais ou menos um ano.

– Você fez com que minha filha mentisse para mim por um ano.

– Nós dissemos a ela...

– Um ano. Todos os fins de semana há um ano, eu pergunto a Holly o que ela fez esta semana, e ela me conta um imenso monte fumegante de bosta.

– Nós dissemos a ela que precisaria ser segredo por um tempo, porque você tinha brigado com a família. Só isso. Nós íamos...

– Você pode chamar de guardar segredo, pode chamar de mentir, pode chamar da porra que você quiser. É o que minha família faz com maior competência. É um talento inato, uma dádiva de Deus. Meu plano era manter Holly à maior distância possível, esperar que ela de algum modo superasse a probabilidade genética e crescesse para ser um ser humano adulto honesto, saudável, não deformado. Isso lhe parece um exagero, Olivia? Realmente parece que estou pedindo demais?

– Frank, você vai acordá-la de novo se...

– Em vez disso, você a larga bem no meio de tudo. E vejam, senhoras e senhores, surpresa, a próxima coisa que acontece é que ela está agindo exatamente como uma merda de um Mackey. Ela se acostumou a mentir como

um patinho na água. Com você a incentivando a cada passo do caminho. Que baixeza, Liv. Realmente. Essa é praticamente a coisa mais baixa, mais suja, mais torpe de que ouvi falar.

Pelo menos ela teve a elegância de enrubescer.

– Nós íamos lhe contar, Frank. Pensamos que, quando você visse como tudo estava dando tão certo...

Eu ri, alto o suficiente para Olivia se encolher.

– Meu Deus, Liv! Você chama isso de *dar certo*? Corrija se eu não estiver enxergando alguma coisa, mas, até onde eu consiga ver, toda essa confusão dos diabos está muito, muito longe de dar certo.

– Pelo amor de Deus, Frank, não é como se nós soubéssemos que Kevin ia...

– Você sabia que eu não a queria perto deles. Isso deveria ter sido mais que o suficiente. O que mais você precisava saber? – Olivia estava cabisbaixa e seu queixo estava retesado igualzinho ao de Holly. Estendi a mão, de novo, para a garrafa e captei um chispar dos seus olhos, mas ela conseguiu não dizer nada, e eu reabasteci meu copo generosamente, deixando transbordar um pouco no belo balcão de ardósia. – Ou será que foi por esse motivo que você fez isso, porque sabia que eu me opunha totalmente? Você está assim tão furiosa comigo? Ora, Liv. Eu aguento. Vamos pôr tudo às claras. Gostou de me fazer de bobó? Deu umas boas risadas com isso? Você realmente jogou Holly no meio de um bando de doidos de pedra só para me contrariar?

Essa fez com que ela se empertigasse.

– Não se *atreva*. Eu nunca faria *nada* para ferir Holly, e você sabe disso. Nunca.

– Então por quê, Liv? Por quê? O que nesta terra de Deus poderia ter feito isso parecer uma boa ideia?

Olivia respirou rápido pelo nariz e reassumiu o controle. Ela tem prática.

– Eles também são a família dela, Frank – disse, sem se alterar. – Ela não parava de perguntar. Por que não tinha duas avós como todas as amigas, se você e Jackie tinham mais irmãos e irmãs, por que ela não podia ir vê-los...

– *Cascata*. Acho que ela me perguntou pelo meu lado *só uma vez*, na vida inteira.

– Verdade, e sua reação a ensinou a não lhe perguntar de novo. Em vez disso, ela perguntava a mim, Frank. Perguntava a Jackie. Ela queria saber.

– Quem está se lixando para o que ela quer? Ela tem 9 anos de idade. Ela também quer um filhote de leão e uma dieta de pizza e M&Ms vermelhos. Você também vai lhe dar essas coisas? Nós somos os pais dela, Liv. Supostamente, devíamos lhe dar o que é bom para ela, não tudo o que ela quer.

– Frank, *psiu*. Por que cargas-d'água isso deveria ser ruim para ela? A única coisa que você chegou a me dizer da sua família era que você não queria voltar a entrar em contato com eles. Não foi como se você me tivesse dito que eles eram

um bando de assassinos armados com machados. Jackie é um amor, ela sempre foi ótima com Holly e disse que os outros parentes eram pessoas perfeitamente legais...

– E você aceitou o que ela disse? Jackie vive nas nuvens, Liv. Ela acha que Jeffrey Dahmer só precisava conhecer uma garota boazinha. Desde quando ela toma decisões sobre como criar nossa filha?

Liv começou a dizer alguma coisa, mas eu comecei a agredi-la mais pesado com palavras, até ela desistir e amarrar a cara.

– Estou com nojo, Liv, fisicamente com nojo. Esse é o *único* lugar em que pensei que poderia contar com seu apoio. Você sempre achou que minha família não era boa o suficiente para você. O que a faz pensar que ela seja boa o suficiente para Holly?

Olivia finalmente perdeu o controle.

– Quando foi que eu disse isso, Frank? *Quando?* – Fiquei olhando, espantado. Ela estava lívida de raiva, com as mãos para trás empurrando a porta, respirando com dificuldade. – Se  *você*  acha que sua família não é boa o suficiente, se  *você*  tem vergonha deles, é seu problema, não meu. Não me atribua isso. Eu nunca disse isso uma única vez. Eu nunca  *pensei*  isso. Nunca.

Ela girou nos calcanhares e abriu a porta. Fechou-a atrás de si, com um estalido que, se não tivesse sido por Holly, teria sido uma batida de tremer a casa.

Fiquei ali sentado um pouco, boquiaberto diante da porta como um idiota e sentindo as células do meu cérebro colidirem como carrinhos de bate-bate. Então, apanhei a garrafa de vinho, mais um copo e fui atrás de Olivia.

Ela estava no jardim de inverno, no sofá de vime, com as pernas dobradas por baixo do corpo e as mãos enfiadas nas mangas. Não olhou mas, quando eu lhe estendi um copo, liberou uma das mãos e o aceitou. Servi para cada um de nós uma quantidade de vinho que poderia ter afogado um pequeno animal e me sentei ao seu lado.

Ainda chovia, gotas pacientes, implacáveis, ricocheteando na vidraça, e uma corrente gelada estava se infiltrando por alguma fresta e se espalhando como fumaça pelo aposento. Flagrei-me fazendo uma anotação mental, mesmo depois de todo esse tempo, para me lembrar de procurar a tal fresta e fechá-la com massa de vidraceiro. Olivia bebericou seu vinho e eu fiquei olhando seu reflexo na vidraça, os olhos sombreados, concentrados em alguma coisa que só ela podia ver.

– Por que você nunca disse nada? – perguntei depois de um tempo.

– Sobre o quê? – respondeu ela, sem virar a cabeça.

– Tudo isso. Mas vamos começar com o motivo pelo qual você nunca me disse que minha família não a incomodava.

– Você nunca parecia muito disposto a falar sobre eles – disse ela, dando de ombros. – E eu achei que não era necessário dizer. Por que eu haveria de ter

algun problema com gente que eu nem conhecia?

– Liv, faça-me um favor. Não banque a bobinha. Estou cansado demais para isso. Aqui nós estamos em território de *Desperate Housewives*, aqui num jardim de inverno, pelo amor de Deus. Fui criado muito longe de jardins de inverno. Minha família é mais do tipo de *As cinzas de Ângela*. Enquanto seu pessoal está no jardim de inverno bebericando Chianti, o meu pessoal está lá numa casa de cômodos, decidindo em que cachorro vai apostar o dinheiro do auxílio-desemprego.

Isso causou um levíssimo tremor nos seus lábios.

– Frank, eu sabia que você era da classe operária na hora em que abriu a boca. Você nunca fez disso um segredo. Mesmo assim eu saí com você.

– É. Lady Chatterley gosta de um pouco de grossura. – O tom de rancor surpreendeu a nós dois. Olivia voltou-se para olhar para mim. À luz fraca que chegava até ali da cozinha, seu rosto parecia alongado, triste e belo, como uma imagem num santinho.

– Você nunca achou isso.

– Não – admiti eu, depois de um instante. – Pode ser que não.

– Eu quis você. Foi simples assim.

– Era simples desde que minha família estivesse fora de cena. Você podia me querer, mas nunca quis meu tio Bertie, que começa concursos de quem solta o peido mais barulhento; ou minha tia-avó Concepta, que vai lhe explicar como estava sentada no ônibus atrás de um grupo de escurinhos e que você precisava ver a cabeça deles; ou ainda minha prima Natalie que fez bronzeamento artificial no filho de 7 anos, para sua Primeira Comunhão. Eu consigo ver como eu, sozinho, não provocaria ataques cardíacos aos vizinhos, talvez só umas palpitações brandas, mas nós dois sabemos como o resto do clã seria encarado pelos companheiros de golfe do seu pai ou pelo clube de *brunch* da sua mãe. Um clássico do YouTube, instantâneo.

– Não vou fingir que não é verdade. Ou que nunca tenha me ocorrido. – Ela se calou por um tempo, girando o copo nas mãos. – No começo, sim, achei que o fato de você não estar em contato com eles talvez facilitasse as coisas. Não que eles não fossem bons o suficiente, só facilitava as coisas. Mas depois que Holly nasceu... ela mudou meu jeito de pensar sobre tudo, Frank, tudo. Eu queria que ela os conhecesse. São sua família. Isso tem prioridade sobre os hábitos de bronzeamento artificial deles.

Recostei-me no sofá, bebi mais vinho e tentei reorganizar minha cabeça para abrir espaço para essa informação. Ela não deveria ter me atordoado de modo tão terrível, pelo menos não àquele ponto. Olivia sempre foi um enorme mistério para mim, a cada instante de nosso relacionamento e em especial nos momentos em que eu achava que a compreendia mais.

Quando nos conhecemos, ela era advogada na Promotoria Pública. Queria

processar um traficante de heroína de quinta categoria chamado Pippy, que tinha sido apanhado numa batida da Divisão de Narcóticos, enquanto eu queria deixar que ele seguisse livre por seu caminho, pelo motivo de eu ter passado o último mês e meio tornando-me o novo melhor amigo de Pippy e porque achava que não tínhamos esgotado suas muitas possibilidades interessantes. Fui fazer uma visita a Olivia no escritório, para convencê-la pessoalmente. Discutimos por uma hora. Sentei-me à sua mesa, gastei seu tempo e a fiz rir; e então, quando ficou tarde, levei-a para jantar, para podermos continuar a discutir confortavelmente. Pippy conseguiu mais alguns meses de liberdade; e eu, um segundo encontro.

Ela era demais: terninhos elegantes, sombra discreta e modos impecáveis. O raciocínio afiadíssimo, pernas que simplesmente pareciam não terminar, a coluna vertebral de aço e uma aura de iniciativa e determinação que quase dava para sentir o sabor. Casamento e filhos eram as últimas coisas na sua cabeça, o que, no que me dizia respeito, era um dos fundamentos de qualquer bom relacionamento. Eu estava acabando de me desenredar de mais um deles – o sétimo ou talvez oitavo, não sei –, que tinha começado cheio de entusiasmo e depois se afundou na estagnação e queixas mais ou menos um ano, quando minha falta de intenções se tornou clara para ambos. Se a pílula fosse infalível, Liv e eu teríamos seguido o mesmo caminho. Em vez disso, ganhamos um casamento na igreja, com tudo a que se tem direito, uma recepção num hotel numa casa de campo, uma casa em Dalkey e Holly.

– Nunca me arrependi por um segundo que fosse – disse eu. – E você?

Ela demorou um instante, para decidir o que eu queria dizer ou para decidir que resposta dar.

– Eu também não – disse ela, então.

Estendi a mão e cobri a dela, que estava pousada no colo. O pulôver de caxemira era macio e velho, e eu ainda conhecia a forma da sua mão como conhecia a minha. Depois de um tempo, entrei na sala de estar, apanhei uma manta do sofá e envolvi os ombros de Olivia com ela.

– Ela queria tanto saber a respeito deles – disse Olivia, sem olhar para mim. – E eles são parentes dela, Frank. A família é *importante*. É um direito dela.

– E eu tenho o direito de me fazer ouvir. Ainda sou o pai dela.

– Eu sei. Eu deveria ter lhe contado. Ou respeitado sua vontade. Mas... – Ela abanou a cabeça, contra o encosto do sofá. Os olhos estavam fechados, e a penumbra lançava sombras como grandes hematomas abaixo deles. – Eu sabia que, se tocasse no assunto, a conversa ia virar uma enorme discussão. E eu não tinha a energia. Por isso...

– Minha família é fodida em estágio terminal, Liv. Sob tantos aspectos que nem dá para começar a falar. Não quero que Holly acabe parecida com eles.

– Holly é uma menina feliz, saudável, equilibrada. Você sabe que ela é. O contato não estava lhe fazendo mal algum. Ela adorava visitá-los. Isso...

Ninguém poderia ter previsto uma coisa dessas.

Eu me perguntei, fatigado, se isso chegava a ser verdade. Por mim, eu de fato teria apostado que pelo menos um membro da minha família teria um fim questionável e complicado, mas eu não teria posto meu dinheiro em Kevin.

– Não paro de pensar em todas aquelas vezes em que perguntei o que ela havia feito durante a semana, e ela falava de ter ido patinar com Sarah ou feito um vulcão na aula de ciências. Alegre como um passarinho, sem uma preocupação no mundo. Nem por uma vez suspeitei que ela estivesse escondendo alguma coisa. Isso me arrasa, Liv. Simplesmente me arrasa.

Olivia voltou o rosto para mim.

– Não foi tão ruim quanto parece, Frank. De verdade. Ela não encarou aquilo como uma mentira. Eu disse a ela que nós talvez precisássemos esperar um pouco antes de falar com você, porque você tinha tido um grande desentendimento com sua família e ela respondeu: “Como naquela vez que eu tive aquela briga com a Chloe, e a semana inteira eu não queria nem mesmo pensar nela para não chorar.” Ela compreende mais do que você pensa.

– Não quero que ela me proteja. Nunca. Eu é que a protejo.

Alguma coisa passou pelo rosto de Olivia, alguma coisa um pouco irônica, um pouco triste.

– Ela está crescendo, sabia? Daqui a alguns anos será uma adolescente. As coisas mudam.

– Eu sei, eu sei – disse eu. Pensei em Holly, jogada na cama lá em cima, com o rosto manchado de lágrimas, sonhando. E pensei na noite em que a fizemos: o riso grave e triunfal na garganta de Liv, seu cabelo enrolado nos meus dedos, o sabor do suor limpo de verão no seu ombro.

Depois de alguns minutos, Olivia falou.

– Amanhã de manhã, ela vai precisar conversar sobre tudo isso. Acho que seria bom para ela se nós dois estivéssemos presentes. Se quiser dormir no quarto de hóspedes...

– Obrigado – disse eu. – Seria bom.

Ela se levantou, sacudiu a manta e a dobrou sobre o braço.

– A cama está feita.

– Vou terminar isso aqui primeiro – disse eu, inclinando meu copo. – Obrigado pelo gole.

– Por alguns goles. – Sua voz tinha a triste sombra de um sorriso.

– Esses também.

Atrás do sofá, ela parou; e a ponta dos seus dedos pousou no meu ombro, com tanta hesitação que eu mal as senti.

– Sinto muito pelo Kevin.

– Ele era meu irmão caçula – disse eu, ouvindo o toque áspero na voz – Não importa como ele tenha saído por aquela janela. Eu deveria tê-lo segurado.

Liv prendeu a respiração como se estivesse prestes a dizer alguma coisa urgente, mas daí a um instante soltou o ar num suspiro.

– Ah, Frank – disse ela, bem baixo, talvez só para si mesma. Seus dedos escorregaram do meu ombro, deixando pequenos pontos frios onde antes eles transmitiam calor. E ouvi a porta se fechar quase sem ruído, depois que ela passou.

Quando Olivia bateu de leve na porta do quarto de hóspedes, passei do sono profundo ao estado de alerta e deprimido em menos de um segundo, mesmo antes de me dar conta de qualquer contexto. Infelizmente eu tinha passado muitas noites naquele quarto de hóspedes, naquela época em que Liv e eu estávamos no processo de descobrir que ela já não tinha vontade de continuar casada comigo. Até mesmo o cheiro do quarto, de vazio e um delicado borrrifo de imitação de jasmim, faz com que eu me sinta dolorido, cansado e com mais ou menos 100 anos de idade, como se todas as minhas articulações estivessem desgastadas até os ossos.

– Frank, são 7:30 – disse Liv, baixinho, sem abrir a porta. – Achei que você talvez quisesse falar com Holly, antes de ela sair para a escola.

Joguei minhas pernas para fora da cama e esfreguei as mãos no rosto.

– Obrigado, Liv. Já estou indo. – Eu queria perguntar se ela tinha alguma sugestão, mas, antes que eu conseguisse organizar as palavras, ouvi-a descendo a escada com seus sapatos de salto alto. De qualquer modo, ela não teria entrado no quarto de hóspedes, possivelmente para eu não recebê-la como vim ao mundo e tentar atraí-la para uma rapidinha.

Sempre gostei de mulheres fortes. Sorte minha porque depois que a gente passa, digamos, dos 25 anos, não existe outro tipo. Não consigo entender as mulheres. As coisas que costumam fazer com elas fariam a maioria dos homens perder o ânimo e querer morrer, mas as mulheres se enrijecem como aço e não desistem. Qualquer homem que afirme não gostar de mulheres fortes está se entregando a uma terrível ilusão: a verdade é que ele gosta de mulheres fortes, que sabem fazer biquinho e falar com voz infantil; e que vão acabar guardando toda a virilidade dele em suas bolsas de maquiagem.

Quero que Holly seja única em milhões. Quero que ela seja tudo o que me deixa idiotizado numa mulher, suave como dentes-de-leão e frágil como um bibelô de vidro soprado. Ninguém vai fazer minha filha virar aço. Quando ela nasceu, eu quis sair e matar alguém para ela; só para ela ter certeza, a vida inteira, de que eu estava pronto para isso se fosse necessário. O que acabou acontecendo foi que lhe arrumei uma família que, um ano depois de pôr os olhos nela, já a tinha ensinado a mentir e já tinha lhe partido o coração.

Holly estava sentada de costas para mim, no chão do quarto, com as pernas cruzadas em xis, diante da sua casa de bonecas.

– Oi, meu benzinho – disse eu. – Como está se sentindo?

Ela deu de ombros. Estava com o uniforme da escola. Com o blazer azul-marinho, seus ombros pareciam tão pequenos que eu poderia tê-los medido com uma das mãos.

– Posso entrar um pouco?

Ela deu de ombros outra vez. Fechei a porta atrás de mim e me sentei no chão ao seu lado. A casa de bonecas de Holly é uma obra de arte, uma réplica perfeita de uma grande casa vitoriana, completa, com minúscula mobília toda rebuscada e minúsculas cenas de caçadas nas paredes, bem como minúsculos serviços sendo socialmente oprimidos. Era um presente dos pais de Olivia. Holly tinha tirado do lugar a mesa de jantar e a estava lustrando furiosamente com um pedaço de toalha de papel, parecendo meio mastigado.

– Querida – disse eu –, tudo bem você estar chateada com o que aconteceu com seu tio Kevin. Eu estou também.

Ela abaixou a cabeça ainda mais. Tinha feito as próprias tranças. Delas saíam fiapos de cabelo claro em ângulos estranhos.

– Alguma pergunta que você queira me fazer?

Ela reduziu um pouco a força do polimento, só um pouco.

– Mamãe disse que ele caiu de uma janela. – O nariz dela ainda estava entupido de tanto chorar.

– É verdade.

Pude ver que ela estava visualizando a cena. Tive vontade de cobrir sua cabeça com minhas mãos para bloquear a imagem.

– E doeu?

– Não, meu bem. Foi muito rápido. Ele nem mesmo soube o que estava acontecendo.

– Por que ele caiu?

Era provável que Olivia tivesse dito que foi um acidente; mas Holly tem uma paixão por verificar informações, típica das crianças de pais separados. Eu não tenho o menor problema em mentir para a maioria das pessoas, mas tenho uma consciência totalmente diferente só para Holly.

– Ninguém tem certeza ainda, querida.

Seus olhos finalmente se ergueram para encontrar os meus, inchados, com as bordas avermelhadas, e fortes como um soco.

– Mas você vai descobrir, não vai?

– Vou. Vou, sim.

Ela me encarou por mais um segundo. Fez que sim e baixou a cabeça mais para junto da mesinha.

– Ele está no céu?

– Está – respondi. Até mesmo minha consciência especial para Holly tem seus limites. Pessoalmente considero a religião um monte de cascata, mas quando sua filhinha de 5 anos está se debulhando, querendo saber o que aconteceu com seu hamster, você desenvolve uma crença instantânea em qualquer coisa que dissolva parte da dor naquele rostinho. – Sem a menor dúvida. Ele está lá em cima neste exato momento, sentado numa praia com um milhão

de quilômetros de extensão, tomando uma Guinness do tamanho de uma banheira e flertando com uma garota linda.

Ela fez um ruído misto de risinho, fungada e soluço.

– Papai, *não!* Não estou brincando!

– Eu também não. E aposto que ele está acenando para você lá de cima, dizendo para você não chorar.

Sua voz vacilou mais forte.

– Eu não *quero* que ele esteja morto.

– Eu sei, meu bem. Eu também não ia querer.

– Conor Mulvey não parava de pegar minha tesoura na escola, faz tempo, e o tio Kevin me disse que, quando ele fizesse isso de novo, eu devia lhe dizer: “Você só fez isso porque gosta de mim”, e ele ia ficar todo vermelho e parar de me irritar. Foi o que eu fiz, e funcionou.

– Ponto para seu tio Kevin. Você contou para ele?

– Conteí. Ele riu. Papai, não é *justo*.

Ela estava prestes a entrar em mais uma enorme enxurrada de lágrimas.

– É terrivelmente injusto, querida. Eu bem gostaria que existisse alguma coisa que eu pudesse dizer para melhorar a situação, mas não existe. Às vezes as coisas são realmente péssimas, e não há nada que se possa fazer.

– Mamãe diz que, se eu esperar um pouco, vou conseguir pensar nele sem ficar tão triste.

– Geralmente sua mãe tem razão. Vamos esperar que ela esteja certa desta vez.

– Um dia o tio Kevin disse que eu era sua sobrinha preferida porque você era seu irmão preferido.

Ai, meu Deus. Estendi um braço para passar pelos seus ombros, mas ela se afastou e começou a esfregar a mesa com mais força, empurrando o papel, com as unhas, por dentro dos pequenos arabescos da madeira.

– Você está com raiva porque fui visitar a vovó e o vovô?

– Não, meu benzinho. Não de você.

– Da mamãe?

– Só um pouquinho. Tudo acaba se resolvendo.

Holly chispuou os olhos para o meu lado, só por um instante.

– Vocês vão gritar mais um com o outro?

Fui criado por uma mãe que era faixa preta em fazer os outros se sentirem culpados, mas sua melhor obra não é nada em comparação com o que Holly consegue fazer sem nem mesmo se esforçar.

– Nada de gritos – disse eu. – Só fiquei mais irritado por ninguém me dizer o que estava acontecendo.

Silêncio.

– Lembra do que a gente falou sobre segredos?

– Lembro.

– Lembra que não tem problema você e suas amigas terem segredos bons, mas, se você não se sentisse bem com qualquer coisa, que esse seria o tipo ruim de segredo? É sobre esse tipo de segredo que você precisa conversar comigo ou com sua mãe.

– Mas não era *ruim*. Eles são meus *avós*.

– Eu sei, meu benzinho. O que estou tentando dizer é que existe também outro tipo de segredo. O tipo de que outra pessoa tem o direito de saber, mesmo que não haja nada de *ruim* no segredo. – Ela ainda estava com a cabeça baixa, e seu queixo estava começando a adquirir um ar de teimosia. – Por exemplo, se sua mãe e eu resolvêssemos nos mudar para a Austrália. Nós deveríamos contar para você que estamos nos mudando? Ou deveríamos simplesmente pôr você num avião, no meio da noite?

– Deviam me contar – disse ela, dando de ombros.

– Porque é da sua conta. Você teria o direito de saber.

– É.

– Quando você começou a visitar minha família, isso era da minha conta. Manter isso em segredo foi errado.

Ela não pareceu estar convencida.

– Se tivéssemos contado, você teria ficado muito contrariado.

– Estou muito mais contrariado agora do que teria ficado se alguém tivesse me contado logo. Holly, meu benzinho, é sempre melhor me contar bem cedo. Sempre. Ok? Mesmo que sejam coisas que não me agradem. Guardar segredo só vai piorar a situação.

Holly colocou a mesa cuidadosamente na sala de jantar da casa de bonecas, arrumando-a com a ponta do dedo.

– Eu tento lhe contar a verdade, mesmo quando dói um pouco. Você sabe disso. Você precisa fazer o mesmo comigo. Não é justo?

– Sinto muito, papai – disse Holly para a casa de bonecas, com a voz baixa e abafada.

– Sei que sente, meu amor. Tudo bem. Só quero que se lembre disso, da próxima vez em que pensar em guardar um segredo de mim, ok? – Ela fez que sim. – Pronto – disse eu. – Agora você pode me contar como se deu com nossa família. Sua vovó fez pão de ló com frutas para o lanche?

Um suspiro trêmulo de alívio.

– Fez. E ela disse que meu cabelo é lindo.

Cruz credo: um elogio. Eu estava totalmente preparado para rebater críticas de tudo, desde o sotaque de Holly, passando por sua atitude até a cor das suas meias, mas parecia que minha mãe, com a velhice, estava ficando de coração mole.

– E ele é mesmo. Que achou dos seus primos?

Holly deu de ombros e tirou um piano de cauda da sala de estar da casa de bonecas.

– São legais.

– Que tipo de legal?

– Darren e Louise não falam tanto assim comigo porque já são grandes, mas eu e Donna fazemos imitações dos nossos professores. Uma vez nós rimos até a vovó mandar a gente parar ou a polícia viria nos pegar.

O que era muito mais parecido com a mãe que eu conhecia e evitava.

– E sua tia Carmel e seu tio Shay?

– Eles são legais. A tia Carmel é meio chata, mas o tio Shay, quando está em casa, me ajuda com o dever de matemática, porque eu disse a ele que a sra. O'Donnell grita quando a gente erra.

E cá estava eu feliz, porque ela finalmente estava sabendo dividir.

– Legal ele fazer isso – disse eu.

– Por que você não fala com eles?

– É uma longa história, queridinha. Longa demais para uma manhã inteira.

– Eu ainda vou poder ir lá mesmo que você não vá?

– Vamos ver. – Tudo parecia perfeitamente idílico, mas Holly ainda não estava olhando para mim. Alguma coisa a estava incomodando, além do óbvio. Se ela tivesse visto meu pai em seu estado mental preferido, o mundo ia vir abaixo e possivelmente haveria um novo processo por sua guarda. – Então, em que você está pensando? Algum deles incomodou você?

Holly passou uma unha de um lado para o outro do teclado do piano. Daí a um instante, falou.

– A vovó e o vovô não têm carro.

Não era isso o que eu estava esperando.

– Não.

– Por quê?

– Eles não precisam de carro.

Olhar vazio. Ocorreu-me que Holly, em toda a sua vida, nunca tinha conhecido ninguém que não tivesse carro, quer precisassem de um, quer não.

– Como eles vão aos lugares?

– Eles andam ou pegam um ônibus. A maioria dos amigos mora a um minuto ou dois de distância, e as lojas são logo ali na esquina. O que eles iam fazer com um carro?

Ela pensou nisso um instante.

– Por que eles não moram numa casa inteira?

– Eles sempre moraram onde moram. Sua avó nasceu naquele apartamento. Tenho pena de qualquer um que tente fazer com que ela se mude de lá.

– Como é que eles não têm computador, nem mesmo uma máquina de lavar louça?

- Nem todo mundo tem.
- Todo mundo tem *computador*.

Detestava admitir isso até para mim mesmo, mas, em algum lugar lá no fundo da minha cabeça, eu aos poucos começava a vislumbrar os motivos pelos quais Olivia e Jackie poderiam ter querido que Holly visse o lugar de onde eu vim.

– Não – disse eu. – A maioria das pessoas no mundo não tem dinheiro para esse tipo de coisa. Até mesmo muita gente daqui de Dublin.

– Papai, a vovó e o vovô são *pobres*?

Havia um leve tom cor-de-rosa nas suas bochechas, como se ela tivesse dito algum palavrão.

– Bem – disse eu. – Depende da pessoa a quem você perguntar. Eles diriam que não. Eles estão em situação muito melhor do que quando eu era pequeno.

– Então eles eram pobres?

– Eram, querida. Nós não passávamos fome nem nada, mas éramos bem pobres.

– Tipo o quê?

– Tipo a gente não sair de férias e ter de guardar dinheiro para ir ao cinema. Tipo eu usar as roupas que não serviam mais no seu tio Shay e seu tio Kevin usar as minhas, em vez de ganharmos roupas novas. Tipo sua avó e seu avô terem de dormir na sala, porque não tínhamos quantidade suficiente de quartos.

– Verdade? – Ela estava com os olhos arregalados, como se fosse um conto de fadas.

– É. Muita gente vivia desse jeito. Não era o fim do mundo.

– Mas – disse ela. O tom cor-de-rosa tinha passado para um rubor total. – Chloe diz que os pobres são molambos.

Isso não me surpreendeu. Chloe é uma criatura afetada, implicante, desprovida de humor, com uma mãe anoréxica, implicante, desprovida de humor, que fala comigo bem devagar e em voz alta, usando palavras curtas, porque sua família conseguiu sair da sarjeta uma geração antes da minha e porque seu marido gordo, implicante e desprovido de humor tem um Tahoe. Sempre achei que deveríamos proibir todos eles de frequentar a casa. Liv disse que com o tempo Holly acabaria deixando Chloe para trás. No que me dissesse respeito, esse momento agradável resolvia o assunto de uma vez por todas.

– Sei – disse eu. – Com isso Chloe quer dizer exatamente o quê?

Não alterei a voz, mas Holly me conhece bem e me olhou de esguelha, verificando minha expressão.

– Molambo não é palavrão.

– Decididamente não é um elogio. O que você acha que ela significa?

Um dar de ombros contorcido.

– *Você sabe*.

– Se você vai usar uma palavra, querida, precisa ter uma ideia do que está dizendo. Vamos.

– Tipo gente burra. Pessoas que só usam moletom e não trabalham porque são preguiçosas e falam tudo errado. Gente *pobre*.

– E eu? Você acha que sou burro e preguiçoso?

– *Você* não!

– Mesmo que a minha família inteira não tenha onde cair morta?

Ela estava ficando agitada.

– É *diferente*.

– Isso mesmo. É tão fácil ser um canalha rico como ser um canalha pobre. O mesmo se aplica a um ser humano decente. O dinheiro não tem nada a ver com isso. É bom tê-lo, mas não é o dinheiro que faz a pessoa ser quem ela é.

– A mãe da Chloe diz que é muito importante fazer com que as pessoas vejam de cara que você tem muito dinheiro. Se não for assim, ninguém neste mundo vai respeitar você.

– Chloe e a família dela – disse eu, chegando ao limite da minha paciência – são vulgares o suficiente para envergonhar qualquer pobretona coberta de bijuteria barata.

– O que é vulgar?

Holly tinha parado de brincar com o piano e estava olhando para mim na mais pura confusão, com as sobrancelhas unidas, esperando que eu esclarecesse tudo e conseguisse que tudo fizesse perfeito sentido. Talvez pela primeira vez na sua vida, eu não sabia o que poderia lhe dizer. Não fazia ideia de como explicar a diferença entre pobres trabalhadores e pobres malandros para uma criança que achava que todo mundo tinha computador; ou de como explicar “vulgar” para uma criança que estava crescendo exposta a Britney Spears; ou mesmo de como explicar a qualquer um como essa situação tinha acabado nessa confusão irremediável. Tive vontade de agarrar Olivia e fazer com que ela me mostrasse o jeito certo de lidar com aquilo, mas essa função já não cabia a Olivia. Meu relacionamento com Holly era problema só meu agora. No final, tirei o piano em miniatura da sua mão, devolvi-o a seu lugar na casa de bonecas e peguei Holly no colo.

– Chloe é burra, não é? – disse Holly, inclinando-se para trás para observar minha expressão.

– Puxa vida, é sim – disse eu. – Se houvesse uma falta mundial de burrice, Chloe e a família sozinhos conseguiriam resolvê-la num piscar de olhos.

Ela fez que sim e se aninhou no meu peito. Ajeitei sua cabeça por baixo do meu queixo.

– Um dia – disse ela, depois de um tempo – você me leva para me mostrar o lugar de onde o tio Kevin caiu da janela?

– Se você achar que precisa ver, tudo bem. Eu mostro.

– Mas hoje não.

– Não – disse eu. – Vamos tentar superar o dia de hoje, firmes. – Ficamos ali sentados no chão, calados: eu balançando Holly para lá e para cá; ela, pensativa, chupando a ponta de uma trança, até Olivia vir nos dizer que estava na hora de ir para a escola.

Peguei um montão de café e um muffin de sabor indefinido e cara de orgânico em Dalkey – tenho a impressão de que Olivia acha que me dar uma refeição poderia ser considerado um convite para eu me mudar de volta – e tomei meu café da manhã sentado num muro, vendo executivos obesos ao volante de tanques se indignarem quando as ondas do trânsito não se abriam especialmente para eles. E então liguei para meu correio de voz.

“É... hum... Frank... Oi. É o Kev. Presta atenção. Sei que você disse que não era uma boa hora, mas... quer dizer, não precisa ser tipo agora, mas, quando você tiver um tempo, dá para me ligar? Hoje de noite, ou quando quiser, mesmo que seja tarde, tudo bem por mim. Hum... Valeu. Tchau.”

Na segunda vez, ele desligou, sem deixar recado. A mesma coisa da terceira vez, enquanto Holly, Jackie e eu estávamos nos entupindo de pizza. A quarta ligação tinha sido antes das sete, supostamente quando Kevin estava entrando na casa de nossos pais.

“Frank, sou eu de novo. Ouça... Estou precisando falar com você. Sei que você não deve estar querendo pensar nessa droga, mas juro por Deus que não estou querendo atrapalhar sua cabeça... eu só... Dá pra você me ligar? Ok, hum, espero... tchau.”

Alguma coisa tinha mudado entre o sábado à noite, quando o mandei de volta para o pub, e a tarde de domingo, quando teve início a campanha por telefone. Poderia ter sido qualquer coisa que tivesse acontecido nesse período, talvez no pub – para alguns dos frequentadores do Blackbird, o fato de ainda não terem matado ninguém é considerado puro acaso, mas eu duvidava. Kevin tinha começado a ficar nervoso muito antes de nos encontrarmos no pub. Tudo o que eu sabia sobre ele – e ainda achava que isso tinha algum valor – me dizia que ele era um cara descontraído, mas ele vinha agindo de um jeito meio maluco mais ou menos desde a hora em que entramos no nº 16. Eu tinha atribuído aquilo ao fato de que o leigo em geral costuma ficar um pouco perturbado com a ideia de gente morta – minha cabeça estava ocupada com outras coisas. Tinha sido mais que isso.

Não importava o que tivesse estado perturbando Kevin, não era alguma coisa que tinha acontecido nesse fim de semana. Era algo que estava enfurnado no fundo da sua mente, já havia 22 anos, talvez, até que alguma coisa no sábado o sacudiu do lugar. Lentamente, ao longo do resto daquele dia – nosso Kev nunca foi o mais rápido da turma – a lembrança tinha vindo à tona e começado a

cutucá-lo, cada vez com mais força. Ele tinha passado 24 horas tentando deixá-la para lá, compreendê-la ou lidar com suas implicações, e então tinha procurado o irmão Francis em busca de ajuda. Quando eu lhe dei um fora, ele se voltou para a pior pessoa possível.

Ele tinha uma voz boa ao telefone. Mesmo confuso e preocupado, era fácil escutá-lo. Parecia ser um cara legal: alguém que você teria vontade de conhecer.

No que dizia respeito aos passos seguintes, minhas opções eram limitadas. A ideia de bate-papos amistosos com os vizinhos tinha perdido todo o seu brilho agora que eu sabia que metade deles achava que eu era um ninja desalmado, assassino do próprio irmão, e de qualquer modo eu precisava me manter longe do alcance visual do Campeão, pelo menos em consideração ao intestino de George. Por outro lado, a ideia de ficar à toa, vigiando meu celular para ver se aparecia o número de Stephen, como uma adolescente depois de uns amassos, também não me atraía muito. Quando eu não faço nada, gosto que isso tenha um objetivo.

Alguna coisa me beliscava a nuca, como se alguém estivesse puxando pequenos pelos um a um. Presto atenção a esses puxões. Houve muitas ocasiões em que ignorá-los teria resultado na minha morte. Havia alguma coisa que eu estava deixando de perceber, alguma coisa que eu tinha visto ou ouvido e deixado para lá.

O pessoal da Inteligência não consegue gravar em vídeo todas as melhores partes, como o pessoal da Homicídios consegue, por isso precisamos ter uma memória muito, muito boa. Ajeitei-me com mais conforto no muro, acendi um cigarro e repassei cada pequena informação que eu tinha colhido nos últimos dias.

Uma coisa sobressaía: eu ainda não sabia ao certo como aquela mala tinha ido parar naquela chaminé. De acordo com Nora, ela foi posta ali em algum momento entre a tarde de quinta-feira, quando ela pegou o walkman de Rosie, e a noite de sábado. Mas, de acordo com Mandy, Rosie não tinha ficado com suas chaves durante aqueles dois dias, o que mais ou menos excluía a possibilidade de tirar discretamente a mala de casa no meio da noite – havia uma quantidade terrível de muros de quintais atrapalhando o caminho de sua casa até o nº 16 – e Matt Daly vinha mantendo olhos de águia sobre ela, o que teria tornado bem difícil sair com alguma coisa daquele tamanho da casa durante o dia. Além disso, de acordo com Nora, nas quintas e sextas Rosie ia ao trabalho, e voltava com Imelda Tierney.

Sexta-feira à noite, Nora tinha saído com as amiguinhas, para ir ao cinema; Rosie e Imelda puderam ficar sozinhas no quarto, para fazer as malas e planejar. Ninguém prestou atenção às idas e vindas de Imelda. Ela poderia ter saído do apartamento com a maior facilidade, carregando praticamente qualquer coisa

que quisesse.

Atualmente Imelda morava na Hallows Lane, a pouca distância do Faithful Place mas o suficiente para o local estar fora do perímetro do Campeão. E, a julgar pela expressão nos olhos de Mandy, era bem provável que Imelda estivesse em casa, no meio de um dia útil, e que sua relação com a vizinhança fosse conflituosa o bastante para ela se enternecer com um filho pródigo que estava se equilibrando na linha tênue entre ser aceito e ser rejeitado. Bebi o final do meu café frio e me encaminhei para o carro.

Meu colega na empresa de fornecimento de energia elétrica puxou uma conta de luz de uma Imelda Tierney no nº 10 da Hallows Lane, apartamento 3. A casa era um muquifo: telhado com telhas faltando, porta com a tinta descascando, cortinas de renda meio caídas por trás de janelas imundas. Dava para ver que os vizinhos estavam torcendo para o proprietário vender aquilo para um yuppie ou dois, educados e respeitáveis, ou que pelo menos incendiasse o imóvel para receber o seguro.

Eu estava certo. Imelda estava em casa.

– Francis – disse ela, num misto de choque, alegria e pavor, quando abriu a porta do apartamento. – Meu Deus.

Nenhum daqueles 22 anos tinha sido bom para Imelda. Ela nunca fora espetacular, mas tinha altura, pernas bonitas e um jeito bom de andar, e esses três podem adiantar muita coisa na vida. Agora, ela era o que os rapazes da polícia chamavam de BOBFOC, corpo de *Baywatch* em cara de *Crimewatch*, quer dizer, um corpo estonteante e uma cara de buldogue. Sua silhueta continuava a mesma, mas tinha olheiras e o rosto estava coberto de rugas como cicatrizes de facadas. Usava um conjunto de moletom branco com uma mancha de café descendo pelo blusão, e o cabelo oxigenado tinha quase 10 centímetros de raízes na cor natural. Ver-me fez com que sua mão subisse rápido para arrumá-lo com uma afofada, como se isso fosse tudo o que era necessário para de repente nos tornar de novo aqueles adolescentes luminosos, esfuziantes com a perspectiva da noite de sábado. Esse pequeno gesto foi a parte que me atingiu em cheio.

– Oi, Imelda – disse eu, dando-lhe meu melhor sorriso para lembrá-la de que tínhamos sido bons amigos no passado remoto. Sempre gostei de Imelda. Ela era uma menina esperta, irrequieta, com um humor imprevisível e arestas afiadas que tinha desenvolvido para se defender. Em vez de um pai permanente, ela teve um excesso de pais temporários, alguns dos quais casados com alguém que não era a mãe dela. E naquela época isso fazia diferença. Imelda foi muito ofendida por causa da mãe, quando nós todos éramos crianças. A maioria de nós tinha telhado de vidro, por um motivo ou outro, mas um pai desempregado e alcoólatra nem de longe era tão ruim quanto uma mãe com diversos parceiros

sexuais.

– Eu soube do Kevin – disse Imelda. – Que descanse em paz. Sinto muito mesmo.

– Que descanse em paz – concordei. – Enquanto estou por aqui, pensei em fazer uma visita a velhos conhecidos.

Fiquei ali, no vão da porta, esperando. Imelda olhou rápido de relance, por cima do ombro, mas eu não me mexi, e ela não teve escolha.

– O lugar está de pernas para o ar... – disse ela, depois de um segundo.

– Você acha que me importo? Devia ver meu barraco. É bom ver você de novo.

Quando terminei de falar, já tinha passado por ela e pela porta. O lugar não era exatamente miserável, mas entendi o que ela queria dizer. Uma olhada em Mandy em casa me disse que ela era uma mulher satisfeita. Talvez não vivesse num êxtase permanente, mas sua vida tinha acabado sendo do seu agrado. De Imelda, não se podia dizer o mesmo. A sala de estar parecia ainda menor do que era porque havia coisas espalhadas por toda parte: canecas sujas, embalagens de comida chinesa no chão em torno do sofá, roupas de mulheres de tamanhos variados secando nos aquecedores, pilhas empoeiradas de caixas de DVDs pirateados, quase tombando nos cantos. A calefação estava alta demais, e as janelas já não eram abertas havia muito tempo. O lugar tinha um cheiro forte de cinzeiros, comida e mulheres. Tudo precisava ser trocado, menos a televisão gigantesca.

– É um lugar legal para morar – disse eu.

– É uma porcaria – disse Imelda, curta e grossa.

– Onde eu cresci era muito pior.

– E daí? – disse ela, dando de ombros. – Não faz com que isso aqui deixe de ser uma porcaria. Quer chá?

– Quero, sim. Como vão as coisas?

Ela entrou na cozinha.

– Dá para você mesmo ver. Sente-se ali.

Encontrei um trecho de sofá que não estivesse imundo e me acomodei.

– Soube que você tem filhas agora, é mesmo?

Pela porta entreaberta da cozinha, vi Imelda parar, com a mão na chaleira.

– E eu soube que você agora é da polícia.

Eu estava me acostumando ao impulso de raiva ilógica quando alguém me informava que eu tinha me transformado no queridinho dos “Homens”. Até estava começando a ter sua utilidade.

– *Imelda* – disse eu, indignado e ofendidíssimo, depois de um segundo de silêncio escandalizado. – Você está falando sério? Você acha que vim aqui para perturbar você por causa das suas filhas?

– Como vou saber? – disse ela, dando de ombros. – Seja como for, elas não

fizeram nada.

– Eu nem mesmo sei o *nome* delas. Só fiz uma pergunta, pela madrugada. Pouco me importa se você criou uma maldita família Soprano. Só quis dizer oi, pelos velhos tempos. Se você vai ter um treco por causa da minha profissão, é só dizer que eu largo do seu pé. Acredite em mim.

Depois de um instante, vi o canto da boca de Imelda dar uma tremelicada relutante, e ela ligou a chaleira.

– O mesmo Francis de sempre, que droga de gênio que você tem. É, tenho três filhas. Isabelle, Shania e Genevieve. Umas pestes, as três. Adolescentes. E você?

Nenhuma menção a um pai ou pais.

– Uma – disse eu. – Está com 9 anos.

– Tudo ainda está por vir para você. Que Deus o ajude. Dizem que os garotos acabam com a casa da gente e que as garotas acabam com a nossa cabeça, e é a pura verdade. – Ela jogou saquinhos de chá em canecas. Só de olhar seu jeito de se movimentar fez com que eu me sentisse velho.

– Você ainda costura?

Uma fungada que poderia ter sido uma risada.

– Meu Deus, isso já faz tempo. Larguei a fábrica há uns vinte anos. Faço uns biscoitos agora. Principalmente, limpeza. – Ela me lançou um rápido olhar de esguelha, belicosa, verificando se eu queria tirar alguma conclusão daquilo. – O pessoal do Leste Europeu cobra menos, mas ainda tem uns lugares que querem alguém que fale inglês. Não estou me saindo mal, não mesmo.

A chaleira ferveu.

– Você soube de Rosie, não soube?

– Soube, sim. Foi um choque só. Todo este tempo... – Imelda serviu o chá e sacudiu de leve a cabeça como se estivesse tentando tirar alguma coisa de lá. – Todo esse tempo, pensei que ela estivesse em algum canto na Inglaterra. Quando me disseram, não pude acreditar. Não pude. Juro que no resto daquele dia eu andava de um lado para o outro como uma morta-viva.

– Comigo foi a mesma coisa. No todo, não foi uma boa semana.

Imelda pegou uma caixa de leite e um saco de açúcar, abriu espaço para eles na mesinha de centro.

– Kevin sempre foi um amor de garoto. Fiquei triste quando soube dele. Triste de verdade. Eu teria feito uma visita, na noite em que aconteceu, só que...

Ela deu de ombros, deixou o final da frase por dizer. Chloe e a mãe de Chloe nunca, nem em um milhão de anos, entenderiam a diferença sutil e definida entre classes que fez Imelda pensar, provavelmente com acerto, que talvez ela não fosse bem recebida na casa de minha mãe.

– Esperei encontrar você por lá. Mas desse jeito podemos conversar direito, não é?

- Mais outro sorriso amarelo, um pouco menos relutante dessa vez.
- O mesmo velho Francis de sempre. Você sempre teve um bom papo.
  - Mas agora estou com o cabelo melhor.
  - Meu Deus, é mesmo. Os espetos, você se lembra?
  - Podia ter sido pior. Eu podia ter usado um mullet, como o Zippy.
  - Eca. Para com isso. A cabeça dele...

Ela voltou para a cozinha para apanhar as canecas. Mesmo que eu tivesse tido todo o tempo do mundo, ficar ali sentado jogando papo fora não ia me adiantar de nada. Imelda era muito mais difícil que Mandy. Ela já sabia que eu tinha algum interesse, mesmo que não conseguisse identificá-lo.

– Posso lhe fazer uma pergunta? – disse eu, quando ela voltou da cozinha. – Sei que estou sendo enxerido, mas juro que tenho um bom motivo.

Imelda pôs uma caneca manchada na minha mão e se sentou numa poltrona, mas não se recostou, e seus olhos ainda estavam desconfiados.

– Pode falar.

– Quando você pôs a mala lá no nº 16, para Rosie, exatamente em que lugar você a deixou?

A expressão vazia, instantânea, meio mula, meio retardada, fez com que eu entendesse ainda mais uma vez a verdadeira situação em que me encontrava agora. Nada no mundo chegava a apagar o fato de que, contra todos os instintos em seu corpo, Imelda estava conversando com um policial.

– Que mala? – disse ela, inevitavelmente.

– Ora, vamos, Imelda – disse eu, tranquilo, com um largo sorriso. Um tom errado e toda essa visita se transformaria numa enorme perda de tempo. – Rosie e eu ficamos planejando aquilo meses a fio. Você acha que ela não me contou como ia fazer as coisas?

Bem devagar, parte da expressão vazia se dissolveu no rosto de Imelda; não toda, mas o suficiente.

– Não quero encrenca para meu lado. Se qualquer outra pessoa me perguntar, eu nunca vi mala nenhuma.

– Nenhum problema, querida. Não estou disposto a largar você na merda. Você estava fazendo um favor para a gente, e eu agradeço. Tudo o que quero saber é se alguém mexeu na mala depois que você a deixou lá. Você se lembra de onde a deixou? E quando?

Ela me observou com um olhar penetrante, por baixo dos cílios ralos, tentando calcular o que isso significava. Por fim, enfiou a mão no bolso para apanhar seu maço de cigarros.

– Rosie me contou a história três dias antes do dia em que vocês iam se mandar. Ela nunca tinha me dito nada. Eu e Mandy adivinhamos que alguma coisa estava acontecendo, mas não tínhamos certeza de nada. Você já esteve com Mandy, certo?

– Estive. Ela está muito bem.

– Vaca esnobe – disse Imelda, enquanto acendia o isqueiro. – Quer um cigarro?

– Quero, obrigado. Achei que você e Mandy fossem amigas.

Uma risada dura, enquanto ela segurava o isqueiro para mim.

– Não somos mais. Ela é boa demais para gente como eu. Acho que nunca fomos amigas de verdade, pra começo de conversa. Nós só costumávamos andar com Rosie, e depois que ela foi embora...

– Mas você sempre foi a melhor amiga de Rosie.

Imelda lançou-me um olhar que dizia que homens melhores a tinham tentado engambelar, sem sucesso.

– Se nós fôssemos tão boas amigas, ela teria me contado desde o início o que vocês dois estavam planejando, não é? Ela só me contou alguma coisa porque o pai estava de olho nela, tanto que ela não poderia tirar as coisas sozinha. Nós duas costumávamos ir e voltar juntas da fábrica alguns dias da semana, conversando sobre sei lá o quê que garotas costumam conversar. Não me lembro. Pois nesse dia foi a única vez que ela me disse que precisava de um favor.

– Como você tirou a mala do apartamento deles?

– Moleza. Depois do trabalho, na sexta, eu fui até a casa dos Daly. Dissemos à mãe e ao pai dela que íamos ficar no quarto de Rosie para ouvir o novo álbum do Eurythmics. Eles só disseram para a gente manter o som baixo. Nós ajustamos o som alto só o suficiente para eles não ouvirem Rosie fazendo a mala. – Havia um sorrisinho querendo aparecer num canto da boca de Imelda. Só por um segundo, debruçada com os cotovelos nos joelhos, sorrindo só para si mesma, através da fumaça do cigarro, ela me pareceu a garota ágil, impertinente, que eu tinha conhecido. – Você tinha que ter visto, Francis. Ela dançava pelo quarto, cantando com a escova. Pegou as calcinhas novas que tinha comprado, só para você não ver as velhas encardidas, e as girou acima da cabeça... Ela me fez dançar junto e tudo o mais. Devíamos parecer duas idiotas, rindo para valer e tentando fazer tudo aquilo sem muito barulho, para a mãe dela não vir ver o que estávamos aprontando. Acho que foi o fato de poder falar com alguém, depois de guardar segredo tanto tempo. Ela estava louca de felicidade.

Fechei depressa a porta sobre essa imagem de Rosie. Ela ficaria guardada para outra hora.

– Que bom – disse eu. – É bom saber disso. E então, quando ela terminou de fazer a mala...?

O sorriso espalhou-se para os dois lados da boca de Imelda.

– Eu simplesmente apanhei a mala e saí andando. Juro por Deus. Eu pus minha jaqueta por cima, mas isso não teria enganado ninguém por um segundo, não se eles estivessem olhando de verdade. Saí do quarto, e Rosie se despediu de mim, com a voz bem alta, e eu gritei um até logo para o sr. e a sra. Daly, que

estavam na sala, vendo televisão. O sr. Daly olhou para trás quando passei pela porta, mas ele estava só verificando se Rosie não estava saindo comigo. Ele nem chegou a ver a mala. Eu mesma abri a porta para sair.

– Boa ideia a de vocês duas – disse eu, sorrindo para ela. – E você atravessou direto para o nº 16?

– Isso aí. Era inverno. Já estava escuro e fazia frio. Não havia ninguém na rua. Ninguém me viu. – Seus olhos estavam semicerrados por trás da fumaça, lembrando. – Ouça o que lhe digo, Francis, tive medo de morrer quando entrei naquela casa. Eu nunca tinha entrado lá no escuro antes, pelo menos nunca sozinha. O pior foi a escada. Os quartos tinham um pouco de claridade que entrava pelas janelas, mas a escada estava um breu. Precisei subir tateando. Teias de aranha roçando em mim, e metade dos degraus balançando como se a casa inteira fosse desmoronar; e ainda barulhinhos por toda parte... Juro por Deus que achei que tinha mais alguém lá dentro, ou talvez um fantasma, me olhando. Eu estava pronta para dar um berro se alguém me agarrasse. Saí correndo de lá como o diabo fugindo da cruz.

– Você se lembra do lugar onde pôs a mala?

– Lembro, sim. Eu e Rosie tínhamos combinado tudo. Ela ficou por trás da lareira no cômodo da frente no andar de cima... o cômodo maior, você sabe qual. Se não tivesse entrado, eu ia pô-la debaixo daquela pilha de tábuas, ferros e porcarias no canto do porão, mas eu não estava com nenhuma vontade de ir lá embaixo, a menos que fosse necessário. Coube perfeitamente, no final.

– Obrigado, Imelda – disse eu –, por nos dar uma ajuda. Eu deveria ter agradecido há muito tempo, mas antes tarde do que nunca.

– Agora, será que *eu* posso lhe fazer uma pergunta? – disse Imelda. – Ou só você pode?

– Como a Gestapo, nós fazemos as perguntas? Não, garota, é mais do que justo. Vale para nós dois. Pergunte o que quiser.

– Estão dizendo que Rosie e Kevin foram mortos; tipo, assassinados. Os dois. Estão dizendo isso só para fazer escândalo, ou é verdade?

– Rosie foi morta, sim. Mas ninguém tem certeza quanto ao Kevin.

– Como ela foi morta?

– Ninguém me contou – disse eu, abanando a cabeça.

– Ah, certo...

– Imelda – disse eu. – Você pode continuar a me considerar um policial se quiser, mas eu lhe garanto que neste exato momento não existe uma pessoa na polícia que pense desse jeito. Não estou trabalhando neste caso, nem mesmo deveria chegar *perto* deste caso. Estou me arriscando a perder o emprego só por vir aqui. Nesta semana, não sou policial. Sou o babaca irritante que não desiste só porque amava Rosie Daly.

Imelda mordeu com força o canto da boca.

– Eu também a amava, amava, sim. Adorava aquela garota.

– Eu sei. É por isso que estou aqui. Não faço a menor ideia do que aconteceu com ela, e acho que a polícia não vai se dar ao trabalho de tentar descobrir. Preciso de uma ajuda, Imelda.

– Ela não devia ter sido morta. É uma sujeira, sujeira. Rosie nunca fez mal a ninguém. Ela só queria... – Imelda calou-se, fumando e observando seus dedos girarem num furo na capa puida do sofá, mas dava para eu ver que ela estava pensando, e não a interrompi. Depois de um tempo, ela prosseguiu. – Eu achava que ela tinha sido a única que escapou.

Levantei uma sobrancelha, querendo saber mais. Havia um leve rubor no rosto esgotado de Imelda, como se ela tivesse dito alguma coisa que talvez se revelasse uma bobagem, mas ela continuou a falar.

– Olha só para a Mandy. A imagem cuspidada da mãe. Casou-se o mais rápido que pôde, largou o emprego para cuidar da família, uma boa esposinha, uma boa mãezinha, mora na mesma casa. Juro por Deus que ela até usa as mesmas roupas que a mãe costumava usar. Todo mundo que a gente conheceu quando era criança é a mesma coisa: o espelho dos pais, por mais que tivessem gritado para si mesmos que seriam diferentes.

Ela apagou o cigarro, esmagando-o num cinzeiro cheio.

– E olha para mim. Onde eu vim parar. – Com o queixo levantado, ela mostrou o apartamento ao redor. – Três filhas, três pais... É provável que Mandy tenha lhe contado, não é? Fiz 20 anos quando tive Isabelle. Direto para o auxílio-desemprego. Nunca mais tive um emprego decente, nunca me casei, nunca fiquei com um cara mais de um ano... na maior parte, eles já são casados, sem dúvida. Eu tinha um milhão de planos quando era jovem, e eles não deram em nada. Em vez disso, eu me transformei na minha mãe, sem dar um pio. Um dia eu acordei e já estava assim.

Tirei mais dois cigarros do meu maço, acendi o de Imelda para ela.

– Valeu. – Ela virou o rosto para não soprar a fumaça em cima de mim. – Rosie foi a única de nós que não se transformou na própria mãe. Eu gostava de pensar nela. Quando as coisas não iam assim tão bem, eu gostava de saber que ela estava no mundo lá fora, em Londres, Nova York ou Los Angeles, em algum emprego maluco do qual eu nunca tinha ouvido falar. A única que escapou.

– Eu não me transformei na minha mãe. Nem no meu pai, por sinal.

Imelda não riu. Ela me deu um olhar rápido que não consegui decifrar – alguma coisa a ver talvez com o fato de que ser policial não era um progresso.

– Shania está grávida – disse ela, daí a um instante. – Dezesete anos. Não sabe ao certo quem é o pai.

Nem mesmo o Campeão poderia ter transformado essa frase em alguma coisa positiva.

– Pelo menos, ela tem uma boa mamãe para acompanhá-la.

– É – disse Imelda. Seus ombros caíram mais um pouco, como se parte dela tivesse esperado que eu soubesse o segredo para resolver tudo isso. – Enfim.

Num dos outros apartamentos, alguém estava tocando 50 Cent a uma altura de estourar os tímpanos, e outra pessoa aos berros estava mandando que ele baixasse o volume. Pareceu que Imelda não percebeu.

– Preciso fazer mais uma pergunta.

Imelda tinha ótimas antenas e alguma coisa na minha voz as tinha acionado. Seu rosto voltou a apresentar a expressão vazia.

– A quem você contou que eu e Rosie íamos nos mandar?

– Não contei a ninguém. Não sou dedo-duro.

Ela estava sentada mais empertigada, pronta para uma briga.

– Eu nunca achei que você fosse. Mas são muitas as formas para extrair informações de alguém, dedo-duro ou não. Você tinha o quê... 18, 19 anos? É fácil fazer uma adolescente beber o suficiente para ela deixar escapar alguma coisa, talvez jogando verde...

– Também não sou burra.

– Nem eu. Preste atenção, Imelda. Alguém esperou por Rosie no nº 16, naquela noite. Alguém encontrou Rosie lá, matou-a e jogou o corpo fora. Só três pessoas no mundo sabiam que ela ia entrar lá para apanhar aquela mala: eu, Rosie e você. Não foi de mim que tiraram a informação. E, como você mesma acabou de dizer, Rosie manteve a boca fechada por meses a fio. Era provável que você fosse sua melhor amiga, e ela não teria contado nem a você, se tivesse podido escolher. Você quer que eu acredite que ela pegou e se abriu com alguma outra pessoa também, só para se divertir? Besteira. Só resta você.

Antes que eu terminasse a frase, Imelda já estava em pé e arrancando a caneca da minha mão.

– É muita cara de pau você me chamar de dedo-duro na minha própria casa. Eu não devia ter deixado que entrasse. Com toda essa cascata de vir ver uma velha amiga. Amiga, uma ova, você só queria descobrir o que eu sabia...

Ela foi para a cozinha e jogou as canecas com força na pia. Só a culpa faz as pessoas terem um ataque de fúria desse tipo. Fui atrás dela.

– E você também, com toda a sua cascata de ter amor por Rosie. Querendo que ela tivesse sido a que conseguiu escapar. Tudo isso também não foi uma tremenda cascata, Imelda? Foi ou não foi?

– Você não sabe o que está dizendo. É fácil para você chegar aqui com o rei na barriga, depois de todo esse tempo. O grande machão. Mas você pode ir embora sempre que tiver vontade. Eu *preciso* morar aqui. Minhas filhas *precisam* morar aqui.

– E está lhe parecendo que estou indo embora? Estou bem aqui, Imelda, quer você goste, quer não. Não vou a parte alguma.

– Ah, vai. Você vai sair da minha casa. Pegue suas perguntas e enfie no rabo.

Fora daqui.

– Diga-me com quem você falou, e eu vou.

Eu estava perto demais. Imelda estava com as costas grudadas no fogão. Seus olhos chispavam ao redor da cozinha, em busca de rotas de fuga. Quando voltaram para mim, vi o lampejo irracional do medo.

– Imelda – disse eu, com a maior delicadeza possível. – Não vou bater em você. Só estou lhe fazendo uma pergunta.

– Fora daqui – disse ela.

Uma das suas mãos estava para trás, segurando alguma coisa. Foi nesse instante que eu percebi que o medo não era um reflexo, um resíduo de algum canalha que a tinha espancado. Imelda estava com medo de mim.

– Que porra você acha que eu vou fazer?

– Me avisaram que você é perigoso.

Antes que eu me desse conta, já tinha dado um passo à frente. Quando vi a faca subindo e a boca de Imelda se abrindo para um berro, fui embora. Já estava no pé da escada quando ela conseguiu se controlar o suficiente para se debruçar sobre o poço da escada e gritar atrás de mim, para que os vizinhos ouvissem:

– E não me apareça mais aqui. – E então ela bateu com violência a porta do apartamento.

Fui me embrenhando mais no Liberties, afastando-me da cidade. Todo o centro da cidade estava lotado de lêmings fazendo compras de Natal, dando cotoveladas uns nos outros na loucura em massa de mandar cobrar no cartão de crédito tudo em que pusessem os olhos, quanto mais caro melhor; e mais cedo ou mais tarde um deles ia me dar um pretexto para uma briga. Conheço um cara simpático chamado Danny Fósforos, que um dia se ofereceu para incendiar qualquer coisa que eu achasse que precisava ser queimada. Pensei no Faithful Place, na expressão ávida da sra. Cullen, na incerteza no rosto de Des Nolan e no medo no de Imelda; e pensei em dar uma ligada para Danny.

Continuei andando até dissipar o impulso de dar um soco em qualquer um que se aproximasse demais de mim. As ruelas e becos tinham a mesma aparência das pessoas no velório de Kevin, versões desfiguradas do que é familiar, como uma piada que eu não entendia: BMWs zero-quilômetro estacionados colados em frente do que antes eram cortiços, mães adolescentes berrando para dentro de carrinhos de bebê de grife, empoeiradas lojinhas de esquina transformadas em franquias reluzentes. Quando tive condições de parar, eu estava na catedral de St. Patrick. Fiquei um tempo sentado nos jardins, com os olhos pousados em algo que não saía do lugar havia oitocentos anos e ouvindo motoristas se enfurecendo à medida que a hora do rush se aproximava e o trânsito começava a parar.

Eu ainda estava sentado ali, fumando muito mais do que Holly teria aprovado, quando meu telefone tocou. A mensagem era de meu garoto Stephen, e eu poderia ter apostado que ele a reescrevera quatro ou cinco vezes para ela sair perfeita. *Olá, detetive Mackey, só para informá-lo de que estou com a info solicitada. Tudo de bom, Stephen Moran (Det.).*

Que belezinha. Eram quase cinco da tarde. Mande-i-lhe uma mensagem de volta: *Bom trabalho. Nos encontramos na Cosmo's assim que possível.*

A Cosmo's é uma lanchonetezinha de merda enfiada no emaranhado de vielas ao largo da Grafton Street. Ninguém da Homicídios ia querer ser apanhado morto ali, o que era uma grande vantagem. A outra era que a Cosmo's é um dos poucos lugares na cidade que ainda só contratam pessoal irlandês, o que quer dizer que nenhum deles vai se rebaixar a olhar direto para você. Há ocasiões em que isso é bom. Eu às vezes me encontrava com meus informantes lá.

Quando cheguei, o garoto já estava à mesa, com uma caneca de café aquecendo as mãos e fazendo desenhos, com a ponta de um dedo, num pouco de açúcar caído. Ele não levantou os olhos quando me sentei.

- Bom te ver de novo, detetive. Obrigado por entrar em contato.
- É. Bem... – disse ele, dando de ombros. – Eu disse que entraria.
- Ah. Estamos com algum problema?

– Isso tudo parece sórdido.

– Eu prometo que te respeito amanhã de manhã.

– Lá em Templemore, eles nos ensinaram que agora a força era nossa família. Eu prestei atenção àquilo, sabia? Levei a sério.

– E é o que deveria fazer. Ela é mesmo sua família. É isso o que os parentes fazem uns aos outros, meu caro. Você não tinha percebido?

– Não. Não tinha.

– Bem, sorte sua. Uma infância feliz é algo maravilhoso. Mas é assim que a outra metade da população vive. O que trouxe para mim?

Stephen mordeu a parte interna da bochecha. Fiquei olhando, com interesse, e deixei que ele resolvesse sozinho essa questão da consciência. E por fim, é claro, em vez de apanhar sua mochila e sair correndo da Cosmo's, ele se debruçou e tirou uma pasta verde fina.

– A autópsia – disse ele, entregando-me a pasta.

Folhei o relatório apressadamente. Diagramas das lesões de Kev saltavam das páginas para mim, pesos de órgãos, contusões cerebrais, nem de longe a leitura ideal para uma lanchonete.

– Muito bem – disse eu. – Agradeço muito. Faça-me um resumo, em trinta segundos ou menos.

Isso o espantou. Era provável que já tivesse dado notícias a famílias antes, mas não com todos os detalhes técnicos. Como não recuei, ele falou.

– Bem... Ok Ele... quer dizer, o morto; bem, seu irmão... caiu de uma janela, de ponta-cabeça. Não houve lesões defensivas nem lesões que indicassem um combate, nada que demonstrasse que outra pessoa estaria envolvida. A queda foi de uma altura aproximada de 6 metros, direto sobre terra batida. Ele bateu no chão com o alto da cabeça, meio para o lado, mais ou menos aqui. A queda fraturou seu crânio, o que provocou uma lesão cerebral e quebrou seu pescoço, o que teria paralisado sua respiração. Ou uma coisa ou a outra o matou. Muito depressa.

O que era exatamente o que eu tinha pedido, mas mesmo assim eu quase me apaixonei pela garçonete excessivamente arrumada, por ter aparecido bem naquele momento. Pedi café e algum tipo de sanduíche. Ela anotou o pedido errado duas vezes, para provar que era boa demais para aquele emprego, revirou os olhos com minha burrice e quase derrubou a caneca de Stephen no colo dele, quando arrancou o cardápio da minha mão; mas, quando foi embora se requebrando, eu tinha conseguido relaxar meu queixo, pelo menos em parte.

– Nenhuma surpresa – disse eu. – Recebeu os relatórios datiloscópicos?

Stephen fez que sim e tirou mais uma pasta, mais grossa. O Campeão tinha exercido alguma pressão sobre o Departamento de Polícia Técnica, para conseguir resultados com tanta rapidez. Ele queria ver esse caso encerrado e arquivado.

– Me passe as partes importantes.

– A parte externa da mala estava muito avariada: todo aquele tempo enfiada na chaminé apagou a maior parte do que estava lá antes; e depois temos os operários da construtora e a família que... a sua família. – Ele abaixou a cabeça, embaraçado. – Ainda há algumas impressões que casam com as de Rose Daly, mais uma que é da sua irmã, Nora, e mais três desconhecidas, provavelmente da mesma mão e deixadas na mesma hora, a julgar pela posição. No interior da mala, temos mais ou menos a mesma coisa: muitas de Rose em tudo o que aceita impressões, muitas de Nora no walkman, duas de Theresa Daly na parte interna da mala em si, o que faz sentido, quer dizer, já que a mala tinha sido dela; e montes da família Mackey, principalmente de Josephine Mackey. Essa deve ser, hum, sua mãe?

– É – disse eu. Seria decididamente minha mãe que desfaria aquela mala. Dava para eu ouvi-la: *Jim Mackey, trate de tirar essas mãos imundas desse troço. Tem calcinhas aí dentro. Você é algum tarado?* – Algum desconhecido?

– Não, na parte interna. Nós também temos, hum, algumas impressões suas no envelope das passagens.

Mesmo depois daqueles últimos dias, eu ainda tive espaço suficiente para isso me ferir: minhas impressões daquela noite estupidamente inocente no O'Neill's, ainda nítida como se fosse ontem depois de passar vinte anos escondida na escuridão, pronta para o pessoal da polícia técnica vir remexer nela.

– É, vocês têm, sim – disse eu. – Não me ocorreu usar luvas quando as comprei. Mais alguma coisa?

– Quanto à mala, é só isso. E parece que limpam o bilhete. Na segunda página, a que foi encontrada em 1985, temos Matthew, Theresa e Nora Daly, os três garotos que a encontraram e a levaram aos Daly e você. Nenhuma impressão de Rose. Na primeira página, a que estava no bolso de Kevin, não temos nada. Tipo, absolutamente nenhuma impressão digital. Como se ninguém jamais a tivesse tocado.

– E a janela por onde ele caiu?

– O contrário: um excesso de impressões. O Departamento Técnico tem bastante certeza de que temos impressões de Kevin no caixilho inferior e no superior da janela de guilhotina, onde se esperaria encontrá-las se ele abrisse a janela; e impressões da palma de Kevin no peitoril onde ele se debruçou, mas não afirmariam isso sob juramento. São muitas camadas de outras impressões por baixo; os detalhes se perdem.

– Mais alguma coisa que eu possa querer saber?

Ele fez que não.

– Nada que chame a atenção. As impressões de Kevin apareceram em mais dois lugares: na porta de entrada, na porta do quarto de onde ele caiu, mas em nenhum outro lugar que não se esperasse. A casa inteira está coberta de

impressões de desconhecidos. A polícia técnica ainda as está analisando. Até agora, surgiram uns caras com antecedentes sem importância, mas todos são moradores do local que poderiam ter estado lá sem nenhum motivo especial. Anos atrás, ao que se saiba.

– Bom trabalho – disse eu. Ajeitei as bordas dos arquivos e os enfiei na minha pasta. – Não vou me esquecer disso. Agora eu gostaria de ouvir seu resumo da teoria do detetive Kennedy sobre o que aconteceu.

Os olhos de Stephen acompanhavam minhas mãos.

– Diga-me de novo de que modo isso é eticamente correto.

– É eticamente correto, garoto, porque se faz e se limpa. Resuma.

Depois de um segundo, seus olhos se ergueram para encarar os meus.

– Não sei ao certo como falar com você sobre esse caso.

A garçonete largou na mesa meu café e nossos sanduíches e foi embora para se aprontar para o fim do seu turno. Não lhe demos atenção.

– Você quer dizer porque tenho ligações praticamente com todas as pessoas e todos os fatos envolvidos?

– É. Isso pode não ser fácil. Não quero piorar a situação.

E ainda por cima ele tinha consideração. Deem cinco anos a esse garoto, e ele estará no comando da polícia.

– Agradeço sua preocupação, Stephen. Mas o que preciso de você agora não é sensibilidade, mas objetividade. Você precisa fingir que esse caso não tem nada a ver comigo. Eu sou só alguém de fora que por acaso vem entrando e precisa de informações atualizadas. Dá para você fazer isso?

– Dá – disse ele, fazendo que sim. – É justo.

Recostei-me na minha cadeira e puxei o prato na minha direção.

– Ótimo. Desembucha.

Stephen não se apressou, o que foi bom: afogou seu sanduíche em ketchup e maionese, rearrumou as batatas fritas, certificou-se de que seus pensamentos estavam organizados. Então falou:

– Ok A teoria do detetive Kennedy é a seguinte. Tarde da noite de 15 de dezembro de 1985, Francis Mackey e Rose Daly estão planejando se encontrar no alto do Faithful Place, para fugirem juntos. Um irmão de Mackey, Kevin, ouve falar do assunto...

– Como? – Eu não via Imelda fazendo confidências a um guri de 15 anos.

– Isso não está claro, mas é óbvio que alguém falou, e Kevin se encaixa melhor do que a maioria das pessoas. Esse é um dos fatores que sustentam a teoria do detetive Kennedy. De acordo com todo mundo com quem falamos, Francis e Rose tinham mantido a fuga em segredo total. Ninguém tinha a menor ideia do que eles estavam planejando. Kevin, porém, estava numa posição privilegiada. Ele dormia no mesmo quarto que Francis. Pode ter visto alguma coisa.

Minha amiga Mandy tinha ficado de boca calada.

– Digamos que isso não conta. Não havia nada naquele quarto para ele ver.

Stephen deu de ombros.

– Sou da região de North Wall. Eu diria que o bairro de Liberties funciona do mesmo jeito, ou pelo menos funcionava naquela época: as pessoas vivem umas em cima das outras, elas falam, não existe o que se possa chamar de segredo. Preciso lhe dizer que eu ficaria perplexo se ninguém soubesse daquela fuga. Perplexo.

– Tem razão. Podemos deixar essa parte indefinida. O que acontece em seguida?

Concentrar-se em fornecer o relatório estava descontraindo Stephen um pouco. Estávamos de volta à sua zona de conforto.

– Kevin resolve interceptar Rose antes que ela se encontre com Francis. Pode ser que ele combine de se encontrar com ela, ou talvez ele saiba que ela precisará apanhar a mala; mas, seja como for, eles se encontram, com toda a probabilidade, em algum lugar no nº 16 do beco. Eles começam a discutir, ele perde o controle, agarra Rosie pelo pescoço e bate com a cabeça dela na parede. Pelo que Cooper diz, essa parte não teria demorado nada, talvez alguns segundos. Quando Kevin volta a se controlar, é tarde demais.

– Motivo? Por que ele a interceptaria, para começo de conversa? Pior ainda, por que discutiria com ela?

– Não se sabe. Todos dizem que Kevin gostava muito de Francis. Poderia ser que ele não quisesse que Rose o levasse embora. Ou poderia ser um ciúme sexual... ele estava naquela idade mais difícil para lidar com isso. Ela era linda, pelo que todos dizem. Pode ser que tenha rejeitado Kevin, ou talvez eles tivessem um caso paralelo... – De repente, Stephen se lembrou de quem era a pessoa com quem estava falando. Ele enrubescou, calou-se e me lançou um olhar apreensivo.

*Eu me lembro de Rosie, Kevin tinha dito. Aquela cabelo, aquela risada, seu jeito de andar...*

– A diferença de idade era um pouco grande para isso. Lembre-se que estamos falando de 15 e 19 anos. Mas ele até podia ter gostado dela, sim. Continue.

– Bem. O motivo nem precisa ser alguma coisa importante. Quer dizer, ao que se saiba, não parecia que ele tinha planos de matá-la. Parece mais que foi algo que simplesmente aconteceu. Quando se dá conta de que ela morreu, ele arrasta o corpo até o porão, a menos que eles já estivessem lá embaixo, e o coloca debaixo do concreto. Ele era forte para a idade. Tinha feito serviço temporário numa obra naquele verão, apanhando e carregando coisas. Ele teria sido fisicamente capaz disso. – Mais uma olhada de relance. Tirei um fiapo de presunto de um dente molar e fiquei olhando para ele, sem expressão.

“Em algum momento em toda essa atividade, Kevin encontra o bilhete que Rose ia deixar para a família e descobre que pode usá-lo em proveito próprio. Ele guarda a primeira página e deixa a segunda onde está. A ideia é que, se Francis for embora de qualquer modo, todos irão basicamente aceitar o plano original: os dois partiram juntos, e o bilhete é para os pais dela. Se Francis acabar voltando para casa quando vir que Rose não aparece, ou se ele entrar em contato com a família em algum momento, todos vão pensar que o bilhete era para ele e que ela viajou sozinha.”

– E por 22 anos – disse eu – foi exatamente isso o que aconteceu.

– É. E então o corpo de Rose aparece, nós começamos a investigar e Kevin entra em pânico. De acordo com todos com quem falamos, ele estava bem estressado nos dois últimos dias, e estava piorando. Por fim, ele não consegue mais suportar a tensão. Tira a primeira página do bilhete de onde quer que a tenha mantido guardada todo esse tempo, passa uma última noite com a família e então volta ao lugar onde matou Rose e... bem...

– Reza e mergulha de cabeça da janela do andar superior. E fez-se justiça.

– Mais ou menos, acho eu. É. – Stephen estava me vigiando discretamente, por cima da xícara de café, para ver se tinha me irritado.

– Bom trabalho, detetive. Claro, conciso e objetivo. – Stephen deu um rápido suspiro de alívio, como se estivesse saindo de um exame oral, e atacou seu sanduíche. – Quanto tempo você acha que temos até essa história se tornar o Evangelho segundo Kennedy e os dois casos serem encerrados?

Ele abanou a cabeça.

– Alguns dias, talvez. Ele ainda não mandou o arquivo para os superiores. Ainda estamos colhendo provas. Ele é meticoloso, o detetive Kennedy. Quer dizer, eu sei que ele tem sua teoria, mas não é como se a estivesse aplicando ao caso de qualquer modo, para se livrar da história toda. Ele fala como se nós, eu e os outros recrutados, ainda fôssemos ficar na Homicídios o resto desta semana.

O que significava que, basicamente, eu tinha cerca de três dias. Ninguém gosta de voltar atrás. Uma vez que esse caso estivesse oficialmente encerrado, eu precisaria apresentar um vídeo autenticado de alguma outra pessoa cometendo os dois crimes antes que alguém se dispusesse a reabri-lo.

– Tenho certeza de que vai ser dinamite pura – disse eu. – O que você pessoalmente acha da teoria do detetive Kennedy?

Essa pegou Stephen desprevenido. Ele demorou um segundo para controlar a boca cheia de sanduíche.

– Eu?

– Você, meu menino. Eu já sei como funciona a cabeça do Campeão. Como eu lhe disse antes, estou interessado no que você tem a oferecer. Além da sua datilografia enlouquecida.

– Não é minha função... – disse, dando de ombros.

– É, sim. Eu estou perguntando. Isso já torna o assunto sua função. Para você essa teoria se sustenta?

Stephen encheu a boca com mais sanduíche, para se dar tempo para pensar. Ele estava olhando para o prato, mantendo os olhos invisíveis.

– É, Stevie, você precisa mesmo ter em mente que meu interesse pode ser parcial pra cacete, que eu posso estar enlouquecido de dor, ou que sou simplesmente maluco, para começo de conversa, e qualquer uma dessas hipóteses ou todas elas poderiam me tornar uma pessoa muito inconveniente para você expor seus pensamentos mais profundos. Mesmo assim, aposto que essa não é a primeira vez que passou pela sua cabeça que o detetive Kennedy poderia estar errado.

– Já me ocorreu – disse ele.

– É claro que ocorreu. Se não tivesse ocorrido, você seria um idiota. Ocorreu a mais alguém da equipe?

– Não que eles tenham mencionado.

– E não vão mencionar. Todos já pensaram no assunto, porque eles também não são idiotas, mas estão de boca fechada, porque têm pavor da ideia de não agradar ao Campeão. – Debrucei-me sobre a mesa, chegando perto o suficiente para forçá-lo a olhar para mim. – Sobrou você, detetive Moran. Você e eu. Se o cara que matou Rose Daly ainda estiver andando por aí, ninguém vai atrás dele, a não ser nós dois. Você começa a ver exatamente por que esse nosso jogo não tem problema algum em termos *éticos*?

– Acho que sim – disse Stephen, depois de um instante.

– Em termos éticos é simplesmente uma beleza, porque sua responsabilidade básica aqui não é para com o detetive Kennedy ou para comigo, por sinal. Ela é para com Rose Daly e Kevin Mackey. Nós somos tudo o que lhes restou. Então, trate de parar de perder tempo, como uma virgem segurando a calcinha, e me diga o que acha da teoria do detetive Kennedy.

– Não sou louco por ela – disse Stephen, simplesmente.

– Por que não?

– As lacunas não me incomodam: nenhum motivo conhecido, a incerteza quanto a como ele soube da fuga, todo esse tipo de coisa. É de se esperar que haja lacunas desse tipo depois de tanto tempo. O que me perturba são os resultados da datiloscopia.

Eu estava me perguntando se ele teria detectado esse ponto.

– Qual o problema deles?

Ele lambeu maionese do polegar e o levantou.

– Em primeiro lugar, as impressões desconhecidas na parte externa da mala. Elas poderiam não ser nada, mas, se essa investigação fosse minha, eu ia querer identificá-las antes de encerrar o caso.

Eu tinha bastante certeza de quem tinha deixado essas impressões

desconhecidas, mas não tive vontade de contar.

– Eu também ia querer. Mais alguma coisa?

– Sim. A outra coisa é o seguinte – um dedo foi levantado –: por que não há impressões na primeira página do bilhete? Limpar a segunda página faz sentido: se alguém começar a ter suspeitas e der queixa do desaparecimento de Rose, Kevin não quer que a polícia encontre suas digitais no bilhete de despedida. Mas a primeira página? Ele a tira de onde a guardou todo esse tempo e planeja usá-la como carta de um suicida e como *confissão*, certo, mas antes ele limpa todas as impressões e usa *luvas* para enfiá-la no próprio bolso? Para evitar o quê? Que alguém a *associe* a ele mesmo?

– E o que o detetive Kennedy tem a dizer sobre isso?

– Ele diz que é uma anomalia insignificante, nada de importância. Todo caso tem esse tipo de coisa. Kevin limpa as duas páginas naquela primeira noite, esconde a primeira. Quando a tira do lugar de novo, não deixa suas impressões. Nem sempre as pessoas deixam impressões. O que é bem verdadeiro... só que estamos falando de alguém que está prestes a se *matar*. Alguém que está basicamente fazendo uma confissão de *assassinato*. Por mais frio que você seja, você estará suando como um filho da p..., suando feito louco. E, quando você sua, deixa suas digitais. – Stephen balançou a cabeça. – Aquela página devia ter impressões digitais. Ponto final. – E voltou a devorar o sanduíche.

– Só pelo prazer, vamos tentar uma coisa. Vamos supor por um instante que meu velho amigo, o detetive Kennedy, esteja equivocado, pelo menos dessa vez. E que Kevin Mackey não tenha matado Rose Daly. Nesse caso, o que temos?

Stephen ficou olhando para mim.

– Estamos partindo do pressuposto de que também Kevin tenha sido assassinado?

– Me diga você.

– Se ele não limpou aquele bilhete e não o pôs no próprio bolso, alguma outra pessoa o fez por ele. Meu palpite é assassinato.

Senti de novo aquele impulso súbito e traiçoeiro de afeto me percorrer. Quase peguei o garoto numa chave de cabeça e desmanchei seu cabelo.

– O meu também – disse eu. – E o que sabemos do assassino?

– Estamos pensando que é a mesma pessoa?

– Espero sinceramente que sim. Minha vizinhança pode ser um pouco amalucada, mas espero em Deus que não seja amalucada o suficiente para ter dois assassinos separados, agindo na mesma rua.

Em algum momento nos últimos sessenta segundos, desde que começou a ter opiniões, Stephen tinha ficado com muito menos pavor de mim. Ele estava debruçado, com os cotovelos na mesa, tão concentrado que tinha se esquecido totalmente do resto do seu sanduíche. Havia nos seus olhos um chispar novo e duro, mais duro do que eu teria esperado encontrar num novato tão doce e

envergonhado.

– Então, de acordo com as conclusões de Cooper, é provável que seja um homem. Com idade, digamos, entre os quase 40 e os 50, de modo que estaria entre o meio da adolescência e os 30 anos quando Rose morreu. E em boa forma, tanto naquela época como agora. Foi necessário um cara com músculos.

– No caso de Rose, sim. No de Kevin, não. Se você conseguisse um jeito de fazer com que ele se debruçasse daquela janela, e Kevin não era do tipo desconfiado, um empurrãozinho de nada teria sido suficiente. Nenhuma força bruta necessária.

– Portanto, se nosso cara estava entre os 15 e os 50, quando atacou Rose, isso o deixa agora entre os quase 40 e os 70.

– Infelizmente. Mais alguma coisa que se possa dizer a respeito dele que facilite sua identificação?

– Ele cresceu em algum lugar muito perto do beco – disse Stephen. – E conhece o nº 16 como a palma da mão. Quando se deu conta de que Rose tinha morrido, ele deve ter levado um choque daqueles, mas ainda assim se lembrou daquelas lajes de concreto no porão. E, pelo que todos estão nos dizendo, as pessoas que conheciam o nº 16 são as que moravam no beco ou nas proximidades quando eram adolescentes. Pode ser que ele não more mais ali. Há dezenas de meios pelos quais ele poderia ter sabido do descobrimento do corpo de Rose, mas ele soube.

Pela primeira vez na minha carreira, eu estava fazendo uma leve ideia do motivo pelo qual o pessoal da Homicídios adora tanto o trabalho que faz. Quando o pessoal da Inteligência sai à caça, nós pegamos tudo o que por acaso cair nas nossas armadilhas. Metade do nosso talento é saber o que usar como isca, o que devolver para o lugar de onde veio e o que levar para casa depois de uma porrada na cabeça. Isso aqui era totalmente diferente. Esses caras eram os especialistas chamados para rastrear um predador isolado, e eles focalizavam a atenção nele, como se estivessem focalizando a atenção no ser amado. Qualquer outra coisa que por acaso entrasse na sua mira, enquanto eles vasculhavam a escuridão em busca daquele único vulto, não significava praticamente nada. Isso aqui era específico, era íntimo e poderoso: eu e aquele único cara, em algum lugar no mundo lá fora, escutando atentos para ver onde o outro pisaria em falso. Naquela noite, na lanchonete, aquela parecia ser a ligação mais íntima que eu tinha.

– A grande questão não é como ele descobriu que o corpo de Rose tinha aparecido... Como você diz, provavelmente todo mundo que um dia morou no Liberties recebeu um telefonema a respeito disso. A grande questão é como ele descobriu que Kevin representava uma ameaça para ele, depois de todo esse tempo. Pelo que eu vejo, somente uma pessoa poderia ter deixado isso claro para ele, e essa pessoa é Kevin. Ou eles dois ainda estavam em contato, ou eles se

encontraram por acaso, durante todo o alvoroço desse fim de semana; ou Kevin fez o maior esforço para se comunicar com ele. Quando você tiver oportunidade, gostaria que descobrisse para quem Kevin ligou em suas últimas 48 horas: celular e fixo, se ele tinha linha fixa, para quem ele enviou mensagens de texto e quem ligou para ele ou lhe enviou mensagens de texto. Por favor, diga-me que estou certo em supor que o detetive Kennedy mandou puxar esses registros.

– Eles ainda não chegaram, mas ele mandou, sim.

– Se nós descobrirmos com quem Kevin falou nesse fim de semana, teremos nosso homem. – Lembrei-me dele perder a cabeça e sair furioso, na tarde de sábado, enquanto eu levava a mala para o Campeão. A vez seguinte que o vi tinha sido no pub. Ele poderia ter ido se encontrar com praticamente qualquer pessoa, naquele meio-tempo.

– E essa é a outra coisa – disse Stephen. – Acho provável que ele tenha sido violento. Quer dizer, é *óbvio* que ele foi violento, mas o que estou querendo dizer é que não foi só nessas duas ocasiões. Creio haver uma boa chance de ele ter antecedentes, ou pelo menos uma reputação.

– Teoria interessante. No que você se baseia?

– Há uma diferença entre os dois crimes, certo? O segundo teve de ser planejado, mesmo que tenha sido com apenas alguns minutos de antecedência, mas está quase definido que o primeiro não foi.

– E daí? Ele está mais velho agora, mais controlado. Pensa antes. Na primeira vez, ele só perdeu o controle.

– É, mas é isso o que estou querendo dizer. É assim que ele perde o controle. Isso não vai mudar, por mais que ele envelheça.

Ergui uma sobrancelha. Eu sabia o que ele estava querendo dizer, mas queria ouvi-lo dar a explicação. Stephen esfregou uma orelha, meio desajeitado, tentando encontrar as palavras.

– Tenho duas irmãs – disse ele. – Uma está com 18 anos, certo? Se você a irritar, ela berra tão alto que dá para ouvi-la a uma boa distância na rua. A outra tem 20 anos. E, quando perde o controle, joga coisas na parede do quarto delas: nada que se quebre, tipo, canetas esferográficas ou sei lá o quê. É assim que elas sempre foram, desde que éramos crianças. Se um dia a mais nova começasse a jogar coisas, ou a mais velha começasse a berrar, ou se qualquer uma das duas se tornasse violenta com outras pessoas, eu ficaria perplexo. As pessoas se descontrolam sempre da mesma forma.

Consegui extrair das profundezas um sorriso de aprovação para ele – o garoto tinha direito a um tapinha na cabeça – e eu estava começando a me perguntar como ele se descontrolava, quando a cena me ocorreu. O craque surdo e desagradável da cabeça de Shay na parede, sua boca se abrindo enquanto as mãos grandes de nosso pai o mantinham em pé, segurando-o pelo pescoço. Nossa mãe aos berros: *Olhe o que você fez, seu filho da mãe. Você acabou de*

*matar o menino. E a voz rouca e grossa de nosso pai: Bem feito. E Cooper: O agressor segurou-a pelo pescoço e bateu com a cabeça dela repetidamente numa parede.*

Alguma coisa no meu rosto preocupou Stephen, talvez eu estivesse com o olhar fixo.

– O que foi? – disse ele.

– Nada – disse eu, vestindo minha jaqueta. Matt Daly, categórico e definitivo: *As pessoas não mudam.* – Você está fazendo um bom trabalho, detetive. Estou falando sério. Entre em contato assim que obtiver os registros das chamadas telefônicas.

– Pode deixar. Está tudo...

Encontrei 20 libras e empurrei o dinheiro para ele, do outro lado da mesa.

– Cuide da conta. Preciso que me informe imediatamente se a polícia técnica encontrar digitais que combinem com as desconhecidas na mala, ou se o detetive Kennedy lhe disser quando está planejando encerrar a investigação. Lembre-se, detetive: agora resume-se a você e a mim. Nós somos tudo o que lhes resta.

Saí. A última coisa que vi foi o rosto de Stephen, desbotado, através da vidraça da janela da lanchonete. Ele estava segurando as 20 libras e me olhando ir embora. Estava boquiaberto.

Não parei de andar por mais algumas horas. No caminho, segui pela Smith's Road passando pela entrada do beco, como Kevin deveria ter feito depois de acompanhar Jackie até o carro, na noite de domingo. Por uma boa parte do caminho, tive uma visão clara das janelas dos fundos do andar superior do nº 16, de onde Kevin tinha mergulhado de cabeça, e depois um vislumbre rápido, por cima do muro, das janelas do térreo. Deixando a casa para trás, se eu desse meia-volta, teria uma vista total da frente da casa enquanto passava pelo alto do beco. A iluminação da rua significava que qualquer pessoa que estivesse esperando dentro da casa teria visto minha chegada, mas ela também conferia às janelas um tom laranja opaco e esfumado. Se houvesse uma lanterna acesa na casa, ou algum tipo de atividade, eu não teria detectado nada. E, se alguém quisesse se debruçar da janela e me chamar, teria de fazê-lo com a voz alta o suficiente para correr o risco de que o resto do beco ouvisse. Kevin não entrou naquela casa porque alguma coisa brilhante atraía seu olhar. Ele tinha um encontro marcado.

Quando cheguei a Portobello, procurei um banco à margem do canal e fiquei sentado ali o tempo necessário para repassar todo o relatório da autópsia. O jovem Stephen tinha um talento para resumir: não houve surpresas para mim, a não ser umas duas fotos que, para ser justo, eu deveria ter me preparado para ver. Kevin tinha a saúde perfeita. No que dizia respeito a Cooper, ele poderia ter vivido para sempre, se ao menos tivesse conseguido ficar longe de prédios altos. A causa da morte foi classificada como “indeterminada”. Você sabe que sua vida está numa merda federal quando até mesmo Cooper começa a ter muito tato com você.

Voltei para o Liberties e passei pela Copper Lane umas duas vezes, verificando pontos de apoio para os pés. Lá pelas 8:30, quando todo mundo estava jantando, vendo televisão ou pondo as crianças na cama, pulei o muro, atravessei o quintal dos fundos dos Dwyer e entrei no dos Daly.

Eu precisava saber exatamente o que tinha acontecido entre meu pai e Matt Daly. A ideia de bater aleatoriamente à porta de vizinhos não me atraía muito e, além do mais, quando me é dada a escolha, eu vou à fonte. Eu tinha certeza de que Nora sempre teve uma quedinha por mim. Jackie dissera que Nora morava em Blanchardstown ou outro lugar semelhante, mas famílias normais, ao contrário da minha, se unem mais quando acontecem desgraças. Depois do sábado, eu podia apostar que ela tinha deixado o marido e o filho, um cuidando do outro, e estava passando uns dias sob o teto de mamãe e papai Daly.

O cascalho rangeu sob meus pés, quando pousei no chão. Fiquei imóvel nas sombras, encostado no muro, mas ninguém veio olhar.

Aos poucos meus olhos se acostumaram ao escuro. Eu nunca tinha estado naquele quintal. Como eu disse a Kevin, sentia medo demais de ser apanhado. Era o que se esperaria de Matt Daly: muitos deques, arbustos cuidadosamente podados, pauzinhos com etiquetas fincados em canteiros, prontos para a primavera. A casinha da latrina fora transformada num pequeno barracão reforçado para equipamento de jardinagem. Encontrei um belo banco de ferro batido num canto convenientemente sombrio, sequei-o mais ou menos e me acomodei para esperar.

Uma luz estava acesa numa janela do térreo, e eu pude ver a fileira de armários de pinho na parede: a cozinha. E, como era de se esperar, depois de meia hora, Nora entrou ali, usando um pulôver preto grande demais, com o cabelo puxado para trás num coque improvisado. Mesmo a uma distância daquelas, ela parecia cansada e pálida. Pegou um copo de água da torneira e se encostou na pia para bebê-lo, com o olhar vazio, voltado para a janela, e a mão livre subindo para massagear a nuca. Daí a um instante, sua cabeça se ergueu de repente. Ela gritou alguma coisa por cima do ombro, deu uma enxaguada rápida no copo e o largou no corredor, pegou alguma coisa num armário e saiu dali.

E ali estava eu, pronto para o que desse e viesse, sem poder fazer nada até que Nora Daly decidisse que estava na hora de ir dormir. Eu nem mesmo podia fumar um cigarro, para evitar que alguém detectasse o clarão. Matt Daly era do tipo que iria atrás de invasores com um bastão de beisebol, pelo bem da comunidade. Pela primeira vez, no que me pareceram meses, tudo o que eu podia fazer era ficar sentado sem me mexer.

O beco estava encerrando as atividades para a noite. Uma televisão lançava brilhos espasmódicos no muro dos Dwyer; uma música vinha se infiltrando baixinho de algum lugar, uma voz doce e nostálgica de mulher lamentando-se pelos quintais afora. No nº 7, luzes multicoloridas de Natal e Papais Noéis rechonchudos cintilavam nas janelas, e um dos adolescentes da safra atual de Sallie Hearne gritou: “Não! Eu te odeio!”, e bateu uma porta com violência. No andar superior do nº 5, os yuppies partidários da anestesia epidural estavam pondo o bebê para dormir. Papai, carregando-o para o quarto, recém-saído do banho, numa camisolinha branca, balançando-o no ar e dando beijos ruidosos na barriguinha. Mamãe rindo e se curvando para arejar os cobertores. Logo ali do outro lado da rua, minha mãe e meu pai estavam presumivelmente catafônicos diante da televisão, envoltos em seus pensamentos distintos e inimagináveis, tentando ver se conseguiriam chegar até a hora de dormir sem ter de falar um com o outro.

O mundo parecia fatídico naquela noite. Normalmente, gosto do perigo. Para concentrar a mente, não há nada melhor que o perigo, mas aquilo ali era diferente. Era a terra retesando-se e flexionando-se debaixo dos meus pés, como um músculo enorme, fazendo com que todos nós saíssemos voando, mostrando

mais uma vez quem mandava naquele jogo e quem estava a milhões de quilômetros de conseguir compreendê-lo. O estranho tremor no ar era um lembrete: tudo o que você acredita que está à sua disposição, todas as regras básicas podem se alterar em questão de segundos. E a banca sempre, sempre ganha. Eu não teria me espantado se o nº 7 tivesse implodido por cima dos Hearn e de seus Papais Noéis; ou se o nº 5 tivesse desaparecido numa grande *lufada* de labaredas e cinzas de yuppies em tons pastéis. Pensei em Holly, no que eu tinha tido tanta certeza de ser sua torre de marfim, tentando descobrir como o mundo podia existir sem o tio Kevin; pensei no pequeno Stephen com seu sobretudo novinho, tentando não acreditar no que eu estava lhe ensinando a respeito do seu trabalho; em minha mãe, que aceitou a mão do meu pai no altar, teve os filhos dele e achou que era uma boa ideia. Pensei em mim, em Mandy, Imelda e nos Daly, sentados em silêncio em nossos cantos isolados dessa noite, tentando ver que forma esses 22 anos adquiriram, sem Rosie, em algum lugar lá fora, influenciando seu comportamento.

Nós tínhamos 18 anos e estávamos no Galligan's, tarde numa noite de sábado na primavera, quando pela primeira vez Rosie me falou da *Inglaterra*. Toda a minha geração tem histórias sobre o Galligan's, e quem não tem suas próprias pega emprestadas as dos outros. Todo executivo de meia-idade de Dublin vai lhe contar com prazer que fugiu, correndo de lá quando a polícia fez uma batida às três da manhã; que pagou bebida para o U2 lá, antes de eles serem famosos; que conheceu a esposa lá; que perdeu um dente jogando ou ficou tão doidão que dormiu no banheiro e só foi encontrado depois do fim de semana. O lugar era uma ratoeira e uma armadilha em caso de incêndio: tinta preta descascando, sem janelas, grafitados com as figuras de Bob Marley e Che Guevara, ou qualquer outro ídolo que a tribo da ocasião por acaso admirasse. Mas eles serviam bebidas tarde da noite, mais ou menos: como não tinham permissão para vender cerveja, era possível escolher entre dois tipos de vinhos alemães viscosos, ambos fazendo com que você se sentisse ligeiramente esnobe e gravemente extorquido. Eles ofereciam também o tipo de loteria de música ao vivo em que nunca se sabia o que ia se ouvir numa noite. A galera de hoje não ia querer nem de longe saber do Galligan's. Nós o adorávamos.

Rosie e eu estávamos lá para ver uma nova banda de glam-rock chamada Lipstick On Mars, que lhe tinham dito que era boa, além de qualquer outra que por acaso se apresentasse. Estávamos bebendo o melhor vinho branco alemão e dançando para valer. Eu adorava ver Rosie dançar, o requebrar dos quadris, o balanço do cabelo e a risada curvando sua boca. Ela nunca deixava o rosto vazio como outras garotas faziam quando dançavam. Ela sempre tinha uma expressão. Estava prometendo ser uma noite muito boa. A banda não era nenhum Led Zeppelin, mas eles tinham letras inteligentes, um ótimo baterista e um brilho tresloucado que as bandas tinham naquela época, quando ninguém tinha nada a

perder e o fato de não se ter absolutamente nenhuma chance de fazer sucesso não importava, porque mergulhar com todo o coração numa banda era a única coisa que o impedia de ser mais um beneficiário do auxílio-desemprego, sem futuro, deprimido, sem ter o que fazer no seu conjugado. A banda lhes dava alguma coisa: uma gota de magia.

O baixista arrebentou uma corda para provar que era um cara sério; e, enquanto ele a trocava, Rosie e eu fomos ao bar apanhar mais vinho.

– Esse troço é uma droga – disse Rosie ao barman, abanando-se com a blusa.

– Eu sei, é mesmo. Acho que é feito de xarope. Eles deixam no armário para arejar algumas semanas e está pronto. – O barman gostava da gente.

– Está pior do que de costume. Você recebeu um lote ruim. Não tem nada razoável pra se beber?

– Ele funciona, não funciona? Se quiser outra coisa, largue o namorado, espere até a gente fechar e eu levo você a um lugar melhor.

– Quer que eu mesmo lhe dê um tabefe, ou prefere que eu deixe a tarefa para sua mina? – A namorada do barman usava o cabelo moicano e tatuagens que cobriam os braços. Nós nos dávamos bem com ela, também.

– Prefiro você. Ela é mais durona. – Ele piscou um olho para nós e foi buscar meu troco.

– Tenho uma notícia pra você – disse Rosie.

Ela parecia séria. Me esqueci totalmente do barman e comecei a somar datas na minha cabeça, feito louco.

– É? Qual?

– Alguém está se aposentando na linha de produção da Guinness, mês que vem. Meu pai diz que vem falando bem de mim a cada oportunidade que consegue. E, se eu quiser o emprego, ele é meu.

Recuperei o fôlego.

– Ah, incrível – disse eu. Eu teria muita dificuldade para me alegrar por qualquer outra pessoa, especialmente com o sr. Daly envolvido na história, mas Rosie era minha garota. – Maravilha. Parabéns.

– Não vou aceitar.

O barman fez meu troco deslizar pelo balcão. Eu o apanhei.

– O quê? Por que não?

Ela deu de ombros.

– Não quero nada que meu pai consiga pra mim. Quero alguma coisa que eu consiga por mim mesma. E, seja como for...

A banda recomeçou a tocar com uma explosão exagerada por parte do baterista, e o resto da frase de Rosie se perdeu. Ela riu e apontou para os fundos do salão, onde geralmente era possível ouvir os próprios pensamentos. Peguei sua mão livre e fui na frente, atravessando um grupo de garotas saltitantes, com luvas sem dedos e olhos pretos de tanto delineador, em torno do qual orbitavam uns

caras inexpressivos na esperança de que, se ficassem perto o suficiente, de algum modo acabariam ganhando uns amassos.

– Pronto – disse Rosie, sentando-se de um salto no peitoril de uma janela emparedada. – Legais, esses caras, não é?

– São demais. – Eu tinha passado aquela semana entrando em diversos lugares na cidade, perguntando se havia alguma oportunidade de trabalho, e recebendo risadas em praticamente todos eles. O restaurante mais imundo do planeta tinha uma vaga para auxiliar de cozinha, e eu tinha começado a sentir alguma esperança, com base no fato de que nenhuma pessoa mentalmente sã ia querer esse emprego, mas o gerente, quando viu meu endereço, me rejeitou, com uma insinuação nada sutil sobre itens faltando no estoque. Há meses que Shay não deixava passar um dia sem falar como o diploma do secundário e toda a sua instrução não conseguimos pôr um centavo na mesa. O barman tinha acabado de levar a melhor parte da minha última nota de dez libras. Qualquer banda que tocasse alto e rápido o suficiente para esvaziar minha cabeça subia no meu conceito.

– Ah, demais, não. São legais, mas metade disso está ali. – Com o copo de vinho, Rosie indicou o teto. O Galligan's tinha um punhado de luzes, a maioria presa a vigas com o que parecia ser arame para enfardar. Um cara chamado Shane era encarregado delas. Se você chegasse perto demais da sua mesa de iluminação com um drinque na mão, ele ameaçava dar-lhe um soco.

– O quê? A iluminação? – Shane tinha conseguido obter algum tipo de efeito prateado e veloz que conferia à banda um quase glamour nervoso, meio sórdido. Era provável que pelo menos um deles fosse se dar bem depois da apresentação.

– É. Esse cara, o Shane, é bom mesmo. É ele que está fazendo a banda o que é. Esse grupo, eles são só atmosfera. Tire as luzes e as roupas, e eles não passam de quatro caras bancando patetas.

Dei uma risada.

– Isso vale pra todas as bandas, sem dúvida.

– Mais ou menos, sim. É provável. – Rosie me olhou de esguelha, quase com timidez, por cima da borda do copo. – Posso lhe contar uma coisa, Francis?

– Fala. – Eu adorava a cabeça de Rosie. Se eu pudesse ter entrado nela, teria passado o resto da minha vida feliz, perambulando por lá, só olhando.

– É isso o que eu adoraria fazer.

– Iluminação? Pra bandas?

– Isso mesmo. Você sabe como eu sou com essa história de música. Eu sempre quis trabalhar com isso, desde pequena. – Eu sabia, todo mundo sabia, que Rosie era a única criança no beco que tinha gastado todo o dinheiro que lhe deram de presente de crisma em discos. Mas essa era a primeira vez que ela dizia alguma coisa sobre iluminação. – Só que eu não canto merda nenhuma, e a parte artística não combinaria comigo de qualquer jeito, compor canções ou

tocar guitarra, nada desse tipo. É disso que eu gosto. – Ela inclinou o queixo para o alto, para os raios de luz que se entrecruzavam.

– É? Por quê?

– Porque sim. Aquele cara acabou de tornar essa banda melhor. Ponto final. Não importa se eles estão numa noite boa ou ruim, se apenas meia dúzia de pessoas aparecem ou se ninguém mais chega a perceber o que ele está fazendo. Não importa o que aconteça, ele vem e faz com que a banda seja melhor do que teria sido. Se ele for realmente brilhante no que faz, poderá tornar a banda  *muito* melhor, a cada vez. Gosto disso.

O lampejo nos seus olhos me deixou feliz. Seu cabelo estava revolto de dançar, e eu o afaguei.

– É um trabalho legal, sem dúvida.

– E eu gosto porque faz diferença se ele for brilhante no que faz. Nunca trabalhei em nada assim... Ninguém liga a mínima se eu costurar maravilhosamente, desde que eu não faça uma lambança, é só isso o que importa. E na Guinness seria exatamente a mesma coisa. Eu adoraria ser boa, realmente boa, em alguma coisa e fazer com que tivesse *importância*.

– Vou ter de fazer você entrar discretamente nos bastidores do Gaiety e lá vai poder acionar os interruptores – disse eu, mas Rosie não riu.

– Meu Deus, imagine só. Esse aqui é uma bosta de um equipamento pequeno. Imagine o que se poderia fazer com um equipamento de verdade, como numa apresentação grande. Se estivesse trabalhando para uma banda grande que faz turnês, você teria nas mãos equipamentos diferentes de dois em dois dias...

– Não vou querer que você saia em turnê com um punhado de astros do rock. Não sei o que mais ia acabar nas suas mãos.

– Você podia vir junto. Ser um *roadie*.

– Gostei da ideia. Vou ficar tão musculoso que nem os Rolling Stones iam se meter com minha garota. – Flexionei meu bíceps.

– Você toparia?

– Vou poder testar as *groupies*?

– Seu sacana – disse Rosie, animada. – Não vai poder, não. Só se eu puder transar com os roqueiros. Agora, falando sério, você trabalharia nisso? Como *roadie*, alguma coisa desse tipo?

Ela estava perguntando para valer. Queria saber mesmo.

– Trabalharia, sim. Faria isso sem nem pensar. Parece um barato: poder viajar, ouvir boa música, nada de tédio... Mas acho difícil eu ter essa oportunidade.

– Difícil por quê?

– Ora, vamos. Quantas bandas em Dublin têm condição de pagar para ter um *roadie*? Você acha que esses caras têm? – Fiz um gesto de cabeça para o Lipstick On Mars, que dava a impressão de que não tinha como pagar o ônibus para voltar

para casa, muito menos para sustentar uma equipe. – Eu lhe garanto que o *roadie* deles é o irmãozinho de um integrante que enfia a bateria na traseira da caminhonete do pai de outro integrante.

Rosie fez que sim.

– Eu diria que com a iluminação é a mesma coisa: só algumas apresentações programadas, e eles procuram pessoas que já têm experiência. Não há um curso a fazer, não existe aprendizagem, nada desse tipo. Eu verifiquei.

– Não me surpreende.

– Então, digamos que você realmente estivesse a fim de abrir uma brecha pra entrar, certo? Não importa o que seja necessário. Por onde começaria?

– Em nenhum lugar por aqui – disse eu, dando de ombros. – Londres, talvez Liverpool. Na Inglaterra, de qualquer modo. Descobrir uma banda que praticamente só tivesse condições de lhe dar o que comer, enquanto você estivesse aprendendo, e depois seguir carreira.

– É o que acho também. – Rosie bebericou o vinho e se recostou no nicho, olhando para a banda. E então falou, em tom neutro. – Por isso, vamos pra Inglaterra.

Por um segundo, achei que tinha ouvido errado. Olhei espantado para ela. Como ela não piscou, perguntei.

– Está falando sério?

– Estou, sim.

– Minha nossa – disse eu. – Sério, agora? Sem brincadeira?

– Sério como um ataque cardíaco. Por que não?

Parecia que Rosie tinha acendido todo um depósito de fogos de artifício dentro de mim. A sequência final do baterista retumbou pelos meus ossos, como uma bela e enorme série de explosões, e eu mal conseguia ver direito.

– Seu pai ia subir pelas paredes – foi tudo o que consegui dizer.

– É, ia mesmo. E daí? Ele vai subir pelas paredes, de qualquer modo, quando descobrir que ainda estamos juntos. Assim pelo menos não estaríamos aqui pra ouvir. Mais um bom motivo pra escolher a Inglaterra: quanto mais longe, melhor.

– É claro – disse eu. – Claro. Meu Deus. Como nós íamos...? Não temos dinheiro. Precisariamos ter dinheiro para as passagens, e um cafofo e... meu Deus.

Rosie estava balançando uma perna e me observando com firmeza, mas isso a fez sorrir.

– Eu sei disso, seu bobo. Não estou falando em irmos embora hoje à noite. Teríamos de juntar dinheiro.

– Levaria meses.

– Você tem mais alguma coisa pra fazer?

Talvez tenha sido o vinho. A sala pareceu que estava se abrindo em torno de mim; das paredes brotavam cores que eu nunca tinha visto; o piso acompanhava

as batidas do meu coração. A banda terminou, com um floreio. O vocalista bateu forte com o microfone na testa e a multidão enlouqueceu. Bati palmas automaticamente. Quando as coisas se acalmaram e todos, a banda inclusive, se dirigiram para o bar, eu pude perguntar.

– Isso é o que você pretende fazer, não é?

– É isso o que estou lhe dizendo.

– Rosie. – Pus meu copo no peitoril e me aproximei dela, olhos nos olhos, com seus joelhos de cada lado de mim. – Você pensou nisso? Pensou e calculou tudo?

Ela tomou mais um gole do vinho e fez que sim.

– É claro. Venho pensando nisso há meses.

– Eu não sabia de nada. Você nunca falou.

– Só quando eu tivesse certeza. Agora tenho certeza.

– Como?

– O emprego na Guinness. Foi o que me fez tomar a decisão. Enquanto eu estiver por aqui, meu pai vai tentar me fazer entrar pra lá, e mais cedo ou mais tarde eu vou desistir e aceitar o emprego. Porque ele tem razão, sabe, Francis, é uma grande oportunidade. Tem gente que mataria por um emprego desses. Só que, uma vez que eu entre pra lá, nunca vou conseguir sair.

– E, se fizermos a travessia para a Inglaterra – disse eu –, não voltaremos. Ninguém volta.

– Eu sei. É essa a questão. De que outro modo vamos ficar juntos direito? Não posso falar por você, mas não quero meu pai debruçado por cima do meu ombro, só falando merda pelos próximos dez anos, tentando perturbar nossas cabeças a cada oportunidade, até um dia ele *finalmente* descobrir que somos felizes. Quero que você e eu tenhamos um começo decente: fazendo o que queremos fazer, juntos, sem nossas famílias dirigindo toda a nossa vida. Só nós dois.

A iluminação tinha passado para uma névoa de águas profundas; e atrás de mim uma garota começou a cantar, a voz grave, rouca e forte. No giro vagaroso dos feixes de luz verde e dourada, Rosie parecia uma sereia, como uma miragem feita de cor e luz. Por um segundo, tive vontade de agarrá-la e apertá-la forte junto do peito, antes que ela desaparecesse entre meus dedos. Ela me tirava o fôlego. Nós ainda estávamos naquela idade em que as garotas parecem ser anos mais maduras que os garotos da mesma idade. E os garotos crescem esforçando-se ao máximo quando elas precisam que eles o façam. Desde que eu era muito pequeno, eu sabia que queria mais do que o que os professores diziam que estávamos destinados a ter, empregos em fábricas e filas de auxílio-desemprego; mas nunca tinha me ocorrido que eu de fato seria capaz de sair e construir com minhas próprias mãos essa coisa a mais. Fazia anos que eu sabia que minha família era irremediavelmente perturbada; e que, todas as vezes que

eu cerrava os dentes e entrava naquele apartamento, mais um pedacinho da minha mente era bombardeado e se transformava em entulho. Mas por mais que a loucura se acumulasse, nem por uma vez tinha me ocorrido que eu poderia ir embora. Só vi essa possibilidade quando Rosie precisou que eu acertasse o passo com ela.

– Vamos nessa então – disse eu.

– Meu Deus, Francis, calma aí! Eu não pretendia que você se decidisse agora. Dá uma pensada, ok?

– Já pensei.

– Mas – disse Rosie, daí a um instante. – E a sua família. Você teria condição de ir embora?

Nunca tínhamos falado na minha família. Ela devia fazer uma ideia, o beco inteiro fazia alguma ideia, mas Rosie nunca tinha mencionado esse assunto, e eu era grato por isso. Seus olhos estavam fixos nos meus.

Eu tinha conseguido sair naquela noite fazendo uma troca com Shay, que endureceu a negociação e obteve o fim de semana seguinte inteiro. Quando saí, minha mãe estava aos berros com Jackie por ser tão respondona que seu pai precisava ir para o bar porque não conseguia ficar perto dela.

– Agora, você é a minha família.

O sorriso começou em algum lugar lá no fundo, escondido por trás dos olhos de Rosie.

– Eu vou ser isso, sem dúvida. Aqui também, se você não puder ir embora.

– Não. Você tem toda a razão. Isso quer dizer que precisamos sair daqui.

Aquele sorriso lento, largo, lindo foi se espalhando pelo rosto de Rosie.

– O que você vai fazer pelo resto da minha vida?

Subi minhas mãos pelas suas coxas até os quadris macios e a puxei mais para perto de mim no peitoral. Ela enrolou as pernas na minha cintura e me beijou. Estava com um sabor doce do vinho e salgado de dançar. E eu sentia que ela ainda estava sorrindo, com a boca grudada na minha, até que a música subiu ao redor de nós, o beijo ficou mais feroz e o sorriso se dissipou.

*A única que não se transformou na própria mãe*, disse a voz de Imelda na escuridão, ao lado do meu ouvido, com a rouquidão de um milhão de cigarros e uma tristeza infinita. *A única que escapou*. Imelda e eu éramos um par de mentirosos natos, mas ela não estava mentindo quando disse que amava Rosie, e eu não estava mentindo quando disse que ela era a que tinha sido a amiga mais próxima. Imelda, que Deus a ajude, tinha entendido.

O bebê dos yuppies tinha adormecido, no clarão seguro da sua lâmpada noturna. Sua mãe levantou-se, vagarosamente, e saiu sorradeira do quarto. Uma a uma, as luzes começaram a se apagar no beco: as dos Papais Noéis de Sallie Hearne, a televisão dos Dwyer, o cartaz de Budweiser pendurado torto no apartamento dos estudantes cabeludos. O nº 9 estava às escuras, Mandy e Ger se

aconchegavam juntos cedo. Era provável que ele precisasse estar no trabalho ao amanhecer, preparando frituras com bananas para executivos. Meus pés começaram a congelar. A lua estava baixa acima dos telhados, meio borrada e suja com nuvens.

Às 11 em ponto, Matt Daly enfiou a cabeça na cozinha, deu uma boa olhada ao redor, verificou se a porta da geladeira estava fechada e apagou a luz. Daí a um minuto, uma luz se acendeu num quarto dos fundos do andar superior, e lá estava Nora, soltando o cabelo do elástico com uma das mãos e cobrindo um bocejo com a outra. Ela sacudiu os cachos e estendeu a mão para fechar as cortinas.

Antes que ela pudesse trocar de roupa e vestir a camisola, o que talvez fizesse com que se sentisse vulnerável o suficiente para chamar o papai para lidar com um intruso, atirei um pedaço de cascalho na janela. Ouvi quando ele atingiu o vidro com um estalido nítido, mas nada aconteceu. Nora tinha atribuído o som a pássaros, ao vento ou à acomodação da casa. Joguei outro com mais força.

Ela apagou a luz. A cortina se mexeu, só uns centímetros prudentes. Liguei minha lanterna, apontei-a direto para meu rosto e acenei. Dei-lhe tempo para me reconhecer, levei um dedo aos lábios e então fiz sinal para ela descer.

Depois de um instante, a luz de Nora acendeu-se outra vez. Ela puxou uma cortina e agitou a mão para mim, mas aquilo podia ter significado qualquer coisa, *Vá embora* ou *Espera aí*. Acenei de novo, com mais insistência, com um sorriso tranquilizador, na esperança de que a lanterna não o transformasse numa expressão maquiavélica de Jack Nicholson. Ela puxou o cabelo, meio frustrada. Depois, engenhosa como a irmã, ela se inclinou para o peitoril, soprou na vidraça e escreveu com um dedo: ESPERA. Até mesmo escreveu espelhado para facilitar minha leitura. Fiz com o polegar o sinal de positivo, desliguei a lanterna e esperei.

Não importa o que fosse que a rotina da hora de dormir da família Daly envolvesse, já era quase meia-noite quando a porta dos fundos se abriu e Nora saiu, meio correndo, meio na ponta dos pés, descendo para o quintal. Tinha posto um longo casaco de lã por cima da saia com pulôver e estava ofegante, com uma das mãos fazendo pressão sobre o peito.

– Puxa... aquela porta, tive de fazer força para cima para conseguir abri-la e depois ela *bateu* quando passei. Pareceu uma batida de automóvel. Você ouviu? Eu quase desmaiei...

Dei um sorriso e abri lugar para ela no banco.

– Não ouvi nada. Você é silenciosa como um gato. Sente-se.

Ela ficou onde estava, recuperando o fôlego e me observando com olhos desconfiados, ágeis.

– Só posso ficar um minuto. Só saí para ver... Não sei. Como você vai. Se está tudo bem com você.

– Estou melhor por ver você. Mas você parece que quase teve um infarto ali. Isso provocou um sorrisinho relutante.

– Quase tive mesmo. Tive certeza de que meu pai ia descer a qualquer instante... Estou me sentindo como se tivesse 16 anos e tivesse descido pelo cano da calha.

No quintal escuro de um azul de inverno, com o rosto lavado para a noite, e o cabelo solto, ela mal parecia mais velha que isso.

– Foi assim que você passou sua juventude desenfreada? Sua pequena rebelde.

– Eu? Meu Deus, não, sem a menor chance. Não com meu pai. Fui uma boa garota. Perdi todas essas coisas. Só ouvi falar pelas minhas colegas.

– Nesse caso – disse eu –, você tem todo direito de compensar o máximo possível. Já que está no processo, experimente isso aqui. – Saquei meus cigarros, abri o maço e o ofereci para ela com um floreio. – Vai de câncer?

Nora lançou-lhe um olhar desconfiado.

– Eu não fumo.

– E não há motivo para começar. Hoje não conta. Hoje você está com 16 anos e é uma rebeldezinha atrevida. Eu só queria ter trazido uma garrafa de sidra barata.

Depois de um instante, vi um canto da sua boca voltar a se curvar para cima.

– Por que não? – disse ela, e se deixou cair sentada ao meu lado, pegando um cigarro.

– Você é uma boa mulher. – Inclinei-me e acendi o cigarro para ela, sorrindo bem nos seus olhos. Ela tragou com muita força e caiu numa crise de tosse, enquanto eu a abanava e nós dois sufocávamos risos, apontávamos para a casa, soprávamos pedindo silêncio um ao outro e ríamos com mais força ainda.

– Ai, meu Deus – disse Nora, enxugando os olhos, quando conseguiu respirar de novo. – Não fui feita para isso.

– Pequenos sopros – disse eu. – E não se preocupe em tragar. Lembre-se, você é uma adolescente. Portanto, não se trata de nicotina. Trata-se de parecer bacana. Observe o especialista. – Relaxe-me no banco, no estilo James Dean, enfie um cigarro no canto da boca, acendi-o e projetei o queixo para soprar um longo jato de fumaça. – Pronto. Viu?

Ela dava risinhos de novo.

– Você parece um gângster.

– É essa a ideia. Se você quiser o ar de *starlet* sofisticada, podemos tentar esse também. Sente-se empertigada. – Ela se empertigou. – Cruze as pernas. Agora, abaixe o queixo, olhe para mim de lado, faça biquinho e... – Ela aspirou, fez um movimento extravagante de pulso e soprou fumaça para o alto. – Beleza – disse eu. – Você agora é oficialmente a rebelde mais maneira da rua. Parabéns.

Nora riu e repetiu.

– Sou, não sou?

– É isso aí. Como se tivesse nascido para isso. Eu sempre soube que havia uma garota depravada aí dentro.

– Você e Rosie costumavam se encontrar aqui fora? – perguntou ela, daí a um instante.

– Não. Eu tinha medo demais do seu pai.

Ela fez que sim, examinando a ponta acesa do cigarro.

– Estive pensando em você, esta noite.

– É? Por quê?

– Por causa de Rosie. E Kevin. Não é por isso que você veio aqui também?

– É – disse eu, com cuidado. – Mais ou menos. Eu imaginei, se alguém sabe como foram aqueles últimos dias...

– Sinto falta dela, Francis. Muito.

– Sei que sente, querida. Sei. Eu também sinto.

– Eu não teria esperado... Antes, era muito raro eu sentir falta dela: quando tive o bebê e ela não estava aqui para vir vê-lo, ou quando minha mãe ou meu pai me davam nos nervos, e eu teria adorado poder ligar para Rosie para me queixar deles. Mas o resto do tempo eu mal me lembrava dela, não mais. Eu tinha outras coisas em que pensar. Só que, quando descobrimos que ela estava morta, não pude parar de chorar.

– Não sou do tipo de chorar – disse eu – mas sei o que você quer dizer.

Nora bateu a cinza, fazendo com que caísse no meio do cascalho, onde o papai não a detectaria de manhã.

– Meu marido não sabe – disse ela, com farpas dolorosas na voz. – Ele não consegue entender por que motivo estou tão perturbada. Passaram-se 20 anos desde que a vi pela última vez, e estou em frangalhos... Ele disse para eu recuperar o controle antes que prejudique o bebê. Minha mãe está tomando Valium, e meu pai acha que eu devia cuidar dela, que foi ela quem perdeu uma filha... Eu não parava de pensar em você. Achei que você era a única pessoa que talvez não me considerasse idiota.

– Eu vi Kevin por algumas horas nos últimos 22 anos, e ainda dói para valer. Acho que você não está sendo idiota de modo algum.

– Tenho a impressão de que já não sou a mesma pessoa. Sabe do que estou falando? Toda a minha vida, quando as pessoas me perguntavam se eu tinha irmãos ou irmãs, eu dizia: *Sim, sim, tenho uma irmã mais velha*. Agora vou dizer: *Não, sou só eu*. Como se eu fosse filha única.

– Seja como for, não há nada que a impeça de falar às pessoas sobre ela.

Nora balançou a cabeça com tanta força que o cabelo bateu no seu rosto.

– Não. Não vou mentir a respeito disso. Essa é a pior parte. Eu estava mentindo o tempo todo, e nem mesmo sabia. Sempre que eu dizia que tinha uma irmã, não era verdade. Eu já era filha única, todo aquele tempo.

Pensei em Rosie, no O'Neill's, ficando os pés diante da ideia de fingirmos que éramos casados: *Nem pensar. Isso eu não vou fingir. Não se trata do que as pessoas pensam...*

– Não estou falando em mentir – disse eu, com delicadeza. – Só quero dizer que ela não precisa desaparecer. Você pode dizer: *Eu tive uma irmã mais velha, que se chamava Rosie. Ela morreu.*

De repente Nora estremeceu, forte.

– Está com frio? – perguntei.

– Estou ótima. Obrigada – disse ela, fazendo que não e apagando o cigarro numa pedra.

– Ei, me passa isso aqui – disse eu, tirando a guimba da sua mão e a enfiando de volta no maço. – Uma boa rebelde não deixa para trás provas de suas estripulias para o pai encontrar.

– Não importa. Não sei por que motivo eu estava tão nervosa. Não é como se ele pudesse me pôr de castigo. Sou adulta. Se eu quiser sair da casa, saio.

Ela já não estava olhando para mim. Eu a estava perdendo. Mais um minuto e ela se lembraria de que de fato era uma mulher respeitável de seus trinta e poucos anos, com marido, filho e certo grau de bom senso. E que nenhuma dessas características era compatível com o fato de estar fumando num quintal dos fundos, à meia-noite, com um desconhecido.

– É vodu dos nossos pais – disse eu, com um sorriso irônico. – Bastam dois minutos com eles e a gente volta a ser criança direto. Minha mãe ainda consegue me apavorar e, veja bem, ela de fato é capaz de me dar umas pancadas com a colher de pau, quer eu seja adulto, quer não. Não faz diferença para ela.

Depois de um segundo, Nora riu, um soprinho relutante.

– Eu diria que meu pai seria bem capaz de tentar me pôr de castigo.

– E você gritaria com ele para ele parar de tratá-la como criança, igualzinho como quando tinha 16 anos. Como eu disse, vodu dos pais.

Dessa vez, a risada foi razoável, e ela se recostou no banco.

– E um dia nós vamos fazer o mesmo com nossos filhos.

Eu não queria que ela começasse a pensar no filho.

– Falando no seu pai, eu queria me desculpar pelo comportamento do meu naquela noite.

– Quando um não quer, dois não brigam – disse ela, dando de ombros.

– Você viu o que foi o estopim? Eu estava batendo papo com Jackie e perdi toda a parte interessante. Um segundo, tudo estava ótimo. No outro, os dois estavam se apertando para a cena da luta de *Rocky*.

Nora ajeitou o casaco, arrumando melhor a gola pesada em torno da garganta.

– Eu também não vi.

– Mas você faz uma ideia do que foi, não faz?

– Homens com uns drinques na cabeça, você sabe como é. E os dois tinham acabado de passar por uns dias difíceis... Qualquer coisa podia ter atizado a briga.

– Nora – disse eu, com uma rouquidão áspera na voz –, levei meia hora só para acalmar meu pai um pouco. Mais cedo ou mais tarde, se isso continuar, ele vai ter um ataque do coração. Não sei se esse ódio entre eles é por minha causa. Se é porque eu saía com Rosie e seu pai não gostou. Mas, se for esse o problema, eu pelo menos gostaria de saber, para poder fazer alguma coisa para resolver, antes que isso mate meu pai.

– Meu Deus, Francis, não me diga uma coisa dessas! Não é por sua causa, de jeito nenhum! – Ela estava com os olhos arregalados, os dedos segurando meu braço. Eu tinha chegado à combinação certa de complexo de culpa e manipulação da culpa alheia. – Juro por Deus, não é. Os dois nunca se deram. Mesmo quando eu era bem pequena, muito antes que você tivesse começado a sair com Rosie, meu pai nunca...

Ela interrompeu a frase, largando-a como um carvão que ainda estivesse queimando, e sua mão se soltou do meu braço.

– Seu pai nunca teve algo de bom a dizer sobre Jimmy Mackey. Era isso o que você ia dizer?

– Naquela noite, não foi culpa sua. Era só isso o que eu estava dizendo.

– Então de quem foi a culpa? Estou perdido aqui, Nora. Estou me afogando no escuro, e ninguém está levantando um dedo para me ajudar. Rosie se foi. Kevin se foi. Metade do beco acha que eu sou um assassino. Tenho a impressão de que estou perdendo o juízo. Vim ver você porque achei que você era a *única* pessoa que poderia fazer alguma ideia do que estou passando. Eu lhe imploro, Nora. Diga-me o que está acontecendo.

Sei ser multitarefas. O fato de meu objetivo ser o de obter algumas respostas não me impedia de estar sendo sincero em quase tudo o que dizia. Nora me observava. Na penumbra, seus olhos estavam enormes e perturbados.

– Não vi o que provocou a briga entre os dois, Francis. Se eu precisasse adivinhar, diria que foi porque seu pai estava conversando com minha mãe.

E era isso mesmo. Com perfeita rapidez, como engrenagens que se entrosam e começam a se movimentar, dezenas de pequenas coisas remontando à minha infância começaram a girar, chiar e se encaixar com perfeição nos devidos lugares. Eu tinha imaginado cem explicações possíveis, cada uma mais complexa e improvável que a última – Matt Daly dedurando uma das atividades menos lícitas de meu pai, alguma rivalidade hereditária desde o tempo em que alguém roubou a última batata de alguém durante a Grande Fome, mas eu nunca tinha pensado naquele único motivo que detona praticamente todas as brigas entre dois homens, em especial as verdadeiramente encarniçadas: uma mulher.

– Os dois tiveram um caso – disse eu.

Vi que seus cílios estremeciam, rápidos e envergonhados. Estava escuro demais para dizer, mas eu teria apostado que ela enrubesceu.

– Acho que tiveram, sim. Ninguém nunca disse nada direto para mim, mas... tenho quase certeza.

– Quando?

– Ah, há séculos, antes de se casarem. Não foi um *caso*, nada disso. Só história de criança.

Que, como eu sabia melhor que a maioria das pessoas, nunca foi motivo para a história não ter importância.

– E então o que houve?

Esperei que Nora descrevesse atos de violência inominável, provavelmente envolvendo estrangulamento, mas ela fez que não.

– Não sei, Francis. Não mesmo. Como eu disse, ninguém nunca me falou sobre isso. Eu só calculei sozinha, a partir de uma coisa e outra.

Eu me inclinei e apaguei meu cigarro no cascalho, antes de devolvê-lo para o maço.

– Agora isso eu não podia prever – disse eu. – Pode me chamar de burro.

– Por quê...? Eu não teria imaginado que você fosse se importar.

– Você está querendo dizer por que eu me importo com alguma coisa que aconteceu por aqui, se não quis fazer o esforço de voltar, ao longo de mais de 20 anos?

Ela ainda estava olhando para mim, preocupada e confusa. A Lua tinha aparecido. Àquela meia-luz fria, o quintal parecia imaculado e irreal, como algum simétrico limbo dos subúrbios elegantes.

– Nora, diga-me uma coisa. Você acha que sou um assassino?

Fiquei apavorado ao perceber o quanto eu queria que ela dissesse não. Foi nesse instante que eu soube que deveria me levantar e ir embora. Eu já tinha tudo o que ela poderia me dar. Cada segundo a mais por ali era má ideia.

– Não, eu nunca achei isso – disse Nora, com simplicidade e em tom neutro. Alguma coisa se retorceu dentro de mim.

– Parece que muita gente acha – disse eu. Ela discordou.

– Uma vez, quando eu era bem pequena, com 5 ou 6 anos, talvez, eu peguei um filhote da gata de Sallie Hearne lá na rua e comecei a brincar com ele. Aí chegou um punhado de caras maiores e pegaram o filhote só para me provocar. Eles jogavam o bichinho para lá e para cá, e eu berrava... Aí você chegou e fez com que eles parassem, pegou o gatinho para mim e me disse para devolver para a casa dos Hearne. Você não vai se lembrar.

– Eu me lembro, sim – disse eu. O apelo mudo em seus olhos. Ela precisava que nós dois compartilhássemos essa lembrança; e, de todas as coisas de que ela necessitava, essa era a única, minúscula, que eu podia lhe oferecer. – É claro que me lembro.

– Alguém que se dispõe a fazer uma coisa dessas, não consigo vê-lo ferindo ninguém. Não de propósito. Vai ver que é simplesmente burrice minha.

Aquele repuxão de novo, mais doído.

– Burrice, não – disse eu. – Só ternura. O que há de mais doce.

Àquela luz, ela parecia uma menina, como um espectro. Ela parecia ser uma estonteante Rosie em branco e preto, que tinha fugido por uma finíssima lasca de tempo de um velho filme bruxuleante ou de um sonho. Eu sabia que, se a tocasse, ela desapareceria, voltaria a ser Nora num piscar de olhos e sumiria para sempre. O sorriso nos seus lábios poderia ter arrancado o coração do meu peito.

Toquei só no seu cabelo, com a ponta dos dedos. Sua respiração parecia acelerada e quente na parte interna do meu pulso.

– Por onde você andou? – disse eu, baixinho, junto da sua boca. – Por onde você andou esse tempo todo?

Nós nos agarramos como adolescentes perdidos, impetuosos, desesperados, em brasa. Minhas mãos conheciam de cor as curvas macias e quentes dos seus quadris, suas formas se ergueram para vir ao meu encontro de algum local insondável na minha mente, que eu tinha considerado perdido para sempre. Não sei quem ela estava procurando, mas me beijou com tanta força que senti o gosto de sangue. Seu cheiro era de baunilha. Rosie tinha o cheiro de drops de limão, sol e do solvente leve que usavam na fábrica para tirar manchas do tecido. Embrenhei meus dedos nos cachos generosos de Nora e senti seus seios arfando contra meu peito, tanto que por um segundo achei que ela estava chorando.

Foi ela quem se afastou. Estava com o rosto vermelho e respirava forte, puxando o pulôver para baixo.

– Agora, preciso ir.

– Fica – disse eu, voltando a segurá-la.

Por um segundo, juro que ela pensou em ficar. Depois, balançou a cabeça e soltou minhas mãos de sua cintura.

– Gostei de você ter vindo hoje.

*Rosie teria ficado.* Eu quase disse isso. E teria dito, se achasse que havia uma chance de me ajudar de algum modo. Mas preferi me recostar no banco, respirei fundo e senti meu coração começar a desacelerar. Virei então a mão de Nora e lhe dei um beijo na palma.

– Eu também gostei. Obrigado por sair para me ver. Agora entre antes de me deixar louco. Sonhe com os anjos.

Seu cabelo estava desfeito e os lábios cheios e macios dos beijos.

– Cuidado na volta para casa, Francis. – E então ela se levantou e refez o caminho pelo quintal, enrolando-se no casaco.

Ela entrou na casa e fechou a porta atrás de si sem olhar para trás nem uma vez. Fiquei ali sentado no banco, vendo sua silhueta se movimentar à luz do abajur por trás da cortina do quarto, até meus joelhos pararem de tremer e eu

poder pular os muros e ir para casa.

A secretária eletrônica tinha um recado de Jackie, pedindo-me que ligasse para ela: “Nada de importante, agora. Só que... ah, você sabe... Tchau.” Sua voz parecia esgotada e mais velha do que nunca. Eu mesmo estava tão arrasado que uma parte de mim chegou a ter medo de deixá-la sem resposta, a noite inteira, tendo em vista o que tinha acontecido quando deixei para lá as mensagens de Kevin. No entanto, já era alguma hora avançada da madrugada. O telefonema teria dado a ela e Gavin ataques cardíacos simultâneos. Fui dormir. Quando tirei meu pulôver, ainda pude sentir o cheiro do cabelo de Nora na gola.

Na quarta de manhã, acordei tarde, por volta das dez, sentindo-me alguns graus mais exausto do que na noite anterior. Fazia alguns anos desde a última vez que eu tinha sofrido dor mental ou física extrema. Eu simplesmente tinha me esquecido do quanto ela tira o vigor da pessoa. Descasquei uma camada ou duas de névoa cerebral com água gelada e café preto, e liguei para Jackie.

– Ah, como vai, Francis?

Sua voz ainda tinha aquela nota abafada, até mesmo mais pesada. Mesmo que eu tivesse tido o tempo ou a energia para enfrentá-la a respeito de Holly, eu não teria tido coragem.

– Como vai você, querida? Acabei de ver seu recado.

– Ah... é. Depois eu pensei que talvez não devesse ter... quer dizer, eu não quis lhe dar um susto. Fazer você pensar que alguma outra coisa tivesse acontecido. Eu só queria... Não sei. Saber como você estava indo.

– Eu sei – disse eu. – Eu me mandei cedo na noite de segunda. Eu deveria ter ficado mais tempo.

– Pode ser que sim. Sem dúvida, agora já passou. De qualquer modo, não houve mais nenhum drama. Todos beberam um pouco mais, todos cantaram um pouco mais, todos foram para casa.

Havia um ruído de fundo bastante intenso: bate-papo, Girls Aloud e um secador de cabelo.

– Você está no trabalho?

– Ah, estou. Por que não? Gav não pôde tirar mais um dia de folga, e não me agradou a ideia de ficar sem ter o que fazer no apartamento sozinha... De qualquer modo, se você e Shay estiverem certos a respeito da situação do país, é melhor eu manter minhas freguesas felizes, não é? – A intenção era de fazer uma brincadeira, mas ela não teve ânimo para dar a entonação certa.

– Não se esforce demais, querida. Se estiver arrasada, vá para casa. Eu diria que suas freguesas não vão largá-la por nada neste mundo.

– Nunca se sabe, não é? Ah, não, estou ótima. Todos estão sendo uns amores. Estão me trazendo xícaras de chá e me deixando tirar um intervalo para fumar

sempre que preciso. Estou melhor aqui. Onde é que você está? Não foi trabalhar?

– Estou tirando uns dias de folga.

– Isso é bom, Francis. Você trabalha demais, sem dúvida. Faça alguma coisa legal para si mesmo. Leve Holly a algum lugar.

– Na verdade, enquanto estou com tempo livre, gostaria de ter uma oportunidade de conversar com nossa mãe. Só nós dois, sem nosso pai por perto. Será que existe alguma boa hora do dia para isso? Tipo, será que ele vai às compras ou ao bar?

– Quase todos os dias, sim. Mas... – Dava para eu ouvir o esforço que ela estava fazendo na tentativa de concentrar o pensamento. – Ontem, as costas estavam lhe dando muito trabalho. Hoje também, eu diria. Ele mal conseguia sair da cama. Quando as costas dele estão assim, na maior parte do tempo ele só dorme. – Tradução: algum médico lhe deu comprimidos para dormir, nosso pai tomou a vodca do assoalho, ele ficaria nocauteado por um bom tempo. – Mamãe vai estar lá o dia inteiro, até Shay chegar, pelo menos, para o caso de ele precisar de alguma coisa. Vá fazer-lhe uma visita. Ela vai adorar ver você.

– Vou fazer isso. Diga ao Gav para cuidar direito de você, ok?

– Ele tem sido fantástico, tem mesmo. Não sei o que eu ia fazer sem ele... Ei, você quer nos fazer uma visitinha hoje à noite? Quem sabe, um jantarzinho com a gente?

Peixe e batatas fritas com molho de piedade: parecia saboroso.

– Já tenho compromisso – disse eu. – Mas valeu, querida. Quem sabe outro dia? É melhor você voltar para o trabalho antes que as luzes de alguém fiquem verdes.

Jackie tentou fazer a cortesia de rir, mas foi uma risada sem graça.

– É. É provável que seja melhor mesmo. Cuide-se, Francis. Dê um beijo em mamãe por mim. – E ela se foi, voltando para o neveiro de barulho de secador de cabelo, de tagarelice e xícaras de chá adoçado.

Jackie tinha razão: quando toquei a campainha, foi nossa mãe que desceu até a porta do hall. Ela parecia exausta também. E tinha perdido peso desde o sábado. Pelo menos uma barriga estava faltando. Ela me espiou um instante, decidindo o que fazer. E então falou, em tom abrupto.

– Seu pai está dormindo. Venha para a cozinha e não me faça barulho. – Ela se voltou e subiu a escada com passos pesados e penosos. O cabelo precisava de um trato.

O apartamento cheirava a bebida derramada, aromatizador de ambientes e polidor de prata. O santuário dedicado a Kevin era ainda mais deprimente à luz do dia: as flores meio secas, os santinhos caídos, e as velas elétricas tinham começado a desbotar e a oscilar. Roncos leves e satisfeitos saíam pela porta do quarto.

Minha mãe espalhou em cima da mesa da cozinha cada peça de prata que possuía: talheres, broches, porta-retratos, quinquilharias misteriosas pseudo-ornamentais que pelo visto passaram pela mão de muita gente antes de acabarem ali. Pensei em Holly, inchada de tanto chorar e esfregando com fúria a mobília da sua casa de bonecas.

– Pronto – disse eu, pegando a flanela de polir. – Vou lhe dar uma ajudinha.

– Você só vai atrapalhar. Com essas mãos enormes e desastradas.

– Deixe-me tentar. Pode me dizer se eu estiver fazendo errado.

Minha mãe me lançou um olhar desconfiado, mas a oferta era boa demais para deixar para lá.

– É melhor fazer alguma coisa de útil, suponho. Você vai tomar um chá.

Não era uma pergunta. Peguei uma cadeira e comecei a atacar os talheres, enquanto minha mãe se alvoroçava nos armários. A conversa que eu queria teria funcionado melhor como um papo confidencial entre mãe e filha. Como me faltava o equipamento para isso, achei que um pouco de trabalho doméstico em conjunto pelo menos nos conduziria na direção da vibração certa. Se ela não estivesse limpando a prata, eu teria descoberto outra coisa para limpar.

– Você saiu muito de repente na segunda de noite – disse minha mãe, a título de salva inicial.

– Precisei ir. Como vocês estão?

– Como você esperaria? Se quisesse saber, teria ficado aqui.

– Não consigo imaginar como deve ter sido para vocês – disse eu, que pode ser parte da fórmula, mas era provavelmente verdadeiro. – Alguma coisa que eu possa fazer?

Ela jogou saquinhos de chá no bule.

– Estamos muito bem, obrigada. Os vizinhos estão sendo ótimos. Nos trouxeram comida para 15 dias, e Marie Dwyer está me deixando guardar tudo no seu freezer. Vivemos todo esse tempo sem sua ajuda, vamos sobreviver mais um pouco.

– Eu sei, mamãe. Mas, se pensar em alguma coisa, é só dizer, ok? Qualquer coisa.

Minha mãe girou nos calcanhares e apontou o bule para mim.

– Já vou lhe dizer o que você pode fazer. Você pode entrar em contato com seu amigo, aquele, como é mesmo o nome, aquele do queixo, e dizer para ele mandar seu irmão para casa. Não posso falar com a funerária sobre as providências. Não posso falar com o padre Vincent sobre a missa. Não posso dizer a ninguém quando vou enterrar meu próprio filho, porque um rapazinho com cara de Popeye se recusa a me dizer quando vai *liberar o corpo*... foi assim que ele falou. Quanta insolência. Como se nosso Kevin fosse propriedade dele.

– Eu sei – disse eu. – E prometo que vou fazer o possível. Mas ele não está tentando dificultar sua vida. Só está fazendo o trabalho dele, o mais rápido

possível.

– O trabalho dele é problema dele, não meu. Se ele nos fizer esperar mais um pouco, vai ter de ser um caixão fechado. Já pensou nisso?

Eu poderia ter lhe dito que, de qualquer maneira, o caixão provavelmente seria do tipo fechado, mas eu já havia chegado ao meu limite nesse rumo que a conversa tinha tomado.

– Soube que você conheceu Holly.

Uma mulher menos forte teria demonstrado culpa, mesmo que só um pouco, mas não minha mãe. Ela projetou os queixos.

– E já não era sem tempo! Aquela criança teria se casado e me dado bisnetos sem que você levantasse um dedo para trazê-la aqui. Estava esperando que, se aguardasse o suficiente, eu morreria antes de você ser forçado a nos apresentar?

A ideia tinha me ocorrido.

– Ela gosta muito de você – disse eu. – O que acha dela?

– A cara da mãe. Lindas meninas, as duas. Mais do que você merece.

– Você conheceu Olivia? – Tirei o chapéu para Liv, mentalmente, por ela ter conseguido evitar essa parte com tanta elegância.

– Só nos vimos duas vezes. Ela veio deixar Holly e Jackie aqui. Será que uma garota do Liberties não era boa o suficiente para você?

– Sabe como eu sou, mãe. Sempre dando o passo maior que a perna.

– E olha aonde isso te levou. Vocês dois estão divorciados agora, ou só separados?

– Divorciados. Faz uns dois anos.

– Hum – disse ela, crispando os lábios. – Eu nunca me divorciei do seu pai.

O que era passível de tantos níveis de respostas.

– É verdade – disse eu.

– Agora você não pode mais comungar.

Eu sabia que o melhor era não responder, mas ninguém consegue provocar tanto uma pessoa como a nossa família.

– Mãe, mesmo que eu quisesse comungar, o que não quero, o divórcio não seria problema. A Igreja pouco se importa se eu me divorciar até morrer, desde que eu não transe com mais ninguém que não seja Olivia. O problema seriam as belezinhas que levei para a cama desde o divórcio.

– Não seja safado – disse ela, irritada. – Não sou uma espertinha como você. Não conheço todos os detalhes, mas sei o seguinte: o padre Vincent não lhe daria a comunhão. Não, na igreja em que você foi batizado. – Ela me cutucou com um dedo triunfal. Pareceu que essa conclusão valia como uma vitória.

Lembrei-me de que eu precisava mais de uma conversa do que de ter a última palavra.

– Vai ver você está com a razão – disse eu, humilde.

– É claro que estou.

– Pelo menos, não estou criando Holly para ser uma pagã. Ela vai à missa.

Eu achava que a menção a Holly iria abrandar o ânimo de minha mãe de novo, mas dessa vez ela só ficou mais exaltada. Nunca se pode ter certeza.

– Para mim, de nada adiantou ela não ser pagã. Eu perdi sua Primeira Comunhão! Minha primeira neta!

– Mãe, ela é sua terceira neta. Carmel tem duas garotas mais velhas que ela.

– A primeira com o nome da nossa família. E a última, pelo andar da carruagem. Não sei o que Shay faz por aí, não sei mesmo. Ele poderia ter dez namoradas ao mesmo tempo e nós nunca saberíamos. Em toda a sua vida, ele nunca trouxe uma que fosse para nos conhecer. Juro por Deus que estou pronta para desistir dele de uma vez. Seu pai e eu achávamos que Kevin seria o que...

Ela mordeu os lábios e aumentou o volume da preparação do chá, batendo com xicaras nos pires e biscoitos numa travessa.

– E agora suponho que não vamos mais ver Holly – disse ela, daí a um tempo.

– Aqui – disse eu, mostrando-lhe um garfo. – Está limpo o suficiente?

Minha mãe deu-lhe um olhar meio de relance.

– Não está. Limpe entre os dentes. – Ela trouxe os apetrechos do chá para a mesa, serviu-me uma xícara e empurrou o leite e o açúcar na minha direção. – Acabei de comprar os presentes de Natal de Holly. Um lindo vestidinho de veludo para ela.

– Ainda faltam duas semanas – disse eu. – Vamos ver como as coisas avançam.

Minha mãe me deu um olhar de esguelha que não me disse nada, mas ela deixou por isso mesmo. Apanhou outro pano, sentou-se diante de mim e pegou alguma coisa de prata que poderia ser uma tampa de garrafa.

– Tome esse chá – disse ela.

O chá estava forte o bastante para sair do bule e lhe dar um soco. Todo mundo estava no trabalho e a rua estava muito tranquila, só com o tamborilar suave da chuva e o zumbido distante do trânsito. Minha mãe prosseguia, limpando diversas quinquilharias de prata de função indefinida. Terminei os talheres e passei para um porta-retratos. Ele era todo enfeitado com flores que eu nunca ia conseguir limpar segundo os padrões de minha mãe, mas pelo menos eu sabia para que servia.

– Diga-me uma coisa – disse eu, quando pareceu que a poeira tinha baixado. – É verdade que meu pai teve alguma coisa com Theresa Daly, antes de você entrar em cena?

A cabeça de minha mãe se levantou de repente e ela me olhou espantada. Sua expressão não mudou, mas uma enorme quantidade de coisas passavam velozes pelos seus olhos.

– Onde foi que você ouviu essa história? – perguntou ela.

– Quer dizer que ele andou com ela.

– Seu pai é um perfeito idiota. Isso você já sabia, ou é tão idiota quanto ele.

– Eu já sabia, sim. Só não sabia que essa era uma das coisas específicas que o tornavam um idiota.

– Aquela ali sempre foi uma encrenca. Sempre atraindo a atenção de todos, rebolando pela rua, gritando e fazendo palhaçadas com as amigas.

– E meu pai caiu nessa.

– Todos eles caíram nessa! Os homens são burros. Ficam loucos com esse tipo de coisa. Seu pai, Matt Daly e metade dos caras do Liberties, todos pendurados na barra da saia de Tessie O’Byrne. Ela se aproveitava: mantinha três ou quatro de reserva ao mesmo tempo, desmanchava com eles semana sim, semana não, quando não lhe estavam dando atenção suficiente. Eles simplesmente voltavam rastejando em busca de mais.

– Nós não sabemos o que é bom para nós – disse eu. – Especialmente quando somos jovens. Meu pai devia ser muito novo nessa época, não é?

Minha mãe fungou.

– Tinha idade suficiente para ter mais juízo. Eu era três anos mais nova, é claro, e poderia ter lhe dito que aquilo ia terminar mal.

– Você já estava de olho nele, hein?

– Estava. Meu Deus, estava, sim. Você não pode imaginar... – Seus dedos estavam menos velozes na flanela. – Agora, você não imaginaria, mas naquela época seu pai era simplesmente lindo, era mesmo. Uma bela cabeleira cacheada, aqueles olhos azuis e a risada. A risada dele era maravilhosa.

Nós dois olhamos de relance, sem querer, pela porta da cozinha, na direção do quarto. Quando minha mãe falou, ainda deu para perceber que o nome tinha tido o sabor de algum sorvete delicioso na sua boca.

– Jimmy Mackey poderia ter escolhido a garota que quisesse por aqui.

Dei-lhe um sorrisinho.

– E ele não foi direto para você?

– Para começar eu era uma criança. Eu tinha 15 anos quando ele começou a correr atrás de Tessie O’Byrne, e eu não era como as meninas de hoje, que parecem ter 20 antes de completar 12 anos. Eu não tinha corpo, não usava maquiagem, não fazia ideia de nada... Costumava tentar atrair seu olhar quando o via no meu caminho para o trabalho, de manhã, mas ele nunca olhava uma segunda vez. Era louco por Tessie. E ela gostava mais dele que de todos os outros.

Eu nunca tinha ouvido nada disso e estava disposto a apostar que Jackie também não tinha, ou ela teria me contado a história. Minha mãe não é do tipo de confidenciar sentimentos. Se eu lhe tivesse feito essas perguntas uma semana antes ou depois, não teria conseguido nada. Kevin a tinha deixado desestruturada e em carne viva. Você usa o que tem à mão.

– Então por que eles se separaram? – perguntei.

Minha mãe crispou os lábios.

– Se quer limpar essa prata, faça direito. Entre nas fendas. Não adianta nada se eu tiver de fazer tudo de novo depois que você terminar.

– Desculpe. – E aumentei a demonstração de esforço.

– Não estou dizendo que seu pai era um santo inocente – disse ela, depois de um instante. – Tessie O’Byrne nunca teve um pingo de vergonha, mas os dois estavam juntos na história.

Esperei, esfregando para valer. Minha mãe pegou meu pulso e o puxou mais para perto, para verificar o brilho no porta-retratos. Fez então um gesto relutante de satisfação e me soltou.

– Assim está melhor. Naquela época, as coisas não eram como agora. Tínhamos um pouco de decência. Não dormíamos com todo mundo só porque era isso que faziam na televisão.

– Meu pai dormiu com Tessie O’Byrne na televisão? – perguntei. Isso me valeu um tabefe no braço.

– Não! Eu não disse isso. Se ao menos você me escutasse. Eles sempre foram impossíveis, os dois. E um piorava o outro. Um dia no verão, seu pai pegou emprestado um carro de um amigo dele e levou Tessie a Powerscourt numa tarde de domingo, para ver a cachoeira. Só que o carro enguiçou na volta.

Ou essa tinha sido a versão de meu pai. Minha mãe estava me lançando um olhar significativo.

– E então? – perguntei.

– E eles ficaram por lá! Passaram a noite! Naquela época não tínhamos celular. Eles não puderam ligar para chamar um mecânico, nem mesmo para avisar às pessoas o que tinha acontecido. Tentaram andar um pouco, mas estavam numa estradinha no meio de Wicklow e estava escurecendo. Ficaram no carro e no dia seguinte de manhã conseguiram fazer o carro pegar no tranco, com a ajuda de um lavrador que ia passando. Quando acabaram chegando em casa, todos achavam que eles tinham fugido para se casar.

Ela inclinou a bugiganga de prata para pegar a luz, verificar se o acabamento estava perfeito e prolongar a pausa. Minha mãe sempre teve uma queda pela dramaticidade.

– Bem, seu pai sempre me disse que ele dormiu no banco da frente e Tessie, no banco traseiro. É claro que eu não teria como saber. Mas não foi isso o que o pessoal aqui do beco pensou.

– Aposto que não foi.

– Naquele tempo, as garotas não passavam a noite com os caras. Só piranhas faziam isso. Eu nunca tinha conhecido uma garota que tivesse tido coragem de se entregar antes do casamento.

– Eu imaginava que os dois teriam sido forçados a se casar depois disso. Para proteger a reputação dela.

A expressão da minha mãe se fechou.

– Eu diria que seu pai teria topado – disse ela, com desdém na voz –, de tão louco que ele era por ela, o pateta. Mas ele não era bom o suficiente para os O’Byrne. Eles sempre se acharam superiores. O pai e os tios de Tessie lhe deram uma surra daquelas. Eu o vi no dia seguinte. Quase não o reconheci. Disseram para ele nunca mais se aproximar dela. Disseram que já tinha feito estrago suficiente.

– E ele obedeceu. – Gostei disso, gostei muito. Tive uma sensação reconfortante. Matt Daly e seus camaradas poderiam ter me espancado até quase me tirar a vida, e no segundo em que eu saísse do hospital eu teria ido direto procurar Rosie, mesmo mancando.

– Ele não teve muita escolha – disse minha mãe, satisfeita e cheia de razão. – O pai de Tessie sempre deu rédea solta à garota. E olhe só o que isso lhe causou. Mas dali em diante ele mal a deixava sair pela porta, só para ir trabalhar, e ele próprio a acompanhava no trajeto inteiro. Eu não o culparia. Todo mundo falava na história. Os moleques gritavam palavrões atrás dela, na rua. Todos os mais velhos esperavam que ela aparecesse grávida, metade das suas amigas foi proibida de falar com ela, para não se transformarem em vagabundas também. O padre Hanratty fez uma homilia sobre mulheres fáceis que enfraqueciam o país, e que não era para isso que os homens tinham morrido em 1916. Ninguém mencionou nomes, preste bem atenção, mas todos sabiam a quem ele se referia. Isso fez apagar o fogo de Tessie.

Quase meio século depois, eu podia sentir o frenesi febril: a histeria turbilhonante, a bomba de adrenalina em carga máxima, quando o beco sentiu o cheiro de sangue e passou para a postura de ataque. Era muito provável que aquelas semanas tivessem plantado as sementes de loucura em Tessie Daly.

– Sem dúvida que faria baixar – disse eu.

– E foi bem feito para ela! Assim ela aprendeu a verdade da vida. Ela queria brincar com os rapazes, mas não queria o nome que se dá a quem faz isso, não é? – Minha mãe estava sentada, empertigada, com sua expressão virtuosa. – Logo depois, ela começou a sair com Matt Daly. Ele vivia de olho comprido para o lado dela fazia anos, mas ela nunca lhe dera a menor atenção. Só depois que ficou demonstrado que ele seria útil. Matt era um sujeito decente, era sim. O pai de Tessie não se importava de ela sair com ele. Era o único jeito de ele dar permissão para ela sair de casa.

– E é isso o que meu pai tem contra Matt Daly? Ele lhe roubou a namorada?

– Essa foi a parte principal. É claro que eles nunca foram com a cara um do outro, para começar. – Ela enfileirou a bugiganga de prata com mais três iguais a ela, espanou um cisco minúsculo do lado de uma delas, e apanhou um pequeno enfeite de árvore de Natal da pilha ainda por limpar. – Matt sempre teve inveja de seu pai. Seu pai era milhões de vezes mais bonito que Matt, era sim. E ele não

era popular só com as garotas, os rapazes também achavam que ele era o máximo, um companheiro para boas risadas... Matt era chatinho que só ele. Sem vida. – Sua voz era uma mescla de coisas antigas, triunfo, amargura e rancor entretecidos.

– Quer dizer que, quando Matt ficou com a garota, ele fez questão de esfregar isso na cara do meu pai?

– Isso não foi o suficiente para ele. Seu pai tinha acabado de tentar um emprego na Guinness, como motorista. Tinham lhe dito que o emprego era praticamente dele, assim que o próximo motorista se aposentasse. Mas Matt Daly já trabalhava lá havia anos, e antes o pai dele também. Ele conhecia as pessoas. Depois de toda aquela história com Tessie, Matt foi ao seu supervisor e disse que Jimmy Mackey não era o tipo de pessoa que eles queriam na Guinness. Eram 20 candidatos para cada vaga. Eles não precisavam de ninguém que pudesse causar problemas.

– E foi assim que meu pai acabou sendo emboçador. – E eu não estava fazendo piada.

– Foi meu tio Joe que conseguiu uma colocação de aprendiz para ele. Nós ficamos noivos não muito tempo depois dessa confusão com Tessie. Seu pai precisava ter uma profissão, se quiséssemos ter uma família.

– Você trabalhou rapidinho – disse eu.

– Vi minha oportunidade e a aproveitei. Àquela altura, eu estava com 17 anos, com idade suficiente para os garotos olharem. Seu pai era... – Os lábios da minha mãe desapareceram e ela torceu mais seu pano nos cantinhos do enfeite. – Eu sabia que ele ainda era louco pela Tessie – disse ela, depois de um instante, e havia uma centelha de desafio na sua voz que me deu um vislumbre mínimo de uma garota de queixo determinado, observando o impetuoso Jimmy Mackey da janela desta cozinha e pensando, *Meu*. – Mas eu não me importava com isso. Achava que conseguiria mudar as coisas, quando pusesse as mãos nele. Eu nunca quis muita coisa, não era dessas que acham que vão ser estrelas de Hollywood. Nunca tive fantasias. Tudo o que eu queria era uma casinha para mim e alguns filhos, e Jimmy Mackey.

– Bem, você conseguiu os filhos e ficou com o homem.

– No final fiquei com ele, sim. Com o que Tessie e Matt deixaram sobrar dele. Àquela altura ele já tinha começado a beber.

– Mas você o quis de qualquer maneira. – Mantive minha voz agradável, sem tom de censura.

– Eu só pensava nele e queria ele. Minha mamãe, que Deus a tenha, bem que me avisou: não queira saber de homem que bebe. Mas eu não fazia ideia. Meu próprio pai, você não vai se lembrar dele, Francis, mas ele era um amor de criatura que nunca bebeu uma gota. Eu não tinha a menor pista de como era um bêbado. Eu sabia que Jimmy tinha suas bebedeiras, mas sem dúvida todos os

homens tinham. Eu achava que não era mais que isso, e não era, não quando eu bati os olhos nele pela primeira vez. Não era, até Tessie O'Byrne arrasar com ele.

Acreditei nela. Eu sei o que a mulher certa no momento certo pode fazer a um homem – não que Tessie parecesse ter saído incólume. Algumas pessoas nunca deveriam se conhecer. A precipitação radioativa se espalha demais e permanece nas profundezas do solo por muito, muito tempo.

– Todo mundo sempre dizia que Jimmy Mackey não prestava – disse minha mãe. – A mãe e o pai dele eram alcoólatras de longa data. Nunca trabalharam um dia na vida. Desde quando era bem pequeno, ele ia à casa dos vizinhos, perguntando se podia ficar para jantar porque não tinha nada em casa, e saía correndo pelas ruas no meio da noite... Na época em que o conheci, todos diziam categóricos que ele ia terminar sendo um imprestável, como a mãe e o pai. – Seus olhos tinham se desviado do polimento, rumo à janela e à chuva que caía. – Mas eu sabia que eles estavam errados. Ele não era ruim, não era mesmo. Só indomável. E ele não era burro. Poderia ter subido na vida. Ele não precisava da Guinness. Poderia ter tido seu próprio negócio. Não havia necessidade de ele atender a patrões todos os dias. Isso ele detestava. Sempre tinha gostado de dirigir. Poderia ter feito entregas, comprado sua própria van... Se aquela mulher não tivesse chegado primeiro.

E ali estava o motivo, embrulhado para presente e amarrado com uma fita, para combinar com tanta perfeição com aquele *modus operandi* de marca registrada. Um dia Jimmy Mackey teve uma namorada de alto nível nas mãos e um emprego de alto nível por chegar. Ele estava pronto para pintar o futuro com suas próprias cores e dar uma banana para os filhos da mãe que diziam que ele nunca ia conseguir nada. Então ele cometeu um deslize, apenas um, e o almofadinha do Matt Daly surgiu do nada, imperturbável, e embolsou para si toda a vida de Jimmy. Quando a cabeça de Jimmy se desanuviou, ele já estava casado com uma garota que nunca quis, lutando para arrumar biscoitos num trabalho sem futuro e bebendo quantidades que dariam para matar Peter O'Toole. Ele passou vinte e poucos anos assistindo à sua vida perdida se desenrolando logo ali do outro lado da rua, na casa de outro homem. E então, num único fim de semana, Matt Daly humilhou-o diante da rua inteira e quase fez com que fosse preso. No cérebro de um alcoólatra, a culpa é sempre de alguma outra pessoa. E de algum modo ele descobriu que Rosie Daly estava mandando e desmandando no seu filho e ia levá-lo para onde quer que fosse do seu interesse.

E na história toda poderia ter havido outros aspectos, maiores e piores. Meu pai, sorrindo para mim, com uma piscada de olhos, me desafiando a retrucar: *A garota dos Daly, é? É uma belezinha. Aqueles peitos, meu Deus...* Minha namorada, Rosie, a imagem escarrada da sua Tessie O'Byrne.

No final das contas, ele deve ter me ouvido passando na ponta dos pés pela sala, na certeza de ser intocável. Eu o tinha visto fingir que estava dormindo umas cem vezes. Pode ser que ele tenha somente pretendido dizer a ela para tirar as mãos da sua família; pode ser que quisesse algo mais. A verdade era que lá estava ela, diante dele, como um tapa na cara de como importava pouco o que ele queria: a filha de Tessie O'Byrne, irresistível e intocável repetindo a história, a filha de Matt Daly roubando não importava o que fosse que Jimmy tinha que ela quisesse. Era provável que ele estivesse bêbado, pelo menos até se dar conta do que tinha acontecido. Naquela época, ele era um homem forte.

Nós não éramos os únicos que estavam acordados naquela noite. Em algum momento, Kevin tinha se levantado, talvez para ir ao banheiro, e descobriu que nós dois não estávamos lá. Na hora, aquilo não significou nada. Meu pai desaparecia com regularidade, por dias a fio. Tanto Shay como eu tínhamos um eventual trabalho noturno de um tipo ou de outro. Mas nesse último fim de semana, quando percebeu que alguém tinha estado lá fora naquela noite matando Rosie, Kevin tinha se lembrado.

Tive a sensação de que conhecia todos os detalhes dessa história, em algum abismo na parte mais funda do meu cérebro, desde o instante em que ouvi a voz de Jackie na secretária eletrônica. Parecia que uma água negra e gelada ia enchendo meus pulmões.

– Ele devia ter esperado que eu crescesse – disse minha mãe. – Ela era bonitinha, a Tessie. Era, sim. Mas quando eu fiz 16, um monte de rapazes me achava bonitinha também. Sei que eu era criança, mas eu estava crescendo. Se ele tivesse tirado aqueles olhos imbecis de cima dela, para perceber que eu existia, por um minuto, nada disso teria acontecido.

O peso maciço da dor na sua voz poderia ter afundado navios. Foi aí que me dei conta de que ela achava que Kevin tinha enchido a cara, exatamente como tinha aprendido com papai, e que isso o tinha empurrado daquela janela.

Antes que eu pudesse recuperar meu controle para corrigir essa impressão, minha mãe passou os dedos pela frente da boca, olhou para o relógio no peitoril da janela e deu um berro.

– Nossa mãe, dá só uma olhada, já passa de uma hora! Preciso comer alguma coisa ou vou ter uma fraqueza. – Ela empurrou o enfeite para longe e afastou a cadeira da mesa. – Você vai comer um sanduíche.

– Quer que eu leve um para meu pai? – disse eu.

Por mais um segundo, o rosto da minha mãe voltou-se para a porta do quarto.

– Deixe-o – disse ela, voltando a tirar coisas de dentro da geladeira.

Os sanduíches eram de apresuntado, em fatias de pão branco de fôrma, cortadas em triângulos e untadas com manteiga misturada com óleo. Eles me levaram direto de volta ao tempo em que meus pés não tocavam o chão àquela mesma mesa. Minha mãe fez mais um bule de chá feroz e comeu seus triângulos

metodicamente. Pelo jeito de mastigar, ela deve ter conseguido uma dentadura melhor em algum momento da vida. Quando éramos crianças, ela sempre nos dizia que os dentes que lhe faltavam eram por nossa culpa. Ela os tinha perdido ao nos ter: um dente a cada filho. Quando as lágrimas começaram a aparecer, ela pôs a caneca na mesa, sacou do bolso do cardigã um lenço azul desbotado e esperou que elas parassem. Então assoou o nariz e voltou ao sanduíche.

Uma parte de mim teria ficado sentada ali para sempre com minha mãe, reaquecendo o bule de chá mais ou menos de hora em hora e preparando um ou outro lote de sanduíches. Minha mãe não era má companhia, desde que mantivesse a boca fechada; e, pela primeira vez, sua cozinha me dava a sensação de abrigo, pelo menos em comparação com o que estava esperando por mim lá fora. Assim que eu passasse por aquela porta, a única coisa que me restava fazer era procurar provas concretas. Essa não era a parte difícil. Calculei que eu deveria levar umas 24 horas, no máximo. Era então que o pesadelo de verdade começava. Uma vez que eu tivesse provas, teria de resolver o que fazer com elas.

Lá pelas duas da tarde, começaram ruídos no quarto: rangidos de molas, um grito sem palavras, só para limpar a garganta, aquela interminável tosse convulsiva que sacudia o corpo inteiro. Concluí que essa era minha deixa para ir embora, o que disparou na minha mãe uma saraivada de perguntas complicadas sobre a ceia de Natal (“Se você e Holly vierem, estou só dizendo se, ela comeria carne branca ou carne vermelha, ou será que não comeria nenhuma carne? Porque ela me disse que a mamãe só lhe dá carne de peru se for daqueles de quintal...”). Mantive a cabeça baixa e acelerei o passo.

– Foi bom você ter vindo, volte logo! – gritou ela para mim, quando me lancei porta a fora.

– Josie! – gritou meu pai, encatarrado.

Eu até sabia exatamente como ele poderia ter descoberto onde Rosie estaria naquela noite. O único acesso a essa informação seria através de Imelda, e eu só conseguia imaginar um motivo pelo qual meu pai chegaria perto dela. E ali estava eu achando que, quando ele desaparecia por um dia ou três, era só para correr atrás de bebida. Mesmo depois de tudo o que ele fez, nunca tinha me ocorrido que ele traísse minha mãe. Se eu tivesse pensado no assunto, teria calculado que ele sofria de uma incapacidade, decorrente do álcool, para esse tipo de coisa. Minha família é simplesmente uma caixinha de surpresas.

Imelda pode ter contado direto à mãe o que Rosie lhe dissera – como prova de confiança entre garotas, em busca de atenção, quem sabe – ou ela poderia ter deixado escapar uma pista quando meu pai estava por perto, só alguma coisa pequena, para fazer com que se sentisse mais esperta que o cara que estava trepando com sua mãe. Como eu disse, meu pai não é nenhum idiota. Para ele, meia palavra bastaria.

Dessa vez, quando toquei no interfone de Imelda, ninguém atendeu. Dei um passo atrás e fiquei olhando para sua janela: alguma coisa se mexeu, por trás da cortina de renda. Pressionei o botão por uns bons três minutos, até ela atender

com raiva.

– *Que é?*

– Oi, Imelda. É o Francis. Surpresa.

– Vai se foder.

– Ora, Imelda, seja boazinha. A gente precisa conversar.

– Não tenho nada pra te dizer.

– Pena. Não tenho mais aonde ir, por isso vou esperar do outro lado da rua, no meu carro, pelo tempo que for necessário. É o Mercedes prata 1999. Quando você se cansar do joguinho, desça para termos uma conversinha rápida, e depois eu a deixo em paz pelo resto da sua vida. Se eu me entediar primeiro, vou começar a fazer perguntas a seus vizinhos sobre você. Entendeu?

– Vai se foder.

Ela desligou. Imelda tinha bastante teimosia de reserva. Calculei que ela levaria no mínimo duas horas, talvez três, para ceder e descer para vir falar comigo. Voltei para o carro, coloquei Otis Redding e baixeí o vidro para compartilhar com os vizinhos. Tanto faria se me rotulassem de policial, traficante ou capanga de agiota. Nenhuma das opções seria bem aceita.

Aquela hora, a Hallows Lane estava tranquila. Um velhote de andador e uma velhota que dava polimento nos metais de sua porta tiveram uma longa conversa de desaprovação a meu respeito; e um par de mães gostosas lançou-me olhares de esguelha quando voltava das compras. Um cara com um agasalho esportivo brilhoso e uma grande quantidade de problemas passou nada menos que 40 minutos diante da casa de Imelda, oscilando de um lado para o outro e usando todas as células cerebrais que lhe restavam para gritar “Deco!” para a janela mais alta do prédio, a intervalos de dez segundos; mas Deco tinha coisa melhor a fazer, e por fim o cara foi embora, cambaleando. Por volta das três da tarde, alguém que era obviamente Shania subiu com esforço a escada do nº 10 e entrou sozinha. Isabelle chegou pouco depois. Ela era a imagem cuspidada de Imelda nos anos 1980, até o ângulo desafiador do queixo e o jeito de andar tipo foda-se o mundo. Não consegui decidir se ela me entristecia ou me dava esperança. A cada vez que as cortinas sujas de renda estremeciam, eu acenava.

Pouco depois das quatro, quando começava a escurecer, Genevieve tinha chegado da escola e eu tinha passado para James Brown, ouvi uma batidinha na janela do carona. Era o Campeão.

*Eu não deveria chegar perto deste caso*, era o que eu dissera a Imelda. *Estou me arriscando a perder o emprego só por vir aqui*. Eu não sabia ao certo se a desprezava por ser dedo-duro ou se admirava sua capacidade para se virar. Desliguei a música e baixeí o vidro.

– Olá, detetive. Em que posso ajudá-lo?

– Abra a porta, Frank – Ergui as sobrancelhas, afetando surpresa com seu tom severo, mas debrucei-me e destranquei a porta. O Campeão entrou e bateu a

porta com força. – Agora saia dirigindo.

– Está fugindo de alguma coisa? Pode se esconder na mala, se quiser.

– Não estou para brincadeira. Estou tirando você daqui, antes que você intimide essas pobres garotas mais do que já intimidou.

– Sou só um homem no seu carro, Campeão. Sentado aqui dando uma olhada nostálgica no lugar onde passei a infância. O que há de intimidante nisso?

– *Siga em frente.*

– Seguirei se você respirar fundo algumas vezes para mim. Não tenho seguro para infartos de terceiros. Concorda?

– Não me faça dar-lhe voz de prisão.

Estourei na risada.

– Ah, Campeão, não existe ninguém igual a você. Eu sempre me esqueço de por que gosto tanto de você. Nós podemos nos dar voz de prisão mutuamente, o que acha? – Sai da vaga para o trânsito e acompanhei o fluxo. – Diga-me então. Quem foi que eu andei intimidando?

– Imelda Tierney e as filhas. Como você sabe muito bem. A sra. Tierney diz que você tentou entrar à força no apartamento ontem, e que ela precisou ameaçá-lo com uma faca, para fazê-lo ir embora.

– Imelda? É essa que você está chamando de garota? Ela tem seus quarenta e poucos, Campeão. Um pouco de respeito é bom. O termo correto hoje em dia é *mulher*.

– E as filhas são garotas. A menor tem só 11 anos. Elas dizem que você passou a tarde inteira sentado ali embaixo, fazendo gestos obscenos para elas.

– Não tive o prazer de conhecê-las. Elas são boas meninas? Ou saíram à mamãe?

– O que eu lhe disse na última vez que nos vimos? Qual foi a *única* coisa que eu lhe disse para fazer?

– Que eu não atrapalhasse. Essa parte eu peguei, com total clareza. O que não ouvi foi a parte em que você se transformou em meu chefe. A última vez que olhei, meu chefe era muito mais pesado que você e não tinha uma aparência tão boa.

– Não preciso ser a droga do seu chefe para lhe dizer que não meta as mãos no meu caso. A investigação é *minha*, Frank. As ordens são *minhas*. Você não tomou conhecimento delas.

– Registre então uma queixa. Precisa do meu número de identificação para isso?

– É, Frank, é hilariante. Sei que as regras não passam de uma grande piada para você. Sei que você se acredita imune. Droga, vai ver que você está certo. Não sei como as coisas funcionam na Inteligência. – A indignação não caía bem no Campeão. Ela inchava seu queixo até o dobro do tamanho normal e fazia saltar uma veia na sua testa que parecia pigriosa. – Mas talvez fosse bom você

ter em mente que estou lhe fazendo um *favor* nesse caso, pelo amor de Deus. Estou me esforçando ao máximo por você. E a esta altura, eu francamente não me lembro mais do motivo pelo qual estou me dando esse trabalho. Se você continuar a me derrubar, a cada oportunidade que se apresente, eu poderia simplesmente mudar de ideia.

Eu me contive para não pisar fundo nos freios e fazê-lo bater com a cabeça no para-brisa.

– Favor? Você está falando de espalhar por aí que o caso de Kevin foi um acidente?

– Não só espalhei por aí. É o que vai sair na certidão de óbito.

– Ah, bom. Então, puxa. Nem sei como expressar minha gratidão, Campeão. Não sei mesmo.

– Você não é o centro de tudo, Frank. Pode ser que esteja se lixando se a morte de seu irmão for registrada como acidente ou suicídio, mas aposto que sua família se importa.

– Ah, não, não e não. Nem tente armar para esse lado. Quando se trata da minha família, cara, você não faz a menor ideia do assunto com que está lidando. Para começar, pode lhe parecer chocante, mas você não governa o universo deles: todos eles vão acreditar exatamente naquilo que quiserem acreditar, não importa o que você e Cooper ponham na certidão de óbito. Minha mãe, por exemplo, gostaria que eu lhes informasse que foi, não estou brincando, um acidente de trânsito. Por outro lado, se a maioria da minha família estivesse pegando fogo, eu não moveria uma palha para ajudar a apagar o incêndio. Eu sem dúvida não ligo a mínima para o que eles acham que aconteceu com Kevin.

– Um suicida pode ser enterrado em solo consagrado, hoje em dia? O que o padre diz na homilia de um suicida? O que o resto da vizinhança diz a respeito dele? O que isso faz com as pessoas que o suicida deixa para trás? Não se iluda, Frank: você não é imune a isso.

Minha paciência estava começando a se esgarçar. Entrei de ré num beco estreito, entre dois prédios de apartamentos, para poder sair rapidinho se acabasse por expulsar o Campeão do carro, e desliguei a ignição. Acima de nós, algum arquiteto tinha resolvido ser bacana com sacadas pintadas de azul, mas o efeito mediterrâneo era prejudicado pelo fato de que a vista era para uma parede de tijolos e um amontoado de caçambas de lixo.

– Quer dizer que Kevin acaba arquivado como “acidente”, bem bonitinho. Deixe-me lhe fazer uma pergunta, Campeão. Como vocês vão arquivar Rosie?

– Homicídio, é claro.

– É claro. Homicídio cometido por quem? Pessoa ou pessoas desconhecidas? O Campeão não se pronunciou.

– Ou por Kevin – disse eu.

– Bem. É um pouco mais complicado do que isso.

– Em que grau pode ser mais complicado?

– Se nosso suspeito tiver morrido também, nós dispomos de alguma liberdade de decisão. É uma linha tênue. Por um lado, parece que ninguém vai ser preso, e os superiores não ficam loucos para injetar recursos na solução do caso. Por outro lado...

– Por outro lado, existe a todo-poderosa taxa de resolução de casos.

– Deboche o quanto quiser. Essas coisas fazem diferença. Você acha que eu poderia ter dado toda essa atenção ao caso de sua namorada se minha taxa de resolução estivesse abaixo da crítica? É um ciclo. Quanto mais eu conseguir neste caso, mais vou poder aplicar ao caso seguinte. Desculpe, Frank, mas não vou pôr em risco a chance de uma próxima vítima obter justiça e, além disso, minha reputação, só para poupar seus sentimentos.

– Traduza para mim, Campeão. Exatamente o que você está planejando fazer a respeito de Rosie?

– Estou planejando agir certo. Vamos continuar a colher e a acumular provas e depoimentos de testemunhas por mais uns dois dias. Depois disso, supondo-se que não surja nada de inesperado... – Ele deu de ombros. – Já trabalhei em alguns casos desse tipo antes. Normalmente, tentamos lidar com a situação da maneira mais compreensiva possível. O arquivo vai para a Promotoria Pública, mas sem alarde. O público não tem acesso a nada, principalmente se não estivermos falando de um criminoso profissional. Preferimos não arruinar a reputação de um homem, quando ele não está por aqui para se defender. Se a Promotoria Pública concordar que nosso caso é sólido, vamos ter uma conversa com a família da vítima. Deixamos claro que não há nada de definitivo no caso, mas pelo menos podemos lhe dar algum tipo de satisfação... e ponto final. Eles podem seguir em frente, a família do assassino consegue manter sua paz de espírito, nós damos o caso como resolvido. Esse seria o procedimento normal.

– Por que estou com a sensação de que você está tentando me ameaçar?

– Ora, vamos, Frank. Esse é um jeito muito dramático de descrever a situação.

– Como você a descreveria?

– Eu diria que estou tentando lhe dar um aviso. E você não está facilitando as coisas.

– Me dar um aviso, exatamente *do quê?*

O Campeão suspirou.

– Se eu precisar iniciar um inquérito profundo para determinar a causa da morte de Kevin, eu o farei. E eu estaria disposto a apostar que a mídia vai se atirar sobre ele como uma praga. Independentemente de seus sentimentos acerca da questão do suicídio, nós dois conhecemos um repórter ou dois que simplesmente adoram um policial pilantra. E acho que você consegue enxergar como, nas mãos erradas, essa história pode fazê-lo parecer pilantra que só você

mesmo.

– Isso me parece muito com uma ameaça.

– Acho que já deixei bem claro que prefiro não seguir por esse caminho. Mas, se essa for a única maneira de fazê-lo parar de agir como um detetivezinho... Só estou tentando chamar sua atenção, Frank. Não tive muita sorte com minhas tentativas anteriores.

– Pense bem, Campeão. Qual foi a única coisa que *eu lhe* disse, na última vez que nos vimos?

– Que seu irmão não era um assassino.

– Certo. E quanta atenção você prestou a isso?

Ele baixou o para-sol e verificou no espelho um corte que tinha feito ao se barbear, inclinando a cabeça para trás, para passar um polegar pelo queixo.

– De certo modo – disse ele –, creio que lhe devo um agradecimento. Devo admitir que não tenho certeza se teria encontrado Imelda Tierney, se você não a tivesse encontrado para mim. E ela está se revelando muito útil.

Aquela vaca espertalhona.

– Aposto que está. Ela é do tipo dadivoso. Se você entende o que quero dizer.

– Ah, não. Ela não está só tentando me agradar. Seu depoimento vai se sustentar, se for necessário.

Ele parou por ali. O minúsculo sorriso que ele não conseguiu esconder me deu uma ideia vaga, mas eu segui a deixa, de qualquer modo.

– Então, vamos. Chuta. O que ela está dizendo?

O Campeão franziu os lábios, fingindo estar pensando no assunto.

– Ela pode acabar sendo uma testemunha, Frank. Dependendo de tudo o mais. Não posso lhe contar o que ela diz, se você for tentar atormentá-la para mudar a história. Acho que nós dois sabemos muito bem como isso pode acabar mal, não é?

Não me apressei. Por um momento longo e frio, encarei-o até ele desistir. Depois deixei minha cabeça cair contra o encosto e passei as mãos pelo rosto.

– Sabe de uma coisa, Campeão? Esta foi a semana mais longa da minha vida.

– Eu sei, meu filho. Estou escutando. Mas, pelo bem de todos, você vai ter de descobrir alguma outra coisa mais produtiva para onde direcionar essa energia.

– Você está certo. Eu não deveria ter ido procurar Imelda, para começar. Foi totalmente incorreto. Eu só imaginei... ela e Rosie eram muito amigas, sabe? Achei que, se alguém sabia de alguma coisa...

– Você devia ter me dado o nome dela. Eu teria conversado com ela para você. Mesmos resultados, nada dessa complicação.

– É. Você está certo, mais uma vez. É só que... é difícil deixar pra lá, quando não há nada de definitivo, nem para um lado nem para o outro, sabe? Gosto de saber o que está acontecendo.

– Na última vez que conversamos – disse o Campeão, secamente –, você me

pareceu bem seguro de que sabia exatamente o que estava acontecendo.

– Eu achava que sabia. Tinha certeza.

– E agora...?

– Estou cansado, Campeão. Ao longo desta última semana, lidei com a morte de ex-namorada, a morte de irmão e uma dose excessiva dos meus pais; e estou me sentindo como um cachorrinho abandonado. Vai ver que é isso que está causando esse cansaço. Não tenho certeza de mais nada. De absolutamente mais nada.

Dava para eu ver, pelo ar inflado do rosto do Campeão, que ele estava prestes a me dar alguma explicação edificante, o que acabaria por deixá-lo com um humor melhor.

– Frank, mais cedo ou mais tarde, todos nós acabamos levando um belo chute nas certezas. É assim que a vida é. O segredo é transformar esse chute numa pedra de apoio, rumo ao nível seguinte de certezas. Está me entendendo?

Dessa vez engoli minha porção de salada metafórica, como um bom menino.

– Estou entendendo, sim. E detesto admitir isso, logo para você, mas preciso de uma ajudinha para chegar a esse nível seguinte. Preciso mesmo, cara. Me dê uma mão: o que Imelda está dizendo?

– Você não vai incomodá-la por causa disso?

– No que me diz respeito, vou me sentir realizado se nunca mais vir Imelda Tierney.

– Vou precisar que você me dê sua palavra quanto a isso, Frank Sem trapaça.

– Dou-lhe minha palavra de que não vou me aproximar de Imelda. Não para falar sobre Kevin, nem sobre Rosie, nem sobre qualquer outro assunto.

– Não importa o que aconteça.

– Não importa o que aconteça.

– Acredite em mim. Não quero complicar sua vida. E não vou ter de fazê-lo, desde que você não complique a minha. Não me force a fazer o que não quero.

– Não o forçarei.

O Campeão ajeitou o cabelo no lugar e fechou o para-sol.

– De certo ângulo, você estava certo em ir atrás de Imelda. Sua técnica pode ser uma merda, meu caro, mas seus instintos são perfeitos.

– Ela sabia de alguma coisa.

– De muita coisa. Tenho uma pequena surpresa para você, meu filho. Sei que você achava que você e Rose Daly estavam mantendo seu relacionamento em segredo total, mas, na minha experiência, quando uma mulher diz que não vai contar para ninguém, o que ela quer dizer é que vai contar somente para suas duas melhores amigas. Imelda Tierney sabia o tempo todo. Do relacionamento, dos planos de fuga, de tudo.

– Meu Deus – disse eu. Abanei a cabeça, dei uma meia risada envergonhada, deixei que o ego do Campeão se inflasse de satisfação. – Nossa, essa me pegou

de surpresa.

– Você era só um garoto. Ainda não conhecia as regras do jogo.

– Mesmo assim. É difícil acreditar que fui tão ingênuo.

– Há mais uma coisa que você pode não ter percebido: Imelda diz que Kevin era louco por Rose, naquela época. Você vai admitir que isso se encaixa com o que você me contou: ela era a gatinha do pedaço, todos os rapazes estavam a fim dela.

– Bem, certo. É. Mas *Kevin*? Ele só tinha 15 anos.

– Idade suficiente para os hormônios enlouquecerem. E idade suficiente para arrumar um jeito de entrar em boates que não deveria frequentar. Uma noite Imelda estava na Bruxelles e Kevin se aproximou e se ofereceu para lhe pagar uma bebida. Eles começaram a conversar e ele lhe pediu... lhe implorou... que falasse bem dele com Rose. Imelda caiu na risada, mas Kevin pareceu ficar genuinamente ferido; de modo que, quando parou de rir, ela lhe disse que não era nada pessoal contra ele. Era que Rose já tinha namorado. Era só até aí que ela pretendia ir, mas Kevin não parou de importuná-la para saber quem era o cara, e não parou de lhe comprar mais bebida...

O Campeão estava conseguindo manter uma expressão séria, mas estava se divertindo a valer. Logo ali, por baixo do verniz, ele ainda era aquele adolescente encharcado de desodorante, socando o ar a cada ponto ganho.

– No final, ela contou tudo. Não viu mal algum naquilo: achava que ele era um garoto bem legal. Além disso, imaginou que ele fosse recuar assim que soubesse que estavam falando do seu próprio irmão, certo? Errado. Ele se descontrolou: dando gritos, chutando as paredes, atirando copos longe... Os leões de chácara tiveram de expulsá-lo do lugar.

O que não teria sido de jeito nenhum típico de Kevin. Quando se irritava, o pior que Kev chegava a fazer era ir embora, ressentido; mas, fora isso, tudo se encaixava perfeitamente. A cada instante eu estava mais impressionado com Imelda. Ela estava bem a par do sistema de escambo. Mesmo antes de ligar para o Campeão, ela sabia que, se quisesse que ele tirasse o homem desagradável da sua rua, teria de lhe dar algo em troca. Era provável que tivesse dado uns telefonemas para alguns velhos amigos para descobrir exatamente qual seria a moeda de troca. Estava óbvio que os caras da Homicídios, em seu trabalho de porta em porta, tinham deixado bem claro que estavam interessados em qualquer ligação entre Kevin e Rosie; o beco não teria tido a menor dificuldade para preencher as lacunas. Suponho que eu devesse me considerar um cara de sorte por Imelda ter tido a perspicácia de fazer sua pesquisa, em vez de simplesmente se empombar e me jogar na linha de fogo.

– Nossa – disse eu. Pus os braços sobre o volante e me inclinei para a frente, olhando pelo para-brisa para o trânsito que passava lento pela rua principal. – Minha nossa. E eu não fazia a menor ideia. Quando foi isso?

– Um das duas semanas antes da morte de Rose – disse o Campeão. – Imelda se sente bastante culpada pela história toda, agora que sabe no que deu. Foi isso que a fez se apresentar. Ela vai me dar um depoimento oficial assim que terminarmos aqui.

Eu podia apostar que ela ia.

– Bem – disse eu –, acho que isso é uma prova, sem dúvida.

– Sinto muito, Frank

– Eu sei. Obrigado.

– Sei que não era isso que você estava esperando ouvir...

– Sem dúvida.

– ... mas, como você disse, qualquer certeza ajuda. Mesmo que não seja a percepção que você tem neste instante. Pelo menos, significa que você conseguiu algum tipo de conclusão. Quando estiver pronto, vai conseguir começar a incorporar tudo isso na sua visão de mundo.

– Campeão – disse eu. – Deixe-me lhe fazer uma pergunta. Você faz psicanálise?

Ele conseguiu aparentar constrangimento, superioridade e beligerância ao mesmo tempo.

– Faça. Por quê? Quer uma recomendação?

– Não, obrigado. Só estava me perguntando.

– O cara é bem competente. Ele me ajudou a descobrir um monte de coisas interessantes. Como sincronizar minha realidade exterior com minha realidade interior, esse tipo de coisa.

– Parece muito motivacional.

– E é. Acho que ele poderia fazer muito por você.

– Sou um cara antiquado. Ainda acho que minha realidade interior é que deveria se sincronizar com minha realidade exterior. Mas não vou me esquecer do oferecimento.

– É. Isso mesmo. – O Campeão deu um tapinha masculino no painel do meu carro, como se fosse um cavalo que tivesse aprendido uma lição. – Foi bom conversar com você, Frank. Eu devia voltar ao batente, mas pode me ligar a qualquer hora, se estiver precisando de um bate-papo, está bem?

– Pode deixar. Mas acho que estou precisando mesmo é de um tempo sozinho, para digerir tudo isso. É muita coisa para absorver. – O Campeão fez um profundo gesto de aquiescência com a cabeça e as sobrancelhas, que ele presumivelmente aprendeu com seu psicanalista.

– Quer uma carona para voltar para a divisão?

– Não, obrigado. Caminhar vai me fazer bem. Tenho de ficar de olho na silhueta. – Ele deu um tapinha na barriga. – Trate de se cuidar, Frank. Nós nos falamos.

A viela era tão estreita que ele precisou abrir a porta do carro uns 15

centímetros e depois se espremer para sair, o que enfraqueceu o tom de sua partida, mas ele o recuperou assim que assumiu seu passo de detetive da Homicídios. Assisti enquanto ele partia arrogante, em meio às pessoas cansadas e apressadas, um homem com uma pasta e um propósito; e me lembrei do dia alguns anos antes em que tínhamos topado um com o outro e descoberto que os dois estávamos agora no clube dos divorciados. A bebedeira tinha durado 14 horas e acabado numa espelunca com temática de OVNI em Bray, onde o Campeão e eu tentamos convencer duas lindinhas descerebradas que nós éramos milionários russos que tinham vindo aqui para comprar o castelo de Dublin, só que não parávamos de nos esquecer disso e de abafar nos copos de cerveja nossos risos incontroláveis, como dois adolescentes. Ocorreu-me que eu de certo modo tinha gostado do Campeão Kennedy ao longo dos 20 últimos anos, e que ia realmente sentir falta dele.

É comum que as pessoas me subestimem, e essa é uma das coisas que mais me agradam. Mesmo assim, fiquei um pouco surpreso com Imelda. Ela não me parecia ser o tipo de pessoa que não percebe o lado menos fofo da natureza humana. No seu lugar, eu teria pelo menos providenciado um amigo grande e feio, com algum tipo de arma, para passar uns dias comigo. No entanto, na manhã de quinta-feira, o lar dos Tierney parecia estar de volta ao normal. Genevieve saiu se arrastando para ir à escola, chupando uma barra de KitKat, Imelda dirigiu-se à New Street e voltou trazendo duas sacolas plásticas, Isabelle saiu toda empertigada, para ir a algum lugar que exigia cabelo preso para trás e uma blusa branca impecável; nem sinal de qualquer tipo de guarda-costas, armado ou não. Dessa vez, ninguém viu que eu estava observando.

Por volta do meio-dia, um par de adolescentes com um par de bebês tocou o interfone. Shania desceu e todas saíram para olhar vitrines, cometer furtos em lojas ou não importa o que fosse. Assim que me certifiquei de que ela não ia voltar para pegar os cigarros, arrombei a tranca da porta da frente e subi até o apartamento de Imelda.

Ela estava com algum programa de entrevistas ligado muito alto, com as pessoas uivando umas para as outras e a plateia louca por sangue. A porta estava crivada de fechaduras; mas, quando olhei pela fresta, vi que só uma delas estava de fato trancada. Demorei uns dez segundos para abri-la. A televisão encobriu o rangido da porta.

Imelda estava sentada no sofá embrulhando presentes de Natal, o que teria sido mais enternecedor se não fosse o programa de TV, além do fato de a maior parte dos presentes ser de produtos da Burberry falsificados. Fechei a porta e estava me aproximando por trás dela, quando alguma coisa – minha sombra, uma tábua do assoalho – fez com que ela girasse a cabeça, assustada. Ela respirou fundo para começar a gritar, mas, antes que conseguisse começar, eu já

estava tapando sua boca com minha mão, enquanto meu outro antebraço cruzava seus pulsos, prendendo-os no seu colo. Acomodei-me no braço do sofá e falei bem junto do seu ouvido.

– Imelda, Imelda, Imelda. Não foi aqui mesmo que você me garantiu que não era dedo-duro? Estou decepcionado com você.

Ela mirou uma cotovelada no meu estômago. Quando a segurei com mais força, tentou morder minha mão. Forcei-a mais para baixo, empurrando sua cabeça para trás até seu pescoço se arquear e eu sentir seus dentes rangendo contra os lábios.

– Quando eu tirar minha mão, quero que você pense em duas coisas. A primeira é que estou muito mais perto de você do que qualquer outra pessoa. A segunda é o que nosso amigo Deco lá em cima ia pensar se soubesse que neste prédio mora uma alcaquete, porque seria fácil, muito fácil ele descobrir isso. Você acha que ele descontinaria a raiva em você, pessoalmente, ou decidiria que Isabelle é mais suculenta? Ou quem sabe Genevieve? Você que me diga, Imelda. Não sei quais são as preferências dele.

Seus olhos se incendiaram de pura fúria, como os de um animal apanhado numa armadilha. Se ela pudesse, teria voado na minha jugular.

– Então, já se decidiu? – perguntei. – Vai sair gritando?

Daí a um instante, seus músculos aos poucos foram relaxando, e ela fez que não. Soltei-a, joguei uma pilha de artigos da Burberry de uma poltrona para o chão e me sentei.

– Pronto – disse eu. – Não está aconchegante assim?

Imelda esfregou com cuidado o queixo dolorido.

– Cafajeste – disse ela.

– Não foi escolha minha, querida, ou será que foi? Eu lhe dei duas chances diferentes de você conversar comigo como uma pessoa civilizada. Mas não. Você quis que fosse desse jeito.

– Meu cara vai chegar a qualquer instante. É ele quem cuida da segurança. Você não vai querer se meter com ele.

– Engraçado, porque ele não estava em casa ontem de noite e nesta sala não tem nada que diga que ele um dia existiu. – Chutei os presentes da minha frente para poder esticar as pernas. – Por que você me diria uma mentira dessas, Imelda? Não me diga que está com medo de mim.

Ela estava emburrada no canto do sofá, com as pernas e os braços bem cruzados, mas o que eu disse a instigou.

– Bem que você queria, Francis Mackey. Já acabei com a raça de muito cara mais durão que você.

– Ah, tenho certeza que sim. E, quando não consegue acabar com a raça deles, você corre para contar a alguém que consiga. Você me dedurou para o Campeão Kennedy... *não*, trate de calar essa boca imunda e nem pense em

tentar se livrar dessa com mentiras... e eu não estou nem um pouco feliz com essa história. Mas vai ser fácil consertar o erro. Basta que você me diga para quem você saiu correndo para contar sobre mim e Rosie, e num passe de mágica tudo será perdoado.

Imelda deu de ombros. Ao fundo, os idiotas na televisão estavam se atacando uns aos outros com cadeiras do estúdio. Inclinei-me, mantendo um olho vigilante em Imelda, para alguma eventualidade, e arranquei a tomada da parede.

– Não ouvi você falar – disse eu, então.

Mais um dar de ombros.

– Acho que venho sendo mais do que paciente. Mas isso aqui que você está vendo é o final da minha paciência, querida. Dê uma boa olhada. Isso aqui é muito mais bonito que o que vem depois.

– E daí?

– E daí que eu achei que você tinha sido avisada a meu respeito.

Captei o lampejo do medo no seu rosto.

– Sei o que estão dizendo por aqui. Qual dos dois você acha que eu matei, Imelda? Rosie ou Kevin? Ou os dois?

– Eu nunca disse...

– Veja bem, estou apostando em Kevin. Acertei? Achei que ele matou Rosie e por isso o empurrei daquela janela. Foi essa a conclusão a que você chegou?

Imelda tinha juízo suficiente para não responder. Minha voz estava ficando cada vez mais alta, mas eu não me importava se Deco e seus camaradinhos drogados ouvissem cada palavra. Eu tinha passado a semana inteira à espera de uma chance para me descontrolar daquele jeito.

– Diga-me uma coisa. Como você consegue ser tão tapada, como consegue ser tão incrivelmente *burra* a ponto de mexer com alguém que faria uma coisa daquelas com o próprio irmão? Não estou com nenhuma disposição de ser enrolado, Imelda, e foi isso o que você fez ontem de tarde. Você acha que foi uma boa ideia?

– Eu só queria...

– E agora aqui está você tentando *de novo*. É de propósito que você está tentando me dar mais esse empurrãozinho? Está *querendo* que eu surte, é isso?

– Não...

Eu já tinha me levantado da poltrona e estava segurando o encosto do sofá de cada lado da sua cabeça, empurrando meu rosto tão perto do dela que pude sentir o cheiro de salgadinhos de queijo e cebola no seu hálito.

– Vou lhe explicar uma coisa, Imelda. Vou usar palavras simples, para ver se a mensagem entra nessa sua cabeça de jerico. Nos próximos dez minutos, juro por Deus, você vai responder minha pergunta. Sei que você preferiria manter a história que contou a Kennedy, mas não lhe dou essa opção. Você só pode escolher se quer falar com ou sem uns tabefes.

Ela tentou afastar a cabeça para longe de mim, mas uma das minhas mãos envolveu seu queixo e a forçou a olhar para mim.

– E antes de tomar essa decisão, pense no seguinte: qual seria a probabilidade de eu me deixar empolgar e torcer seu pescoço como o de uma galinha? Todo mundo por aqui já acha que sou Hannibal Lecter. Afinal, o que tenho a perder? – Pode ser que a essa altura ela já estivesse disposta a falar, mas não lhe dei a chance. – Seu amigo, o detetive Kennedy, pode não ser meu maior fã, mas ele é um policial, igualzinho a mim. Se você aparecer por aí irreconhecível de tão espancada ou, que Deus não permita, mortinha na sarjeta, você acha que ele vai deixar de cuidar da própria vida? Ou você acredita a sério que ele vai se importar com alguma vagabunda inútil, burra de dar dó, cuja vida não vale um centavo para ninguém neste mundo? Ele vai largar você de mão num piscar de olhos, Imelda. Como o lixo que você é.

Eu conhecia a expressão no seu rosto, a boca aberta, os olhos cegos arregalados demais para piscar. Eu a tinha visto na minha mãe centenas de vezes, no segundo em que ela sabia que estava a ponto de ser espancada. Não liguei a mínima. A ideia do dorso da minha mão batendo com violência na boca de Imelda quase me sufocou, de tanta vontade que eu tinha de fazer aquilo mesmo.

– Você não se importou de abrir essa boca nojenta para qualquer outra pessoa que perguntasse. Agora, pelo amor de Deus, você vai abri-la para mim. Com quem você falou de mim e de Rosie? Com quem, Imelda? Quem foi? Foi a piranha da sua mãe? Quem foi o *puto* que você...

Eu já podia ouvi-la cuspir a frase em cima de mim, como grandes doses pegajosas de veneno: *O beberrão do seu pai. O mulherengo imundo do seu pai*, e já estava pronto e preparado para o golpe, quando ela abriu muito a boca vermelha e quase uivou na minha cara.

– Contei pro seu irmão!

– *Papo furado*, sua mentirosa. Foi essa a cascata que você contou ao Campeão Kennedy, e ele engoliu. Mas será que eu pareço ser tão burro quanto ele? Pareço?

– Não Kevin, seu imbecil. O que eu podia estar fazendo com Kevin? Shay. Contei pro Shay.

Todos os sons sumiram da sala: um silêncio perfeito e imenso como o da neve, como se nunca tivesse existido um ruído no mundo inteiro. Depois do que poderia ter sido muito tempo, percebi que estava sentado na poltrona novamente e que estava com o corpo inteiro dormente, como se meu sangue tivesse parado de circular. Algum tempo depois, dei-me conta de que tinham ligado uma máquina de lavar no andar de cima. Imelda tinha se encolhido toda nas almofadas do sofá. O pavor no seu rosto me dizia como devia estar a minha expressão.

– O que você contou para ele? – perguntei.  
– Francis... Me perdoa, ok? Eu não achei...  
– O que você contou para ele, Imelda?  
– Só falei... de você e Rosie. Que vocês iam fugir.  
– E quando você disse isso a ele?  
– No sábado à noite, no bar. Na véspera de quando vocês iam embora. Achei que, sem dúvida, que mal podia haver àquela altura, era tarde demais para alguém tentar impedir vocês...

Três garotas encostadas nas grades, jogando o cabelo para lá e para cá, luminosas e irrequietas como potranças bravas, nervosas à beira da noite em que qualquer coisa pode acontecer. E parece que quase qualquer coisa tinha acontecido.

– Se você me der mais um pretexto de merda que seja, vou enfiar o pé nessa sua televisão roubada.

Imelda calou a boca.

– Você disse quando íamos fugir? – perguntei.

Uma confirmação rápida, com a cabeça.

– E onde você tinha posto a mala?

– Disse. Tipo, não em que quarto, só que foi na casa nº 16.

A claridade, de um branco sujo, que passava pelas cortinas de renda, era cruel com ela. Jogada naquele canto de sofá, naquela sala aquecida demais que fedia a gordura, cigarros e lixo, ela dava a impressão de um saco mal cheio de ossos, envoltos em pele cinzenta. Eu não conseguia pensar em uma única coisa que essa mulher pudesse ter querido que valesse o que tinha jogado fora.

– Por quê, Imelda? Por que cargas-d’água?

Ela deu de ombros. Fui me dando conta bem devagar, com a fraca vermelhidão que ia colorindo seu rosto.

– Você só pode estar brincando – disse eu. – Você estava a fim do Shay?

Mais um dar de ombros, esse mais marcado e irritadiço. Aquelas garotas coloridas dando gritinhos e fingindo que brigavam: *Mandy disse para perguntar se seu irmão gosta de ir ao cinema...*

– Achei que era Mandy que estava interessada nele.

– Ela também. Nós todas, não Rosie, mas muitas de nós. Ele podia escolher.

– E assim você traiu Rosie para ganhar a atenção dele. Era nisso que você estava pensando quando me disse que a amava?

– Isso não é justo. Eu nunca pretendi...

Atirei o cinzeiro na televisão. Ele era pesado e eu usei toda a minha força. Ele destroçou a tela com um estrondo impressionante e uma explosão de cinzas, guimbas e estilhaços. Imelda emitiu algum som entre um arquejo e um ganido, e se encolheu mais para longe de mim, levantando um braço para proteger o rosto. Partículas de cinzas encheram o ar, giraram e foram se acomodar no carpete, na

mesinha de centro, nas suas calças de moletom.

– Pois é – disse eu. – Eu não avisei?

Ela abanou a cabeça, com o olhar desvairado. Estava com a mão tapando a boca. Tinha sido treinada para não berrar.

Espanei estilhaços cintilantes de vidro e encontrei os cigarros de Imelda na mesa de centro, por baixo de uma bola de fita verde.

– Você vai ter de me passar o que disse a ele, palavra por palavra, da melhor forma que você conseguir se lembrar. Não deixe nada de fora. Se não se lembrar com clareza de algum ponto, diga isso. Não invente nada. Fui claro?

Imelda fez que sim, com força, direto na palma da mão. Acendi um cigarro e me recostei na poltrona.

– Ótimo. Vá falando.

Eu mesmo poderia ter contado a história. O bar ficava em algum lugar perto da Wexford Street, Imelda não se lembrava do nome.

– Nós tínhamos saído para dançar, eu, Mandy e Julie, mas Rosie tinha de voltar cedo para casa porque o pai dela estava em pé de guerra e ela não quis pagar para entrar na discoteca. Então fomos tomar umas cervejas antes... – Imelda estava no balcão, apanhando sua rodada, quando avistou Shay. Ela conseguiu puxar papo com ele... Eu até podia vê-la, jogando o cabelo, projetando um quadril, tentando provocá-lo. Shay tinha flertado com ela, no modo automático, mas ele gostava das garotas mais bonitinhas, mais suaves e bem menos desbocadas; e, quando as cervejas chegaram, ele as apanhou juntas e se virou para voltar para seus amigos no canto.

Ela só estava tentando fixar a atenção dele. *Qual é o problema, Shay? Será que o Francis está certo? Você é mais a fim de garotos?*

*Olha só quem está falando*, dissera ele. *Quando foi a última vez que aquele bostinha teve uma namorada?* E ele começou a se afastar.

Imelda respondeu: *Isso é o que você sabe.*

*Isso fez com que ele parasse. É mesmo?*

*Os caras estão esperando pela cerveja. Vai em frente. Anda.*

*Volto num segundo. Peraí um pouco.*

*Pode ser que eu espere. Pode ser que não.*

É claro que tinha esperado. Rosie riu dela, quando ela largou as bebidas delas às pressas e Mandy fingiu estar indignada (*Roubando meu cara*), mas Imelda fez para elas um gesto obsceno e voltou correndo para já estar junto do balcão, tranquila, toda descontraída, bebericando sua cerveja, com um botão desabotoado, quando Shay voltasse. Seu coração estava a mil. Antes, ele nunca tinha olhado para ela duas vezes.

Shay se curvou, aproximando sua cabeça e lhe deu aquele olhar de um azul intenso que nunca o deixou na mão, sentou relaxado numa banqueta e deslizou um joelho de modo que se encaixasse entre os dela; comprou-lhe a bebida seguinte e passou um dedo pelo dorso da sua mão quando a entregou a ela.

Imelda esticou a história ao máximo, para mantê-lo ao seu lado; mas no final o plano inteiro estava exposto no balcão entre eles: a mala, o ponto de encontro, a balsa, o conjugado em Londres, os empregos no ramo da música, o casamento sem alarde. Todos os segredos que Rosie e eu tínhamos passado meses acumulando, fragmento por fragmento, guardando em local seguro e precioso, grudado na nossa pele. Imelda se sentia desprezível por ter feito aquilo. Ela mal conseguia aguentar olhar para onde Rosie estava, caindo na risada com Mandy e Julie por um assunto ou outro. Vinte e dois anos depois, seu rosto ainda ficava vermelho quando ela falava no assunto. De qualquer modo, era o que tinha feito.

Era uma historiazinha tão insignificante, um fragmento de nada, do tipo que provoca brigas entre adolescentes todos os dias e que depois são esquecidas. E tinha vindo desaguar nesta semana e nesta sala.

– Me diz uma coisa. Vocês pelo menos deram uma rapidinha, depois de tudo isso?

Imelda não estava olhando para mim, mas as manchas vermelhas ficaram mais fortes.

– Ah, bom. Eu ia detestar a ideia de você ter tido todo o trabalho de trair a mim e a Rosie, por nada. Desse jeito, tudo bem, duas pessoas acabaram mortas, e um bom punhado de vidas foi destruído, mas, peraí, pelo menos você conseguiu a trepada que queria.

– Você está querendo dizer...? – perguntou ela, numa voz fina e retesada. – Que contar para Shay. Que foi isso que matou Rosie?

– Você é um gênio.

– Francis. Será que...? – Imelda estremeceu de corpo inteiro, como um cavalo assustado. – Foi Shay...?

– Eu disse isso?

Ela fez que não.

– Ainda bem que você notou. Preste atenção, Imelda: se você espalhar essa merda por aí, se você contar isso para uma única pessoa que seja, vai se arrepender pelo resto da vida. Você se esforçou ao máximo para destruir a reputação de um dos meus irmãos. Não vou permitir que destrua a do outro.

– Não vou dizer nada para ninguém. Juro, Francis.

– Isso inclui suas filhas. Só para a eventualidade de estar no sangue a tendência a dedurar. – Ela se encolheu. – Você nunca conversou com Shay, e eu nunca estive aqui. Entendeu?

– Entendi. Francis... Sinto muito. Meu Deus, sinto muito mesmo. Nem por uma vez pensei...

– Olhe o que você fez – Foi a única coisa que quis sair da minha boca. – Meu Deus, Imelda. Olhe só o que você fez. – E eu a deixei lá com os olhos fixos nas cinzas, no vidro quebrado e no nada.

Aquela noite demorou muito para passar. Quase liguei para minha querida amiga da polícia técnica, mas concluí que poucas coisas podem jogar água fria numa transa animada, como uma parceira que sabe detalhes demais sobre como sua ex-namorada morreu. Pensei em ir ao bar, mas só faria sentido se eu estivesse planejando beber até cair, o que me pareceu uma péssima ideia. Cheguei a pensar, muito, em ligar para Olivia e perguntar se eu poderia dar uma passada por lá, mas calculei ser provável que eu já tivesse jogado o suficiente com minha sorte naquela semana. Acabei indo parar no Ned Kelly's na O'Connell Street, jogando uma partida depois da outra de sinuca numa sala dos fundos, com três russos que não falavam muito inglês mas que conseguiram detectar os sinais internacionais de um homem carente de companhia. Depois que o Ned's fechou, fui para casa e sentei na sacada, fumando sem parar, até meu traseiro começar a congelar. A essa altura, entrei e fiquei olhando uns branquelos delirantes fazendo sinais de rapper com as mãos, uns para os outros, em algum reality show, até o dia clarear o suficiente para eu poder tomar o café da manhã. De poucos em poucos minutos, eu tentava acionar com força aquele interruptor mental que me permitiria não ver o rosto de Rosie, de Kevin ou de Shay.

Não era o rosto adulto de Kev que eu via o tempo todo. Era o rosto pegajoso do adolescente que tinha dividido um colchão comigo por tanto tempo que eu ainda sentia seus pés enfiados entre minhas canelas para se manterem aquecidos no inverno. De longe, ele era o mais bonito de nós, um anjinho louro e rechonchudo de algum anúncio de cereal. Carmel e as amigas costumavam arrastá-lo de um lado para outro, como uma boneca de trapos, trocando sua roupa e enfiando doces na sua boca, ensaiando para serem mães um dia. Ele ficava deitado nos carrinhos de boneca, com um sorriso feliz, curtindo toda aquela atenção. Mesmo tão pequeno, nosso Kev adorava as mulheres. Tomara que alguém tivesse dado, com delicadeza, a notícia às suas numerosas namoradas sobre o motivo pelo qual ele não apareceria mais.

E não era a Rosie radiante com o primeiro amor e grandes planos que não parava de aparecer no meu pensamento. Era a Rosie furiosa. Num entardecer de outono, quando estávamos com 17 anos, Carmel, Shay e eu estávamos fumando na escada. Naquela época, Carmel fumava e me deixava filar dos dela durante o período escolar, quando eu não estava trabalhando e não podia pagar pelos meus próprios cigarros. O ar cheirava a fumaça de carvão de turfa, neblina e Guinness, e Shay estava assoviando “Take Me Up to Monto”, baixinho, só para si mesmo. E então começou a gritaria.

Era o sr. Daly, e ele estava subindo pelas paredes. Não se conseguia ouvir

nenhum detalhe, mas a essência era que ele não seria desafiado debaixo do seu próprio teto e que alguém ia levar um tabefe num minuto, se não tomasse cuidado. Minhas entranhas se transformaram num sólido bloco de gelo.

– Uma libra, como ele pegou a mulher transando com um cara mais novo.

– Não seja nojento – disse Carmel, estalando a língua.

– Eu topo – disse eu, mantendo a voz neutra. Nós estávamos saindo havia pouco mais de um ano, a Rosie e eu. Nossos colegas sabiam, mas nós ficávamos na nossa, para que a notícia não se espalhasse demais: estávamos só nos divertindo, só uma brincadeira, nada sério. A cada semana isso me parecia mais papo furado, mas Rosie dizia que seu pai não ia gostar, e ela dizia de um jeito convincente. Uma parte de mim tinha passado o último ano esperando que esta noite viesse me dar um chute na cara.

– Você não tem uma libra.

– Nem vou precisar.

Janelas já estavam se abrindo – os Daly brigavam menos que qualquer outra família no beco. De modo que aquilo ali era escândalo de alta qualidade.

– Você não sabe de nada! – berrou Rosie.

Dei uma última tragada no cigarro, até o filtro.

– A libra – disse para Shay.

– Vou lhe dar quando eu receber.

Rosie saiu correndo do nº 3 e bateu a porta com tanta força que as velhotas enxeridas fugiram alvoroçadas de volta para suas tocas, para curtir o escândalo com privacidade. Veio então na nossa direção. Em contraste com o céu cinzento de outono, o cabelo dela dava a impressão de que ia incendiar tudo e fazer voar pelos ares o beco inteiro.

– Oi, Rosie – disse Shay. – Linda como sempre.

– E você, como sempre, uma mala sem alça. Francis, podemos conversar?

Shay assoviou. Carmel ficou de queixo caído.

– Claro que sim – disse eu, me levantando. – Vamos andar um pouco, está bem? – A última coisa que ouvi atrás de mim, quando viramos a esquina e entramos na Smith's Road, foi a risada mais suja de Shay.

Rosie estava com as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta jeans e andava tão rápido que eu mal conseguia acompanhar.

– Meu pai descobriu – disse ela, picotando as palavras.

Eu sabia que isso ia acontecer, mas de qualquer maneira foi como um soco no estômago.

– Ah, *droga*. Achei que era isso, certo? Mas como?

– Foi quando estávamos no Neary's. Eu devia ter imaginado que não era um lugar seguro. Minha prima e suas colegas vão lá pra beber, e ela tem uma língua que não cabe dentro da boca. A vaquinha nos viu. Contou pra mãe dela, a mãe dela contou pra minha mãe. E não é que minha mãe contou pro meu pai?

– E ele perdeu as estribeiras.

Rosie não se conteve.

– Que *filha da mãe*, que cretina, da próxima vez que eu vir Shirley, vou acabar com ela. Ele não ouviu nada que eu disse, era o mesmo se eu estivesse falando com as *paredes*...

– Rosie, mais *devagar*...

– Ele disse pra eu não vir chorando quando acabasse grávida, abandonada e coberta de contusões. *Meu Deus*, Frank, tive vontade de matá-lo. Juro por Deus...

– Então o que você está fazendo aqui? Ele sabe...?

– Sabe, sim – disse Rosie. – Foi ele que me mandou sair pra terminar com você.

Eu só percebi que tinha parado no meio da calçada, quando ela se voltou para ver onde eu tinha me metido.

– Eu *não* estou terminando com você, seu pateta! Fala sério, acha que eu ia te largar só porque meu pai mandou? Ficou maluco?

– Meu Deus – disse eu. Aos poucos, meu coração foi voltando ao normal. – Você está querendo que eu tenha um infarto? Achei... Meu Deus...

– Francis. – Ela voltou até onde eu estava e entrelaçou os dedos nos meus, com tanta força que doeu. – Não estou terminando, ok? Só não sei o que *fazer*.

Eu teria vendido um rim para ser capaz de apresentar a resposta mágica. Escolhi a proposta mais impressionante que pude imaginar, a de matar o dragão.

– Vou lá conversar com seu pai. De homem para homem. Vou dizer a ele que eu não te trataria mal de modo algum.

– Eu já *disse* isso a ele. Cem vezes. Ele acha que você está me passando uma bela de uma conversa para poder transar comigo, e que eu engoli cada palavra. Você acha que ele vai dar ouvidos a você, se ele não quer dar a mim?

– É só eu mostrar para ele. Uma vez que ele veja que estou te tratando direito...

– Não temos *tempo* para isso! Ele diz que é para eu terminar com você hoje, se não ele me expulsa de casa. E é o que ele vai fazer, vai sim. Ia partir o coração da mamãe, mas ele não se importaria. Ele vai até lhe dizer que ela não pode nunca mais me *ver* e, Deus me livre, ela vai obedecer.

Depois de 17 anos de convivência com minha família, minha solução automática para qualquer situação era uma boca bem fechada.

– Então diga a ele que fez o que ele queria. Que terminou comigo. Ninguém precisa saber que ainda estamos juntos.

Rosie ficou imóvel, e eu vi seu raciocínio começar a se acelerar.

– Por quanto tempo? – disse ela, depois de um instante.

– Até a gente ter um plano melhor, até seu pai se acalmar, não sei. Se conseguirmos ficar nessa situação por tempo suficiente, alguma coisa vai acabar mudando.

– Pode ser. – Ela ainda estava pensando, com a cabeça curvada sobre nossas mãos unidas. – Você acha que íamos conseguir? Do jeito que as pessoas falam por aqui...

– Não estou dizendo que seria fácil – disse eu. – Vamos precisar dizer a todo mundo que terminamos e dar a impressão de que terminamos mesmo. Não vamos poder ir ao baile de formatura juntos. Você sempre vai ficar preocupada com seu pai descobrir e te pôr pra fora de casa.

– Não ligo a mínima. Mas e você? Você não precisa andar se escondendo. Seu pai não está tentando te transformar numa freira. Vale a pena?

– Do que é que você está falando. Eu te *amo*.

Eu mesmo fiquei atordoado. Nunca tinha dito isso antes. Eu sabia que nunca diria outra vez, não de verdade. Só se tem uma oportunidade na vida inteira. A minha veio do nada, num entardecer enevoado de outono, debaixo de um poste de iluminação que lançava faixas amarelas no calçamento molhado, com os dedos fortes e maleáveis de Rosie entrelaçados nos meus.

Rosie abriu a boca.

– Ah! – disse ela. Saiu parecido com uma risada maravilhosa, incontrolável, ofegante.

– E aí vai você – disse eu.

– Pois bem, então – disse ela, quase explodindo em riso outra vez. – Então, quer dizer que está tudo bem, não está?

– Será?

– Claro. Eu te amo também. E nós vamos descobrir um jeito. Certo?

Eu não sabia o que dizer. Nem conseguia pensar em nada, a não ser em puxá-la para bem junto de mim. Um velhote que levava o cachorro a passear desviou-se de nós e resmungou alguma coisa sobre comportamentos chocantes, mas eu não poderia ter me mexido, mesmo que quisesse. Rosie pressionou o rosto, com força, no ângulo do meu pescoço. Senti seus cílios estremecerem em contato com minha pele, que depois ficou molhada onde eles tinham tocado.

– Vamos, sim – disse eu, no meio de seu cabelo gostoso; e eu tive certeza de que era verdade porque nós tínhamos o trunfo, o curinga que derrotava todas as outras cartas do baralho. – Vamos descobrir um jeito.

Depois de termos andado e falado até ficarmos exaustos, voltamos para casa, para começar o processo meticuloso, crucial, de convencer o beco de que nosso relacionamento tinha ficado para trás. Bem tarde naquela noite, apesar da espera prolongada e astuciosa que tínhamos planejado, nos encontramos no nº 16. Estávamos muito além do ponto de nos importarmos com o quanto o momento escolhido era perigoso. Nós nos deitamos juntos no assoalho ruidoso e ficamos de frente um para o outro, debaixo do cobertor azul macio que Rosie sempre trazia. E nessa noite ela não me disse para parar.

Aquela noite foi uma das razões pelas quais nunca me ocorreu que Rosie

pudesse ter morrido. Aquele ímpeto acalorado, quando ela estava com tanta raiva: daria para acender um fósforo só de aproximá-lo da sua pele; daria para acender árvores de Natal; daria para enxergá-la do espaço. Que tudo aquilo tivesse desaparecido para sempre, sido transformado em nada, era impensável.

Danny Fósforos incendiaria a loja de motocicletas e organizaria todas as provas artisticamente para indicar que o culpado era Shay, se eu lhe pedisse com cortesia. Como alternativa, eu conhecia uns caras que faziam Danny parecer uma florzinha e que fariam um trabalho fantástico, completo, até com o nível de dor que eu pedisse, certificando-se de que nenhum resquício de Shay jamais voltasse a ser visto.

O problema era que eu não queria Danny Fósforos, nem a brigada do matadouro, nem mais ninguém. O Campeão estava fora de cogitação: se ele precisava tanto assim de Kevin para ser o vilão, podia ficar com ele. Olivia estava certa: nada que fosse dito poderia prejudicar Kev agora, e a justiça tinha caído para os últimos lugares na minha lista de pedidos para o Natal. Tudo que eu queria no mundo era Shay. Todas as vezes que eu olhava por sobre o Liffey, eu o via à sua janela, em algum ponto naquele emaranhado de luzes, fumando, com o olhar fixo do outro lado do rio, à espera de que eu viesse ao seu encontro. Eu nunca tinha querido uma mulher, nem mesmo Rosie, tanto quanto eu o queria.

\* \* \*

Na tarde de sexta-feira, mandei uma mensagem de texto para Stephen: *Mesma hora, mesmo local*. Chovia, uma chuva grossa e gelada que se infiltrava por tudo o que você estivesse usando e o enregelava até os ossos. A Cosmo's estava lotada de pessoas molhadas e exaustas, contando sacas de compras, na esperança de que, se ficassem paradas por tempo suficiente, acabariam se aquecendo. Dessa vez, só pedi café. Já sabia que não ia demorar muito.

Stephen pareceu um pouco inseguro a respeito do que estávamos fazendo ali, mas tinha educação demais para perguntar.

– Os registros telefônicos de Kevin ainda não chegaram – preferiu dizer.

– Achei que não tinham chegado mesmo. Você sabe quando a investigação vai se encerrar?

– Nos disseram que provavelmente na terça. O detetive Kennedy diz... bem, ele calcula que já temos provas suficientes para embasar um processo. De agora em diante, vamos só organizar a papelada.

– Tenho a impressão de que você já ouviu falar da encantadora Imelda Tierney.

– Bem. Ouvi, sim.

– O detetive Kennedy acredita que a versão dela é a peça final do quebra-cabeça, que se encaixa perfeitamente. Agora ele pode embrulhar tudo num

pacote bonito, amarrar com fitas e entregá-lo de presente ao promotor público. Certo?

– Mais ou menos, sim.

– E o que você acha?

Stephen coçou a cabeça, deixando o cabelo em pé em tufos.

– Acho – disse ele –, pelo que o detetive Kennedy disse, e me avise se eu estiver errado, que Imelda Tierney está bem chateada com você.

– Neste momento não sou o queridinho dela, não.

– Você a conhece, mesmo que seja de séculos atrás. Se estivesse irritada o suficiente, ela inventaria alguma coisa desse tipo?

– Eu diria que ela faria isso num piscar de olhos. Pode me chamar de preconceituoso.

Stephen fez que não.

– Eu até poderia, só que ainda tenho o mesmo problema das digitais que eu tinha antes. A menos que Imelda Tierney possa explicar por que o bilhete foi limpo, essa limpeza supera a história dela no que me diz respeito. As pessoas mentem, as provas, não.

O garoto valia dez do Campeão, e provavelmente de mim também.

– Gosto do seu jeito de pensar, detetive. Infelizmente, tenho certeza de que Kennedy não vai começar a pensar do mesmo jeito tão cedo.

– Não, a menos que nós apresentemos uma hipótese alternativa que seja sólida demais para ele desprezar. – Ele ainda aplicava uma inflexão tímida ao “nós”, como um adolescente falando da primeira namorada. Trabalhar comigo tinha sido importante para ele. – E é nisso que venho me concentrando. Venho dedicando muito tempo a repassar esse caso na minha cabeça, procurando algum detalhe que possamos ter deixado de perceber. E ontem à noite me ocorreu uma coisa.

– É mesmo? E o que seria?

– Ok – Stephen respirou fundo. Tinha ensaiado tudo isso, pronto para me impressionar. – Até agora, nenhum de nós prestou a menor atenção ao fato de que o corpo de Rose Daly foi ocultado, certo? Nós pensamos nas implicações do local *onde* ele foi escondido, mas não no fato da ocultação em primeiro lugar. E creio que isso deveria ter nos dado algum tipo de informação. Todos concordam que o crime parece não ter sido planejado, certo? O cara simplesmente surtou?

– É o que parece, sim.

– Quer dizer que ele deve ter ficado arrasado quando viu o que tinha feito. Se fosse comigo, eu teria fugido correndo daquela casa à maior velocidade possível. Em vez disso, nosso cara reuniu a força de vontade para ficar ali, descobrir um esconderijo, guardar um corpo pesado debaixo de uma laje pesada de concreto... Tudo isso exigiu muito tempo e esforço. Ele *precisava* que o corpo ficasse escondido. Precisava muito. Por quê? Por que não deixá-la simplesmente

ali, para alguém encontrar de manhã?

Ele ainda ia se tornar um analista de perfis de criminosos.

– Diga-me você.

Stephen estava debruçado sobre a mesa, com os olhos fixos nos meus, todo envolvido na história.

– Porque ele sabia que alguém lá fora poderia associá-lo a Rose ou à casa. Tem de ser isso. Se o corpo dela tivesse sido encontrado no dia seguinte, alguém lá fora teria dito: “Ei, peraí, vi fulano entrando no nº 16 ontem à noite”, ou “Acho que fulano estava planejando se encontrar com Rose Daly”. Ele *não tinha como* permitir que ela fosse encontrada.

– Na minha opinião, parece correto.

– Então só precisamos descobrir essa associação. Estamos descartando a história de Imelda, mas pode ter alguém por aí com uma história bem parecida com a dela, só que verdadeira. É provável que a pessoa já tenha se esquecido totalmente, porque nunca se deu conta de que era importante, mas se ao menos conseguirmos sacudir sua memória... Eu começaria falando com as pessoas que eram mais íntimas de Rose, a irmã, as melhores amigas. E também as pessoas que moravam no lado par do Faithful Place. Seu depoimento diz que você ouviu alguém passando por aqueles quintais. Ele poderia ter sido visto por alguém numa janela dos fundos.

Mais alguns dias trabalhando com essa linha de pensamento, e ele ia chegar a algum lugar. Parecia tão esperançoso que detestei a ideia de lhe dar um basta. Era como dar um chute num filhote de retriever que tivesse me trazido seu melhor brinquedo de mascar. Mas precisava ser feito.

– Raciocínio excelente, detetive. Tudo se harmoniza muito bem. Agora deixe pra lá.

– Como...? – disse ele, com um olhar espantado, sem entender. – O que você está querendo dizer?

– Stephen, por que você acha que lhe mandei uma mensagem de texto hoje? Eu sabia que você não teria os registros de chamadas telefônicas para mim. Já tinha conhecimento de Imelda Tierney. Eu tinha bastante certeza de que você teria entrado em contato se alguma coisa importante tivesse acontecido. Por que você acha que eu quis essa reunião?

– Só imaginei... que fosse para uma atualização.

– Pode chamar por essa palavra. Esta é a atualização. De agora em diante, nós vamos deixar esse caso correr por sua própria conta. Eu volto às minhas férias. Você, à digitação. Curta bastante.

A xícara de café de Stephen bateu na mesa com um estrondo seco.

– Como? *Por quê?*

– Sua mãe nunca lhe disse: “Porque sim”?

– Você não é minha mãe. Afinal de contas... – Ele então parou no meio da

frase, quando a ficha caiu. – Você descobriu alguma coisa, não foi? Na última vez, quando saiu correndo daqui. Alguma coisa tinha lhe ocorrido. Você foi atrás por uns dois dias e agora...

– Mais uma teoria interessante, mas não – disse eu, balançando a cabeça. – Eu teria adorado que esse caso se resolvesse num lampejo ofuscante de inspiração, mas não me agrada lhe dar essa notícia. Simplesmente esses lampejos não acontecem com a frequência que se imaginaria.

– ... e agora que você já conseguiu a informação, vai guardá-la só para si. Tchau, Stephen, obrigado por colaborar, agora trate de voltar para sua caixa. Suponho que eu deveria me sentir lisonjeado com o fato de você se preocupar por eu acabar descobrindo, não é mesmo?

Dei um suspiro, recostei-me na cadeira e massageei minha nuca.

– Garoto, se você não se importar de ouvir um pequeno conselho de alguém que está nesse tipo de trabalho há muito mais tempo do que você, vou lhe contar um segredo: praticamente sem nenhuma exceção, a explicação mais simples é a certa. Não há nenhuma dissimulação, nenhuma grande conspiração, e o governo não implantou um chip atrás da sua orelha. A única coisa que descobri ao longo dos dois últimos dias foi que está na hora de você e eu deixarmos esse caso pra lá.

Stephen olhava para mim como se uma cabeça a mais tivesse brotado em mim.

– Peraí um instante. O que aconteceu com aquela história de a gente ter uma *responsabilidade* para com as vítimas? Onde foi parar “Agora resume-se a você e a mim. Nós somos tudo o que lhes resta”?

– Perdeu o sentido, garoto. Foi isso o que aconteceu. O Campeão Kennedy está certo: ele tem uma beleza de caso. Se eu fosse da Promotoria Pública, num piscar de olhos, eu lhe daria a aprovação para prosseguir. De modo algum ele vai jogar fora toda a sua teoria e recomeçar do nada, mesmo que o anjo Gabriel descesse à Terra para lhe dizer que ele entendeu tudo errado, muito menos porque apareceu alguma coisa esquisita nos registros das conversas telefônicas de Kevin, ou porque você e eu achamos que a história de Imelda tem um cheiro repugnante. Não faz diferença o que acontecer entre este momento e a terça-feira. O caso está encerrado.

– E você está satisfeito com isso?

– Não, meu caro, não estou. Só estou um pouquinho de nada satisfeito. Mas sou um adulto. Se eu for me atirar na frente de uma bala, vai ser por alguma coisa que possa fazer uma diferença. Não me dedico a causas perdidas, por mais românticas que sejam, porque elas são um desperdício. Da mesma forma que seria um desperdício você ser rebaixado a usar uniforme e ser despachado para um serviço administrativo no fim do mundo, pelo resto da sua carreira, só porque foi apanhado vazando informações inúteis para mim.

O garoto tinha o temperamento de uma ruiva: um punho estava fechado em cima da mesa, e ele dava a impressão de que estava pronto para plantar um soco na minha cara.

– Cabe a mim essa decisão. Sou crescidinho. Perfeitamente capaz de cuidar de mim mesmo.

– Não se iluda – disse eu, com uma risada. – Não estou tentando protegê-lo. Eu não teria problema algum em deixar que você pusesse em risco sua carreira até 2012, isso para não falar em até a terça-feira que vem, se por um instante eu acreditasse que adiantaria alguma coisa. Mas não adiantaria.

– *Foi você* que me envolveu nisso. Praticamente me empurrou para essa situação. E agora estou envolvido e vou continuar envolvido. Não dá para mudar de ideia de uma semana para outra. Busca a bola, Stephen, larga a bola, Stephen, busca a bola, Stephen... Não sou seu cachorrinho, da mesma forma que não sou do detetive Kennedy.

– Na verdade você é – disse eu. – Vou ficar de olho em você, Stevie, meu amigo. E, se eu tiver uma dica que seja de que você ainda está enfiando o nariz onde não é chamado, vou levar aquele relatório da autópsia e o relatório da datiloscopia ao detetive Kennedy e lhe contar onde os obtive. Assim, você estará na lista negra dele, na minha lista negra, e com enorme probabilidade de ir parar naquele serviço administrativo onde o diabo perdeu as botas. Por isso, estou lhe dizendo mais uma vez para parar. Entendeu?

Stephen estava muito atordoado e era jovem demais para manter a expressão sob controle. Ele olhava para mim com uma mistura explícita e chamejante de fúria, espanto e repulsa. Era exatamente isso o que eu pretendia. Quanto mais ele se irritasse comigo, mais longe ficaria de todos os tipos de inconvenientes que estavam por surgir. Mas, de algum modo, aquilo ainda me atingia.

– Cara – disse ele, balançando a cabeça para lá e para cá. – Não te entendo. Não mesmo.

– E essa não é a pura verdade? – disse eu, começando a procurar minha carteira nos bolsos.

– E não preciso que pague meu café. Posso pagar minhas despesas.

Se eu agredisse demais seu ego, ele poderia continuar atrás do caso, só para provar a si mesmo que era homem.

– Você é que sabe – disse eu. – E, Stephen? – Ele continuava com a cabeça baixa, remexendo nos bolsos. – Detetive. Vou precisar que você olhe para mim. – Esperei até ele ceder e, com relutância, olhar nos meus olhos, antes de dizer: – Você fez um trabalho excelente nesse caso. Sei que não era assim que nenhum de nós dois queria que ele terminasse, mas só posso lhe dizer que não vou me esquecer disso. Quando houver alguma coisa que eu possa fazer por você, e haverá, eu me dedicarei com entusiasmo.

– Como eu disse, posso pagar minhas despesas.

– Sei que pode, mas eu também gosto de pagar minhas dívidas, e sei que fiquei lhe devendo. Foi um prazer trabalhar com você, detetive. Espero que tenhamos outras oportunidades.

Não tentei dar-lhe um aperto de mãos. Stephen lançou-me um olhar sombrio que não revelou nada, jogou uma nota de dez libras na mesa, o que foi um gesto sério, de alguém com salário de iniciante, e vestiu o casaco, encolhendo os ombros. Fiquei onde estava e deixei que fosse ele quem saísse primeiro.

E lá estava eu de novo, onde estivera apenas uma semana antes, estacionando diante da casa de Liv para apanhar Holly para o fim de semana. Parecia que fazia anos.

Olivia estava usando um traje discreto cor de caramelo, em vez do pretinho discreto da semana anterior, mas a mensagem era a mesma: Dermo, o pseudopedófilo, estava a caminho, e ele tinha alguma chance. Dessa vez, porém, em vez de armar uma barricada na porta, ela a escancarou e me puxou depressa para dentro da cozinha. Na época em que estávamos casados, eu costumava temer os sinais de “Precisamos conversar” de Liv. Mas a essa altura eu de fato os recebia bem. Sem o menor esforço, eles derrotavam sua atitude de “Não tenho nada a lhe dizer”.

– Holly não está pronta?

– Está no banho. Na aula de hip-hop de Sarah, foi um dia de levar uma amiga. Ela acabou de chegar, toda suada. Vai demorar uns minutos.

– Como ela está?

Olivia deu um suspiro, passou a mão com leveza pelo penteado impecável.

– Acho que está bem. Seja como for, tão bem quanto poderíamos esperar. Ela teve um pesadelo ontem à noite e anda calada, mas não me parece... não sei. Ela adorou a aula de hip-hop.

– Ela está comendo? – Quando saí de casa, Holly entrou em greve de fome por um tempo.

– Está. Mas ela já não tem 5 anos. Hoje em dia, ela nem sempre demonstra abertamente seus sentimentos. Isso não significa que eles não existam. Você tentaria conversar com ela? Talvez você consiga uma noção melhor de como ela está lidando com tudo isso.

– Quer dizer que ela não está se abrindo – disse eu, nem de longe com a acidez que poderia ter empregado. – Eu me pergunto de onde ela pegou essa ideia.

Os cantos da boca de Olivia se crispavam.

– Cometi um erro. Um erro grave. Já admiti isso, pedi desculpas e estou fazendo tudo o que posso para consertar os danos. Acredite em mim. Nada que você possa dizer faria com que eu me sentisse ainda pior por tê-la ferido.

Puxei uma das banquetas e me sentei jogando todo o meu peso, não para

irritar Olivia, dessa vez, mas só porque eu estava tão arrasado que até mesmo sentar por dois minutos num lugar que cheirava a torradas e geleia de morango parecia um programa sensacional.

– As pessoas se ferem. É assim que funciona. Pelo menos, você estava tentando fazer algo de bom. Nem todos podem dizer isso.

A tensão tinha se espalhado para os ombros de Liv.

– As pessoas não se ferem necessariamente.

– Elas se ferem, sim, Liv. Pais, amantes, irmãos e irmãs, quem você quiser. Quanto mais íntimo se é, maior o estrago.

– Bem, às vezes, sim. É claro. Mas falar como se fosse alguma lei inevitável da natureza... é uma atitude conformista, Frank, e você sabe disso.

– Deixe-me lhe servir uma boa dose, fria e refrescante, de realidade. A maioria das pessoas simplesmente adora destruir a cabeça dos outros. E, para aquela minoria ínfima que se esforça penosamente para não fazê-lo, este mundo vai seguir em frente e se certificar de que elas o façam de qualquer maneira.

– Às vezes – disse Olivia, com frieza – eu realmente queria que você se ouvisse. Parece um adolescente falando, já percebeu? Um adolescente cheio de pena de si mesmo, com um excesso de álbuns do Morrissey.

Era sua fala para sair de cena, ela estava com a mão na maçaneta da porta, e eu não queria que ela fosse embora. Queria que ficasse na cozinha aconchegante implicando comigo.

– Só estou falando a partir da minha própria experiência. Pode ser que haja pessoas por aí que nunca façam nada mais destrutivo umas às outras do que preparar xícaras de chocolate quente com marshmallows, mas eu pessoalmente nunca as conheci. Se você conheceu, não deixe de me transmitir isso. Minha mente é aberta. Cite um relacionamento que você conheça, apenas um, que não tenha causado estragos.

Posso não conseguir forçar Olivia a fazer nada que eu queira, mas sempre fui maravilhoso em fazê-la discutir comigo. Ela largou a maçaneta, encostou-se na parede e cruzou os braços.

– Tudo bem – disse ela. – Certo. Essa garota, Rose. Diga aí, como foi que ela algum dia o feriu? Não a pessoa que a matou. Mas ela mesma. Rose.

E a outra parte da minha relação com Liv é que, no final, ela sempre me pega no contrapé.

– Acho que excedi minha cota de papo sobre Rose Daly para uma semana, se você não se importar.

– Ela não abandonou você, Frank. Isso nunca aconteceu. Mais cedo ou mais tarde, você vai precisar aceitar esse fato.

– Deixe-me adivinhar. Jackie, aquela linguaruda?

– Eu não precisava que ela me dissesse que alguma mulher o tinha ferido, ou pelo menos que você acreditava que ela tivesse. Sei disso praticamente desde

quando nos conhecemos.

– Detesto destruir sua ilusão, Liv, mas seu talento para a telepatia não está funcionando bem hoje. Desejo-lhe mais sorte da próxima vez.

– E não precisei de telepatia alguma. Pergunte a qualquer mulher com quem você tenha tido um relacionamento. Garanto que ela sabia que estava em segundo lugar. Uma substituta, até a volta daquela que você realmente queria.

Ela ia começar a dizer mais alguma coisa, mas recuou. Seu olhar estava apreensivo, quase assustado, como se ela só agora tivesse se dado conta de como as águas eram profundas por ali.

– Vá em frente e desabafe. Você começou. É melhor terminar.

Daí a um instante, Liv fez um pequeno movimento, como se encolhesse os ombros.

– Está bem. Esse foi um dos motivos para eu lhe pedir que saísse de casa.

– Ah, sei – disse eu, com uma sonora risada. – Ok Quer dizer que todas aquelas brigas intermináveis sobre o trabalho e sobre eu nunca estar por perto o suficiente, tudo aquilo era o quê? Uma tentativa de desviar minha atenção? Só para me manter sem saber o que pensar?

– Você sabe que não foi isso o que eu disse. E sabe perfeitamente bem que eu tinha todos os motivos para estar *cheia* de nunca saber se “Nos vemos às oito” significava às oito daquela noite ou na terça-feira seguinte, ou de perguntar o que você fez hoje e receber como resposta “Trabalhei” ou...

– Só sei que eu deveria ter incluído no acordo do divórcio que eu nunca mais precisaria ter essa conversa. E o que Rose Daly tem a ver com isso...

Olivia estava mantendo a voz neutra, mas a corrente subliminar tinha força suficiente para me derrubar da banquetta.

– Ela teve muito a ver com isso. Eu sempre soube que todo o resto do seu comportamento estava ligado ao fato de eu não ser essa outra mulher, quem quer que ela fosse. Se ela tivesse ligado para você às três da manhã, para ver por que você não estava em casa, você teria atendido a droga do telefone. Ou, o que era mais provável, para começo de conversa, você *estaria* em casa.

– Se Rosie tivesse me ligado às três da manhã, eu ficaria milionário com minha linha direta para o outro mundo, e teria me mudado para Barbados.

– Você sabe exatamente do que estou falando. Você nunca, *nunca* a teria tratado como me tratava. Às vezes, Frank, eu tinha a impressão de que você se fechava para mim especificamente para me punir por fosse lá o que fosse que ela tivesse feito, ou simplesmente por eu não ser ela. *Tentando* me fazer deixá-lo, para que, quando ela voltasse, não encontrasse outra pessoa no seu lugar. Era essa a sensação que eu tinha.

– Vou tentar lhe dizer isso mais uma vez você me largou porque quis. Não estou dizendo que foi uma surpresa enorme. Nem mesmo estou dizendo que não fiz por merecer. Mas *estou* dizendo que Rose Daly, especialmente se levamos

em conta o fato de você nem mesmo ter tido conhecimento da sua existência, não teve praticamente nada a ver com isso.

– Teve, Frank. Teve, sim. Você entrou no casamento tendo como líquido e certo, sem a menor sombra de dúvida, que ele não ia durar. Levei muito tempo para me dar conta disso. Mas, quando por fim descobri o que estava acontecendo, pareceu que não fazia mais muito sentido.

Ela estava tão bonita e tão cansada. Sua pele estava começando a ficar frágil, sem viço, e a luz baça da cozinha realçava as rugas em torno dos olhos. Pensei em Rosie, redonda, firme e aveludada como um pêssego maduro; e em como ela nunca teve a chance de ter qualquer outro tipo de beleza, a não ser a perfeita. Eu esperava que Dermot se desse conta de como eram lindas as rugas de Olivia.

Tudo o que eu tinha querido era uma rusguinha aconchegante com ela. Em algum lugar no horizonte, ganhando impulso, havia uma briga que faria o pior que Olivia e eu já tínhamos feito um ao outro desaparecer num sopro inofensivo de nada. Cada partícula de raiva que eu podia gerar estava sendo sugada para o interior daquele imenso turbilhão. Não pude aceitar a ideia de uma briga profunda, significativa e intensa com Liv.

– Olhe – disse eu. – Deixe-me subir para apanhar Holly. Se ficarmos aqui, eu só vou continuar a me comportar como um pentelho irritante até nossa conversa se transformar num confronto daqueles, e eu conseguir deixar você de péssimo humor, acabando com seu encontro. Já fiz isso na semana passada. Não quero me tornar previsível.

Olivia riu: um som explosivo, de espanto.

– Surpresa! – disse eu. – Não sou um perfeito idiota.

– Eu sei. Nunca achei que você fosse. – Lancei-lhe um olhar de ceticismo e comecei a descer da banquetta, mas ela me impediu. – Eu vou buscá-la. Ela não vai querer que você bata à porta enquanto está tomando banho.

– Quê? Desde quando?

Um sorriso mínimo, meio entristecido, passou pela boca de Olivia.

– Ela está crescendo, Frank. Não quer que nem mesmo eu entre no banheiro antes que esteja vestida. Há algumas semanas, abri a porta para apanhar alguma coisa, e ela deu um berro assustador e me passou um sermão furioso sobre a necessidade que as pessoas têm de privacidade. Se você chegar perto dela, garanto que ela lhe dará uma bronca.

– Meu Deus – disse eu. Lembrei-me de Holly, com 2 anos de idade, saltando para meu colo direto do banho, nua como no dia em que nasceu, respingando água por toda parte e rindo feito louca quando fiz cócegas nas suas costelas delicadas. – Suba depressa para buscá-la antes que ela apareça com pelos nas axilas ou sei lá o quê.

Liv quase riu de novo. Antes eu costumava fazê-la rir o tempo todo. Hoje em dia, duas vezes numa única noite teria sido algum tipo de recorde.

– Volto num instante.

– Não se apresse. Não tenho lugar melhor para ir mesmo.

– A cafeteira está ligada, se você quiser um café – disse ela, quase com relutância, ao sair da cozinha. – Parece que está cansado.

E ela fechou a porta ao passar, com um estalido firme que me disse para não sair dali, só para a eventualidade de Dermo chegar e eu decidir recebê-lo à porta da frente de cuecas samba-canção. Consegui sair da banqueta e preparei um café expresso duplo para mim. Eu estava bem consciente de que os pontos de vista de Liv eram todos interessantes, alguns importantes e talvez dois profundamente irônicos. Todos eles poderiam esperar até depois que eu resolvesse o que neste mundo sombrio e cruel eu deveria fazer com Shay, e que o fizesse.

Ouvi a água da banheira se esvaziando lá em cima, e o tagarelar de Holly, com um ou outro comentário de Olivia. De repente e com tanta intensidade que quase chegou a me derrubar, tive vontade de subir correndo a escada e abraçar as duas ao mesmo tempo, fazendo com que nós três caíssemos na cama de casal que foi minha e de Liv, como eu costumava fazer nas tardes de domingo, ficar lá rindo e procurando não fazer barulho enquanto Dermo tocava a campainha, entrava numa indignação desprovida de queixo e partia no seu Audi na direção do pôr do sol; depois, pedir montanhas de comida de entrega em domicílio e ficar lá o fim de semana inteiro e até o meio da semana seguinte. Por um segundo, quase perdi o juízo e experimentei fazer isso.

Holly demorou um pouco para trazer a conversa para os acontecimentos atuais. Durante o jantar, ela me falou da aula de hip-hop, com demonstrações ao vivo e muitos comentários ofegantes. Depois, ela começou a fazer o trabalho de casa, com muito menos queixas do que de costume. E então se enroscou no sofá, bem junto de mim, para assistir a Hannah Montana. Estava chupando uma mecha de cabelo, o que não fazia havia um tempo, e eu podia sentir que ela estava pensando.

Não a pressionei. Foi só depois que estava bem agasalhada na cama, com meu braço em torno dela, já tendo tomado o leite morno e lido a história de antes de dormir, que ela falou.

– Papai.

– No que você está pensando?

– Você vai se casar?

Como é que é?

– Não, queridinha. Sem chance. Ser casado com sua mãe já me bastou. O que pôs essa ideia na sua cabeça?

– Você tem uma namorada?

Minha mãe, tinha de ser. Provavelmente alguma coisa sobre divorciados não

poderem se casar de novo na Igreja.

– Não. Eu lhe disse isso na semana passada, se lembra?

Holly refletiu sobre isso.

– Essa garota Rosie, que morreu – disse ela. – A que você conheceu antes de eu nascer.

– Que tem ela?

– Ela era sua namorada?

– Era, sim. Eu ainda não conhecia sua mãe.

– Você ia se casar com ela?

– Era esse o plano, sim.

Piscada de olhos. As sobrancelhas, finas como pinceladas, estavam franzidas. Seu pensamento ainda estava muito concentrado.

– Por que vocês não se casaram?

– Rosie morreu antes que chegássemos a esse ponto.

– Mas você disse que só agora foi saber que ela morreu.

– É verdade. Eu achava que ela havia me largado.

– Por que você não sabia?

– Um dia ela simplesmente desapareceu. Deixou um bilhete dizendo que estava se mudando para a Inglaterra, eu o encontrei e achei que ela queria dizer que estava me largando. Agora se revelou que eu entendi errado.

– Papai.

– Que é?

– Será que alguém matou ela?

Holly estava usando seu pijama florido rosa e branco que eu tinha passado para ela mais cedo. Holly adora roupa recém-passada e estava com Clara empoleirada nos joelhos dobrados. À delicada luz dourada do abajur da cabeceira, ela parecia perfeita e atemporal como uma aquarela de uma menininha num livro de histórias. Ela me apavorava. Eu teria dado um pedaço de mim para garantir que estava conduzindo direito essa conversa, ou mesmo que não a estava conduzindo terrivelmente errado.

– Parece que pode ter sido isso o que aconteceu. Faz muito, muito tempo, de modo que é difícil ter certeza de qualquer coisa.

Holly olhou fundo nos olhos de Clara e pensou no que eu tinha dito. A mecha de cabelo tinha voltado para sua boca.

– Se eu desaparecesse, você ia achar que eu fugi?

Olivia tinha falado num pesadelo.

– Não importaria o que eu achasse. Mesmo que eu imaginasse que você embarcou numa espaçonave para ir a outro planeta, eu iria atrás para procurar você, e não desistiria enquanto não a encontrasse.

Holly deu um longo suspiro e eu senti que seu ombro procurava ficar ainda mais encostado em mim. Por um segundo, achei que por acaso tinha conseguido

consertar alguma coisa. Mas então ela falou.

– Se você tivesse se casado com essa garota, Rosie, eu nunca teria nascido?

Tirei a mecha da sua boca e a ajeitei no lugar. O cabelo de Holly cheirava a xampu para bebês.

– Minha querida, não sei como esse tipo de coisa funciona. É tudo muito misterioso. Tudo o que sei é que você é você; e na minha opinião acho que você teria descoberto um jeito de ser você, não importava o que eu fizesse.

Holly foi se contorcendo mais para o pé da cama.

– Domingo de tarde – disse ela, com sua voz pronta para uma discussão – quero ir à casa da vovó.

E eu poderia trocar gentilezas com Shay por cima da mesa posta com a louça boa.

– Bem – disse eu, com cuidado. – Podemos dar uma pensada nisso. Ver se vai se encaixar com nossos outros planos. Algum motivo especial?

– Donna sempre consegue ir aos domingos, depois da partida de golfe do pai. Ela diz que a vovó faz um jantar delicioso com torta de maçãs e sorvete de sobremesa; e às vezes a tia Jackie faz um penteado todo incrementado nas meninas. Ou às vezes todos assistem a um DVD. Donna, Darren, Ashley e Louise se revezam na escolha, mas a tia Carmel disse que, se um dia eu fosse, teria o direito de escolher primeiro. Eu nunca fui, porque você não sabia que eu ia à casa da vovó; mas, agora que você sabe, eu quero ir.

Eu me perguntei se minha mãe e meu pai tinham assinado algum tipo de tratado acerca das tardes de domingo, ou se ela simplesmente esmagava alguns comprimidos de antidepressivos no almoço dele e depois o trancava no quarto com sua bebidinha escondida no assoalho para lhe fazer companhia.

– Vamos ver como as coisas andam.

– Uma vez o tio Shay levou todos eles à loja de motocicletas e deixou que experimentassem montar nas motos. E às vezes o tio Kevin leva seu Wii e ele tem controles a mais, e a vovó briga porque eles pulam demais e ela diz que eles vão derrubar a casa.

Inclinei a cabeça para olhar direito para Holly. Ela estava apertando Clara um pouco demais nos seus braços, mas seu rosto não me dizia nada.

– Meu amorzinho, você sabe que o tio Kevin não vai estar lá neste domingo, não é?

A cabeça de Holly se abaixou por cima de Clara.

– Sei. Porque ele morreu.

– Isso mesmo, meu amor.

Um olhar de relance na minha direção.

– Às vezes eu me esqueço. Como hoje, quando Sarah me contou uma piada, eu pensei em contar pra ele, só que depois de um tempo me lembrei.

– Eu sei. Isso acontece comigo também. É só sua cabeça se acostumando

com as coisas. Vai parar daqui a um tempo.

Ela fez que sim, penteando a crina de Clara com os dedos.

– E você sabe que todos lá na vovó vão estar bem abalados neste fim de semana, certo? Não vai ser divertido, como nas vezes em que Donna esteve lá.

– *Eu sei* disso. Quero ir porque só quero *estar* lá.

– Ok, meu benzinho. Vamos ver o que podemos fazer.

Silêncio. Holly fez uma trança na crina de Clara e a examinou com cuidado.

– Papai – disse, então.

– Fala.

– Quando penso no tio Kevin, às vezes não choro.

– Está certo, querida. Não há nada de errado com isso. Eu também não choro.

– Se eu gostasse dele, eu não deveria chorar?

– Acho que não há nenhuma regra sobre como as pessoas deveriam agir quando morre alguém de quem elas gostam, querida. Acho que você simplesmente vai descobrindo à medida que avança. Às vezes, você tem vontade de chorar, às vezes não, às vezes você tem raiva da pessoa por ter morrido e deixado você sozinha. Você só precisa se lembrar de que tudo isso é normal. Da mesma forma que qualquer outra coisa que surja na sua cabeça.

– No *American Idol* eles sempre choram quando falam sobre alguém que morreu.

– Sim, mas você não precisa acreditar em tudo o que aparece ali. É só televisão.

Holly fez que não, com veemência, com o cabelo açoitando as bochechas.

– Não, papai. Não é como nos filmes. São *pessoas* de verdade. Eles contam toda a história da vida de cada um, por exemplo, se sua avó era um amor e acreditava neles e depois morreu. E eles sempre choram. Às vezes Paula chora também.

– Aposto que sim. Mas isso não significa que você *deva* chorar. Cada pessoa é diferente da outra. E vou lhe contar um segredo: uma boa parte do tempo aquelas pessoas estão representando, para conseguir os votos.

Parecia que Holly ainda não estava convencida. Lembrei-me da primeira vez que vi a morte em ação: eu estava com 7 anos, algum primo em quinto grau na New Street teve um ataque cardíaco e nossa mãe nos levou ao velório. Ele transcorreu mais ou menos como o de Kevin: choro, riso, histórias, enormes pilhas de sanduíches, bebida, canto e dança até altas horas da noite. Alguém tinha levado um acordeom, outra pessoa tinha um repertório completo de Mario Lanza. Como um guia para iniciantes sobre como lidar com a perda de um ente querido, tinha sido muito mais saudável do que qualquer coisa que envolva Paula Abdul. Ocorreu-me que talvez eu devesse ter levado Holly ao velório de Kevin, mesmo considerando a contribuição de meu pai para o evento.

A ideia de estar entre quatro paredes com Shay e não poder surrá-lo até ele ficar irreconhecível me deixava meio tonto. Pensei em como eu era um primata adolescente, forçado a amadurecer em enormes saltos vertiginosos, porque Rosie precisava que eu crescesse, e pensei em meu pai me dizendo que um homem deveria saber por que razões ele daria a vida. Um homem faz o que sua mulher ou seu filho precisa, mesmo quando parece ser mais difícil do que morrer.

– Olha só – disse eu. – Domingo de tarde, vamos à casa da sua avó, mesmo que seja para ficar só um pouco. Vai se falar bastante sobre seu tio Kevin, mas garanto que cada um vai lidar com isso da sua própria maneira. Eles não vão passar o tempo todo chorando, nem vão pensar que você está agindo errado se você simplesmente não chorar. Você acha que isso pode ajudar a organizar sua cabeça?

Isso fez Holly se empertigar. Ela até olhou para mim, em vez de para Clara.

– É. Pode ser.

– Pois bem – disse eu. Algo que me pareceu água gelada correu pela minha coluna, mas eu simplesmente ia ter de suportar aquilo como um garoto crescidinho. – Parece que temos um plano.

– Sério? Decidido?

– Sério. Vou ligar para sua tia Jackie agora, para pedir que ela diga à sua avó que nós vamos lá.

– Ótimo – disse Holly, com mais um suspiro prolongado. Dessa vez, senti que seus ombros relaxavam.

– E enquanto isso aposto que tudo ficaria mais animado se você tivesse uma boa noite de sono. Está na hora.

Ela foi se contorcendo para debaixo das cobertas e apoiou o queixo em Clara.

– Arruma o edredom para mim.

Arrumei o edredom em toda a volta do seu corpo, para ficar bem preso.

– E nada de pesadelo hoje, ok, gatinha? Só sonhos gostosos são autorizados. É uma ordem.

– Tá. – Seus olhos já estavam se fechando, e os dedos, enrolados na crina de Clara, estavam começando a se soltar.

– Boa-noite, papai.

– Boa-noite, amorzinho.

Muito antes daquela hora, eu deveria ter detectado. Eu tinha passado quase 15 anos conservando-me vivo, a mim, a meus rapazes e garotas, porque nunca, jamais, deixava passar os sinais: o cheiro forte de papel queimado quando se entra num aposento, a aspereza animal numa voz num telefonema sem importância. Já era péssimo eu de algum modo não tê-los percebido em Kevin. Nunca, nem em um milhão de anos, eu deveria tê-los deixado passar em Holly. Eu deveria ter percebido as faíscas, como relâmpagos sem trovão, em torno dos brinquedos de pelúcia, enchendo aquele quarto pequeno e aconchegante como

gás tóxico: o perigo.

Em vez disso, saí da cama tranquilamente, desliguei o abajur e tirei a bolsa de Holly do lugar onde estava tampando a lâmpada noturna. Ela voltou o rosto na minha direção e murmurou alguma coisa. Debrucei-me para dar um beijo na sua testa e ela se aconchegou melhor no edredom, dando um pequeno suspiro de satisfação. Olhei bem para ela, por um tempo, o cabelo claro espalhado no travesseiro, com os cílios lançando sombras pontudas nas suas bochechas. Depois saí do quarto sem ruído e fechei a porta ao passar.

Todo policial que já esteve em operações secretas sabe que não existe nada neste mundo que se assemelhe ao dia anterior ao início de uma missão. Imagino que astronautas na contagem regressiva conheçam a sensação, assim como paraquedistas enfileirados para o salto. A luz torna-se deslumbrante e inquebrável, como um diamante. Cada rosto que se vê é tão belo que o deixa sem fôlego. Sua mente fica de uma nitidez cristalina. Cada segundo estende-se diante de você numa enorme paisagem harmoniosa. Coisas que escapam ao seu entendimento há meses de repente fazem perfeito sentido. Você poderia beber o dia inteiro e continuar totalmente sóbrio. Palavras cruzadas enigmáticas ficam fáceis como quebra-cabeça de crianças. Esse dia dura cem anos.

Fazia muito tempo desde a última vez em que eu mesmo estive numa operação secreta, mas reconheci a sensação no instante em que acordei na manhã de sábado. Detectei-a no ondular das sombras no teto do meu quarto e senti seu sabor no fundo do meu café. Devagar e com total certeza, enquanto Holly e eu soltávamos pipa no Phoenix Park, enquanto eu a ajudava com seu dever de casa de inglês e enquanto preparávamos macarrão demais com queijo demais, tudo foi se encaixando na minha cabeça. No início da tarde de domingo, quando nós dois entramos no carro e atravessamos o rio, eu já sabia o que ia fazer.

O Faithful Place parecia limpo e inocente, como algo vindo de um sonho, transbordando com uma luminosidade amarelada que pairava sobre as pedras rachadas do calçamento. Holly apertou a mão em torno da minha.

– Que foi, gatinha? – perguntei. – Mudou de ideia?

Ela fez que não.

– Você pode mudar de ideia se quiser, sabe? É só falar e nós vamos procurar um belo DVD cheio de lindas princesas e um balde de pipoca maior que sua cabeça.

Nenhum risinho. Ela nem mesmo olhou para mim. Em vez disso, ajeitou a mochila melhor nos ombros, puxou minha mão e nós descemos da calçada para entrar naquela estranha luz de um dourado pálido.

Minha mãe deu tudo de si para que aquela tarde fosse perfeita. Tinha assado coisas feito louca – todas as superfícies estavam cheias de pilhas de quadrados de bolo de gengibre e tortas de geleia –, reunido a tropa bem cedo e despachado Shay, Trevor e Gavin para ir comprar uma árvore de Natal que era alguns palmos larga demais para a sala de estar. Quando Holly e eu chegamos, Bing estava no rádio, os filhos de Carmel estavam arrumados esteticamente em torno da árvore, pendurando enfeites, todos com uma caneca de chocolate fumegante, e até mesmo meu pai fora instalado no sofá com uma manta sobre os joelhos,

parecendo um patriarca e dando uma boa impressão de estar sóbrio. Foi como entrar numa propaganda dos anos 1950. Toda a representação grotesca estava obviamente condenada ao fracasso – todos pareciam arrasados, e Darren estava ficando com um olhar vidrado que me dizia que ele estava a um passo de explodir. Mas eu entendi o que minha mãe estava tentando fazer. Eu teria ficado enternecido, se ao menos ela tivesse conseguido resistir a dar uma passadinha pelo seu comportamento habitual e me dizer que eu estava com rugas horríveis e que em pouquíssimo tempo eu ia ficar com a cara toda encarquilhada.

Eu não conseguia parar de olhar para Shay. Ele parecia estar com algum tipo de febre baixa: inquieto, a pele avermelhada, as maçãs do rosto ainda mais salientes e um cintilar perigoso nos olhos. O que atraiu minha atenção, porém, foi o que ele estava fazendo. Estava jogado numa poltrona, balançando muito um joelho e mergulhado numa conversa rápida e profunda sobre golfe com Trevor. As pessoas mudam, sim, mas, pelo que eu sabia, Shay desprezava o golfe só um tiquinho menos do que desprezava Trevor. O único motivo para ele se dispor a se envolver com os dois ao mesmo tempo era por desespero. Shay – e isso para mim era informação útil – estava realmente mal.

Conseguimos processar as duras penas todo o estoque de enfeites de minha mãe. Nunca se meta entre uma mãe e seus enfeites. Dei um jeito de perguntar a Holly, discretamente, quando estava tocando “Santa Baby”, se ela estava se divertindo.

– Estou adorando – disse ela, com bravura, e se enfiou de novo no grupo de primos, antes que eu lhe fizesse mais perguntas. A garota aprendeu rápido os costumes dos nativos. Mentalmente comeci a ensaiar a sessão de apoio psicológico.

Quando minha mãe se certificou de que o nível de alarme da cafonice tinha atingido o laranja, Gavin e Trevor levaram as crianças até Smithfield para ver a Aldeia de Natal.

– Uma caminhada para digerir aquele bolo de gengibre – explicou Gavin, com um tapinha na barriga.

– Não tem nada de errado com o bolo de gengibre – retrucou minha mãe, irritada. – Se você andou engordando, Gavin Keogh, não culpe a minha comida. – Gav resmungou alguma coisa e lançou um olhar de agonia para Jackie. Cheio de tato, a seu modo grande e peludo, ele estava tentando nos proporcionar alguma sensação de união familiar naquele momento difícil. Carmel embrulhou as crianças em casacos, cachecóis e gorros de lã. Holly entrou direto na fila entre Donna e Ashley, como se fosse um dos filhos de Carmel, e lá foram eles. Fiquei olhando pela janela da sala, enquanto o bando seguia pela rua. Holly, de braços dados com Donna, tão juntas que pareciam irmãs siamesas, nem olhou para o alto para acenar.

O tempo em família não funcionou exatamente como Gav tinha imaginado:

nós todos ficamos jogados diante da televisão, sem conversar, até minha mãe se recuperar da blitz dos enfeites e arrastar Carmel para dentro da cozinha, para fazer coisas que envolviam os pratos assados e filme plástico. Antes que Jackie também fosse recrutada, disse baixinho para ela:

– Vamos fumar um pouco.

Ela me lançou um olhar desconfiado, como o de uma criança que sabe que vai ganhar um puxão de orelha quando ficar sozinha com a mãe.

– Enfrente a situação como uma adulta, querida. Quanto mais cedo terminar...

Lá fora, fazia frio, o tempo estava claro e tudo estava parado, o céu acima dos telhados só tinha escurecido de um branco azulado ralo para um tom de lilás. Jackie deixou-se cair no seu lugar na parte baixa da escada, num emaranhado de pernas compridas e botas de verniz roxo, e estendeu a mão.

– Me dá um cigarro antes de começar a bronca. Gav acabou de levar o nosso com ele.

– Diga aí então – comecei eu, simpático, depois de acender o cigarro dela e um para mim. – Que merda você e Olivia estavam pretendendo?

O queixo de Jackie estava todo preparado para uma discussão e, por um segundo perturbador, ela pareceu igualzinha a Holly.

– Achei que seria incrível Holly conhecer essa turma. Eu diria que Olivia teve a mesma ideia. E não estávamos erradas, não é? Você viu Holly com Donna?

– Vi, sim. Elas juntas são lindinhas. Também vi Holly simplesmente arrasada por causa de Kevin. Chorando tanto que mal conseguia respirar. Isso foi menos bonitinho.

Jackie ficou olhando as espirais de fumaça do seu cigarro se espalharem escada acima.

– Nós todos ficamos arrasados. Ashley também, e ela só tem 6 anos. A vida é assim. Você andou preocupado porque Holly não tinha contato suficiente com a realidade, não andou? Eu diria que mais realidade que isso é impossível.

O que é provável que fosse certo, mas estar certo não se aplica quando se trata de Holly.

– Se minha filha precisar de uma dose a mais de realidade num momento ou outro, querida, eu mesmo geralmente costumo escolher quando vai ser. Ou pelo menos ser avisado antes que outra pessoa tome a decisão por mim. Para você, isso é exigir demais?

– Eu devia ter lhe contado – disse Jackie. – Não contar foi imperdoável.

– Então, por que não contou?

– Eu estava sempre tentando contar, juro por Deus, mas... no início, achei que não fazia sentido deixar você todo contrariado, quando as coisas podiam até nem funcionar. Achei que eu simplesmente tentaria trazer Holly uma

vez, e depois poderíamos contar para você...

– E eu me daria conta de como aquela era uma ideia fantástica, viria correndo para cá, com um grande buquê de flores para nossa mãe e outro para você, e nós todos faríamos uma bela festa e viveríamos felizes para sempre. Era esse o plano?

Ela deu de ombros. Seus ombros estavam começando a se nivelar mais ou menos com as orelhas.

– Porque Deus sabe que uma coisa dessas já teria sido bem repugnante, mas teria sido muito melhor do que isso. Meu queixo está tão caído que preciso trazê-lo de volta para o lugar para poder lhe perguntar: o que a fez mudar de ideia por *um ano inteiro*?

Jackie ainda se recusava a olhar para mim. Ela mudou de posição na escada, como se o degrau a estivesse machucando.

– Não vá começar a rir de mim, agora.

– Pode acreditar em mim, Jackie. Não estou a fim de risinhos.

– Eu estava com medo. Está bem? Foi por isso que não disse nada.

Levei um instante para ter certeza de que ela não estava querendo me enrolar.

– Ora, qual é? O que você achava que eu ia fazer? Te dar uma surra?

– Eu não disse...

– Então, o quê? Você não pode jogar em cima de mim uma bomba como essa e depois ficar toda tímida. Quando foi que *na minha vida* eu lhe dei *qualquer* motivo para você ter medo de mim?

– Olhe só para você! A cara que está fazendo, e falando como se me detestasse. Não gosto de ver ninguém dando bronca, gritando e subindo pelas paredes. Nunca na minha vida gostei. Você sabe disso.

– Você faz com que eu pareça ser nosso pai – disse eu, sem me conter.

– Ah, não. Não, Francis. Você sabe que eu não quis dizer isso.

– Melhor não, mesmo. Não siga por esse caminho, Jackie.

– Eu *não* estou seguindo. É só... que eu não tinha coragem de lhe contar. E isso é por culpa minha, não sua. Desculpe. Sinto muito mesmo.

Lá em cima, uma janela se abriu com violência e a cabeça de nossa mãe apareceu.

– Jacinta Mackey! Você vai ficar aí sentada como a rainha de Sabá, esperando que eu e sua irmã ponhamos o jantar na sua frente, numa travessa de ouro?

– A culpa é minha, mãe. Eu arrastei Jackie aqui para fora para bater papo. Depois a gente lava a louça, está bem?

– Hum. Voltou para cá como se fosse o dono do pedaço, dando ordens para todos os lados, lustrando a prataria, lavando a louça, com um jeito de quem não tem culpa no cartório... – Mas ela não queria me irritar demais, para eu não

acabar pegando Holly e indo embora. Ela voltou com a cabeça lá para dentro, apesar de eu ainda conseguir ouvir suas reclamações até o instante em que a janela se fechou com estrondo.

O beco estava começando a acender as luzes para o entardecer. Nós não éramos os únicos que tinham exagerado nas decorações de Natal. A casa dos Hearne dava a impressão de que alguém tinha atirado a oficina de Papai Noel nela com uma bazuca; guirlandas metálicas, renas e lampadinhas que piscavam estavam suspensas do teto, elfos enlouquecidos e anjos de olhar meloso grudados em cada centímetro visível de parede, FELIZ NATAL escrito na janela, com spray de neve. Até mesmo os yuppies tinham armado uma elegante árvore estilizada de madeira clara, perfeita, com três enfeites com pinta de suecos.

Pensei em voltar a esse mesmo lugar todos os finais de tarde de domingo, observando o beco passar pelos ritmos familiares do seu ano. A primavera, e as crianças de Primeira Comunhão correndo de uma casa para outra, exibindo seus trajes e comparando seus ganhos; o vento do verão, o tilintar dos sinos dos sorveteiros e todas as garotas deixando o busto à mostra; admirar as novas renas da família Hearne nessa época, no ano vindouro e no ano seguinte. A ideia me deixou levemente tonto, como se eu estivesse meio bêbado ou lutando com uma gripe forte. Era presumível que minha mãe encontraria alguma coisa da qual se queixar todas as semanas.

– Francis – disse Jackie, hesitante. – Tudo certo com a gente?

Eu tinha uma bronca de primeira totalmente planejada, mas a ideia de fazer parte daquilo tudo de novo simplesmente dissolveu todo o meu ímpeto. Primeiro Olivia e agora isso: a velhice estava me deixando de coração mole.

– É – disse eu. – Tudo certo com a gente. Mas, quando você tiver filhos, vou dar a cada um deles um kit de bateria e um filhote de são bernardo.

Jackie me lançou um olhar rápido, desconfiado, como se ela não tivesse pensado que fosse se livrar com tanta facilidade, mas decidiu que a cavalo dado não se olham os dentes.

– Vá em frente. Quando eu os expulsar de casa, vou lhes dar seu endereço.

Atrás de nós, a porta do hall se abriu: Shay e Carmel. Eu vinha fazendo apostas imaginárias comigo mesmo sobre quanto tempo Shay seria capaz de aguentar sem conversar, e além do mais sem nicotina.

– Sobre o que vocês estavam falando? – indagou ele, deixando-se cair no lugar no alto da escada.

– Sobre Holly – disse Jackie.

– Eu estava puxando as orelhas de Jackie por trazer Holly aqui sem me contar.

Carmel sentou, pesada, acima de mim.

– Minha nossa, esses degraus estão ficando mais duros. Se eu não fosse bem acolchoada, teria me machucado... Pois bem, Francis, não dê uma bronca em

Jackie. Ela só ia trazer Holly aqui uma vez, só para nos conhecer, mas todos nós ficamos tão apaixonados por ela que fizemos Jackie trazê-la outras vezes. Aquela menina é um amor, é sim. Você devia morrer de orgulho dela.

Encostei as costas na grade para poder manter o olho em todos eles ao mesmo tempo, e estiquei as pernas ao longo do degrau.

– Eu *tenho* muito orgulho dela.

– E o contato conosco – disse Shay, procurando seus cigarros – nem mesmo a transformou numa fera. Loucura, não é?

– Tenho certeza de que não foi por falta de esforço – respondi eu, amável.

– Donna está apavorada de medo de nunca mais ver Holly – disse Carmel, com um olhar hesitante, de esguelha, que transformou a frase numa pergunta.

– Não há nenhum motivo para isso acontecer – disse eu.

– Francis! Sério?

– É claro. Tenho juízo suficiente para não me meter entre meninas de 9 anos de idade.

– Ah, que maravilha. Elas duas são grandes amigas, são sim. Donna ficaria simplesmente de coração partido. Isso quer dizer...? – Ela esfregou o nariz, desajeitada. Eu me lembrava do gesto, de um milhão de anos atrás. – Quer dizer que você também vai voltar? Ou só vai permitir que Jackie traga Holly?

– Estou aqui, não estou?

– Está, sim. E é muito bom ver você. Mas você... vai se manter por perto agora?

Dei um sorriso para ela ali em cima.

– É muito bom ver você também, Melly. É, vou aparecer por aqui.

– Jesus, Maria e José, e já não é sem tempo – disse Jackie, revirando os olhos.

– Você não podia ter tomado essa decisão há uns 15 anos? Teria me poupado uma trabalhadeira.

– Ah, ótimo – disse Carmel. – É simplesmente ótimo, Francis. Eu achava... – Mais uma vez aquele gesto embaraçado de esfregar o nariz. – Pode ser que eu estivesse sendo dramática, é claro. Eu achava que assim que tudo se resolvesse, você sumiria de novo. Tipo, para sempre.

– Era esse o plano, sim. Mas devo admitir que eu me afastar se revelou mais difícil do que eu imaginava. Como você disse, acho que é bom estar em casa.

Os olhos de Shay estavam fixos em mim, aquele olhar azul, atento, inexpressivo. Retribuí o olhar direto e acrescentei um largo sorriso. Para mim, era muito bom que Shay ficasse preocupado. Não loucamente preocupado, por enquanto não. Só um fiozinho tremeluzente de inquietação, entremeado no que já deveria ser uma noite bastante desconfortável. Tudo o que eu queria por enquanto era plantar a sementinha da percepção em algum lugar no fundo da sua mente. Isso era só o começo.

Eu estava livre de Stephen, e ia me ver livre do Campeão rapidamente.

Assim que eles passassem para o caso seguinte na sua lista, ficaríamos só eu e Shay, para todo o sempre. Eu poderia passar um ano brincando com ele como um ioiô, antes de deixar que ele tivesse certeza de que eu sabia. Outro ano, com sugestões de minhas diversas opções interessantes. Eu tinha todo o tempo do mundo.

Shay, por outro lado, não tinha tanto tempo assim. Você não precisa gostar da sua família, você nem mesmo precisa passar um tempo com eles, para conhecê-los profundamente. Shay sempre foi nervoso e tenso, passou a vida inteira num contexto que teria deixado o Dalai Lama um caco incoerente, e fez coisas que enrolam o cérebro de qualquer um com anos de pesadelos. Não havia como ele não estar a apenas alguns passos de um colapso nervoso. Muitas pessoas já me disseram, e algumas até pretendiam que fosse um elogio, que eu tenho um talento inato para foder com a cabeça dos outros; e o que se pode fazer com desconhecidos nem se compara com o que se pode fazer com a própria família. Eu tinha certeza quase absoluta de que, com tempo e dedicação, eu poderia fazer Shay pôr uma corda em volta do pescoço, amarrar a outra ponta na balaustrada do nº 16 e dar um mergulho.

Shay estava com a cabeça inclinada para trás, os olhos semicerrados, observando os Hearne em sua movimentação na oficina de Papai Noel.

– Parece que você já está de volta.

– É mesmo?

– Soube que visitou Imelda Tierney no outro dia.

– Tenho amigos em altas posições. Exatamente como você, ao que parece.

– O que estava querendo com Imelda? O papo ou a trepada?

– Ora, vamos, Shay, achei que você me conhecesse. Alguns de nós têm um gosto mais refinado, sabe o que quero dizer? – Pisquei um olho para Shay e observei o lampejo veloz no seu olhar quando ele começou a pensar.

– Para com isso – disse-me Jackie. – Não fala mal dos outros. Você mesmo não é nenhum Brad Pitt, se é que ninguém lhe disse.

– Você viu Imelda ultimamente? Ela não era nada de se cobiçar nos velhos tempos, mas agora, meu Deus, o estado em que ela está...

– Um colega meu uma vez transou com ela – disse Shay. – Faz uns dois anos. Ele me disse que, quando tirou a calcinha, juro por Deus, foi como ver o ZZ Top depois de um tiro na cara.

Comecei a rir e Jackie desatou numa saraivada de indignação esganiçada, mas Carmel não se juntou a ela. Acho que nem tinha ouvido a última parte da conversa. Estava dobrando o tecido da saia entre os dedos, com os olhos fixos como se estivesse em transe.

– Tudo bem por aí, Melly?

Ela levantou os olhos, sobressaltada.

– Ah, tudo bem, acho. É só que... é claro que vocês mesmos sabem. Parece

loucura, não parece?

– Parece, sim – disse eu.

– Não paro de pensar que vou olhar e ele vai aparecer. O Kevin. Simplesmente ali, abaixo de Shay. Sempre que não o vejo, eu quase pergunto onde ele está. Isso não acontece com vocês?

Estendi a mão e dei um aperto na dela.

– Aquele imbecil filho da mãe – disse Shay, com um toque repentino de selvageria.

– Do que é que você está reclamando? – perguntou Jackie. Shay balançou a cabeça e puxou uma tragada.

– Eu gostaria de saber também – disse eu.

– Ele não quis dizer nada com isso – disse Carmel. – É claro que não, não é, Shay?

– Descubram por si mesmos.

– Por que você não finge que nós também somos imbecis e nos explica direitinho? – disse eu.

– Quem disse que eu teria de fingir?

Carmel começou a chorar.

– Ora, vamos, Melly. Ora – disse Shay, não com grosseria, mas como se tivesse dito aquilo centenas de vezes, naquela semana.

– Não consigo me controlar. Não podíamos ser legais uns com os outros, pelo menos dessa vez? Depois de tudo o que aconteceu? Nosso Kevinzinho querido morreu. Ele nunca mais vai voltar. Por que estamos aqui sentados nos agredindo?

– Ah, Carmel, meu amor – disse Jackie. – Estamos só nos provocando. Não estamos falando sério.

– Não fale por mim – disse-lhe Shay.

– Nós somos da família, querida. É isso que se faz em família – disse eu.

– O pateta tem razão – disse Shay. – Pelo menos dessa vez.

Carmel chorava ainda mais.

– E pensar em todos nós sentados bem aqui na sexta-feira passada, nós cinco... Eu estava no sétimo céu, estava sim. Nunca imaginei que fosse ser a última vez, sabe? Achei que era só o início.

– Sei que você achou – disse Shay. – Quer tentar se controlar um pouco? Por mim? Tá?

Ela apanhou uma lágrima com a junta do dedo, mas elas não paravam de escorrer.

– Deus me perdoe. Eu sabia que provavelmente alguma coisa de ruim tinha acontecido com Rosie. Não foi isso o que todos nós pensamos? Mas eu simplesmente tentei não ficar pensando naquilo. Vocês acham que é algum tipo de castigo?

– Ah, Carmel – dissemos todos ao mesmo tempo. Carmel tentou dizer mais

alguma coisa, que ficou ininteligível num triste misto de arquejo com uma enorme fungada.

O queixo de Jackie estava começando a parecer um pouco tremido nos contornos, também. Não ia demorar muito para aquilo ali se transformar numa grande orgia de soluços.

– Vou lhes dizer o que está me matando nessa história. Eu não estar aqui na noite de domingo. A noite em que ele... – Balancei minha cabeça encostada na grade e deixei a frase por terminar. – Aquela era nossa última chance – disse eu para o céu que ia escurecendo. – Eu devia ter estado aqui.

O olhar cínico que recebi de Shay me disse que ele não estava engolindo aquela, mas as garotas eram só olhos arregalados, dentes mordendo os lábios e compaixão. Carmel tratou de pegar um lenço do bolso e guardou o resto do choro para mais tarde, agora que um homem precisava de atenção.

– Ah, Francis – disse Jackie, estendendo a mão para afagar meu joelho. – Como você havia de saber?

– Essa não é a questão. A questão é que, para começar, eu perdi 22 anos da vida dele e depois perdi as últimas horas que qualquer pessoa jamais teria. Eu só queria... – Balancei a cabeça, procurei nos bolsos mais um cigarro e fiz algumas tentativas para acendê-lo. – Não importa – disse, assim que tinha dado umas tragadas fundas para controlar a voz. – Vamos. Falem comigo. Contem como foi aquela noite. O que eu perdi?

Shay bufou, o que lhe valeu olhares furiosos por parte das duas irmãs.

– Peraí. Vou pensar um instante – disse Jackie. – Foi só uma noite, sabe o que quero dizer? Nada de especial. Estou certa, Carmel? – As duas se entreolharam, pensando muito. Carmel assoou o nariz.

– Achei que Kevin estava meio perturbado. Vocês não acharam?

Shay balançou a cabeça, enfasiado, e virou o ombro para elas, distanciando-se daquilo tudo.

– Para mim, ele estava ótimo – disse Jackie. – Ele e Gav estavam aqui fora jogando futebol com as crianças.

– Mas ele estava fumando. Depois do jantar. Kevin não fuma, a menos que esteja subindo pelas paredes. Não fuma mesmo.

E aí estava a questão. Privacidade para uma conversa particular não existia nas proximidades de nossa mãe. (*Kevin Mackey, o que vocês dois estão cochichando aí? Se é tão interessante assim, todos nós queremos saber...*) Se Kevin tivesse precisado ter uma palavrinha com Shay – e o pobre imbecil teria procurado exatamente isso, depois que lhe dei um fora; nenhuma ideia mais esperta que essa jamais teria passado por sua cabeça –, ele teria acompanhado Shay até a escada aqui fora, para fumar.

Keve estaria todo confuso, meio perdido com o cigarro, procurando a melhor forma de falar e gaguejando enquanto expunha os fragmentos pontiagudos que

estavam retalhando sua mente. Esse constrangimento todo teria dado a Shay tempo suficiente para se recuperar e dar uma boa risada: *Meu Deus, cara, você está mesmo convencido de que eu matei Rosie Daly? Você entendeu tudo errado. Se quer saber o que realmente aconteceu...* Um olhar de relance para a janela lá em cima, apagando um cigarro no degrau da escada. *Mas não agora. Não dá tempo. Quer vir se encontrar comigo depois? Depois de sair, você volta. Não dá pra ser na minha casa, porque nossa mãe vai querer saber o que estamos aprontando e os bares já vão estar fechados, mas posso me encontrar com você no nº 16. Não vai demorar, garanto.*

Era o que eu teria feito no lugar de Shay, e teria sido quase tão fácil quanto eu imaginava. Kevin não teria gostado da ideia de entrar de novo no nº 16, principalmente no escuro, mas Shay era muito mais esperto do que ele e estava muito mais desesperado. Além disso, sempre tinha sido fácil forçar Kevin a fazer o que não queria. Nunca teria lhe ocorrido ter medo do próprio irmão; não esse tipo de medo. Para uma pessoa criada na nossa família, Kev era inocente de dar dó.

– Juro por Deus, Francis, não aconteceu nada – disse Jackie. – Foi igualzinho a hoje. Eles todos jogaram futebol, depois jantamos e assistimos a um pouco de televisão... Kevin estava ótimo. Você não pode se culpar.

– Ele deu algum telefonema? – perguntei. – Recebeu alguma chamada? – Os olhos de Shay chispavam na minha direção, por um segundo, semicerrados, avaliando a situação, mas ele se manteve calado.

– Ele estava passando e recebendo mensagens de texto o tempo todo – disse Carmel – com uma garota... Aisling, era esse o nome? Eu disse a ele para parar de enrolar a menina, mas ele respondeu que eu não sabia de nada, que não era assim que as coisas funcionam hoje em dia... Ele estava muito metido. É isso o que quero dizer com “perturbado”. Foi a última vez que o vi e... – Sua voz tinha um tom de dor reprimida. A qualquer instante, ela ia recomeçar a chorar.

– Mais ninguém?

As duas fizeram que não.

– Hum... – fiz eu.

– Por quê, Francis? – perguntou Jackie. – Que diferença faz?

– Kojak está na pista – disse Shay para o céu lilás. – Quem ama você, baby?

– Digamos o seguinte – respondi. – Já ouvi um monte de explicações diferentes sobre o que aconteceu com Rosie e o que aconteceu com Kevin. Não gostei de nenhuma delas.

– É claro que ninguém gostou – disse Jackie.

Com a unha, Carmel estourou bolhas de tinta na grade.

– Acidentes acontecem. Às vezes as coisas simplesmente dão errado. Sem o menor motivo. Sabe?

– Não, Melly, não sei. Para mim, isso que você disse é exatamente igual a todas as outras explicações que as pessoas vêm tentando me empurrar goela

abaixo: uma monte de cascata que nem de longe faz justiça a Rosie ou a Kevin. E eu não estou com a mínima disposição de engolir isso.

– Não existe nada que vá melhorar essa situação, Francis – disse Carmel, com a certeza pesando na sua voz como uma rocha. – Nós todos estamos inconsoláveis, e nenhuma explicação neste mundo vai consertar isso. Você não quer deixar pra lá?

– Eu até poderia, só que muita gente não vai deixar pra lá. E uma das teorias mais ventiladas aponta para mim como o grande vilão. Você acha que eu simplesmente deveria deixar isso pra lá? Foi você quem disse que queria que eu continuasse a vir aqui. Pense bem no que isso quer dizer. Você quer que eu venha todos os domingos a uma rua que acredita que eu sou um assassino?

Jackie se mexeu no degrau.

– Eu já disse que isso é só papo. Vai passar.

– Está bem, então. Se eu não sou o culpado e Kev não é o culpado, vocês me digam. O que aconteceu?

O silêncio durou muito tempo. Nós ouvimos sua chegada antes de vê-los: a voz das crianças se entremeando, num murmúrio rápido, abafado, constante, em algum lugar dentro da claridade ofuscante do entardecer no alto da rua. Eles saíram do clarão num emaranhado de silhuetas escuras, os homens altos como postes, as silhuetas das crianças tremidas e bruxuleantes juntando-se e se afastando umas das outras. A voz de Holly gritou “Papai!”, e eu levantei um braço para acenar, muito embora não conseguisse distinguir qual deles ela era. Suas sombras vinham saltando rua abaixo na frente deles e lançavam formas misteriosas aos nossos pés.

– Agora não – disse Carmel, baixinho, para si mesma. Ela respirou e passou os dedos por baixo dos olhos, certificando-se de não deixar nada do seu choro. – Agora não.

– Da próxima vez que tivermos uma oportunidade, vocês vão precisar acabar de me contar o que aconteceu no domingo passado.

– E então foi ficando tarde – disse Shay –, nossa mãe, nosso pai e eu fomos dormir, e Kev e Jackie voltaram para casa. – Ele jogou o cigarro por cima da grade e se levantou. – Ponto final.

Assim que todos nós entramos de volta no apartamento, minha mãe acelerou o ritmo para nos castigar por termos deixado que ela fizesse tudo sozinha, com seus próprios recursos apavorantes. Ela estava feroz, atacando os legumes e dando ordens a uma velocidade superior à da luz:

– Você, Carmel-Jackie-Carmel-sei-lá-quem, comece com as batatas. Shay, ponha isso ali, *não*, seu pateta, *ali*. Ashley, querida, passe esse pano na mesa para a vovó, e Francis, entre no quarto e converse um pouco com seu pai. Ele acabou de ir para a cama e quer companhia. Vamos! – Ela me deu um golpe na cabeça

com um pano de prato, para eu começar a me mexer.

Holly estava encostada de lado em mim, me mostrando alguma coisa de cerâmica pintada que tinha comprado na Aldeia de Natal para dar a Olivia e explicando em detalhe que tinha conhecido os elfos de Papai Noel; mas, com a atitude da avó, ela desapareceu discretamente entre os primos, o que considerei uma demonstração de bom senso. Pensei em fazer o mesmo, mas minha mãe tem a capacidade de insistir tanto que parece se tratar de um superpoder, e o pano de prato estava vindo na minha direção de novo. Sai da frente.

O quarto estava mais frio que o resto do apartamento, e em silêncio. Meu pai estava na cama, sentado, apoiado em travesseiros, e aparentemente não fazendo nada a não ser, talvez, escutando as vozes que vinham dos outros aposentos. O excesso de suavidade em torno dele – a decoração cor de pêssego, objetos com franjas, a luz delicada de um abajur de pé – fazia com que ele parecesse absurdamente deslocado e, de algum modo, mais forte, mais selvagem. Dava para ver por que as garotas tinham brigado por ele: o contorno do queixo, a projeção arrogante dos malarres, a irrequieta faísca azul dos olhos. Por um instante, àquela luz pouco confiável, ele ainda parecia ser o impetuoso Jimmy Mackey.

Eram as mãos que o denunciavam. Elas estavam num bolo de dedos enormes, inchados e curvados para dentro, as unhas brancas e ásperas como se já estivessem em decomposição, e elas nunca paravam de se movimentar pela cama, puxando impacientes fios soltos no edredom. O quarto fedia a doença, remédios e chulé.

– A mãe disse que você estava a fim de bater papo – disse.

– Me dá um cigarro – disse meu pai.

Ele ainda parecia sóbrio, mas a verdade é que meu pai dedicou a vida inteira a fortalecer sua tolerância ao álcool, e é preciso muito para que se perceba alguma diferença. Levei a cadeira da penteadeira de minha mãe para perto da cama, não perto demais.

– Achei que a mãe não deixava você fumar aqui dentro.

– Quero que aquela vaca vá à merda.

– Legal ver que o amor não morreu.

– E vá você também à merda. Me dá um cigarro.

– Nem pensar. Você pode irritar a mãe o quanto quiser. Eu quero continuar nas boas graças dela.

Isso fez meu pai abrir um sorriso, não agradável.

– Boa sorte – disse ele, mas de repente pareceu estar totalmente alerta e seu foco no meu rosto ficou mais incisivo. – Por quê?

– Por que não?

– Você nunca na vida deu a mínima para agradar sua mãe.

– Minha filha adora a avó – disse, dando de ombros. – Se isso quer dizer que

eu tenha de passar uma tarde por semana cerrando os dentes e puxando o saco da mãe, para que Holly não nos veja nos dilacerando mutuamente, eu topo. Peça com educação e eu puxo seu saco também, pelo menos na presença de Holly.

Meu pai começou a rir. Ele se recostou nos travessieiros e riu tanto que aquilo se transformou numa crise de tosse profunda e encatarrada. Ele fez um gesto para mim, resfolegando, e me mostrou uma caixa de lenços de papel na cômoda. Eu os passei para ele. Ele escarrou, cuspiu num lenço e o atirou na lata de lixo. E errou. Eu não o recolhi.

– Mentira – disse ele, quando conseguiu falar.

– Quer se explicar melhor?

– Você não vai gostar.

– Eu sobrevivo. Quando foi a última vez que gostei de qualquer coisa que saísse da sua boca?

Com esforço, meu pai se esticou até a mesinha de cabeceira para pegar seu copo de água ou sei lá do quê, e demorou para beber.

– Toda essa história sobre sua filha – disse ele, secando a boca. – Não passa de um monte de cascata. Ela é ótima. Ela não dá a mínima se você e Josie se dão bem, e você sabe disso. Você tem suas próprias razões para querer agradar sua mãe.

– Às vezes, pai, as pessoas tentam ser legais umas com as outras. Por absolutamente nenhuma razão. Sei que é difícil imaginar, mas pode acreditar em mim. Acontece.

Ele fez que não. Aquele sorriso duro estava de volta no seu rosto.

– Não com você – disse ele.

– Pode ser que sim, pode ser que não. Talvez fosse bom você ter em mente que não sabe praticamente nada a meu respeito.

– Não preciso. Eu conheço seu irmão, e sei que vocês dois sempre foram iguais um ao outro.

Não me passou a impressão de que ele estivesse falando de Kevin.

– Não vejo essa semelhança – disse eu.

– Cuspido e escarrado. Nenhum de vocês dois nunca fez nada na vida sem ter uma boa razão. E nenhum de vocês dois nunca contou para ninguém qual era essa razão a menos que tivesse de contar. Eu não poderia negar que vocês dois são meus filhos, isso eu garanto.

Ele estava se divertindo. Eu sabia que devia ficar calado, mas não consegui.

– Eu não tenho nada de parecido com ninguém desta família. Nada. Fui embora desta casa para que isso não acontecesse. Passei minha vida inteira me esforçando para isso.

As sobrancelhas de meu pai subiram, com sarcasmo.

– Ouçam só o que ele diz. Quer dizer que hoje em dia nós não somos bons o suficiente para você? Mas nós fomos bons o suficiente para lhe dar um teto por

20 anos.

– O que eu posso dizer? O sadismo gratuito não é minha praia. – Isso fez com que ele risse novamente: um rosnado grave e áspero.

– Não mesmo? Pelo menos, eu sei que sou um filho da puta. Você acha que não é? Vamos, olhe nos meus olhos e me diga que não está gostando de me ver neste estado.

– É diferente. Isso não poderia ter acontecido com um cara mais legal.

– Viu? Estou um trapo e você está adorando. Quem sai aos seus não degenera, filhinho. É o sangue.

– Eu nunca na minha vida bati numa mulher. Eu nunca na minha vida bati numa criança. E minha filha nunca na sua vida me viu bêbado. Compreendo que só um canalha gravemente perturbado teria orgulho de qualquer um desses atos, mas não posso me controlar. Cada um deles é prova de que eu não tenho quase nada em comum com você.

– Quer dizer que você acha que é um melhor pai do que eu cheguei a ser? – perguntou ele, me observando.

– Não seria nenhum motivo para eu me sentir superior. Já vi vira-latas serem melhores pais do que você.

– Então me diga o seguinte e não precisa falar mais nada: se você é tão santo e nós somos um tamanho monte de merda, por que você está usando essa criança como desculpa para vir aqui?

Eu estava me dirigindo para a porta quando ouvi a ordem atrás de mim.

– *Senta aí.* – Parecia de novo a própria voz de meu pai, cheia, forte e jovem. Ela agarrou pelo pescoço meu menino interior de 5 anos e me empurrou de volta para a cadeira antes que eu soubesse o que estava acontecendo. Uma vez ali sentado, tive de fingir que foi por minha própria escolha.

– Acho que estamos mais ou menos no fim da conversa.

Dar aquela ordem o tinha deixado esgotado. Ele estava inclinado para a frente, respirando com dificuldade e se agarrando ao edredom.

– Eu digo quando tivermos terminado – disse ele, ofegante, com a voz entrecortada.

– Diga. Desde que seja logo.

Meu pai empurrou os travesseiros mais para cima atrás de si. Não me ofereci para ajudar: a ideia de nossos rostos ficarem tão próximos me dava arrepios. Ele recuperou o fôlego lentamente. A rachadura no teto no formato de um carro de corrida ainda estava lá acima da sua cabeça, a mesma para a qual eu ficava olhando quando acordava cedo de manhã e ficava deitado sonhando acordado e escutando Kevin e Shay respirarem, se virarem na cama e murmurarem. A luz dourada tinha se apagado. Lá fora, o céu por cima dos quintais dos fundos estava se tornando de um azul gelado, das profundezas do mar.

– Trate de me escutar. Não me resta muito tempo – disse meu pai.

– Deixe esse papel para a mãe. Ela o representa melhor. – Minha mãe estava a um passo da morte desde que eu me lembrava, principalmente por conta de enfermidades misteriosas que envolviam suas partes baixas.

– Ela vai viver mais do que todos nós, só por vingança. Eu diria que não vou estar por aqui no próximo Natal.

Ele estava explorando a situação, recostado, com a mão no peito, mas havia um toque na sua voz que dizia que ele, pelo menos em parte, acreditava no que dizia.

– Do que você está pretendendo morrer?

– E você se importa? Eu podia morrer queimado na sua frente que você não moveria um dedo para apagar o fogo.

– É verdade, mas estou curioso. Eu achava que ser desprezível não matava ninguém.

– Minhas costas estão piorando – disse meu pai. – Metade do tempo não consigo sentir as pernas. Caí duas vezes no outro dia, só tentando pôr a calça de manhã. Minhas pernas simplesmente sumiram. O médico disse que, antes do verão, já vou estar numa cadeira de rodas.

– Deixe-me tentar um palpite aqui. O médico não disse também que suas “costas” iam melhorar, ou pelo menos parar de piorar, se você largasse a bebida?

Seu rosto se crispou de nojo.

– Aquele afeminado faria você vomitar. Ele precisa largar o peito da mamãe e beber de verdade. Umás canecas nunca fizeram mal a ninguém.

– Umás canecas de cerveja, não de vodca. Se a bebida lhe faz tanto bem, do que você está morrendo?

– Ficar paralisado não é jeito de ninguém viver. Trancado num asilo, com alguém limpando sua bunda, ajudando você a entrar e sair da banheira. Não quero saber disso. Se for para eu terminar assim, eu me mando antes.

Mais uma vez, alguma coisa por baixo da autocomiseração dizia que ele estava falando sério. Provavelmente porque o asilo não teria um frigobar, mas eu concordava com ele quanto ao aspecto geral da questão: melhor a morte que as fraldas.

– Como?

– Tenho planos.

– Acho que perdi alguma coisa no meio dessa conversa – disse eu. – O que você quer de mim? Porque, se for compaixão, estou fora. E, se for uma mãozinha, não quero furar a fila.

– Não estou lhe pedindo nada, seu idiota. Estou tentando lhe dizer uma coisa importante, se ao menos você calasse essa boca um pouco para escutar. Ou está gostando demais da própria voz, é isso?

Essa pode ser a admissão mais triste que já fiz. No fundo, uma partícula de

mim se agarrava à chance de que talvez ele tivesse alguma coisa de valor a dizer. Ele era meu pai. Quando eu era pequeno, antes de entender que ele era um cretino de primeira classe, para mim ele era o homem mais inteligente do mundo. Ele sabia tudo sobre tudo; ele podia dar uma surra no Hulk com uma das mãos, enquanto levantava um piano de cauda com a outra. Um sorriso dele iluminava um dia inteiro. E, se houve uma vez que eu precisava de algumas gotas de sabedoria paterna, era naquela noite.

– Estou escutando.

Com muita dor, meu pai endireitou-se na cama.

– Um homem precisa saber quando deixar as coisas pra lá.

Aguardei um pouco, mas ele estava me observando atento, como se esperasse algum tipo de resposta. Parecia que essa era toda a iluminação que eu ia receber dele. Eu poderia ter dado um soco em mim mesmo por ter sido tão burro a ponto de querer mais.

– Ótimo – disse eu. – Muito obrigado, mesmo. Não vou me esquecer disso.

Comecei a me levantar de novo, mas uma daquelas mãos deformadas se projetou veloz e agarrou meu pulso, com muito mais força do que eu teria imaginado. O contato com sua pele me arrepiou.

– Trate de se sentar e escutar. O que quero lhe dizer é o seguinte. Já passei por muita merda nesta vida e nunca pensei em me matar. Não sou um fraco. Mas, a primeira vez que alguém puser uma fralda em mim, acabou-se, porque é nessa hora que vou saber que não existe nenhum objetivo pelo qual valha a pena lutar. É preciso saber contra o que lutar e o que deixar de lado. Está me entendendo?

– Olha só o que eu quero saber. Por que motivo de repente você resolve ligar a mínima para minha atitude diante de qualquer coisa?

Imaginei que meu pai fosse devolver o ataque com vontade, mas não. Ele soltou meu pulso e massageou as articulações, examinando a mão como se pertencesse a outra pessoa.

– É pegar ou largar. Não posso forçar você a nada. Mas, se existe uma coisa que eu gostaria de ter aprendido muito tempo atrás, é isso. Ter causado menos estragos. A mim mesmo e a todos ao meu redor.

Essa foi a minha vez de dar uma boa risada.

– Ora, estou embaçado. Será que acabei de ouvir você assumir responsabilidade por alguma coisa? É, você deve estar morrendo mesmo.

– Não me venha com zombaria. Vocês todos são adultos. Se estão querendo destruir com a vida de vocês, a culpa é de vocês mesmos, não minha.

– Então qual é o motivo do sermão?

– Só estou dizendo que tem coisa que deu errado há uns 50 anos e que simplesmente não para de dar errado. Está na hora de acabar com isso. Se eu tivesse tido a cabeça de deixar isso pra lá muito tempo atrás, muita coisa teria

sido diferente... melhor.

– Está falando do que houve com Tessie O’Byrne?

– Não se meta onde não foi chamado, e cuidado com seu jeito de falar de Tessie. Estou dizendo que não há motivo para sua mãe sofrer à toa, ainda mais uma vez. Você está me entendendo?

Seus olhos azuis estavam com uma expressão ardente, urgente, apinhados demais de segredos para eu conseguir desenredar. Foram os pontos sensíveis, novos em folha, ali dentro (antes eu nunca tinha visto meu pai preocupado com quem poderia se ferir) que me disseram que alguma coisa enorme e perigosa estava permeando o ar daquele quarto.

– Não sei ao certo se estou entendendo – disse, depois de muito tempo.

– Então espere até ter certeza, antes de fazer alguma besteira. Eu conheço meus filhos. Sempre conheci. Sei muito bem que você teve seus motivos para vir aqui. Mantenha esses motivos longe desta casa até ter certeza total do que você está fazendo.

Do lado de fora, minha mãe irritada disse alguma coisa, e veio um murmúrio apaziguador de Jackie.

– Eu daria muito para saber exatamente o que está passando pela sua cabeça.

– Estou morrendo. Estou tentando consertar algumas coisas antes de me ir. Estou lhe dizendo que deixe pra lá. Não precisamos de você causando encrenca por aqui. Volte para o que estava fazendo antes e nos deixe em paz.

– Valeu – disse, antes de conseguir me conter.

De repente, meu pai pareceu arrasado. Seu rosto, da cor de papelão molhado.

– Estou farto da sua cara. Caia fora daqui e diga à sua mãe que estou louco por uma xícara de chá, mas que é para ela fazer forte desta vez, não aquela água de batatas que ela me serviu de manhã.

Eu não ia querer discutir. Tudo o que queria era pegar Holly e sumir dali o mais rápido possível. Minha mãe ia ter um ataque por nós não jantarmos, mas eu tinha provocado Shay o suficiente para uma semana, e tinha me equivocado seriamente quanto a meu limite de tolerância para com minha família. Eu já estava tentando decidir qual era o melhor lugar para parar, no caminho de volta à casa de Liv, para poder dar a Holly alguma coisa para comer e ficar olhando seu rostinho lindo até as batidas do meu coração voltarem ao normal.

– Nos vemos na semana que vem – disse eu, à porta.

– Estou lhe dizendo. Vá para casa. Não volte aqui.

Ele não virou a cabeça para me ver ir. Deixei-o ali, recostado nos travesseiros, olhando para a vidraça escura e puxando impaciente fios soltos com aqueles dedos deformados.

Minha mãe estava na cozinha, apunhalando com crueldade um enorme pedaço de carne malpassada e dando uma bronca em Darren, através de Carmel, sobre suas roupas (“... nunca vai arrumar emprego enquanto andar por

aí vestido como um pervertido, não diga que não avisei. Saia com ele, dê-lhe umas boas palmadas e um bom par de calças de brim...”). Jackie e Gavin e o restante da turma de Carmel estavam hipnotizados diante da televisão, assistindo de queixo caído a um cara sem camisa que estava comendo alguma coisa que se debatia e tinha um monte de antenas. Holly não estava à vista. Nem Shay.

– Onde está Holly? – perguntei sem me importar se minha voz parecesse normal ou não.

Ninguém da turma da televisão chegou sequer a desviar o olhar.

Da cozinha, minha mãe respondeu aos gritos.

– Ela arrastou o tio Shay lá para cima, para ajudar com a matemática. Se você for lá, Francis, diga àqueles dois que o jantar vai estar pronto em meia hora e não vai esperar por eles... Carmel O'Reilly, trate de voltar aqui e me escutar! Não vão deixar esse menino prestar os exames, se ele no dia chegar lá parecendo o Drácula...

Subi a escada como se eu fosse feito de ar. Pareceu demorar um milhão de anos. Lá no alto, eu podia ouvir a voz de Holly tagarelando sobre alguma coisa, doce, feliz e despreocupada. Só respirei quando cheguei ao patamar superior, em frente ao apartamento de Shay. Eu estava tirando distância para arrombar a porta com meus ombros, quando ouvi a voz de Holly.

– Rosie era bonita?

Parei tão de repente que quase entrei de cara pela porta adentro, como num desenho animado.

– Era, sim – disse Shay.

– Mais que minha mãe?

– Não conheço sua mãe, você se lembra? Mas a julgar por você eu diria que Rosie era quase tão bonita. Não tanto, mas quase.

Eu praticamente podia ver o início de um sorriso de Holly com isso. Os dois pareciam contentes, juntos, à vontade. Como um tio e sua melhor sobrinha deveriam ser. Shay, o filho da mãe descarado, parecia realmente tranquilo.

– Meu pai ia casar com ela – disse Holly.

– Pode ser.

– Ia, sim.

– Mas ele não casou. Vem cá para a gente fazer mais uma tentativa com isso aqui: se Tara tem 185 peixinhos e só pode pôr sete em cada aquário, de quantos aquários ela vai precisar?

– Ele não casou porque Rosie morreu. Ela escreveu um bilhete para a mãe e o pai, um bilhete dizendo que ia para a Inglaterra com meu pai, e então mataram ela.

– Faz muito tempo. Não fique mudando de assunto. Esses peixes não vão entrar nos aquários sozinhos.

Um risinho, e então um longo silêncio enquanto Holly se concentrava na sua divisão, com um murmúrio ou outro de incentivo de Shay. Encostei-me na parede junto da porta, recuperei meu fôlego e a duras penas consegui controlar

minha cabeça.

Todos os músculos no meu corpo queriam invadir aquele apartamento e agarrar minha filha, mas o fato era que Shay não estava totalmente louco – pelo menos ainda não estava – e Holly não corria nenhum perigo. Mais que isso, ela estava tentando fazê-lo falar sobre Rosie. Aprendi por experiência própria que Holly pode vencer na teimosia qualquer pessoa neste planeta. Qualquer coisa que ela conseguisse extrair de Shay ia direto para meu arsenal.

– De 27 – disse Holly, em triunfo. – 27! E o último aquário fica só com três peixes.

– Isso mesmo. Muito bem.

– Alguém matou Rosie para que ela não casasse com meu pai? – Um segundo de silêncio.

– É isso o que ele diz?

Que canalha mais desprezível. Eu estava com a mão segurando a balastrada com tanta força que doía.

– Eu não perguntei a ele – disse Holly, como quem dá de ombros.

– Ninguém sabe por que Rosie Daly foi morta. E agora é tarde demais para descobrir. O que está feito está feito.

– Meu pai vai descobrir – disse Holly, com aquela confiança absoluta, instantânea, de cortar o coração, que as crianças de 9 anos ainda têm.

– Ele vai, é? – disse Shay.

– É. Ele disse que vai.

– Bem – disse Shay, e é preciso reconhecer que ele conseguiu excluir quase todo o veneno da voz. – Seu pai é um policial, é claro. Faz parte do trabalho dele pensar desse jeito. Vamos olhar agora para este aqui: se Desmond tem 342 balas e vai dividi-las entre oito amigos e ele mesmo, quantas cada um receberá?

– Quando o livro diz “balas”, a gente deve escrever “pedaços de fruta”. Porque as balas não fazem bem. Acho bobagem. De qualquer modo, elas são balas imaginárias.

– É bobagem, sim, mas o cálculo é o mesmo de qualquer maneira. Quantos pedaços de fruta para cada um, então?

O arranhar ritmado de um lápis – àquela altura eu poderia ouvir o menor som que viesse de dentro do apartamento. Era provável que eu pudesse ter ouvido o piscar de olhos deles dois.

– E o tio Kevin? – disse Holly.

Mais um curto silêncio antes de Shay responder.

– O que tem ele?

– Alguém matou o tio Kevin?

– Kevin – disse Shay, e sua voz estava retorcida num extraordinário nó de coisas que eu nunca tinha ouvido em parte alguma. – Não. Ninguém matou o Kevin.

– É mesmo?

– O que o seu pai diz?

– Eu já disse. – De novo aquele dar de ombros, na voz. – Eu não perguntei a ele. Ele não gosta de falar sobre o tio Kevin. Por isso quis perguntar para você.

– Kevin. Meu Deus. – Shay deu uma risada, um som áspero, perdido. – Pode ser que você tenha idade para entender isso, não sei. Se não tiver, vai precisar se lembrar para quando puder entender. Kevin era uma criança. Ele nunca cresceu. Aos 37 anos, ele ainda imaginava que tudo neste mundo ia seguir do jeito que *ele* achava que devia. Nunca lhe ocorreu que o mundo pudesse funcionar do seu próprio jeito, quer isso fosse conveniente para Kevin, quer não. Por isso, ele saiu a perambular por uma casa decrépita, no escuro, porque partia do pressuposto de que tudo daria certo para ele; e, em vez disso, acabou saindo por uma janela. Ponto final.

Senti a madeira da balastrada se rachar e se torcer debaixo da força da minha mão. O tom definitivo na sua voz me dizia que essa ia ser sua versão enquanto ele fosse vivo. Talvez ele até mesmo acreditasse nela, embora eu duvidasse disso. Talvez, se não o perturbassem, ele um dia chegasse a acreditar nela.

– O que é decrépita?

– Em ruínas. Caindo aos pedaços. Perigosa.

Holly refletiu sobre isso.

– Mesmo assim, ele não devia ter morrido.

– Não – disse Shay, mas o ímpeto tinha fugido da sua voz. De repente, ele estava simplesmente exausto. – Não, não deveria. Ninguém queria que ele morresse.

– Mas alguém queria que Rosie morresse, não é?

– Nem mesmo ela. Às vezes, as coisas acontecem.

– Se meu pai tivesse casado com ela – disse Holly, em tom de desafio –, não teria casado com minha mãe, e eu não existiria. Fico feliz por ela ter morrido.

O botão do timer da luz do corredor saltou, com um barulho parecido com o de um tiro – eu nem mesmo me lembrava de tê-lo ligado quando subi – e me deixou num negrume vazio, com o coração a 200 por hora. Naquele instante, deime conta de que eu nunca tinha dito a Holly para quem Rosie tinha escrito o bilhete. Ela mesma tinha visto aquele bilhete.

Mais ou menos um segundo depois, percebi por que, depois de toda aquela história adorável e comovente de passar tempo com os primos, ela havia trazido o dever de matemática junto hoje. Tinha precisado arrumar um jeito de ficar sozinha com Shay.

Holly tinha planejado cada passo disso tudo. Tinha entrado nessa casa, ido direto reivindicar para si mesma seu direito nato a segredos que prendem você como uma armadilha e a engenhosos dispositivos letais.

*Quem sai aos seus...* disse a voz do meu pai categórica no meu ouvido; e então, com um divertimento cortante: *Quer dizer que você acha que é um pai melhor.* Cá estava eu, para me sentir superior, esgotando cada gota de como Olivia e Jackie tinham pisado na bola. Nada que nenhuma das duas pudesse ter feito de outro modo, não em qualquer momento perdido ao longo do caminho, poderia ter nos poupado disso aqui. Essa situação era de total responsabilidade minha. Eu poderia ter uivado para a Lua como um lobisomem e mordido meus próprios pulsos para expulsar isso das minhas veias.

– Não fale desse jeito – disse Shay. – Ela se foi. Esqueça-se dela. Deixe-a descansar em paz e continue com sua matemática.

O sussurro suave do lápis no papel.

– São 42?

– Não. Comece de novo. Você não está se concentrando.

– Tio Shay?

– Humm?

– Teve uma vez, sabe? Quando eu estava aqui e o telefone tocou, e você foi para o quarto?

Deu para eu perceber que ela estava se preparando para alguma coisa importante. Deu também para Shay ver. Os primeiros sinais de um toque de cautela surgiram na sua voz.

– E então?

– Eu quebrei a ponta do lápis e não encontrei meu apontador porque Chloe pegou na aula de artes. Esperei séculos, mas você estava no telefone.

– E o que você fez? – perguntou Shay, com muita delicadeza.

– Fui procurar outro lápis. Naquela cômoda.

Um longo silêncio, só uma mulher tagarelando histérica na televisão lá embaixo, com a voz abafada por todas as paredes grossas, os carpetes espessos e os tetos altos.

– E você encontrou alguma coisa – disse Shay.

– Desculpa – disse Holly, com a voz quase inaudível.

Eu quase passei através da porta, sem me dar ao trabalho de abri-la. Duas coisas me mantiveram do lado de fora. A primeira era que Holly estava com 9 anos de idade. Ela acreditava em fadas, não tinha muita certeza quanto a Papai Noel. Alguns meses antes, ela me tinha dito que, quando era pequena, um cavalo voador costumava levá-la para passeios, saindo pela janela do quarto. Se eu quisesse que um dia eu pudesse recorrer a seu depoimento; se eu quisesse que um dia outra pessoa acreditasse nela, seria preciso que eu pudesse corroborar o que ela dissesse. Eu precisava ouvir as palavras saindo da boca de Shay.

A segunda coisa era que não fazia sentido, não agora, eu invadir a sala, com todas as armas em riste, para salvar minha menininha do homem mau. Fiquei olhando para a fresta de luz em torno da porta e escutando, como se estivesse a

milhões de quilômetros dali ou como se tivesse chegado um milhão de anos tarde demais. Eu sabia exatamente o que Olivia ia pensar, o que qualquer ser humano em sã consciência ia pensar, mas permaneci ali parado e deixei Holly fazer meu trabalho mais sujo por mim. Fiz muita coisa condenável nesta vida, e nenhuma delas chegou a me tirar o sono, mas aquela ali foi especial. Se existir o inferno, aquele momento no corredor escuro é o que vai me levar para lá.

– Você contou isso para alguém? – perguntou Shay, como se estivesse com dificuldade para respirar.

– Não. Eu nem mesmo sabia o que era, até que há uns dois dias descobri.

– Holly. Querida. Presta atenção. Você consegue guardar um segredo?

– Eu vi o papel há séculos – disse Holly, com o que, para meu horror, parecia ser orgulho. – Tipo, faz meses e meses, e nunca disse nada.

– É verdade, você não disse. É uma boa garota.

– Viu?

– Vi, sim. Agora, você consegue continuar a fazer o mesmo? Guardar o segredo só para você?

Silêncio.

– Holly. Se você contar a alguém, o que acha que vai acontecer?

– Você vai ter problemas.

– Pode ser. Eu não fiz nada de errado... está me ouvindo? Mas tem muita gente que não vai acreditar nisso. Eu poderia ser preso. Você ia querer isso?

– Não. – A voz de Holly estava desaparecendo, num tom amortecido dirigido para o assoalho.

– Foi o que eu pensei. Mas, mesmo que eu não seja preso, o que vai acontecer? O que você acha que seu pai vai dizer?

Um sopro trêmulo inseguro, menininha sem saber o que fazer.

– Ele vai ficar zangado?

– Vai ficar furioso. Com você e comigo, por não contarmos para ele antes. Ele nunca mais vai deixar você vir aqui. Nunca mais vai deixar você ver nenhum de nós. Nem sua avó, nem eu, nem Donna. E ele vai cuidar direitinho para que sua mãe e sua tia Jackie não descubram um jeito de passá-lo para trás desta vez. – Alguns segundos, para essa informação ser digerida. – E o que mais?

– A vovó vai ficar contrariada.

– A vovó, suas tias e todos os seus primos. Todos vão ficar arrasados. Ninguém vai saber o que pensar. Alguns deles nem mesmo vão acreditar em você. Vai ser uma guerra só. – Mais um silêncio de impacto. – Holly, querida. É isso o que você quer?

– Não...

– É claro que não. Você quer voltar aqui todos os domingos e passar tardes agradáveis com todos nós, não estou certo? Você quer que sua avó faça pão de ló no seu aniversário, igualzinho como fez para Louise. E quer que Darren a ensine

a tocar violão assim que suas mãos chegarem ao tamanho. – As palavras caíam sobre ela, delicadas e sedutoras, envolvendo-a e a trazendo mais para perto. – Você quer que todos nós continuemos aqui juntos. Dando passeios. Fazendo o jantar. Rindo. Não quer?

– É, como uma família de verdade.

– Isso. E nas famílias de verdade as pessoas cuidam umas das outras. É para isso que elas existem.

Holly, como uma boa Mackey que era, fez o que lhe ocorreu naturalmente.

– Não vou contar para ninguém – disse ela, e foi só um som baixíssimo, mas provido de um novo tipo de certeza que começava em algum lugar mais fundo.

– Nem mesmo a seu pai?

– É. Nem mesmo a ele.

– Boa menina – disse Shay, com a voz tão carinhosa e tranquilizadora, que a escuridão diante de mim ficou de um vermelho borbulhante. – Boa menina. Você é minha melhor sobrinha, não é?

– Sou.

– Esse vai ser nosso segredo especial. Você me promete?

Pensei em várias maneiras de matar alguém sem deixar marcas. E então, antes que Holly promettesse, respirei fundo e abri a porta.

Eles compunham um quadro bonito. O apartamento de Shay era limpo e desprovido de móveis, quase arrumado como um quartel: assoalho gasto de tábua corrida; cortinas verde-oliva desbotadas; poucas peças de mobília sem personalidade; nada nas paredes brancas. Por Jackie, eu tinha sabido que ele morava ali havia 16 anos, desde que a velha biruta da sra. Field tinha morrido e deixado o apartamento vazio; mas ele ainda parecia provisório. Shay poderia ter feito as malas e desaparecido dali, num prazo de umas duas horas, sem deixar nada para trás.

Ele e Holly estavam sentados a uma mesinha de madeira. Com os livros espalhados à sua frente, pareciam um quadro antigo. Um pai e filha em sua água-furtada, em qualquer século que se escolhesse, imersos juntos em alguma história misteriosa. A ilha de luz de um abajur alto fazia com que eles refulgissem como pedras preciosas naquele aposento árido: a cabeleira dourada de Holly e seu cardigã vermelho como um rubi; o verde forte do suéter de Shay e o brilho negro quase azul do seu cabelo. Ele tinha posto um banquinho debaixo da mesa, para que os pés de Holly não ficassem no ar. Parecia ser o objeto mais novo na sala.

Esse quadro encantador só durou uma fração de segundo. Eles então deram um salto, como um par de adolescentes culpados, apanhados compartilhando um baseado. Um era a imagem do outro, o lampejo de pânico nos olhos azuis iguais.

– Estamos estudando matemática! Tio Shay está me ajudando.

Ela estava muito vermelha e deixava transparecer totalmente sua aflição, o

que foi um alívio. Eu tinha começado a acreditar que Holly estava se transformando numa superespia de nervos de aço.

– É, você me falou. Como vai indo?

– Ok – Ela olhou de relance para Shay, mas ele estava me observando com muita atenção e sem nenhuma expressão.

– Que bom. – Fui me aproximando por trás deles e dei uma olhada tranquila por cima dos seus ombros. – Parece que está muito bom mesmo. Você já agradeceu ao seu tio?

– Já. Um monte de vezes.

Levantei uma sobrancelha para Shay, que confirmou.

– Ela agradeceu, sim.

– Bem, é um prazer saber disso. Dou valor às boas maneiras.

Holly estava quase pulando da cadeira, de tão inquieta que estava.

– Papai...

– Holly, meu amorzinho, desça e termine sua matemática lá na vovó. Se ela quiser saber onde seu tio Shay e eu estamos, diga que estamos batendo papo e vamos descer logo, logo, ok?

– Ok – Ela começou a guardar seu material na mochila, devagar. – Não vou dizer mais nada para ela. Certo? – Ela podia estar falando com qualquer um de nós dois.

– Certo – disse eu. – Sei que você não vai. Você e eu conversamos depois. Agora ande. Depressa.

Holly terminou de organizar a mochila e olhou mais uma vez para nós dois – o emaranhado de expressões despedaçadas no seu rosto, enquanto ela tentava fazer sua cabeça superar mais coisas do que qualquer adulto teria tido condições de encarar, só isso já me fez querer dar um tiro no joelho de Shay. E então ela foi embora. Encostou o ombro no meu lado, por um segundo, quando passou por mim. Senti vontade de envolvê-la num enorme abraço, mas preferi passar a mão por sua cabeça macia e dar um beliscãozinho na sua nuca. Ficamos ouvindo enquanto ela descia a escada correndo, leve como uma fada no carpete grosso, e o som alto das vozes que a acolheram na casa de nossa mãe.

– E cá estava eu me perguntando como seus cálculos de divisão tinham melhorado tanto – disse eu, fechando a porta. – Não é engraçado?

– Ela não é nem um pouco burra – disse Shay. – Só precisou de uma mãozinha.

– Ah, isso eu sei. Mas foi você quem se prontificou. Acho importante você saber o quanto lhe sou grato. – Puxei a cadeira de Holly para fora da ilha de luz, e fora do alcance de Shay, e me sentei. – Legal, essa sua casa.

– Obrigado.

– Ao que eu me lembre, a sra. Field tinha as paredes todas cobertas com fotos do padre Pio e com um cheiro forte de essência de cravo. Para ser franco,

qualquer coisa teria melhorado a aparência do lugar.

Shay foi aos poucos relaxando na sua cadeira, no que parecia um jeito informal e largado, mas os músculos nos seus ombros estavam retesados, como os de um grande felino pronto para o salto.

– E olha a minha falta de educação... Você vai tomar um drinque. Uísque, ok?

– Por que não? Abrir o apetite para o jantar.

Ele inclinou a cadeira para poder estender o braço até o aparador e tirar uma garrafa e dois copos.

– Gelo?

– Isso mesmo. Vamos seguir a tradição.

Deixar-me ali sozinho fez surgir um lampejo de desconfiança nos seus olhos, mas ele não tinha escolha. Levou os copos para a cozinha: porta do congelador abrindo, cubos de gelo saltando. O uísque era de respeito, um Tyrconnell puro malte.

– Você tem bom gosto – disse.

– E aí, surpreso? – Shay voltou, girando o gelo nos copos para resfriá-los. – E não me peça nada para misturar.

– Não me ofenda.

– Ótimo. Qualquer um que queira fazer um coquetel com esse uísque não o merece. – Ele serviu três dedos para cada um de nós e empurrou um copo pela mesa para mim.

– *Sláinte* – disse ele, erguendo o outro copo.

– À nossa! – Os copos tilintaram um no outro. O uísque desceu queimando, um dourado de cevada e mel. Toda aquela fúria tinha se evaporado direto de mim. Eu estava tão frio, controlado e preparado, como sempre estive em qualquer missão. No mundo inteiro, não havia mais ninguém além de nós dois, nos observando por cima da mesa frágil, com a luz áspera do abajur lançando tiras de sombra como pinturas de guerra sobre o rosto de Shay e as acumulando em pilhas enormes em cada canto. Parecia perfeitamente familiar, quase tranquilizador, como se tivéssemos passado a vida inteira ensaiando para esse momento.

– E então – disse Shay. – Como se sente por estar em casa?

– Está sendo divertido. Eu não teria perdido por nada neste mundo.

– Diga aí: você estava falando sério sobre fazer visitas de agora em diante? Ou só estava querendo não contrariar Carmel?

– E eu faria isso? – disse eu, abrindo um sorriso. – Não, eu estava falando sério, sim. Você gostou? Está empolgado?

Um canto do lábio de Shay subiu meio torcido.

– Carmel e Jackie acham que é porque você sentiu falta da família. Elas não sabem o choque que vão ter, em algum momento futuro.

– Estou magoado. Você está dizendo que eu não ligo para minha família? Não para você, talvez. Mas todos os outros?

Shay deu uma risada, direto para o copo.

– Sei. Você não tem nenhum interesse aqui.

– Vou lhe dar uma notícia. Todo mundo sempre tem algum interesse. Mas não deixe essa sua cabecinha se preocupar. Com interesses ou sem eles, vou estar aqui com bastante frequência, para manter Carmel e Jackie felizes.

– Bom. Lembre-me de ensiná-lo a levar nosso pai ao banheiro e a tirá-lo de lá.

– Já que você não vai estar assim tão presente no ano que vem. Com a loja de motos e tudo o mais.

Bem no fundo dos olhos de Shay, um brilho trêmulo.

– É. Isso mesmo.

– Parabéns! – Levantei meu copo para ele. – Eu diria que você mal pode esperar por isso.

– É o que conquistei.

– É claro que conquistou. Mas há uma questão. Eu venho e vou embora, mas não é como se eu fosse me mudar para cá. – Lancei um olhar de divertimento em torno do apartamento. – Alguns de nós têm uma vida a viver, sabe o que quero dizer?

Aquele lampejo trêmulo outra vez, mas ele manteve a voz firme.

– Não lhe pedi para se mudar para lugar nenhum.

– Bem – disse eu, dando de ombros –, alguém tem de estar por perto. Pode ser que você não saiba disso, mas nosso pai... ele não está nem um pouco a fim de ir para um asilo.

– E também não pedi sua opinião sobre isso.

– É claro que não. Mas para bom entendedor... Ele me disse que tem planos para qualquer eventualidade. Eu começaria a contar os comprimidos dele, se eu fosse você.

A faisca pegou, abriu uma chama.

– Peraí. Você está tentando me dizer qual é meu dever para com nosso pai? *Você?*

– Minha nossa, não. Só estou transmitindo a informação. Eu não ia querer que você tivesse de viver com a culpa, se tudo desse errado.

– Que droga de culpa? Conte os comprimidos você mesmo, se quer que sejam contados. Já cuidei de vocês todos, a vida inteira. *Não é mais a minha vez.*

– Sabe de uma coisa? Mais cedo ou mais tarde, você vai precisar se livrar dessa ideia de que passou a vida inteira sendo o paladino de todo mundo. Não me entenda mal, ver até que é divertido, mas existe uma linha que separa a ilusão do delírio, e você está pisando de um lado e do outro dessa linha.

Shay abanou a cabeça.

– Você não faz ideia – disse ele. – Não faz a mínima ideia.

– Não? Kevin e eu estávamos conversando no outro dia, sobre como você cuidava de nós. Sabe o que ocorreu a Kevin, não a mim? Você nos trancando no porão do nº 16. Kev estava com o quê, 2, talvez 3 anos? Trinta anos depois, ele ainda não queria entrar lá. Ele se sentiu bem cuidado mesmo, naquela noite.

Shay jogou-se para trás, com a cadeira se inclinando perigosamente, e caiu na risada. A luz do abajur transformou seus olhos e boca em buracos escuros e amorfos.

– Naquela noite – disse ele. – Meu Deus, sim. Você quer saber o que aconteceu naquela noite?

– Kevin se urinou. Ele estava praticamente em choque. Eu fiz picadinho das minhas mãos tentando arrancar as tábuas das janelas para a gente poder sair. Foi isso o que aconteceu.

– Naquele dia nosso pai foi despedido – disse Shay.

Era normal nosso pai ser despedido, quando éramos pequenos, até que as pessoas mais ou menos pararam de lhe dar um emprego, para começar. Esses dias não eram os preferidos de ninguém, principalmente porque ele acabava com o salário de uma semana na mão, a título de aviso-prévio.

– Está ficando tarde, e ele ainda não chegou. Então nossa mãe nos põe para dormir. Isso foi quando nós quatro dormíamos em colchões no quarto de trás, antes de Jackie nascer e as meninas ficarem com o outro quarto. E nossa mãe não para com a ladainha: dessa vez, ela vai trancar a porta, ele que durma na sarjeta, que é o seu lugar, ela está torcendo para ele ser espancado, atropelado e posto na cadeia, tudo ao mesmo tempo. Kevin está choramingando porque quer o papai, só Deus sabe por quê. E ela diz para ele que, se ele não calar a boca e dormir, o papai nunca mais vai voltar para casa. Eu pergunto o que a gente vai fazer então e ela responde que eu vou ser o homem da casa, que eu vou ter de cuidar de todos. Que eu me sairia melhor do que aquele cretino, de qualquer maneira. Se Kev estava com 2 anos, eu teria quanto? Oito, não é?

– Como é que eu sabia que você acabaria sendo o mártir nessa história?

– Então nossa mãe vai embora: sonhem com os anjos, crianças. Não sei a que horas da noite, nosso pai volta para casa e derruba a porta da frente. Eu e Carmel vamos correndo para a sala, e ele está jogando a louça do casamento na parede, uma peça de cada vez. Nossa mãe está com sangue por todo o rosto. Ela berra para ele parar e o chama de todos os palavrões deste mundo. Carmel corre e consegue agarrar nosso pai, e ele a atira para o outro lado da sala. Ele começa a gritar, dizendo que nós, esses filhos de merda, arruinamos a vida dele. Que ele devia nos afogar como uma ninhada de gatos, que devia nos degolar, para voltar a ser um homem livre. E pode acreditar em mim: cada palavra que ele disse foi a sério.

Shay se serviu mais dois dedos de uísque e acenou para mim com a garrafa.

Não aceitei.

– Fique à vontade. Ele está indo para o quarto para matar todos nós, naquela hora mesmo. Nossa mãe pula em cima dele para impedir e grita comigo para eu tirar os bebês de casa. Eu sou o homem da casa, certo? Então eu arranco você da cama, dizendo que precisamos sair. Você reclama e se queixa: *por quê? eu não quero ir, você não manda em mim* ... Eu sei que nossa mãe não consegue segurar nosso pai muito tempo. Por isso lhe dou um tapa, pego Kev debaixo do braço e saio arrastando você pela gola da camiseta. Para onde você queria que eu o levasse? Para a delegacia mais próxima?

– Nós tínhamos vizinhos. Na verdade, um monte de vizinhos.

Uma chama de puro nojo iluminou seu rosto inteiro.

– É. Lavar nossa roupa suja diante do beco inteiro, dar-lhes uma quantidade de escândalo saboroso suficiente para eles se regalarem pelo resto da vida. É isso o que você teria feito? – Ele tomou de uma vez um gole da bebida e sacudiu a cabeça, com uma careta, para fazê-lo descer. – É provável que você fizesse isso e tudo o mais. Eu teria sentido vergonha de existir. Mesmo aos 8 anos, eu tinha orgulho demais para isso.

– Aos 8 anos, eu também. Mas, agora que sou um adulto, para mim é muito mais difícil entender como trancar seus irmãozinhos num lugar perigoso pode ser motivo de orgulho.

– Foi a melhor coisa que eu podia ter feito por vocês. Você acha que você e Kevin tiveram uma noite horrível? Tudo o que vocês precisavam fazer era ficar parados até nosso pai cair inconsciente e eu voltar para buscá-los. Eu teria dado qualquer coisa para ficar naquele porão são e salvo com vocês, mas não, eu precisava voltar aqui para dentro de casa.

– Muito bem, então me mande a conta das suas sessões de terapia. É isso o que você quer?

– Não estou querendo piedade de você. Só estou lhe dizendo para não imaginar que eu vá correndo me sentir culpado porque você precisou passar alguns minutos no escuro, no passado remoto.

– Por favor, diga-me que essa historinha não foi sua desculpa para matar duas pessoas.

Fez-se um silêncio muito longo.

– Quanto tempo você ficou escutando atrás da porta? – disse Shay, então.

– Não precisei escutar uma única palavra.

– Holly lhe contou alguma coisa – disse ele, depois de um instante.

Não respondi.

– E você acredita nela.

– Ei, ela é minha filha. Pode dizer que sou um bobo.

– Eu nunca disse isso. Só estou dizendo que ela é uma criança. – Ele balançava a cabeça.

– Isso não faz com que seja burra. Nem mentirosa.

– Não, mas lhe dá uma enorme imaginação.

Já fui insultado de todos os modos, desde ataques à minha masculinidade às partes genitais da minha mãe, sem nunca me abalar com isso. Mas a ideia de que eu rejeitaria a palavra de Holly por causa da opinião de Shay estava começando a fazer minha pressão sanguínea subir outra vez.

– Vamos esclarecer um ponto – disse eu, antes que ele detectasse essa alteração. – Não precisei que Holly me contasse nada. Sei exatamente o que você fez a Rosie e a Kevin. Sei há muito mais tempo do que você pensa.

Daí a um instante, Shay inclinou a cadeira mais uma vez, enfiou a mão no aparador e tirou de lá um maço de cigarros e um cinzeiro. Ele também não deixava Holly vê-lo fumando. Não se apressou enquanto tirava o celofane do maço, batia o cigarro na mesa e o acendia. Ele estava pensando, reorganizando mentalmente as coisas, tirando distância para dar uma boa olhada nas novas formas que elas assumiam.

– Você tem três coisas diferentes – disse ele, por fim. – O que você sabe. O que acha que sabe. E o que você vai poder usar.

– É mesmo, Sherlock E daí?

Eu o vi tomar a decisão. Vi a disposição dos seus ombros mudar e se enrijecer.

– E daí que você deve entender o seguinte: eu não entrei naquela casa para machucar sua garota. Nunca nem mesmo pensei nisso, até o momento em que aconteceu. Sei que você quer que eu seja o vilão aqui. Sei que isso se encaixaria perfeitamente com tudo em que você sempre acreditou. Mas não foi desse jeito que aconteceu. Não foi nada tão simples assim.

– Então me explique. Afinal, o que você foi fazer lá?

Shay pousou os cotovelos na mesa e bateu a cinza do cigarro, vendo o clarão laranja aumentar e se apagar.

– Desde minha primeira semana de trabalho na loja de motos, poupei cada centavo que podia do meu salário. Guardava a grana num envelope colado por trás do pôster de Farrah, lembra? Para você, Kevin ou nosso pai não pegarem.

– Eu guardava a minha na mochila. Presa com fita adesiva por dentro do forro.

– É. Não era muito, depois do que ia para nossa mãe e as poucas cervejas, mas era o único jeito de eu não enlouquecer naquela casa: eu dizia a mim mesmo, todas as vezes que contava o dinheiro, que, quando tivesse o suficiente para dar um depósito num conjugado, você teria idade para cuidar dos menores. Carmel lhe daria uma ajuda. Carmel é uma mulher firme. Sempre foi. Vocês dois teriam conseguido levar as coisas bem, até Kevin e Jackie crescerem e poderem cuidar de si mesmos. Eu só queria um lugarzinho para mim, onde eu pudesse ter a companhia de colegas. Trazer uma namorada. Ter uma boa noite

de sono sem me manter alerta para saber o que nosso pai ia aprontar. Um pouco de paz e tranquilidade.

O velho anseio exausto na sua voz quase poderia ter me feito sentir pena dele, se eu não soubesse que não era bem assim.

– Eu estava quase conseguindo – disse ele. – Estava a um passo. A primeira coisa que eu ia fazer no ano novo era começar a procurar um lugar... E então Carmel ficou noiva. Eu sabia que ela ia querer casar rápido, assim que eles conseguissem pegar o empréstimo na cooperativa de crédito. Eu não a culpava: ela merecia a chance de sair, tanto quanto eu. Deus sabe que nós dois tínhamos conquistado esse direito. Sobrava você.

Ele me lançou um olhar cansado, funesto, através da borda do seu copo. Não havia amor fraternal ali, talvez nem mesmo reconhecimento. Ele olhava para mim como se eu fosse um objeto enorme e pesado que não parava de aparecer no meio do caminho e o atingia nas canelas nos piores momentos possíveis.

– Só que você não tinha a mesma visão, não é? – disse ele. – Para minha surpresa, descobri que você também estava planejando sair do ninho. E para Londres, nada menos que isso. Eu teria me contentado com Ranelagh. A família que se dane, não é? Que se dane sua vez de assumir a responsabilidade e que se dane minha oportunidade de sair dessa. Tudo com que nosso Francis se importa é que ele vai conseguir um buraco.

– Tudo com que eu me importava era que eu e Rosie íamos ser felizes. Havia uma probabilidade razoável de que estávamos a ponto de nos tornar o casal mais feliz do planeta. Mas você não poderia deixar barato.

Shay riu com a fumaça saindo pelo nariz.

– Acredite ou não – disse ele –, eu quase deixei. Eu ia lhe dar uma surra de arrebrantar, antes de você ir embora, ia mesmo. Mandar você para a balsa todo roxo e torcer para os ingleses criarem encrenca do outro lado, por sua aparência de marginal. Mas eu ia deixar você ir. Faltavam três anos para Kevin completar 18. Com essa idade ele teria sido capaz de cuidar de nossa mãe e Jackie. Calculei que poderia ficar por aqui mais esse tempo. Só que...

Seus olhos se afastaram, para a janela, os telhados escuros e a cafonice cintilante dos Hearne.

– Foi nosso pai. Na mesma noite em que eu soube de você e Rosie. Foi nessa noite que ele enlouqueceu ali na rua diante da casa dos Daly, conseguiu até que chamassem a polícia e tudo o mais... Eu poderia ter aguentado três anos da mesma velha história. Mas ele estava piorando. Você não estava lá, você não viu. Eu já estava saturado. Aquela noite passou das medidas.

Eu, voltando para casa depois de cobrir o turno para Wiggy, pisando em nuvens. Luzes acesas e vozes murmurando por todo o beco, Carmel varrendo louça quebrada, Shay escondendo as facas afiadas. O tempo todo eu soube que aquela noite foi importante. Por 22 anos, achei que era aquela noite que tinha

feito Rosie saltar fora. Jamais me ocorreu que havia outras pessoas muito mais prontas para saltar fora do que ela.

– E então você tentou intimidar Rosie para ela me largar.

– Intimidar, não. Só dizer para ela desistir. Isso, sim. Eu tinha todo o direito.

– Em vez de falar comigo. Que tipo de homem tenta resolver seus problemas atormentando uma garota?

– Eu teria falado com você – disse Shay, abanando a cabeça –, se eu achasse que adiantaria alguma coisa. Você acha que eu *ia querer* sair me queixando de assuntos da nossa família com alguma mulherzinha, só porque você estava enrabichado por ela? Mas eu conhecia você. Nunca teria pensado em Londres só por sua cabeça. Você ainda era um garoto, um garoto grande e bronco. Não tinha o cérebro, nem a coragem, para ter uma ideia tão grande assim, sozinho. Eu sabia que Londres tinha de ser uma ideia da própria Rosie. Eu sabia que eu podia pedir para você ficar até me cansar, e você ainda assim teria ido para onde ela dissesse. E sabia que, sem ela, você nunca iria além da Grafton Street. Por isso, fui procurar por ela.

– E você a encontrou.

– Não foi difícil. Eu sabia em que noite vocês iam fugir, e sabia que ela precisava entrar no nº 16. Fiquei acordado, vi você ir embora e então saí pelos fundos, pulando os muros.

Ele deu uma tragada. Em meio aos círculos de fumaça, seus olhos estavam semicerrados e atentos, lembrando.

– Eu teria me preocupado com ela ter passado por lá antes, só que, pelas janelas do andar de cima, eu podia ver você, esperando junto do poste, com mochila e tudo, fugindo de casa. Que gracinha.

O impulso de socar os dentes dele goela abaixo estava começando a crescer de novo, em algum ponto lá no fundo da minha cabeça. Aquela noite tinha sido nossa, minha e de Rosie: nossa secreta bolha cintilante, que tínhamos criado juntos ao longo de meses de trabalho, na qual embarcaríamos para partir. Shay tinha deixado marcas dos seus dedos imundos em cada centímetro dela. Eu me sentia como se ele tivesse ficado observando, enquanto nos beijávamos.

– Ela entrou do mesmo jeito que eu, vindo pelos quintais. Eu me escondi num canto e subi atrás dela, até o quarto do andar de cima. Pensei em lhe dar um susto, mas ela praticamente nem se sobressaltou. Coragem ela tinha, pelo menos. Isso tenho de reconhecer.

– É – disse eu. – Tinha mesmo.

– Eu não a intimidei. Só falei com ela. Que você tinha uma responsabilidade para com sua família, quer você soubesse disso, quer não. Que dentro de uns dois anos, quando Kevin tivesse idade suficiente para assumir, vocês poderiam se mandar para onde quisessem: Londres, Austrália, eu não me importaria nem um pouco. Mas que até essa época seu lugar era aqui. Volte para casa, disse eu. Se

não estiver a fim de esperar alguns anos, vá procurar outro cara. Se quer ir para a Inglaterra, pode ir. Só deixe nosso Francis em paz.

– Não imagino Rosie aceitando bem suas ordens.

Shay riu, bufando um pouco, e apagou o cigarro no cinzeiro.

– Sem brincadeira. Você gosta das atrevidas, hein? Primeiro, ela riu de mim, me disse para eu ir para casa para meu sono reparador ou as mulheres não iam mais querer saber de mim. Mas, quando ela percebeu que eu estava falando sério, ficou uma fera. Não aumentou o volume, ainda bem, mas estava furiosa, do mesmo jeito.

Rosie manteve a voz baixa pelo menos em parte porque sabia que eu estava a poucos metros dali, esperando, escutando, do outro lado do muro. Se tivesse dado um grito me chamando, eu poderia ter chegado lá num piscar de olhos. Mas pedir socorro nunca teria lhe ocorrido. Rosie era perfeitamente capaz de resolver o assunto com aquele pateta sozinha.

– Eu ainda a vejo ali parada, me dando a maior bronca: cuide da própria vida e não venha me irritar, o problema não é nosso se você não consegue ter sua própria vida, seu irmão vale dez de você no mínimo, seu apalermado, blá-blá-blá... Eu lhe fiz um favor, salvando-o de uma vida inteira daquilo.

– Vou me lembrar de lhe enviar um cartão de agradecimento. Diga-me uma coisa. No final o que foi a gota d'água?

Shay não perguntou *para quê*. Já tínhamos superado esse tipo de joguinho. Ele falou, e os restos daquela fúria antiga e incontrolável ainda estavam presos nos cantos da sua voz.

– Eu estava tentando falar com ela. Era tamanho o meu desespero. Eu estava tentando contar para ela como nosso pai era. Como era voltar para casa e encontrar aquilo todos os dias. As coisas que ele fazia. Eu só queria que ela me escutasse por um minuto. Que só me *escutasse*, merda!

– E ela não queria escutar. Meu Deus, quanto atrevimento.

– Ela tentou me deixar ali sozinho. Eu estava no portal, ela me mandou sair da frente e eu a agarrei. Tipo, só para ela ficar. Daí em diante... – Ele abanou a cabeça, com os olhos se arrastando pelo teto. – Nunca tinha lutado com uma garota. Nunca tive vontade. Mas ela não queria calar a boca, não queria *parar*... Era uma megera, era mesmo. Bateu em mim tanto quanto eu nela. Depois, eu estava coberto de arranhões e hematomas. A filha da mãe quase me deu uma joelhada no saco.

Aqueles baques e gemidos ritmados que me tinham feito sorrir para o céu, pensando em Rosie.

– Tudo o que eu queria era que ela ficasse parada e me ouvisse. Consegui agarrá-la e a empurrei contra a parede. Num segundo ela estava chutando minhas canelas, tentando arrancar meus olhos do lugar...

Silêncio.

– Eu nunca pretendi que terminasse daquele jeito – disse ele para as sombras que se acumulavam nos cantos.

– Simplesmente aconteceu.

– É. Simplesmente aconteceu. Quando percebi...

Mais um movimento espasmódico, rápido, da cabeça. Mais um silêncio.

– Então, quando voltei a me controlar... Eu não podia deixar Rosie lá.

Foi então que lhe ocorreu o porão. Shay era forte, mas Rosie teria sido pesada. Meu pensamento se concentrou nos sons de levá-la lá para baixo, pela escada, a carne e o osso no cimento. A lanterna, o pé de cabra e a laje de concreto. A respiração descontrolada de Shay, e os ratos curiosos se movimentando nos cantos distantes, com os olhos refletindo a luz. A forma dos dedos dela, meio fechados na terra batida úmida do chão.

– O bilhete. Você remexeu nos bolsos dela?

Suas mãos percorrendo o corpo inerte: eu o teria degolado com meus dentes. Talvez ele soubesse disso. Sua boca se crispou com nojo.

– Acha que sou algum degenerado? Não toquei nela, só para tirá-la de lá. O bilhete estava no chão do quarto de cima, onde ela o tinha posto. Era isso o que estava fazendo quando eu apareci. Dei uma lida nele. Calculei que a segunda metade podia ficar ali, para qualquer um que se perguntasse aonde ela teria ido. Pareceu... – Um suspiro sem som, quase um riso. – Pareceu o destino. Deus. Um sinal.

– Por que você ficou com a primeira metade?

– O que mais ia fazer com ela? – disse Shay, dando de ombros. – Enfiei o papel no bolso, para me livrar dele mais tarde. Depois, mais tarde, pensei que nunca se sabe. As coisas podem acabar sendo úteis.

– É mesmo. Meu Deus, e não foi o que aconteceu? Isso também lhe pareceu um sinal?

Shay não deu atenção à pergunta.

– Você ainda estava no alto da rua. Imaginei que fosse esperar ali por ela mais uma hora ou duas, antes de desistir. Por isso, voltei para casa. – Aquela longa série de farfalhadas, passando pelos quintais dos fundos, enquanto eu esperava e começava a ter medo.

Havia coisas que eu teria dado anos da minha vida para lhe perguntar. Qual tinha sido a última coisa que ela disse, se ela sabia o que estava acontecendo, se ficou apavorada; se sentiu dor; se tentou me chamar no final. Mesmo que houvesse uma chance ínfima de ele me responder, eu mesmo não consegui me forçar a perguntar. Em vez disso, comentei.

– Você deve ter ficado furioso quando eu não voltei para casa. Afinal de contas, consegui passar da Grafton Street. Não cheguei a Londres, mas fui longe o suficiente. Surpresa! Você me subestimou.

– É mais como se tivesse superestimado – disse Shay, com a boca torcida. –

Achei que, assim que você superasse sua cegueira por ela, acabaria sacando que sua família precisava de você. – Ele estava debruçado sobre a mesa, com o queixo para a frente, a voz começando a ficar mais tensa. – E você nos devia. Nossa mãe, Carmel e eu tínhamos mantido você alimentado, vestido e em segurança, a vida inteira. Nós nos colocávamos entre você e nosso pai. Carmel e eu paramos de estudar para que você pudesse ter instrução. Nós tínhamos uma porra de um *direito* a você. Não era justo que ela, Rosie Daly, se intrometesse daquele jeito.

– E isso lhe deu o direito de assassiná-la?

Shay mordeu o lábio inferior e se esticou para apanhar cigarros de novo.

– Você chame como quiser – disse em tom categórico. – Eu sei o que aconteceu.

– Ótimo. E o que aconteceu com Kevin? Como você chamaria o ocorrido? Foi homicídio?

O rosto de Shay se fechou, com estrondo, como um portão de ferro.

– Nunca fiz nada a Kevin. Nunca. Eu não faria mal a meu próprio irmão.

Dei uma sonora risada.

– Certo. Então como ele saiu por aquela janela?

– Caiu. Estava escuro. Ele tinha bebido. O lugar não é seguro.

– Correto, não é seguro mesmo. E Kevin sabia disso. Então, o que ele estava fazendo lá dentro?

Dar de ombros, olhar azul vazio, clique do isqueiro.

– Como eu iria saber? Soube que tem gente que acha que ele estava com um peso na consciência. E muita gente acha que ele foi lá para se encontrar com você. Já eu calculo que talvez ele tenha encontrado alguma coisa que o estava preocupando e tenha ido procurar algum sentido nessa coisa.

Shay era esperto demais para ventilar o fato de que o bilhete tinha aparecido no bolso de Kevin, e era esperto o suficiente para conduzir o assunto para esse lado da mesma forma. O impulso de lhe arrebentar os dentes estava subindo, lentamente.

– Essa é sua versão, e você vai mantê-la.

– Ele caiu – disse Shay, definitivo como uma porta que se fecha com violência. – Foi o que aconteceu.

– Deixe-me contar minha história. – Peguei um dos cigarros de Shay, servi para mim mesmo mais uma dose do seu uísque e me recostei de volta nas sombras. – Era uma vez, muito tempo atrás, três irmãos, igualzinho como nos contos de fadas. E, numa noite bem tarde, o mais novo acordou e alguma coisa estava diferente. Ele estava sozinho no quarto. Seus dois irmãos não estavam lá. Não foi nada de importante, não na época, mas foi incomum o bastante para ele se lembrar na manhã do dia seguinte, quando só um irmão tinha voltado para casa. O outro tinha sumido para sempre, ou, de qualquer modo, por 22 anos.

A expressão de Shay não tinha mudado, nem um músculo se mexeu.

– Quando o irmão perdido finalmente voltou para casa, ele veio em busca de uma garota morta, e a encontrou. Foi então que o irmão caçula pensou de novo no passado e se deu conta de que se lembrava da noite em que ela havia morrido. Era aquela noite em que seus dois irmãos não estavam lá. Um deles tinha saído, por amor a ela. O outro tinha saído para matá-la.

– Já lhe disse – insistiu Shay. – Eu nunca pretendi matá-la. E você acha que Kev era esperto o bastante para organizar toda essa história? Deve estar brincando.

A irritação amarga na sua voz mostrava que eu não era o único que estava controlando a raiva, o que era bom saber.

– Não era preciso ser um gênio. E descobrir o que houve arrasou com a cabeça do coitado. Ele não queria acreditar, queria? Ele simplesmente não conseguia acreditar que seu próprio irmão tivesse matado uma garota. Eu diria que ele passou seu último dia nesta terra levando a si mesmo à loucura, tentando encontrar alguma explicação. Ele me ligou umas dez vezes, na esperança de que eu conseguisse encontrar uma para ele, ou pelo menos tirasse aquela confusão das suas mãos.

– Então é esse o motivo disso tudo? Você está se sentindo culpado por não ter atendido as chamadas do irmãozinho e está procurando um jeito de pôr a culpa em mim?

– Eu escutei sua história. Agora trate de me deixar terminar a minha. No domingo à noite, a cabeça de Kev já estava com nó. E, como você disse, ele não era o duende mais esperto da floresta, para começo de conversa. Tudo em que ele conseguiu pensar foi em tomar a iniciativa direta, Deus que o ampare, a atitude honesta: conversar com você, de homem para homem, e ver o que você tinha a dizer. E, quando você lhe disse para vocês dois se encontrarem no nº 16, o pobre idiota caiu direitinho. Diga-me uma coisa, você acha que ele foi adotado? Ou é só algum tipo de mutação?

– Ele foi protegido – disse Shay. – Isso é o que ele foi. A vida inteira.

– Mas, no domingo passado, ele não foi protegido. No domingo passado ele estava incrivelmente vulnerável e achava que não corria nenhum risco. Você lhe passou aquela cascata sobre... como é que era mesmo?... responsabilidade pela família e um apê só para você, como fez comigo? Mas nada daquilo tinha o menor significado para Kevin. Tudo o que ele sabia era o fato, pura e simplesmente: você matou Rosie Daly. E isso era demais para ele encarar. O que ele disse que fez você sair tanto do sério? Ele estava pensando em me contar quando conseguisse entrar em contato comigo? Ou você nem mesmo se deu ao trabalho de descobrir, antes de seguir em frente e matá-lo também?

Shay se mexeu na cadeira, um movimento impulsivo de quem está preso, que ele interrompeu rapidamente.

– Você não faz ideia, não é? Nenhum de vocês jamais fez.

– Vamos lá, então. Me dá uma dica. Me ensina. Para começar, como você conseguiu que ele passasse a cabeça por aquela janela? Foi um truquezinho interessante. Eu adoraria saber como você o criou.

– Quem disse que fui eu?

– Fala para mim, Shay. Estou simplesmente morrendo de curiosidade. Quando ouviu o crânio se fraturar, você ainda ficou um pouco no andar de cima, ou saiu direto para os fundos, para enfiar aquele bilhete no bolso dele? Ele ainda estava se mexendo quando você chegou lá? Gemendo? Ele reconheceu você? Implorou sua ajuda? Você ficou parado no quintal assistindo à morte dele?

Shay estava encurvado sobre a mesa, com os ombros encolhidos e a cabeça baixa, como um homem lutando contra um vento forte.

– Depois que você se mandou – disse ele, em voz baixa –, levei 22 anos para ter outra oportunidade. *Vinte e dois anos, porra*. Dá para você imaginar como eles foram? Vocês quatro fora de casa, levando cada um sua vida, casando, tendo filhos, como pessoas normais, felizes como porcos na lama. E eu aqui, *aqui, aqui, nesta merda...* – Ele cerrou os dentes, e bateu na mesa com o dedo, repetidamente. – Eu poderia ter tido tudo isso também. Eu poderia...

Ele recuperou um pouco do controle, tomou fôlego com um forte pigarro e deu uma longa tragada. Suas mãos estavam trêmulas.

– Agora tenho minha chance de novo. Não é tarde demais. Ainda estou jovem. Posso fazer a loja de motos ir para a frente, comprar um apartamento, ter minha própria família, ainda atraio as mulheres. *Ninguém vai jogar fora essa chance*. Ninguém. Desta vez, não. De novo não.

– E Kevin estava prestes a fazer isso – disse eu.

Mais uma respiração, como o chiado de um animal.

– Cada droga de vez que eu chego perto de escapar, tão perto que dá para sentir o gosto, vem um dos meus irmãos me atrapalhar. Eu tentei conversar com ele. Ele não entendeu. O pateta idiota, garoto mimado acostumado a ter tudo sem esforço, ele não tinha *noção*... – Shay interrompeu a frase, balançou a cabeça e apagou o cigarro com raiva.

– Quer dizer que simplesmente aconteceu. Mais uma vez. Você tem muito azar, não tem?

– Merdas acontecem.

– Pode ser. Eu até poderia engolir essa, se não fosse um detalhe, o bilhete. A ideia não lhe ocorreu de repente, depois que Kevin saiu pela janela: ei, já sei o que seria útil agora, aquele pedaço de papel que está comigo há 22 anos. Você não voltou para casa para buscá-lo, correndo o risco de ser visto saindo do nº 16 ou voltando a entrar lá. Você já estava com ele. A coisa toda foi planejada.

Os olhos de Shay se ergueram para encarar os meus e estavam de um azul chamejante, iluminados por um ódio incandescente que quase me derrubou para

trás, com a cadeira e tudo.

– Você é muito atrevido, seu filho da puta. Sabia disso? É muito atrevimento vir com toda essa superioridade para cima de mim. Logo de mim.

Aos poucos, pelos cantos, as sombras iam se acumulando em montes escuros, espessos.

– Você achou que eu ia me esquecer só porque lhe era conveniente? – perguntou Shay.

– Não sei do que você está falando – disse eu.

– Sabe, sim. Me chamando de assassino...

– Vou lhe dar uma dica. Se não gosta de ser chamado de assassino, não mate pessoas.

– ... quando eu sei e você sabe que você não é diferente de mim. Todo importante, voltando aqui com seu distintivo, sua conversa de policial e seus coleguinhas policiais... Você pode enganar quem quiser, pode enganar a si mesmo, fique à vontade, mas você *não me engana*. Você é igual a mim. Igualzinho.

– Não sou, não. E a diferença é que eu nunca matei ninguém. É complicado demais para você entender?

– Porque você é um cara tão legal, é, tão santo? Quanta baboseira, você me dá engulhos... Isso não é moral, não é santidade. O único motivo pelo qual você nunca matou ninguém é porque seu pau ganhou a briga com seu cérebro. Se não tivesse se enrabichado, você agora seria um assassino.

Silêncio, só as sombras se agitando e arfando nos cantos e aquela televisão numa Algarvia sem sentido lá embaixo. Na boca de Shay havia um sorrisinho terrível, como um espasmo. Pela primeira vez na vida, eu não conseguia pensar em nada para dizer.

Eu estava com 18 e ele com 19 anos. Era uma noite de sexta, e eu estava torrando meu salário-desemprego no Blackbird, que não era onde queria estar. Eu queria estar dançando com Rosie, mas isso foi depois de Matt Daly ter proibido a filha de nem sequer chegar perto do filho de Jimmy Mackey. Por isso, eu estava amando Rosie em segredo, tendo a cada semana mais dificuldade para disfarçar isso e batendo minha cabeça nas paredes, como um animal preso em busca de um jeito de conseguir uma mudança, qualquer mudança. Nas noites em que eu não aguentava mais, eu bebia tudo o que conseguia pagar e depois puxava briga com caras maiores do que eu.

Tudo estava indo de acordo com o plano. Eu tinha acabado de chegar ao balcão para pegar minha sexta ou sétima e estava puxando uma banqueta para me apoiar, enquanto esperava para ser servido – o barman estava na outra extremidade, tendo uma discussão profunda sobre corridas de cavalos – quando uma mão surgiu e puxou a banqueta para fora do meu alcance.

*Anda*, disse Shay, balançando uma perna por cima da banqueta. *Vai para*

*casa.*

*Larga do meu pé. Eu fui ontem de noite.*

*E daí? Vai de novo. No fim de semana passado, eu fui duas vezes.*

*É a sua vez.*

*Ele vai chegar a qualquer instante. Vai.*

*Me força a ir.*

O que só conseguiria que nós dois fôssemos expulsos do bar. Shay me encarou por mais um segundo, vendo se eu estava realmente falando a sério. Depois me lançou um olhar de nojo, deslizou da banquetta e tomou mais um bom gole da sua cerveja.

*Se fôssemos machos mesmo, entre nós dois, não íamos tolerar essa palhaçada...* disse ele entre dentes, em tom selvagem, para ninguém.

*Nós íamos nos livrar dele, completei.*

Shay parou no meio do movimento de levantar a gola do casaco e olhou espantado para mim. *Tipo, expulsar ele de casa?*

Não. A mãe simplesmente ia aceitar ele de volta. O matrimônio é sagrado, essa conversa.

Então fazer o quê?

Como eu disse. Nos livrar dele.

Um momento depois: *Você está falando sério?*

Eu mesmo só tinha me dado conta disso quando vi a expressão no seu rosto. *Estou, sim.*

Em toda a nossa volta, o bar estava alvoroçado, transbordando com barulho, cheiros agradáveis e risadas de homens. O pequeno círculo entre nós dois estava imóvel como gelo. Eu estava sóbrio como uma pedra.

*Você vem pensando nisso.*

*Não me diga que você não.*

Shay puxou a banquetta para perto de si e voltou a se sentar, sem tirar os olhos de cima de mim.

*Como?*

Não pisquei. Um recuo e ele iria descartar tudo aquilo como bobagem de criança, sair do bar e levar junto nossa chance. *Ele volta para casa bêbado, quantas noites na semana? A escada está caindo aos pedaços, o carpete está rasgado... mais cedo ou mais tarde, ele vai tropeçar e cair os quatro lances da escada, batendo direto com a cabeça.* Eu estava com o coração na mão, só de ouvir minha voz pronunciar alto essas palavras.

Shay tomou um bom gole da sua cerveja, concentrado em pensamento e enxugou a boca com um nó do dedo. *A queda talvez não fosse suficiente. Para fazer o serviço.*

*Talvez sim, talvez não. Mas, de qualquer modo, seria suficiente para explicar o afundamento na cabeça dele.*

Shay estava me olhando com um misto de desconfiança e, pela primeira vez na vida, respeito.

*Por que você está me contando?*

*É serviço para dois.*

*Está querendo dizer que não ia conseguir ir sozinho, não é?*

*Ele podia revidar; podia ser preciso mudá-lo de lugar, alguém podia acordar, nós podíamos precisar de álibis... Com um cara sozinho, seria mais provável que alguma coisa desse errado. Com dois...*

Ele enganchou um tornozelo na perna de outra banqueta e a puxou na nossa direção.

*Senta. Nossa casa pode esperar 10 minutos.*

Peguei minha cerveja e ficamos sentados ali, com os cotovelos no balcão, bebendo, sem olhar um para o outro. Pouco tempo depois, Shay disse: *Há anos que venho tentando pensar numa saída.*

*Eu sei. O mesmo aqui.*

*Às vezes, disse ele. Às vezes acho que, se não encontrar uma, talvez eu acabe enlouquecendo.*

A vida inteira, isso foi o mais próximo que nós dois chegamos de uma conversa íntima e fraterna. Fiquei espantado porque me pareceu muito agradável. *Eu já estou enlouquecendo. Sem “talvez” nenhum. Dá para eu sentir.*

Ele fez que sim, sem surpresa. *É. Carmel também.*

*E tem dias que Jackie parece esquisita. Depois de um acesso pior dele. Ela fica no mundo da lua.*

*Kevin está bem.*

*Por enquanto. Até onde podemos julgar.*

Shay disse: *É a melhor coisa que podíamos fazer por ele, também. Não só por nós.*

Eu disse: *A menos que eu esteja enganado, é a única coisa. Não apenas a melhor. A única.*

Nossos olhos por fim se encontraram. O bar tinha se tornado mais barulhento. A voz de alguém subiu para chegar ao fim de uma piada, e o canto explodiu em gargalhadas desordenadas, obscenas. Nenhum de nós piscou. Shay disse: *Já cheguei a pensar nisso. Umás duas vezes.*

*Eu penso nisso há anos. Pensar é fácil. Fazer...*

*É. Totalmente diferente. Seria...* Shay abanou a cabeça. Ele estava com halos brancos em volta dos olhos e suas narinas se alargavam cada vez que ele respirava.

Eu disse: *Será que a gente consegue?*

*Não sei. Não sei.*

Mais um longo silêncio, enquanto nós dois repassávamos mentalmente nossos momentos preferidos da relação pai-filho. *É, dissemos ao mesmo tempo. A gente consegue.*

Shay estendeu a mão para mim. Seu rosto estava branco com manchas vermelhas. *Ok, disse ele, respirando rápido. Ok. Eu topo. E você?*

*Eu topo, disse eu, e bati minha palma na dele. Estamos combinados.*

Nós nos apertamos as mãos como se estivéssemos tentando nos machucar. Pude sentir aquele momento se inflando, se espalhando, invadindo todos os cantos com suas ondulações. Foi uma sensação estonteante, doce e enjoativa, como injetar alguma droga que você sabe que vai deixá-lo paralisado para o resto da vida, mas cujo barato era tamanho que você só conseguia pensar em fazer com que ela penetrasse mais fundo nas suas veias.

Aquela primavera foi a única época na vida em que Shay e eu nos dispusemos a nos aproximar. De poucas em poucas noites, nós procurávamos um cantinho com privacidade no Blackbird e conversávamos: revirávamos o plano para examiná-lo de todos os ângulos; lixávamos as quinas ásperas, riscávamos qualquer coisa que parecesse que não funcionaria e começávamos de novo. Ainda nos detestávamos, mas isso tinha parado de fazer diferença.

Shay passava noite após noite batendo papo com Nuala Mangan que morava na Copper Lane: Nuala era feia de dar dó e idiota, mas sua mãe tinha o melhor olhar vidrado das redondezas; e depois de algumas semanas Nuala convidou Shay para tomar chá e ele surrupiou um bom punhado de Valium do armário do banheiro. Eu passei horas na biblioteca do Ilac Centre, lendo livros de medicina, tentando descobrir qual dose de Valium seria preciso dar a uma mulher de 90 quilos ou a uma criança de 7 anos para ter certeza de que elas dormiriam direto em meio a uma certa quantidade de ruído, uma noite, e ainda assim acordariam quando fosse preciso. Shay foi andando toda a distância até Ballyfermot, onde ninguém o conhecia e a polícia nunca ia passar perguntando, para comprar água sanitária para a limpeza. Eu tive um súbito acesso de solicitude e comecei a dar à minha mãe uma mãozinha com a sobremesa, todas as noites. Meu pai fazia comentários desagradáveis sobre minha transformação num afeminado, mas a cada dia estávamos chegando mais perto e ficava mais fácil não ligar para os comentários. Shay afanou um pé de cabra do trabalho e o escondeu debaixo da tábua do assoalho com nossos cigarros. Éramos bons nisso. Tínhamos jeito. Formávamos uma boa dupla.

Podem me chamar de degenerado, mas adorei aquele mês que passamos planejando. Eu tinha um pouco de dificuldade para dormir de vez em quando, mas uma grande parte de mim estava tendo o maior prazer. Eu me sentia como um arquiteto, um diretor de cinema. Alguém com visão de longo alcance, alguém com planos. Pela primeira vez em toda a minha vida, eu estava projetando alguma coisa enorme e complexa que, se conseguisse que desse certo, valeria totalmente a pena.

Então, de repente, ofereceram a nosso pai um serviço de duas semanas, o que significava que na última noite ele voltaria para casa às duas da manhã com um nível de álcool no sangue que acabaria de cara com as suspeitas de qualquer policial; e não restavam desculpas para esperar mais. Estávamos na contagem regressiva final: faltavam duas semanas.

Tínhamos repassado nosso álibi tantas vezes que poderíamos recitá-lo dormindo. Jantar em casa, acompanhado de uma deliciosa sobremesa de pão de ló embebido em xerez, cortesia de minhas novas inclinações domésticas. O xerez não só dissolvia melhor o Valium do que a água, mas também disfarçava o sabor, e taças individuais permitiam doses personalizadas. Depois fomos à discoteca no Grove, ao norte do rio, em busca de paqueras novas. Fomos expulsos de lá antes da meia-noite, do modo mais memorável possível, por comportamento barulhento e inconveniente, bem como por termos levado sorrateiramente nossas próprias latas de cerveja lá para dentro. Voltamos a pé para casa, parando no caminho para acabar de beber nossas latas ilícitas nas margens do canal. Chegamos por volta das três, quando o Valium deveria ter começado a perder o efeito, para encontrar a cena chocante de nosso querido pai ao pé da escada numa poça de sangue. Então veio a tentativa tardia de respiração boca a boca, as batidas frenéticas na porta das irmãs Harrison, o telefonema descontrolado pedindo uma ambulância. Praticamente tudo, exceto a parada para beber, seria verdade.

Era provável que tivéssemos sido apanhados. Com ou sem talento natural, nós éramos amadores. Havia detalhes demais que tínhamos deixado passar, e coisas demais que poderiam ter dado errado. Mesmo naquela época, eu mais ou menos sabia disso. Não me importava. Nós tínhamos uma chance.

Estávamos prontos. Na minha cabeça, eu já estava vivendo cada dia como o cara que matou o próprio pai. E aí Rosie Daly e eu fomos ao Galligan's uma noite e ela disse *Inglaterra*.

Não contei a Shay o motivo pelo qual eu estava saltando fora. De início, ele achou que era algum tipo de piada minha, de humor negro. Aos poucos, à medida que foi percebendo que eu estava falando sério, ele se tornou mais nervoso. Tentou me intimidar, tentou me ameaçar. Até mesmo tentou implorar. Quando nada disso funcionou, ele me pegou pelo pescoço, saiu do Blackbird me arrastando e me deu uma surra de desancar. Demorei uma semana para conseguir andar ereto. Eu quase não reagi. No fundo, calculava que ele tinha o direito. Quando ele por fim ficou exausto e caiu ao meu lado na viela, eu mal conseguia vê-lo por causa do sangue, mas acho que era possível que ele estivesse chorando.

– Não estamos aqui para conversar sobre esse assunto.

Shay praticamente não me ouviu.

– A princípio, achei que você tinha amarelado. Que perdeu a coragem quando o dia começou a se aproximar. Foi o que pensei por meses, até o momento em que conversei com Imelda Tierney. Foi ali que eu soube. Não tinha nada a ver com coragem. Você nunca se importou com nada a não ser com o que você quisesse. Assim que encontrou um jeito mais fácil, todo o resto não contava nada para você. Sua família, eu, tudo o que você devia, tudo o que

tínhamos combinado, nada disso valia nada.

– Deixe-me ver se entendi bem – disse eu. – Você está me criticando por *não* ter matado alguém?

Sua boca se encolheu de puro nojo. Eu tinha visto essa expressão nele milhares de vezes, quando éramos pequenos e eu tentava ficar à altura.

– Não se faça de espertinho. Estou criticando porque você acha que isso o torna superior a mim. Presta atenção. Pode ser que seus colegas policiais acreditem que você é do bem, pode ser que você diga a si próprio a mesma coisa, mas eu não me deixo enganar. Eu sei o que você é.

– Cara, posso garantir que você não tem a menor pista do que eu sou.

– Não tenho? Eu sei o seguinte. Foi por isso que você entrou para a polícia. Por causa do que nós quase fizemos naquela primavera. Do jeito que você se sentiu.

– Eu tive um impulso repentino de me corrigir por meu passado maligno? Esse lado bobinho até que lhe caiu bem, mas não. Lamento decepcioná-lo.

Shay deu uma forte risada, uma explosão feroz que mostrou seus dentes e fez com que ele se parecesse de novo com aquele adolescente inconsequente e perigoso.

– Corrigir, uma ova. Não nosso Francis, nem em um milhão de anos. Não. Assim que você tivesse um distintivo para se proteger, você poderia sair impune de qualquer coisa. Diga aí, detetive. Estou morrendo de curiosidade. Do que você se livrou, todos estes anos?

– Você vai precisar enfiar isso nessa sua cabeça dura. Todos os seus “se”, “mas” e “quase” não significam nada. Eu *não fiz nada*. Eu poderia entrar em qualquer delegacia no país, confessar cada detalhe do que planejamos naquela primavera e o único problema que eu enfrentaria seria a bronca por desperdiçar o tempo da polícia. Isso aqui não é uma igreja. Não se vai para o inferno só por ter maus pensamentos.

– Não? Então me diga que aquilo não mudou você, aquele mês que passamos planejando. Diga que você não se achou diferente depois. Vamos.

Meu pai costumava dizer, alguns segundos antes do primeiro murro, que Shay não sabia quando parar. Quando falei, minha voz deveria tê-lo feito desistir.

– Pelo doce menino Jesus no céu, não posso acreditar que você esteja querendo me culpar pelo que fez com Rosie.

Aquela torcida dos lábios novamente, um misto de tique e de ameaça.

– Só estou dizendo que não vou ficar sentado na minha própria casa, assistindo parado enquanto você me olha com tanta superioridade, se você não é diferente de mim.

– É, cara, mas eu sou. Nós podemos ter tido umas conversas interessantes, você e eu, mas quando se vai fundo nos *fatos*, o fato é que eu nunca levantei um dedo contra nosso pai, e o *fato* é que você matou duas pessoas. Pode me chamar

de maluco, mas vejo uma diferença aí.

Seu maxilar estava tenso de novo.

– Não fiz nada a Kevin. Nada.

Em outras palavras, tinha terminado aquele momento de compartilhar ideias.

– Pode ser que eu esteja perdendo o juízo – disse eu, pouco depois – mas estou com a impressão de que você espera que eu simplesmente concorde, dê um sorriso e vá embora. Faça-me um enorme favor. Diga que estou errado.

Aquela chispa de ódio estava de volta nos olhos de Shay, pura e irracional como um relâmpago.

– Dê uma olhada ao redor, detetive. Ainda não percebeu? Você está de volta à estaca zero. Sua família precisa de você de novo. Você continua nos devendo, e desta vez vai pagar a conta. Só que está com sorte. Desta vez, se não lhe agrada a ideia de ficar por aqui e fazer sua parte, tudo que precisamos que faça é ir embora.

– Se você chegou a pensar por um segundo que vou deixar você se safar dessa, está ainda mais pancada do que eu imaginava.

As sombras em movimento transformaram seu rosto numa máscara de animal selvagem.

– É mesmo? Então, faça o favor de provar, seu tira imundo. Kevin não está aqui para dizer que eu saí naquela noite. Sua Holly tem caráter melhor que o seu. Ela não vai dedurar alguém da família. E, mesmo que você a force a isso, você pode acreditar em tudo o que sua filha diz, mas outras pessoas podem pensar de outro jeito. Dê o fora daqui, volte para sua delegacia e peça para os coleguinhos lhe fazerem um boquete para você se sentir melhor. Você não tem *nada*.

– Não sei onde você foi arrumar essa ideia de que estou planejando provar alguma coisa – disse eu. E então empurrei a mesa direto na sua barriga. Ele grunhiu e tombou para trás com a mesa por cima, os copos, o cinzeiro e a garrafa de uísque caindo com ruído para todos os lados. Dei um chute para tirar minha cadeira da frente e investi contra ele. Foi nesse instante que me dei conta de que tinha vindo ao apartamento para matá-lo.

Um segundo depois, quando ele agarrou a garrafa e mirou na minha cabeça, percebi que ele também estava tentando me matar. Abaixei-me para o lado e senti que ela abria minha têmpora; mas, em meio à explosão de estrelas, consegui segurar seu cabelo e bater com sua cabeça no chão, até que ele usou a mesa para me empurrar de cima dele. Cai direto, com as costas no chão. Ele pulou em cima de mim e nós rolamos, procurando esmurrar os pontos fracos com toda a força que tínhamos. Ele era tão forte quanto eu, e exatamente com o mesmo nível de fúria. Nenhum de nós dois conseguia largar o outro. Estávamos grudados como amantes, de rosto colado. A proximidade, o barulho dos outros lá embaixo e 19 anos de prática abafavam nossa briga quase até um silêncio: os únicos sons eram a respiração forçada, ofegante e os baques quando um soco

atingia a carne. Senti o cheiro de sabonete Palmolive, direto da nossa infância, e o cheiro de vapor quente da raiva animal.

Ele tentou dar uma joelhada no meu saco e recuou atabalhado, tentando recuperar o equilíbrio; mas não me acertou, e eu fui mais rápido. Peguei-o numa chave de braço, virei-o de costas no chão e lhe dei um soco de baixo para cima no queixo. Quando sua visão se desanuviou, eu já estava com um joelho no seu peito, tinha sacado a arma e estava com o cano grudado na sua testa, bem no meio dos olhos.

Shay ficou parado, feito gelo.

– O suspeito foi informado de que estava sendo detido por suspeita de homicídio e foi devidamente informado de seus direitos. Sua resposta foi me dizer, abre aspas, Vá se foder, fecha aspas. Expliquei que o processo seria mais simples se ele cooperasse e pedi que apresentasse seus pulsos para ser algemado. Suspeito enfureceu-se então e me atacou, atingindo-me no nariz, ver foto anexa. Tentei recuar da situação, mas suspeito bloqueou o caminho de saída. Saquei a arma e o adverti para sair da minha frente. Suspeito negou-se.

– Seu próprio irmão – disse Shay, com a voz grave. Ele tinha mordido a língua. O sangue borbulhava nos seus lábios, quando ele falava. – Seu cretino imundo.

– *Olha só quem está falando!* – O choque de fúria praticamente me levantou do chão. Só percebi que quase tinha puxado o gatilho quando vi o medo passar veloz pelos seus olhos. O gosto era de champanhe. – Suspeito continuou a me ofender e a repetir diversas vezes, abre aspas, Vou matar você, fecha aspas, e, abre aspas, Não vou para a porra de uma cadeia, prefiro morrer, fecha aspas. Tentei acalmá-lo, garantindo-lhe que a situação poderia ser resolvida pacificamente, e pedi mais uma vez que ele fosse comigo à delegacia para conversarmos num ambiente adequado. Ele estava extremamente agitado e não pareceu entender o que eu estava dizendo. A essa altura eu tinha começado a me preocupar com a possibilidade de que o suspeito estivesse sob o efeito de alguma droga, possivelmente cocaína, ou de alguma doença mental, já que seu comportamento era irracional e ele parecia altamente explosivo...

Seu maxilar estava tenso.

– E ainda por cima você vai fazer de mim um louco. É assim que quer que se lembrem de mim.

– O que quer que dê resultado. Fiz inúmeras tentativas de convencer o suspeito a sentar, para conseguir algum controle da situação, sem nenhum efeito. Suspeito cada vez mais agitado. A essa altura, ele estava andando para lá e para cá, resmungando consigo mesmo e dando socos nas paredes e na própria cabeça. Finalmente, suspeito pegou... Vamos lhe dar alguma coisa mais séria que uma garrafa. Você não vai querer ser derrotado, parecendo um veadinho. O que você tem? – Dei uma boa olhada pela sala. Uma caixa de ferramentas, é claro, bem

guardada debaixo de uma cômoda. – Aposto que tem uma chave inglesa ali dentro, certo? Suspeito apanhou uma chave inglesa de uma caixa de ferramentas aberta, ver fotos anexas, e repetiu sua ameaça de me matar. Ordenei-lhe que largasse a arma e tentei sair do seu raio de alcance. Ele continuou a avançar na minha direção e tentou atingir minha cabeça. Evitei esse golpe, dei um tiro de advertência por cima do ombro do suspeito... não se preocupe, vou evitar acertar a mobília boa... e o avisei de que, se ele me atacasse outra vez, eu não teria escolha a não ser atirar nele...

– Você não vai fazer isso. Quer contar à sua Holly que você matou o tio Shay?

– Não vou contar praticamente nada a Holly. A única coisa que ela precisa saber é que nunca mais vai chegar perto dessa família nojenta, que não vale nada. Quando ela estiver crescida e mal se lembrar de quem você era, eu lhe explicarei que você era um assassino filho da mãe e que recebeu exatamente o que merecia. – Estava caindo sangue em cima dele do corte na minha têmpora, gotas gordas ensopavam seu pulôver e respingavam no seu rosto. Nenhum de nós dois se importava. – Suspeito tentou mais uma vez me atingir com a chave inglesa, dessa vez com sucesso, ver anexas ficha médica e foto do ferimento na cabeça, porque você pode acreditar em mim, meu caro, vai haver uma belezaza de ferimento na cabeça. O impacto fez com que eu puxasse o gatilho da minha arma, como um reflexo. Creio que, se eu não estivesse parcialmente atordoado pelo golpe, teria sido capaz de dar um tiro paralisante, não letal. Contudo, creio também que, nas circunstâncias, disparar minha arma foi minha única opção e que, se eu tivesse me demorado mais alguns segundos para fazê-lo, minha vida teria corrido sério risco. Assinado, Investigador de Polícia, Francis Mackey. E sem ninguém por perto para desdizer essa belezinha de versão oficial, no que você acha que vão acreditar?

Os olhos de Shay já tinham ultrapassado de longe o bom senso ou a precaução.

– Você me dá nojo – disse ele. – Seu renegado. – E cuspiu sangue na minha cara.

A luz se estilhaçou diante dos meus olhos, como o sol batendo direto em vidro espatifado. Ela me ofuscou e me deixou leve como o ar. Eu sabia que tinha puxado o gatilho. O silêncio era enorme, espalhando-se cada vez mais até cobrir o mundo inteiro. Não restava um som, a não ser o sopro ritmado da minha respiração. Como a enorme vertigem da liberdade de voar, como ares altíssimos e límpidos que quase estouravam meu peito, nada na minha vida tinha chegado à altura daquele momento.

Então aquela luz começou a se apagar e aquele silêncio fresco estremeceu e se partiu, cheio de uma quantidade de formas e ruídos. O rosto de Shay se materializou como uma Polaroid a partir do branco: machucado, espantado,

coberto de sangue, mas ainda ali.

Ele emitiu um som horrível que poderia ter sido uma risada.

– Eu disse. Eu não disse? – Quando sua mão começou a tatear em busca da garrafa de novo, virei o revólver ao contrário e lhe dei uma coronhada na cabeça.

Ele fez um barulho feio de ânsia de vômito e perdeu os sentidos. Algemei seus pulsos para a frente, bem apertados, verifiquei se estava respirando e o encostei na beirada do sofá para ele não engasgar com o sangue. Depois guardei meu revólver e procurei meu celular. Discar não foi fácil. Minhas mãos sujaram de sangue o teclado inteiro e minha têmpora pingava sobre a tela. Precisei ficar limpando a toda hora o telefone na minha camisa. Mantive um ouvido alerta para o som de pés subindo a escada, mas tudo o que ouvi foi o leve palavrório demente da televisão. Ele tinha disfarçado quaisquer baques e grunhidos que pudessem ter se infiltrado pelo assoalho. Depois de umas duas tentativas, consegui ligar para Stephen.

– Detetive Mackey – disse ele, com certa cautela perfeitamente compreensível.

– Surpresa, Stephen. Estou com seu cara. Seguro, algemado e nem um pouco feliz.

Silêncio. Eu estava dando voltas rápidas na sala, com um olho em Shay e o outro verificando se não havia cúmplices inexistentes nos cantos. Eu não conseguia ficar parado.

– Tendo em vista as circunstâncias, seria muito bom se não fosse eu o policial a lhe dar voz de prisão. Creio que você conquistou esse direito, se quiser.

Isso prendeu sua atenção.

– Quero, sim.

– Só para você saber, garoto, esse não é o presente dos sonhos que Papai Noel deixou para você. O Campeão Kennedy vai subir pelas paredes, num grau que eu só consigo começar a imaginar. Suas testemunhas principais são eu, uma criança de 9 anos de idade e uma vagabunda extremamente contrariada que vai negar tudo a respeito de tudo, só por princípio. Suas chances de obter uma confissão são mais ou menos nulas. A atitude inteligente seria você agradecer com cortesia, dizer para eu ligar para a Divisão de Homicídios e voltar para seja lá o que for que você faz nas noites de domingo. Mas, se cumprir a rotina segura não fizer seu gênero, você pode vir aqui, fazer sua primeira prisão num caso de homicídio e dar o melhor de si para sustentar a acusação. Porque ele é o cara.

Stephen nem parou para pensar.

– Onde você está?

– No Faithful Place, nº 8. Toque a campainha do alto, e eu abro para você entrar. É preciso que isso seja feito com muita, muita discrição. Nada de reforços, nada de barulho. Se vier dirigindo, estacione longe para ninguém ver o

carro. E venha depressa.

– Estarei aí em 15 minutos. Valeu, detetive. Obrigado.

Ele estava ali perto, no trabalho. Não havia como o Campeão ter autorizado hora extra. Stephen devia estar fazendo mais uma tentativa solitária para solucionar o caso.

– Estaremos aqui. E, detetive Moran? Parabéns. – Desliguei antes que ele conseguisse desatar a língua e encontrar uma resposta.

Os olhos de Shay estavam abertos.

– Sua nova mulherzinha, é? – disse ele, cheio de dor.

– Esse era um dos astros em ascensão na força policial. Para você só o melhor.

Ele tentou se sentar mais ereto, encolheu-se de dor e se deixou recostar de novo no sofá.

– Eu devia ter sabido que você ia encontrar alguém para lhe puxar o saco, agora que Kevin se foi.

– Você vai se sentir melhor se a gente começar uma briguinha? Porque, se for isso, posso perder as estribeiras. Mas eu teria pensado que nós já tínhamos passado do ponto em que isso fosse fazer diferença.

Shay limpou a boca com as mãos algemadas e examinou as riscas de sangue nelas com uma espécie de interesse estranho, distanciado, como se elas pertencessem a alguma outra pessoa.

– E você realmente vai fazer isso.

Lá embaixo, uma porta se abriu, deixando sair uma explosão de vozes confusas e um berro de nossa mãe.

– Seamus! Francis! O jantar está quase pronto. Tratem de descer e lavar as mãos!

Inclinei-me um pouco para o patamar, mantendo um olho de lince em Shay e ficando a uma distância segura do poço da escada e da linha de visão de minha mãe.

– Já vamos, mãe. Só estamos de bate-papo.

– Venham bater papo aqui! Ou querem que todos se sentem à mesa e esperem até vocês resolverem descer?

Baixei meu tom um pouco e acrescentei um toque de mágoa.

– Nós só estamos... Nós dois precisamos mesmo conversar. Sobre essa coisa toda, sabe? Dá para a gente ficar mais uns minutos, mamãe? Tudo bem?

Um instante de silêncio. Depois, a resposta relutante.

– Tudo bem, então. O jantar aguenta mais dez minutos. Se vocês não estiverem aqui a tempo...

– Obrigado, mamãe. Sério. Você é a maior.

– Claro que sou. Quando ele quer alguma coisa, sou a maior. No resto do tempo... – Sua voz foi sumindo para dentro do apartamento, aos resmungos.

Fechei a porta, passei a tranca, só por medida de segurança, peguei meu celular e tirei fotos da nossa cara, de vários ângulos artísticos.

– Orgulhoso do que fez? – perguntou Shay.

– Está uma beleza. E, devo admitir, seu trabalho também não ficou atrás. Mas isso aqui não é para meu álbum de recordações. É só para a eventualidade de você, em algum momento futuro, resolver começar a se queixar de brutalidade da polícia e tentar jogar na lama o policial que lhe der voz de prisão. Sorria! – Ele me deu um olhar que poderia ter esfolado um rinoceronte a 10 metros de distância.

Assim que eu tinha registrado o essencial, fui à cozinha – pequena, vazia, imaculada e deprimente – e molhei um perfix para limpar o sangue. Shay afastou a cabeça com um movimento brusco.

– Não toque em mim. Deixe seus colegas verem o que você fez, já que está tão orgulhoso.

– Francamente, meu caro, não ligo a mínima para meus colegas. Eles já me viram fazer coisa pior. Mas daqui a alguns minutos eles vão descer com você por essa escada e vão seguir pelo beco; e me ocorreu que a vizinhança inteira não precisa saber o que está acontecendo aqui. Estou só tentando manter a dramaticidade no nível mínimo. Se esse não for seu estilo, faça o favor de me informar, e eu lhe darei mais um tapa ou dois, para completar.

Shay não respondeu, mas calou a boca e ficou parado enquanto eu terminava de limpar o sangue do seu rosto. O apartamento estava em silêncio, só se ouviam um leve trecho de música, vindo de algum lugar que eu não conseguia identificar, e um vento irrequieto perambulando por baixo do telhado acima de nós. Eu não conseguia me lembrar de jamais ter olhado para Shay de tão perto, perto o suficiente para ver todos os detalhes que só pais e amantes se dão ao trabalho de ver: as curvas nítidas, selvagens, dos ossos por baixo da pele; os primeiros pontos dos pelos da barba começando a surgir; os desenhos intrincados formados por seus pés de galinha; e como seus cílios eram densos. O sangue tinha começado a criar uma crosta escura no queixo e em torno da boca. Por um segundo estranho, eu me flagrei sendo delicado.

Não havia muito que eu pudesse fazer para amenizar o olho roxo ou o calombo no queixo, mas, quando terminei, ele estava pelo menos um pouco mais apresentável. Dobrei novamente o perfix e trabalhei no meu próprio rosto.

– Como estou?

– Está ótimo – disse ele, mal olhando para mim.

– Se é o que você acha. Como eu disse, não faz diferença para mim o que o beco vir.

Isso o fez olhar direito. Daí a um instante, ele fincou um dedo, quase com relutância, no canto da boca.

– Ali.

Dei mais uma esfregada na bochecha e ergui uma sobrancelha para ele. Ele fez que sim.

– Ok – disse eu. O pano estava manchado com enormes marcas de sangue, voltando novamente ao tom de vermelho vivo nos lugares em que a água as reavivou, passando através das dobras. Estava começando a se infiltrar para minhas mãos.

– Ok Peraí um segundo.

– Como se eu tivesse escolha.

Enxaguei o pano, uma porção de vezes, na pia da cozinha, joguei-o na lata do lixo, para a equipe de busca encontrar mais tarde, e esfreguei muito minhas mãos. Depois voltei para a sala. O cinzeiro estava debaixo de uma cadeira, num monte de cinzas espalhadas, meus cigarros estavam num canto, e Shay estava onde eu o tinha deixado. Sentei-me no chão diante dele, como se fôssemos dois adolescentes numa festa, e pus o cinzeiro entre nós. Acendi dois cigarros e enfiei um entre seus lábios.

Shay respirou fundo, fechando os olhos, e deixou a cabeça cair para trás, no sofá. Eu me recostei na parede.

– Por que você não me deu o tiro? – perguntou ele, depois de um tempo.

– Está se queixando?

– Não seja um perfeito idiota. Estou só perguntando.

Fui me soltando da parede – o que exigiu algum esforço, meus músculos estavam começando a se enrijecer – e estendi a mão até o cinzeiro.

– Acho que você estava certo o tempo todo – disse eu. – Acho que, no fundo, agora sou um policial.

Ele fez que sim, sem abrir os olhos. Ficamos ali sentados, os dois, em silêncio, escutando o ritmo da respiração um do outro e aquela leve música indefinível que vinha de algum lugar, só nos mexendo para nos inclinarmos para a frente e bater as cinzas. Foi o momento de maior tranquilidade que nós chegamos a ter juntos, na vida inteira. Quando a campainha soou ruidosa, quase pareceu uma intromissão.

Atendi rápido, antes que alguém visse Stephen parado ali fora. Ele subiu a escada correndo com a mesma leveza de Holly descendo. A corrente de vozes que vinha da casa da minha mãe nunca se alterava.

– Shay, esse é o detetive Stephen Moran. Detetive, esse é meu irmão, Seamus Mackey.

A expressão do garoto indicava que ele já tinha chegado a essa conclusão. Shay olhou para Stephen sem absolutamente nenhuma expressão naqueles olhos inchados, sem curiosidade, sem nada a não ser um tipo de exaustão concentrada, que fez minha espinha querer se encurvar só de olhar para ela.

– Como você pode ver – disse eu –, tivemos um pequeno desentendimento. Talvez você queira verificar se houve alguma concussão. Tenho tudo registrado

para consulta futura, se você precisar de fotografias.

Stephen estava examinando Shay com todo o cuidado, da cabeça aos pés, sem deixar passar um centímetro.

– Eu talvez queira, sim. Obrigado. Vai querê-las de volta agora? Posso usar as minhas. – Ele apontava para minhas algemas.

– Não pretendo prender mais ninguém nesta noite. Faça com que cheguem às minhas mãos qualquer hora dessas. Ele é todo seu, detetive. Ainda não ouviu seus direitos. Deixei essa parte para você. Trate de ser cuidadoso com os detalhes técnicos, por sinal. Ele é mais inteligente do que parece.

– O que nós...? – começou Stephen, escolhendo as palavras com tato. – Quer dizer... sabe? Qual é a suspeita razoável para a prisão sem mandado?

– Creio ser provável que essa história tenha um final mais feliz, se eu não despejar todas as nossas provas diante do suspeito. Mas confie em mim, detetive, isso aqui não é uma rivalidade desenfreada entre irmãos. Ligo para você daqui a uma hora mais ou menos, para lhe passar uma explicação completa. Até então, você poderá agir com base no seguinte: meia hora atrás ele me fez uma confissão total dos dois homicídios, com motivos profundos e detalhes sobre a forma em que a morte ocorreu que somente o assassino poderia saber. Ele vai negar essa confissão até dizer chega, mas felizmente tenho montes de outros petiscos saborosos reservados para você. Isso aí é só para começar. Acha que é suficiente por ora?

A expressão de Stephen dizia que ele tinha suas dúvidas quanto a essa confissão, mas ele também tinha juízo suficiente para não se meter nisso.

– Isso basta. Obrigado, detetive.

Lá embaixo, minha mãe berrou.

– Seamus! Francis! Se esse jantar sair queimado, eu juro que dou uma surra em vocês dois!

– Preciso ir. Faça um favor para mim. Espere um pouco aqui dentro. Minha filha está lá embaixo, e eu preferiria que ela não visse isso. Dê-me tempo para tirá-la de lá antes de vocês saírem. Ok?

Eu estava falando com os dois. Shay fez que sim, sem olhar para nenhum de nós.

– Sem problema – disse Stephen. – Vamos nos acomodar, certo? – Ele inclinou a cabeça na direção do sofá e estendeu a mão para Shay poder se levantar. Um segundo depois, Shay a aceitou.

– Boa sorte – disse eu. Fechei o zíper da minha jaqueta para esconder o sangue na camisa e surrupiei um boné de beisebol preto – “Bicicletas M. Conaghy” – de um cabideiro para cobrir o corte na minha cabeça. E os deixei lá.

A última coisa que vi foram os olhos de Shay, por cima do ombro de Stephen. Ninguém nunca tinha olhado para mim daquele jeito, nem Liv, nem Rosie: como se ele enxergasse direto até o fundo de mim, sem o menor esforço, sem que

nenhum canto permanecesse encoberto, nem uma única pergunta ficasse sem resposta pelo caminho. Ele não disse palavra.

Minha mãe tinha arrancado todo mundo da frente da televisão e conseguido forçar o idílio de Natal a voltar à atmosfera esperada. A cozinha estava lotada de mulheres, vapor e vozes, os homens estavam sendo conduzidos para lá e para cá, com pratos e pegadores de panela; o ar vibrava com o chiado da carne e o aroma das batatas assadas. Senti-me meio tonto. Parecia que eu tinha ficado anos fora dali.

Holly estava pondo a mesa, com Donna e Ashley. Estavam usando guardanapos de papel com estampas de anjos atrevidos e cantando “Jingle bells, acabou o papel”. Dei a mim mesmo um quarto de segundo para observá-las, só para guardar na mente aquela imagem. E então pus a mão no ombro de Holly e falei baixinho no seu ouvido.

– Amorzinho, precisamos ir agora.

– *Ir? Mas...*

Ela ficou boquiaberta, cheia de indignação, mas tão atordoada que levou um instante para conseguir se preparar para discutir. Lancei-lhe o olhar paterno de emergência máxima, e ela se esvaziou.

– Pegue suas coisas – disse eu. – Depressa. Agora.

Holly largou com força um punhado de talheres na mesa e foi se arrastando rumo ao corredor, tão devagar quanto achou razoável. Donna e Ashley olharam para mim espantadas, como se eu tivesse arrancado a dentadas a cabeça de um coelhinho. Ashley recuou um pouco.

Minha mãe enfiou a cabeça na sala, brandindo um enorme garfo de servir, como se fosse um agulhão.

– Francis! E já não é sem tempo. Seamus está com você?

– Não. Mãe...

– Mãe, não. Mamãe. Você trate de encontrar seu irmão e vocês dois vão lá ajudar seu pai a sair do quarto para o jantar, antes que o assado fique torrado com essa demora de vocês. Ande!

– Mãe. Holly e eu precisamos ir.

Ela ficou de queixo caído. Por um segundo, ficou ali realmente sem saber o que dizer. E então disparou como uma sirene de ataque aéreo.

– *Francis Joseph Mackey!* Você está brincando. Diga neste instante que você está brincando comigo.

– Desculpe, mãe. Fiquei conversando com Shay, perdi a noção da hora, sabe como é. Agora já estamos atrasados. Precisamos ir.

Minha mãe estava com a papada, os bustos e as barrigas todos inflados, prontos para o combate.

– Não me interessa que horas são, o jantar está pronto, e você só sai desta

sala depois de comer. Trate de se sentar. É uma ordem.

– Não dá. Desculpe de novo por todo o trabalho. Holly... – Ela estava no portal, com o casaco meio vestido, pendurado de um braço, os olhos arregalados.  
– Mochila. Agora.

Minha mãe me deu um golpe no braço com o garfo, com força suficiente para deixar marca.

– *Não se atreva a fazer pouco de mim!* Está querendo que eu tenha um ataque do coração? Foi para isso que você voltou, porque queria ver sua mamãe cair morta diante dos seus olhos?

Com cautela, um a um, o resto da turma estava aparecendo no portal da cozinha atrás dela, para ver o que estava acontecendo. Ashley passou meio abaixada por minha mãe e se escondeu na saia de Carmel.

– Não era uma prioridade minha, mas, se é assim que você quer passar a noite, não posso impedir. Holly, eu disse *agora*.

– Porque, se essa for a única coisa que o fará feliz, pode sair. E espero que fique satisfeito quando eu morrer. Pode ir, saia daqui. Já estou desconsolada com o que aconteceu com o coitado do seu irmão. De qualquer modo, não me resta nenhum motivo para viver...

– Josie! – veio o rugido furioso de lá do quarto. – Que inferno é esse aí fora? – e o inevitável acesso de tosse. Estávamos mergulhados até o pescoço em praticamente todas as razões pelas quais eu tinha mantido Holly longe daquele buraco, e estávamos afundando rápido.

– ... e cá estou eu, apesar de tudo, me matando para tentar preparar um lindo Natal para vocês todos, o dia inteiro e a noite inteira naquele fogão...

– Josie! Porra, para de gritar!

– Pai! As crianças estão aqui! – disse Carmel, cobrindo as orelhas de Ashley com as mãos e parecendo estar com vontade de se encolher no chão e morrer.

A voz de minha mãe já era um guincho e continuava a subir. Eu praticamente podia sentir que ela estava me dando um câncer.

– ... e você, seu filho da mãe ingrato, você nem quer se dar ao trabalho de se sentar para comer conosco...

– Puxa vida, mãe, a tentação é grande, mas acho que não vai dar. Holly, lembra! Mochila. Vamos. – Parecia que a menina estava começando a entrar em estado de choque. Mesmo nos nossos piores momentos, Olivia e eu sempre tínhamos conseguido evitar que ela ouvisse o palavreado mais feroz.

– Deus me perdoe, escutem isso, só *escutem* meu modo de falar, na frente dessas crianças... *Agora*, você está vendo o que me fez fazer?

Mais um golpe com o garfo. Consegui atrair o olhar de Carmel acima da cabeça de minha mãe e dei uma batidinha no relógio. “É o acordo da guarda”, disse eu, num tom discreto e urgente. Eu tinha certeza de que Carmel assistira a muitos filmes em que ex-maridos insensíveis torturavam divorciadas corajosas,

descumprindo acordos da guarda das crianças a seu bel-prazer. Seus olhos se arregalaram. Deixei que ela explicasse o conceito à minha mãe, agarrei o braço de Holly e sua mochila e saí rápido com ela dali. Enquanto descíamos apressados a escada (“Fora, caia fora mesmo, se você não tivesse voltado aqui, perturbando todo mundo, nós ainda teríamos seu irmão vivo...”), consegui ouvir o ritmo equilibrado da voz de Stephen lá em cima, calmo e firme, numa conversa civilizada com Shay.

E então já estávamos fora do nº 8, na noite escura, iluminação pública e silêncio. A porta do hall bateu com violência atrás de nós.

Respirei fundo o ar frio e úmido da noite.

– Meu Deus. – Por um cigarro, eu teria matado alguém sem problema.

Holly se torceu para afastar o ombro de mim e arrancou a mochila da minha outra mão.

– Sinto muito por tudo aquilo lá dentro. Sinto mesmo. Você não deveria ter presenciado aquilo.

Holly não se dignou a responder, nem mesmo a olhar para mim. Ela avançava pelo beco com a boca apertada e o queixo num ângulo revoltado que me dizia que eu ia estar em maus lençóis assim que tivéssemos alguma privacidade. Na Smith’s Road, três carros a partir do meu, detectei o de Stephen, um Toyota incrementado que ele obviamente tinha escolhido dos automóveis à disposição dos detetives para combinar com o ambiente. Stephen tinha discernimento. Eu só percebi por causa do cara artificialmente à vontade no banco do passageiro, que se recusava a olhar na minha direção. Como bom escoteiro, Stephen viera preparado para qualquer coisa.

Holly jogou-se na cadeirinha para crianças e bateu a porta do carro com força suficiente para soltá-la das dobradiças.

– *Por que* a gente tem de ir embora?

Ela realmente não fazia ideia. Tinha deixado toda a situação de Shay nas mãos hábeis do papai. No que lhe dissesse respeito, isso significava que a questão estava resolvida, encerrada e esquecida. Uma das minhas principais ambições era a de que ela seguisse pela vida, ou pelo menos por mais alguns anos de vida, sem descobrir que as coisas não funcionavam exatamente desse jeito.

– Meu benzinho – disse eu, sem ligar o carro. Eu não sabia se conseguiria dirigir. – Preste atenção.

– O jantar está *pronto!* Nós pusemos *pratos* pra você e pra mim!

– Sei. Eu também queria que pudéssemos ter ficado.

– Então, *por que*...

– Sabe aquela conversa que você teve com seu tio Shay? Logo antes de eu chegar?

Holly parou de se mexer. Seus braços ainda estavam cruzados, ferozes, de um lado a outro do peito, mas por trás de uma expressão absolutamente vazia,

sua mente estava a mil tentando entender o que estava acontecendo.

– Acho que sei.

– Você acha que poderia explicar aquela conversa para outra pessoa?

– Você?

– Não, eu não. Um cara que eu conheço do trabalho, chamado Stephen. Ele é só uns dois anos mais velho que Darren, e é muito legal. – Stephen tinha mencionado irmãs. Eu esperava que ele tivesse sido bom com elas. – Ele realmente precisa saber sobre que assunto você e seu tio estavam conversando.

– Eu não lembro – disse Holly, com os cílios trêmulos.

– Meu amor, eu sei que você disse que não contaria para ninguém. Eu ouvi.

– Ouviu o quê? – Um lampejo de azul, veloz, desconfiado.

– Vou apostar que ouvi praticamente tudo.

– Se ouviu,  *você* conta pra esse tal de Stephen.

– Não adianta, queridinha. Ele precisa ouvir direto de você.

Ela estava começando a cerrar os punhos nos lados do pulôver.

– Que pena. Eu não posso  *contar* nada pra ele.

– Holly. Preciso que você olhe para mim. – Daí a um instante, seu rosto foi se voltando, relutante, no máximo uns 5 centímetros na minha direção. – Você se lembra de uma conversa que tivemos sobre como, às vezes, é preciso contar um segredo porque outra pessoa tem o direito de tomar conhecimento dele?

– E daí? – disse ela, dando de ombros.

– E daí que esse segredo é daquele tipo. Stephen está tentando descobrir o que aconteceu com Rosie. – Deixei Kevin de fora: nós já estávamos alguns anos-luz além do limite daquilo a que a menina deveria ser exposta. – É o trabalho dele. E, para fazer o trabalho, ele precisa ouvir sua história.

– Não ligo a mínima. – Um dar de ombros mais enfático.

Só por um segundo, a inclinação obstinada do seu queixo fez com que eu me lembrasse de minha mãe. Eu estava lutando contra todos os instintos que Holly tinha, tudo o que eu havia posto na sua corrente sanguínea direto das minhas próprias veias.

– Você precisa ligar, meu benzinho. Guardar segredos é importante, mas existem casos em que chegar à verdade é ainda mais importante. Quando alguém morreu, quase sempre é um desses casos.

– Ótimo. Então esse tal de Stephen pode ir perturbar alguma outra pessoa e me deixar em paz, porque eu nem mesmo acho que o tio Shay fez nada de errado.

Olhei para ela, tensa, irritada e soltando faíscas como um gatinho selvagem encurralado num canto. Apenas alguns meses antes, ela poderia ter feito o que eu lhe pedia, sem questionamentos, e ainda ter mantido intacta sua confiança no querido tio Shay. Parecia que, cada vez que eu a via, a corda ficava mais fina e o vão mais comprido, até que mais cedo ou mais tarde seria inevitável que eu me

desequilibrasse e perdesse o pé de apoio uma única vez, o que resultaria na nossa queda.

– Ok, filhota – disse eu, sem alterar o tom da voz. – Então deixe-me lhe fazer uma pergunta. Você planejou tudo com muito cuidado para hoje, não foi?

– Não. – De novo, aquele lampejo azul, desconfiado.

– Ora, gatinha. Nesse assunto, eu sou o cara errado para você tentar enganar. Meu trabalho é esse, planejar exatamente esse tipo de coisa. Eu sei quando vejo outra pessoa fazendo o mesmo. Lá atrás, depois que você e eu conversamos pela primeira vez sobre Rosie, você começou a pensar naquele bilhete que tinha visto. Então você me fez perguntas sobre ela, de um jeito bem legal e sem pressão; e, quando descobriu que ela tinha sido minha namorada, você soube que ela devia ser a pessoa que tinha escrito o bilhete. Foi aí que você começou a se perguntar por que seu tio Shay teria um bilhete de uma garota morta enfiado numa gaveta. Diga-me se eu estiver errado.

Nenhuma reação. Armar esse cerco contra ela como se ela fosse uma testemunha me deixava tão cansado que minha vontade era a de deslizar do banco e adormecer no chão do carro.

– E então... você tratou de me convencer a trazê-la à casa da vovó hoje. Deixou o dever de matemática por último, o fim de semana inteiro, para poder trazê-lo junto e usá-lo para ficar sozinha com seu tio Shay. E depois você não parou de lhe fazer perguntas até chegar ao assunto do bilhete.

Holly estava mordendo firme o lado de dentro do lábio inferior.

– Não estou lhe dando uma bronca. Sua atuação nisso tudo foi impressionante. Estou só esclarecendo os fatos.

– E daí? – Ela deu de ombros mais uma vez.

– Então, esta é minha pergunta. Se você achava que seu tio Shay não tinha feito nada de errado, por que você se deu a todo esse trabalho? Por que simplesmente não me contou o que tinha encontrado para que eu conversasse com ele sobre o bilhete?

– Não era da sua conta – disse ela, com a cabeça voltada para o colo, quase baixo demais para ser inteligível.

– Só que era, meu amorzinho. E você sabia que era. Você sabia que Rosie era alguém de quem eu gostava. Sabe que sou um investigador e que eu estava tentando descobrir o que tinha acontecido com ela. Isso faz com que o bilhete dela fosse da minha conta, sim. E na verdade ninguém lhe pediu que o guardasse em segredo para começo de conversa. Então, por que você não me contou? Só se foi porque você sabia que havia alguma coisa esquisita nele.

Holly desenrolou um fio de lã vermelha da manga de seu cardigã, esticou-o entre os dedos e o examinou. Por um segundo, achei que ela fosse responder, mas em vez disso fez uma pergunta.

– Como era a Rosie?

– Era corajosa. Era teimosa. Era divertida. – Eu não sabia ao certo aonde aquilo ia dar, mas Holly estava me olhando de esguelha, atenta, como se fizesse diferença. A luz amarela baça dos postes da rua deixava seus olhos mais escuros e mais complicados, difíceis de interpretar. – Ela gostava de música, aventuras, bijuteria e das amigas. Tinha planos maiores do que qualquer outra pessoa que eu conheci. Quando se importava com alguma coisa, não a deixava de lado, sem se incomodar com o que acontecesse. Você teria gostado dela.

– Não teria, não.

– Quer acredite, ou não, você teria, sim. E ela teria gostado de você.

– Você gostava dela mais do que da mamãe?

– Não – respondi, surpreso, e a palavra saiu tão nítida e simples que eu não conseguia ter certeza se era mentira. – Eu gostava dela de um jeito diferente. Não mais. Só diferente.

Holly ficou olhando pela janela, torcendo o fio de lã entre os dedos, imersa em seus próprios pensamentos. Não a interrompi. Lá na esquina, um bando de meninos pouco mais velhos que ela estava brincando de se empurrar uns aos outros de cima de um muro, tagarelando e rosnando como macacos. Pude ver o clarão de um cigarro e o cintilar de latas.

– Tio Shay matou Rosie? – perguntou Holly, por fim, numa voz baixa, tensa, neutra.

– Eu não sei. Não cabe a mim decidir isso, nem a você. Isso é tarefa para um juiz e um júri.

Eu estava tentando fazer com que ela se sentisse melhor, mas ela cerrou os punhos e bateu forte com eles nos joelhos.

– Papai, não. Não é isso o que quero saber. Não ligo pro que vão decidir! Estou falando *de verdade*. Ele matou?

– Sim, Holly. Tenho bastante certeza de que sim.

Mais um silêncio, dessa vez mais longo. Os macacos no muro tinham passado para a diversão de esmagar salgadinhos no rosto uns dos outros, dando assovios de incentivo. Por fim, Holly falou, ainda com aquela voz tensa e baixa.

– Se eu contar pro Stephen sobre o que eu e o tio Shay estávamos conversando...

– Sim?

– Então o que vai acontecer?

– Não sei – disse eu. – Vamos ter de esperar para descobrir.

– Ele vai ser preso?

– Pode ser que sim. Depende.

– Depende de mim?

– Em parte. Em parte depende de um monte de outras pessoas também.

Sua voz vacilou, só um pouco.

– Mas ele nunca fez nada de *ruim* comigo. Ele me ajuda com o dever de

casa. E nos ensinou, a mim e a Donna, a fazer sombras com as mãos. E me deixa tomar um golinho do seu café.

– Eu sei, meu amor. Ele está sendo um bom tio para você, e isso é importante. Mas ele fez outras coisas também.

– Não *quero* fazer nada pra ele ir preso.

Tentei olhar nos seus olhos.

– Meu amorzinho, me escute. Não importa o que aconteça, não será por sua culpa. Seja lá o que for que Shay fez, ele fez sozinho. Não foi você.

– Mesmo assim ele vai ficar com raiva. E a vovó, Donna e a tia Jackie. Todos eles vão me odiar por falar. – Aquela oscilação na sua voz estava ficando mais descontrolada.

– Eles vão ficar chateados, sim. E há uma chance de que eles descontem isso em você por um tempo, só no início. Mas, mesmo que façam isso, vai acabar passando. Todos eles sabem que nada disso foi culpa sua, exatamente como eu sei.

– Você não sabe com certeza. Eles poderiam me odiar pra sempre. Você não tem como garantir.

Seus olhos estavam arregalados, acoissados. Desejei ter batido em Shay, com muito mais força, enquanto tive a oportunidade.

– Não – disse eu. – Não tenho como garantir.

Holly empurrou com violência os dois pés contra o encosto do banco do passageiro.

– Eu não *quero* nada disso! Quero que todo mundo desapareça e me deixe em paz. Queria nunca ter visto a droga do bilhete!

Mais uma batida que fez o banco balançar para a frente. Eu não me importava se ela quebrasse meu carro inteiro, se isso lhe desse algum alívio, mas ela estava pondo tanta força que poderia se machucar. Eu me virei rápido e pus meu braço entre seus pés e o encosto do banco. Ela emitiu um som revoltado, indefeso, e se contorceu furiosa, tentando dar um chute direto sem me atingir, mas eu segurei seus tornozelos e não soltei.

– Eu sei, meu amor, eu sei. Eu também não quero nada disso, mas é o que se apresenta. E bem que eu queria poder dizer que tudo vai ficar bem, quando disser a verdade, mas não posso. Não posso nem mesmo garantir que você vá se sentir melhor. Pode ser que se sinta, mas da mesma forma pode ser que acabe se sentindo pior. Tudo o que posso dizer é que você precisa fazer isso, de um jeito ou de outro. Algumas coisas na vida não dá para a gente escolher.

Holly tinha se deixado cair para trás no assento para crianças. Ela respirou fundo e tentou dizer alguma coisa, mas em vez disso tampou a boca com a mão e começou a chorar.

Eu estava prestes a saltar do carro e entrar no banco de trás para lhe dar um abraço apertado. Mas bem a tempo caiu a ficha. Aquilo ali não era uma

criancinha se esgoelando, à espera de que o papai a apanhasse no colo e remediasse tudo. Nós tínhamos deixado isso para trás, em algum lugar do Faithful Place.

Preferi estender minha mão e segurar a mão livre de Holly. Ela se agarrou como se estivesse caindo. Ficamos sentados ali desse jeito. Ela, com a cabeça encostada na janela, com soluços enormes e mudos sacudindo todo o seu corpo, por muito tempo. Atrás de nós, ouvi vozes de homens trocando alguns comentários bruscos, portas de carros sendo fechadas com força e depois Stephen indo embora.

Nenhum de nós estava com fome. Mesmo assim, fiz Holly comer um croissant de queijo de aparência radioativa, que compramos numa loja de conveniência no caminho, mais por mim mesmo do que por ela. E então a levei de volta para a casa de Olivia.

Estacionei na frente da casa e me virei para olhar para Holly. Ela estava chupando uma mecha de cabelo e olhando pela janela, com olhos arregalados, apesar da expressão sonhadora, como se o cansaço e a sobrecarga a tivessem deixado num transe. Em algum ponto do caminho, Holly tinha tirado Clara da mochila.

– Você não terminou seu dever de matemática. A sra. O'Donnell vai se aborrecer por isso? – perguntei.

Por um segundo, Holly deu a impressão de ter se esquecido de quem era a sra. O'Donnell.

– Ah, eu não ligo. Ela é uma grossa.

– Aposto que é. E não há motivo pra você ter de ouvir nenhuma grosseria por isso, ainda por cima. Onde está seu caderno?

Ela remexeu na mochila, tirou o caderno, em câmera lenta, e o entregou para mim. Eu folhiei até encontrar a primeira página em branco e escrevi: *Prezada sra. O'Donnell, peço-lhe o favor de desculpar Holly por não ter terminado o dever de matemática. Ela não esteve bem neste fim de semana. Se houver qualquer problema, pode me ligar quando quiser. Muito obrigado, Frank Mackey.* Na página oposta, vi a letra redonda e esforçada de Holly: *Se Desmond tem 342 pedaços de frutas...*

– Pronto – disse eu, devolvendo-lhe o caderno. – Se ela lhe criar qualquer problema, você lhe dá meu telefone e diz para ela largar do seu pé. OK?

– Tá. Obrigada, papai.

– Sua mãe vai precisar tomar conhecimento disso. Deixe que eu dou as explicações.

Holly fez que sim. Guardou o caderno, mas não saiu do lugar, abrindo e fechando a fivela do cinto de segurança.

– O que está incomodando você, querida?

– Foi feio você e a vovó brigando um com o outro.

– É. Foi.

– Como é que pode acontecer isso?

– Nós não deveríamos ter brigado. Mas, de vez em quando, um simplesmente tira o outro do sério. Ninguém neste mundo consegue enlouquecer a gente como nossa família.

Holly enfiou Clara na mochila e olhou para ela, afagando com um dedo o focinho púido.

– Se eu fizesse alguma coisa errada, você contaria mentiras pra polícia pra não me deixar encrencada com eles?

– Contaria, sim. Eu mentiria para a polícia, para o papa e para o presidente do mundo até ficar roxo, se fosse necessário. Seria uma coisa errada, mas eu a faria mesmo assim.

Holly me deu o maior susto, inclinando-se para a frente entre os bancos, enrolando os braços no meu pescoço e grudando seu rosto no meu. Dei-lhe um abraço tão forte que eu podia sentir seu coração batendo encostado no meu peito, veloz e leve como o de um pequeno animal selvagem. Havia um milhão de coisas que eu precisava lhe dizer, cada uma delas essencial, mas nenhuma conseguia chegar à minha boca.

Finalmente Holly suspirou, um suspiro enorme, trêmulo, e se desvencilhou do abraço. Ela saltou do carro e arrumou a mochila nas costas.

– Se eu tiver de falar com esse tal de Stephen, poderia ser em qualquer dia que não fosse a quarta? Porque quero ir brincar na casa da Emily.

– Nenhum problema, meu amorzinho. No dia que for bom para você. Vá, agora. Daqui a pouco eu entro. Só preciso dar um telefonema.

Holly concordou. Seus ombros estavam caídos como que exaustos; mas, à medida que ia avançando no caminho da entrada, ela sacudiu um pouco a cabeça e se empertigou. Quando Liv abriu a porta, de braços abertos, aquelas costas estreitas estavam retas e firmes como aço.

Fiquei onde estava, acendi um cigarro e consumi mais ou menos a metade dele numa tragada. Quando tive certeza de que conseguiria controlar minha voz, liguei para Stephen.

Ele estava em algum lugar com uma recepção péssima, supostamente nas profundezas do labirinto de salas da Homicídios, no castelo de Dublin.

– Sou eu. Como vão as coisas?

– Nem tão mal assim. Como você disse, ele está negando tudo, e isso é quando ele se dá ao trabalho de me responder. Na maior parte das vezes, ele se recusa a falar, a não ser para me perguntar se seu rabo é gostoso.

– Ele é uma simpatia. Está no sangue da família. Não se deixe perturbar.

Stephen deu uma risada.

– Ah, meu Deus, não me importo. Ele pode dizer o que quiser. A verdade é

que sou eu que vou para casa quando terminarmos. Mas me diga aí. O que você tem? Alguma coisa que possa estimulá-lo a falar um pouco?

Ele estava elétrico e pronto para continuar trabalhando pelo tempo que fosse necessário. E sua voz estava transbordando com uma segurança totalmente nova. Procurava parecer discreto, cheio de tato, mas bem no fundo o garoto estava se divertindo como nunca.

Transmiti-lhe tudo o que sabia e como tinha sabido, até o último detalhe rançoso e fedorento. Informação é munição, e Stephen não precisava de nenhuma pólvora seca no seu arsenal.

– Ele gosta de nossas irmãs, especialmente de Carmel, e da minha filha, Holly. Até onde eu saiba, é só isso mesmo. Ele odeia minha sombra. E odiava a de Kevin, mas não gosta de admitir. E ele odeia a vida que leva. Ele tem uma injeção doentia de qualquer um que não odeie a própria vida, e isso quase decididamente inclui você. E, como você já deve ter percebido, por uma coisa e outra, ele é estourado.

– Ok – disse Stephen, quase para si mesmo. Sua cabeça estava a mil. – Ok, é. Vou poder usar isso.

O garoto estava se tornando um cara dos meus.

– É, vai poder, sim. Mais uma coisa, Stephen: até esta noite, ele imaginava estar a um passo de escapar. Achava que estava prestes a comprar a loja de motocicletas onde trabalha, largar nosso pai num asilo, mudar-se dali e finalmente ter sua oportunidade de uma vida digna de ser vivida. Algumas horas atrás, ele se achava capaz de aproveitar a vida.

Silêncio, e por um segundo eu me perguntei se Stephen tinha considerado isso um convite para acionar sua compaixão.

– Se eu não conseguir fazê-lo falar com isso – disse ele, então –, não mereço que ele chegue a falar.

– Essa seria minha ideia. Vai fundo, garoto. Não deixe de me manter informado.

– Você se lembra – e então a recepção foi por água abaixo e sua voz se transformou num monte de chiados embaralhados. Consegui ouvir – ... tudo o que eles têm... – antes que a linha caísse e não restasse mais nada além de um bipe sem sentido.

Baixei o vidro da minha janela e fumei mais um cigarro. As decorações de Natal também estavam começando a ser expostas ali – coroas nas portas, um cartaz de “PAPAI NOEL, PARE AQUI, POR FAVOR” fincado meio de lado num jardim – e o ar da noite já estava tão gelado e cristalino que finalmente dava para se ter a sensação de que era inverno. Joguei minha guimba fora e respirei fundo. Fui então até a porta de Olivia e toquei a campainha.

Liv atendeu, de chinelos, com o rosto lavado, pronta para ir dormir.

– Eu disse a Holly que ia entrar para lhe dar boa-noite.

– Holly está dormindo, Frank Já está na cama há séculos.

– Ah. Ok – Sacudi a cabeça, tentando desanuviá-la. – Faz muito tempo que estou lá fora?

– Tanto tempo que estou surpresa de a sra. Fitzhugh não ter chamado a polícia. Hoje em dia ela vê tarados por toda parte.

No entanto, ela estava sorrindo, e o fato de não parecer contrariada comigo por eu estar ali me deu uma ridícula sensação de aconchego.

– Aquela mulher sempre foi meio desmiolada. Você se lembra daquela vez que nós... – Vi o retraimento nos olhos de Liv e me contive antes que fosse tarde demais. – Ouça, tudo bem se eu entrar por alguns minutos? Tomar um café, desanuviar a cabeça antes de voltar para casa? Quem sabe ter uma conversa rápida sobre a Holly? Prometo não abusar da hospitalidade.

É claro que minha aparência espelhava como eu estava me sentindo, ou pelo menos espelhava o suficiente para acionar a compaixão de Liv. Daí a um instante, ela segurou a porta aberta para mim.

Ela me levou ao jardim de inverno – o gelo estava começando a se acumular nos cantos das vidraças, mas o aquecimento estava ligado e o lugar estava gostoso e aconchegante – e voltou à cozinha para fazer o café. As luzes estavam fracas. Tirei o boné de beisebol de Shay e o enfiei no bolso da jaqueta. Ele cheirava a sangue.

Liv trouxe o café numa bandeja, com as xícaras boas e até mesmo uma pequena jarra de leite.

– Parece que você teve um fim de semana daqueles – disse ela, acomodando-se na poltrona.

Não consegui me forçar a contar.

– É a família. E como vai você? E o Dermo?

Fez-se um silêncio, enquanto Olivia mexia seu café e decidia de que modo responder. Por fim, ela suspirou, um som ínfimo que não tinha sido para eu ouvir.

– Eu lhe disse que achava que não devíamos continuar a nos ver – disse ela.

– Ah – disse eu. – Fui apanhado de surpresa pela sensação veloz e agradável de felicidade que atravessou todas as camadas sombrias enroladas em torno da minha cabeça. – Algum motivo em particular?

Um pequeno dar de ombros, elegante.

– Achei que não combinávamos.

– E Dermo concordou?

– Logo, logo, ele teria concordado. Bastava mais alguns encontros. Eu só cheguei à conclusão antes.

– Como de costume – disse eu. Eu não estava querendo implicar com ela, e Liv deu um sorrisinho, só para sua xícara. – Pena que não funcionou.

– Pois é. Não se pode ganhar sempre... E você? Tem saído com alguém?

– Não ultimamente. Não que desse para perceber. – Olivia desistiu de Dermot

era o melhor presente que a vida me dava havia um bom tempo – pequeno, mas perfeito; aceita-se o que se apresenta – e eu sabia que, se me arriscasse, era provável que o fizesse em pedaços, mas não consegui me impedir. – Quem sabe, uma noite dessas, se você estiver livre e nós conseguirmos uma babá, você gostaria de jantar comigo? Não sei se seria possível o Coterie, mas é provável que eu consiga algum lugar melhor do que o Burger King.

As sobrancelhas de Liv se arquearam e ela voltou o rosto para mim.

– Você está querendo dizer... O que você está querendo dizer? Como num encontro?

– Bem – disse eu. – É. Acho que sim. Exatamente como num encontro.

Um longo silêncio, enquanto coisas passavam por trás dos seus olhos.

– Eu escutei o que você disse na outra noite, sabe? Sobre as pessoas destruírem a cabeça umas das outras. Ainda não sei se concordo com você, mas estou tentando agir como se você tivesse razão. Estou fazendo um grande esforço, Olivia.

Liv recostou a cabeça e ficou olhando a Lua passar pelas janelas.

– A primeira vez que você levou Holly para o fim de semana, fiquei apavorada. Não consegui pregar os olhos o tempo todo, até ela voltar. Sei que você achava que lutei pelos fins de semana por puro rancor, mas não era nada disso. Eu tinha certeza de que você ia pegar Holly, embarcar num avião e que eu nunca mais veria nenhum de vocês dois.

– A ideia tinha me ocorrido, sim – disse eu.

Vi o tremor passar pelos seus ombros, mas sua voz continuou firme.

– Sei. Mas você não executou o plano. Não me iludo com a possibilidade de ter sido por mim. Em parte, foi porque ir embora significava largar seu emprego, mas principalmente foi porque teria magoado Holly; e isso você não queria. Por isso, ficou aqui.

– É – disse eu. – Bem, faço o que posso. – Eu estava menos convencido do que Liv de que ficar por aqui seria pelo bem de Holly. A menina podia estar me ajudando a cuidar de um bar de praia em Corfu, bronzeando-se e sendo totalmente mimada pelos moradores do local, em vez de ter sua cabeça sob bombardeio cerrado de nossas famílias.

– Foi isso o que eu quis dizer no outro dia. As pessoas não *têm* de se ferir só porque se amam. Você e eu nos fizemos infelizes um ao outro porque foi isso o que decidimos, não porque fosse algum tipo de destino inevitável.

– Liv, preciso lhe contar uma coisa.

Eu tinha passado a maior parte do caminho de vinda tentando descobrir um jeito de lhe contar a história sem dramaticidade. Revelou-se que não existia nada que se assemelhasse a isso. Omiti tudo o que pude e atenuei o resto, mas, quando terminei, Olivia estava olhando assustada para mim, com a ponta dos dedos trêmulos apertando a boca.

– Meu bom Deus – disse ela. – Ah, meu Deus. *Holly*.

– Ela vai se recuperar – disse eu, com toda a convicção que pude encontrar.

– Sozinha, com um... *Meu Deus*, Frank, precisamos... o que vamos...

Fazia muito tempo desde a última vez que Liv tinha me deixado vê-la em qualquer atitude que não fosse equilibrada e bem arrumada, com uma armadura perfeita. Desse jeito, agitada, natural e louca para proteger a filha, ela conseguiu me desarmar. Eu sabia que era melhor não abraçá-la, mas inclinei-me e enlacei seus dedos nos meus.

– Calma, querida. Calma. Vai dar tudo certo.

– Ele a ameaçou? A assustou?

– Não, querida. Ele fez com que ela ficasse preocupada, confusa e constringida, mas tenho quase certeza de que ela nunca teve a sensação de estar correndo perigo. Eu também acho que ela não estava. Naquele seu modo incrivelmente doentio, ele realmente gosta dela.

A cabeça de Liv já estava voando lá adiante.

– O caso tem boa sustentação? Ela vai precisar depor?

– Não sei ao certo. – Nós dois conhecíamos a lista das condições: se a Promotora Pública decidisse processar, se Shay não se declarasse culpado, se o juiz considerasse Holly capaz de fazer um relato preciso dos acontecimentos... – Se eu precisasse apostar dinheiro nisso, então, sim, eu apostaria que sim.

– Meu bom Deus – disse Olivia, outra vez.

– Não vai ser tão cedo.

– Não vem ao caso. Eu já vi o que um bom advogado pode fazer com uma testemunha. Eu já *fiz*. Não quero que aconteça com Holly.

– Você sabe que não há nada que possamos fazer a respeito – disse eu, com delicadeza. – Vamos só precisar ter confiança de que ela se saia bem. É uma menina forte. Sempre foi. – Por uma fígada de segundo, lembrei-me de estar sentado naquele jardim de inverno, em noites de primavera, observando uma coisa feroz e minúscula ricocheteando dentro da barriga de Olivia, pronta para enfrentar o mundo.

– Ela é forte, sim. Mas não faz *diferença*. Nenhuma criança neste *mundo* é forte o suficiente para isso.

– Holly vai ser, porque ela não tem escolha. E Liv... você já sabe isso também, mas você não pode conversar sobre o caso com ela.

De repente Olivia soltou a mão da minha e endireitou a cabeça, pronta para defender a cria.

– Ela vai precisar falar, Frank Não posso começar a imaginar como isso tudo foi para ela. *Não quero* que ela reprima a história toda...

– Certo, mas não pode ser você a pessoa com quem ela vai falar, nem eu. No que diz respeito a um júri, ainda é uma promotora, qualquer participação sua será tendenciosa. Um sinal de que você ensaiou qualquer coisa com ela e o caso

inteiro vai por água abaixo.

– Não ligo a mínima para o *caso*. Com quem mais ela vai poder falar? Você sabe perfeitamente bem que ela se recusa a conversar com psicólogos. Quando nos separamos, ela não quis dizer uma palavra para aquela mulher... Não quero que isso a prejudique para a vida inteira. Não quero.

Esse otimismo dela, a crença de que o mal já não tivesse sido feito, me pegou direto por dentro das costelas e me espremeu.

– Não. Eu sei que você não quer. Vamos fazer o seguinte: Holly conversa com você tanto quanto precisar. Você só se certifica de que ninguém descubra. E isso me inclui. Ok?

Os lábios de Olivia se crisparam, mas ela não disse nada.

– Sei que não é o ideal.

– Achei que você era terrivelmente contrário a ela guardar segredos.

– E sou. Mas agora é um pouco tarde para isso ser uma prioridade. Então, tanto faz.

– Suponho que a tradução disso seja “Eu não disse?” – comentou Liv, com um tom áspero de cansaço no fundo da sua voz.

– Não – disse eu, falando sério. Percebi a surpresa na virada rápida da sua cabeça na minha direção. – Claro que não. O que eu quero dizer é que nós dois metemos os pés pelas mãos nesse caso, eu e você, e agora o melhor que podemos fazer é nos concentrar na contenção de danos. E sei que você terá um sucesso impressionante nessa missão.

Sua expressão ainda estava desconfiada e exausta, esperando pela guinada súbita.

– Nenhum significado oculto desta vez. Eu lhe garanto. Neste momento, só estou feliz de você ser a mãe de Holly.

Peguei Liv desprevenida. Seus olhos se desviaram dos meus e ela se mexeu inquieta na poltrona.

– Você devia ter me contado assim que vocês chegaram. Você me deixou pôr Holly para dormir, como se tudo estivesse *normal*...

– Sei que fiz isso. Achei que seria bom para ela um pouco de normalidade na noite de hoje.

Ela se mexeu novamente, um movimento brusco.

– Preciso ver como ela está.

– Se ela acordar, vai nos chamar. Ou vai descer.

– Pode ser que não. Não demoro quase nada.

E ela se foi, subindo apressada a escada, silenciosa como um gato. Havia algo estranhamente reconfortante nesse pequeno hábito. Costumávamos passar por ele umas dez vezes por noite, no tempo em que Holly era um bebê: um bipe na babá eletrônica e Olivia precisava ir se certificar de que Holly ainda estava dormindo, por mais que eu tentasse tranquilizá-la, dizendo que o bebê tinha um

bom par de pulmões e era perfeitamente capaz de nos fazer saber se precisasse de nós. Liv nunca teve medo da morte súbita do bebê, de Holly cair do berço e machucar a cabeça ou de qualquer outro dos fantasmas normais que assombram os pais. Tudo o que a preocupava era que Holly acordasse, no meio da noite, e achasse que estava totalmente só.

– Em sono profundo – disse Olivia, de volta.

– Ótimo.

– Ela parece estar tranquila. Converso com ela de manhã. – Liv deixou-se cair na poltrona e afastou o cabelo para trás. – E você está bem, Frank? Eu nem pensei em perguntar, mas, meu Deus, que noite não deve ter sido...

– Estou bem – disse eu. – Mas já estou de saída. Obrigado pelo café. Eu estava precisando.

Liv não forçou a barra.

– Você está bem para ir dirigindo até sua casa?

– Nenhum problema. Nos vemos na sexta.

– Dê uma ligada para Holly amanhã. Mesmo que você ache que não deveria falar com ela a respeito... de tudo isso. Ligue de qualquer modo.

– É claro. Eu ia mesmo ligar. – Bebi o último gole do meu café e me levantei.

– Só para eu me situar. Suponho que aquele encontro agora esteja fora de cogitação.

Olivia ficou olhando muito tempo para mim.

– Nós teríamos de ter muito cuidado para não dar esperanças a Holly.

– Isso nós podemos fazer.

– Porque não consigo ver muita chance de dar certo. Não depois... Meu Deus. Depois de tudo isso.

– Eu sei. Eu só gostaria de tentar.

Olivia mudou de posição na poltrona. O luar iluminou seu rosto de outro ângulo e seus olhos desapareceram nas sombras. Tudo o que eu conseguia ver eram as curvas delicadas e altivas da sua boca.

– Isso para você ter certeza de que fez todos os esforços possíveis. Antes tarde do que nunca, suponho.

– Não – disse eu. – É porque eu gostaria mesmo de ter um encontro com você.

Eu sentia que ela ainda me observava, do meio das sombras.

– Eu também gostaria – disse ela, por fim. – Obrigada pelo convite.

Por um instante confuso, eu quase me aproximei dela, quase me estendi para fazer não sei o quê: agarrá-la, apertá-la num abraço, cair de joelhos no piso de mármore e afundar meu rosto no seu colo macio. Controlei-me, trincando os dentes com tanta força que quase desloquei meu maxilar. Quando consegui voltar a me mexer, levei a bandeja de volta para a cozinha e fui embora.

Olivia permaneceu imóvel. Abri a porta sozinho. Pode ser que eu tenha dado

boa-noite, mas não me lembro. Ao longo do caminho até o carro, eu a sentia atrás de mim, seu calor, como uma luz branca nítida e firme no jardim de inverno escuro. Foi só isso que conseguiu me levar à minha casa.

Deixei minha família em paz, enquanto Stephen organizava o caso e enquadrava Shay em duas acusações de homicídio; e enquanto o Tribunal Superior rejeitava o pedido de Shay, de liberdade sob fiança. George, que Deus o abençoe e proteja, permitiu que eu voltasse ao trabalho sem dizer uma palavra. Ele até me passou uma operação nova e enlouquecedoramente complicada, que envolvia a Lituânia, AK-47s e uns caras interessantes chamados Vytautas, operação na qual eu podia facilmente trabalhar cem horas por semana, se me desse na telha. O que eu fiz. O disse me disse na divisão alegava que o Campeão tinha apresentado uma queixa indignada contra o meu total descumprimento do protocolo, e que George tinha saído do seu costumeiro estado de coma parcial por tempo suficiente para despejar sobre ele uma papelada equivalente a alguns anos de trabalho metucioso, solicitando informações adicionais em três vias.

Quando calculei que o tom emocional da minha família talvez tivesse baixado um pouco, escolhi uma noite e voltei cedo do trabalho para casa, por volta das dez. Coloquei qualquer coisa que estava na geladeira entre duas fatias de pão e comi. Depois levei um cigarro e um copo de Jameson's para a sacada e liguei para Jackie.

– Meu Deus – disse ela. Estava em casa, com a televisão ligada ao fundo. Sua voz só indicava surpresa, nada mais. Não pude detectar o que mais estava subjacente. Para Gavin: – É Francis.

Um resmungo ininteligível de Gav e depois o ruído da televisão sumindo, à medida que Jackie se afastava.

– Meu Deus – disse ela. – Achei que não... enfim, como você está?

– Segurando as pontas. E você?

– Ah, é claro. Você mesmo sabe.

– Como está nossa mãe?

– Ah, não está nada bem, Francis – disse ela, com um suspiro.

– Como assim?

– Ela anda meio abatida e terrivelmente calada, e você sabe muito bem que ela não é assim. Eu ficaria mais feliz se ela estivesse dando broncas para todos os lados.

– Fiquei com medo de ela ter um ataque do coração só para nos dar uma lição. – Tentei fazer com que parecesse uma piada. – Eu devia ter imaginado que ela não nos daria esse prazer.

Jackie não riu.

– Carmel me contou que estava lá ontem de noite, ela e Darren, e ele derrubou aquele bibelô de porcelana, você sabe, aquele do menininho com as flores, que fica na estante da sala de estar? Ficou simplesmente espatifado.

Darren achou que a avó ia matá-lo, mas mamãe não disse uma palavra, só varreu os cacos e jogou na lata de lixo.

– Com o tempo, ela vai melhorar. Nossa mãe é forte. Seria preciso mais do que isso para derrubá-la.

– Ela é mesmo. Ainda assim...

– Eu sei. Ainda assim.

Ouvi uma porta se fechar e o telefone captou o vento. Jackie tinha levado a conversa para o lado de fora, para ter um pouco de privacidade.

– O caso é que nosso pai também não está na melhor forma. Ele não sai da cama desde que...

– Quero que se foda. Que fique lá até apodrecer.

– É, eu sei, mas não é esse o caso. Mamãe não consegue fazer tudo sozinha, não com ele desse jeito. Não sei o que eles vão fazer. Eu vou lá o máximo que posso, e Carmel também, mas ela tem os filhos e Trevor, e eu preciso trabalhar. Mesmo quando estamos lá, é claro que não temos força para levá-lo sem machucar. E, seja como for, ele não quer que nós, as meninas, o ajudemos a sair da banheira e tudo o mais. Shay... – Sua voz foi sumindo.

– Era Shay quem costumava fazer isso tudo.

– Era.

– Eu devia ir lá dar uma ajuda?

Houve um instante de espanto mudo.

– Se você deveria...? Ah, não, não, Francis. Você está bem.

– Posso ir até lá amanhã, se você achar que é uma boa ideia. Andei me mantendo afastado porque imaginei que minha presença prejudicaria mais do que ajudaria, mas, se eu estiver enganado...

– Ah, não, só que, tipo...

– Não, já entendi. Foi o que pensei.

– Eu digo a eles que você perguntou por eles – disse Jackie.

– Faça isso. E, se alguma coisa mudar mais adiante, é só me dizer, ok?

– Eu digo, sim. Obrigada pelo oferecimento.

– E Holly? – perguntei.

– O que você quer dizer?

– Ela vai ser bem recebida na casa de nossa mãe, de agora em diante?

– Você quer que ela seja? Achei sem dúvida...

– Não sei, Jackie. Ainda não cheguei a essa etapa. É provável que não, não. Mas eu realmente quero saber exatamente qual é a situação dela.

Jackie deu um suspiro, um tremor pequeno e triste.

– É claro que ninguém sabe disso também. Você sabe... Nós só vamos ter uma noção quando as coisas começarem a se resolver.

Depois de Shay ter sido julgado e absolvido, ou condenado e levado para a prisão por duas penas de prisão perpétua. Num caso ou no outro, pelo menos em

parte, dependendo da qualidade do depoimento de Holly contra ele.

– Não tenho como esperar tanto tempo, Jackie. E também não tenho como aguentar você sendo reticente comigo. É sobre minha filha que estamos falando.

Mais um suspiro.

– Para ser franca, Francis, se eu fosse você, eu a manteria longe por um tempo. Pro próprio bem dela. Todos estamos mal, com os nervos à flor da pele. Mais cedo ou mais tarde alguém vai dizer alguma coisa que vai magoar Holly, sem querer, mas... deixe pra lá por enquanto. Você acha que estaria bem? Que não seria duro demais com ela?

– Posso lidar com isso. Mas a questão é a seguinte, Jackie. Holly tem certeza absoluta de que o que aconteceu com Shay é culpa dela; e que, mesmo que não seja, a família inteira acha que é. Pode acreditar em mim, Jackie, manter Holly longe da casa de nossos pais... não que para mim seja problema... só vai deixá-la mais convencida disso. Sinceramente, estou me lixando se isso é a mais pura verdade e todas as outras pessoas da família chegaram à conclusão de que é melhor não ter contato com ela. Mas preciso que ela saiba que você é a exceção nesse caso. A menina está arrasada e já perdeu gente suficiente por uma vida inteira. Preciso que ela saiba que você ainda faz parte da vida dela, que você não tem a menor intenção de abandoná-la e que nem por um instante a culpa pela bomba que acabou de estourar em cima de nós. Alguma parte disso vai lhe causar um problema?

Jackie já estava fazendo barulhinhos horrorizados, cheios de compaixão.

– Ah, que Deus a proteja, a pobrezinha. Como eu poderia culpá-la? Ela nem era nascida quando tudo isso começou! Trate de lhe dar um abraço que eu mandei e diga que vou lhe fazer uma visita assim que tiver um tempinho livre.

– Ótimo. Foi o que imaginei. Mas não faz diferença o que eu disser. Ela precisa ouvir isso de você. Dá para você ligar para ela, marcar uma hora para vocês se verem? Tranquilizar um pouco a cabecinha dela, ok?

– Vou fazer isso, é claro. Pode deixar, vou fazer isso agora. Detesto imaginar que ela está lá sentada toda preocupada e perturbada...

– Jackie, peraí um instante.

– Sim?

Tive vontade de me dar um bom tabefe na nuca por fazer essa pergunta, mas ela saiu de qualquer jeito.

– Já que estamos nesse assunto, diga aí uma coisa? Você vai voltar a me procurar também? Ou só a Holly?

O silêncio durou uma fração de segundo, mas foi suficiente.

– Se não for acontecer, querida, tudo bem por mim. Consigo entender a dificuldade que você estaria enfrentando. Gosto de saber onde estou pisando. Poupa tempo e confusão para todos. Não lhe parece justo?

– É. Parece. Ah, meu Deus, Francis... – Uma inspiração rápida, quase um

espasmo, como se ela tivesse levado um soco no estômago. – É claro que vou entrar em contato. É *claro* que vou. Só que... eu poderia precisar de um pouquinho de tempo. Talvez umas semanas, ou... Não vou lhe mentir. Tudo isso fundiu minha cabeça. Não sei o que fazer comigo mesma. Pode levar um tempo para eu...

– Faz sentido – disse eu. – Pode acreditar, eu conheço essa sensação.

– Sinto muito, Francis. Sinto muito mesmo.

Sua voz estava aguda e desesperada, esgarçada até o último fiapo. Teria sido preciso um sacana ainda maior do que eu para fazê-la se sentir pior.

– As coisas acontecem, garota. Não foi culpa sua, da mesma forma que não foi de Holly.

– Só que foi. Se eu não a tivesse levado à casa da mamãe para começar...

– Ou se eu não a tivesse levado lá naquele dia específico. Ou, melhor ainda, se Shay não tivesse... Bem, é isso aí. – O resto da frase se desenrolou no ar vazio entre nós. – Você fez o que pôde. É só isso que qualquer um de nós consegue fazer. Cuide bem dessa sua cabeça, querida. Sem pressa. Ligue quando estiver pronta.

– Eu ligo. Juro por Deus que ligo. E, Francis... enquanto isso, trate de se cuidar, direito, ok?

– Pode deixar. Você também, minha querida. Nos vemos por aí.

Pouco antes de Jackie desligar, ouvi aquele tipo de engasgo veloz, doloroso, mais uma vez. Tive esperança de que ela entrasse e deixasse Gavin abraçá-la em vez de ficar parada lá fora no escuro, chorando.

Alguns dias depois, fui ao Jervis Centre e comprei o tipo de televisão monstruosa que você compra, se a possibilidade de juntar dinheiro para qualquer coisa mais substancial nunca entrou no seu universo. Achei que seria necessário mais do que um equipamento eletrônico, por impressionante que fosse, para impedir Imelda de me dar um chute nos bagos. Por isso, estacionei meu carro no alto da Hallows Lane e esperei que Isabelle voltasse para casa do lugar onde passava o dia inteiro.

Era um dia frio e cinzento; o céu pesado com chuva gelada ou neve querendo cair, finas lâminas de gelo nos buracos do calçamento. Isabelle desceu pela Smith's Road, apressada, com a cabeça baixa e o casaco inadequado, de marca falsificada, bem apertado no corpo como proteção contra o vento cortante. Ela só me viu quando saltei do carro e parei diante dela.

– Você é Isabelle, não é?

– Quem quer saber? – perguntou ela, desconfiada.

– Sou o cretino que destruiu sua televisão. É um prazer conhecê-la.

– Cai fora ou eu começo a berrar.

Tal mãe, tal filha, em termos de personalidade também. A garota era

realmente enternecedora.

– Pode baixar o tom um pouco, Penélope Charmosa. Desta vez, não vim lhe trazer problemas.

– Então, está querendo o quê?

– Trouxe uma televisão nova para vocês. Feliz Natal.

– Por quê? – perguntou ela, com uma expressão de surpresa ainda maior.

– Já ouviu falar de consciência pesada?

Isabelle cruzou os braços e me lançou um olhar fulminante. De perto, a semelhança com Imelda ainda estava lá, mas não tão acentuada. Tinha o queixo com a ponta redonda como os dos Hearne.

– Não queremos sua televisão – informou ela. – Obrigada mesmo assim.

– Você pode ser que não, mas sua mãe ou suas irmãs, quem sabe? Por que não pergunta a elas e descobre?

– É, legal. Como vamos saber que esse treco não foi roubado há duas noites? E que, se a aceitarmos, você não vai aparecer aqui para nos prender ainda hoje?

– Você está superestimando minha inteligência.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Ou você está subestimando a minha. Porque não sou idiota de aceitar qualquer coisa de um policial que está putto com minha mãe.

– Não estou putto com ela. Só tivemos uma pequena divergência de opiniões. Assunto resolvido. Ela não tem motivo para se preocupar com nada que venha de mim.

– Melhor que não tenha. Minha mãe não tem medo de você.

– Ótimo. Quer você acredite, quer não, eu gosto dela. Nós crescemos juntos.

– Isabelle refletiu um pouco sobre isso.

– Então por que você quebrou nossa televisão? – perguntou ela.

– O que sua mãe disse?

– Não disse nada.

– Então eu também não vou dizer. Um cavalheiro não sai espalhando as confidências de uma dama.

Ela me lançou um olhar mortífero para mostrar que não estava impressionada com o papo elegante; mas a verdade é que ela estava com uma idade na qual nada que eu fizesse a teria impressionado de qualquer maneira. Tentei imaginar como seria ver sua filha com seios, delineador e com o direito de embarcar num avião para onde quer que fosse.

– Esse treco é para garantir que ela vai dizer a coisa certa no tribunal? Porque ela já deu o depoimento para aquele carinha, como é mesmo o nome dele, o Ferrugem.

Um depoimento que ela poderia, e presumivelmente iria, mudar algumas dezenas de vezes até o dia do julgamento. Mas, se eu tivesse sentido o impulso de subornar Imelda Tierney, não teria precisado estourar o orçamento. Poderia ter

me contentado com uns dois pacotes de John Player Blue. Calculei que me sairia melhor se não compartilhasse essa impressão com Isabelle.

– Isso não tem nada a ver comigo. Vamos esclarecer pelo menos esse ponto: não tenho nada a ver com o caso, nem com o carinho; e não quero nada da sua mãe. OK?

– Então, você é o primeiro a não querer. Já que você não quer mesmo nada, agora posso ir?

Nada se mexia na Hallows Lane – nenhuma velhinha dando polimento nos metais das portas, nenhuma mamãe adolescente gostosinha lutando com seu carrinho de bebê, todas as portas bem fechadas para não deixar o frio entrar, mas eu podia sentir olhos nas sombras por trás das cortinas de renda.

– Posso lhe fazer uma pergunta?

– Tanto faz.

– Você trabalha em quê?

– Por que você quer saber?

– Sou enxerido. Por quê? É sigiloso?

Isabelle revirou os olhos.

– Estou fazendo um curso pra ser secretária de advogado. Tá bom pra você?

– Maravilha. Parabéns.

– Obrigada. Eu pareço me importar com o que você acha de mim?

– Como eu já disse, eu me importava com sua mãe, lá no passado. Me agrada saber que ela tem uma filha que lhe dá orgulho e cuida dela. Agora, vamos continuar com as boas atitudes e levar para ela essa droga de televisão.

Abri a mala do carro. Isabelle deu a volta pela traseira – mantendo-se a certa distância, para a eventualidade de eu estar planejando enfiá-la ali dentro e vendê-la como escrava – e deu uma olhada.

– Não é ruim – disse ela.

– É o apogeu da tecnologia moderna. Você quer que eu a leve até o apartamento ou vai apanhar um colega para lhe dar uma ajuda?

– Nós não queremos a televisão. Que parte disso você não está entendendo?

– Olha só – disse eu. – Esse treco me custou uma boa grana. Não foi roubada, não está contaminada com antrax e o governo não tem como vigiar vocês através da tela. Então, qual é o problema aqui? É só a alergia a policiais?

Isabelle olhou para mim como se estivesse se perguntando como eu conseguia vestir minha cueca direita.

– Você dedurou seu irmão.

E era nisso que tudo se resumia. Eu tinha sido mais uma vez o enorme panaca, ao acreditar que aquilo talvez não chegasse ao conhecimento público: se Shay tinha mantido a boca fechada, sempre havia a possibilidade da rede local de fofocas. E, se essa tivesse tirado um dia de folga, nada teria impedido o Campeão, numa de suas entrevistas de acompanhamento, de simplesmente

deixar escapar uma insinuação ínfima. As Tierney teriam ficado com o maior prazer com uma televisão que tivesse caído de um caminhão; era provável que aceitassem uma de Deco, o simpático traficante da vizinhança, se ele resolvesse que elas mereciam uma por qualquer motivo que fosse; mas não queriam ter nada a ver com gentinha como eu. Mesmo que eu tivesse tido vontade de me defender, dirigindo-me a Isabelle Tierney, aos espectadores fascinados ou a cada ser vivo do Liberties, nunca teria feito a menor diferença. Eu podia ter espancado Shay a ponto de ele ir parar numa unidade de tratamento intensivo, talvez mesmo ido parar no cemitério de Glasnevin, e teria passado as semanas seguintes recebendo cumprimentos de aprovação e tapinhas nas costas. Mas nada que ele tivesse feito era motivo suficiente para alguém dedurar o próprio irmão.

Isabelle olhou ao redor, certificando-se de que havia pessoas por perto, prontas para vir socorrê-la, antes de falar em alto e bom som, para que aquelas mesmas pessoas a ouvissem.

– Pega sua televisão e enfia no rabo! – Ela deu um salto para trás, veloz e ágil como um gato, para o caso de eu investir contra ela. Depois, me mostrou o dedo para se certificar de que ninguém deixasse de entender a mensagem, deu meia-volta em seus saltos altos e seguiu arrogante pela Hallows Lane. Fiquei olhando enquanto ela procurava as chaves, desaparecia naquele cortiço de tijolos velhos, cortinas de renda e olhos atentos, e batia a porta com violência, ao passar.

A neve começou naquela noite. Eu tinha deixado a televisão no alto da Hallows Lane, para o próximo cliente de Deco carregar, levei o carro para casa e comecei a andar. Eu já estava lá por perto de Kilmainham Gaol quando a primeira leva veio caindo na minha direção, flocos enormes, perfeitos, em silêncio. Uma vez começado, não parou de cair. E desaparecia quase no instante em que tocava no chão. Mas Dublin pode passar anos sem nem mesmo essa pequena quantidade e, do lado de fora do James's Hospital, ela já tinha deixado abobalhado um grande grupo de estudantes. Eles estavam travando uma guerra de bolas de neve, raspando punhados de cima dos carros parados nos sinais de trânsito e se escondendo por trás de transeuntes inocentes, com o nariz vermelho e dando risadas, sem se lixar para os caras de terno, indignados, bufando e se virando de modo brusco, no caminho do trabalho para casa. Mais tarde, casais apreciavam seu lado romântico, enfiando as mãos nos bolsos um do outro, grudados e inclinando a cabeça para trás, para ver como os flocos caíam, girando. Ainda mais tarde, os bêbados, voltando dos pubs para casa, pisavam com um cuidado extremo.

Altas horas da noite, em algum momento, acabei parando no alto do beco. Todas as luzes estavam apagadas, só uma estrela de Belém piscava na janela da frente de Sallie Hearne. Permaneci nas sombras, onde tinha ficado para esperar por Rosie, com as mãos enterradas nos bolsos, olhando o vento levantar arcos

elegantes de flocos de neve no círculo amarelo da luz do poste. O beco parecia aconchegante e tranquilo como um cartão de Natal, todo abrigado para o inverno, sonhando com sininhos de trenós e chocolate quente. Na rua inteira, não se ouvia som algum, exceto o sopro da neve sendo lançada contra as paredes e as notas distantes de sinos de igreja marcando algum quarto de hora.

Uma luz tremeluziu na sala do nº 3 e as cortinas se abriram: Matt Daly, de pijamas, escuro em contraste com o clarão fraco de um abajur de mesa. Ele pousou as mãos no peitoral e ficou olhando os flocos de neve caindo nas pedras do calçamento por um bom tempo. E então seus ombros se ergueram e caíram com uma respiração funda, e ele fechou as cortinas. Daí a um instante, a luz foi desligada.

Mesmo sem ele olhando, eu não consegui me forçar a dar aquele passo para entrar no beco. Fui até o muro dos fundos e entrei no quintal do nº 16.

Meus pés esmagavam o cascalho e as ervas daninhas congeladas, ainda se aguentando, na terra onde Kevin tinha morrido. Lá no nº 8, as janelas de Shay estavam escuras e vazias. Ninguém tinha se dado ao trabalho de fechar as cortinas.

A porta dos fundos do nº 16 estava escancarada para o negrume, rangendo inquieta quando o vento a movimentava. Fiquei parado na soleira, olhando a claridade fraca e azulada da neve se infiltrando pela escada abaixo, e minha respiração se espalhando no ar gelado. Se eu acreditasse em fantasmas, aquela casa seria a decepção de toda uma vida. Ela deveria estar coalhada deles, empapados nas paredes, lotando o ar, lamentando-se e esvoaçando em cada canto do teto, mas eu nunca tinha visto nenhum lugar tão vazio, vazio o suficiente para sugar todo o ar de uma pessoa. Não importava o que fosse, o que eu tivesse vindo procurar não estava mais lá. O Campeão, que Deus abençoe seu coraçãozinho previsível, teria por certo sugerido que eu estava em busca de um fecho ou de alguma bobagem equivalente. Uma revoada de flocos de neve passou girando pelo meu ombro, pousou por um segundo nas tábuas do assoalho e desapareceu.

Pensei em levar dali alguma coisa comigo, ou em deixar algo para trás, só mesmo por deixar, mas eu não tinha comigo nada que valesse a pena deixar; e ali não havia nada que eu quisesse levar. Encontrei uma embalagem vazia de salgadinhos no meio do mato, dobrei-a e a usei para prender a porta fechada. Depois pulei de novo o muro e recomecei a andar.

Eu tinha 16 anos, naquela sala de cima, quando toquei em Rosie Daly pela primeira vez. Era uma noite de sexta-feira no verão: uma turminha nossa, umas duas garrafas grandes de sidra barata, vinte cigarros SuperKing Lights e um pacote de bombons de morango – éramos crianças a esse ponto. Estávamos em férias da escola e vínhamos trabalhando por dia em obras, eu, Zippy Hearne, Des Nolan e Ger Brophy, de modo que estávamos bronzeados, musculosos e

com dinheiro, rindo mais alto e mais soltos, vibrando com toda essa masculinidade recém-adquirida e contando histórias exageradas sobre o trabalho, só para impressionar as garotas. Elas eram Mandy Cullen, Imelda Tierney, a irmã de Des, Julie, e Rosie.

Fazia meses que ela vinha em segredo se tornando meu próprio norte magnético. De noite, deitado na cama, eu tinha certeza de que podia senti-la, através das paredes de tijolos e do outro lado das pedras do calçamento, atraindo-me na sua direção pelas longas correntezas dos seus sonhos. Estar ali tão perto dela fazia tanta pressão sobre mim que eu mal podia respirar. Nós todos estávamos sentados encostados nas paredes e minhas pernas estavam esticadas tão perto das de Rosie que, se eu tivesse me mexido apenas uns centímetros, minha barriga da perna teria grudado na dela. Eu não precisava olhar para Rosie. Conseguia sentir na minha pele cada movimento que ela fazia. Sabia quando ela empurrava o cabelo para trás da orelha ou quando mudava a posição das costas contra a parede para receber mais sol no rosto. E, quando olhava mesmo, ela fazia minha cabeça parar de funcionar.

Ger estava jogado no chão, fazendo às meninas um relato dramático, baseado numa história real, de como ele sozinho pegou uma viga de ferro que estava prestes a cair do alto de três andares bem na cabeça de alguém. Nós todos estávamos meio tontos, com a sidra, a nicotina e a companhia. Nós nos conhecíamos desde que usávamos fraldas, mas foi nesse verão que as coisas estavam mudando, mais rápido do que conseguíamos acompanhar. Julie estava com um risco de blush de alto a baixo em cada bochecha gorducha. Rosie usava um novo colar de prata que refletia ao sol. A voz de Zippy finalmente tinha acabado de mudar e todos nós estávamos usando desodorante corporal.

– ... E então o cara vira pra mim e diz: “Filho, se não fosse você, eu hoje não ia sair andando deste canteiro...”

– Sabe o cheiro de que eu tô sentindo? – perguntou Imelda para ninguém em particular. – De cascata. Da porra de uma cascata fresquinha...

– E isso você ia reconhecer logo – disse Zippy, abrindo um sorriso para ela.

– Sonhar não custa nada. Se eu algum dia reconhecesse a sua, eu me matava.

– Não é cascata – disse eu. – Eu estava bem ali, vi quando tudo aconteceu. Estou lhes dizendo, meninas, esse cara é um herói de verdade.

– Herói, uma ova – disse Julie, cutucando Mandy. – Olha o estado dele. Não teria força pra pegar uma bola de futebol. Imagine uma viga.

– Vem cá dizer isso, você aí – disse Ger, flexionando um bíceps.

– Nada mau – disse Imelda, erguendo uma sobranceira e batendo cinzas numa lata vazia. – Agora trate de mostrar os peitorais.

– Que mente imunda! – guinchou Mandy.

– Você é que tem a mente suja – disse Rosie. – Peitorais são só os músculos do peito dele. O que você pensou que fossem?

– Onde vocês aprendem esse tipo de palavra? – perguntou Des. – Nunca ouvi falar desse troço de peitoral antes.

– Com as freiras – disse Rosie. – Elas nos mostraram fotografias e tudo o mais. Na aula de biologia, sabe?

Por um segundo, Des ficou de queixo caído. Depois ele entendeu e atirou um bombom para Rosie. Ela o pegou de primeira, jogou-o na boca e riu para ele. Pensei em dar um murro em Des, mas não consegui encontrar um bom pretexto.

– E então nós vamos vê-los ou não? – perguntou Imelda, dando um sorrisinho de gato para Ger.

– Você está me desafiando?

– Estou, sim. Vamos.

Ger piscou um olho para nós. Levantou-se então, remexeu as sobrelhas para as garotas e começou a levantar a camiseta, com timidez afetada, expondo a barriga. Todos nós assobiamos. As garotas começaram a bater palmas num ritmo lento. Ele tirou a camiseta inteira, girou-a acima da cabeça, jogou-a para longe e fez uma pose de fisiculturista.

As garotas estavam rindo demais para continuar a bater palmas. Tinham caído todas juntas no canto, cada uma com a cabeça no ombro da outra, segurando a barriga. Imelda estava enxugando lágrimas.

– Sua fera sexy, seu...

– Ah, meu Deus, acho que vou arrebentar de tanto rir – disse Rosie.

– Esses aí não são peitorais! – disse Mandy, arfando. – São peitinhos!

– Eles são perfeitos – disse Ger, magoado, saindo da pose e inspecionando o tórax. – Não são peitinhos. Ei, rapazes, eles são peitinhos?

– São fantásticos – disse eu. – Vem cá pra eu tirar as medidas pra um sutiã bem lindinho.

– Vá se foder, você.

– Se eu tivesse um par desses aí, nunca mais saía de casa.

– Vá se foder. Qual é o problema deles?

– É pra eles serem bem macios? – quis Julie saber.

– Quero isso de volta – exigiu Ger, acenando para Mandy devolver a camiseta. – Se vocês não gostaram deles, vou guardá-los de novo.

Mandy estava com a camiseta pendurada de um dedo e olhava para ele por trás dos cílios.

– Acho que vou ficar com ela pra mim, como um souvenir.

– Minha nossa, que cheiro! – disse Imelda, afastando a camiseta do rosto. – Cuidado aí. Acho que dá pra engravidar só de tocar nesse troço.

Mandy deu um grito estridente e jogou a camiseta em cima de Julie, que a apanhou e deu um grito ainda mais forte. Ger tentou agarrá-la, mas Julie se abaixou para passar por baixo do seu braço e deu um pulo do outro lado, jogando-a para Imelda. Imelda pegou a camiseta com uma das mãos, no meio

de um salto, desviou-se de Zippy quando ele tentou segurá-la com um braço, e saiu pela porta como um raio, pernas compridas, agitando a camiseta atrás de si como um estandarte. Ger saiu correndo atrás dela a passos pesados, e Des, ao passar por mim, estendeu uma mão para me ajudar a levantar, mas Rosie estava recostada na parede, rindo, e eu não ia me mexer enquanto ela não se mexesse. Julie estava fazendo força para puxar para baixo sua saia justa, enquanto saía.

– Segurem as pontas, vocês dois, esperem por mim! – disse Mandy, lançando para Rosie um olhar malicioso enquanto saía. E então de repente o cômodo estava em silêncio, e estávamos só eu e Rosie, sorrindo um pouco um para o outro entre os bombons espalhados, as garrafas quase vazias de sidra e as espirais de fumaça que restavam.

Meu coração batia como se eu tivesse estado correndo. Não me lembrava da última vez em que nós dois tínhamos ficado juntos a sós. Tive uma ideia desajeitada para lhe mostrar que não estava pensando em atacá-la.

– Nós vamos atrás deles? – perguntei.

– Estou muito bem aqui – respondeu Rosie. – A menos que você queira...

– Ah, não, não. Para viver, não preciso pôr as mãos na camisa do Ger Brophy.

– Ele vai ter sorte se conseguir pegá-la de volta. Inteira, pelo menos.

– Ele vai sobreviver. E ainda pode exibir os peitorais no caminho para casa. – Inclinei uma das garrafas de sidra. Ainda restavam alguns goles. – Quer mais?

Ela estendeu a mão. Eu lhe passei uma garrafa. Nossos dedos quase se tocaram. E apanhei a outra.

– Tim-tim.

– *Sláinte*.

O verão se estendia pela noite. Já passava das sete, mas o céu estava de um azul-claro e delicado. E a luz que invadia o ambiente pelas janelas abertas era de um dourado pálido. Em toda a nossa volta, o beco zumbia como uma colmeia, tremeluzindo com cem histórias diferentes que se desenrolavam. Na casa ao lado, o maluco do Johnny Malone estava cantando para si mesmo num tom alegre e esganiçado de barítono: “Where the Strawberry Beds sweep down to the Liffey, you’ll kiss away the worries from my brow...” No andar inferior, Mandy dava gritinhos de prazer. Ouviram-se uma série de baques e depois uma explosão de gargalhadas. Mais abaixo, no porão, alguém deu um grito de dor, e Shay e seus colegas vibraram como selvagens. Na rua, dois filhos pequenos de Sallie Hearne estavam aprendendo sozinhos a andar numa bicicleta roubada, dando muita bronca um no outro: “*Não*, seu cabeça de minhoca, você precisa andar *depressa* pra não cair no chão. Quem se importa se você bater nas coisas?”, e alguém assoviava na volta do trabalho para casa, encaixando com primor todos os trinados felizes. O cheiro de peixe com batatas fritas entrava pelas janelas, junto com os comentários espertinhos de um melro no alto de um telhado e as

vozes das mulheres passando adiante a fofoca do dia, enquanto traziam para dentro de casa a roupa pendurada no quintal. Eu conhecia cada voz e cada batida de porta. Conhecia até mesmo o ritmo determinado de Mary Halley esfregando sua escada da frente. Se tivesse escutado com atenção, poderia ter captado cada pessoa presente na trama daquele entardecer de verão, e poderia ter lhe contado a história de cada uma.

– Então, diga aí o que aconteceu mesmo com Ger e a viga?

– Não vou dizer nada – respondi, rindo.

– De qualquer forma, ele não estava tentando me impressionar. Era para a Julie e a Mandy. E eu não vou desmascará-lo.

– Jura?

Ela abriu um sorriso e fez uma cruz sobre o coração com um dedo, na pele branca e macia, bem onde a camisa se abria.

– Juro.

– Ele pegou, sim, uma viga que estava caindo. E, se não tivesse segurado a viga, ela teria atingido Paddy Fearon, e Paddy não teria saído andando da obra hoje.

– Mas...?

– Mas ela estava escorregando de uma pilha lá embaixo no canteiro, e Ger a segurou bem na hora em que ela ia cair no dedão de Paddy.

Rosie caiu na gargalhada.

– Que espertalhão. É típico, sabia? Na época em que éramos pequenos, tipo com 8 ou 9 anos, Ger convenceu todas nós de que tinha diabetes e ia morrer, se não lhe dêssemos os biscoitos da merenda. Não mudou nem um pouco, não é?

– Me põe no chão! – berrou Julie, sem muita vontade, lá embaixo.

– Só que hoje em dia ele está querendo mais do que biscoitos – disse eu.

– E que tenha sorte – disse Rosie, erguendo a garrafa.

– Por que ele não tentou impressionar você, tanto quanto as outras? – perguntei.

Rosie deu de ombros. Um rubor levíssimo surgiu nas suas bochechas.

– Vai ver que ele sabe que eu não ia dar a mínima se ele tentasse.

– Não? Eu achava que todas as garotas estavam a fim do Ger.

– Não é meu tipo – disse Rosie, com indiferença. – Os loirões não me dizem nada.

Minha pulsação se acelerou mais um pouco. Tentei enviar ondas cerebrais urgentes para Ger, que com toda a justiça me devia uma, para ele não pôr Julie no chão e com isso não deixar que o pessoal voltasse cá para cima. Não por uma hora ou duas. Talvez nunca mais.

– Esse colar está lindo em você – disse eu, depois de um instante.

– Acabei de comprar. É um passarinho. Olha.

Ela deixou a garrafa no chão, ajoelhou-se para sentar nos calcanhares,

segurando o pingente na minha direção. Atravessei as tábuas listradas pelo sol e me ajoelhei de frente para ela, mais perto do que tinha estado havia anos.

O pingente era um passarinho de prata, com as asas muito abertas, penas minúsculas feitas de madrepérola. Quando baixei a cabeça sobre ele, eu tremia. Tinha passado a conversa em garotas antes, todo metido e cheio de papo, sem me preocupar com nada. Mas, naquele segundo, eu teria vendido a alma por uma frase interessante.

– É bonito – disse eu, em vez disso, como um idiota. Estendi a mão na direção do pingente e meu dedo tocou no de Rosie.

Nós dois ficamos paralisados. Eu estava tão perto que conseguia ver aquela pele branca e macia na base do seu pescoço, pulsando a cada rápida batida do coração e tive vontade de enterrar meu rosto ali, de mordê-la. Eu não tinha ideia do que queria fazer, mas sabia que cada vaso sanguíneo do meu corpo ia explodir se eu não fizesse nada. Eu sentia o cheiro do seu cabelo, fofo e com perfume de limão, estonteante.

Foi a velocidade daquelas pulsações que me deu coragem de levantar o rosto e olhar nos olhos de Rosie. Eles estavam enormes, só um aro de verde em torno do preto, e sua boca estava entreaberta como se eu a tivesse assustado. Ela largou o pingente. Nenhum de nós dois conseguiu se mexer, e nenhum de nós dois estava respirando.

Em algum lugar, campainhas de bicicleta estavam tocando, meninas riam e o Johnny Maluco ainda estava cantando: “I love you well today, and I’ll love you more tomorrow...” Todos os sons se dissolviam e se misturavam naquele ar amarelo de verão, como um longo e delicado repicar de sinos.

– Rosie – disse eu. – Rosie. – Estendi as mãos para ela, e ela encostou as palmas quentinhas nas minhas. E, quando entrelaçamos nossos dedos e eu a puxei para junto de mim, não pude acreditar. Eu não conseguia acreditar na minha sorte.

Aquela noite inteira, depois que fechei a porta e deixei o nº 16 vazio, fui procurar as partes da minha cidade que perduram. Caminhei por ruas cujos nomes vieram da Idade Média, Copper Alley, Fishamble Street, Blackpitts, onde foram enterrados os mortos da peste bubônica. Procurei pelas pedras do calçamento que estivessem lisas com o desgaste e pelas grades de ferro corroidas pela ferrugem. Corri minha mão pela pedra fria dos muros do Trinity e passei pelo local onde 900 anos atrás a cidade tirava sua água do poço de São Patrício. A placa da rua ainda diz isso, Patrick’s Well, escondido no irlandês que ninguém nunca lê. Não dei a menor atenção aos novos prédios de apartamentos construídos sem esmero e aos luminosos de néon, ilusões doentias prontas para se desfazer em lama marrom como frutos podres. Eles não são nada. Não são reais. Dentro de cem anos terão sumido, sido substituídos, esquecidos. Essa é a verdade

sobre ruínas de bombardeios: atinja uma cidade com força suficiente e a camada barata e arrogante desmoronará mais rápido que um estalar de dedos. São as coisas antigas, as coisas que aguentaram firme, que talvez simplesmente perdurem. Ergui a cabeça para olhar as delicadas colunas e balaustradas ornamentadas acima das filiais de cadeias de lojas e das lanchonetes da Grafton Street. Pousei meus braços na Ha'penny Bridge, a ponte onde as pessoas costumavam pagar meio pêni para atravessar o Liffey. Olhei para o prédio da Alfândega, para as oscilantes correntes de luz e o fluxo escuro e constante do rio sob a neve que caía, e pedi a Deus que, de um modo ou de outro, antes que fosse tarde demais, nós todos encontrássemos o caminho de volta para casa.

## AGRADECIMENTOS

Minha enorme gratidão aos suspeitos habituais e a mais alguns: ao incrível Darley Anderson e sua equipe, em especial Zoë, Maddie, Kasia, Rosanna e Caroline, por serem muito, mas muito mais do que qualquer autor poderia esperar de uma agência. A Ciara Considine, da Hachette Books Ireland, Sue Fletcher, da Hodder & Stoughton, e Kendra Harpster, da Viking, três editoras que costumam me deixar sem fôlego por sua paixão, competência e imensa solidez. A Breda Purdue, Ruth Shern, Ciara Doorley, Peter McNulty e a todos da Hachette Books Ireland. A Swati Gamble, Katie Davison e a todos da Hodder & Stoughton. A Clare Ferraro, Ben Petrone, Kate Lloyd e a todos da Viking. A Rachel Burd, por mais um copidesque afiadíssimo. A Pete St. John, por suas belas canções de amor a Dublin e por sua generosidade em permitir que eu fizesse citações delas. A Adrienne Murphy, por se lembrar do McGonagle's mesmo através das brumas da memória. Ao dr. Fearghas Ó Cochláin, pelas informações médicas. A David Walsh, por responder perguntas acerca de procedimentos policiais e por compartilhar sua visão do que é o mundo de um detetive. A Louise Lowe, por sugerir um título (e um elenco) tão fantástico para aquela peça, tantos anos atrás. A Ann-Marie Hardiman, Oonagh Montague, Catherine Farrell, Dee Roycroft, Vincenzo Latronico, Mary Kelly, Helena Burling, Stewart Roche, Cheryl Steckel e Fidelma Keogh, por várias manifestações inestimáveis de carinho, amor e apoio. A David Ryan, *braccæ tuæ aperientur*. A meu irmão e cunhada, Alex French e Susan Collins, e a meus pais, Elena Hvostoff-Lombardi e David French, por mais motivos do que tenho espaço para poder relacionar. E, como sempre, em último lugar, mas tão longe de ser o menos importante, a meu marido Anthony Breatnach.

## NOTA DA AUTORA

Faithful Place existiu, mas ficava na outra margem do rio Liffey – o lado norte, no emaranhado de ruas que constituíam o bairro de prostituição de Monto, em vez de no lado sul, no bairro de Liberties. E deixou de existir muito antes dos acontecimentos deste livro. Cada canto do Liberties tem camadas e mais camadas de séculos de sua própria história, e eu não quis menosprezar nenhum aspecto disso excluindo as histórias e moradores de uma rua verdadeira para abrir caminho para minha história ficcional e seus personagens. Por isso, preferi reinventar a meu bel-prazer a geografia de Dublin: ressuscitei Faithful Place, transferi-o para o outro lado do rio e inseri este livro nas décadas em que a rua não tem uma história própria a ser posta de lado.

Como sempre, quaisquer imprecisões, propositais ou não, são de minha responsabilidade.

Título original  
FAITHFUL PLACE

*Copyright* © Tana French, 2010

O direito de Tana French ser identificada como autora desta obra foi assegurado por ela em concordância com o Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Todos os personagens neste livro são fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

preparação de originais  
MAIRA PARULA

produção do arquivo ePub  
SIMPLÍSSIMO LIVROS

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

F94p

French, Tana

O passado é um lugar [recurso eletrônico] / Tana French;  
tradução de Waldéa Barcellos. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Rocco  
Digital, 2013.  
recurso digital

Tradução de: Faithful place  
ISBN 978-85-8122-225-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção irlandesa. 2. Livros eletrônicos. I. Barcellos, Waldéa,  
1951-. II. Título.

13-00664

CDD-823  
CDU-821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa.

Edição digital: maio 2013

## Sobre a autora

TANA FRENCH cresceu na Irlanda, nos EUA e na Itália, e mora em Dublin desde 1990, com o marido e a filha. Ela irrompeu no mundo do crime em 2007 com seu romance *No bosque da memória*, vencedor dos prêmios Edgar, Anthony, Barry e Macavity de melhor primeiro romance e prêmio Clarion de melhor ficção. Seu segundo romance, *Dentro do espelho*, também publicado pela Rocco, fez tanto sucesso quanto o primeiro, colocando Tana French na linha de frente do suspense psicológico.